



*Lia, mas não
escrevia*

CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS



Organização
Luis Felipe Nascimento

Lia, mas não escrevia

CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS

Organização
Luis Felipe Nascimento

LIA, MAS NÃO ESCREVIA
Contos, crônicas e poesia

Luis Felipe Nascimento
Organizador

Rogério Moreira
Revisão

Rosana Pozzobon
Capa e edição de arte

Imagens da capa
<http://www.freeimages.com>

Paula Izumi
Ilustrações do miolo



Você tem liberdade de compartilhar, copiar, distribuir e transmitir este livro Sob as seguintes condições:

- *Atribuição - Você deve creditar a obra da forma especificada pelo organizador.*
- *Uso não comercial - Você não pode usar esta obra para fins comerciais.*
- *Adaptações - Se você alterar, transformar ou criar em cima desta obra, você não pode distribuir o material modificado.*
- *Renúncia - Qualquer das condições acima pode ser renunciada se você obtiver permissão do titular dos direitos autorais.*

L693 Lia, mas não escrevia [livro eletrônico] : contos, crônicas e poesias / Luis Felipe Machado do Nascimento (org.). – Porto Alegre: L.F.M. do Nascimento, 2014.
2168 Kb. [mobi 2322kb]

ISBN: 978-85-915531-3-6
1. Literatura. 2. Contos. 3. Crônicas. 4. Poesias.
I. Nascimento, Luis Felipe Machado do.

CDU: 869.87

Catálogo na publicação: Tânia Fraga – CRB 10/765

Índice

Filhos & Netos.....	10
Amor e Felicidade	32
Tecnologia	47
Hobbies (Culinária, Dança, Canto, Fotografar...)	59
Esporte e Lazer	72
Cães & Gatos	88
Conversa de Mulher	98
Conversa de Homem.....	103
Fé & Religião.....	110
Saúde e Bem Estar	118
Reflexões sobre a Vida (e sobre a morte).....	127
Ciclos da vida.....	151
Estilos de vida.....	167
Histórias de vida	178
Vida Acadêmica.....	219
Amizade e solidariedade	251
Livros, autores & Literatura.....	263
Comportamento	273
Consumo e prazer	300
Cotidiano.....	314
Social, ético e moral	339
Política sob diferentes enfoques.....	353
Ensino e aprendizagem	366
Sustentabilidade em debate.....	392
Sustentabilidade na prática.....	417
Mobilidade.....	443
Histórias do mundo.....	451
Entre lá e cá	469
Férias	491
Viagens & Lugares para conhecer	500
Datas importantes	534
Ficção ou profecia?	552
Causos do interior do RS	567



Ostras, pérolas e oceanos

Em tempos de autopublicação, o mundo editorial mudou completamente e não é uma tendência passageira ou modismo. Os recursos da internet possibilitaram que ocorresse em tempo recorde e escala global o que antes era restrito a poucos aventureiros; a tecnologia da informação cortou caminhos, intermediários e acelerou a velocidade com que as transformações se fazem presentes. E isso ainda assusta muita gente. Há os do contra, os a favor, os críticos, os ponderados e há observadores atentos, dispostos a entrar em contato com o domínio da realidade do que lhes é contemporâneo – posição na qual prefiro me situar. Ainda que retoricamente o tema seja vasto, não se esgota em um parágrafo e é inevitável cita-lo no contexto da obra LIA MAS NÃO ESCREVEIA – Contos, Crônicas e Poesia.

Quando recebi a primeira versão deste livro por e-mail, mal pude acreditar na grande quantidade e na boa qualidade dos textos com os quais me deparei, na diversidade etária e geográfica dos autores presentes. Uma iniciativa de um professor gerou algo que não somente funciona “reconectando pessoas e eternizando histórias”, para me ater às suas próprias palavras, ou “para que este livro fosse um presente que daremos para alguém, ou para nós mesmos.” O que o Luis Felipe Nascimento conseguiu foi criar uma obra literária consistente, coesa e articulada em seus meandros, além de inusitada.

Teço aqui duas hipóteses para o consubstanciado sucesso que identifico nesta obra. A primeira delas é que ao largo do oceano de contatados que receberam o convite para participar do LIA MAS NÃO ESCREVEIA é rico o grupo dos que se engajaram, fértil, repleto de indivíduos capazes de escrever, aptos a se aventurarem pelos mares turbulentos da autoralidade, ou seja, eles sabem parir não somente água dentro d’água, mas também textos literários. Se estão ou não cientes disso, o tempo dirá.

Sabendo que as participações foram espontâneas, terão eles que se haver com os ônus e os bônus da consecução desta obra publicada em e-book e versão impressa.

A segunda hipótese são as ostras que metaforicamente, suponho, todos nos convertemos na última década da história. As redes sociais, a hiperconectividade, as jornadas estendidas de trabalho e cotidianos desumanos levaram-nos todos a rejeitar, ou prorrogar, o contato com nossos sonhos e

desejos mais profundos.

Assim, numa abordagem terapêutica, quando devidamente analisados estes sonhos e desejos só poderiam ser traduzidos em algo diferente de ansiedade e angústia quando resultado de um fazer autoral ou artístico. Ostras que somos, passamos a ter de filtrar d'água tudo ao nosso redor, leia-se do ambiente em que vivemos e nos alimentamos, ingerindo um bocado de partículas indigestas.

A resposta dada pelos participantes desse livro, portanto, só poderiam ser as pérolas aqui dispostas, arduamente lapidadas no interiores das conchas em que cada um dos que enviaram seus textos resistem e respiram, até surgir a chance de mostrar ao mundo essa faceta tão rica e tão humana, que nada tem de banal, mas que já germinava, talvez meio esquecida, esperando a possibilidade de existir.

Dadas as hipóteses, fugindo do rigor acadêmico, concluo este brevíário avisando que participei anteriormente, de forma espontânea, de outras campanhas de crowdfunding e de inúmeros projetos culturais independentes. Por isso afirmo: há qualidades notáveis nos textos aqui agrupados. Leiam, folheiem, saboreiem cada página, cada capítulo, cada charge. Encontre seus pares, seus díspares, conecte pontos randomicamente, desopile emoções contidas que aflorem entre uma reflexão e outra proposta por cada autor. O convite está feito, agora é virar as páginas, clicar no mouse, premer o camundongo, ou arrastar o dedo de seu tablet.

Boa leitura!
Luis Ludmer
luis.ludmer@hotmail.com



Como surgiu este livro?

Esse livro foi parcialmente escrito e totalmente organizado em três semanas, na época do Carnaval. E há quem diga que nesta época ninguém trabalha no Brasil! Foi muito trabalho, em especial para a maioria dos autores, que nunca haviam escrito um texto literário, ou que havia décadas que não escreviam uma crônica, um conto, uma poesia ou nem mesmo um “causo”.

Identifico-me com a trajetória de muitos dos autores. Nos primeiros anos escolares, fomos incentivados a escrever “redações” e depois treinados para escrever relatórios, trabalhos de conclusão, dissertações, teses e artigos científicos. Neste caminho todo, pouco incentivo para a escrita literária. Gostando ou não de escrever, são raras as pessoas que produzem textos literários ao longo da vida. Escrever para quê? Publicar onde?

Para mim, escrever foi sempre um prazer. Lembro da minha participação em mensagens para a turma da escola, nos jornais da Pastoral Universitária e MCU, no jornal do NPOR (Serviço Militar) e nos panfletos e jornais do centro acadêmico da Engenharia (DACTEC/UFSM). Por que parei? Parei para escrever as tais dissertações, teses e artigos científicos. Neste período, algumas vezes me arrisquei a escrever mensagens de Natal, relatos de viagens e, durante meu doutorado na Alemanha, o informativo “Comunicado Conjunto”, um apanhado de notícias em forma de um jornal, que era enviado pelo correio e redistribuído para a família e amigos. Não tinha o hábito de escrever regularmente. Muito menos de compartilhar os textos, pois pensava: Quem se interessaria por tais textos?

Em 2013, decidi criar uma rotina para produzir e publicar textos literários, sem preocupar-me se seriam lidos ou não. O simples ato de escrever me fazia bem. Quando um pensamento surgia, o colocava no papel e assim aliviava minha cabeça. Funcionava como uma espécie de terapia. Em outubro de 2013, criei o blog www.luisfelipenascimento.net. Passei a publicar um novo texto a cada domingo, na Coluna Dominical. Percebi que alguns amigos também gostavam de escrever, mas ou não o faziam, ou não publicavam suas produções. Para incentivá-los, criei a Coluna Dominical dos Amigos.

Poucos amigos e familiares liam os textos da Coluna Dominical, mas mesmo assim pensei em reunir os textos já publicados em um e-book disponibilizado gratuitamente na internet. Retornei das férias na metade de fevereiro de 2014 e enviei um e-mail convidando amigos para que escrevessem e me

enviassem um texto de até duas páginas sobre qualquer tema, no prazo de duas semanas. "Duas páginas em duas semanas? Um texto sobre qualquer assunto? Como assim?" Alguns reclamaram: pouco tempo, estou ocupado, estou em férias. Outros argumentaram: "Não sei escrever este tipo de texto". E houve também os empolgados, que me surpreenderam: "Não escrevo, mas desenho!". "Estou na praia com a família, sem computador, mas quero te enviar um texto, podes esperar até tal dia?". "Estou na Patagônia, na Europa, na Disney, na Ásia... e adorei o convite, vou te enviar um texto".

A cada resposta, percebia que o projeto do e-book seria maior do que havia imaginado. Alegrou-me saber da satisfação dos amigos em haver escrito e compartilhado os textos com o mundo, alguns deles revelando histórias das suas vidas que eu desconhecia. Houve situações curiosas, autores com histórias para contar, mas que não conseguiriam escrever, tais como a Paola Oliveira, de 6 anos, que ainda não sabe escrever, ou como a Dona Gelcy, minha mãe, 83 anos, que diz só pegar na caneta para copiar receitas. Não deixei escapar a empolgação, as entrevistei e transcrevi como textos para o e-book.

Período de férias, prazo curto e um convite inusitado. Inicialmente imaginava receber uma ou duas dezenas de textos, que junto com uns cinquenta textos do blog renderiam um bom material para o e-book. Ao final do Carnaval havia recebido textos de 188 pessoas, que somados aos já publicados, totalizaram 238! Autores dos 6 a 83 anos, de pré-escolares a doutores pesquisadores, de "estrepantes" a jornalistas e autores de vários livros, residentes em 9 países e em 15 estados brasileiros. Até mesmo textos em espanhol e inglês.

Não consegui contato com todos os amigos que gostaria, por isto peço desculpas. Consegui reunir muitas pessoas queridas neste livro. Senti a falta de outras tantas. Espero que os amigos e colegas que não estão presentes neste livro venham a participar de futuros projetos. Aos que enviaram os seus textos, meu muitíssimo obrigado. Vibrei com cada texto recebido, verdadeiros presentes. Fiquei impressionado com a qualidade e me aliviava saber que aquele talento seria mostrado ao mundo. Os leitores poderão curtir relatos de viagens, reflexões sobre a vida, debates sobre educação, sustentabilidade e política, e histórias sobre a amizade, o amor, a solidariedade, as relações com filhos e netos, com cães e gatos. Ah, e nada de "editoria". Respeitamos diferentes estilos e formatos. Como organizador, apenas coloquei os textos em capítulos, buscando alguma coerência para a leitura e solicitei para a Paula, aquela que não escreve, mas desenha, fizesse charges para alguns textos. A responsabilidade e os méritos do conteúdo são todos dos respectivos autores.

Como resultado de todo este movimento, alguns autores propuseram que houvesse uma edição impressa. Aceitei o desafio. Juntos arrecadamos fundos e o resultado está aqui. Um e-book gratuito e uma edição impressa de cerca de 600 páginas, de ótima qualidade, para que este livro seja um presente que daremos para alguém, ou para nós mesmos. Tudo em um projeto de licenciamento aberto, com licença "CC BY-NC-ND", da Creative Commons, permitindo downloads e compartilhamento dos conteúdos sem alterações e para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos os créditos ao autor e/ou organizador (<https://creativecommons.org/licenses/>).

Finalizo este prefácio com o meu sincero muito obrigado a todos os autores, bem como a todas as pessoas que prestaram serviços técnicos ou que contribuíram de outras formas. A Sana (Rosana Pozzobon) foi muito além do projeto gráfico, diagramação, capa, etc, foi sempre uma amiga e incentivadora. O Luis Ludmer, além da apresentação do livro, me deu orientações preciosas. A Monique Dinato nos honrou com o seu comentário. O Rogério Moreira fez a revisão e foi também um consultor para diversas questões. A Paula Izumi nos brindou com suas charges e a Joseane fez as máquinas e os colegas da gráfica correrem para nos entregar o livro em tempo. O Luciano que foi cameraman e diretor do vídeo que gravamos. Agradeço também a Marisa Rohden, Diretora da Escola de Administração da UFRGS e grande amiga, a Sandra Cela, ao Márcio Jappe, aos autores atores e a todos que de alguma forma fizeram que este projeto desse certo. Por fim, a edição impressa não seria possível não fosse o financiamento coletivo (crowdfunding) que contou com o apoio de 275 pessoas. Fico feliz também em saber que, mesmo antes do lançamento, já existiam muitas pessoas interessadas em ler este livro. Possivelmente você, leitor, conhece um ou vários dos autores deste livro. Leia seus textos e envie algum comentário. Mais do que divulgar textos, estamos reconectando pessoas e eternizando histórias, pois o que está num livro e está na internet, também está no mundo.

Um abraço.

Felipe

nascimentolf@gmail.com

Filhos & Netos

NÃO TROCO MINHA CHUPETA POR NADA!





Amiga chupeta

Luis Felipe Nascimento

Oh, Chupeta!
De onde mesmo você vem,
da China, da Grécia ou de Belém?
Porque eles te querem tão bem?

Onde está a tua magia?
Uma aparente borracha macia,
sem pilha, sem bateria,
sem marketing nem fantasia.

Oh, Chupeta!
Tão simples e sem valor,
sem cheiro, sem sabor,
provocas o riso e calas a dor.
Você que é tão internacional,
Não discriminas cor e nem classe social.
Trabalhas noite e dia sem cessar,
Domingos e feriados sem reclamar.

Oh, Chupeta!
Quantas lágrimas iriam rolar,
quantas noites sem piscar,
se não pudesse contigo contar.

Vamos sempre lembrar de você com carinho,
Nós, pais, e também os vizinhos.
Agradecemos por acalmar nossos "anjinhos"
e por calar suas boquinhas.

Obs.: Dedicado à chupeta de Lucas Knorst Nascimento, em dezembro de 1994.



Triangulação

Roberto Patrus

- Oi, pai...
- Oi, filho...
- Pai?
- Que é, meu filho?
- Posso dormir sem escovar dente?
- Claro que não, meu filho.
- Só hoje, pai...
- Não. Vamos, levanta daí e escova logo, antes que você durma.
- Pai, mas a mamãe deixou...
- Já falei para você não fazer isso, meu filho.
- Isso o quê, pai?
- Falar de uma terceira pessoa, sem ela estar presente.
- Mas não tem jeito, pai. Eu pensei nisso, mas eu falo da minha professora, dos meus colegas e você mesmo pergunta sobre eles...
- Eu sempre te digo que não devemos falar de uma terceira pessoa para que isto mude o rumo da nossa conversa, entendeu? Por exemplo, eu disse que não pode dormir sem escovar os dentes e você pôs a sua mãe no meio, dizendo que ela deixava. Como ela não está aqui, você usa o nome dela para influenciar a minha decisão. É isso que eu falei que não pode.
- Igual quando o Mateus falou que o Cláudio não gostava de mim, né, pai? Como o Cláudio não estava lá para dizer se era verdade ou não, você me disse para não levar a sério, né?
- Isso mesmo, meu filho. Foi isso que eu chamei de triangulação! Você quer pedir algo para uma pessoa, mas usa a autoridade de uma terceira para conseguir o que quer da segunda pessoa. Ao invés da sua comunicação ser direta, e formar uma reta, ela vai para a terceira pessoa e depois para a segunda, formando um triângulo, com a resposta dela.
- Pai, não precisa pegar a caneta... Você sempre esquece que eu não sou seu aluno.
- Mas isso é importante, filho. A triangulação gera muitos mal-entendidos. Você pode ter certeza de que eu não vou perguntar para a sua mãe se ela deixa mesmo você dormir sem escovar dentes. Será motivo para mais uma briga, e eu tenho certeza que ela vai negar, pois não pode uma mãe falar um absurdo desses para uma criança...

- Mas ela deixou, pai.
- Já falei que isso é triangulação. Como ela não está aqui para conversar conosco, é melhor você se levantar e escovar seus dentes agora.
- Tá bom, pai. Mas me espera aí no quarto, viu?
- Tá bom, Filho. Escova direitinho, viu? E não esquece de escovar também a língua.
- [...] após um certo tempo [...]
- Pronto, pai.
- Agora dorme, meu filho. Amanhã, nós vamos passear muito!
- A mamãe não vai, né, pai?
- Não, filho. Já falei que estamos separados. Agora é hora de dormir...
- Bença, pai.
- Deus te abençoe, meu filho.
- Pai?
- Quê que foi, meu filho?
- Por quê que a gente pede "bença"?
- É uma forma de falar... Na verdade, deveria ser "bênção", mas como é difícil de falar, foi ficando "bença".
- Não, pai, estou falando: Por que é que o filho tem de pedir a benção para o pai?
- Ah! É uma forma de respeito, de demonstrar que você respeita seu pai.
- Mas por que você fala "Deus te abençoe"? Você poderia dizer "Tá abençoado, filho". Pode ou não pode?
- Não sei... acho que pode...
- Mas você preferiu colocar uma terceira pessoa na conversa e isso é aquela coisa que você falou de triangulação.
- Triangulação, meu filho.
- É isso... Eu falo algo com você e você fala de um terceiro para me dar o que eu pedi para você.
- É...
- E não tem jeito de Deus estar aqui para conferir se Ele me abençoa mesmo, tem? Se juntasse as três pessoas, a gente podia esclarecer tudo.
- Mas é claro que Deus te abençoa, meu filho!
- Pai, a mamãe deixou eu ficar sem escovar dente um dia, eu juro!
- Amanhã a gente conversa sobre isso...
- Boa noite, pai.
- Boa noite, filho.
- Pai?
- Que é, meu filho?
- A partir de hoje eu não te peço mais a benção, viu? Vou pedir diretamente para Deus. Chega de triangulação.
- Tudo bem, meu filho! Boa noite.
- Boa noite!

NÃO COLOQUE NA CONVERSA QUEM NÃO ESTÁ AQUI!





A chegada da Carolina

Marcia Dutra de Barcellos

Eu acredito em signos do Zodíaco. E, por ser Sagitariana, sempre tive os cascos afiados, prontos para o galope, e a flecha apontada para algum alvo imaginário, que fica ao longe, no horizonte.

Acho que estas características sempre me ajudaram a ir além. E de certa forma, também a ser um pouco insatisfeita com o conformismo. Rotinas, confesso, me deixam um pouco nervosa. Mas agora, olhando para esta barriga de nove meses, que não para de crescer e se mexer, digo para mim mesma: "Meu Deus, a Carolina está chegando! Estarei preparada para as tantas e tão faladas mudanças que ocorrem na vida dos pobres viventes que decidem embarcar nessa história de ter filhos? Vou sobreviver à licença maternidade? O que acontecerá com a minha independência? E as viagens? E meu maridoooo?"

No fundo, eu já sei a resposta. E você também já sabe. Em sã consciência, ninguém pensaria em ter filhos. Pense só na responsabilidade, nas despesas, no longo processo de ensino e aprendizado, na dependência destes em relação aos pais, nas noites mal dormidas, no choro, nas fraldas, nas angústias da madrugada, nas más companhias, na violência urbana, e em tantas outras coisas que estamos cansados de ouvir.

Mas o que move a humanidade (ou talvez o que me mova) é o desafio, a coragem de ousar. De fazer algo que valha a pena e de que você possa se orgulhar. E a vontade de vencer, de superar qualquer dificuldade. Quem ama e acredita, chega lá. Tenho 41 anos e posso dizer que dediquei boa parte da minha vida à minha profissão, minha carreira, meus interesses pessoais. Mas, de repente, "caiu a ficha" (a Carolina nem vai saber o que isso significa(va)!). É chegada a hora. Com tanto Facebook e redes sociais, me dei conta de que preciso compartilhar. Algo mais profundo e significativo, em um mundo cada vez mais cheio de vazios e superficialidades.

Os valores que compartilho com meu marido amado, com minha família e com meus amigos mais queridos serão repassados para este pequeno ser, que virá ao mundo já nos próximos dias. E ela terá a liberdade de trilhar seus próprios caminhos, de fazer suas próprias escolhas e de assumir as responsabilidades que vierem daí. Que bom poder fazer isso. Assim, só posso desejar boa sorte para minha filha. E dizer que a estamos aguardando com muita alegria, expectativa e com a certeza que tomamos a decisão certa. So-

mos mesmo "loucos de cara"! Mas "vamos que vamos", como diria meu pai, rumo às novas aventuras. E ela será aquariana, uma mulher com os olhos no futuro. Buenas, já promete.

Viva a vida e deixe viver, Carol!



Protestos de um adolescente

Lucas Nascimento
Pais do Lucas

Porta chaveada e cartaz colado na porta do quarto do Lucas (13 anos) com o seguinte conteúdo:

A quantas festas uma pessoa NORMAL vai na vida? Três por semana!

A quantas festas o Lucas foi NA VIDA? Uma! (E só aos 10 anos)

Quanto tempo uma pessoa NORMAL passa com os amigos? Três horas por dia.

Quanto tempo o Lucas passa com os amigos? Dez minutos por dia (só no recreio).

Quantas aulas uma pessoa NORMAL mata na vida? Umhas cinco por semestre.

E o Lucas? Zero (olhem no boletim!)

Você sabe o que é a vida de um jovem hoje em dia?

Lucas poderia estar bebendo com os colegas;

Lucas poderia estar fumando com os vizinhos;

Lucas poderia estar usando droga com os mais velhos;

Lucas poderia estar roubando com os mais pobres.

Não! Tudo isto já foi oferecido e REJEITADO.

Tudo o que Lucas pediu, nos últimos 6 meses, foi para 5 amigos passarem menos de 24 horas aqui em casa, fazendo um trabalho.

Isso foi solicitado apenas 1 VEZ!

Relembrando: No último aniversário do Lucas, foi aceita uma "Festa" SIMPLES, com apenas 15 pessoas". Uma festa NORMAL tem 200-400 pessoas e com mais de 10 horas de duração.

O Lucas está muito abusado nos últimos anos, hein?

EU TÔ PUTO SIM. ACHA QUE FALTA MOTIVO OU QUER UMA LISTA MAIOR?

Lucas

No dia seguinte – outro cartaz colado na porta do quarto do Lucas com a resposta dos pais:

*Quantas vezes um menino de 13 anos retira o seu prato o seu copo da mesa por semana? Sete vezes por semana.
E o Lucas? Uma (depois de ouvir dez vezes: "Lucas, põe na pia o teu prato e o teu copo")
Quantas vezes o Lucas saiu, em dias de sol, para andar de bicicleta, jogar futebol, passear com o seu cachorro?
Mais de 200? Não! Só quando foi empurrado pelos seus pais.
Quantas vezes os pais pediram para o Lucas ir dormir no horário combinado?
Trezentas e sessenta e quatro (364) vezes por ano.
Você sabe o que fazem os pais hoje em dia?
Deixam os filhos ficarem até de madrugada nas festas;
Deixam os filhos fumarem, beberem, consumirem drogas, para não terem que brigar com eles;
Dão valores altos de mesada, para eles gastarem nos shoppings e ficarem mais tempo longe, sem que fiquem chateando os pais;
Dão liberdade para os filhos matarem aula, para dormirem tarde, para comerem mal, para não cuidar da saúde e para fazerem o que quiserem!
Tudo isto foi NEGADO ao Lucas, porque os pais do Lucas não querem que, NENHUMA VEZ, o Lucas jogue fora a oportunidade de ser bom cidadão, ser uma pessoa respeitada e admirada pelos seus amigos, de ser uma pessoa feliz. Para poder fazer escolhas na vida, o Lucas precisa de muita dedicação e de muito esforço.
Os pais do Lucas são muito chatos e fazem tudo isto porque AMAM MUITO O LUCAS!
Quer mais motivos? Quer uma lista maior?
Vamos continuar tendo conflitos e brigando, mas nunca vamos deixar de te amar. Smack!*

Pais do Lucas



Where is the toilet?

Déti - Odete Maria Viero

Era final de setembro de 2001, passavam poucos dias da explosão das Torres Gêmeas (USA), quando nós, com um pouco de dificuldade e alguns excessos de fiscalização no aeroporto, embarcamos para a Inglaterra, onde viveríamos por um ano, durante o tempo em que meu marido faria seu Doutorado em Oxford. Viajávamos nós dois, juntamente com nossos dois filhos que, na época, tinham 7 e 4 anos.

Chegando lá, logo que conseguimos alugar uma casa, fomos matriculá-los na escola, pois o Ano Escolar já havia iniciado. Por sorte, havia uma escola, e pública, justamente na esquina da rua onde alugamos a casa. Tudo muito prático. Nos apresentamos para a Diretora e lhe entregamos a documentação, emitida pela escola do Brasil, do filho de 7 anos, além de solicitar uma vaga para o de 4 anos, que iniciaria ali a sua vida escolar. Ela apenas perguntou a idade dos meninos e, sem muitas delongas, informou que o mais velho cursaria o 3º ano e o mais novo, a pre-school. Logo nos mostrou as dependências da escola, e as salas de aula que tocariam a cada um dos meninos. A turma da pre-school ocupava uma sala anexa ao prédio principal da escola, totalmente adaptada às crianças daquela idade. A sua segunda (e última) pergunta foi se as crianças tinham alguma familiaridade com o idioma Inglês, à qual respondemos que não. Ela disse, então, que não nos preocupássemos, pois iriam buscar uma forma de introdução deles ao novo idioma, juntamente com mais alguns alunos estrangeiros que estavam iniciando na escola naquele ano.

No mesmo dia, compramos os uniformes, na própria escola, e já no dia seguinte levamos os meninos para o seu primeiro dia de aula num país estrangeiro.

As professoras nos receberam na porta das respectivas salas de aula e, de forma muito sorridente, nos tranquilizaram dizendo que não nos preocupássemos, que os meninos estariam bem, e que deveríamos buscá-los no final do expediente, na mesma porta da sala de aula, pois os mesmos só seriam entregues diretamente pela professora a um dos pais. Fomos para casa tranquilos e aliviados, sentimos confiança nos educadores e estávamos satisfeitos com a escola.

A sala da turma da pré-escola era uma sala maior do que as outras, com diferentes ambientes, porém sem paredes divisórias separando-os. Simpli-

ficadamente diríamos que, num canto da sala, havia um espaço para mexer com água, tintas e argila. Noutra canto, um espaço de leitura com uma mini-biblioteca e sofás. Noutra, havia um espaço de cozinha com pia, fogão, mesa e um armário, com utensílios a serem utilizados neste ambiente. No quarto canto, havia um banheiro, este sim com paredes divisórias, e, no espaço central, havia umas quatro mesas redondas cercadas por cadeiras. Tudo na sala era ergometricamente adaptado à idade de quatro a cinco anos. A sala era linda e parecia perfeita. Além disso, a sala possuía duas portas, uma de acesso, desde o pátio geral, e a outra saía para um pátio, ao ar livre e cercado, cheio de brinquedos de plástico e exclusivo para as crianças daquela sala fazerem o seu recreio, independentemente do restante da escola.

No final da aula, no primeiro dia, quando cheguei na porta da sala do pequeno, a Professora o trazia pela mão, ele estava encabulado e cabisbaixo. Estava diferente da maioria das crianças, que vinham correndo e gritando. Dei-lhe um grande abraço e percebi que estava com a calça molhada de xixi até o joelho, o que me causou surpresa, já que fazia mais de ano que esta questão de usar o vaso do banheiro de forma autônoma estava resolvida. Sem muitas delongas, até por que havia muitas crianças e muitos pais na volta, nos despedimos e fomos buscar o maior na sala de aula dele. Este estava mais alegre e solto. Todos fomos diretamente para casa, que ficava a pouco mais de cinquenta metros do portão da escola.

Sobre o episódio do xixi do pequeno, quando chegamos em casa, eu não questionei e nem o repreendi, não queria chamar muita atenção e tampouco aumentar o seu constrangimento. Busquei mentalmente possíveis explicações, poderia ser algo a ver com um tipo de "regressão", próprio de crianças quando nasce um novo irmão, por exemplo, quando elas necessitam reconquistar o seu espaço de afeto e atenção. Naquele contexto não seria muito diferente. Tudo era novo e desconhecido, além de ser a primeira vez que ele frequentava uma escola na vida. Houvera uma espécie de "abandono" dos pais num ambiente estranho e diferente.

No segundo dia, repetimos todos os procedimentos da véspera, agora de uma forma um pouco mais tranquila. Mas, quando fui buscar o pequeno no final da aula, a cena se repetiu, e ele estava novamente com a calça toda molhada de xixi. A professora, um pouco surpresa, pediu desculpas e disse que não sabia porque estava acontecendo aquilo. Novamente fomos para casa sem muito alarde, mas ao chegar lhe abracei e, de forma muito carinhosa lhe perguntei porque estava fazendo o xixi nas calças, ao qual ele me respondeu de forma muito meiga e encabulada: "eu não sei pedir para ir no banheeeeeiro". Eu fiquei profundamente emocionada ao saber da simplicidade do "problema" e ao mesmo tempo, a dimensão do impacto da nova rotina na sua vida, e percebi que ele estava aguentando "no osso do peito".

No dia seguinte, ao entregá-lo para a professora na porta da sala de aula, pedi permissão a ela para entrar junto com ele, ao que ela prontamente concordou. Expliquei a ela o que estava acontecendo e desta vez ela é que ficou encabulada e "corada", pois era de pele muito clara. Eu o levei até a porta do banheiro da sala e lhe expliquei, em português que, ao sentir necessidade, não precisaria pedir à professora, mas simplesmente levantar-se e dirigir-se até aquele espaço, ao que ele balançou a cabeça consentindo. Logo após nos despedimos e tudo seguiu o seu ritmo normal.

Nunca mais falamos sobre esse assunto, pois não sentimos necessidade, apenas lhes reforçamos que, ao sentirem qualquer dificuldade ou qualquer necessidade, que nos falassem e não hesitassem em pedir ajuda a nós ou às professoras.

Passados seis meses deste episódio – já era abril – e, para a Páscoa, as escolas fazem a semana completa de recesso, seguida de uma semana de recesso pelo half term. Planejamos, então, uma viagem pelo norte da Itália, terra natal de meus antepassados, para a qual levamos conosco meus pais, que vieram do Brasil para nos visitar.

Na primeira semana, eu me senti guiando e administrando as necessidades e desejos de “quatro crianças”, já que, além dos meus dois filhos, meus pais tinham um comportamento semelhante. É que eles, apesar de ter uma certa familiaridade com o idioma, era a primeira vez que viajavam para um país estrangeiro, e ainda estavam inseguros. Meu marido se juntaria a nós apenas no início da segunda semana, pois havia ficado em casa e aproveitaria o tempo completo da primeira semana para “dedicar-se à tese”.

No domingo de Páscoa estávamos em Veneza e, após participarmos da missa celebrada pelo Bispo na Basílica de San Marco, fomos visitar o Palácio Ducal, que fica ao lado desta. Desnecessário dizer que não éramos apenas nós a fazer este roteiro. A fila para comprar o ingresso para a visita ao referido palácio era interminável, mais de 100 pessoas pacientemente aguardavam a sua vez. Resignadamente eu, meus filhos e meus pais nos colocamos na fila, a qual avançava lentamente e, após um pouco mais de uma hora, nos aproximávamos do guichê de compra. Quando restavam apenas duas pessoas na minha frente, o pequeno (o de 4 anos) me puxa e diz em voz baixa: “Mãe, eu quero xixi”. Naquele momento, quase entrei em pânico. O cansaço já era muito grande e, se saíssemos da fila naquele momento, perderíamos a vez e não compraríamos mais os ditos ingressos. Por outro lado, me veio a ideia de que, agora, poderia haver problema com o novo idioma, o italiano. Olhei ao redor, buscando uma solução. Tinha que tomar uma decisão rápida. E, apontando para uma recepcionista nas proximidades, disse ao pequeno: “Vá lá, fale com aquela moça e diga xixi ou pipi”. E pedi a minha mãe que o acompanhasse, enquanto eu permanecia na fila, juntamente com o outro filho e com meu pai. Claro que fiquei com a “orelha esticada”, tentando ouvir o que aconteceria a seguir. Com uma inacreditável surpresa, e uma certa emoção, ouvi um meigo e delicado *Where is the toilet* de meu filho, e a moça prontamente apontando numa determinada direção. Respirei aliviada e dei o passo final para a compra do ingresso. Este assunto estava definitivamente resolvido.



Quando as estatísticas batem à porta da nossa casa...

Diogo Joel Demarco

O Brasil passa por um acelerado processo de mudanças, sobretudo na última década, em suas dimensões sociais, econômicas e políticas. Dentre estas mudanças, uma das mais acentuadas é que pode ser vista no perfil demográfico da população brasileira, como apontam os dados do IBGE. Há um acelerado processo de envelhecimento da população, influenciado pela redução da taxa de fecundidade (estimativa do número médio de filhos que uma mulher teria até o fim de seu período reprodutivo ou o número médio de filhos por mulher em idade de procriar, ou seja, de 15 a 49 anos); pela redução da taxa de natalidade (o número de crianças que nascem anualmente por cada mil habitantes, numa determinada área); pela ampliação da expectativa de vida da população; pelo maior acesso ao sistema de saúde pública (SUS) e a medicamentos. A taxa de fecundidade no Brasil passou de 6,30 na década de 1960 – a década em que nasci – para 4,40 na década de 1980 e 1,86 em 2010, segundo dados do Censo Demográfico do IBGE (2010).

Para quem estuda os processos sociais e seus impactos sobre a esfera pública, estes dados não são novidade. Todavia, por vezes, eles saem das tabelas e planilhas dos estudos e adentram pela porta de nossas casas. De que forma? Quando nos damos conta de que somos uma família típica de classe média, composta do casal e um único filho (nascido em meados da primeira década do século XXI). Se relacionarmos a este perfil da composição familiar os impactos do intenso processo de migração e urbanização ocorrida no mesmo período, percebemos que este núcleo familiar vive distante do convívio dos avós, tios, primos e primas. Tal situação, invariavelmente, se traduz numa frequente pergunta: “Papai, vem brincar comigo?”

Pai de um garoto de sete anos, filho único, cheio de energia para brincar, sem a proximidade de primos e primas, e com as restrições que a vida urbana moderna impõe quanto a brincar com as amiguinhos na rua, inevitavelmente somos “convocados” a sentar no chão para brincar de carrinhos hotwheels, montar Lego, organizar o ataque ao Forte Apache e a dominar os incontáveis movimentos do controle dualshock do videogame, nos muitos jogos existentes.

E quão prazerosa é esta tarefa de brincar com o filho, imitar o som do mo-

tor dos carrinhos acelerando, o barulho do galopar dos cavalos da 7ª Cavalaria, vibrar pulando pela sala com o goloço que o centroavante do seu time fez no futebol do PS-3... Mesmo que seja apenas para desconcentrar o seu "adversário", que já ganha de você por 4 X 1. Por outro lado, nada prazerosa é a tarefa de convencer o garoto que é hora de ir dormir ou se de preparar para ir à escola e, antes disso, de recolher e organizar os brinquedos todos, já que, via de regra, sobra para você guardar tudo.

Partindo da importância do processo lúdico de brincar para o aprendizado e a formação dos valores nas crianças é que resolvemos inovar, lá em casa. Há uns cinco anos, assistindo a um programa infantil com ele, o Art Attack, aprendemos uma técnica de artesanato chamada papietagem – que consiste em aplicar uma mistura de cola e água em camadas de papel que, ao secarem adquirem rigidez semelhante à do papel machê – e começamos a construir pequenos imóveis – casas e prédios – para que ele pudesse "brincar de cidadinha", como ele diz. Passados esses anos – e três mudanças de endereço neste período – a "cidadinha" sobreviveu e cresceu. Hoje já conta com 68 construções que, espalhas sobre um tapete de EVA pelo chão rendem horas de brincadeira e o espanto e alegria dos amiguinhos quando vêm lá em casa para brincar. Afinal, é: "Uau... Ele tem uma cidade inteira", como dizem seus colegas. Desespero mesmo, só o da mamãe, ao ter que conseguir lugar para guardar a cidade toda....

Mas esta brincadeira mostrou-se muito interessante, e sob vários aspectos. Para mim, representa a possibilidade de reduzir o estresse do dia a dia com uma atividade artesanal – separar, montar, colar, pintar – algo que sempre curti, com a possibilidade de discutir valores muito importantes para a formação da personalidade de uma criança. O primeiro destes aprendizados é a importância do consumo consciente e de reciclarmos nosso lixo, já que toda a cidade é feita de material reciclado como caixas de papelão, caixas de remédios, plásticos de canetas e vasilhas, entre outros.

Ao montar a cidade e brincar com seus carrinhos, ele também aprende regras de trânsito, e que a coletividade necessita de regras de convívio que precisam ser respeitadas por todos. A cidade – depois de um tempo, batizada de Pedrolândia – tem uma prefeitura responsável por organizar os serviços, já que possui escola pública, hospital, delegacia de polícia e corpo de bombeiros. Tem coleta seletiva de lixo, com os caminhões de coleta levando o material para um centro de triagem e reciclagem e o lixo orgânico para um aterro sanitário, cujo trator de esteira da matchbox faz o papel de cobertura do aterro.

Na cidade tem aeroporto, porto, rodoviária e uma estação ferroviária, que, além de permitir a montagem do seu trenzinho, possibilita ensinamentos sobre mobilidade urbana, sobre a integração de diferentes modais de transporte para garantir esta mobilidade. A existência de uma igreja, um templo budista e uma mesquita ajudam a entender a diversidade cultural e o respeito à diversidade e ao sincretismo religioso. Construções como a Usina do Gasômetro e o Cais do Porto ensinam a importância da preservação do patrimônio cultural e arquitetônico de uma cidade. Apesar de existirem construções de diferentes padrões, não há a presença de mansões e favelas, pois a desigualdade social e de condições de vida é algo que não deve ser naturalizado na formação das nossas crianças. Em Pedrolândia, todos têm

direito a um padrão mínimo de dignidade e de condições de vida.

Enfim, é assim que, brincando, vamos ensinando e aprendendo valores éticos, morais e culturais que vão moldando as futuras gerações e fazendo coro com a máxima de que “não basta ser pai, tem que brincar”.



O pai deve participar

Luis Felipe Nascimento

Resido há quatro anos na Alemanha e, infelizmente, só tive acesso, através de amigos, a exemplares de PAIS & FILHOS dos anos 91 e 92. A leitura despertou a minha atenção, pois, em vários artigos, há o enfoque da relação mãe-filho: "a ligação com a mãe é que vai determinar algumas das características da vida infantil e da adulta dos filhos", etc., etc. Tive a sensação de estar lendo uma publicação sobre as relações entre "mães e filhos". Talvez a minha amostragem seja pequena para fazer tal constatação, ou talvez este enfoque seja decorrente da cultura brasileira, dos hábitos dos pais brasileiros, que pouco participam dos cuidados com os filhos.

Segundo a literatura alemã, cerca de 86 % dos pais, na Alemanha, acompanham as mulheres na hora do parto. E 33 % deles participam de cursos práticos sobre o nascimento e os cuidados com os filhos. Pela legislação alemã, os pais podem pedir licença do trabalho por seis meses, para cuidar dos seus bebês recém-nascidos.

Fazendo uso desse direito, o prefeito de Wiesbaden, capital do Estado de Hessen, tirou licença para cuidar do próprio filho. E ao voltar ao cargo, adotou uma série de medidas para facilitar a vida de quem transita com pela cidade crianças pequenas. Nada melhor do que a prática para entender os problemas. Seria este um bom exemplo para os governantes brasileiros?

Por outro lado, se é verdade que os pais brasileiros não participam ativamente desses cuidados, seria sua atitude uma decorrência da cultura machista, ou da legislação, que não permite a redução da jornada de trabalho (ou licença) paterna?

Fica aqui a sugestão para que a Revista aborde esses temas e incentive a participação dos pais no cuidado dos filhos, como ocorre em países como a Alemanha, onde essa tarefa não é só das mães.

Felipe Nascimento – Mainz, Alemanha

A carta do Felipe, vinda de tão longe, provoca a abertura de um interessante espaço de discussão para nós, aqui na terrinha. Ninguém melhor do que os pais brasileiros para fazerem um pronunciamento sobre o assunto. As mães, certamente, também devem mandar suas opiniões. Aguardaremos.

Revista "Pais & Filhos" – Seção P&F Responde - Coordenação de Zilda Ferreira. Página 120 do número 319, em maio de 1995.

Obs: A matéria acima foi publicada na revista "Pais & Filhos". O autor se indignou com a desconsideração da Revista com os pais, e sugeriu que a revista passasse a se chamar "Mães & Filhos". Vinte anos depois, fica a pergunta de se esta questão já foi superada ou se os pais brasileiros é que continuam pouco participativos?



Amor de avó

Roberto Patrus

O que avó sente por neto é difícil de descrever. Parece amor estendido no tempo, para o filho do meu filho, amém. Herança cravada na história, o neto é a continuidade do nome, fruto de uma árvore genealógica que promete perdurar. Dá um certo sentido de perpetuidade, que invade quem se percebe cada vez mais finito e provisório, alertado pela decadência do corpo, morada cada vez mais frágil de um espírito cada vez mais livre.

Parece ser a percepção da finitude da vida, que eleva o amor da avó à dimensão de eternidade. Não me venham dizer que avó curte mais o neto porque não tem a obrigação de educar. Isso é fala de filho enciumado, um modo de desmerecer o carinho que seu filho tem por sua mãe, como se dissesse que a causa do carinho pela avó fosse aquelas porcarias que ela compra para ele. Bobagem... Só deseduca quem nunca foi educador. Um educador de verdade o é para sempre. E um educador maduro deixa de dar importância ao que não tem importância e valoriza o que realmente faz sentido. Se o leite cai sobre a toalha da mesa, a mãe estressa, porque sabe o trabalho que dá lavá-la. Mas quem sabe que vai morrer também sabe que uma toalha suja é apenas uma toalha suja e que trabalho não é castigo. Quem é avó sabe o quanto errou como mãe, é inevitável. Ter neto é a sua redenção. Com o neto, a avó é uma "mãe melhorada". Educa melhor, porque agora tem sabedoria.

A ideia da morte relativiza a importância que damos às coisas. Por mais que se tente enganar, o corpo do velho está a lembrar-lhe continuamente de que sua trajetória nesse mundo tem fim. Mas é uma ilusão achar que "quanto mais velho, mais perto se está da morte". Não é preciso envelhecer para saber que vamos morrer. É curioso que quem adoença gravemente esteja "desenganado". A expressão sugere que, enquanto somos jovens e saudáveis, estamos enganados, a fingir que a morte não existe, a pensar que só morre quem é velho, neste mundo cada dia mais perigoso.

Pois eu quero fazer um convite: lembremos da morte todos os dias. Da nossa e da dos nossos. Desenganemo-nos já. Creio que o exercício da lucidez sobre a nossa finitude nos permite tratar o filho com maior leveza e espiritualidade, com mais tolerância e paciência, com mais amor e devoção.

Já estamos perto da morte, e hoje mesmo. Não precisamos ficar velhos para então lembrar dela. A morte e a ideia da morte renovam a pergunta pelo sentido de viver. Revolucionam o estilo de vida, na medida em que fa-

zem pensar sobre o que é importante, ou seja, sobre o que realmente tem valor. Permitem o difícil exercício de estabelecer prioridades, que é o primeiro passo para ter tempo para aquilo a que damos valor. E isto significa ter tempo para os nossos filhos.

Podemos antecipar dentro de nós a qualidade do amor que a avó sente pelo neto e vivê-lo já com os nossos filhos. Saber que um filho doente poderia não estar mais ali a requerer nossos cuidados pode ampliar a espiritualidade necessária para educar com devoção. Priorizar o momento de confraternização familiar no lugar de tolas e inócuas cenas de aparente educação dos filhos é um exercício que exige refletir sobre o que, de fato, educa mais: a experiência de amor ou a palavra vazia de testemunho. Não precisamos ficar velhos para lamentar não ter curtido a infância e a adolescência de nossos filhos. Amemos nossos filhos como se deles fôssemos avós.



Amor de avó

Roberto Patrus

O que avó sente por neto é difícil de descrever. Parece amor estendido no tempo, para o filho do meu filho, amém. Herança cravada na história, o neto é a continuidade do nome, fruto de uma árvore genealógica que promete perdurar. Dá um certo sentido de perpetuidade, que invade quem se percebe cada vez mais finito e provisório, alertado pela decadência do corpo, morada cada vez mais frágil de um espírito cada vez mais livre.

Parece ser a percepção da finitude da vida, que eleva o amor da avó à dimensão de eternidade. Não me venham dizer que avó curte mais o neto porque não tem a obrigação de educar. Isso é fala de filho enciumado, um modo de desmerecer o carinho que seu filho tem por sua mãe, como se dissesse que a causa do carinho pela avó fosse aquelas porcarias que ela compra para ele. Bobagem... Só deseduca quem nunca foi educador. Um educador de verdade o é para sempre. E um educador maduro deixa de dar importância ao que não tem importância e valoriza o que realmente faz sentido. Se o leite cai sobre a toalha da mesa, a mãe estressa, porque sabe o trabalho que dá lavá-la. Mas quem sabe que vai morrer também sabe que uma toalha suja é apenas uma toalha suja e que trabalho não é castigo. Quem é avó sabe o quanto errou como mãe, é inevitável. Ter neto é a sua redenção. Com o neto, a avó é uma "mãe melhorada". Educa melhor, porque agora tem sabedoria.

A ideia da morte relativiza a importância que damos às coisas. Por mais que se tente enganar, o corpo do velho está a lembrar-lhe continuamente de que sua trajetória nesse mundo tem fim. Mas é uma ilusão achar que "quanto mais velho, mais perto se está da morte". Não é preciso envelhecer para saber que vamos morrer. É curioso que quem adoença gravemente esteja "desenganado". A expressão sugere que, enquanto somos jovens e saudáveis, estamos enganados, a fingir que a morte não existe, a pensar que só morre quem é velho, neste mundo cada dia mais perigoso.

Pois eu quero fazer um convite: lembremos da morte todos os dias. Da nossa e da dos nossos. Desenganemo-nos já. Creio que o exercício da lucidez sobre a nossa finitude nos permite tratar o filho com maior leveza e espiritualidade, com mais tolerância e paciência, com mais amor e devoção.

Já estamos perto da morte, e hoje mesmo. Não precisamos ficar velhos para então lembrar dela. A morte e a ideia da morte renovam a pergunta pelo sentido de viver. Revolucionam o estilo de vida, na medida em que fa-

zem pensar sobre o que é importante, ou seja, sobre o que realmente tem valor. Permitem o difícil exercício de estabelecer prioridades, que é o primeiro passo para ter tempo para aquilo a que damos valor. E isto significa ter tempo para os nossos filhos.

Podemos antecipar dentro de nós a qualidade do amor que a avó sente pelo neto e vivê-lo já com os nossos filhos. Saber que um filho doente poderia não estar mais ali a requerer nossos cuidados pode ampliar a espiritualidade necessária para educar com devoção. Priorizar o momento de confraternização familiar no lugar de tolas e inócuas cenas de aparente educação dos filhos é um exercício que exige refletir sobre o que, de fato, educa mais: a experiência de amor ou a palavra vazia de testemunho. Não precisamos ficar velhos para lamentar não ter curtido a infância e a adolescência de nossos filhos. Amemos nossos filhos como se deles fôssemos avós.

Amor e Felicidade



Abraço é amor!

Aida Maria Lovison

Adoro abraços, são nostálgicos, sempre!
Seja nas chegadas, seja nas partidas.
Adoro aromas de aeroporto
porque têm cheiro de abraços.
As chegadas
e as partidas
solicitam abraços
de todas as cores e sons,
não importa.
Abraço
é abraço!

Neste afã,
o coração palpita
a boca seca,
o coração se contrai.
O corpo fraqueja,
os pés dançam.
Os ouvidos ruminam!
As mãos se estendem;
hálito de festa.
Confusão? Pouco importa.
No abraço, não há vã espera ...
Abraço é amor!



A utilidade e o amor

Débora Cristine Löff Figueiredo

Recebi um vídeo do Padre Fabio de Melo pelo WhatsApp que me tocou muito. Já o ouvi várias vezes, é profundo demais, por isso, tomo a liberdade de compartilhá-lo com vocês:

"A utilidade é uma coisa muito cansativa. Você ter utilidade para alguém é uma coisa muito cansativa. 'Tá certo, realiza. E, humanamente falando é interessante você saber fazer as coisas, mas eu acredito que a utilidade é um território muito perigoso, porque muitas vezes a gente acha que o outro gosta da gente. Mas não, ele está interessado é naquilo que a gente faz por ele. É por isso que a velhice é este tempo, em que passa esta utilidade. E aí, fica só o seu significado como pessoa. Eu acho que é o momento em que a gente purifica né? É o momento em que a gente vai ter a oportunidade de saber quem nos ama de verdade. Porque só nos ama, só vai ficar até o fim, aquele que, depois da nossa utilidade, descobriu o nosso significado. Por isso, eu sempre peço a Deus, sabe..., sempre faço a Ele a oração de poder envelhecer ao lado de pessoas que me amem. Aquelas pessoas que possam me proporcionar a tranquilidade de ser inútil, mas, ao mesmo tempo, sem perder o valor. Quando viver aquela fase na vida, de "põe o Padre Fábio no sol"; "tira o Padre Fábio do sol", aí eu peço sempre a graça de ter alguém que me coloque ao sol, mas, sobretudo, alguém que venha tirar depois'. Alguém que saiba acolher a minha inutilidade, alguém que olhe pra mim assim, que possa saber que eu já não sirvo mais para muita coisa, mas eu continuo tendo o meu valor. Que a vida é assim, minha gente, fiquem espertos. Se você quiser saber se outro te ama de verdade, é só identificar se ele seria capaz de tolerar a sua inutilidade. Quer saber se você ama alguém, pergunte a si mesmo: "Quem, nesta vida, já pode ficar inútil pra você, sem que você sinta o desejo de jogá-lo fora?" É assim que nós descobrimos o significado do amor. Só o amor nos dá condições de cuidar do outro até o fim. Por isso eu digo: "Feliz aquele que tem, ao final da vida, a graça de ser olhado nos olhos e ouvir a fala do outro, que diz: "Você não serve pra nada, mas eu

não sei viver sem você.”

Em algum momento de nossas vidas, às vezes, pode pairar na nossa mente a dúvida quanto a se vivemos uma relação utilitária para outro ou se realmente somos amados pelo que somos, como pessoas, do nosso jeito, com nossas qualidades e defeitos, com nossos acertos e erros, com coragem em determinados momentos e fragilidade em outros. Enfim, que este “outro” possa reconhecer o nosso significado, valor, a nossa essência. Isso sim é o que todos nós buscamos na vida, ser amados de verdade, na sua plenitude, seja na vida familiar, entre o casal, entre amigos. O importante é acreditar no amor, não desistir jamais, pois é ele quem impulsiona a nossa vida, que nos faz feliz, nos faz melhores, nos faz crescer... O verdadeiro amor deve trazer tranquilidade, segurança e proteção, ao outro, mas também o respeito à individualidade deste outro. O amor não pode anular a outra pessoa, a ponto de fazer com que ela não seja mais ela mesma. Ao contrário, só podemos ter o “nós”, quando formos uma pessoa única, cada um de nós, com os seus pensamentos e convicções, com a sua maneira de agir, de encarar a vida, que nem sempre são iguais ao da outra pessoa. Quando há amor, devemos aceitar as diferenças para poder conviver. Parece tão óbvio, mas se formos a sombra de outra pessoa, não seremos nós mesmos. E, por consequência, não estaremos sendo valorizados pelo que somos. Assim, como o autor do vídeo, acredito que o que as pessoas mais desejam é ter a graça – que Deus o permita – de viver um amor verdadeiro, na sua plenitude. Isso é tudo! Que possamos nos imaginar “inúteis” para outra pessoa e, mesmo assim, nos sentirmos amados, admirados, aceitos pelo nosso valor.



Cuidado, você está no comando!

Lourdinha - Lourdes Odete Dos Santos

Quem ainda não ouviu os ditados populares falando algo como: "Diz-me com quem tu andas que te direi quem és"; "O uso do cachimbo entorta a boca"; "Você é aquilo que come"... Sim, somos o que pensamos ser e o mundo em que habitamos tem exatamente a forma e a dimensão que lhe atribuímos. Por isso, há que se ter certos cuidados, pois somos, ao mesmo tempo, espectadores e atores no drama do Universo.

Tudo o que acontece à nossa vida é a projeção de nosso mundo interno, isto é, tudo é o reflexo de nossa mente. Entre as leis do Universo, existe a que diz que o livre-arbítrio é sagrado, ou seja, que somos responsáveis pelas nossas escolhas. Somos responsáveis pela dinâmica de nossas vidas, pelo desenvolvimento de nossas habilidades naturais, que evoluem na nossa interação com outros seres humanos e com o meio onde vivemos. E isto nos torna, também, responsáveis pela dinâmica do Universo.

E os "baques", os "tropeços"... Também fazem parte da vida. Rejeitar e ser rejeitado. Amar e ser amado. Fazer escolhas; acertar, errar; perder, vencer; são circunstâncias frequentes para todo o mundo. Não devemos ter receio de perdas, de quebrar a rotina, de abandonar as dores do passado. Ou, como em outro ditado popular, "Chorar sobre as desgraças passadas é a maneira mais segura de atrair outras".

A maior sabedoria consiste na capacidade de amar sem barganhas ou expectativas, de nos alegrarmos sem hipotecas emocionais; de podermos ter uma consciência mais aberta, menos egocêntrica, mais responsável; de substituir estreitos laços de lealdade por uma preocupação ampla, crítica e amorosa.

Todas as respostas que procuramos estão dentro de nós mesmos. Tudo o que buscamos: amor, paz, felicidade, tudo está dentro de nós. Mas nem sempre tomamos conhecimento disso.

Seja poderosa, encha o seu coração de amor, encha sua vida de sonhos, cultive o autocontrole emocional. Então, você se encherá da mais plena e dignificante sabedoria. E, através desta sabedoria, você terá tudo. E o mais surpreendente é você descobrir que investiu tanta energia e que não precisa desse "tudo" para ser feliz.

Ilumine... O Universo sempre devolve o que você lhe oferece.



E assim aconteceu...

Lijinha - Lija Neiva Fávares de Brum

Ele, João, era filho e neto de fazendeiros. Aos oito anos, foi estudar em Santa Maria, em colégio religioso, estimulado pelos próprios pais, que sonhavam com um filho com formação superior. Concluído o segundo grau, João decidiu que deveria fazer algo para não depender mais de seus pais.

Aproximadamente aos dezoito anos, conheceu alguns uruguaios que ampliavam fotos e reproduziam belos quadros coloridos. Associou-se a eles e começaram a trabalhar juntos, usando uma estratégia de venda bastante inteligente. De casa em casa, ao conversar com as pessoas, mostravam e ofereciam seu trabalho, informando que entre três envelopes que lhes era mostrado, um estaria premiado com um belo desconto a quem o escolhesse.

Como o valor era relativamente alto, o desconto entusiasmava o responsável pela encomenda, e em muitos casos ela era realizada.

Visitaram muitas cidades pelo interior do Rio Grande do Sul, buscando ampliar suas vendas, até que chegaram em Caxias do Sul, e os sócios uruguaios, a quem cabia viajar, bateram à casa dos pais de Lija.

Tendo sido feitas todas as apresentações, foto encomendada, anotados os dados da pessoa, isto é: nome, idade, endereço, cor do cabelo, da pele, dos olhos, da roupa, etc., eles saíram para novas tentativas.

Ao chegarem em Santa Maria com as encomendas, passaram-nas às mãos de João, para que ele tomasse conhecimento do que haviam feito.

Eis que, ao passar os olhos pela foto de Lija, houve um interesse especial da parte de João, que resolveu iniciar uma correspondência com ela.

Era costume, entre os jovens, que escrevessem cartas, como maneira de conhecer pessoas e trocarem impressões quanto a filmes, moda, viagens, estudos, etc.

Lija tinha outros correspondentes de outros estados, e não titubeou em acrescentar mais um à sua lista.

Após algumas cartas, João resolveu ir a Caxias e visitar sua correspondente. A expectativa era grande, e, após essa visita, a correspondência transformou-se em namoro, casamento, filhos e uma vida muito feliz!

Um beijo



Velhinhos sapecas

Silvia Novaes Zilber

Aconteceu há alguns anos: havia deixado a filha na escola, às oito da manhã, e esperava o trânsito fluir, quando olhei na direção de uma pracinha bem ao lado de onde estava parada e vi a cena: um casal amorosíssimo, aos beijos, olhares afetuosos, carícias para todo lado. Ele, barba branca, pele alva como neve, roupinha descolada, camiseta florida, calça cáqui, seus 70 e poucos anos, parecia um Papai Noel tropical; ela, mulata gordinha, seus 60 anos, roupa florida, parecia daquelas roupas africanas bem coloridas, chiquérrima. Ele, sentado num banco, ela em pé, ora sentada em seu colo. E era um tal de afago pra lá, beijinho pra cá, olhares de felicidade plena. Por que o espanto? Pelo horário? Pelas carícias tão matutinas? Pelo local? Pela combinação de cores? Pelos olhares apaixonados? Aí me dei conta: sim, por tudo isso, mas muito mais... pela idade! Septuagenários tão excitados, àquela hora da manhã ... Isso mexeu com meus sentimentos...

Nunca esqueci a cena: um casal de namorados apaixonados no ocaso da vida... "ocaso da vida"?

Fiquei pensando em qual seria a história: um encontro clandestino?

Uma paixão proibida aos 70, que só poderia se efetivar em lugares públicos em horários inusitados? Sei lá... E não interessa... O que interessou foi ver aquele fluir de afeto escorregando por aquele banco de praça, naquela idade!!!!

Por coincidência, semanas depois, estávamos num barzinho da Vila Madalena, daqueles em que nos sentimos tios de toda aquela moçada e na mesa em frente um casal "de meia-idade" Ela, de aparência mais comum impossível; nada que denotasse um pingo de sensualidade: roupa comum, cabelo comum, colar comum. Ele, o mesmo: camisa social, cabelo com corte que todo cara de meia-idade mediano ostenta. Enfim, parecia ser o cúmulo da mesmice. O que destoava eram os olhares: os dois estavam um de frente para o outro, mãos dadas, parecia que se atiravam para dentro dos olhos um do outro, com aquele sorriso abobado de quem está muito, mas muito apaixonado mesmo. Acho que nem percebiam onde estavam. Ficavam ali, parados, se olhando e sorrindo. Quanta felicidade, meu Deus!

E eu, de novo: naquela idade???

Lembro dessas cenas pois me encontro rumo àquela idade, aquela onde a gente fica invisível, somos todos senhores e senhoras de meia-idade, assim

meio murchinhos aos olhos da poderosa sociedade dos jovens que sabem de tudo... É isso, então?

Não, justamente isto: Mil vezes, não!

Aquelas cenas me fizeram refletir sobre como é bom estar apaixonado: por qualquer pessoa, animal ou coisa, em qualquer época da vida... Em que momento entramos "no piloto automático", e fazemos as coisas sem nos deliciarmos com elas, apenas por rotina e obrigações?

Escrever papers, orientar alunos, cuidar da família, da casa, pensar no que fazer no próximo feriado... E a fruição dos momentos, para onde foi? E o prazer de ouvir aquela música?

Meu filho começou a insistir em que eu apresentasse a "boa música" para ele: antes de as crianças nascerem, ouvíamos tanto de tudo: Piazzola, Paco de Lucia, instrumental, Stan Getz, Keith Jarret, Egberto Gismonti, tantas e tantas sonoridades... Depois, com a barulheira cotidiana, vamos ficando cada vez mais surdos... E, com a insistência do meu filho, pus a ouvir um CD do Piazzola que eu adorava. Mas, ao iniciarem os primeiros acordes de "Adiós Nonino", aquela estranheza me invadiu, e pensei: Onde é que eu enfiei a minha pessoa? No meio de que trastes será que eu fui escondendo a minha sensibilidade?

Juntando tudo, a reflexão está em que envelhecer não significa (necessariamente) ficar mais e mais chato, embotado, incapaz de paixões... Estou começando a achar que envelhecer é ter um arsenal de coisas armazenadas: muitos sons, muitas viagens, muitas pessoas, muitas cenas, muitas sensações... E passou a ser um desafio a decisão de fazer de tudo isso um poderoso combustível para se passar a ter sensações ainda mais vigorosas do que quando éramos jovens: mais intensidade, tolerância, experimentalismo, abertura, compreensão, compaixão, sensualidade... Enfim, mais vida! "Seremos velhinhos sapecas", é isso que eu quero para quando crescermos...



Aniversário de casamento

Sandra Dorvelí Andres
Luiz Fernando Andres

Data de aniversário. Muitos gostam, outros não. Mas não há como esquecer dela, pois fatalmente alguém lembrará. E quanto às datas que comemoramos compartilhando algo com alguém importante, estas são mais interessantes? Pois assim é o caso de nossa data de aniversário de casamento. Já passa do nosso trigésimo, e com muitos acontecimentos importantes, alguns dos quais relatamos neste texto.

Onde se inicia o casamento? No primeiro olhar? No começo do namoro? Ou quando vamos morar juntos? Cada um deve ter uma resposta diferente. Mas aqui contaremos quando começou o nosso. Poucos namorados cruzaram por cada um de nós, antes deste evento. Então, consideramos que ele seja único e que, dele, muitos frutos resultaram.

Foram anos de crescimento, amadurecimento e compartilhamento dos erros e acertos particulares, de estudos e de trabalho que capacitaram cada um profissionalmente. Além deles, também há que destacar o importante papel dos filhos, que começaram a participar desta família e dar-lhe novas características. Alguns projetos foram bem planejados. Outras situações, nem tanto. Mas cada novo projeto ou situação era motivo para que fossem superadas as suas dificuldades e se pudesse chegar à próxima etapa.

Com a vinda dos filhos, iniciou-se uma nova fase de responsabilidade familiar, com participação e compartilhamento, para enfrentar algo que era diferente da até então conhecida "relação homem-mulher". Tornou-se necessário dividir as atenções afetivas, o que muitas vezes gerou discordâncias, atritos e sentimentos de desconforto e ciúme, tanto pelos pais quanto pelos filhos, enquanto irmãos.

O planejamento familiar então iniciado teve várias etapas: dos tempos de criança, da adolescência à vida adulta, quando se chegou a ser capaz de caminhar independentemente do apoio dos pais. E os pais precisam acreditar nos seus filhos, em que eles serão capazes disto, e de que conseguirão realizar seus próprios sonhos e atender a seus objetivos por meio das escolhas feitas.

Nossos filhos, enquanto crianças, nos incentivaram a "virar crianças novamente", nos motivando a participar de suas brincadeiras e aventuras. Enquanto isso, servimos de exemplo na tomada de suas decisões. À medida

que foram crescendo, também foram surgindo outras necessidades, como a vida escolar longe de casa, ainda na fase da adolescência. Como absorver esta decisão, tomada a partir do exemplo dado pelo pai?

Desta vez, o lado afetivo, as preocupações financeiras e as de segurança, além dos problemas gerados pela distância, foram questões que tiveram que ser aceitas. Entrou aí a questão administrativa, que aborda os princípios de planejar, organizar, fazer e controlar a vida de um adolescente que vai morar fora de casa, para realizar o seu sonho de ser um profissional técnico. Inicialmente, os pais devem acreditar em seus filhos, ter a consciência de que serão capazes e dar a eles os caminhos possíveis para que possam atingir os seus objetivos.

Mais responsabilidades surgem para os filhos, pois estes devem entender que terão compromissos com seus gastos, suas atitudes e seu comprometimento com os pais. Na prática, foi necessário verificar qual o gasto financeiro mensal através de anotações das despesas por alguns meses e então estimar uma mesada para ser gerenciada pelos filhos. Esta decisão responsabiliza os filhos sobre limites para os seus gastos, impõe uma responsabilidade aos filhos em termos financeiros e, acima de tudo, dará a eles uma visão do que deverão observar futuramente, quando capacitados profissionalmente, e não mais houver o "Paitrocínio".

Uma vez família, há compromissos e responsabilidades para todos, mas há também o lado divertido, que leva pais e filhos a finais de semana com passeios, piqueniques e aventuras diversas.

Como mencionado no início do texto, enquanto crianças, muitos passeios de caíco e de lancha foram realizados, assim como almoços embaixo de um arbusto à beira do rio, visitas ao zoológico e a outros parques, muitas vezes em companhia de outras famílias amigas, que também tinham seus filhos. Visitas a exposições e feiras, realizadas em família, procuravam mostrar aos filhos sobre a importância do saber e conhecer, sem esquecer das viagens realizadas para mostrar-lhes que o mundo é muito maior do que a visão da janela do seu quarto.

Estas oportunidades deram aos filhos a chance de aprender a esquiar no rio, a saltar de paraquedas e a pilotar um kart, entre tantas outras aventuras. O kart, por alguns anos foi motivo para que a família se deslocasse a pistas próprias. Pai e filhos pilotavam o kart mas, como em todo esporte, manutenções eram necessárias. E quem ficou com esta responsabilidade foi o pai.

Com os filhos já estudando em escolas longe de casa, nada melhor do que convidá-los também para participarem de viagens de estudo, organizadas pelo professor dos pais, o que sempre era acatado por eles. É claro que, em um determinado período, quando já estavam na universidade, eles próprios chegaram à conclusão de que não mais participariam destas "roubadas".

Novos rumos foram tomados pelos filhos, agora já capacitados para trilharem a sua própria caminhada profissional e afetiva. Assim, eles também constituíram as suas próprias famílias e, futuramente, talvez estejam onde nós nos encontramos hoje, também desejando que os seus filhos estivessem mais perto. Mas, e a felicidade deles, aonde fica? A busca pela felicidade está na natureza do ser humano. E este é o fato que os motiva a seguir em frente. Nós sofremos em silêncio, com a distância, mas de forma nenhuma isso nos

impede de termos os nossos reencontros periódicos.

Quando fazemos o papel de pais, queremos proteger, às vezes até demais, limitando assim o crescimento, o desenvolvimento e a responsabilidade de quem mais amamos, os filhos. Devemos ter em mente que os filhos não são propriedade dos pais e sim uma continuidade deles, e que nos cabe reorganizar a relação homem-mulher para colher os frutos desta educação que foi dada aos filhos.

Hoje, comemorando a data de compartilhamento, companheirismo, de felicidade, verificamos que muitos talvez não tenham esta mesma satisfação. Então, quais foram os acertos ou erros? O que acontece hoje? Verificamos que as prioridades mudaram, invertendo-se a ordem na lista de objetivos a serem atendidos pelas pessoas. As prioridades vão da formação universitária, para estabilidade profissional, aquisição de bens, móveis e imóveis e daí, talvez, a afetiva, familiar.

Quando nos casamos, éramos dois jovens com um pouco mais de vinte anos, recém ex-adolescentes, e os filhos vieram em seguida, antes dos trinta. Depois, aos poucos, fomos obtendo nossos diplomas universitários e, por fim, a nossa casa, com os filhos já adultos.

Como as prioridades se inverteram os filhos, se houver, são gerados por pais mais maduros, já estáveis profissionalmente e financeiramente, porém muito mais preocupados em acertar na educação, e necessitando de muita disposição para brincar e se aventurar. Vemos que muitos se preocupam em compensar suas falhas com presentes caros, "roupas de grife" e outros, mas criança quer somente a participação dos seus pais em suas brincadeiras e aventuras. Acreditamos que esta é a base para um adolescente consciente, maduro e ciente de suas responsabilidades, a partir de suas experiências e dos ensinamentos dos pais.

A criança está na família dependendo dos pais para receber orientações, e irá absorver os seus princípios, os exemplos que estes lhes derem, e também depende deles para entender a importância do respeito e da Ética. Ela segue em frente, trilhando o seu caminho e buscando a sua felicidade. E quando chegar o momento de os filhos saírem de casa, caberá aos pais replanejarem a sua vida de casal, de marido e esposa, com amor e companheirismo.



Felicidade

Cris - Cristina Valdez Borgmann

Você se considera uma mulher feliz... – isto não é uma pergunta, e nem uma afirmação.

Para começarmos, podemos lembrar o que possa ser a tal felicidade... Felicidade é um estado durável de plenitude, satisfação e equilíbrio físico e psíquico, em que o sofrimento e a inquietude são transformados em emoções ou sentimentos que vão desde o contentamento até a alegria intensa ou júbilo. A felicidade tem, ainda, o significado de bem-estar espiritual ou paz interior.

Seria mais simples se fosse somente isso. Mas, para cada uma de nós, felicidade tem um significado diferente. Tecnicamente, com todas as atribuições diárias, é difícil que nos sintamos felizes todos os dias... Fácil seria também dizer que, se não nos sentimos felizes, certamente é porque “algo” nos causa infelicidade. Hã, sei... Mas, e aí? Aí, é só acabar com aquilo que nos causa infelicidade. Ah, se fosse fácil assim... Só que os especialistas revelaram muitas coisas – como a relação surpreendente entre o poder das mulheres e a quantidade de sexo que elas praticam ou sobre o erro que o feminismo cometeu ao subordinar a maternidade à realização profissional. Mas nada se compara à experiência das próprias mulheres em organizar melhor suas vidas. E eu, como professora em um Studio de Pilates, já ouvi muitos, mas MUITOS relatos de mulheres. Sim, porque a grande maioria das minhas alunas (e alunos também) buscam alguém com quem se identificar, e que este alguém esteja disposto a ouvir suas histórias, suas experiências. Buscam ser acolhidas e ouvidas com atenção, num momento que é seu. Nós, mulheres, somos muito inconstantes, carregadas de emoção, e olha... É difícil encontrar uma mulher que se autodefinia como “feliz”.

“Toda mulher é uma rebelde, normalmente em revolta selvagem contra ela mesma”, escreveu o escritor irlandês Oscar Wilde. Em resumo, para sermos mulheres felizes, ou melhor, para eliminar o que nos causa infelicidade, é preciso algo relativamente simples: basta não sermos contrariadas, e estarmos bonitas e satisfeitas com o que o espelho reflete. Como certa vez já disse um grande amigo meu: “O espelho é terrível, pois poucas pessoas suportam olhar para si mesmas por longos períodos de tempo, já que, quanto mais olhamos para nós mesmos, mais defeitos encontramos, só que lamentavelmente esses defeitos vêm de dentro, e nada mais são do que as

cicatrizes da alma". Sermos bem sucedidas profissionalmente; termos um marido que nos auxilie em casa, com a casa e com os filhos; termos tempo para ir ao salão, à Academia; termos noites de sono bem dormidas; tempo para lazer no shopping; um bom restaurante; amor e carinho daquele que divide a cama conosco. Uma vez, ouvi a "receita" de uma amiga: já avisei o fulano, pra mim, sexo é pelo menos 3x por semana, com ele ou sem ele – e parece que funciona! (Óbvio, ela falou brincando). Homens, por falar neles, para que nos façam felizes, basta que sejam atenciosos, que saibam ouvir e dar atenção aos nossos medos, anseios e preocupações, que valorizem os momentos a dois, que sejam carinhosos – porque carinho faz bem... – e que, principalmente, esses momentos carinhosos não sejam demonstrados somente na hora do sexo. Que abracem, beijem e que gostem de andar de mãos dadas. Que reconheçam todo o nosso esforço em manter a organização do lar, dos filhos, que celebrem junto as grandes e pequenas conquistas, que peçam desculpas, mas que também saibam perdoar... Creedo, eu é que não queria ser homem...

Mas há quem leia e possa pensar: "Nossa, quanta bobagem..." Mas algumas mulheres, se fossem questionadas, diriam que uma casa própria seria capaz de fazê-las felizes. Outras mulheres, daquele tipo que têm tudo, mas absolutamente TUDO, que podem entrar no shopping e ir de loja em loja, comprando o que quiserem, sem nem ao menos olharem os preços, diriam que trocariam tudo isso por amor. Sim, porque, na grande maioria das vezes, "comprar" serve apenas para suprir a falta DE... Outras simplesmente diriam que saúde as faria plenamente felizes.

Para algumas mulheres, o segredo da felicidade é trabalhar muito, mesmo que isso signifique menos do precioso tempo ao lado dos filhos. Para outras, é viver à moda antiga, cuidando da casa, do marido e dos filhos. Há quem diga também que é um equilíbrio entre o trabalho e a família, já que é ótimo produzir e ser reconhecida profissionalmente. Outrora, ouvir um filho dizer que sua mãe é "demais" porque ela o faz dormir ou porque o seu carinho é o melhor de todos, ah... Isto não tem preço...

Enfim, a felicidade depende de uma série de fatores, inclusive do momento que estamos vivendo. Encontrar equilíbrio é o maior anseio das mulheres adultas. A felicidade é um tema central do budismo, doutrina religiosa criada na Índia por Sidarta Gautama por volta do século VI a.C. Para o budismo, a felicidade é a liberação do sofrimento. Segundo o ensinamento budista, a suprema felicidade só é obtida pela superação do desejo em todas as suas formas. A felicidade é uma questão primordialmente mental, no sentido de ser necessário, primeiramente, se identificar os fatores que causam a nossa infelicidade e os fatores que causam a nossa felicidade. Uma vez identificados esses fatores, para se atingir a felicidade, bastaria extinguir os primeiros e estimular os segundos.

Pensando bem, será que vale a pena ser totalmente feliz? Nesse contexto de inquietudes, há quem diga que quem não se preocupa, quem não tem perturbação alguma, seja de que esfera for, pode se tornar uma pessoa sem objetivos, sem anseios e sem metas. Já que a dificuldade é descrita como um degrau para o sucesso, os desconfortos, os tropeços e os momentos de infelicidade sempre farão parte de nossas vidas. Para esses e tantos outros momentos, existem aqueles que nos apoiam, nos ouvem e nos estendem a

mão. São esses, os nossos amigos, que farão a grande diferença na busca da felicidade, pois, como, um dia desses, me disse o meu filho Luiz Arthur, de 4 anos: "Mamãe, quem encontra um amigo encontra um tesouro e o tesouro dá felicidade!"

Desejo a todas as mulheres que, além de esposas, namoradas, mães e profissionais, tenham a árdua tarefa de educar, ensinar, sensibilizar e encantar, proporcionando momentos ímpares de felicidade, que sobreviverão unicamente na memória daqueles que tiveram o privilégio de vivenciá-los.

GARANTIAS BANCÁRIAS



Tecnologia



“Alô, quem está falando?”

Roberto Patrus

Até há bem pouco tempo, quando se fazia uma ligação para um telefone residencial, a pergunta que se fazia ao ouvir “Alô?”, do outro lado da linha, era: “Quem está falando?” Em famílias mais cerimoniosas, o pai recomendava não fazer essa pergunta, por considerá-la pouco educada, sem a civilidade considerada ideal. Aconselhava, no máximo, identificar-se antes de se perguntar quem está falando: “Aqui é o fulano de tal, com quem eu falo?” Também orientava os filhos para, quando atendessem chamadas, nunca dizer quem está falando antes de saber quem é que falava do outro lado. À pergunta “Quem está falando?”, respondia-se um seco número: “Você ligou para 3486-8686”. Na era da informação, a pergunta mudou. Quando se liga para um telefone celular, não se pergunta mais: “Quem está falando?” A pergunta agora é: “Alô! Onde você está?”

A razão desta mudança é clara. Com o advento do celular, o telefone deixou de ser um aparelho de uso coletivo e se transformou em um aparelho de uso exclusivamente pessoal. Certa vez, um indivíduo ligou para o meu celular. Como eu não podia atendê-lo, pedi à minha mulher que o fizesse. Ao ouvir o “Alô!”, pronunciado por uma voz de mulher, ele disse: Desculpe, foi engano. O telefone tocou em seguida, ela atendeu novamente e o rapaz lhe disse: “Estou ligando para o Roberto, e aqui, na loja, me deram esse número. Desculpe, de novo...” Antes de ele desligar, minha mulher lhe informou que, de fato, o telefone era o meu. E o “problema” estava resolvido.

O telefone fixo é da casa. Seu uso é coletivo. Todos os residentes fazem e recebem chamadas. Mas o telefone celular é pessoal. Seu uso é individual. Ele vai aonde o sujeito vai, no bolso, no cinto, na pasta, na bolsa. Sempre que quiser, alguém o acha, mesmo sem saber se a hora é apropriada. As pessoas mais educadas costumam perguntar: “Você está podendo falar agora?” Como outros não fazem essa pergunta, quando estão ocupados, muitos preferem deixar o aparelho desligado, ou no modo silencioso, para não atender ligações.

Parece claro que a pergunta não poderia continuar a mesma. Quando se liga para um celular, não faz sentido perguntar quem é que está falando, se seu uso é praticamente exclusivo. Embora essa pergunta – que alguns consideram uma intromissão indevida na privacidade do outro – tenha dado lugar a outra, o curioso é que a pergunta que a substitui – a de: “Onde você

está?" – mantém a mesma falta de cerimônia da primeira.

Vivemos em um mundo cada vez mais individualista. O consumismo anda de mãos dadas com o individualismo. Se, em uma casa, vivem cinco adultos, um telefone fixo serve para todos eles. Se a moderna tecnologia passa a oferecer a possibilidade de você fazer e receber ligações de onde estiver, todos vão querer um telefone celular. O benefício é grande, pois o telefone nunca estará ocupado se o próprio dono não o estiver usando. No entanto, serão vendidos cinco aparelhos móveis, ao invés de apenas um, fixo. E mais, são cinco novas contas. Como o custo da ligação do telefone celular é maior do que o da ligação do telefone fixo, ninguém manda desligar o telefone fixo. Resultado: na verdade, são agora seis contas.

Do ponto de vista individual, e desconsiderando-se os custos e a rápida obsolescência dos aparelhos de telefonia móvel, passa a ser uma grande vantagem que cada um tenha o seu próprio telefone, pois ninguém vai precisar esperar que o telefone seja desocupado para fazer sua(s) ligação(ões). Ao descrever a ansiedade pela espera do telefonema do amado, Roland Barthes dizia que "o apaixonado é aquele que espera..." No caso de um telefonema, a espera exigia de um sujeito apaixonado que ele ficasse imóvel, ao lado do telefone. Agora isto já não é mais preciso. O homem ganhou mais liberdade. Pode ir e vir como bem entender. Desde que esteja com o seu telefone a tiracolo, claro. Viva a tecnologia!

O apaixonado de Barthes ganha mais liberdade para procurar se distrair da sua ansiedade de espera. Mas ela continua ali, incomodando-o, lembrando-lhe de que o outro também é livre para abandoná-lo, e até mesmo para esquecê-lo. A sua ansiedade não foi resolvida. Cada vez mais livre, cada vez mais dono de novas tecnologias, cada vez mais consumidor, mas nem por isso menos ansioso. A atomização da família, ilustrada pela individualização da posse e do uso do telefone celular, não deu maior autonomia para que os indivíduos também sejam donos de si próprios, que sejam capazes de administrar a própria ansiedade e de respeitar o espaço e a privacidade do outro.

Se o respeito à própria individualidade é um valor, também o é o respeito à individualidade do outro. O telefone celular é um fantástico instrumento, que confere maior autonomia ao indivíduo. No entanto, isto não implica, necessariamente, o respeito à individualidade do outro. Desconfio que a tecnologia tenha mudado muito rapidamente as relações sociais, mas o indivíduo continua o mesmo. A falta de educação, revelada pela pergunta "Quem está falando?" ainda resiste, mesmo diante de uma nova tecnologia, só que transformada em uma nova pergunta: "Onde você está?", e que mantém a mesma essência da anterior.

A diferença está em que, quando a família ainda era um grupo, havia um pai para orientar o seu filho, entre outras importantes regras sociais, a como fazer e a como atender uma ligação telefônica. Por outro lado, na família atomizada de hoje, temo pela ausência deste educador. Não que ele não esteja ali para ensinar o modo correto de se proceder em diferentes situações sociais. São as situações sociais que estão se transformando em problemas privados, sobre os quais os pais não têm mais a liberdade de interferir, sob o pretexto de que estejam respeitando a individualidade do outro.

A consciência da civilidade, no sentido de respeitar o espaço do outro, e de ter, para com ele e com o ambiente, o mínimo de educação para conviver,

não cresce “a reboque” das novidades tecnológicas. Pelo contrário, parece que as inovações tecnológicas podem trazer novos desafios éticos, mas com o agravante de estes passarem despercebidos.



Vida Instantânea

Parte 1: Celulite e Aplicativos

Maria Tereza Saraiva de Souza

Estava a caminho do salão de cabelereiros quando recebi uma mensagem de um amigo no meu celular: "testando som, testando som...". Respondi, na sequência: "Som funcionando..." Fiquei, de certa forma, incomodada. E fui caminhando, pensando: como é difícil ficar ligada no celular, e verificar minhas mensagens na hora em que chegam. Em relação aos e-mails, às vezes respondo instantaneamente, e, às vezes, demoro dias ou até semanas. Os amigos já sabem disso, minhas filhas e marido ficam irritados. E, quanto aos menos amigos, no mínimo é uma ... (deixo para que eles completem). Preciso mudar. Quando retornar para casa, pensarei mais sobre o assunto. Sento-me na cadeira do salão e me sinto mais confortável. Em poucos minutos, chega uma linda jovem e pergunta à cabelereira se tem horário para a depilação. A cabelereira diz que sim e a jovem espera. Usava um short curto que exibia seu lindo corpo e suas pernas perfeitas, sem celulite. Acho que não poderia usar mais um short daqueles. Ou poderia? Talvez se eu voltasse a fazer ginástica e tomar sol. Por que não aceitei o convite dos meus amigos e fui andar de bicicleta com eles? A jovem rapidamente me aborda e pergunta se estou no congresso e se estava me preparando para a festa de encerramento; diz que também apresentou um paper no evento. Percebi que, enquanto conversava comigo, ela estava de cabeça baixa e com seu iphone na mão, que parecia a extensão de seus dedos. Lembrei imediatamente da minha filha de 15 anos e dessa postura tão familiar. Ela perguntou o meu nome e sobrenome, sem desviar o olhar do celular e disse, depois de poucos minutos, tudo que eu fiz no evento, o paper que apresentei, as sessões que coordenei. A partir daí, nossa conversa foi fácil, pois, nessa altura, ela já sabia mais da minha vida acadêmica do que eu. Ela já havia entrado no meu Lattes. Perguntou se eu tinha Tumblr, WhatsApp, Kik, Wechat, Snapchat, Instagram, Viber, etc. Eu fazia uma vaga ideia do que era tudo aquilo, aplicativos muito usados pelos adolescentes em seus celulares para encaminhar fotos, mensagens, etc. Percebendo meu semblante de interrogação, ela foi educada e em seguida perguntou se eu tinha Facebook, Twitter e Skype. Senti mais aliviada e respondi: não tenho Facebook, tenho um Twitter que atualizei duas vezes há três anos e tenho Skype que uso para

orientar meus alunos de outros estados, quando eles me solicitam por e-mail ou mensagem. Despedi-me da linda e conectada jovem, gostei da unha e do cabelo daquele salão, e saí, confiante, para a festa de encerramento. Estava pensando na banda e torcendo para tocar mais rock da década de oitenta. Lembrei ainda da ficção "12 Macacos", quando Bruce Willis volta ao passado e a sua felicidade ao escutar na rádio as músicas dessa década. Voltei logo ao meu desconforto inicial: preciso trocar meu celular e definitivamente ficar conectada ao mundo. Pensei como minha filha de 15 anos poderia me ajudar, mas não sei como iria conseguir gerenciar essa vida instantânea, tão facilmente administrada por ela. Acho que consigo recuperar minha defasagem tecnológica, mas quanto ao uso do short, esse será o maior desafio.

#éisso.



Vida Instantânea Parte 2: Não estou na vibe

Maria Tereza Saraiva de Souza

Eu estava assistindo a novela das sete e pensando: Quem é a personagem do bem e quem é a do mal? Ou são todos personagens ambíguos, não lineares? A boazinha tem lindos olhos azuis e um orfanato. Por outro lado, é obcecada pelos namorados da irmã, chegando a partir para cima deles, com a justificativa de que está batalhando pela sua felicidade. Sem querer discutir valores morais, mas se é o cúmulo da canalhice partir para cima de namorado, marido, ficante, seja lá o que for de amigas, agora imagina da própria irmã. Todos apoiam a boazinha, afinal, quem não tem bom caráter é a outra irmã, fútil e consumista, que adora comprar sapatos e não liga para criancinhas, além de tratar todos muito mal. Quando estava prestes a desvendar essas duas personagens, ela chega. Interrompe meu raciocínio que estava quase se fechando e se esparrama na minha cama. É claro que com o seu celular na mão. Percebi, depois de muitos beijinhos e apertos de bochechas, que era o momento de iniciar minha primeira aula: "Filha, me explica o que é Kik, Tumblr, WhatsApp, WeChat, Snapchat, Instagram, Viber". Ela se assustou e respondeu espontaneamente: "Para quê, mãe, você nem atende seu celular e não responde minhas mensagens. Vai me dizer que está querendo usar WhatsApp?" Falou séria, com jeito de filha revoltada que não tem a devida atenção da mãe. "Eu prometo que, quando eu criar meu Facebook, não vou postar remédio para cólica, vou dar dicas para curar ressaca". Aí começamos a rir e o clima mudou. "O que você quer saber mãe?" "Eu só quero entender o que é cada um desses aplicativos para celular". "Ok, eu vou abrir o Tumblr, que eu acho mais legal, mas é tipo "meio emo". As pessoas postam fotos e comentários legais". E lá fui eu conhecer esse aplicativo "tipo meio emo", as imagens se movimentavam, e isso não dá para colocar em outros aplicativos. "Vou mostrar agora o Snapchat. Veja a foto deste meu amigo". Ela abriu e, em 5 segundos, a foto se desintegrou. Perguntei: "Para que serve isso, se você não pode salvar as fotos de que gostou?" "Posso, fazendo um print screen". Não sabia que o celular podia salvar o que estava na tela como o PrntScnr do computador. Percebi que meu gap tecnológico era mais fundo. "Agora, vou mostrar para você o que é o Viber". Eu perguntei: "Vibe?" "Não, mãe, vibe é outra coisa?" "Ah, sim!!! Então, vamos deixar para

amanhã, porque hoje eu não estou mais na vibe. Vai dormir, filha, e desliga esse celular. Estou começando a me preocupar com sua dependência tecnológica". Voltei para minhas novelas. Agora, a das nove. Lá estava um novo personagem, ora vítima, ora algoz. Vítima do pai que o preteriu, a vida toda, em favor da irmã, e que o discriminou por ser homossexual. E algoz nas suas arbitrariedades pelo poder e dinheiro. Estava no meio desse raciocínio, pensando em como, hoje em dia, os personagens de novela são construídos de maneira diferente... Foi quando meu celular anunciou uma nova mensagem: "Vou deixar para ver amanhã. Afinal, quem mandaria uma mensagem às 10 horas da noite a não ser a conta da operadora ou avisos de banco?"

#éisso.



Vida Instantânea Parte 3: Celular emagrece

Maria Tereza Saraiva de Souza

Minha filha de oito anos anda incomodada com o meu celular: “Mãe, por que você não compra um celular novo?” Respondi que o meu recebe e faz ligações muito bem, além de enviar e receber mensagens. Uso meus celulares até o final da vida útil, sem constrangimento de exibir um equipamento tão obsoleto. Pesquisadores da área ambiental têm o hábito de não gerar lixo eletrônico. Lembrei de um amigo, também ambientalista, que teve a coragem e a segurança de abrir seu velho notebook, de mais de 5 anos de uso durante a reunião de editores, com direito a um som de fundo ao ser ligado, enquanto todos exibiam o último modelo de tablets finos e compactos.

Nada me estimulava o suficiente para eu tomar a decisão de trocar meu celular mas, naquele almoço, tudo mudou. Quatro professoras doutoras e pós-doutoras almoçando, e... falando do quê? Isso mesmo, dieta. A grande novidade surgiu durante o café. Nada de sopas milagrosas, mas um aplicativo para o celular onde o usuário digita o que comeu e ele faz os cálculos de calorias. Propõe ainda o que deve ser feito ao longo do dia, para queimar aquelas calorias acumuladas, tais como: andar, correr, malhar, etc. Algo parecido com o Vigilantes do Peso, mas na sua bolsa.

Tive vontade de correr até o shopping mais próximo e sair de lá com o aplicativo instalado no celular. Pronto: A decisão de compra foi tomada. Está na hora de trocar meu celular. Vou gerar lixo eletrônico sem dor na consciência e no bolso. Não vou mais consertar o touch screen que está dificultando minhas mensagens. Vamos lá... Enfim, comprado!!! Agora sim, vou perder esses cinco quilos.

Como é boa essa sensação infantil de ganhar um brinquedo novo! Tudo que vi em celulares alheios, nestes últimos anos, passei a usar no meu. Com a ajuda de amigos, comecei a usar todo o potencial do meu novo brinquedo. Atualizei minha agenda de endereços, passei a acessar meus e-mails e rede social, inseri na tela inicial a temperatura, passei a usar o GPS, iniciei minha dieta, e tudo com a ajuda do meu novo celular.

Agora está na hora de conhecer e instalar todos aqueles aplicativos que minha filha usa e de que os jogadores de futebol fazem propaganda. Cheguei em casa e lá estavam várias adolescentes juntas, com seus celulares

na mão, dando risadas: "ele curtiu minha foto". Fui, curiosa, conhecer o aplicativo. Minha filha, com seus dedos ágeis, rolou o touch screen e clicava em dezenas de fotos. Aparecia um coração a cada clique e o autor da postagem via que ela curtiu suas fotos.

A princípio, gostei do aplicativo, e fiquei pensando se teria alguma utilidade para mim. Imaginei que fotos eu iria postar do meu dia a dia: na frente do computador, no supermercado escolhendo melão ou do meu prato de salada. Pior de tudo, quem iria curtir essas fotos? Nesse momento, percebi que um celular novo também leva à reflexão sobre a vida. Será que não estou levando uma vida muito monótona? As mulheres, quando acham que precisam mudar de vida, mudam a cor do cabelo. Como já mudei tanto a cor do meu, acho que um novo celular é a aventura que faltava no meu dia a dia.

Vamos aos próximos aplicativos....

#éisso.



Mapas e GPSs: como encontrar os acasos?

Shana Sabbado Flores

Estrelas, bússolas, mapas e, finalmente, o GPS. Ao longo da história, a necessidade de viajar e andar pelo globo fizeram o homem desenvolver técnicas e instrumentos que lhe permitissem encontrar os destinos, os caminhos de ida e de volta pra casa, identificar o seu lugar no mundo em determinado momento. Sempre fico surpresa ao olhar as estrelas e imaginar a capacidade que tinham os navegadores (e alguns ainda têm), de se localizar olhando para o céu em um ambiente onde as referências de paisagem são mais escassas (ou nulas). Ou a maneira como “os mais antigos” podem dizer o horário olhando para a posição da sombra. Enfim, talvez sejam outras referências de tempo e de espaço.

Particularmente, os mapas sempre despertaram meu interesse. Cresci em uma família que sempre viajou muito, paixão que continuo mantendo viva. Nesse tempo, as viagens eram guiadas por mapas, placas e inúmeros pedidos de informações para os habitantes locais, taxistas ou frentistas de postos de gasolina – estes últimos, em geral, mais confiáveis. Então, entre orientações muitas vezes controversas (sobretudo nos quesitos “perto” ou “longe”), temperadas pelas discussões dos meus pais e frases do tipo: “Por que você não dobrou à direita?”, ou: “Você não entendeu a indicação?”, ou ainda a clássica: “Confie em mim, querida, não precisamos pedir informação, eu sei o caminho”, íamos “nos perdendo e nos achando” até chegar ao destino previsto (com maior ou menor atraso). Nesse contexto, comecei a olhar os mapas disponíveis no carro e aprender um pouco sobre as escalas e sinais de saída. E também a calcular o tempo para chegar até o destino, e mais umas “coisinhas do gênero”...

As coisas evoluíram consideravelmente. Hoje, contamos com o imbatível GPS. Uma voz (que escolhemos) nos indica exatamente o caminho para onde queremos chegar. Ele é “à prova de erros” (será?), uma vez que, se o motorista não entendeu que deveria pegar a primeira saída, ele logo recalcula a rota e propõe alternativas, o que contribui definitivamente para a redução das discussões dos casais nas viagens. Tal tecnologia se disseminou de tal forma, que hoje podemos contar com ela em nossos smartphones, o que facilita nossas visitas turísticas: podemos sair para andar pelas cidades

despreocupados. É só colocar uma rota no GPS, e caminhamos olhando para o celular e seguindo a rota proposta. E este aspecto particular também pode ser considerado como um fenômeno interessante, que leva as pessoas a confiar mais no proposto pela tela do que no que nos seus próprios olhos, uma vez que não precisam observar placas ou eleger pontos de referência para indicar a algum amigo, ou para encontrar o caminho de volta ao hotel. E tomara que não acabe a bateria do telefone... Senão, começa a "crise do maps-dependência". Afinal, como vou me achar sem meu telefone?

Bom, longe de iniciar um movimento antitecnologia, a ideia aqui está em se refletir um pouco sobre as formas disponíveis para nos deslocarmos e para conhecermos o mundo. É claro que a popularização de tecnologias como o GPS e as imagens de satélites trazem, para o nosso cotidiano, inúmeras oportunidades. Elas podem facilitar muito a vida dos viajantes contemporâneos. Mas, aí, eu me pergunto algumas coisas do tipo: onde fica o parar e tentar conversar com algum habitante local, para descobrir um lugar novo? Provavelmente, a resposta seria diferente das dos guias de viagem, mas também poderia levar a surpresas agradáveis. Ou, ainda, o fato de caminhar e se perder pelas ruas de uma cidade e, de repente, "dar de cara" com algum monumento, estilo arquitetônico ou cena totalmente inesperada e apaixonante? São coisas como estas que fazem parte das tais "histórias pra contar", ao voltar de uma viagem.

Será que esses acasos realmente acontecem "por acaso"? Quando nos perdemos e procuramos encontrar de novo o rumo previsto, eles podem nos trazer um tanto de inspiração? Talvez, a descoberta de novos caminhos? Nesse sentido, o GPS pode ser mais uma forma de "controlarmos" nossos tempos e destinos. Programamos exatamente onde queremos ir e chegar, além de como fazer isso. Aí pode ser questionável onde fica nossa capacidade de olhar o mundo, de aprender com ele, de se sentir presente e participante, de se permitir o erro de se perder e a alegria de se encontrar novamente.

O fato é que todo aprendizado e ação está em nós mesmos, numa lógica de que a tal "experiência" tem muito mais a ver com o que fizemos a partir do que acontece com a gente do que propriamente com os fatos em si. Então, nessa "era do GPS", será que ainda existe lugar para explorar e dar ao acaso um lugar de protagonista (pelo menos de vez em quando)? Afinal, as inovações e grandes descobertas trazem um tanto de disciplina e acumulação, temperadas com o acaso de olhar para o que todo mundo vê, porém de maneira diferente. E não vejo como inovar sem se permitir novas experiências, uma vez que "está cientificamente provado" que a inovação tem relação direta com algo vivido ou experimentado, ou seja, que as chances de alguém ter uma grande ideia sobre algo totalmente desconhecido, mais ou menos no estilo da "geração espontânea", são ínfimas.

Enfim, nesse contexto de viagens e novas explorações, sigo fiel aos mapas nas minhas mãos, acompanhados de um olhar no horizonte, marcando referências para saber como voltar. É claro, com o meu smartphone no bolso, com o GPS calibrado, para o caso de uma emergência... Afinal, nunca se sabe o que os acasos podem nos trazer, não é mesmo?

Hobbies

(Culinária, Dança, Canto, Fotografar...)



Alquimia da cozinha

Ade - Adelaide Kreutz Pustai

Desde pequena, me sinto atraída pela cozinha. Talvez porque, no meu tempo de criança, a cozinha não servia apenas para cozinhar, também era um local importante para o convívio familiar. Era o local onde fazíamos todas as refeições em família. Quase sempre o fogão a lenha estava aceso, e era ao redor dele que acompanhávamos a mãe fazendo quitutes e o pai, à noite, nos contando histórias antes de dormir.

Entre os quitutes que a mãe preparava, os doces eram meus preferidos. As bolachas recheadas com coco eram um verdadeiro deleite, e eu tinha uma fissura pelo puxa-puxa de melado que ela fazia. Lembro de que, quando tinha 8 ou 9 anos, achei que já poderia me aventurar a fazer esta guloseima, auxiliada por um dos meus irmãos, que tinha apenas 4 ou 5 anos. Assim, lá fomos nós para a cozinha, enquanto o pai e a mãe seesteavam. Só que eu não contava com o peso da caçarola de ferro e, ao tentar derramar o melado borbulhando em uma forma, um pingo gigante caiu no meu braço. Foram algumas árduas semanas para curar esta arceirice de criança.

Conto isto porque é uma das minhas primeiras memórias afetivas de incursões pela cozinha. Ainda bem que este pequeno acidente não me deixou traumatizada, porque, desde então, sempre me aventuro em meio às panelas. Minha mãe sempre teve (e continua tendo) a maior paciência para ensinar. Outra lembrança que guardo com muito carinho são as cucas que ela fazia no forno a lenha, no pátio dos fundos da casa. Fecho os olhos e, além de visualizar aquela fornada dourada de cucas, sinto o seu sabor maravilhoso. Nunca consegui imitar a cuca da mãe: este sabor será sempre inigualável.

Certa vez, o famoso chef peruano Gastón Acurio falou que o cozinheiro é um “caçador” de sabores. Achei esta definição perfeita, porque quem cozinha por prazer está sempre buscando o sabor que vai impactar o paladar daqueles para quem se está cozinhando.

Acho que a cozinha é um primoroso laboratório de sabores, aromas e “alquimias”. Quando preparo um prato, fico pensando: será que vai ficar bom? Impactar o paladar dos outros, despertando ou criando novas memórias, para mim, é o maior prazer. Aliás, sinto até mais prazer e felicidade interior quando o que cozinhei agradou, do que ao saborear o prato que preparei. Estes são momentos que guardo na alma! Aliás, esta é a verdadeira cozinha da alma, onde fica implícita a celebração da vida, de bons momentos, do

convívio, da alegria de estar com o outro, de partilhar. Observar as reações e o prazer que os sabores despertam são as gotas de felicidade que abastecem a vida de energia.

É por estas razões que a cozinha e o ato de cozinhar acabam sendo um ponto de encontro, onde a boa comida é como um abraço apertado, envolvente, trazendo conforto para os comensais. Não deixa de ser uma forma de carinho, carregado de uma certa magia. Acho que esta é a magia que vai contagiando os filhos e, quem sabe, atravessando gerações!



O primeiro espetáculo flamenco

Clezio Saldanha Dos Santos

O Flamenco: arte, música, ideologia, família, folclore, paixão, expressão, comunicação, e muito mais. Hoje faleceu Paco de Lucia: um ícone, um gênio que fez, com sua convicção de artista e de músico, um estilo de vida ser transformado em um estilo de música que ficou conhecido em todo o planeta. Ainda emocionado pelo episódio, resolvi fazer esse texto.

A dança flamenca nasceu da mistura de culturas de povos nômades, e é resultado de manifestações folclóricas de vários grupos que, ao passar pelo crivo dos andaluzes, se transformou em uma cultura localizada, com traços fortes e personalidade vibrante. Uma arte que se comunica através de movimentos do corpo, principalmente pelo sapateado, motivados pelo som de uma guitarra espanhola e por outros sons incorporados ao longo do tempo, como o cajón (agregado por Paco de Lucia). Suas melodias, muitas delas alegres, outras tristes, umas provocativas e outras críticas, nos proporcionam sentimentos como se fosse uma viagem ao convívio cigano.

Quando os bailarões entram no palco, com suas vestes típicas, os homens contagiam pelo semblante masculino conquistador e compenetrado; as mulheres, por sua vez, despertam os olhares mais sedutores por suas silhuetas e pelas expressões dos seus corpos. Neste momento, a força da arte também entra em cena, pois a dança e a cantoria são a pura manifestação da "dor de cotovelo", ou então, da solidão ou da provocação, mas também podem ser uma fiel mostra da alegria da festa ou de uma paixão fiel e encantadora.

O resultado desse turbilhão é um fascínio pela cultura e pelo estilo de vida dos seus criadores. Sem deixar de ser música e poesia de raiz popular, pode-se dizer, segunda a opinião da maioria dos estudiosos, que o flamenco é um folclore elevado à arte, tanto por suas dificuldades interpretativas quanto por sua concepção e formas musicais.

Mas, aquele ano em que participei, pela primeira vez, de um espetáculo de flamenco, foi um ano de trabalho duro, pois, além de uma adaptação à cultura, também foi necessário aprender os passos da dança e sua sequência, os ritmos, o entrosamento com os colegas, as etapas do espetáculo e, o mais audacioso, a conquistar o público.

Os ensaios eram duros, pelo menos três vezes por semana. Era um intensivo de sapateado, intervalados com sequências de passos. Seguidamente, faltavam colegas aos ensaios, pois não conseguiam conciliar suas atividades

profissionais com a dança. Isto dava mais trabalho aos professores, para fazer a harmonia do grupo e fazer os ensaios de acordo com a mesma dificuldade do grupo em uma sequência de passos.

Na medida em que os passos iam ficando mais firmes, os professores incorporavam, aos passos, os movimentos de corpo, mãos, tronco e cabeça, até se chegar ao passo final. Por último, entrava a música, para auxiliar na identificação da sequência de movimentos.

Era imprescindível conhecer o bolero, o tango, a sevillhana, a buleria, a alegria, as palmas, a utilização de castanholas. E tudo isso sendo conjugado através da emoção que era esboçada na música. Era a mais pura arte sendo lapidada, cultivada e preservada.

Houve a fase de definição do figurino, a fim de alinhar as vestes ao tema principal do espetáculo. Para os homens, os trajes definidos eram mais clássicos, um terno, às vezes completo, e, noutras vezes, com camisas por fora da cinta. Já para as mulheres, variavam seus vestidos de acordo com o roteiro do espetáculo, muitas vezes com cores vibrantes e outras com cores em tons pastel, lisas ou com estampas floreadas.

Às vésperas do ensaio, conhecemos o roteiro do espetáculo, os músicos, os artistas convidados, os cantadores, os baillaores, e todas as coreografias. Nessa fase, os ensaios se tornavam mais intensos e com todos os participantes presentes. Nessas alturas, já conhecíamos o potencial dos colegas, suas forças e fraquezas, bem como suas atitudes frente aos desafios. Era hora de a coreógrafa escolher as posições de cada um de nós no palco. A tensão aflo-rava, principalmente para os iniciantes, como eu. Para mim, tudo era novo. Tudo era surpreendente e fascinante, dia após dia.

A hora do espetáculo chegou. A casa estava repleta de espectadores. O palco estava preparado, com um cenário no fundo, lembrando o tema principal. Microfones foram embutidos perto do solo, para se ouvir com maior nitidez o impacto dos sapateadores. Os baillaores prontos, já vestidos e maquiados, todos com o roteiro decorado. Todos estavam muito concentrados na sequência dos passos da sua coreografia. Os músicos também estavam a postos. E, talvez em todos, a ansiedade, o nervosismo, angústia; alegria; o medo de errar. Naquele momento, tudo o que ia aparecer no palco estava concentrado em cada um de nós.

Depois de um ano de preparação, as luzes se acenderam, nós entramos na hora certa, e no contar dos passos (aqueles segundos se tornavam uma eternidade), os músicos avisaram: – Era hora de começar a coreografia. Mal sentia os meus pés, a emoção e a razão se misturavam de uma intensidade impressionante, as mãos se contorciam, o corpo tenso, mas os ouvidos alertas (conforme avisos do professor). O meu olhar era penetrante, mas era fixo num ponto, o suor invadia as vestes, os cabelos acompanhavam movimentos bruscos dos braços. A concentração era tamanha, na sequência e na sincronia dos movimentos com a música, que, durante a apresentação, esqueci da presença da plateia.

A última pisada, naquele palco, naquela coreografia, foi forte, foi invasiva, foi vibrante. Foi quando as luzes se intensificaram e os aplausos tomaram conta da cena. A sensação de alegria efervescente foi de ter conquistado o público. No final do espetáculo, a plateia levantou-se, em sinal de reconhecimento. Nessa hora, as lágrimas contaram a história da perseverança, da

garra, da felicidade, mesmo que momentânea.

Mas o melhor de tudo isso é que a arte sobrevive graças às pessoas que se dedicam a uma paixão e amam o que fazem. Cantando, organizando, dançando, pintando ou construindo, fazem do nosso dia a dia um espetáculo.

Se um dia chegarmos a ser profissionais de alguma coisa, é porque passamos por um primeiro espetáculo da vida, entre a ciência e a arte, como "Entre dos Aguas" de Paco de Lucia, seu primeiro grande sucesso.



Transformando o tédio em melodia

Sebastian - Sebastião Leão Fialho Guedes

A música sempre foi a expressão de arte que, em mim, causou maior impacto. Se fecho os olhos e faço a memória viajar no tempo, cada instante especial teve um fundo musical. Ah, se teve...

Da criança tímida pelos corredores da casa, do guri no Demétrio Ribeiro, do adolescente descobrindo a vida pelas esquinas de Alegrete, do acadêmico despertando para o mundo em Santa Maria, do homem que "a aldeia" acolheu de volta, de tudo e em tudo, sempre uma canção. Minha vida toda pode ser retratada em trilhas sonoras que a própria sensibilidade estabeleceu.

Através da arte, tantos encontram o seu espaço de expressão e manifestação. Mas no outro lado do processo criativo estamos nós, aqueles que curtem, que se emocionam e que dão sentido à expressão do talento.

O meu "começo" foi ao som de Chicco, Caetano e Vinícius (alguém disse que este já nasceu no plural). Aberto a todos os sons, nunca tive constrangimento em soltar a voz. Fiz de hino canções do Gonzaguinha, me emocionei com "tons e mil tons geniais".

Do samba à seresta, da bossa nova ao rock'n'roll, foi de melodias que alimentei meus sonhos.

Alma escancarada à emoção – mesmo um tanto exagerada – "... solto a voz na minha estrada..." Faço ecoar as canções que me alimentam. Bebi da fonte da melhor MPB e sempre entendi que "Música é o barulho que pensa!"

Realizado profissionalmente na Fisioterapia – lá se vão 33 anos – cantar virou um dos meus hobbies preferidos. Tem gente que faz terapia; muitos, Academia; outros tantos, filantropia. Eu prefiro "cantoria".

Sou dos que acreditam que, sem a música, a vida seria um erro.

Trago no peito a lembrança de cada amigo do caminho. E o Cazuza me ensinou que a poesia que a gente não vive pode transformar o tédio em melodia!

Bons sons!

TRANSFORMANDO TÉDIO EM MELODIA

DOUTOR, QUAL
O REMÉDIO PARA
O MEU TÉDIO?
FAZER TERAPIA,
ACADEMIA,
FILANTROPIA?

NADA DISSO!
APENAS
"CANTORIA"!





Reflexões sobre o autorretrato

Cris - Cristiane Pizzutti

Há pouco, o dicionário inglês Oxford elegeu a palavra "selfie", que significa o ato de se autofotografar, como a "palavra do ano" no Reino Unido. Já há algum tempo venho tentando entender esse comportamento de se autofotografar, que é mais frequente entre os mais jovens. Uma das razões para isso é que o foco é mesmo dividir as "autofotos" com amigos nas redes sociais, que são mais atrativas para esse público. Mas também imagino que não haja muitos adeptos entre os "mais velhos" porque os "super closes" fazem com que as "super-rugas" saltem aos olhos. Aparentemente, tudo começou quando um desses jovens teve aquele momento em que se olhou no espelho e se sentiu gatão (para usar uma palavra "bem moderna"). Daí a começar a se fotografar "fazendo caras e bocas" diante do espelho "é um pulo". O filósofo brasileiro Mc Bola já havia detectado esse fenômeno, ao escrever a seguinte poesia ultramoderna "É a mais-mais, ela arrasa no look. Tira foto no espelho pra postar no facebook". Mas, voltando ao que interessa, depois eles começaram a esticar o braço o máximo que podiam, a virar a câmera para si mesmos e "Click! Click! Click!" E eis que surge o ato de se autofotografar. Que, diga-se de passagem, só é possível com o advento da câmera digital. E eles fazem isso em praticamente todas as situações. Em shows – eles ficam de costas para o palco e para o artista, estendem o braço e "Click! Click! Click!" No estádio de futebol. Em frente à estátua. "Click! Click! Click!" À beira-mar. E até em momentos não tão adequados assim. Em um site para adolescentes, encontrei as seguintes dicas: respeite a privacidade dos outros, não faça selfies no banheiro ocupado; se sofrer um acidente, hospital primeiro, selfie depois; e não faça selfie em um funeral, muito menos com as cinzas de sua avó. Me pergunto se esse será um comportamento extremado de individualismo. Sinceramente, não sei responder. Antes, quando estávamos sozinhos, tínhamos que ser simpáticos e pedir a alguém (provavelmente, um estranho), para tirar a nossa foto. Inclusive aprendíamos como dizer isso em várias línguas: "Sacar una foto?"; "Could you take a picture for me?"; "Benim için bir resim alabilir?" O resultado do 'selfie' é que, atualmente, é possível fazer uma viagem inteira sozinho, sem conversar com ninguém além do recepcionista do hotel e dos garçons dos restaurantes. Será que sou a única a sentir saudade daquela maravilhosa espera, enquanto nossas fotos eram reveladas naquele papel brilhante 9 x 13? E quando deixávamos

o filme mal encaixado dentro da máquina e saíamos a tirar fotos, às vezes 36 poses, sem perceber que não estávamos tirando foto alguma? Frustração total. E quando abríamos a máquina sem ter rebobinado totalmente o filme? Queimação total. E a economia que tínhamos que fazer? Cada foto tirada era uma 'pose' que não voltava mais. Era preciso pensar, enquadrar, posar, suspirar e finalmente clicar e "seja lá o que Deus quiser..." Ter boas fotografias era questão de muita atenção, paciência e certa perseverança. Agora, é só esticarmos o braço, sorrir e "partir para o abraço!"



Somos mais ou menos apaixonados pela fotografia?

Luis Felipe Nascimento

A fotografia pode ser arte, registro histórico ou a captura de um momento do cotidiano. É difícil atribuir o justo valor para uma foto, porque ela tem muito de quem a fez. Milhares de pessoas podem passar por um local e não perceber o detalhe percebido por um fotógrafo. Para quem olha, a foto é apenas uma imagem, mas, para o fotógrafo, ela tem os cinco sentidos. Ela pode ter gosto, cheiro, sons, ou pode lembrar frio, calor, dor. Enfim, a foto é como um chip, que armazena milhares de informações.

A minha geração conheceu câmeras que utilizavam filmes de 12, 24 ou 36 poses. O negativo devia ser "engatado" na máquina antes de fechar a tampa. Depois de fazer todas as fotos, era necessário "rebobinar" o filme. Se não tivesse bem engatado, ou se abrisse a tampa traseira antes de rebobinar, teria perdido todo, TODO o filme. Só depois é que o filme seria levado para a revelação. As fotos eram conhecidas somente depois do final das férias!

Com poucas poses disponíveis, era preciso escolher o melhor ângulo para fotografar e pensar em todos os detalhes antes de fazer uma foto. Outra opção eram os slides (diapositivos), que exigiam um projetor e um local escuro para sua projeção. Geralmente provocavam sono nos menos interessados na apresentação. Lembro de uma apresentação de slides, feita após o jantar, por um primo que havia retornado da Europa. Apesar do cotovelo da minha mãe, que o cutucava frequentemente, meu pai roncou quase todo o tempo!

Quando surgiu a fotografia, imaginava-se que seria o fim da pintura. Quando a fotografia digital se popularizou por meio da inserção de câmeras em celulares, computadores, tablets, alegou-se que estava ocorrendo uma banalização do ato de fotografar. Na dúvida, se faz 2, 3, 10 fotos do mesmo motivo. Após cada foto, verifica-se o resultado. As câmeras fotográficas para amadores, com película, estão com os dias contados, restarão apenas as câmeras profissionais.

Uma escola, em Porto Alegre, proibiu os alunos de levarem celulares, tablets e computadores no passeio que estava organizando, mas permitiu que eles levassem máquinas fotográficas. A reação foi imediata: "Como assim, máquina fotográfica?" A maioria dos alunos não tinha "máquina fotográfica" em casa. Ora! Foto se faz é no celular ou com o tablet!!!

As novas tecnologias mudaram também a forma de fotografar. Há bem pouco tempo, era raro alguém se autofotografar. Quando faziam, utilizavam espelhos. Hoje a autofotografia se popularizou e tem outros objetivos. Talvez os "selfies" (pessoas que fazem fotos de si mesma) queiram apenas postar a foto no Facebook ou em algum outro aplicativo, e mostrar para os amigos onde estão, com quem estão ou o que estão fazendo. Não importam o enquadramento, a luz, etc.

Apesar desta popularização da autofotografia, ainda existem muitas pessoas resistentes a aparecer numa foto. Observe o comportamento das pessoas e perceba que algumas adoram aparecer nas fotos. E, quando estão num grupo, estão na primeira fila. E há as outras, que simplesmente não gostam de ser fotografadas. Quando "obrigadas", aparecem sérias e na última fila, de modo a aparecer o mínimo possível. Qual seria a explicação disto? Timidez ou medo de que a foto seja utilizada de forma inapropriada? Hoje não é mais possível simplesmente "evitar ser fotografado". Basta estar numa festa ou em lugares públicos para alguém fazer uma foto e divulgá-la para o mundo.

Não houve grandes alterações na forma de fotografar eventos como casamentos e formaturas, pois estes são registros formais, que vão para um álbum físico ou eletrônico. Aqui a qualidade da foto é importante e a tarefa cabe a um profissional.

Muitas pessoas continuam fazendo fotos em férias e viagens, pois esta é uma forma de guardar as memórias. Quem está na foto ficará na memória!

Não sei avaliar se a difusão de equipamentos com câmeras embutidas teria estimulado o gosto pela fotografia, ou roubado o prazer de produzir uma excelente foto. Será que hoje temos mais ou menos fotógrafos realmente apaixonados por fotografia?

Os apaixonados por fotografia são pessoas chatas e de difícil convivência numa viagem. Simplesmente não podem viajar com quem não curte muito fotografia, pois gastam muito tempo em cada motivo, ou decidem aguardar por horas, até chegar o momento ideal para fotografar. Eu me incluo no grupo dos chatos, aqueles que adoram fotografar. Minha sorte é que a minha esposa é mais chata do que eu, ou seja, ela é uma fotógrafa melhor. Já fizemos madrugadas para fotografar o nascer do sol em determinados lugares, e muitas vezes ele não apareceu, se escondeu atrás das nuvens. Já fizemos 500 km para fotografar uma pedra, mas era "a" pedra (Monument Valley).

Outra forma de analisar a relação dos fotógrafos com as fotografias é verificar como eles armazenam a sua produção. Você consegue localizar, rapidamente, uma foto feita há dois anos? Se você sabe onde está aquela foto, é por que ela é importante para você.

As pessoas que gostam de fotografar geralmente escolhem bem os seus temas/motivos. Estes geralmente são pessoas, flores, animais, portas/janelas, etc., com alguma característica em particular. Sebastião Salgado, o mais famoso fotógrafo brasileiro, tem uma coleção de fotos de pessoas trabalhando em condições precárias. Eu também tenho minhas coleções, algumas pouco tradicionais, como por exemplo, a de fotografias de "fotógrafos e das poses dos fotografados". Tenho também uma coleção de placas e anúncios curiosos. Minha esposa adora fotografar flores e raízes de árvores. Enfim, cada um tem as suas preferências.

As câmeras e lentes profissionais, antes caríssimas, estão se tornando cada vez mais acessíveis. Mas não basta comprar uma câmera profissional para fazer boas fotos. Aliás, um comentário frequente de quem olha as fotos é: "Mas que máquina boa esta tua!", tirando todo o mérito do fotógrafo.

Se você gosta de fotografar, invista mais em aprender a fazer boas fotos do que em equipamentos profissionais. Qualquer celular mediano consegue fazer uma foto de relativa qualidade. Não precisamos ser profissionais, mas podemos ser amadores competentes, continuar fazendo fotos que as milhares de pessoas que passaram por aquele ponto não perceberam que podiam ser feitas.

Esporte e Lazer



Minha vida de mergulhos

Ana Ikeda

A Academia me trouxe muitas alegrias e realizações. É bom dar aulas, pesquisar, orientar trabalhos, conhecer e ter contato com gente nova. Como nossos alunos, com o passar dos semestres e anos, vão sendo substituídos, os atuais estão sempre na mesma faixa etária, e isso faz com que uma parte nossa jamais envelheça. No entanto, também tem o lado dolorido, que são os “ossos do ofício”: os pontos Qualis, os pareceres, os conflitos, as avaliações, entre outros.

Há uns quinze anos, incentivada por meu marido Marcos Campomar (também professor), achei minha “válvula de escape” e aprendi a mergulhar (scuba diving). E não parei mais. No início, esparsamente, mas ultimamente, em toda oportunidade ou brecha no calendário escolar, estamos em um dos “sete mares” fazendo um safari (palavra de origem suaili que significa journey ou viagem) oceânico, desbravando um mundo repleto de beleza e animais marinhos. Nunca pensei que houvesse uma variedade tão grande. Agora, a minha biblioteca de vida marinha e de lugares de mergulhos é tão vasta quanto a acadêmica.

Somos máster scuba divers, que é o nível máximo do mergulho recreativo (não profissional) com 8 cursos realizados. Temos mais de 1500 mergulhos em lugares como Brasil, Caribe, África, Ásia, Micronésia, Melanésia, Polinésia, Oceania, entre outros.

Lugares como Revillagigedo, Galápagos, Raja Ampat, Malpelo, Palau, Yap, Aliwal Shoal, Komodo, Fakarava, Tubbataha, Malapascua, Lembeh, Kimbe Bay, Ilhas Cocos são nossos preferidos e provavelmente desconhecidos pelo viajante comum. Assim como palavras e expressões como muck diving (mergulho em areia escura com criaturas extravagantes, diferentes e esquisitas); mola-mola (peixe em forma de lua que pode chegar a 3 metros); fotos macro (fotos de bichos pequenos onde se usa a lente macro) são parte de nosso vocabulário cotidiano. E até achamos engraçado quando alguém chama as nadadeiras de “pés-de-pato” e as vestes de neoprene de “roupa de borracha”.

É lógico que a “tribo de mergulhadores” não tem nada a ver com a “tribo dos acadêmicos”. E estar num grupo diferente é bom e saudável. Para mim, que pratico o mergulho recreativo, mergulhar é uma diversão ligada a fins de semana, férias e feriados, enquanto a vida acadêmica é o trabalho ligado

a dever e obrigação. Então, a grande diferença já começa por aí, mas vai muito além. As cabeças, as conversas, a interação, o relacionamento, os lugares. Todos são estimulantes para novos e velhos mergulhadores. Quando algo chato acontece no trabalho, é um alívio pensar: "daqui a poucos dias vou mergulhar e tudo isso vai se tornar irrelevante".

A sensação do mergulho é indescritível, e há momentos em que me sinto como um pássaro voando. Imagine um mergulho a 30 metros de profundidade, com também 30 metros de visibilidade, em águas a uma temperatura entre 27°C e 28°C, com paredões irregulares ao lado; com peixes coloridos, tubarões, arraias jamanta, vida macro e corais moles e duros. É o lugar ideal para se mergulhar. Lugares como esse existem "aos montes" na Indonésia, Filipinas, Malásia, Maldivas, Papua Nova Guiné, Mar Vermelho, Fiji e muitos outros.

Particularmente, o meu bicho preferido é o enorme tubarão-baleia. Quando ele aparece é um frenesi geral. Todos ficam excitados com uma visão tão deslumbrante e por alguns minutos esquece-se de tudo e o foco é só ele! O segundo preferido é a arraia-jamanta, seguidos do tubarão-tigre e do tubarão-martelo (há vários tipos de tubarão, e se leva algum tempo para aprender a distingui-los). A maioria é inofensiva aos seres humanos, pois eles têm muito mais medo de nós, que somos os seus grandes predadores, do que a gente deles. O grande segredo para não ter problemas com os animais marinhos é não perturbá-los (tocando, perseguindo ou cutucando). E, no mergulho, o segredo é: "Nunca entrar em pânico".

Mergulhar a partir de acomodações em terra ou em liveboards (embarcado) são as alternativas existentes. Os mais aficionados (como eu) preferem o segundo, que significa morar de 5 a 10 dias em um barco, em lugares remotos, mergulhando até cinco vezes ao dia, inclusive à noite. Na volta ao barco, as conversas giram em torno do que vimos e sentimos nos mergulhos.

Como "o melhor da festa é esperar por ela", planejar a próxima viagem de mergulho é um passatempo divertido e eu gosto de fazer isso. É uma forma de viajar três vezes: antes, durante e depois, revendo as fotos. Viajar pelo fundo do mar, para nós, é muito mais gostoso do que conhecer a superfície das cidades.



Vício bom... Será possível?

Paula Licodiedoff

Nossa concepção sobre os vícios está, via de regra, ligada a uma ideia negativa, que nos remete a situações inevitáveis de dor e sofrimento. O vício, nesta perspectiva é sempre relacionado a maus hábitos, usualmente a drogas das mais variadas origens, que degeneram o indivíduo e que acabam por destruir tanto suas relações interiores, quanto suas relações com aqueles de quem ele está próximo ou deles se aproxima.

O cotidiano da psiquiatria tem me confirmado esta situação de aflição que os vícios mais severos impõem ao viciado e àqueles que o cercam. E isto só vem a confirmar essa impressão geral que temos sobre a inevitável vinculação do vício à dor, ao sofrimento e à degeneração.

Mas aqui gostaria de dividir com todos algumas reflexões que tenho sobre o que costumo chamar de "bons vícios". As aspas são propositalmente colocadas para despertar a curiosidade: será possível termos vícios que possam ser ditos como "bons"?

Os chocólatras poderiam dizer – pensarão muitos – que eles seriam uma exceção entre os viciados, pois seu vício recai sobre uma das delícias da humanidade. Também não muito distante deles estariam os viciados em sexo, que bradariam também serem privilegiados por terem seu vício direcionado a atos tão reconhecidamente prazerosos. Entretanto, obviamente que não é sobre estes vícios a que me refiro, quando desafio a reflexão sobre a possibilidade de nos depararmos com os tais "bons vícios". Os viciados em sexo e em chocolate entendem bem o que digo, podem ter certeza. Por melhores que possam ser o chocolate e o sexo, o vício em ambos também é destrutivo e é um problema real a ser enfrentado.

Mas voltando a questão: Se os vícios em chocolate e em sexo não pode ser enquadrado como "bom vício", o que então poderia ocupar esta "distinta posição"?

Contrariando uma boa parte de doutores em semântica e os estudiosos da origem etimológica de nossos vocábulos, minha prática psiquiátrica me fez forjar um conceito de vício que se afasta um pouco da origem latina da expressão vitium, que se traduz por falha ou defeito. Na minha própria conceituação de vício, este se forma pela conjugação de três elementos básicos e essenciais: a) dependência química, do ponto de vista orgânico; b) supressão de nossa vontade consciente em relação ao objeto de nosso vício;

c) prática recorrente e habitual.

Como podem perceber, ouse abstrair do conceito acima as consequências degenerativas do vício, embora estejam estas presentes na maioria dos vícios com os quais lido em meu cotidiano na psiquiatria.

É justamente esta desvinculação entre vício e consequência degenerativa que abre a porta para que possamos cogitar da existência dos “bons vícios”, em uma contraposição aos “maus vícios”. Não faltarão aqueles estudiosos da nossa língua mater que bombardeiem minhas humildes reflexões, para me lembrar que o oposto de vício é virtude (*vitium* e *virtus*). Mas, como minhas reflexões não são sobre semântica e sim sobre comportamento, insisto na possibilidade de que podemos ser “vítimas” de bons vícios e nem por isso nos tornarmos virtuosos, na acepção literal do termo – agora, as aspas foram um sarcasmo.

Também é importante destacar que a minha concepção de “bons vícios” em nada se relaciona com o conceito de “bons hábitos”, pois estes últimos não apresentam nem o elemento da dependência e nem a supressão de nossa vontade consciente.

Pois bem, feita toda esta introdução, nada melhor que um exemplo do que considero um “bom vício” para ajudar a esclarecer aqueles que aceitaram o convite de dividir as reflexões expostas nesta coluna: CORRER.

Seguindo meu rígido conceito acerca do vício, que se distingue em bom ou mau pelas suas consequências – e não necessariamente por sua existência – a corrida pode ser enquadrada perfeitamente nos três elementos essenciais que, a meu ver, configuram o vício: a) a endorfina é um neurotransmissor similar à noradrenalina, dopamina e outros e, sem qualquer discussão acadêmica, gera dependência química pelo seu efeito relaxante, prazeroso e que traz uma sensação inequívoca de euforia e bem estar; b) quem corre há tempo suficiente para ser “fisgado” pela endorfina, perde completamente o poder de dizer um “não” consciente à corrida: corre na chuva, no sol, no frio, em véspera de prova – ou pior, como aqui me confesso, até em dia de prova; c) faz desta atividade um hábito recorrente.

Notem que os três elementos básicos que entendo serem caracterizadores do vício estão presentes, faltando apenas analisar rapidamente as consequências deste vício, para que possamos enquadrá-lo como bom ou mau vício.

Economizando nas consequências da endorfina em nosso organismo, posso mencionar, em passant, a melhoria na memória, no bom humor, o aumento da resistência, da disposição física e mental, a melhora do sistema imunológico, o bloqueio de lesões dos vasos sanguíneos, o efeito antioxidante e o alívio de dores pelo efeito analgésico.

Acrescente-se a este pacote de benefícios o fato de a endorfina ser uma substância orgânica, produzida em nossa hipófise e que, portanto, dispensa gastos financeiros e riscos de contatos com traficantes e outros delinquentes.

Ainda, como abordarei em outras oportunidades, o mundo das corridas nos proporciona expandir nossas amizades. Que o digam os grandes amigos que fiz nas pistas e ruas. Tb nos leva a aumentar nossa auto-estima, a conhecer novos lugares e, mais do que isso, a conhecer de uma perspectiva única, com o olhar embaralhado pelo bem estar deste vício maravilhoso.

Eu bato no peito com orgulho e afirmo: SOU VICIADA EM CORRER.

VÍCIO BOM!





Cicloturismo: uma forma ecológica, barata e diferente de se viajar

Rafael Zortea

Muitas pessoas gostam de afirmar que uma boa viagem é aquela que se faz com calma e onde se tem realmente tempo para conhecer os locais visitados e as suas pessoas, nos seus detalhes. Bom, caso esta afirmação faça parte do seu programa de viagem, então sugiro que analisem bem a ideia de realizar uma viagem de bicicleta!

Digo isto pois a bicicleta te coloca num outro ritmo, pois viagens a 80km/h ou mais, dentro de um carro, não te oportunizam um conhecimento mais detalhado. Além disso, como a viagem depende do teu próprio esforço, o planejamento passa a ser uma variável importantíssima na viagem.

Ao tentar alcançar as cidades de bicicleta, a pessoa se aproxima mais da paisagem ao seu redor, as paradas para fotos são momentos quase obrigatórios e as cantinas e restaurantes no caminho acabam sendo pontos de parada, onde se pode conhecer as comidas e bebidas da região!

Mas como planejar uma viagem de bicicleta? Bem, em termos de Brasil, esta oportunidade acaba tendo suas dificuldades. Mas, felizmente, o nosso país já apresenta rotas de cicloturismo prontas, marcadas e com uma boa estrutura para os "cicloviantes". Neste caso, para os leigos nesta aventura, sugiro o Clube de Cicloturismo do Brasil (disponível em < <http://www.clubedecicloturismo.com.br/> >). Este clube já possui três rotas no Estado de Santa Catarina que oportunizam viagens de 3 a 7 dias, oportunizando viagens tanto no litoral quanto na serra.

Além disso, existe também oportunidades como a famosa Estrada Real, que vai de Diamantina até Paraty. E assim por diante. Na verdade, nosso país possui muitas atrações e caminhos a serem desbravados numa magrela de duas rodas. Somente fica uma dica: busque sempre as estradas secundárias.

É claro que não precisamos ficar pedalando somente no Brasil. Há muitas excelentes oportunidades na Europa, nos Estados Unidos, no Canadá e até na Ásia, que se apresentam a todos nós. Dentro das oportunidades no exterior, a melhor estrutura se encontra, é claro, na Europa, continente que já assimilou a bicicleta no seu dia-a-dia e que apresenta uma excelente estrutura com ciclovias, agências de aluguel de bicicletas e excelentes lojas para

a compra de equipamentos.

Com relação aos equipamentos, estes se tornam essenciais para um cicloturista: capacete, luvas, ferramentas de manutenção, câmaras de pneu reserva, roupas adequadas, kit de primeiros socorros, pilhas, aparelhos para comunicação, GPS, mapas e, claro, alforjes, para poder carregar tudo isso! Sim, alforjes são aquelas maletas que os ciclistas carregam penduradas nos bagageiros.

Sei que muitos estão se perguntando sobre o preparo físico necessário. Na verdade, a bicicleta está à disposição mesmo para pessoas com um preparo físico mínimo, pois a velocidade durante uma viagem de bicicleta deve ser confortável e, para isso não precisamos nos tornarmos atletas! Eu sugiro distâncias de 30 a 50 km a serem realizadas ao longo de um dia. E estas podem ser facilmente cumpridas durante um dia inteiro, pois os cicloturistas acabam parando diversas vezes para fotos, alimentação e verificação de mapas, o que acaba criando vários momentos de descanso, tornando a viagem ainda mais prazerosa.

Bem, espero que tenha convencido o leitor sobre esta nova ideia de viagem, pois, afinal, ao viajar de bicicleta, não estamos gerando quantidades enormes de gases de efeito estufa. Trata-se de uma aventura mais barata e, com certeza, será inesquecível na vida de vocês.

Boas pedaladas.



Você não é o commander-in-chief da sua vida!

Edimara Mezzomo Luciano

Não tenho mais as tais “resoluções de Ano Novo”. Há alguns anos, minhas resoluções são todas pós-cirúrgicas, em virtude de uma importante cirurgia à qual tive que me submeter. As resoluções têm envolvido basicamente trabalhar menos, me alimentar melhor e viajar mais. Na época, frente aos potenciais riscos decorrentes do procedimento, fiquei pensando em como eu tinha dedicado energia para a minha carreira, e que conhecia bem menos lugares do mundo do que aqueles que eu pretendia conhecer até aquele momento. Logo, esse ponto foi direto para a minha “resolução de pós-recuperação”. E hoje posso completar: “Que ocorreu bem, tanto que estou aqui, escrevendo esse texto, anos depois!”

Pois bem, trabalhar menos foi menos difícil do que achei que seria. O processo de recuperação de uma cirurgia impactante te força a fazer isso. Você acha que é o commander-in-chief da sua vida, que pode fazer e acontecer, o quê e quando quiser, mas não é assim. Sua saúde está no controle e, em algum momento, ela pode te colocar limites e te fazer repensar as suas prioridades. E, no trabalho, ninguém é indispensável. Com o tempo, a gente vê que tudo corre bem, mesmo com menor presença nossa.

Me alimentar melhor ficou relativamente fácil, com a inclusão da feira de orgânicos da Redenção nas atividades de sábado. Inquestionavelmente, esta foi uma decisão muito importante, juntamente com o fato de cozinhar mais em casa. E viajar mais foi algo muito bom. Claro que isso envolveu todo um planejamento, pois trabalhar menos implica, em parte, também ganhar menos (menos atividades extras), e viajar mais implica investimentos.

Nessas viagens – que viraram parte da minha meta de vida – acabei por andar muito de bicicleta. Alugar uma bicicleta é uma forma eficiente e barata de conhecer um lugar, seja o Central Park, o Parque Yosemite, a Golden Gate (os 13 quilômetros de Fisherman’s Wharf até Sausalito) ou mesmo se passar por um local na Holanda. De bicicleta, você conhece mais espaços do que a pé – que, até então, era a minha forma preferida de conhecer um lugar – e é mais divertido.

Eu sempre gostei muito de bicicletas. Aos três anos, ganhei a minha primeira bicicleta, um triciclo. Acho que a marca era Bandeirante, com fitinhas

coloridas no guidão. Vermelha, linda. Aos seis, assisti um passeio ciclístico e fiquei encantada. Mas precisava ter oito anos para participar, e foi o que eu fiz, assim que pude. Na época, já tinha a minha nova bicicleta, uma Monareta top de linha, cor-de-rosa. O passeio ciclístico tinha concurso de bicicletas decoradas (ããhm?). E lá fui eu, com a Tina, minha bicicleta com cabelos, olhos, e um sorriso com projeto e execução criativa das minhas duas irmãs. E melhor: "faturei" o concurso. Lembro claramente, até hoje, da Tina, desfilando faceira, na única avenida da minha "metrópole" natal.

Uma das coisas mais legais, depois da recuperação da cirurgia, foi poder andar de bicicleta de novo. É bem clichê, mas a sensação do vento batendo no rosto, em especial depois de um período com muitas privações, é sensacional, mesmo sem a poesia dos cabelos ao vento. Lembro com clareza do prazer daqueles poucos minutos pilotando a minha bike, assim que obtive liberação médica para isto. Pedalando contra o vento, com lenço e sem documento, no sol de quase fevereiro, eu fui. Mesmo hesitante, pela situação e pela altura da bicicleta, aquele pequeno trecho teve o sabor de uma grande conquista. Eu me senti, por um breve momento, o commander-in-chief da minha vida novamente, mas sem esquecer que a "Dona Saúde" é, de fato, quem "manda no pedaço".

E, mais recentemente, decidi fazer a tentativa de percorrer os pouco mais de 6 km da minha casa até a Universidade com a minha magrela. O caminho tem uma grande subida, íngreme e longa, seguida de uma grande descida. Na primeira vez, achei que fosse ter que parar em algum pronto-socorro. Ir para o trabalho de bicicleta exige um ritmo um tanto constante mesmo na subida, porque você tem horário, compromissos. Na terceira vez já foi bem mais tranquilo. E, em pouco tempo, eu estava levando o mesmo tempo que indo de carro, o que foi uma surpresa bem interessante. Sem custos, nem ao bolso nem ao meio ambiente, no mesmo tempo e, "de quebra", ainda fazendo um exercício. E ainda melhor, com a diversão de ver a surpresa dos colegas ao me verem chegar à universidade, e com olhares de incredulidade. Bicycletas ainda são consideradas como transporte para quem não tem recursos para ter o seu próprio carro ou para usar transporte público (que também já não é barato). Mas muitos outros gostaram da ideia, a ponto de iniciarem cálculos da distância a percorrer, contando quantas (e quão íngremes) eram as subidas. Passei a ir a vários lugares relativamente próximos à minha casa de bicicleta, e acabei descobrindo que alguns destinos para os quais eu levava 20 minutos de carro ficavam a apenas cerca de meia dúzia de quadras de casa (e 7 minutos de bicicleta!).

É certo que as ciclovias têm um papel muito importante na decisão de utilizar uma bicicleta. Ainda temos poucos quilômetros, mas já é um começo. E também é um motivador para utilizar a bike como meio complementar de locomoção, ou até mesmo principal. E a crítica de que elas são estreitas não procede. Ciclovias são feitas para se andar em fila indiana, não lado a lado. As ciclovias da Áustria são até mais estreitas do que as nossas. E, em vários lugares do mundo, os ciclistas precisam andar junto aos veículos, sem a opção do meio fio. Ainda não temos ônibus e trens adaptados para colocar a bicicleta, quando em percursos combinados, como em Vancouver. E nenhum projeto de ciclovias suspensas sobre a rede de trens, como em Londres. Mas, com cautela, já dá para iniciar essa mudança.

Não há mais espaços para carros. Ou melhor: "Não há espaço para mais carros". Os congestionamentos nas grandes vias já tomam boa parte do dia. As passagens subterrâneas ou viadutos que deverão ficar prontas para as Olimpíadas devem (ou deveriam) reduzir em algumas horas as atuais 12 horas diárias de "horário de pico". E o trânsito vai continuar insustentável, porque há carros em demasia e o transporte público não motiva ninguém a fazer dele a sua principal forma de deslocamento (caso se tenha a possibilidade de escolha). E, neste cenário, a bicicleta parece uma ótima alternativa.

Enquanto encerro este texto, meu marido prepara o kit para amanhã de manhã: mochila, luvas, capacete, garrafa com água e verificação da pressão dos pneus. Assim que acabar este texto, eu vou fazer o mesmo. Amanhã é dia de carro na garagem. E você, quando começa?



Entre tempestades, refregas e calmarias...

Lafa - Lafayette Dantas da Luz

Já foi dito que "A vida vem em ondas, como o mar..." Quantos momentos passamos, de sustos, surpresas, reviravoltas, mas também de constância e de rotinas? E também de repetições de maus e bons momentos? "E as ondas vêm e vão, assim como o tempo...", completando.

Na rotina, ou calmaria, frequentemente enfrentamos o tédio, a ansiedade, o desejo de que algo mágico, novo, aconteça. Mas há também as boas rotinas, os portos seguros, que não queremos que acabem jamais. As reviravoltas, as turbulências, seja na forma de refregas, rápidas e passageiras, seja na forma das tempestades, mais longas e com maiores dificuldades, quaisquer destas podem ser mudanças desejadas, prazerosas e positivas, assim como podem vir carregadas de tristezas e dificuldades. Assim é a vida, assim é o mar.

Como é que se aprende a viver, senão vivendo? Outro poeta nos brindou com a clássica frase "navegar é preciso, viver não é preciso". Há quem passe anos a fio, e frequentemente toda uma vida, buscando um curso, um trajeto, um destino seguro e calmo. Guiado pelo máximo de certezas e poucos, digamos..., solavancos. Mas como, se a vida não é precisa? Sabemos que, por outro lado, não são poucos os que têm "fome de adrenalina" ou, pelo menos, que não temem e que até desejam as aventuras. Mesmo quem surfa em ondas altas, produzindo a adrenalina que muitos recusariam, tem também seus cálculos, sua precisão. Apenas assumem mais riscos e gostam de chegar mais perto dos limites, das surpresas, dos imprevistos. A imprecisão da vida, na verdade, brinda a todos, indistintamente, independentemente de seus gostos ou personalidades, com os momentos de desafios, de reviravoltas, de tempestades.

Quando penso na vida, não consigo tirar da cabeça a relação com o mar. Deu pra notar, não? Foi preciso viver vários anos para ver as coisas dessa forma. Assim como foram necessário muitos outros anos para viver um sonho e finalmente realizá-lo. Nasci no Alto da Serra do Botucaraí, na famosíssima cidade de Soledade, num divisor de águas entre os rios Jacuí e Taquari, a léguas de "um tal de mar"... E então, como eu poderia ter esse sonho interno? Mas a vida vem em ondas e, assim, fui parar na cidade do Salva-

dor, na Bahia. E mais, era uma "baía" com "h". Anos depois de me encantar, calmamente, com o orquestramento dos cabos em mastros de alumínio, em portos desta cidade e de outros cantos do mundo, veio a refrega. Alterei planos, refiz contas, mudei rumos e, mais importante, tomei a coragem de viver o mar!

Mas não era só o mar que me encantava. Era, na verdade, a arte de viver na interface. Entre as águas e o ar. A arte do velejar.

Entre cabos (nunca cordas!) e adriças, escotas e escotilhas, gaiútas e moitões, borestes e bombordos, orças e arribagens, jaibes e amarras, ou seja, aprendendo outro "quase idioma", fiz um grande amigo. Mais que um professor ou mestre, o Mitunga (chamando-o pelo nome de seu barco) me fez admirar ainda mais a arte de velejar, até adquirir o meu Ybytucatu. Sim, em bom tupi! Perguntam-me com frequência: "E o medo de estar no mar, de ter 20, 30, 50 ou mais metros de água abaixo do casco, sem saber e ver o que há lá em baixo?" Hoje penso que é nada mais do que termos 50, 30, 20 ou menos anos de vida pela frente.

Num mar fantástico de águas abrigadas como as da Baía de Todos os Santos, vemos poucas velas no mar, embora haja barcos em marinas, e em certa quantidade. Infelizmente, possuir um barco é ainda um símbolo de status para muitos. A fama de se tratar de um lazer dispendioso, certamente afasta muitos sonhadores. Aí começam interessantes lições. Mas: "Como sabê-lo, se não o temos?" (Tomando emprestada parte de um Poema Enjoadinho.) Há algo mais complicado e arriscado do que termos filhos? E quantos se atiram nessa aventura? Hoje não dá pra fazer as contas sobre a manutenção de uma aventura dessas, ou seria uma desistência na certa. E os riscos? E as decepções? Então, o que nos move?

Vivemos os nossos filhos certamente apostando em mar calmo, não necessariamente uma calmaria. Refregas, sim, ainda mais nos dias de hoje, quando um simples "não" é motivo para tantas tempestades, teses de doutorado e sessões de análise. O pior do mar é ser pego de surpresa, por isso navegar deve ser preciso. Ao se lançar às ondas, é imperdoável não ver a previsão do tempo, e a tábua das marés. É líquido (e, em parte, é mesmo!) e certo o que iremos enfrentar? Claro que não, surpresas existem, mas é preciso ler os sinais, prestar atenção aos avisos da natureza. E das pessoas. Assim, menores serão as surpresas e uma tempestade pode ser evitada, ou, se for inevitável, enfrentada apropriadamente. Tempestade formada, melhor ficar no porto. Tempestade na água, arriar as velas. Não significa ficarmos impassíveis diante das turbulências, mas nesses casos, aprendi que, se turbulento o marinheiro ficar, arrisca, perde-se tudo, provavelmente perdem todos. Muito vento, pouco pano. Menos vulneráveis ficamos à ação da tempestade. Menor a resistência, menos motivos para o embate. E as ondas? Aprender a cortar e surfar é necessário. Não se enfrenta ondas de frente, nem discussões são ganhas "no grito". Ambas as situações são de alto risco. Ao enfrentar uma onda, ou mesmo se fosse uma marola, sobe-se na mesma com certa angulação e aumenta-se esse ângulo para surfá-la em sua direção contrária. Se a onda vier por trás, faz-se manobra similar. Nunca deixar-se em posição de tombar, nunca perder a direção que melhor se ajusta ao formato daquilo que nos balança. Nada como ouvir mais, ao invés de falar à toa. Ao falar, fazer como quem navega, com precisão. Se alguém perguntar

se isso garante sucesso? Certamente que não. Viver não é preciso.

Ainda aprendiz na arte da vela (e da vida, como sempre seremos!), é nas necessidades de manobras constantes que se aprende a navegar. O mais incrível de contar com os ventos é que, além de ser um "combustível" altamente sustentável e mudar o tempo todo de direção e de intensidade, desperta em nós o sentido da vigilância, da atenção. Não dá pra cochilar. Não se enfrenta os ventos, nos adaptamos a eles, usando-os a nosso favor. Para isso, se deve ajustar as velas, tesar ou soltar cabos, mudar o rumo, a direção. Mas, se temos um objetivo, um porto a alcançar, mudamos a direção? Sim, pois, afinal, quem foi que disse que os melhores caminhos são mesmo os retilíneos?... A capacidade de não perdermos a orientação geral, o nosso destino ou porto desejado, esta vem dos nossos princípios. Ou seja, onde quer que estamos, jamais podemos deixar de saber quem somos. De nos ajustarmos a situações que mudam a toda hora ou repentinamente, seja por falta de ventos, seja por uma refrega, seja por uma tempestade que se avizinha. Jamais desistirmos de sempre buscar a precisão na navegada. É isso que nos fará chegar inteiros a algum porto. Tenho aprendido que não necessariamente chegamos ao porto desejado numa só navegada. Mas que o importante é estarmos inteiros, íntegros. O barco, nós, nossas convicções. Constatei também que é possível navegarmos no contravento! Mas, e o porto desejado? Ah! O tal "porto desejado"... Bem, aí já é mais outra viagem! E la nave va...



Os estádios de futebol no Brasil estão morrendo

Pinho - José Antonio Gomes de Pinho

Os estádios de futebol no Brasil ganharam relevância com a proximidade da Copa do Mundo, agora, em junho de 2014. Para isso, os estádios tiveram e estão tendo que ser remodelados, para se adequar ao chamado "Padrão FIFA". Na verdade, esse processo já começou alguns anos atrás. Assim, os grandes estádios, tais como o Maracanã, o Morumbi e o Mineirão tiveram que sofrer uma adequação, reduzindo o público que antes era permitido neles, de modo a proporcionar maior segurança e conforto a todos os presentes. Nada contra estas mudanças, muito pelo contrário. O foco desta comunicação recai mais "no quê" podem se transformar os estádios de futebol no Brasil.

Esta adequação, associada a uma gestão mais mercadológica dos estádios, tem feito com que o preço dos ingressos sejam redefinidos para cima, muito para cima. Os ingressos tornaram-se extremamente caros para a nossa realidade de consumo, para a capacidade de pagamento da população brasileira. E este é só o primeiro componente perverso que gostaríamos de pontuar. Como resultado dele, com efeito, é de se esperar que ocorram duas possibilidades, sendo que elas não se excluem mutuamente. Em primeiro lugar, pode haver um esvaziamento dos estádios, por conta dos preços elevados. E, em segundo lugar, pode se dar uma crescente elitização do público dos estádios, pois o torcedor, o pobre e o torcedor pobre não têm condições de pagar ingressos a estes preços. Assim, teremos um público cada vez mais elitizado, exatamente como era, em seus primórdios, o futebol no Brasil: um esporte de elite. E, assim, suprime-se do brasileiro um dos seus símbolos mais relevantes. Só lembro da música de Milton Nascimento e Fernando Brant: "Brasil está vazio na tarde de domingo, né? Olha o sambão, aqui é o país do futebol..." eternizada pela Elis. Poderemos até continuar sendo o "País do Futebol", mas não o dos estádios, e menos ainda de estádios cheios.

Esta questão tem ainda outro componente, que "põe a pá de cal" no esvaziamento dos estádios: a transmissão de jogos pela TV. Existe uma overdose de jogos na televisão. E, se os estádios não estão cheios, os bares estão. E se cria um outro tipo de torcedor, que é o "torcedor de bar". As causas para isso são inúmeras, mas vale destacar o já mencionado elevado preço

dos ingressos, a falta de segurança nos estádios e nos trajetos para estes (na ida e, pior, na volta), a violência, o horário dos jogos (principalmente os das quartas-feiras), e o horário sendo definido pela TV (só para depois da "novela das oito").

Por último, neste olhar rápido e simplificado da questão, temos outros componentes mais subjetivos e intangíveis que explicam esse esvaziamento e suas consequências. Nos anos 60 e 70, os jogos deixaram de ser transmitidos pela TV, lembrando que o programa "Jovem Guarda" surgiu exatamente para cobrir o buraco deixado nos domingos à tarde pela proibição de transmissão do futebol. E, no meio de semana, o que acontecia é que só passava o VT (vídeo tape) dos jogos, algo extremamente novo aquela época, às 11 da noite, quando o jogo propriamente dito já havia terminado (eles começam às 9 da noite).

Um depoimento e um sentimento pessoal, para trazer um outro aspecto, é o seguinte: Fiz faculdade no interior de São Paulo, em Guaratinguetá, me formando em 1973. Como em toda cidade do interior, havia o hábito do footing, que acontecia no domingo à noite, na praça principal da cidade, juntando uma multidão de jovens. Na festa dos dez anos de formado, voltei à cidade, e vi a praça vazia. E expressei meu espanto. Um colega vaticinou: "A TV matou a praça!" Parece que, agora, a TV vai matar os estádios.

E, por último, embora voltando ao começo de nossa conversa, essas remodelações dos estádios estão matando a essência do que é um estádio de futebol, elitizando-os. No meu entender, banheiro de estádio de futebol tem que ter "cheiro de mijo", senão não é estádio. Idem para os das rodoviárias. Já mataram a "Geral"; agora estão matando o que caracteriza um estádio, transformando-os em espaços de "patricinhas e mauricinhos". Na corrida de automobilismo, existe um "avanço", que é o de os carros não emitirem mais "aquele ronco", tão característico dos carros da Fórmula 1. O pessoal da área está resistindo a isso, pois o ronco faz parte do espetáculo. Nos estádios de futebol, estão tirando o que eles têm de mais característico, assemelhando-os a um teatro municipal, a uma sala de espetáculos de música clássica ou ópera. Ou, no popular: "Uma coisa é uma coisa; outra coisa é outra coisa..."

Cães & Gatos



Como me tornei uma "gateira"

Adri - Adriana Lia Duarte dos Santos

Eu sempre gostei de gatos, mas nunca tinha me considerado uma "gateira", aquele tipo de pessoa meio doida que anda sempre com um punhado de ração na bolsa, e que traz para casa gatos feridos para cuidar. Pelo menos era assim que eu definia uma gateira. Um dia desses, me lembrei de uma foto minha – eu acho que eu tinha uns dois anos – e lá estava eu, com um arranhão na perna, exatamente como hoje. Só que, agora, são vários os arranhões, mostrando que eu já tinha contato com gatos desde pequena, mesmo que eu não me lembre disso. Quando eu tinha treze anos, meus pais me levaram a um Shopping Center em que tinha uma exposição de gatos. Eu tive a chance de segurar, pela primeira vez na minha vida, um filhote de gato persa. Ele era lindo e muito carinhoso. Foi logo se aconchegando em meu pescoço, ronronando... Eu fiquei doida por ele. Então, minha mãe cometeu o erro de me prometer que, quando eu fizesse quinze anos, ela me daria um gato daqueles. Quando finalmente eu completei quinze anos, abri mão de uma festa, vestido bonito, fotos, um anel solitário de brilhantes só para ter um gato, na realidade ele não precisava ser um gato persa, porque eu gosto de qualquer gato. Eles podem ser peludos ou pelados, com rabo ou sem rabo, com olhos da mesma cor ou cada olho de uma cor. Sendo um gato, eu fico contente, mas eu nunca consegui fazer minha família aceitar um gato. Uma vez, eu trouxe para casa um filhote que eu tinha encontrado no pátio da minha escola, mas ele foi parar na casa da minha prima. Então, a única maneira de ter um gato era fazendo meus pais cumprirem aquela promessa. Finalmente eu consegui o que eu queria: uma gata persa chamada Biscuit. Ela viveu dezoito anos e precisou ser sacrificada. Ela morreu em meus braços... Confesso que foi muito doloroso assistir sua morte, mas eu não podia abandoná-la depois de tantas alegrias que ela trouxe para mim e minha família. Atualmente, em minha casa, eu tenho nove gatos. Uma Siamesa chamada Lilica, que eu comprei vinte dias depois que a Biscuit partiu. A Pretinha, uma vira lata que eu encontrei em uma véspera de Natal. Ela estava dentro de uma caixa de sapatos com mais dois gatinhos. Eles tinham apenas uns três dias de vida, e ainda estavam com os olhos e os ouvidos fechados. Eram completamente dependentes, até para fazer as suas necessidades. Pra quem não sabe, os filhotes de gatos recém-nascidos, para fazer suas, necessidades, precisam ser estimulados pelas lambidas da

gata. Então, era necessário passar um algodão molhado com água morna, simulando as lambidas que a gata lhes daria, até que eles defecassem. Ou então eles morreriam. Fico contente em dizer que todos sobreviveram. Tenho também a Charlott, uma linda gatinha, de pelos longos, que minha mãe encontrou no estacionamento do nosso prédio. Ela me deu muito trabalho (e também muitos arranhões) até se deixar capturar. Finalmente, há também o Tom, que até hoje gera muitas polêmicas entre meu vizinho e eu. Acho que, até hoje, meu vizinho se arrepende daquele dia, quando ele me pediu para cuidar do Tom. Ele precisou viajar e eu cuidei tão bem do peludo que o bichinho resolveu morar comigo. Eu apenas acatei a vontade do Tom. Passei um mês fugindo do vizinho, até que um dia ele me encontrou e me disse que, a partir daquele dia, o Tom era oficialmente meu. Há poucos dias, ele me acusou de ter roubado dele o Tom. Respondi dizendo que ele precisava aceitar a rejeição. Como boa vizinha, tento compensá-lo por esta perda, ocasionalmente levando o seu cachorro pra passear. Recentemente, eu encontrei, na praça em frente à minha casa, uma caixa com cinco gatinhos recém nascidos. Resultado: eles estão enchendo a minha casa de alegria com as suas peraltices. Mas também me dão muito trabalho. Graças à minha querida Biscuit, hoje eu posso dizer que sou uma "gateira". Um pouco diferente do que imaginava. Uma gateira do século XXI, do tipo que tem um blog para os gatos < pretinhaeamigo.blogspot.com.br >, que assiste programas sobre gatos na TV a cabo, que compra brinquedos e árvore do gato, que não se importa de mudar a decoração da casa para acomodar melhor os gatos, que não usa roupas pretas porque certamente vão aparecer os inevitáveis pelos de gatos, que chora em frente ao monitor do computador toda vez que uma blogueira avisa que o seu gatinho "cruzou a ponte". Hoje sim, eu posso dizer que sou uma gateira!

AMOR PELOS GATOS





Honey, e a minha paixão por gatos

Flávia Pereira da Silva

Desde muito cedo, fomos acostumados a ter bichinhos de estimação em casa. Sempre tivemos cachorros, e também algumas caturritas e periquitos, mas o meu sonho sempre foi ter um gato. Não me lembro com que idade estava na primeira vez em que encontrei um na rua – uma gata, na verdade: toda branquinha! – e a levei para casa, apesar da discordância dos meus pais. Dei-lhe o nome de Lili, por ser muito fã do anime Honey Honey no Suteki na Bouken (quem quiser, pode conferir o vídeo de abertura no link < <http://www.youtube.com/watch?v=xPOEr6gPU68> >). Aliás, acredito que esteja aí a gênese da minha paixão felina.

Lembro que a história do anime era em torno da órfã Favo de Mel (Honey Honey, no original), sua gatinha Lily – branquinha como a neve! – em suas muitas aventuras em diferentes locais do mundo. Favo de Mel e Lily passam o seriado todo fugindo da Princesa Flora e de seus pretendentes, já que a gatinha havia comido um pedaço de peixe contendo o anel da princesa. Ao longo dos episódios, seus pretendentes tentam recuperá-lo, pois Flora prometeu casamento a quem lhe devolvesse seu anel. Dentre os perseguidores de Lily, encontra-se também um famoso ladrão de joias chamado Fênix, causador de toda a confusão em torno do anel. Favo de Mel e Lily, com suas singelas aventuras, alimentaram meu desejo de ter meus próprios gatos. Mesmo Fênix, o vilão, tinha seu próprio bichano – o Raul. E eu estava decidida a ter o meu, também.

Assim, Lili foi a minha primeira felina, a quem sucederam alguns outros bichanos. Finalmente, eu teria a minha companheirinha de aventuras! Mas Lili não ficou conosco por muito tempo, não. Não me recordo o que houve com ela, mas acredito que, muito provavelmente, ela tenha fugido para viver com os outros gatos da vizinhança. Acredito que ela tenha vivido nas redondezas ainda por alguns anos, e que tendo escolhido outros lares para si. É que, ao contrário dos cachorros, são os gatos que escolhem seus donos. Eu escolhi Lili, mas Lili não havia me escolhido.

Bom, depois dela, tive mais dois Mimis e um Mimo – um gato siamês que também tive (ou que me teve) por pouco tempo. A primeira Mimi, também uma gatinha branca e a sucessora de Lili, não teve tanta sorte, pois tentou se esconder embaixo do carro do meu pai, enquanto ele saía para trabalhar, disparando para baixo das rodas. Já o Mimo foi comprado por mim algum

tempo depois, e provavelmente fugiu como Lili, pois ele simplesmente desapareceu de casa em poucas semanas. E foi assim que encerrei a procura por um companheiro felino que permanecesse comigo por mais do que algumas semanas. E, como achei que já estava ficando "perigoso" demais para os bichanos, desisti da ideia.

Eu já não era mais uma criança, mas foi aí que o segundo Mimi, um gatinho malhado cinza-e-preto, entrou nessa história. Poucos tempo depois da fuga do Mimo, eu encontrei Mimi, após uma visita de rotina a um cliente, em Gravataí. O pequeno felino havia sido abandonado junto à rodovia, e quase foi atropelado por tentar correr em minha direção. Lembro-me de atravessar a rodovia correndo para que ele voltasse à calçada em segurança, já que corria faceiro em minha direção. Levei-o no colo até um bar próximo, onde consegui uma caixa de papelão e, assim, pude transportá-lo com segurança no ônibus intermunicipal. Lembro ainda de ter ligado para minha mãe, e solicitado que fosse buscar Mimi no meu trabalho, pois não teria local para acomodá-lo até o final do expediente. Ao chegar de volta ao Centro de Porto Alegre, passei por uma loja de animais em que o veterinário me disse tratar-se de uma gatinha saudável. Em seguida, encontrei minha mãe e lhe entreguei a – então – gatinha.

Mimi foi acolhida com muito amor pela família, incluindo meus cachorros Beethoven e Pimpolho, com quem passava seus dias brincando de cão e gato, é claro. Ela estava muito feliz em sua nova casa e crescia serelepe como qualquer outro felino cujos vídeos podemos assistir pela Internet hoje em dia. Mas, mais ou menos, aos cinco meses, Mimi mostrou-nos que era um belo gato MACHO! Bom, meus amigos, aí já era tarde demais para lhe dar outro nome pelo qual fosse atender... E assim, Mimi viveu com nossa família por mais uns nove anos, vindo a falecer de causas naturais. Foi uma grande perda para todos nós, após tantos anos de convivência. Tal como Favo de Mel, tive meu grande companheirinho felino e muitas lembranças felizes e, às vezes, até engraçadas com a minha "gata-que-virou-gato".

Alguns anos se passaram e, em conversa com alguns colegas de trabalho, um deles soube dessa história e da minha perda. Para que não ficasse mais tão triste, ele me presenteou com a Dalila, que tinha a mesma pelagem do Mimi. E sim, dessa vez já sabíamos que era uma gata mesmo! Como, à época, eu morava em um JK, pedi à minha mãe novamente que cuidasse da minha gata até que eu pudesse me mudar para um apartamento maior. Após alguns meses, consegui me mudar, mas Dalila permaneceu com a minha mãe. Lembro-me de suas palavras no dia em que fui buscar Dalila: "E quem vai me fazer companhia na hora da novela?" As duas são grandes companheiras até hoje. E não sou eu quem irá separá-las, não é verdade?

Bom, já que não teve outro jeito, continuei cuidando da Dalila a distância, e encerrei a procura por um bichano. Não estava com sorte... Mas, como a vida dá muitas voltas, há pouco mais de um ano, uma colega de trabalho precisou recolher uma gatinha com dois filhotes. A mãezinha, uma gata amarelo-e-branco muito magra, havia escondido seus gatinhos – um macho amarelinho-e-branco e uma fêmea malhadinha-cinza-e-preto – em uma caixa de biscoitos sob uma das camas do alojamento de funcionários. Eram duas frágeis "bolinhas de pelo" coloridas, que sequer tinham completado 10 dias de vida. Ao final daquele dia, dei carona para todos até a casa da minha

amiga, pois os filhotes eram muito pequenos e precisavam de um local seguro, até crescerem o suficiente para que pudessem ser adotados. No final de semana, fui buscá-los para que ficassem conosco, já que minha amiga era cuidadora de animais e me pediu para ajudá-la enquanto os filhotes fossem dependentes da mãezinha, pois havia outros cães e gatos na sua casa e, naquele momento, a pequena família felina precisava ficar isolada desse convívio.

Minha intenção era ficar com um deles e dar os outros dois para adoção, mas nunca havia sido cuidadora antes. E assim, quando os filhotes enfim abriram os olhos e começaram a correr freneticamente pelo apartamento, eu e meu marido decidimos que Mia (a mãe), Charlie e Chelsea ficariam conosco, já que era impossível decidirmos quais deles iriam para adoção. Amávamos demais os três e, sem eles, nossa família não estaria completa, embora eu, às vezes, tenha a certeza de que, em algum momento entre uma ida ao veterinário e a volta para casa, meus lindos gatinhos tenham sido trocados por diabinhos da Tasmânia. São tantas peripécias desses três que, das histórias de Lily e Favo de Mel, guardo apenas a lembrança do início dessa imensa paixão por gatos.



Olhares que dizem mais que mil palavras

Lilian Regina Sartor

Nem todos gostam de animais de estimação. Respeito todas as opiniões, apenas digo: "Se não quiser acarinhar, ao menos não maltrate..."

Minha experiência com pets começou quando era ainda uma criança. Adorava gatos, mas sempre tive medo de cães!

Até que resolvi morar com meu namorado. Ele tinha um beagle chamado Boris...

Cachorro mais velho, veio de adoção, um pouco maltratado, mas simpatizei com ele... Convivíamos de vez em quando, já que o Boris morava na empresa.

Quando precisou desocupar o imóvel, meu namorado pediu "... pelo amor de Deus..." que eu deixasse o Boris vir morar conosco em meu apartamento...

Eu, relutante, disse: "Nem pensar, cachorro dentro de apartamento não combina, faz xixi por tudo!" Então dei umas ideias idiotas dessas que cansamos de ouvir por aí:

— Larga ele na favela...

Ou então:

— Leva no veterinário e manda sacrificar...

— Dê pra alguém...

A revolta do meu namorado foi tão grande, que ele comparou:

— Pensa: Se nós adotássemos uma criança e, de repente, ela fosse um problema, seria assim que você agiria?

Então, me doe a consciência, e eu me rendi:

— Pode trazer o cão, mas ele terá que ficar na sacada!!!

Isso durou até a primeira chuva. Então o colocamos para dentro da sala. E dali ele não saiu mais!!!

Começaram os xixis nos pés da mesa, no tapete, mas, aos poucos, a casa foi se adaptando ao cão: os tapetes sumiram; saíamos para passear com ele de 3 a 4 vezes por dia; me apaixonei e comecei a cuidar dele, a levá-lo ao veterinário, onde foi castrado, recebeu um trato no visual e ficou lindo!!! Viajava conosco de carro, era o nosso bebê...

Até o que o "bebê" ficou cardíaco e com insuficiência respiratória. Muitos

exames, remédios e idas ao veterinário, até percebemos que nosso bebê estava “querendo nos deixar”. Depois de quase 5 anos, em uma crise cardiorrespiratória, nosso bebê nos deixou...

Ficamos muito tristes, por mais de um mês chorávamos. E eu dizia: “Nunca mais quero outro cachorro, eles morrem e a gente sofre...”

Até que, dois meses depois, estávamos, na internet, procurando cães para adotar...

E, para nossa surpresa, tinha um beagle velhinho, de 13 anos, para adoção – o Beethoven. Fizemos de tudo para conseguir entrar em contato com a pessoa que estava cuidando dele, e fomos conhecê-lo. Ao chegarmos à casa da “protetora” – pessoa que resgata cães abandonados ou em risco de morte e lhes arruma lares, vimos aquela cachorrada vindo latir pra nos receber.

Lá estava ele, velhusco, querido, abanando o rabinho. E, ao seu lado, sua inseparável irmã de criação, Charlotte, uma beagle de 2 anos...

Estávamos decididos, iríamos levar o Beethoven. Mas a Charlotte... Ah, a Charlotte... Ela sentou-se ao meu lado e deitou a cabecinha em meu joelho. E, com aqueles olhos tristes, me fitou profundamente. Naquele momento, decidi que ela também seria nossa!

Então viemos para casa com nossos dois novos filhos... E se adaptaram à vida de apartamento como se sempre tivessem vivido ali, nem um xixi sequer dentro de casa... Só nos passeios na rua.

Passados 6 meses da adoção, uma fatalidade do destino fez com que meu namorado sofresse um acidente de moto e viesse a falecer. Meu mundo virou de cabeça para baixo. E eu tinha os dois cães para cuidar... Não que dessem trabalho, mas o Beethoven não lidou bem com mais uma situação de perda: Ele começou a se automutilar. Foi então que o antigo dono deles apareceu e sugeriu que eu lhe devolvesse o Beethoven, já que os problemas que o levaram a doar os cães já haviam se resolvido... O encontro entre os dois foi emocionante, e o “bebê” parou com a mutilação...

Fiquei eu e minha menininha Charlotte, as princesas da casa... Para que ela não se sentisse sozinha, eu a levava para a creche todos os dias, enquanto eu trabalhava. Lá, ela brincava com outros amigos e passava o dia feliz...

Um ano depois da morte do meu namorado, eis que aparece uma publicação na internet pedindo um lar temporário para uma filhotinha vira-latas... Quando eu vi aqueles olhinhos pretos, vivos pedindo: “Por favor, alguém me ame...”, não resisti e me ofereci para ficar temporariamente com ela, já que não sabia qual seria a reação da Charlotte ao ter que dividir a minha atenção com um bebê. E, em apenas dois dias, o “temporário” virou “definitivo”.

Então chegou a Flor – assim a chamei – toda espreitada, cheia de energia e forrada de piolhos. Isso mesmo, piolhos, ao invés de pulgas... cheirava mal e não tinha banho que tirasse aquela inhaca... Mas, enfim, aqueles olhos já tinham me conquistado. Fazer o quê?

Com o passar dos dias, e com tratamento veterinário adequado, ela começou a crescer e a mostrar a que veio...

Primeiro, conquistou a Charlotte, que, agora, já tinha uma companhia, já não precisava mais passar o dia na creche...

Enfim, a Flor tinha vários apelidos: “Periguete”, pois adorava latir e causar alvoroço na rua... “Favelada”, pois adorava se embrenhar na sujeira e se esfregar nas porcarias que achava pelo caminho. Teve um episódio que “entrou

pra história”: na praça onde passeamos, tinha um cocô de gente (alguns mendigos dormiam por lá e faziam suas necessidades no chão), tipo diarreia mesmo. Era fedido demais, E adivinha só o que houve? Ela correu até lá e começou a comer aquilo... Arggh!!! Que nojo! E, quando eu cheguei perto e a xinguei, ela simplesmente começou a rolar e se esfregar naquela nojeira toda... Então começou a me dar ânsia de vômito. Briguei com ela e consegui prendê-la... Pensa só no trabalho que deu dar banho nela e tirar aquele fedor todo... Não gosto nem de lembrar...

Ah! E teve outro episódio, que também já virou lenda. Todos conhecem a história... O dia em que a Flor comeu maconha na pracinha e ficou “chapa-da”... Sim, além de mendigos, existem alguns moleques que frequentam a praça para “fumar um baseado”... Às vezes, a polícia aparecia no local para dar uma “batida” na gurizada. E, algumas vezes, eles jogavam as drogas na grama, para não serem presos em flagrante. Num desses dias, a Flor a encontrou e comeu. Eu não tinha nem ideia do que estava acontecendo, mas corri com ela para o veterinário. Ele falou que ela tinha consumido alguma droga, pois a reação neurológica dela estava afetada... Dois dias de internação e ela voltou ao normal... Só que, depois desses episódios, ela não fica mais solta da guia!

E, de lambuja, vieram os apelidos de “Favela”, “Favelada”, “Favelinha”, ou “Favis”, para os íntimos. E pegou... Tem até quem fale: “Lilian essa cachorra veio da favela, devia ser de traficante, até maconha já comeu, deve estar acostumada a desviar de bala perdida e deve ser frequentadora de baile funk. Se bobear, coloca um piercing no umbigo e rebola até o chão...”

E assim, ao mesmo tempo em que tenho algumas preocupações, tenho muitas alegrias para me compensar por elas. Não tem dinheiro que pague, você chegar em casa e ser recebida com muitos abanos de rabo, pulinhos, latidos de alegria e lambidas de amor...

Digo que, graças às minhas cachorras, superei minha perda, ganhei novos amigos e sou mais feliz!!! Tudo por não resistir àqueles olhares sinceros e penetrantes. Costumo dizer: “Olhares que dizem mais que mil palavras!!!”

Conversa de Mulher



Quantos babacas fazem um cara legal?

Cris - Cristiane Pizzutti

Um dia desses uma amiga me perguntou quantos caras babacas ela teria que encontrar pra conhecer um cara legal. Uns 5? 10? Uns 15 babacas? A cada 20 babacas, um seria legal? Diante da pergunta um tanto rara, respondi ironicamente que, infelizmente, mesmo que a média seja 5, alguém poderia encontrar um cara legal logo de cara, e outra poderia ter que encarar uns 20, pois a média é apenas a média, e o que importa é o desvio padrão. Ela me olhou com uma cara um tanto frustrada. Acho que ela queria apenas que eu dissesse algo como "siga em frente!" ou "não desista!" Ela busca alguém para casar. Não para namorar. Não para conhecer. Não para viajar. Para casar. Casar e ter filhos. E logo, pois seu relógio biológico não está mais no horário de verão. Se ela encontrar alguém para casar vai se fechar o círculo da felicidade (palavras dela), já que tem garantido um emprego, saúde, amigos e estabilidade financeira. Só falta o tal "cara metade". Aí a vida será irreto-cável, como uma pintura de Michelangelo. Mas até esse dia chegar, ela segue fazendo clareamento nos dentes, se depilando uma vez ao mês, amenizando as rugas o quanto pode. Segue trabalhando duro pra comprar um novo carro. Postando fotos onde aparece sorridente, em algum lugar bacana, com uma turma divertida. E, é claro, buscando a peça que está faltando no seu "quebra-cabeças da felicidade". Até esse dia chegar, minha amiga segue sem compreender que, enquanto a sua felicidade estiver em algo ou alguém fora dela, essa será sempre transitória e quase sempre incompleta – segue na vida, topando com babacas e se perguntando: quantos ainda?



O que as mulheres querem?

Luisa Dutra

Nós mulheres queríamos e lutamos tanto pela igualdade de direitos... E o que aconteceu neste tempo todo? Que igualdade, que nada! Temos obrigações iguais às dos homens e, diga-se de passagem, muitas delas fazemos melhor. E o pior, nossos salários são menores do que os deles. Raros são os homens que fazem (e que não se envergonham de fazer) algumas tarefas domésticas. Na grande maioria, a tarefa doméstica que eles fazem é cozinhar, "porque é moda" homem na cozinha. Mas e as outras coisas? Na maioria, continua tudo igual: nas costas das mulheres. Fazer compras no supermercado, levar e buscar as crianças no colégio, arrumar a cama, lavar a louça, varrer a casa, levar o cachorro pra passear, etc., etc. Sabe de uma coisa? Bem feito pra nós! Queríamos igualdade, e só nos ferramos. Acho que EU QUERO muito, sei lá. Estou sempre questionando estas coisas, tanto que criei meus filhos com a obrigação de aprenderem a executar as tarefas de casa, como varrer, lavar a louça, arrumar a cama. Reclamavam muito, brigavam comigo, mas faziam. E como sou uma pessoa um tanto quanto carinhosa, amorosa e dedicada – e também modesta... – também consegui passar pra eles bons conselhos em relação a nós, mulheres. Fazer com que respeitassem, dessem carinho, amassem muito e também que dividissem seus problemas, suas vidas com elas. Não consegui sucesso total, mas acredito que consegui fazer com que aprendessem o essencial. Sim, nós queremos um(a) parceiro(a) que, além de carinhoso(a), amigo(a), companheiro(a) pra todas as horas, queremos também alguém que divida "tudo" conosco. A princípio, não é pra isso que nos propomos a ficar juntos? Não é pra isso que casamos, construímos nossas famílias? A "moda", hoje em dia, não é compartilhar tudo? Então vamos, lá minha gente: compartilhando, compartilhando tudo, inclusive as tarefas de casa. TODAS, sem frescuras e vergonhas. Vamos compartilhar e curtir também. Lá em casa, procuro passar longe da cozinha. A cozinha e a comida a ser feita neste ambiente peculiar é tarefa daquele que chegar primeiro em casa, ou seja, geralmente o marido. Houve uma época em que eu tinha "perdido o endereço" deste local, quase que desconhecido pra mim, mas às vezes, em alguns dias especiais da semana, resolvo procurar e acho, aí então, cozinheiro. Num destes dias, até consegui fazer um bolo. Daqueles de caixinha, em que a dificuldade de "fazimento", é de nível fácil. Misture tudo, coloque na forma e asse em fogo médio por 45

minutos e está pronto. Aprovado por todos, inclusive pelo "chef". E assim deveria ser em todas as casas. Divisão de tarefas, de prazeres e de bem viver. Igual para os dois lados, sem sofrimento e sem cobrança de nenhuma das partes, pois as duas são, na verdade, uma. Todas nós, mulheres (e acredito que os homens também), queremos alguém que nos entenda, que chore com a gente, que nos ouça, que seja amigo(a), companheiro(a), que cuide da gente quando se fica doente, que, vez por outra, te traga café na cama, te pegue no colo, te proteja. Mas amigas(os), a realidade, pra grande maioria, infelizmente é outra. Acho até possível encontrar o príncipe encantado, mas, convenhamos, grande parte deles são sapos. Por vezes, alguns ainda são girinos. Só com o tempo conseguimos fazer com que se transformem em nosso príncipe encantado. O que não dá pra fazer, em minha opinião, é ficar esperando uma vida toda por alguém que talvez nunca chegue. Acho que temos que arriscar, deixar que a paixão nos leve, mesmo que tudo termine no outro dia de manhã, mesmo assim valeu à pena. O que acontece, na grande maioria dos casamentos é que, mulheres querem amor, paixão e sexo. Homens querem sexo, paixão e amor. O que fazer, então? ARRISCAR. Fazer acontecer da melhor maneira possível, colocando todo dia lá, tijolinho por tijolinho, até que a construção cresça, se fortaleça, que sua árvore crie raízes, dê frutos. E isto tudo, com certeza, vai levar muito tempo, e às vezes, uma vida inteira, ou muitas vidas. Portanto, vamos viver a vida, dia após dia, correndo atrás daquilo que queremos e almejamos, caindo, levantando, e seguindo em frente, porque atrás (SEMPRE) vem gente! Por enquanto, minha amiga leitora (ou leitor), vá sonhando com o Richard Gere, chegando em uma limusine, com flores na mão e te levando pra ter uma vida de princesa. Afinal, sonhar, não custa nada, mas é sempre bom acordar enquanto é tempo e ainda há vida pra ser vivida.



Quem ela pensa que é?

Cris - Cristiane Pizzutti

Lá vem ela com mais um texto. Vai ver, ela pensa que é Martha Medeiros... Alguns devem estar pensando isso, após verem a publicação desse texto (menos você, é claro). O fato é que costumamos, sim, julgar pessoas, e muitas vezes, para outras pessoas. E elas – as julgadas – não precisam nem ser próximas ou conhecidas, basta que existam. Nossa justificativa geralmente beira a inocência: é apenas pra ter assunto no bate-papo com os amigos; a pessoa foco do comentário não saberá disso e, portanto, não será psicologicamente lesada pro resto da vida (e nem irá nos processar). E a melhor de todas: não é fofoca, é apenas uma constatação. Assim, seguimos apontando nosso dedo indicador para todos, como uma metralhadora. Credo! Esta apresentadora exagerou no bronzeamento artificial. Tá laranja! Rá-tá-tá-tá. Essa atriz não tem mais idade pra vestir calça clara, coladinha. Alguém devia avisar isso a ela, pra não ficar pagando mico. Rá-tá-tá-tá. Aquele ali tá sempre mal humorado. Será que tem intestino preso? Rá-tá-tá-tá. Nossa, essa mulher deve ter feito umas 200 plásticas, pois já passou dos 70, mas parece que tem 50! Se bem que a boca tá toda esticada. Rá-tá-tá-tá. O João só veste preto. Será que ele é punk? Ou fã do Zé do Caixão? Rá-tá-tá-tá. Falamos do vizinho pro porteiro. Do amigo pra outro amigo. Do colega pro parceiro. Do irmão pra mãe. E todos eles falam de nós. Mas o que poderiam falar se somos tão perfeitos? Tão esbeltos? Tão éticos e inteligentes? E dê-lhe aquele dedinho mostrando ao mundo tudo o que há de errado com os outros. Parece até que é nosso dever. Que estamos aqui pra isso mesmo. Já pensaram se levássemos um choque a cada vez que apontássemos nosso dedo pra fazer algum julgamento – muitas vezes apressado e maldoso – sobre alguém? Estaríamos como o coioote do desenho animado do bip-bip: todo chamuscado após levar um raio na cabeça. O pior disso tudo é que, ao ficarmos olhando para o outro – o imperfeito, o desajustado, o pagador de mico – deixamos de olhar para nós mesmos. E será que não é por isso mesmo que julgamos tanto os outros? Ou será que a verdade é mesmo que “todos vigiam todos, para que ninguém faça o que muitos gostariam de fazer?” E como é difícil não ‘vigiar’. Experimente. Tente passar um dia inteiro sem julgar nada nem ninguém. De verdade. Mas não pode nem em pensamento. Aí ficou quase impossível, não? E imagina se eu vou querer ser outro Martha Medeiros? Ela nem sabe falar inglês!

Conversa de Homem



O maior prazer do mundo

Luis Felipe Nascimento

Quartas-feiras, após o expediente, o pessoal da empresa jogava futebol e depois tomava uma cervejinha. Sentavam na mesma mesa, do chefe ao office-boy, do craque do time ao perna-de-pau da firma. Ali todos eram iguais e todos tinham opinião sobre tudo. A polêmica começou quando o Dirceu tomou um gole de cerveja e disse:

— “Não tem nada melhor neste mundo do que esta gelada!” A conversa poderia ter tomado outro rumo não fosse o “Seu” Paulo fazer um daqueles seus comentários intelectuais:

— Eu acho que tem sim! Você não trocaria esta cerveja por uma loira de verdade, aquela dos seus sonhos? Isto foi o suficiente para chamar a atenção até do office-boy, conhecido como “o bad boy”, que estava olhando as mensagens no seu celular. Dirceu não deixou por menos:

— Péra aí, Seu Paulo, são prazeres diferentes.

— Prazer é prazer, podemos discutir e escolher o maior prazer do mundo! Reafirmou Paulo. Nisto o “Bigode”, o ascensorista, que sempre organizava os “buquiméqui” (apostas) do pessoal do Departamento, viu ali mais uma oportunidade:

— Então vamos escolher o maior prazer do mundo. Façam suas apostas! Um pila aqui na minha mão! Jorjão era o goleiro do time, mais pelo espaço que ele ocupava na goleira do que pelos seus reflexos como goleiro. Jorjão era conhecido como “Mister Picanha”. Ele não pedia a palavra, gritava mais alto que todos e assumia a palavra. Neste momento fez mais uma das suas intervenções:

— Eu aposto que não tem coisa melhor do que um picanhazinha no ponto? Aquela douradinha por fora e succulenta por dentro! Huumm! Slept! Slept!

E o “Seu” Paulo tentou organizar a discussão:

— Já temos apostas na cerveja gelada, na loira de verdade e na picanha no ponto, mais alguma aposta?

O Bad Boy levantou a mão e gritou:

— Aposto no Gol! Tem prazer maior do que ver o seu time fazer um gol aos 47 minutos do segundo tempo, numa final de campeonato? Dirceu retomou a palavra e disse:

— Pessoal, eu vou ter que concordar com o Bad Boy. Analisando os outros esportes, não tem ultrapassagem na Fórmula 1, cesta no Basquete, ponto no

vôlei, nada se compara com o prazer de ver o gol do nosso time. E se for aos 47 min do segundo tempo num final de campeonato, então... É loucura total!

Enquanto o Jorjão pedia a "avó das geladas" para o garçom, Dr. Gilberto, o chefe do Departamento, questionou sobre outras formas de prazer:

— Pessoal, e o prazer de realizar a viagem dos sonhos, o prazer de ver a felicidade dos filhos, o prazer da...

Mas logo foi interrompido pelo Jorjão:

— Não, não, Doutô, isto tudo é bom, mas não é agudo! Não tem aquele momento em que o sujeito fica sem ar, que o coração quer pular pela boca, o Senhor me entende?

— Então estamos falando só de intensidade do prazer e não da sua grandeza, da sua importância nas nossas vidas? Questionou Dr. Gilberto. Querendo vencer a aposta, Dirceu perguntou:

— Não dá pra juntar dois prazeres? Botar uma cervejinha gelada no lado cama e traçar as duas loiras?

Nisto, o Bigode salta da cadeira com o dedo em riste:

— Na-na-não, sem misturar prazeres, cada um vota num prazer! Sr. Paulo, tenta encerrar a discussão com a proposta de votação:

— Vamos de novo. Os candidatos ao maior prazer do mundo são: a cerveja gelada após o futebol, a picanha no ponto, o orgasmo com a loira dos sonhos e o gol do time do coração aos 47 min do segundo tempo, na final do campeonato. Podemos votar? Betinho, o secretário do Sr. Paulo, levanta e faz uma pergunta:

— Alguém aqui já esteve apertado? Mas apertado mesmo?! Aquele momento em você não consegue mais segurar! Todos se olham e um silêncio toma conta da mesa. Betinho continua.

— Meus amigos, quando vocês estão apertados deste jeito e sentam num vaso sanitário... meu Deus, não tem coisa melhor! Sr. Paulo confirma com a cabeça:

— Já passei por isto. Naquela hora, se me perguntassem: "queres um milhão de dólares, tendo que segurar mais uma hora para ir ao banheiro", eu gritaria: QUERO CAGAR! O riso tomou conta do bar. Ninguém mais conseguia falar. Bigode subiu numa cadeira e bateu duas garrafas pedindo silêncio:

— Gente, tá na hora de decidir: Afinal, qual é o maior prazer do mundo? Vou anotar aqui no guardanapo o voto de cada um. Cada um foi manifestando seu voto e, sem surpresa, sem a necessidade de recontagem, ganhou o inesperado: "prazer da cagada". Enquanto fechavam a conta, o Bad Boy bateu no ombro do Betinho e disse:

— E aí Brother! Cagou na saída, mas cagou bem, hein! O cara é fera!

Betinho respondeu:

— Viu só? O maior prazer do mundo está te aguardando no fundo do corredor. Pelo jeito, você é o mais feliz de todos aqui, pois está sempre no banheiro!



Há preconceito contra mulheres no mercado de trabalho?

Eduardo Arhtur Comerlato

A cada dois ou três meses, sai uma pesquisa apontando que as mulheres recebem menos do que os homens, que têm menos cargos de chefia ou que têm mais dificuldade para ascender na carreira. Lembro da apresentadora Miriam Leitão dizendo em seu programa, há algumas semanas, que explicava esses dados com uma palavra: preconceito. Ontem, diante de uma pesquisa da Bain & Company, que mostra que um homem tem vinte vezes mais chances de se tornar presidente de uma empresa do que uma mulher, sua colega da Globo News, Thais Herédia, brincou que lançaria uma campanha pela cota para CEOs mulheres. Conhecendo o Brasil, não duvido que o movimento vingue. A economista reclamou até do fato de que o segundo executivo mais bem pago do mundo, uma mulher que recebe U\$ 50 milhões por ano como CFO da Oracle, ganhe a metade do seu chefe, o CEO da companhia. O trecho do programa pode ser visto aqui: < <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/10/homens-chegam-mais-rapido-ao-comando-de-grandes-empresas.html> >. Como se vê, essas pesquisas são rapidamente assimilados pelos veículos de informação como uma prova de que as mulheres sofrem discriminação no emprego. Não nego que isso possa ser verdade, mas acho essa postura simplista é precipitada, além de deletéria ao debate. Apressando-se em atribuir as diferenças entre homens e mulheres ao preconceito, não ocorre reflexão sobre outros fatores que podem causar essas diferenças e, portanto, não são tomadas providências que possam saná-las de verdade, contribuindo apenas para a vitimização do sexo feminino. Neste texto, quero discutir alguns aspectos que podem explicar o resultado desses estudos. Em primeiro lugar, temos que considerar que homens e mulheres agem de maneiras distintas. Entre a opção de assistir ao seriado Sex and the City e a um evento do UFC, por exemplo, é fácil prever qual programa atrairá mais pessoas de cada gênero. Não se trata de estereotipar os sexos, mas apenas de reconhecer que há diferenças entre o comportamento médio deles. A escolha do programa a que assistir pode não fazer a menor diferença no mercado de trabalho, mas há algumas que fazem. Considere, por exemplo, a educação. Qualquer pessoa que circule por uma universidade e tenha olhos para ver pode convencer-se que cursos como computação, economia,

administração e, principalmente, as engenharias, têm maior presença de homens, enquanto psicologia, farmácia, letras e pedagogia atraem mais mulheres. Acontece que os cursos preferidos pelos homens são justamente os mais bem remunerados pelo mercado e aqueles que dão uma melhor base para se atingir posições de chefia em grandes empresas. Além disso, há estudos que mostram que a maioria das mulheres tende a preferir carreiras mais estáveis, enquanto homens tendem a preferir carreiras menos seguras, mas que possibilitem maiores rendimentos no longo prazo, caso sejam bem sucedidos. Outras decisões tomadas de forma diferente por homens e mulheres também impactam suas carreiras. Por exemplo, a decisão de, ao ter um filho, afastar-se do mercado de trabalho por algum tempo ou passar a trabalhar menos horas é tomada com muito mais frequência por mulheres do que por homens. Pode-se argumentar que isso ocorre justamente porque elas costumam ganhar menos do que seus maridos (ou pela cultura machista que delega às mulheres a responsabilidade pelos filhos), mas é inegável que isso aprofunda ainda mais as diferenças salariais, fazendo parecer que mulheres ganham menos por simples arbitrariedade dos patrões, quando na verdade são fruto das escolhas pessoais das próprias mulheres, sejam individuais ou tomadas em família. Para as empresas, discriminar entre trabalhadores pelo sexo é algo irracional e, portanto, custoso. Ao deixar de contratar ou promover um bom funcionário em razão de seu gênero, o empregador também sai perdendo, pois não está alocando os recursos de forma a maximizar a famosa relação custo-benefício. Em um ambiente competitivo, as empresas que agem dessa forma saem ainda mais prejudicadas, pois estarão perdendo em eficiência frente a seus competidores. No Brasil, infelizmente, às vezes é a própria legislação que obriga o empregador a discriminar pelo sexo, uma vez que o mesmo é feito pela lei. Por exemplo, se o dono de um restaurante que abre aos domingos deseja contratar um novo chef de cozinha e está diante de dois candidatos, um homem e uma mulher igualmente competentes, a decisão racional será contratar o homem. A lei dá mais direitos para as mulheres, inclusive o dobro de folgas aos domingos, e arcar com esses benefícios representa um custo para a empresa. Além disso, o chef homem não engravida e provavelmente não costuma faltar ao trabalho para levar o filho ao médico. Dessa forma, o dono do restaurante só contratará a mulher caso ela aceite receber menos. Acredito que para cargos de grande responsabilidade a situação seja ainda pior. Afinal, uma grande empresa não pode se dar ao luxo de ficar seis meses com a CEO afastada porque ela teve um filho. Para que Marissa Mayer fosse contratada como CEO da Yahoo enquanto estava grávida, ela comprometeu-se a ficar apenas duas semanas longe do escritório. A executiva frequentemente trabalha mais de 100 horas por semana, mesmo tendo um filho pequeno. O cargo de CEO da Yahoo pode ser muito almejado, mas acredito que há bem mais homens do que mulheres dispostos a se sujeitar a condições de trabalho como essas. Um último aspecto, muito mais polêmico, diz respeito à diferença de inteligência entre os sexos. Estudos indicam que a média de inteligência é aproximadamente a mesma entre homens e mulheres, mas não o desvio-padrão, maior no sexo masculino. Isso significa que há mais homens "burros", mas também mais homens brilhantes. Há 2,7 vezes mais homens com QI maior ou igual a 132 e 5,3 vezes mais homens com QI maior ou igual a 148. É na-

tural que pessoas com maior inteligência lógico-matemática cheguem com mais frequência a posições de grande responsabilidade, como a presidência de uma empresa. Para uma revisão de estudos sobre inteligência, acesse < http://www.antoniosiqueirasite.xpg.com.br/Diferencas_de_QI_entre_os_homens_e_mulheres.htm >. Para discutir o estudo da Bain & Company que concluiu que um homem tem vinte vezes mais chances de se tornar presidente de uma empresa, quero contar minha experiência com a própria Bain & Company. No semestre passado, recebi um e-mail da Universidade, divulgando que a empresa estava fazendo um processo seletivo na UFRGS, e resolvi participar. A Bain é uma empresa de consultoria estratégica, em que os funcionários costumam trabalhar mais de doze horas por dia e devem ter muitas das qualidades que fazem bons CEOs, como facilidade com números, capacidade analítica, pensamento crítico e bom senso para os negócios. Na primeira etapa do processo seletivo, uma prova para identificar essas qualidades, havia cerca de cem pessoas, das quais estimo que não mais de vinte por cento fossem mulheres. Ou seja, naquela amostra havia significativamente mais homens interessados em assumir empregos dessa natureza. Apenas nove pessoas passaram para a segunda etapa, todas do sexo masculino. Quando cheguei à última etapa, na qual fui eliminado, recebi um "mentor", que reclamava do fato de haver pouquíssimas mulheres no escritório da empresa, embora eles estivessem, há algum tempo, facilitando um pouco a entrada delas em comparação à de homens. Acredito que a maioria dos homens concordam comigo: um ambiente de trabalho com mais mulheres é muito mais agradável do que um dominado por homens. Nesse caso, há discriminação sim, mas a favor das mulheres. Pelo exposto, não me parece que as diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho seja devido ao preconceito. Não que esse não exista, mas acredito que seja muito menor do que parece, à primeira vista. O fato é que, se queremos que as mulheres cheguem aos mesmos salários e cargos dos homens, reclamar de sexismo não é a solução. Uma mudança cultural é que seria necessária, na qual as mulheres deveriam fazer mais escolhas valorizadas pelo mercado e homens assumiriam mais responsabilidades domésticas. Se essas mudanças devem ser buscadas ou não, é outra discussão...



Eu sei que você me quer!

Luis Felipe Nascimento

Você está longe de casa, da família e dos amigos. Sentada nesta mesa relembrando do “nosso último encontro”, daqueles momentos de intenso prazer e, mesmo não tendo ninguém por perto, nenhum risco de nos descobrirem, você descarta um novo encontro. Eu sei que você prometeu para a sua família, e para você mesmo, que isto não iria mais acontecer.

Que seu psicólogo lhe aconselhou a ficar longe de mim. Eu compreendo! Apesar de tudo isto, você continua me desejando. Sabes que nunca te decepcionei. Então me diz: por que negar este sentimento? A vida é muito curta. Você trabalha tanto, passou por tantas dificuldades, não merece este prazer? Pecado? Desde Adão todos pecam! Você é humana, uma pecadora nata! Estou aqui, bem pertinho, basta me chamar. Em poucos minutos estarei na sua frente, do jeito que você gosta.

Vamos lá, liberte-se, dane-se o mundo, me chame logo! Você tenta negar mas, a esta altura, já tomei conta dos seus pensamentos, o centro do desejo do seu cérebro já me colocou como prioridade, todo o seu corpo pede por mim! Você olha para os lados na esperança de me ver em algum lugar. É agora ou nunca!

Podem falar o que quiserem de mim, mas você sabe que sou fiel. Que nossa relação não é passageira. Ela acontece em diferentes lugares, em diferentes momentos, mas é eterna. Vou ficar sempre com você, seja naqueles inesquecíveis dois minutos da sua boca, nas duas horas no seu estômago, ou no resto da vida no tecido adiposo da sua barriga. Não te deixarei jamais! Sou toda tua.

Assinado: Torta Mousse de Chocolate.

Fé & Religião



O passado e o presente

Claro - Clarindo Redin

A história tem, hoje, uma função importante. Voltar no tempo e refletir mostra caminhos que podemos hoje seguir. Sempre que lembro os bons (maravilhosos!!!) tempos do MUSM, encontro inspiração para ações nos trabalhos que hoje realizo. Recebo muitas mensagens de antigos(as) participantes, que sempre afirmam o quanto aquele tempo marcou as suas vidas. Não só marcou, mas orienta, ainda hoje, suas opções e atitudes. Num mundo sem referências mais sólidas, eu imagino quão importante é ter vivido aqueles momentos tão fraternos, naquele passado já um pouco distante.

Poderíamos fazer uma pergunta: "Mas o que foi tão significativo?" Cada um poderia dar uma resposta, mas, com certeza, uma unanimidade apareceria: A amizade, o carinho; o valor pessoal colocado em primeiro lugar! Não éramos, em primeiro lugar, um grupo de trabalho, mas antes uma turma de irmãos(ãs).

Hoje, nossas igrejas, nossas pastorais, nossos grupos de jovens, carecem muito disto. Vivemos no mundo da eficiência. Precisamos agir, fazer acontecer, produzir. E sempre com a máxima eficácia. Então, lá no meio dessa "Correria" (é o termo que mais se ouve), já não há mais tempo para aquelas nossas conversas, que aconteciam nos acampamentos, nas missas do Universitário, na serenata a Jesus Cristo das sextas-feiras, no porão da nossa casa (MUSM) e em tantos outros momentos!

Muitas vezes, no grupo (ou nos diversos grupos), fazíamos a "roda da verdade", onde uma pessoa se colocava no centro para ser "avaliada" (e ajudada) pelos demais. Todos podiam dizer tudo dela e ela dizer tudo de si. Era mais ou menos como uma terapia grupal, mas com um verdadeiro espírito cristão... Quer dizer, com muito amor!

Gostaria, então, sem me alongar demais, de deixar que cada um(a) complete essa reflexão, dizer que o mundo de hoje carece de uma atitude "MUS-Mética". Falta acolhida, falta saber ouvir, falta querer o bem do outro. É isso o que quer dizer Amor! Sem ouvir, sem um grande esforço para entender o outro, não existe diálogo... Existem, sim, pessoas querendo falar e impor sua verdade (e que nem sempre é A Verdade!). Precisamos de tempo. De tempo para ouvir... De tempo (gratuito) para o outro(a)... De capacidade de caminhar junto... De vontade de construir coletivamente (ou, para nós, cristãos, de vontade para fazer o "trabalho comunitário"). Precisamos valorizar

o ser humano, olhar para um mundo que precisa de nós. Isso, e muito mais, fariam uma sociedade diferente.

Os grandes projetos sociais e políticos (mesmo os da Igreja), sem essa base sólida e solidária, não vão muito longe. Não digo que não sejam importantes e necessários, mas logo, logo, começam a tropeçar nos egoísmos, na arrogância, no individualismo e na competição. Todos vocês sabem o quanto gosto de sonhar, e de sonhar grande! Mas, ao longo de minha vivência sacerdotal, fui vendo, em mim, nas pessoas com quem trabalho e convivo, e também nas comunidades, o quanto é difícil concretizar sonhos lindos, maravilhosas propostas cristãs de vida, sem esse substrato humano indispensável, que é a bondade, a acolhida, o carinho por quem conosco e ao nosso lado, luta pelo mesmo ideal.

Isto tudo que nós vivemos um dia, e em que ainda acreditamos, está hoje consagrado pelas palavras do nosso querido Francisco (o atual Papa), que diz: "Faz falta, hoje, uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da Misericórdia; uma Igreja que volte a dar calor e a inflamar o coração."

TÁ FALTANDO FRATERNIDADE NO MERCADO





'Pedis mal'

Johan Konings

"Pedis mal". Estas duas palavras me deram algo "a pensar". Primeiro, por razões linguísticas. Explico. Trata-se de uma citação da Carta de São Tiago (cap. 4, vers. 3), lida na missa de domingo retrasado. Nas missas que presidi, em diversas capelas, o leitor leu "pedes mal" (no singular), embora o restante do texto continue no plural ("não recebeis... vossos prazeres") -- sinal de que a segunda pessoa do plural é um problema! Já que o mineiro lê "pedis" como se estivesse escrito "pédís"...

A verdadeira razão pela qual essas duas palavras me ficaram na memória é que elas exprimem uma grande verdade. Lendo o texto todo (Tiago 4,1-12), vemos que Tiago adverte sua comunidade porque, na oração, os fiéis ficavam pedindo de tudo a Deus, mas não segundo o espírito de Deus. Pediam em meio à cobiça, à inveja, à briga, e o que pediam, era "para esbanjá-lo em vossos prazeres". Parece hoje!

Não vou me estender falando sobre a oração de modo moralista, quando ela é feita em espírito inadequado. Ponha o chapéu quem julgar que lhe sirva. Só quero esclarecer dois pontos: a) o que é oração; e b) o que vale a oração de pedido?

Orar é falar com Deus, dizia o velho catecismo. É colocar-se a descoberto diante de Deus, com toda a franqueza. Simples? Talvez nem tanto. Porque Deus não se vê. Parece que Ele não fala... Mas fala, sim. Já falou muito. "Muitas vezes e de muitos modos, deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. No fim destes dias agora, falou-nos por meio do Filho" (Carta aos Hebreus 1,1-2). Deus se serve de intermediários: falou por meio dos profetas de Israel e, suponho, também de alguns das outras religiões. E, definitivamente, comunicou-se conosco por intermédio de seu Filho, Jesus de Nazaré.

Que significa isso? Esses intermediários fornecem-nos o "meio" para falarmos com Deus. O meio de comunicação, por assim dizer. As palavras, a linguagem. Sem as palavras fornecidas pelas grandes tradições religiosas, não conseguimos "levar Deus à fala". Orar é falar (por isso as gramáticas chamam dada segmento completo de uma frase de "oração" – sua raiz vem do latim, de os, oris, que significa boca). Os profetas forneceram as palavras que falam de Deus, e deixaram Deus falar. E Jesus, mais ainda: Ele é a Palavra de Deus.

Acrescento a isso uma intuição da filosofia atual, nomeadamente, de Paul Ricoeur: "Ler (que é uma forma de falar e de escutar) é descobrir-se a si mesmo no espelho que é o texto. Quando você lê um bom romance, você simpatiza ou antipatiza com determinadas personagens ou ações. Por quê? Porque você se espelha nisso." Pois bem, as tradições religiosas, a Bíblia e, de modo especial, as palavras em que Jesus se nos apresenta, nos permitem espelhar-nos diante de Deus. Rezando um Salmo, pensando sobre uma passagem do Evangelho, vemo-nos envolvidos num diálogo entre Deus e nós mesmos. Percebemos quem somos diante d'Ele, entendemos como nos encontramos diante da última instância ou meta de nossa vida. Por isso mesmo, toda oração é comunitária, porque é a comunidade da linguagem que nos fornece o espelho em que nos vemos diante de Deus.

E podemos pedir algo a Deus? Claro, a conversa é franca, livre. Falamos de nossas carências, e isso vale um pedir. Quando um filho diz à sua mãe que está com fome, a mãe entende isso como um pedido... Ao falar com Deus, podemos até reclamar, xingar, como fez o não tão paciente Jó (leia livro de Jó, sobretudo os capítulos 3 a 31). Depois, veremos que falamos bobagens (leia Jó 40,1-5; 42,1-6). Ora, o que pedimos deve corresponder ao que Deus é e está prestes a nos dar. Deus é amor (1ª Carta de João 4,8.16). E Jesus é sua palavra de amor até o fim (Evangelho de João 1,1.18); nele, prestes a morrer por amor e fidelidade, Deus se fala todinho, se comunica até o fim (João 14,9).

Então, o que combina com isso, podemos pedi-lo sem ressalvas. Mas o que apenas combina com nosso egoísmo e vaidade, é melhor pôr a mão na boca, como Jó, e envergonhar-se disso diante de Deus.

Vem-me à memória uma poesia de um padre poeta de minha terra natal que aprendemos no ensino fundamental (daquele tempo...): "Tu oravas, só, numa montanha, mas tal montanha eu não encontro... Ensina, Senhor, a este bobo que sou eu, como devo orar".

Com licença de < <http://domtotal.com> >, 03/10/2012.



Loosing my religion: um cético saindo do armário

Zé - José Carlos Lázaro da Silva Filho

Um velho ditado diz "religião e política não se discute". Nada mais conservador do que isto. Nos tempos onde redes sociais virtuais provocam superexposição, imediatismo e má interpretação, talvez fosse melhor seguir o ditado e se manter fora de discussões sobre estes temas, para manter o convívio social plural. "Só que não!" (gíria do momento, dezembro de 2013).

Talvez seja melhor ter uma posição clara política, num momento de polaridade em que há tantos blogs contra o governo, a favor do governo, a favor de governos que não conhecemos bem, contra outros governos que não conhecemos bem, a favor ou contra os direitos humanos. Mas também: "Só que não!" Meu ceticismo me leva a duvidar tanto de informações da "grande mídia", quanto de informações de "blogs chapa branca". Notícia de jornais, um dia destes: "Governos ocidentais controlam a internet!" Alguém diria, caçoando: "Que "governos", cara-pálida?" Como bom cético que sou, penso num filtro pesado sobre tudo. A "Política" está complexa, fluida. Ler Zigmunt Bauman torna-se necessário, mas também torna-se necessário ler filosofia> E esta não é a questão deste texto, apesar de, para muitos, política ser mais ou menos como uma religião, o maniqueísmo do bem e do mal. Mas o ceticismo leva a questões maiores, à "questão maior" de que não se discute a religião.

Uma das leituras mais impressionantes deste meu ano passado foi um livro já batido, de 2007(?) "Deus, um delírio", de Richard Dawkins. Me considero, a priori, um "cético", no sentido filosófico deste termo, mas a leitura de Dawkins ajudou a organizar o meu ceticismo religioso, que começou com a minha "crisma", em um "convento" franciscano em Berlin, aos 35 anos, ouvindo sobre religião de um irmão teólogo octogenário. Neste "processo", em uma sessão, uma das pessoas em conversão comentou sobre o "Credo" (o mantra dogmático, parte essencial de uma missa da igreja católica apostólica romana) e seu texto "longo", onde tem-se sobre "(...) creio na ressurreição da carne (...)". Naquele momento, o velho irmão falou (em alemão) à pessoa algo como "isto são textos simbólicos".

Daí em diante, minha volta a frequentar a Igreja Católica tornou-se mais leve e clara, frente ao objetivo maior, que era o de casar-me com uma católi-

ca polonesa, na Polônia, um país mais católico do que o Vaticano (ao menos, esta era a minha impressão!) – e de um catolicismo “meio” antiquado.

Mas a frequência de um cético a missas é problemática. Sobretudo porque a maioria dos religiosos, leigos ou não, católicos ou não, pensam que palavras institucionais e dogmáticas como o “Credo” ou trechos da Bíblia são uma verdade real, e não simbólica. Reflexões sobre missas frequentadas após minha crisma me levam ao ceticismo da religiosidade. Aí entram as leituras de Dawkins, de Freud (em “Futuro de uma ilusão”), de Nietzsche (em “Deus está morto!”) e uma certeza, no limite a que um cético se permita, de que a religião é uma criação humana para suas necessidades psicológicas e sociológicas. E daí emergem o agnosticismo ou a crença em um “deus einsteniano” (o do Deus como o criador matemático do “Big Bang”). Minha raiz cética me leva, ao mesmo tempo, a duvidar da existência deste “Deus figurativo”, e a duvidar da sua inexistência, para mim ficando melhor, mais confortável, o agnosticismo de Huxley do que o ateísmo convicto de Dawkins. Lembrando Popper, mesmo achando que o cisne branco não é um deus, não posso negar a chance de um cisne negro que não conheço ser “um deus”. Dawkins me parece exagerar na sua certeza de que não exista um deus einsteiniano e de seu ateísmo convicto.

Mas o mais interessante disto tudo é uma questão provocante do livro de Dawkins, onde o autor coloca que o agnóstico/ateu está para a (aceitação da) sociedade ocidental, como o homossexual nas décadas de 1950 (visão de Dawkins na perspectiva da sociedade norteamericana), ou seja, ele só é aceito se não for declarado. Hoje, no Brasil, acho que ainda estamos neste estágio, também para os homossexuais. Então, voltamos ao tema de “discutir religião”. Como a opção de “sair do armário” e expor claramente sua posição de ser agnóstico, ou seja, de não acreditar em um deus único e ligado a questões terrenas do dia-a-dia. Como viver o Natal, a Páscoa, e outros feriados como verdades únicas, mesmo sabendo que a maioria da população mundial não acredita e segue esta cultura religiosa. E esta é incoerente já entre culturas próximas, com seus presépios com elefantes ou vacas, e suas diversas “ceias de Natal”, misturadas com tradições celtas da idade média). Mas talvez isto seja mais ou menos como querer não ser execrado, em um aniversário infantil, por não balançar a mão, “abençoando a criança em nome de Maria” (na tradição cearense).

Pessoalmente, sinceramente parei de balançar a mão em direção da criança nesta ladainha cultural. Vou à missa, na Polônia, como um evento cultural e como experiência sociológica. Claro que não entendo a missa em Polônês, mas mantras são mantras, e ... Lá, as missas são cheias de pessoas de todas as idades. Aos poucos, vou juntando-as ao meu ceticismo. E, até para simplificar um pouco o processo, vou liberando meu agnosticismo. Que venha o dia do “orgulho agnóstico” ou o “dia internacional dos agnósticos”.

“... Creio na santa igreja católica (!!!!) [...]”. Só que não ... Seja com o papa Francisco ou como na época do Ratzinger...

Como uma velha canção dos anos oitenta: “That’s me in the corner (...) loosing my religion” (o recorte fica bom para uma letra complicada...).

Saúde e Bem Estar



Pereba

Neca - Marli Knorst

E esfrega a pereba,
grande, funda,
imunda.
Que deixa marcas
na bunda.
Que ninguém jamais
vai ver.
Ou verá?
Não sei!

Escrita em 1982, durante o estágio no Projeto Rondon



Benefícios do Exercício Físico para a saúde mental

Paula Licodiedoff

Muito se tem comentado, nestes últimos anos, sobre os benefícios do exercício físico para a melhora do nosso estado geral de saúde. Esse apoio cada vez mais intenso à prática de uma atividade desportiva e combate ao sedentarismo têm sido a bandeira de cardiologistas, endocrinologistas, ortopedistas, pneumologistas, de vários “istas”, enfim, se tem dado muita ênfase – e com razão – aos benefícios que o exercício físico traz ao nosso corpo. Mas aqui pretendo focar os benefícios não menos importantes que a prática de uma atividade física, seja ela lúdica ou não, traz para a nossa saúde mental.

De nada adianta estarmos com o coração, pulmão, articulações, e outros órgãos em perfeito estado de funcionamento, se não estivermos gozando de uma saúde mental plena. E o caminho para alcançarmos este objetivo também passa pelo incentivo da atividade física como meio eficaz para a obtenção de excelentes resultados no campo da saúde mental. São vários os fatores que podemos abordar nesta coluna. E, com o devido tempo, pretendo me debruçar sobre cada um deles.

Entretanto, neste contato com os leitores desta publicação, escolho fazer algumas considerações sobre os efeitos ansiolíticos do exercício físico, por considerar que este tema é de grande relevância e de grande influência no dia a dia de grande parte de nossa população.

Do ponto de vista emocional, o ser humano pode experimentar basicamente três emoções principais, quando exposto a uma situação ameaçadora: a) raiva dirigida para fora (o equivalente à cólera, explosão); b) raiva dirigida contra si mesmo (depressão); e c) ansiedade ou medo. Nestas situações em que o indivíduo se encontra em estado de alerta, o organismo sempre reage com um comportamento específico, muitas vezes sequer controlado conscientemente, resultando em comportamento de fuga ou de ataque ao agente estressor.

Em situações de normalidade, as reações emocionais geram descargas hormonais que, após o pico de excitação, retornam ao estado de equilíbrio. O transtorno de ansiedade se manifesta justamente quando esse processo interno de reação ao agente estressor não retorna ao estado de equilíbrio. Aqui podemos identificar o exercício físico aeróbico como um elemento de

proteção ao organismo, já havendo estudos no sentido de que estes exercícios tenham um efeito antidepressivo e ansiolítico.

A ansiedade, seja ela encarada como um sintoma ou como uma patologia, envolve uma série de aspectos multifatoriais de caráter somático ou cognitivo, que se apresentam por sentimentos subjetivos como apreensão, tensão, medo, tremores indefinidos, impaciência, entre outros (aspectos cognitivos) ou por alterações fisiológicas nos vários sistemas do organismo, como taquicardia, vômitos, diarreia, cefaleia, insônia e outros (aspectos somáticos). Estes sintomas atingem a população em geral, tendo maior incidência em mulheres na faixa etária dos 25 aos 55 anos.

Os tratamentos convencionais para os transtornos de ansiedade consistem em psicoterapia associada à medicação, e têm resultados positivos, quando conduzidos por profissionais competentes. Entretanto, é importante que se mencione que estudos científicos realizados ao longo destes últimos 25 anos vêm demonstrando que o exercício físico aeróbico, como a corrida, têm um efeito positivo nos quadros de transtornos de ansiedade.

As reações fisiológicas do indivíduo, tais como aumento da frequência cardíaca, aumento da frequência respiratória, aumento da pressão arterial e níveis de lactato sanguíneo, são bastante similares tanto em um ataque de pânico, por exemplo, como no pico de um exercício físico. Esta semelhança nas alterações fisiológicas acaba por desencadear um processo biológico-psicológico que prepara o indivíduo para o controle emocional destas reações.

Estudos envolvendo outros transtornos de ansiedade, que não o pânico, também apontaram resultados positivos de intervenções acompanhadas de exercício físico, o que nos leva à conclusão de que o exercício físico aeróbico tem significativa influência na redução dos sintomas de ansiedade, podendo ser utilizados como auxílio no tratamento destes transtornos. Portanto, sua corrida de cada dia não estará apenas colocando seu corpo em forma, mas a sua mente também estará entrando em uma melhor forma.



Indústria farmacêutica: saúde versus capital

Tony - Antônio João Valandro

A indústria farmacêutica tem sido alvo de muitas críticas, e desenvolveu, ao longo do tempo, um poder incalculável para a sociedade mundial, principalmente por lidar com uma das necessidades mais básicas para o ser humano: a saúde. Uma pessoa com alguma enfermidade – falando de doenças mais graves – está disposta a investir qualquer soma de dinheiro para conseguir a cura (cura essa que, muitas vezes, não é garantida). A produção de medicamentos se tornou um negócio altamente rentável, como qualquer outro, como produzir roupas, eletrônicos e outros. Portanto, não há nada de ilegal neste fato, considerando que é apenas mais um segmento de negócios inserido em um mundo capitalista.

O que se tem questionado muito é a maneira como são conduzidos os processos de propaganda, marketing e precificação dos medicamentos.

O foco no paciente tem sido um discurso bastante apelativo, ao se divulgar os benefícios de um determinado medicamento. Mas, por outro lado, uma grande preocupação da indústria é a de poder identificar médicos com alto potencial prescritivo e, a partir desse mapeamento, elaborar as campanhas e direcionar as verbas de marketing para atingir seus objetivos de vendas.

Grandes volumes de dinheiro são investidos anualmente nas campanhas promocionais, principalmente porque existem várias empresas com medicamentos diferentes, mas as mesmas indicações terapêuticas. Em algumas situações, tais medicamentos possuem níveis de eficácia muito próximos quando comparados entre si e com efeitos adversos distintos. Em outras situações, novos medicamentos são lançados no mercado, mas com os mesmos níveis de eficácia. O benefício está no grau de toxicidade que os pacientes irão experimentar com uma droga ou outra na composição destes medicamentos. Frequentemente, estes pequenos benefícios em termos dos resultados e vantagens em relação aos efeitos adversos dos novos tratamentos costumam valer milhares de reais. Para exemplificar, e citando um caso particular da especialidade de oncologia, seria irresponsável afirmar quanto dinheiro vale 30 dias a mais de sobrevivência e com uma qualidade de morte melhor. A verdade é que, mediante estes altos custos, pacientes serão melhor tratados ou não, dependendo de seus planos de saúde suplementar

ou da incorporação destas novas drogas pelo Sistema Único de Saúde, em se falando de Brasil. Normalmente, quem tem um bom plano de saúde terá direito às novas drogas.

As campanhas promocionais de marketing fazem uso destas informações científicas para confeccionar seus materiais promocionais. Nestes materiais, aquelas pequenas diferenças de eficácia e toxicidade serão amplamente abordadas pelos representantes de vendas ou, mais modernamente, pelos chamados "consultores técnicos de vendas" em suas visitas mensais aos médicos. Não há qualquer problema em levar informação científica à classe médica. Mas, a partir da identificação de médicos de grande potencial prescritivo pelos representantes, monta-se uma estratégia altamente "marqueteira". Aí entra em discussão a questão da Ética das relações entre médicos e a indústria.

Houve um tempo que essa regulação praticamente não existia. Médicos eram contemplados com viagens internacionais até mesmo em classe executiva com direito a acompanhantes e jantares nos melhores restaurantes do mundo, regados pelos melhores vinhos, entre outros presentes e brindes.

Hoje, a ANVISA, seguindo o FDA, estabeleceu regras muito claras para regular essa relação médico-indústria, e está de olho nessa fiscalização, aplicando multas elevadas aos laboratórios que as infringirem. Os próprios laboratórios reviram as políticas de marketing para tentar tornar esse relacionamento mais saudável e, ao mesmo tempo, para se proteger. Ainda assim, este assédio continua forte. No Brasil, médicos continuam sendo convidados a participar de eventos nacionais e internacionais com objetivos de que tragam novos conhecimentos ao país, com total patrocínio da indústria, porém com muito menos glamour e menos regalias. Outros países já baniram esta prática.

Em um discurso sobre a postura antiética da indústria farmacêutica. A doutora e professora de Harvard Marcia Angell fala: "Em suas práticas, os médicos não deveriam aceitar brindes da indústria farmacêutica. Nem mesmo os considerados insignificantes, pois a literatura mostra que mesmo pequenos presentes, especialmente aqueles dados aos médicos em formação, criam o desejo de retribuir de alguma forma. Reconheço que essas sugestões pareçam radicais hoje, porque médicos envolvidos nos âmbitos práticos e acadêmicos estão bem acostumados a receber grandes somas de dinheiro, jantares e presentes da indústria."

Não que não haja excelentes medicamentos para a nossa saúde ou que a indústria farmacêutica não exerça um papel fundamental na busca de terapias eficazes no tratamento de tantas doenças que afligem e destroem famílias. Mas os medicamentos devem ser receitados com cuidado e os médicos, ao prescrevê-los, devem estar bem a par das pesquisas, dos resultados e de informações verossímeis referentes aos tratamentos.

Ao mesmo tempo, existe um grande número de médicos que colocam a ciência e o paciente como foco principal em suas atividades profissionais. Mas precisa haver a garantia de que nenhum médico tenha sua prescrição baseada em uma troca não fundamentada na extrema ética com a indústria farmacêutica.

Toda a prática da medicina deve ser baseada em boa pesquisa clínica ou, pelo menos, em uma forte plausibilidade biológica. E a relação da classe mé-

dica com a indústria farmacêutica deve continuar sendo vigiada pelas agências reguladoras, para que pacientes não sejam prejudicados e para que as pesquisas clínicas sejam extremamente bem conduzidas e com objetivos de buscar a cura para as terríveis doenças que afligem a humanidade.



Como envelhecer?

Maninha - Mara Regina Knorst

A expectativa de vida está aumentando em todo o mundo. Com isso, um número cada vez maior de pessoas passa a sobreviver até 70 ou 80 anos. Como será esse “envelhecer”? Qual a qualidade de vida nossa sobrevivência?

Se perguntarmos para as pessoas como gostariam de envelhecer, provavelmente ouviremos como resposta: “Com saúde, independência e qualidade de vida.”

À medida que se envelhece, surgem às doenças crônicas. E, com elas, muitas vezes vêm deficiências e algumas dependências. Porém, nada e nenhuma doença tem um efeito tão devastador sobre a qualidade de vida do idoso quanto a solidão e a inatividade.

Como a pessoa idosa muitas vezes vive só, pode sentir os males com intensidade maior, o que muitas vezes é apresentado através da sua linguagem corporal, podendo justificar o deixar de fazer e/ou de viver o dia a dia.

A manutenção do convívio familiar, social e com os amigos é de fundamental importância para manutenção do bem-estar físico e psíquico dos idosos.

A atividade física, ao longo da vida, entra como um elemento indispensável para retardar o processo de envelhecimento e a dependência motora. Deve ser estimulada em todas as fases da vida, mas principalmente na terceira idade.

A maioria dos idosos não quer (ou, ao menos, não gostaria de) depender de mais alguém para garantir o próprio bem-estar. Todos querem ser donos da própria vida, ter capacidade de decidir e escolher caminhos, mesmo que seja na simples tarefa de escolher a roupa que vai vestir. Quando a independência não é alcançada, sentem-se infelizes e muitas vezes adoentados.

As pessoas que convivem com idosos, tanto sendo familiares quanto cuidadores, devem respeitar as diferenças e, dentro do possível, manter ao máximo a independência dos idosos. Muitas vezes, é preciso ter paciência e não só escutar o que falam, mas saber ouvir. E, muitas vezes, é preciso saber ouvir as mesmas histórias, nunca esquecendo de que estas pessoas um dia foram mais jovens e tiveram grande paciência em ouvir e responder repetidas vezes as mesmas perguntas e histórias dos seus filhos, sobrinhos, ou crianças em geral...

A atenção à pessoa idosa não deve significar a ausência de doenças, mas

sim o respeito, a independência, a liberdade de escolha do seu estilo de vida. As estratégias do cuidado devem respeitar a individualidade, sempre pensando na manutenção do convívio social, objetivando assim a melhora da qualidade de vida.

*Reflexões sobre a Vida
(e sobre a morte)*



Pássaro quixotesco

Luis Binotto

Acordei naquela manhã e, como de costume, fui tomar meu café matinal. Tudo na mais rotineira sequência, não fosse por um pássaro que insistia em bicar o vidro junto ao telhado. Imaginando que aquilo devia doer, ou quem sabe lhe render uma boa dor de cabeça, fiquei imaginando, enquanto comia, por qual razão ele fazia aquilo.

Foi quando me lembrei de que havíamos aplicado um filme espelhado sobre o vidro, para filtrar o calor que entrava por aquela abertura. A partir daí, não foi difícil imaginar que aquele pequeno animal territorial estava brigando por território com outro pássaro que via refletido no espelho – no caso, ele mesmo. Decifrado o enigma, segui com meu café.

No dia seguinte, no outro, e também no outro, aquela cena incorporou-se à minha rotina matinal. Não tardou até que o homo sapiens aqui – supostamente no topo da cadeia animal racional – começasse a tecer juízos sobre aquele bicho estúpido. Será que não “se dava conta” de que estava travando uma batalha contra si mesmo? Merecia a sua provável dor de cabeça! Quem mandou ser tão estúpido!

Assim foi até que um dia, durante a corriqueira cena, um insight interrompeu as críticas. Pensei, quantas vezes, nós mesmos, seres humanos racionais, tão orgulhosos de nossa capacidade e feitos, não fazemos o mesmo?! Explico-me: Não raro, travamos nossas próprias batalhas imaginárias, quixotescas, com preocupações de toda sorte, preocupados com as opiniões dos outros, com antecipações de problemas que nunca ocorrerão, ruguinhas aqui, pneuzinhos ali, numa atitude neurótica que acabava por minar nossas defesas e, finalmente, sabotar nossa saúde. Quanto reflexo!

Mudei... Primeiro, parei imediatamente de criticar aquele pássaro. Identifiquei-me com ele em algum grau. Aprendi com ele. A seguir, parei de brigar automaticamente com meus próprios “reflexos” no espelho da vida. Claro que, de vez em quando ainda saio com alguma bicadinha. Olho para o lado, tendo descobrir se ninguém viu, e finjo que não ocorreu!

Desde então, substitui a Neosaldina ® por um pouco mais reflexão...



Epitáfio no presente?

Luis Felipe Nascimento

Certo dia, Deus apareceu para uma pessoa e lhe informou que ela teria mais 60 dias de vida. A pessoa, que confiava em Deus, acreditou que isto realmente iria acontecer. Ao receber esta notícia, não poderia mais continuar vivendo como vivia, pois tinha pouco tempo. Viver menos do que ela imaginava se tornou um problema! Resolveu gastar o capital acumulado, tanto o financeiro quanto o moral. Era hora de fazer aquilo de que mais gostava. Viajou, bebeu, comeu, comprou, transou. Disse tudo o que tinha trancado na garganta. Chutou o balde! Não havia mais o que temer e nem razões para esconder seus sentimentos. Não importava se estava mais ou menos feliz por ter feito tudo o que queria, por ter dito tudo o que disse; não importava se tinha mais ou menos amigos, se fez as outras pessoas mais ou menos felizes. Passados aqueles 60 dias, chegou o seu fim! Eis que Deus apareceu novamente e lhe informou que houve um engano, que na verdade esta pessoa teria mais 60 anos de vida. Diante de tal revelação, ela não conseguiu ficar feliz, pois não estava preparada para viver mais 60 anos. Viver mais do que ela imaginava se tornou um problema!

Sabemos – mas não acreditamos – que a nossa vida pode acabar em 60 dias ou se estender por mais 60 anos. A vida é como aquela brincadeira da “dança das cadeiras”, não sabemos a hora em que a música irá parar e nem se vamos conseguir um lugar para sentar. Saber que vamos morrer não nos faz repensar o dia de hoje, por que achamos que ainda temos muito tempo. Como disse Saramago: “Fugir da morte pode tornar-se num modo de fugir da vida.” Deixamos as coisas mais importantes para fazer no futuro. Poucos são como um amigo que me disse: “Até amanhã, mas me dá um abraço hoje, pois não sei se vai haver um amanhã”. Por outro lado, temos que pensar no futuro, mas não apenas “naquele pé de meia” que vai nos garantir o conforto depois de aposentados. E a reserva de saúde, de reputação, e o estoque de amizades e de amor? Na aposentadoria, vamos viver só do tal pé de meia? Reflexões sobre o que fizemos ou que deveríamos ter feito na vida estão explícitas em canções como “Epitáfio”, da banda Titãs: “Devia ter arriscado mais. E até errado mais. Ter feito o que eu queria fazer...” – letra e música podem ser acessadas em <http://letras.terra.com.br/titas/48968/>. Diante da certeza da morte, deveríamos nos perguntar: O que fazemos hoje seria o que faríamos nos últimos 60 dias de vida? E o que fazemos hoje nos

leva ao que queremos para nossos próximos 60 anos? Se as duas respostas forem SIM, a nossa reflexão final será um "valeu a pena", como na canção "My Way", de Paul Anka: "Eu vivi uma vida que foi cheia. Eu viajei por cada uma e por todas as rodovias. E mais, muito mais que isso. Eu fiz do meu jeito" – letra e música podem ser acessadas em <http://letras.terra.com.br/frank-sinatra/36413/traducao.html> . Se forem NÃO, então tá na hora de cantar Epitáfio, conjugando os verbos no presente ("Devo arriscar mais. E até errar mais. Fazer o que eu quero fazer...").



Doutor, tem cura?

Celso Funcia Lemme

*"Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência"
(Lenine e Dudu Falcão, em "Paciência")*

— Doutor, eu vim aqui porque acho que estou ficando louco. Como posso saber?

— Você não pode saber. Os outros é que decidem se você está louco, quando seus pensamentos, sentimentos e atitudes não estão fazendo sentido para eles.

— Neste caso, se eu tomar os remédios e fizer todo o tratamento, ficarei curado?

— Ninguém pode se curar de uma doença que não tem. Se não houver nada errado, não haverá como corrigir o erro.

Ouvi uma entrevista de um psiquiatra dizendo que, nos últimos anos, muitos pacientes que chegam ao seu consultório, completamente desequilibrados, não apresentam qualquer indício de transtorno mental patológico. Apenas não conseguem se adaptar às situações absurdas com as quais são obrigados a conviver todos os dias. Por exemplo, eles observam, pelas ruas das cidades, que perambulam vidas que se perderam ou foram abandonadas. Idosos, doentes, crianças e animais que não merecem a atenção de quem passa com pressa, talvez pensando no novo celular, no carro mais possante, na próxima viagem de turismo ou na roupa da vitrine.

— Mas doutor, não sou eu que olho para eles nas ruas, são eles que me olham, com olhares terríveis, que gritam por socorro.

— Então você ouve palavras ditas com os olhos? Talvez haja alguma disfunção no seu sistema sensorial. Você já examinou os ouvidos?

— Doutor, meus ouvidos estão surdos desde que eu passei a ouvir os meus pensamentos, que ficaram em silêncio por muito tempo, enquanto a minha vida passava. É uma gritaria o dia inteiro, todos os dias.

— Você pensa com os ouvidos e ouve o que os olhos dizem?

Temos a esperança de que a ciência e a tecnologia tragam soluções milagrosas para questões pessoais e coletivas. Enquanto isso, a ciência se parte em mil pedaços e se esquece de juntá-los. Esquece, também, que

ela só tem sentido se ajudar a melhorar a existência de todas as formas de vida. Especialistas não falam com leigos, nem com especialistas de outras especialidades. Por que falar com os que não entendem o que você fala? Por que levar o conhecimento aos ignorantes? O que um economista tem para conversar com um ecologista? Como será a conversa entre um engenheiro e um músico?

— Doutor, na minha casa e no meu trabalho eu toco em objetos demais todos os dias. Minhas mãos estão cansadas de tantas coisas desnecessárias, por toda parte.

— Acho que estou identificando mais um problema sensorial, pois o seu tato parece estar seriamente afetado.

— O pior é que não tenho gosto por nada disso; são objetos demais e emoções de menos. Não tenho gosto pelo que consigo tocar e não consigo alcançar o que eu realmente gostaria de tocar.

— Parece que há um problema de paladar associado ao tato. Juntando tudo, vejamos: disfunções de visão, audição, tato e paladar. Será que estamos diante da Síndrome da Dissonância Sensorial Generalizada?

Há alguns anos, houve um show de encerramento do ano letivo de uma famosa escola de música, em um famoso teatro do Rio de Janeiro. O show começou com os músicos e professores mais conceituados tocando. De repente, o músico que tocava cavaquinho olhou para o instrumento e para a área atrás do palco, sinal usual de que algo ocorrera com o instrumento; provavelmente uma corda arrebentara, o que não teria como ser corrigido rapidamente. Um aluno jovem entrou no palco rapidamente com seu cavaquinho e ocupou o lugar do professor, que se retirou para o fundo. O show estava salvo.

Pouco depois, com a música em execução, o violonista olhou para o seu instrumento e para a área atrás do palco. A bruxa estava solta? Outro instrumento com corda arrebentada? Outro jovem aluno veio do fundo do palco, dessa vez com um violão e substituiu o mestre, que se retirou. A música seguiu.

Aquele não seria um dia comum. Em seguida, o problema foi com o flautista, também rapidamente substituído por um jovem aluno. A música foi em frente. O mesmo aconteceu, sucessivamente, com o restante dos professores que tinham entrado no palco para fazer a abertura do show. Realmente aquele dia seria marcante.

Não, não houve qualquer problema com os professores. Tudo fora combinado. Ao final da música, que não parou em nenhum momento, todos retornaram ao palco com seus instrumentos e se colocaram logo atrás dos jovens alunos que os sucederam.

O recado para o público estava dado. Todos os sentidos se misturaram para avisar que os melhores sentimentos e pensamentos unem as gerações, em um caminho sem fim e sem volta. A doença tem cura. Passado e presente podem se unir para salvar o futuro.

— Doutor, acabou o tempo da consulta. Como fica o meu caso?

— Não sei. Você teria alguns minutos para ouvir o meu?

*"Será que é tempo que lhe falta pra perceber
Será que temos esse tempo pra perder*

*E quem quer saber?
A vida é tão rara..."
(Lenine e Dudu Falcão, em "Paciência).*



Você era feliz e não sabia, agora é tarde!

Alfie - Alfredo Santiago Culleton

Se, ao longo dos anos você não cuidou da sua saúde, agora não adianta mais. Se você acreditou quando a professora lhe disse que, se você estudasse, seria feliz, então está roubado. Se você está lendo este texto, então você está perdido. Foi tomado por essa síndrome de querer saber e entender... Acredita que a informação vai lhe ajudar a ser feliz, e que, quanto mais e melhor informado você estiver, melhor vai viver, certo? Errado!!!

Saber é um processo de progressiva infelicidade sobre o qual você insiste por toda a vida. O saber só desmancha o prazer. Com um ou dois anos, você se perguntou: "Onde é que a minha mãe vai depois que me dá boa noite e diz que me ama?" Você não imaginava, mas ela foi dormir à noite toda com o desgraçado do seu pai! Você descobriu porque o leite foi substituído pelo bico. Quando chorava, recebia colo e leite; depois ameaçava chorar e recebia um bico de borracha, que você achava que, de tanto sugar, sairia leite, certo? Errado! Outra decepção.

Ainda bem que existia Papai Noel, Coelhinho da Páscoa, dinda e vó. Mas você descobriu que o Papai Noel era o mesmo cara que dormia com a sua mãe; que o coelho não botava ovos (isto aprendeu na tal escola); que a dinda começou a lhe presentear roupas (um horror... criança odeia receber roupas de presente) e que a vó, é a tal sogra linguaruda que seu pai sempre fala.

Com o passar do tempo, você deixou de acreditar nos seus pais e passou acreditar na escola!! Aí então, foi uma decepção atrás da outra. Começou percebendo que a "profe" olhava para você de uma maneira diferente dos outros. Que se você fizesse tudo o que ela dizia, aprendesse o alfabeto, não pintasse fora do desenho, distinguisse ovo de uva... numa tarde, depois da aula, você seria convidado para ir à casa dela fazer o lanche. Só você e ela, na casa da profe, tudo bonito, limpinho, cheiroso, ela cheia de surpresas e historinhas para ler para você... Mas você quis saber da professora... Se deu mal! Ela era casada com um guarda noturno e dava aula em mais duas escolas para sustentar o filho dela e o do marido que morava com eles.

Depois você descobriu que o "final de semana" era só o final "desta" semana e que, logo, teria "outra" semana cheia!! Que você estudaria cinco

dias para poder folgar dois!! Um péssimo negócio! E que os seus amiguinhos da rua, com quem você brincava, já não estavam mais lá. E que os novos amigos, os colegas, moravam longe. E que a coleguinha por quem você se apaixonou, xiii... Esta mora mais longe ainda. E o pior, parece que nunca chega o dia do aniversário dela, enquanto que as garotas chatas, estas parece que fazem mais de um aniversário por ano. Chega um momento em que você desiste e começa a se dedicar aos estudos. Quer acabar esse tal de ensino fundamental de uma vez, pois parece que os caras do ensino médio é que são os bons!! Olha só para o primo que está no ensino médio!! Esse sim que é o cara!

Enquanto a família esperava a chegada da meia-noite para celebrar o Ano Novo (outra lorota, que de "novo" não tem nada!). O primo lhe contou as coisas que fazia com os colegas dele e você ficou fascinado! Aí você se puxou para passar na oitava série, para chegar logo no ensino médio. Outra decepção!! Mudou de colégio, deixou de ser o mais velho da escola para ser o mais novo. Apareceram mil matérias e professores ameaçando você com um tal vestibular!! Você percebeu que, se passar na tal prova, será "o cara". Mas, se rodar, será um lixo, como o primo.

As mudanças não ocorreram só na escola. Você descobriu que os seus pais não queriam mais que você jogasse tênis, tocasse violão, saísse com os amigos, acompanhasse o pai no futebol, namorasse... Agora acabou tudo aquilo, você só podia pensar no vestibular! Diziam: "Larga esses romances e biografias que você fica lendo a tarde, te preocupa com o vestibular!!" Eles tinham trocado você de colégio, porque o novo prepara melhor para o vestibular. Nos minutos que sobraram, te mandaram para um cursinho pré-vestibular. Todo o dia te perguntavam: "Para quê vais fazer vestibular?" E você se pergunta: "Para que serve tudo o que eu estudei nos últimos 13 ou 14 anos?" Eis a resposta: Para nada!!! Se você não passar no vestibular, estará morto, entendeu??? Mooorto!

E aquele plano de viajar pelo mundo? Nem pensar... Primeiro, o vestibular! Se você passar no vestibular, e que seja numa tal de boa universidade, aí sim, aí você poderá viajar!! Trancar o curso para viajar? Mas bem capaz! Você corre o risco de perder a vaga e ter que fazer TUDO de novo! Nas férias, você poderá ir com o seu amigo cinema assistir "Diário de uma motocicleta". Ainda quer viajar???? Tá bom! A mãe vai falar com o pai para lhe pagarem um intercâmbio. Você vai ter um mês para aprender inglês na Nova Zelândia, mas na condição de deixar sempre o Skype ligado!! Depois de 20 anos ouvindo que as drogas são horríveis, que é coisa de maloqueiro, que o cara se acaba e perde tudo... Você descobre que não é nada disto. Que tudo fica melhor com um "peguinha" ou uma "carreira", que viciados são os delirados... Não você. Você tá seguro que vai conseguir parar quando quiser... Mas quando você descobrir que não é bem assim. E novamente aí já vai ser tarde demais... Mas calma, daí para a frente, a coisa só vai piorar... Carpe diem (viva o dia de hoje).



100. O impermanente indo e vindo infinito

Senna - Cláudio Senna Venzke

“Todo dia ela faz tudo sempre igual, me sacode às seis horas da manhã, me sorri um sorriso pontual e me beija com a boca de hortelã...” A música “Cotidiano”, de Chico Buarque, retrata um ritmo repetitivo, no qual nos acostumamos a viver, e do qual muitas vezes não queremos sair, por nos sentirmos confortáveis. A velha história da “zona de conforto”. Mas o quão previsível é a vida? Muito menos do que acreditamos. Ou, na verdade, nos iludimos, para que nos sintamos confortáveis. Vivemos num mundo completamente mutável, de uma impermanência inquestionável, porém esquecida pelo apego à ideia ilusória de que as coisas podem ser permanentes. Talvez uma das formas mais fáceis que entendermos isso é observarmos a natureza com as suas infinitas mudanças, como nas trocas de cores do Outono. Recentemente, tive a oportunidade de vivenciar isto mais fortemente, numa região onde as cores outonais se mostram – e se transformam – de uma maneira tão intensa que, a cada dia, podemos ver uma paisagem nova num mesmo local, paisagem esta que logo em seguida se transforma de uma forma tão intensa que é possível acharmos que se tudo tornou estéril, mas volta logo em seguida com toda a sua força.

A impermanência é um ensinamento básico do budismo. Este ensinamento aponta que sofreremos pelo simples motivo de não conseguirmos aceitar a verdade da impermanência. O sofrimento é amplificado por ele mesmo, num ciclo de realimentação negativa: quanto menos aceitamos a impermanência mais sofreremos, e este sofrimento gera um apego maior à ideia de permanência, o que gera mais sofrimento. Conseqüentemente, a causa básica do sofrimento é o apego à não aceitação dessa verdade. O apego às coisas físicas, às relações ou ao estilo de vida, tornam-se, então, a materialização deste sofrimento. Sofremos com medo de perdê-los ou por ainda não tê-los.

Então, se sofreremos, nunca seremos felizes? O ensinamento budista coloca que não devemos buscar nada externo a nós mesmos. Podemos, por meio das nossas dificuldades ou sofrimentos, crescer e encontrar a nossa verdadeira missão neste mundo. Então devemos aproveitar cada instante como ele é: único para o aprendizado. Viver no momento presente, sem apegos ao passado, e principalmente ao futuro, os quais não existem.

Assim, esta história toda pode ser traduzida pela linda música/poesia de Lulu Santos "Como uma Onda": Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia, tudo passa, tudo sempre passará. Pois se há tanta vida lá fora, dentro de nós deve ser sempre como uma onda no mar.



Talentos

Bernardo Dias Machado

Todo ser humano, no transcurso de sua vida, deseja conquistar a autorrealização e a satisfação plena. Nessa busca incessante alguns fatores tornam-se fundamentais como o conhecimento de nós mesmos e, principalmente, a percepção dos fatores que nos tornam únicos e devidamente “equipados”, como pessoas, para viver e conviver: os nossos talentos.

Descobrir os próprios talentos está diretamente ligado com o autoconhecimento, que se dá, por sua vez, a partir da nossa relação com o mundo, com a nossa realidade, com a vida que cada um leva. Isso ocorre porque o homem está sempre, a cada dia, descobrindo a si mesmo, conforme vai crescendo e amadurecendo. E, com isso, também vai descobrindo novos talentos. Por esse motivo, o homem, como dizem, é um eterno aluno da vida.

Mas não é difícil começar a descobrir nossos dons: só o fato de “sermos gente” já nos faz termos vários talentos. A “vida”, por exemplo, já é um. Poder pensar, ver, ouvir, todos estes já são, em si mesmos, talentos! Outro dom que nós temos, talvez o mais importante, é o dom do amor. Temos esse talento, o dom de amar, com o objetivo de nos unirmos e, talvez por isso mesmo, o homem é um ser destinado a vivenciar todos os dias esse talento: em casa, nas ruas, no trabalho, no tratamento com as pessoas e nos relacionamentos com elas. Se esse dom fosse, portanto, o regente, a base de todas as nossas ações, com certeza elas dariam certo. E não falharíamos. Outros talentos: a capacidade de sonhar, de desejar as coisas, de ter objetivos... Estes são mais alguns dos inúmeros dons que temos.

Por um lado, estes são talentos que todos temos em comum. E, por outro, o que nos faz sermos tão diferentes uns dos outros?

Se a pensarmos, é como as sete notas musicais: Com apenas estas sete já compuseram milhares de músicas. E imaginem a infinidade delas que ainda pode ser composta. Cada um de nós possui a dose certa de cada dom, como a música, que é uma combinação das doses certas de cada nota musical. Cabe a nós o autoconhecimento para perceber isso.

Aqui cabe uma pergunta: com todo esse “arsenal” de talentos, será que não é o suficiente para enfrentarmos esse mundo com tantas desigualdades e injustiças? Uma música que fica no papel, guardada, que valor tem? Ela só é valorizada quando outras pessoas conhecem o que ela tem de bom. E, a partir deste momento, ela começa a ser tocada em outros lugares.

Com isso, o que temos que fazer?

Em primeiro lugar, temos que pôr esses dons a nosso serviço. Mas, principalmente, também a serviço dos outros. Por exemplo, na cidade de Porto Alegre, no bairro Tristeza, uma senhora, assistente de saúde, é paga para trabalhar em um posto local. Contrariando o senso comum, ela não se acomodou em sua "zona de conforto". Resolveu ir, de porta em porta, para conhecer os moradores, para lhes dar assistência médica, psicológica e até ajudar essas pessoas em funções que não são de sua responsabilidade. Um repórter perguntou se ela não cansava de fazer isso todos os dias, e ela respondeu que até cansava fisicamente, mas a sensação gratificante que ela sentia, todos os dias, ao chegar em casa, compensava tanto que ela não via a hora em que o outro dia chegasse, para poder recomeçar tudo novamente.

Assim pensamos: Existe uma grande quantidade de pessoas que, com os dons dos outros, pode e muda de vida, se inspirando num livro, ouvindo uma música, na matéria de um professor, na mensagem de um apresentador de TV. E isto prova o quanto nossos talentos são eficientes. E mesmo assim, por uma dificuldade ou outra, deixamos, às vezes, de tomar certas iniciativas, certas atitudes que poderiam melhorar a nossa própria vida e a vida de outros.

Em segundo lugar, temos que aprender, também, a somar nosso talento com os dos outros. Com isso, as forças aumentam e a possibilidade de que nossos projetos se realizem fica bem maior. Isso é facilmente ilustrado com aquela estória da "assembleia na carpintaria": As ferramentas fizeram uma reunião. Quem presidiu foi o martelo, mas os outros participantes queriam que ele renunciasse. O motivo para esta rejeição era o de que ele fazia muito barulho. Ele aceitou a culpa, mas pediu que o parafuso também fosse expulso, dizendo que ele ficava dando muitas voltas para conseguir algo. O parafuso concordou, mas pediu a expulsão da lixa. Dizia que ela era muito áspera no tratamento com os demais. A lixa acatou, com a condição de que também se expulsasse a trena, porque ela sempre media os outros como bem entendia. Nesse momento entrou o carpinteiro, juntou todo o material e iniciou o seu trabalho. Usou, entre outros, o martelo, o parafuso, a lixa e a trena. Quando a carpintaria ficou vazia de novo, a assembleia reatou a discussão. Daí elas se deram conta de que o carpinteiro trabalha com as qualidades, com os pontos fortes de cada ferramenta. Com isso, elas passaram a perceber estas qualidades, as especialidades umas das outras. E sentiram-se, então, como uma equipe capaz de produzir móveis de qualidade. E conosco não deve ser diferente!

E agora? Vale a pena investirmos em nossos talentos ou não? Pensemos nas consequências se anularmos nossos dons e no que pode acontecer se os valorizarmos. A vida pede a nossa presença, a nossa ideia, a nossa ação, participe! Pela nossa participação individual, vão surgindo novos valores e, com isso, nossa inteligência se desenvolve e crescemos. Cada vez que mostrarmos aos outros que há esperança de as coisas mudarem, realmente algumas coisas mudam. Por exemplo, o nosso bem-estar aumenta, porque estaremos alimentando a esperança que há dentro de nós mesmos. E, com isso, iremos percebendo que muitas coisas realmente são possíveis. E isso nos estimula a valorizarmos cada vez mais nossos talentos.

Coloquemos a mão nas nossas consciências. O que nós estamos fazendo

com os nossos talentos? Como eu estou contribuindo? Como eu posso contribuir para mudar o mundo? O nosso limite é o limite dos nossos sonhos. E a gente só consegue concretizá-los com a ajuda dos nossos dons, para nós, mas principalmente para os outros. Quando colaboramos com os nossos talentos e habilidades para esse mundo, passamos a perceber que cada pessoa é única. E isso ocorre porque vamos exercitando o relacionamento, a coragem, a flexibilidade, a criatividade, a ética, a curiosidade. Será que, mais para a frente, não seria compensador descobrir que a nossa existência fez diferença?

Fica, por fim, um convite: Seja útil! Hoje, o dia ainda não acabou. Então, porque não começamos, hoje mesmo, a valorizar esses nossos talentos? E, assim, a aproveitar ao máximo a oportunidade de, a partir de nossos dons, buscar a autorrealização e a satisfação plena?



Máscaras

Magda Brancher Gravina

Meus contatos profissionais sempre foram com adultos. Não que eu considere isso um privilégio, mas tal condição me possibilitou ver mais de perto as máscaras que passam a ser usadas depois que muitas pessoas deixam de ser crianças.

Na infância, como eu, estas pessoas certamente brincavam com máscaras de papel, presas com leveza por um elástico que facilmente se rompia. Representavam um personagem, por tão somente poucos minutos (ou, quem sabe, por algumas horas). Com frequência, no mesmo dia, na mesma festa, também trocavam a identidade do ser que estava sendo representado, e o faziam sem cerimônia. Era mesmo somente uma brincadeira. Usada assim, uma máscara não oferece qualquer perigo.

O problema começa quando as pessoas crescem e adotam máscaras inflexíveis e duradouras, presas por correntes. Independentemente do seu nível de escolaridade ou do nível socioeconômico de suas famílias, algumas pessoas usam máscaras, pois julgam que, com elas, serão melhor aceitas em família e na sociedade. Não é por mal. Não desejam o prejuízo de outros, somente aceitação. São máscaras usadas para tentar agradar, e até mesmo para tentar fazer as pessoas próximas mais felizes. Mas onde fica a felicidade de quem está vendo a vida por um pequeno orifício aberto no lugar dos olhos? O próprio andar de quem usa uma máscara é mais rígido, inseguro, lento.

Por exemplo, o João, que conheci enquanto era sua professora. Ele interpretava alguém frio, distante e sem interesse no ambiente que frequentava e nas pessoas que estavam próximas. Não conseguia transmitir alegria, não ria, não se divertia, não interagia com os colegas.

Sempre quieto em um canto da sala de aula. Por mais que eu me esforçasse, ele não participava, não vibrava, não sorria, não mostrava qualquer entusiasmo. Usava a máscara da frieza, da distância segura. No início, pensava ser algo pessoal. Mais tarde, descobri que a conduta era idêntica em outras disciplinas. Quando da entrega das notas de uma prova, sua máscara caiu. Mesmo estando fisicamente distante, pude ver o momento exato em que isso aconteceu, pois seu rosto mudou instantaneamente quando viu sua nota. Vi movimentos em sua face. Ficou em seu lugar até que todos os colegas saíssem da sala e, então, aproximou-se e disse: "Acho que minha nota

está errada. Não posso ter ido tão bem na prova". Olhando em seus olhos, lhe respondi: "Esta é a sua nota, sim!" Emocionado, ele disse: "Professora, preciso mostrar isso para o meu pai, pois ele sempre diz que eu não presto para nada, que sou brincalhão demais, que não sei ser sério". Fiquei sem palavras. A partir do julgamento do seu pai, João não podia mais mostrar quem realmente era, pois não agradaria as pessoas que – teoricamente – o amavam. Na sua própria casa o convenceram disso. Ou será que, na escola, alguém também lhe teria falado algo parecido? No seu entendimento, tinha que mostrar distância, seriedade, frieza, para ser respeitado.

Cotidianamente, vivencio situações parecidas. Pessoas tentando esconder algo, mostrando, somente horas depois do primeiro contato, quem realmente são, ou só parte do que realmente são. Pessoas boas, porém com problemas severos. Pessoas que passam a vida interpretando, escondendo seus problemas, seus medos, e mais, tentando agradar.

Está na hora de pensarmos no real sentido da nossa existência, de soltarmos as amarras que nos ligam ao preconceito de que rostos de expressão sisuda mostram sucesso, poder ou maior responsabilidade, e que rostos leves e risinhos mostram descompromisso ou alienação. Está na hora de pararmos de julgar alguém pela sua aparência, pelo seu rosto, pelos países que conhece, pelos bares que frequenta, pelas mensagens que divide nas redes sociais.

Aqueles que se julgam mais instruídos que os outros, mais responsáveis e se acham pessoas muito sérias, falam que são contra os preconceitos, que ter preconceito não é politicamente correto. Belo discurso. Mas, às vezes, são os primeiros a julgar aqueles que dançam na chuva, que brincam, que sorriem com fartura. São os primeiros a ter vergonha de dividir com amigos suas alegrias, suas viagens, suas conquistas. Escondem-se atrás de uma máscara com medo de parecer fúteis. E são exatamente os mais suscetíveis a abalos emocionais decorrentes da censura dos outros.

Os mais simples, menos vaidosos, os mais autênticos, são também mais felizes, pois não se escondem. Outro grande perigo do uso da máscara é que chega um momento em que, mesmo na intimidade, não conseguimos mais tirá-la...

Está na hora de, paralelamente às nossas responsabilidades, também sermos capazes de rir, de passear, de brincar, de sermos felizes. Não precisamos fazer cara feia ou séria demais para mostrar ao mundo (se é que alguém tem esta necessidade) que somos responsáveis e conscientes, que agimos dentro dos princípios da Ética e dentro da lei. Isso não se mostra pela cara, se mostra pelas atitudes. Que a cara de dor surja somente quando de fato temos dor. Que a tristeza, rigidez e seriedade excessivas não virem moda, não seja considerado charme. Que possamos ser queridos por aquilo que nós realmente somos! E ninguém consegue ser sério e triste, ou ser alegre e feliz o tempo todo.

Olhar a vida através de uma máscara nos limita, nos entristece, nos afasta de nós mesmos, nos mata aos poucos. Nada pode justificar uma interpretação constante de um ser que não corresponde ao que realmente somos. Nem o desejo de pais vaidosos, nem as ameaças de mestres ou empregadores exigentes.

Para sermos felizes, não podemos ter o rosto coberto, não podemos ver

a vida através de dois pequenos orifícios. Devemos ser sinceros e leais com nosso eu interior e com quem nos cerca. Usar máscaras não é justo nem para conosco mesmos, nem para quem está ao nosso lado ou à nossa frente. É nitroglicerina pura. Acaba em explosão. Nossa vida é única, e não há tempo para interpretarmos a vida de mais ninguém! Só a nossa!

Que caiam todas as máscaras! Já não é sem tempo. Que possamos ver realmente quem está na nossa frente, quem está feliz, quem ama, quem vibra. Chega de achar que, pelo fato de o mundo estar cheio de problemas, é vergonhoso cantar, sorrir. Não há mais espaço para este pensamento. A vida não pode ficar presa por um fio! Se ele é fino, como na máscara da nossa infância, basta um puxãozinho e nos libertamos! Se ele é mais resistente, certamente podemos encontrar alguém hábil a nos auxiliar no nosso processo de libertação.



Escolhas

Roger Vinicius Rosa Esteves

Muitas vezes temos que fazer escolhas que nem sabemos qual será o seu resultado. Será que atingiremos os objetivos esperados, nos decepcionaremos, ou ficaremos felizes, talvez chateados ou com medo?

Medo, mas por que este medo? Será que seria pelo sentimento de fracasso, de ter feito a escolha errada e depois ter que contar o resultado para os familiares, amigos, conhecidos, colegas de trabalho?

Eu estava indo para a cidade de Gramado, no dia 15 de fevereiro de 2014, para festejar os 10 anos da minha filha Eduarda, que seriam completados no dia 20 do mesmo mês.

Após um dia cheio de atividades familiares, entro na internet para não ficar totalmente desligado das notícias e recados, quando me deparo com um e-mail enviado por um professor de uma disciplina do doutorado da Faculdade de Administração. E o mais intrigante era o assunto: "Posso contar contigo?"

Achei estranho aquele assunto, e logo fui ver do que se tratava. Era um convite para estimular os seus amigos a escreverem um texto com assuntos que achassem interessantes. Num pequeno período de tempo surgiram várias perguntas: "Participo deste desafio ou escrevo agradecendo o convite?"; "Qual o assunto? Será que vou conseguir escrever algo que chame a atenção dos leitores?" Escolhas, muitas escolhas...

Iniciamos as nossas escolhas nos primeiros dias de nossas vidas: tomar leite materno ou escolher um produto industrializado? Quando adultos, ficamos tirando conclusões precipitadas em relação às escolhas das crianças, sem conseguirmos realmente saber o motivo. Alguém já conseguiu fazer esta comparação para descobrir o motivo da escolha dos pequenos?

A partir das primeiras palavras que expressamos, continuamos escolhendo: de quem gostar, ficar ou não na escolinha, formas de chamar a atenção dos nossos pais, formas de dormir, formas de tomar banho, formas de brincar, de estudar.

Fico me perguntando: "Por que precisamos passar por estas etapas?" Será que não seria mais fácil não precisar escolher? Ou se conseguíssemos identificar, de forma fácil e rápida, a melhor escolha? Sem dúvida, com a maturidade, nos aproximamos deste ideal.

A cada dia, passamos por várias etapas, nas quais precisamos decidir o

melhor para nossas vidas. Ou, pelo menos, o que achamos que seja melhor. Uma nova proposta de trabalho, grupos de amigos, com quem constituir uma família. E também tem a família, pessoas que sempre buscam o nosso bem, mas que, na maioria das vezes, não as escutam, ou então discordamos das suas opiniões, porém não dispensamos seus conselhos para ajudar nas escolhas.

Assistindo uma reportagem do "Fantástico", avalio as opções escolhidas por algumas pessoas entrevistadas, onde preferem continuar vivendo em favelas, ao invés de viver em regiões mais nobres. Numa primeira análise, tiro conclusões precipitadas, mas percebo que a felicidade, para eles, é o convívio com as pessoas amadas que os cercam.

Precisamos refletir. Pensar em quais coisas ou pessoas realmente nos façam bem, mas não pensarmos só com a Razão e sim com "o Coração". De que adianta sermos bem sucedidos, porém infelizes? Buscamos uma "Felicidade", mas muitas vezes a deixamos de lado, devido às nossas escolhas, sem saber se realmente fizemos a melhor escolha.

Sei que ainda tenho muitas decisões a serem tomadas. Espero que a grande maioria proporcionem alegrias, claro. Apenas uma, antecipadamente, me deixa preocupado, por ser pai de uma menina, a já mencionada. O primeiro genro! Mas espera aí, esta decisão nem será minha! Por enquanto, vou continuar aproveitando os dias em que tenho sua atenção e durante os quais (ainda) sou escolhido como "o homem de sua vida".



A pedagogia da morte

Soraia Schutel

Ao receber o convite para escrever um breve ensaio, os mais variados temas seriam possíveis de abordar, desde as diversas viagens que fiz e culturas que conheci, o amor pelo conhecimento, a necessidade da reforma educacional... Mas optei por um tema mais profundo, que faz parte da vida de todo ser humano: a morte. Assistir ao filme 'a menina que roubava livros' me inspira ainda mais para escrever sobre este tema. Uma história de superação, de luta pelos próprios ideais, de coragem e de valores de vida intrínsecos à pessoa.

O primeiro impacto com o título deste ensaio pode causar estranheza, ou mesmo repúdio. Afinal, como algo que gera tanta dor aos que ficam pode ser um ato pedagógico?

Pois bem, este ensaio é um relato existencial, e vai muito além de ser um culto à morte, mas pretende demonstrar que a morte pode ser uma passagem para amar ainda mais a vida e entender o sentido profundo da própria existência.

#

1990. Tinha apenas 10 anos de idade. Via meu pai, médico neonatologista renomado na cidade em que morávamos, angustiado, nervoso. Havia dias que ele já não dormia em casa, até que foi anunciado para mim e para meus irmãos que nosso avô estava bastante doente, no hospital. Sobre a morte, bem... Tudo o que eu sabia havia sido aprendido nas aulas de biologia, a respeito do ciclo da vida – nasce, cresce, reproduz e morre. Mas o que é a morte? Para onde vai a pessoa que morre? E nós, que ficamos, o que sentimos? Pois não tardou muito para experimentar os sentimentos provocados pela morte. Fomos perguntados se queríamos ir no velório, e eu, prontamente, disse que sim. Quando ali cheguei, caí num choro sem fim. Minha mãe, também médica, me levou ao jardim e ficou conversando comigo. Dali havia compreendido que nunca mais teria o abraço apertado e nunca mais veria aquele sorriso bonito do meu querido vô Mauro de olhos azuis. Minha vó ainda hoje diz que eu era sua neta preferida e dele herdei seus olhos claros e o espírito educacional e político dos Schutel, família tradicional de minha terra natal.

#

Era uma típica manhã de verão, em janeiro de 1999. Estávamos minha

mãe, eu e irmãos na casa de praia. Um telefonema, às 9 h da manhã, deixou minha mãe perplexa, que nos disse, com ar de preocupação: "A secretária do pai disse que ele ainda não chegou no consultório, e o telefone está desligado". Isso não era normal, ele nunca havia se atrasado para qualquer consulta. E seriedade e honestidade eram seus lemas. A preocupação só aumentava à medida que o tempo passava e nenhuma resposta tínhamos. Minha mãe então decide ligar ao meu tio, policial civil, para buscar informações. Em poucas horas, o corpo havia sido localizado, no IML. Havia sido brutalmente assassinado. Queriam seu carro, lhe tomaram a vida. Foi a dor mais profunda que senti em minha vida. É como se tivessem arrancado um pedaço de meu coração. Dizem que "o tempo tudo cura...", mas existem feridas que não cicatrizam. Me lembro ainda hoje, quando atordoada e sem chão, uma jornalista me pergunta: "E se não localizarem os criminosos?!" Eu, com 19 anos, respondo: "Encontrando ou não, meu pai jamais voltará". Um homem que havia salvo tantas vidas, formado tantos médicos – pois também era professor na universidade federal – que criou centros de referência no Estado, para acolher os bebês prematuros, brutalmente perde sua vida, sem algum sentido. Ali aprendi a violência social, a injustiça, a dor, o sofrimento e, sobretudo, a força do amor. A dor, transformei em superação. E, quanto aos anos seguintes da minha vida, decidi me dedicar à minha formação, com estudo e trabalho sérios, enquanto um dos meus objetivos era, enquanto fazia o bem, especialmente através da educação, estaria contribuindo para que, quem sabe, outras pessoas não passassem pelo que passei.

Foi aí que, com 20 anos, encontrei um "pai de espírito", daqueles seres humanos iluminados, que te ajudam a realizar teus sonhos e a concretizar quem se é, na própria essência. Um empresário e intelectual de atuação internacional, um visionário, com cujas ideias me identifiquei imediatamente. Por ele fui formada nas relações diplomáticas internacionais, na administração de organizações com e sem fins lucrativos, auxiliiei a fundar uma faculdade, onde aprendi o amor pela docência e pesquisa, ampliei a fluência de línguas estrangeiras e de conhecimento de mundo, entre tantas outras experiências inesquecíveis. Tornei-me seu braço direito em suas atividades em território brasileiro. Passaram-se 13 anos, e de repente, esta pessoa que tornou-se meu mentor profissional e existencial, estava próxima de dizer adeus a esta existência.

#

2013. Fui uma das pessoas que acompanhou o ano em que ele se despedia da vida. Outra experiência difícil e muito dolorosa. Entendi o que é a luta pela vida, a agonia da dor e o quanto somos fracos e impotentes perante a vontade da vida. Nessas horas, o dinheiro nada pode comprar. Revi minha vida por completo. Repensei meus valores, vi meu passado, presente e futuro. Estava ao lado de seu quarto no hospital, e ouvi seus últimos respiros e a agonia da partida. A dor morreu, e seu espírito permanece em tudo que deixou como legado. E entendi que eu tinha estrutura psicológica e maturidade, devido às duras experiências já vividas, para poder auxiliá-lo nesses momentos tão dolorosos.

#

Não tardou muito, a vida me apresenta um amor. Mesma visão de mundo, afinidades, mesmos objetivos de vida. Apesar de todo o sofrimento, a vida

nunca me abandonou. A cada dor, sempre tive uma oportunidade maior de evolução como pessoa. Aprendi que fazer o bem vale a pena, pois o bem retorna, em proporções maiores, que nem antes imaginava. Ao ver a morte, é impossível ver a vida do mesmo modo. A morte transforma, a dor ensina, e percebo minhas transformações como ser humano a cada dura experiência que vivi. Sabemos que é uma certeza da vida: um dia, todos morreremos.

Elisabeth Kübler-Ross escreve "Sobre a morte e o morrer", onde relata a experiência da morte com doentes terminais, as reações das famílias, e os estágios da morte (negação e isolamento, a raiva, barganha, depressão, aceitação). E o luto tem seu tempo. Nesse momento, o amor é importante, nas suas mais variadas formas. Na medida do possível, fazer o que se ama, estar com quem se ama, fazer o que lhe dá prazer, como passar uma temporada com pessoas queridas numa bela praia, ou fazer uma viagem a um lugar especial. Pequenos atos que alimentam a alma minimizam a dor da perda. A dor é inevitável, mas é uma escolha permitir que a dor tome conta de nossos dias.

Os encontros com entes queridos que partem passam a ocorrer apenas em nossas memórias. Mas, aos poucos, eles vão se apagando e deixando menos nítidas as expressões. Porém, ao mesmo tempo, somos quem somos por aqueles que também viveram ao nosso lado, permanecendo assim presentes e nos acompanhando para sempre em nossa existência.

Aprendi que, quando se tem uma perda significativa, a vida encontra modos de colocar outra situação que te faça evoluir como pessoa. O importante é não se entregar à dor, é superá-la. Nunca nos deparamos com um problema, uma dificuldade que não sejamos capazes de solucionar. É através das crises que o ser humano pode evoluir. Afinal, qual o sentido da vida? A vida é realmente apenas um "viver para morrer", como diziam alguns filósofos existencialistas? Não posso acreditar que a inteligência da vida seja tão limitada. E tudo aquilo com que nos deparamos ocorre porque é necessário para o nosso crescimento como essência humana. Não acredito em Destino, mas fazemos parte de um contexto em que cada ação tem uma reação e, como diz o velho ditado, "Deus escreve certo por linhas tortas". Assim, não reclame das dificuldades, não busque culpados, simplesmente viva a vida, com toda sua beleza, profundidade e intensidade, com responsabilidade! Afinal, que graça teria uma vida sem superações, sem mudanças internas?

Shakespeare já dizia que "choramos ao nascer, porque chegamos a este imenso cenário de dementes". Sim, a sociedade não é fácil. E Hobbes já dizia que "O homem é lobo ao próprio homem". Em uma outra perspectiva, diria que, quando nascemos, choramos não pela sociedade que entramos, mas pelo paraíso do Ser do qual saímos para nos tornar existência. Porém, é na existência que o nosso espírito pode autoconstruir-se e evoluir. É através da existência que podemos ver o sol nascer, que podemos sentir os sabores do prato que mais apreciamos, que podemos amar, que podemos realizar, que podemos deixar um legado, independentemente de seu tamanho, que podemos desfrutar de uma sábia leitura, que podemos sorrir e que podemos também chorar. Se até o sol morre todo dia e renasce, porque diariamente também não podemos ser assim? Deixar de lado o que não nos faz ser humano, e renascer a cada dia, porém melhor. O que importa, no fim das contas, é se deixamos essa existência melhor do que a encontramos.

Paulo Freire, em "Cartas a Cristina", relata sua sensação na perda de seu pai e comenta que "a experiência do luto, que resulta da morte, só é válida quando se expressa através da luta pela vida. Viver o luto com maturidade é assumir a tensão entre a desesperação provocada pela perda e a esperança na reinvenção de nós mesmos. Ninguém que sofre uma perda substantiva continua a ser o mesmo. A reinvenção é uma exigência da vida" (FREIRE, 2013, p.124). Assim, não tema a dificuldade, pois ela nos faz evoluir como pessoas e faz com que nos reinventemos. Por meio da dor, também crescemos.

Sob essa perspectiva, a vida tem outro sabor, e tudo fica mais fácil. A morte, com toda a dor que carrega consigo, pode ser um ato pedagógico aos que quiserem viver a vida em sua plenitude.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, P. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha praxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KÜBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Ciclos da vida



Que ingrato sou eu!

Luis Felipe Nascimento

Por muito tempo você acalentou meu corpo,
cobriu meus ombros e protegeu meu peito,
enxugou o meu suor,
ouviu meus suspiros e as batidas do meu coração.

Nunca disse que me ama,
Mas foi comigo para a cama
Não foste para o pódio
Mas não te rasgaste de ódio

Como posso te abandonar agora?
Permitir que te joguem ao chão
Te tratem como um trapo
Torcerem teu pescoço até escorrerem tuas lágrimas.

Juro que não fui eu
Quem as tuas linhas corroeu
Quem tua pele desgastou
Quem o teu brilho ofuscou

Quando me dizem que é chegada a tua hora
Que devo te mandar embora
Fico triste e desolado,
Despeço-me da minha velha camiseta calado.



As fases e as dimensões da vida

Luis Felipe Nascimento
Alfie - Alfredo Santiago Culleton

Quando alguém fala das fases da vida, geralmente está se referindo à "infância", à "juventude", à "idade adulta" e à "velhice". Embora nossa expectativa seja de passar por todas estas fases, não costumamos refletir sobre elas. Quando fazemos isto, olhamos com saudades o passado e com um certo temor o futuro. Por que temos medo do futuro? Estamos vivendo mais, a expectativa de vida deve chegar, em breve, aos 100 anos. Não deveríamos estar mais felizes por viver o dobro do que viviam os nossos antepassados?

Já se tentou explicar as fases da vida de forma científica ou até mesmo com piadas como as dos "3 Ts", em que a vida está dividida em três fases. Nesta piada, diz-se que as pessoas são infelizes porque não se conseguem juntar os "3Ts" em nenhuma das três fases. Na juventude, elas tem "Tempo", "Tesão" e não tem "Tutu" (dinheiro). Quando adultos, possuem "Tesão" e "Tutu", mas não tem "Tempo". E quando idosos, possuem "Tempo" e "Tutu", mas não tem mais "Tesão".

No nosso entendimento, a vida se reparte em quatro fases, vividas nos seguintes períodos: dos 0 aos 30 anos, 31 aos 60 anos, 61 aos 80 anos e a dos 81 aos 100 anos, esta última chamamos de "quarta idade". Mas a vida não é só o corpo ou o espírito, ela pode ser pensada sob seis dimensões que seriam: "física" (corpo humano); "intelectual" (conhecimento); "emocional" (controle dos sentimentos); "social" (relação com o nosso exterior); "afetivo" (relação com as outras pessoas); e o "espiritual" (relação com as forças e energias sobrenaturais). Percebemos que estas dimensões atingem os seus ápices em diferentes momentos da nossa existência. Analisando individualmente cada dimensão, poderíamos dizer o seguinte:

1. A dimensão "física" tem o período de formação até por volta dos 17 anos, quando os jovens atingem a altura máxima. Entre os 17 e os 30 anos, a maior parte dos órgãos e funções do corpo atingem o seu ápice de desenvolvimento. É neste período que a maioria dos atletas atinge o seu esplendor. Depois disto, começa o envelhecimento do corpo. A velocidade do decréscimo vai depender da manutenção e dos cuidados que a pessoa tiver. O botox ou as cirurgias plásticas alteram as aparências, mas não há como evitar que os órgãos do corpo entrem numa curva descendente de desempenho.

2. A dimensão "intelectual" começa a se desenvolver cada vez mais cedo.

Dizem até que as crianças já “nascem com um chip”. Mas também é no período dos 17 aos 30 anos que o cérebro atinge sua capacidade máxima de rapidez de raciocínio e outras funções relacionadas com a dimensão intelectual. Nesta fase é que a maioria das pessoas faz a sua formação profissional e que “aprende” o que vai aplicar ao longo da sua vida. Podemos continuar desenvolvendo a dimensão intelectual depois dos 30 anos, mas não teremos mais a mesma agilidade que tínhamos até os 30. O cérebro também começa a envelhecer.

3. A dimensão “emocional” costuma atingir o seu ápice um pouco mais tarde que as anteriores. O chamado “equilíbrio emocional” ou a “maturidade” vem com a experiência de vida. Provavelmente o ápice ocorra entre os 40 e 60 anos, quando a pessoa já viveu um grande amor e já perdeu um grande amigo. O emocional também precisa de manutenção, mas depois dos 80 anos vai se tornando mais frágil. Frequentemente os idosos se comportam como as crianças, demonstrando carências, medos, etc.

4. A dimensão “afetiva” se distingue das demais, pois o bebê já nasce recebendo e dando afeto. Apesar disto, o afeto só irá crescer e se manter ao longo da vida se for cultivado. E isto exige tempo e dedicação. A pessoa será mais ou menos afetiva se julgar que o afeto é mais ou menos importante do que outras oportunidades como o poder, dinheiro, individualismo, etc. O afeto que o moribundo recebe está, de alguma forma, vinculado com o que ele cultivou ao longo da vida. Ou seja, a curva da dimensão afetiva pode crescer ao longo de todo o ciclo da vida, ou ter oscilações em função das variações que ocorrerem com as outras dimensões da vida desta pessoa.

5. A dimensão “social” é a nossa relação com o que está ao nosso redor, com os amigos, com a sociedade, com a política, com o dinheiro, etc. Esta dimensão tende a ser cumulativa, ou seja, vai se elevando com o passar dos anos, mas ela também pode ter algumas oscilações em função das decepções, crises e imprevistos da vida, depois voltará a crescer. Há a tendência de que, ao longo dos anos, a pessoa acumule experiência, dinheiro, faça novas amizades, contribua para a sociedade, etc. Na última fase da vida, ela deixa de contribuir e passa a consumir os recursos da sociedade.

6. Por fim, a dimensão “espiritual” é renegada por alguns, mas lembrada por muitos nas horas de desespero. Esta dimensão tem características atípicas. Nas famílias com alguma religiosidade, os filhos tendem a ser “catequizados” desde quando pequenos. Mas, quando eles atingem a adolescência e a idade adulta, perdem um tanto desta dimensão, se não totalmente. Isto só vai ser retomado quando chegarem as dores da idade e a proximidade da morte.

Agora, com as informações das seis dimensões, fica claro que o início e o fim do ciclo da vida são marcados pela dimensão física. Enquanto respira, o corpo está vivo. Mas, as demais dimensões podem ou não acompanhar a dimensão física. Por exemplo, uma pessoa com Alzheimer ou com demência, terá o ciclo da dimensão intelectual interrompido antes do final da dimensão física. Uma pessoa abandonada num asilo, onde ela é identificada apenas por um número, terá as suas dimensões social e afetiva encerradas, embora o corpo continue respirando.

Portanto, o comportamento das pessoas não é uniforme nas diferentes dimensões. Muitas pessoas chegam à “quarta idade” com melhores ou piores

desempenhos em algumas dimensões. Ou ainda, muitas pessoas têm o ciclo da dimensão física interrompido por mortes prematuras. Quem tem este ciclo interrompido, perde a oportunidade de vivenciar as fases posteriores. Quem vai até o final deste ciclo no tempo esperado, terá mais dores e conviverá com as limitações da velhice. E as dimensões emocional, afetiva e social também se desgastam. Não há como escapar das tristezas e decepções. Existem momentos de prazer e momentos de dor.

Para algumas pessoas, um dia de infelicidade apaga 10 anos de felicidade. A alegria de um dia não a faz rir por 10 anos, mas a tristeza de um dia, pode fazê-la chorar por 10 anos. As traições e perdas são mais duras do que as fidelidades e do que os ganhos. Outras pessoas compreendem que as tristezas, traições e perdas fazem parte da vida e precisam ser absorvidas. Valorizam mais os 10 anos de felicidade do que o dia de infelicidade. Riem a cada dia pelas coisas boas do presente, ou mesmo pelo que lhes aconteceu há 10 anos atrás.

As seis dimensões nos permitem identificar as melhores possibilidades de fazer as coisas certas nas horas adequadas. Por exemplo, entre os 17 e 30 anos, o físico e o intelectual atingem o seu melhor desempenho. Portanto, nesta fase, deveríamos investir para desenvolvê-los ao máximo. Quem fizer o contrário, não cuidar da saúde e não estudar até os 30 anos, sofrerá as consequências nas próximas fases. Engana-se quem acha que o importante é "aproveitar a vida" até os 30 anos e que pouco importam os anos restantes. Os "males da meia-idade" (dores na coluna, o primeiro infarto, problemas respiratórios, depressão, etc.) estão chegando cada vez mais cedo, afetando em muito a qualidade de vida já na segunda fase da vida (dos 30 aos 60 anos).

O "desempenho ideal" seria obtido se a pessoa potencializar todas as demais dimensões ao longo da vida. Embora possa parecer utópico, podemos citar pessoas que chegaram, estão ou que se encaminham para a última fase da vida com ótimo desempenho em uma ou mais destas dimensões. Na dimensão física, Pelé (73 anos) e Jane Fonda (76 anos) são exemplos de pessoas que se aproximam da quarta idade em ótima forma física. Na dimensão intelectual, Oscar Niemeyer (morreu com 104 anos) e José Saramago (91 anos) chegaram a última fase com excelente desempenho intelectual. Nelson Mandela (que morreu com 95 anos) e Mahatma Gandhi (que morreu com 78 anos) enfrentaram grandes dificuldades. No entanto, chegaram ao final da vida mantendo a serenidade, com alto desempenho na dimensão emocional. Na dimensão afetiva, destacaríamos Cora Coralina (que morreu com 95 anos) e Hebe Camargo (que morreu com 83 anos), pessoas que, até a fase final de suas vidas, demonstraram uma imensa ternura. Na dimensão social, Fidel Castro (com 87 anos) e Eva Sopher (90 anos) continuam exercendo influência e chamando a atenção pelo seu trabalho e pelas suas opiniões. Por fim, na dimensão espiritual, Madre Tereza de Calcutá (que morreu com 87 anos) e Dalai Lama (com 78 anos), são exemplos de transcendência, de desapego ao material.

E daí, a que conclusão se chega? Concluímos que temos medo do futuro porque não entendemos a vida como um ciclo. Temos mais medo do fim da dimensão física (de parar de respirar) do que do fim das demais dimensões. A medicina conseguiu prolongar a dimensão física e diminuir as dores, mas

não conseguirá evitar os desgastes do corpo e nem garantir a vida eterna. Fazer uma boa gestão e ter um ótimo desempenho em uma ou mais dimensões não é tão raro, nem coisa só para personalidades. Provavelmente você tem alguém na família, ou entre os amigos, que chegou ou que se aproxima da quarta fase da vida exibindo alto desempenho em uma ou mais dimensões.

Portanto, o que está ao nosso alcance é administrar, da melhor forma possível, as seis dimensões, para poder ter mais qualidade nas quatro fases da vida. Para quem está na primeira fase, o recomendável seria fazer uma "poupança" para as fases seguintes. Para quem está nas demais fases, fazer uma boa manutenção de todas as dimensões. A qualidade de vida não está no alto desempenho de uma dimensão, mas no equilíbrio das seis dimensões.



Sustentabilidade e o curioso caso de nosso envelhecimento

Roberto Patrus

Benjamin Button nasceu velho, rejuvenesceu a vida inteira e morreu bebê. Seu caso é um extraordinário exemplo de como a ficção pode nos fazer refletir sobre a compaixão, o preconceito, a amizade, o drama do incesto e a fragilidade da vida. O fio condutor do “livro que virou filme” é o tempo. O autor inverte a sua lógica, mas ele se mantém inexorável. Benjamin Button nasceu, viveu e morreu. Como todo ser humano.

Tão curioso quanto ter nascido velho e morrido como um recém-nascido, é a velocidade do nosso envelhecimento. Nós envelhecemos mais depressa do que nossos pais. Meu pai, por exemplo, quando nasci, tinha 40 anos. Quando completei um ano de vida, ele tinha 41 vezes a minha idade. Quando fiz 5 anos, papai tinha 45: nove vezes mais! No meu décimo aniversário, nossa diferença de idade se reduziu a apenas 5 vezes. Quando completei duas décadas, meu pai comemorou seis, três vezes mais! Na festa dos meus 40 anos, meu pai tinha apenas o dobro de minha idade. Hoje, nem isso: ele completa 83 enquanto eu faço 43. Ele já não tem sequer o dobro da minha idade. E eu tenho a nítida sensação de que o estou alcançando... É como se os anos da minha juventude passassem rápido demais, enquanto os anos da sua maturidade corressem mais lentamente. É curioso! Um curioso caso!

Essa irregularidade na velocidade de nosso envelhecimento talvez explique o conselho de quem é avô, de sempre recomendar que se curta os filhos enquanto são crianças, pois eles crescem rápido demais. E também explique porque as diferenças entre pais e filhos vão desaparecendo, na medida em que ambos envelhecem. Também nos permite compreender porque o velho já não tem pressa, capaz que é de viver a eternidade na temporalidade. Já não fala tanto, participa. Já não briga, adverte. Já não sofre, aceita.

O inusitado do caso de Benjamin Button dependeu da criatividade de um autor inspirado. Já a velocidade com que estamos “diminuindo” a nossa diferença de idade em relação a nossos pais depende apenas da observação atenta de um fenômeno tomando um parâmetro matemático como ponto de referência. É dessa atenção que precisamos para pensar o tempo no longo prazo. Se tomarmos nossos pais como referência para pensar o tempo, conseguiremos pensar na vida, no planeta, nas pessoas, de modo sustentável.

Antes de pensar nas novas gerações, é preciso pensar nas gerações ascendentes. Provavelmente, vamos envelhecer com os nossos pais. Na próxima geração, seremos velhos juntos com os nossos pais. E vamos colher o mundo que semeamos no decorrer da vida. Somente reverenciando nossa origem é possível pensar nas futuras gerações.

É curioso que, para falar de Sustentabilidade – o que é um tema tão moderno – tenhamos lembrado de uma `lei” tão antiga, lá da época dos Dez Mandamentos: “Honrar pai e mãe”. E isto é uma clara demonstração de que “verdades não envelhecem”.



Encerrando ciclos

Angela Denise da Cunha Lemos Belbute

Encerrar ciclos... Mudar... Qual é a coisa mais certa da vida, além da morte (e dos impostos)? As mudanças. Quem já viveu algumas décadas (3, 4, 5, 6, etc.), percebe que a vida, de vez em quando, nos "apronta alguma", e isto, invariavelmente, se apresenta como algum tipo de mudança.

As vezes, temos a oportunidade de escolher fazer esta mudança. Outras vezes, a vida nos faz "mudar à força". Existem mudanças programadas ou esperadas... A saída da infância, o fim da adolescência, a entrada na universidade, a maioridade, o primeiro emprego etc. Também existem as mudanças inesperadas... A morte de alguém da família, os acidentes, as doenças, o desafio de um novo emprego, a chegada de um filho não programado, o fim de um relacionamento...

Toda mudança, por melhor que seja, nos faz ficar estressados. Quando somos retirados de nossa "zona de conforto", onde já estamos acostumados a transitar, ficamos como que... Perdidos. Aí é que surgem as diferenças entre as pessoas: umas se perdem para sempre, não encontram mais o rumo de sua vida, ficam presas ao passado – aquele que era tão bom... – tornam-se enrijecidas e são o alvo perfeito para o "espírito de acomodação". Não conseguem olhar para a frente e perceber que lá também tem algo promissor, esperando por elas.

Entretanto, existe outro grupo de pessoas que consegue "ser como o caníço..." – são flexíveis – não há enrijecimento nelas. Essas pessoas conseguem ver as mudanças como novas fontes de oportunidades de crescimento. Encaram a vida de peito aberto. Se hoje não está bom, amanhã estará. Elas conseguem perceber e intuir o que a vida quer lhes ensinar, por meio das mudanças que ocorrem. Se existe algum padrão que se repete... Se sempre caem ou escorregam no mesmo tipo de acontecimento ou circunstância, que aprendizado colher dessas experiências? A percepção dos erros e dos acertos da vida, das escolhas feitas, das coisas inesperadas que têm de ser feitas. Fatos assim não são uma fonte de tormento para as pessoas flexíveis. São, ao contrário, uma fonte de aprendizado para circunstâncias futuras.

No livro bíblico chamado Eclesiastes, em seu capítulo 3, temos uma visão bem clara sobre os ciclos da vida e sobre "sempre haver tempo para tudo", como "o tempo de nascer e o tempo de morrer"; "o tempo de plantar e o tempo de colher"; "o tempo de ficar triste e o tempo de se alegrar"... Mas, no

verso 12, temos o seguinte conselho, quando o pensador diz que entendeu que, nesta vida, tudo o que a pessoa pode fazer é procurar ser feliz e viver o melhor que puder. Isto inclui a aceitação das coisas que terminam ou que passam em nossa vida. Aprender a viver o presente, o "aqui e agora", pois este é o momento mais certo que temos. O passado não pode ser mudado. E o futuro é incerto. Mas, o presente está em nossas mãos. Saibamos aproveitar para que possamos ser felizes e fazer os outros felizes, pois esta é a melhor colheita que podemos fazer na vida.

Ao ler o livro "O Zahir", de Paulo Coelho (2004), passei por este texto, o qual foi muito significativo e me fez pensar sobre os diversos ciclos que já foram encerrados em minha vida. Assim, transcrevo um trecho dele, a seguir: "Por isso é tão importante deixar certas coisas irem embora. Soltar. Desprender-se. As pessoas precisam entender que ninguém está jogando com cartas marcadas, às vezes ganhamos e às vezes perdemos. Não espere que lhe devolvam algo, não espere que reconheçam o seu esforço, que descubram o seu gênio, ou que entendam o seu amor. Encerrando ciclos. Não por causa do orgulho, por incapacidade ou por soberba, mas porque simplesmente aquilo já não se encaixa mais na sua vida. Feche a porta, mude o disco, limpe a casa, sacuda a poeira. Deixe de ser quem era, e se transforme em quem é."

Encerrar ciclos significa, então, ter a serenidade de alma para aceitar aquilo que já não faz mais sentido em nossas vidas e dar abertura de espaços para que o novo ciclo se aproxime e nos traga novos entendimentos, novas oportunidades de crescimento, e, por consequência, um novo rumo, uma novidade, uma mudança.



Cusco em dia de mudança

Silvia Generali da Costa

Uma expressão gauchesca bastante conhecida é “mais perdido que cusco em dia de mudança”, o que quer dizer que alguém está desorientado, desorientado, atrapalhado. Um dia de mudança é o início de um período no qual nada se encontra aonde se imagina que possa estar, nada funciona como antes, o piloto-automático foi desligado. Gestos simples como tomar um café geram questões difíceis como: “aonde está o café? As xícaras foram lavadas? O fogão já foi instalado? Qual será o melhor lugar da nova casa para saborear um bom cafezinho? Os hábitos nos são subitamente arrancados e tentamos reproduzir, na nova morada, um pouco dos antigos cenários e costumes, tão familiares e preciosos. Fico pensando se a repetição e a previsibilidade também viajam junto conosco, no caminhão de mudança, ou se “mudar de casa” também é “mudar de vida”.

Uma amiga, que auxiliava a filha na mudança de residência em Israel, postou no Face que uma mudança é sempre uma oportunidade de renovação. De se desfazer das coisas que não são usadas, das roupas que não servem mais (e que achávamos que, quem sabe, poderiam voltar a servir algum dia), da louça quebrada, das lembranças que não são boas. Também é uma chance de relembrar e decidir que algumas coisas são para se guardar, e se fazer, e tornar a se fazer: rever fotos antigas, reencontrar bons livros, encontrar o cartão com o telefone da amiga que há muito não se vê.

Mas mudança também é, principalmente, o momento para se fazer escolhas e se colocar as coisas em uma nova perspectiva. Qual o estilo de vida que pretendemos adotar? A casa com cerquinha branca, representação clássica da grande “família de propaganda de margarina”, com suas crianças e cachorros? O loft descolado para o qual são levados apenas os CDs de jazz e uns poucos livros? O apartamento minúsculo em um prédio-clubes, que nos obrigará a interagir com a vizinhança como se fossem nossa família? No bairro tranquilo ou no bairro dos bares e restaurantes? Perto ou longe do trabalho, ou da escola dos filhos, da mãe e da sogra? Muito longe? Uma casa mais simples, que cabe bem no bolso, ou uma mais sofisticada, porém que apertará o orçamento todo mês? Perto de uma praça, para se poder caminhar, ou de um shopping, para se poder comprar com mais frequência e conforto?

A escolha da casa reflete a escolha do modo de vida que se pretende ter,

ou que se necessita ter, ou, em último caso, que se poderá ter, de fato. E reflete também a passagem inexorável do tempo, o ciclo da vida, as fases, as perdas e os ganhos. Primeiro passo: a independência. Apartamento alugado, pequeno, perto da faculdade, barato e meio improvisado. Depois, a entrada para aquele apartamento mais ajeitadinho, comprado com suor e esforço, e com a ajuda de pais e sogros: agora somos dois. De repente, o apartamento de um quarto ficou pequeno em meio a fraldas, mamadeiras e brinquedos. A chegada dos filhos obriga a expandir a área útil. Mais um filho, empregada doméstica, talvez a sogra que precisa de cuidados e o inevitável cachorro depois de tentativas frustradas de acalmar as crianças com hamsters, calopsitas, porquinhos da índia, tartarugas e outros bichinhos (abaixo do cão na escala de preferência infantil). A casa cresce. Também, sem aviso prévio, como se fosse de repente, algo surpreendente, a sogra nos deixa, o cachorro se foi (de tão velhinho), os filhos cresceram.

Como? O teu filho está na Austrália fazendo intercâmbio? – pergunta a amiga espantada. Mas ele era tão pequenininho! “Sim”, você responde. Ele foi passar um ano na Austrália. E a menina vai, no ano que vem, para os Estados Unidos.” Sim, a casa, de uma hora para a outra, ficou enorme, silenciosa, em qualquer estado entre o chato e o tranquilo, entre o alívio e a saudade desesperadora.

Os mais afoitos já transformam o quarto do mais velho em sala de TV. Os esperançosos arrumam, com cuidado, cada cantinho da peça, na esperança de que a cria volte a se aninhar como antes. Outros esperam. Esperam que os filhos casem, que os netos cheguem, e que a casa volte a ficar cheia e desarrumada, que a pia transborde de louça do almoço de domingo.

Torço para que os velhos hábitos nunca possam se reestabelecer, a não ser a mania de abraçar e beijar as pessoas queridas, de ficar próximo dos amigos, de ter sempre um cantinho para os filhos, para os netos, para os mais velhos e para os mais moços.

A casa dos que amam sempre é grande o suficiente, é quente o suficiente, é acolhedora. A casa dos pais é protetora; já a casa dos avós é um território selvagem para grandes descobertas. A casa dos filhos, motivo de orgulho. Sejam mansões, sejam choupanas.



A fila anda

Rosane Augustin Mendes

A vida da gente é dividida em capítulos: “Capítulo: Faculdade”; “Capítulo: Estágio”; “Capítulo: Morando Sozinho”. Cada um deles com seus próprios desafios e prazeres. A gente vai mudando, vai adicionando tarefas na nossa rotina e, quando menos se percebe, já estamos em um capítulo novo da nossa própria história. Assim, eu fui me aproximando do capítulo “Aposentadoria”. E tinha algo sobre esse capítulo que me deixava bem desconfortável.

Quando se está perto da aposentadoria, acontece um fenômeno curioso. Você é o funcionário mais experiente, e é especializado em sua função como nenhum outro. Já dominou (e inclusive criou) muitos dos atuais processos da empresa, e sente que nenhum desafio ali é capaz de te intimidar. Mas não é assim que os seus colegas te veem. Aos poucos, reuniões começam a acontecer sem você. Decisões importantes são tomadas sem você. Quando chega um funcionário novo, eles te apresentam dizendo: “Essa é a Fulana. Vai nos deixar, está se aposentando”. E a partir disso, esse funcionário nem te vê mais como um colega. Para ele, você está só ocupando um espaço – porque, na prática, você já saiu.

A sensação de rejeição vai tomando conta. Você se sente desvalorizado. E percebe que, para muitas das pessoas ali, o “Capítulo Aposentadoria” poderia muito bem ser o último capítulo. Isso vai entrando na cabeça da gente de forma muito dolorida. A insegurança de não saber o que fazer depois, o medo de acabar não fazendo mais nada. Foram momentos difíceis de administrar.

E foi aí que percebi que eu mesma estava vendo essas mudanças da forma errada. Era eu que estava me despedindo da empresa, não o oposto. A eles, não restava outra opção: logo uma pessoa nova estaria no meu lugar. Ou, como se diz: “A fila anda.” E com ela, eu devia andar também. Entregar-me ao desânimo e à insegurança não era mais uma opção, afinal, eu nunca fui assim! Decidi que faria disso uma oportunidade. E fiz.

Tendo trabalhado a vida inteira com Tecnologia da Informação, já estava farta disso. Não queria mais saber de usuários. Queria clientes! Fui para a internet e comecei a buscar informações sobre as coisas que eu realmente gostava de fazer. Sempre adorei mexer com madeira, cores, decoração, criatividade. Era com isso que eu me envolvia no tempo livre. Encontrei um curso tecnólogo em Design de Interiores em uma faculdade particular, e a

sensação de desvalorização foi dando lugar a euforia de um novo começo.

Comecei a estudar um ano antes de me aposentar. Como todo começo, tive dificuldades, e me deparei com desafios que ainda não conhecia – muitos deles, impostos por mim mesma, pois ainda me sentia muito velha para estar em sala de aula. Pura bobagem! Fui vencendo cada nova etapa, aprendendo muito e fazendo novas amizades. Conheci pessoas maravilhosas, como a Cláudia, a Neida, a Neiva e a Patrícia – que nunca entrariam no meu caminho se eu não tivesse decidido lutar por mim mesma. Essas descobertas abriram meus horizontes, me trouxeram ideias que jamais teriam me ocorrido não fosse essa virada em minha vida.

Hoje, estou aposentada há um ano e vou colar grau daqui a quatro meses. Tudo foi muito rápido e gratificante. Estou totalmente realizada na minha nova profissão, me sentindo jovem aos 54 anos e pronta pra começar um capítulo novo na minha vida. E a fila, esta segue andando...



O meu tempo é agora!

Marisa Ignez dos Santos Rhoden

Faz algum tempo que vem me incomodando quando conhecidos e amigos repetem: lembra como era no nosso tempo?

Para os amigos, respondo: "Mas o nosso tempo é agora!" Alguns me olham sem entender. Outros pensam que eu não tive adolescência. O que pode até ser verdade. Pelo menos, não como a maioria.

Para os conhecidos, nada comento. Afinal, de nada adiantaria. Mas com os amigos, eu (ainda) argumento.

Na reunião de "trocentos" anos de formatura do ensino fundamental: todas as gurias (sim, era um "colégio de freira") usaram crachás para não ficarmos embaraçadas.

Legal, muito legal. Principalmente quando revi minha professora regente, com quem gostava de conversar sobre as opções para consertar o mundo. Sentamos em roda, orientadas por uma colega psicóloga, e cada uma contou um resumo de sua vida. Ficamos atualizadas e emocionadas.

Mas fiquei muito triste com a expressão geral de "COMO ERA BOM NAQUELE TEMPO", "COMO ERA BOM O NOSSO TEMPO", "que saudade", "que pena que não podemos voltar", etc. e tal.

Não concordo. Pode ser pretensão, quem sabe uma negação vital. Mas não compartilho deste sentimento. Afinal, eu tentei crescer durante todo este tempo e, portanto, embora tenha perdido pessoas que amo, eu cresci, carrego dentro de mim os amores perdidos, mas cresci. Meu tempo só pode ser agora, que vejo o mundo um pouquinho mais amplo.

Embora, após os 50, a pele da gente assuma vida própria e comece a nos abandonar, embora os olhos diminuam, as lágrimas tendam a secar, os check-ups ocupem uma parte maior de nossa agenda, continuo achando que esse é nosso melhor tempo. Esse é o nosso tempo.

Porque, apesar das mudanças físicas decadentes, a visão que temos do mundo se amplia, o tempo se torna muito mais importante, o que realmente importa passa a nos ocupar.

Afinal, já chegamos lá. Já tiramos carteira, saímos da casa dos pais, definimos nossa profissão, muitos tiveram filhos. Já sabemos que, como pais, somos os ossos onde os filhos afiam os dentes. E sofremos menos com isto.

Já pensamos muito mais sobre o real peso de um problema: o que ele representará para mim em 5 anos? Nada? Então não vale uma ruga adicional.

Já não queremos mais ter razão, queremos ser e fazer as pessoas felizes. Ah! A vida tem que ser assim, melhor depois dos 50, feliz por ser menos detalhista e mais complacente.

Trabalhando no que escolheu por opção entre as opções (no meu caso, com jovens em construção) e aprendendo a descansar. Se largar na rede, sentir a brisa, caminhar à beira-mar (mesmo o nosso clássico "mar achocolatado"), cercada pelos que amamos (em especial, filhos). Este é o paraíso. Não precisamos mais projetar. Já estamos nele.

É preciso perceber e apreciar sem moderação.

Estilos de vida



Eles são muito estranhos!

Luis Felipe Nascimento

Ao retornar de viagens a lugares distantes, é comum as pessoas reunirem os familiares e os amigos para mostrar fotos, contar fatos pitorescos, enfim, falar das suas impressões sobre os lugares e pessoas que conheceram.

Nas últimas férias, um americano, de Boston, foi visitar um amigo, em Porto Alegre, e voltou com uma bagagem cheia de fotos e de histórias para contar. O mesmo aconteceu com um portoalegrense que foi passar férias em Boston. Ao mostrar as fotos e falar sobre suas impressões, foram surgindo questões semelhantes, tanto para o portoalegrense quanto para o bostoniano.

Uma das primeiras perguntas comuns referia-se aos hábitos alimentares.

O portoalegrense ficou impressionado com a velocidade com que os bostonianos comem, e disse:

“acreditam que eles ligam para um restaurante, reservam uma mesa e marcam a hora em que querem que a comida seja servida? Quando chegam no restaurante o garçom serve a comida imediatamente. Assim eles não perdem mais de 20 minutos numa refeição! Depois, voltam logo para o trabalho. Aliás, muitos levam a comida de casa e comem no próprio local de trabalho. Isto é vida?”

O bostoniano, por sua vez, comentou sobre o desperdício de tempo dos portoalegrenses com as refeições.

“Imaginem que eles chegam num restaurante e ficam esperando por uma mesa. Depois gastam mais 10 minutos para fazer o pedido. Comem lentamente, depois tomam café, fumam um cigarro, batem papo, e esperam mais uns 10 minutos pela conta.”

Um dos presentes perguntou:

“Eles são macrobióticos?”

“Não!” Respondeu o bostoniano, “eu acho que eles fazem isto para não precisar voltar logo ao trabalho!”

E o café, é verdade que eles tomam muito café?

Os americanos tomam baldes de café! Sabe que eles costumam tomar café num copo grande, de uns 300 mililitros. E ainda colocam leite ou creme. Mas é um café fraco, parece uma água suja!

Os brasileiros tomam o tal "cafezinho", que é servido numa xícara do tamanho de um dedal, e é muito forte. É como se você tivesse injetando cafeína na veia. Nas reuniões, nos bares e restaurantes, sempre tem cafezinho. Embora pequeno, eles demoram para tomar!

E o trânsito, como é? Muito diferente do daqui?

"Olha, o trânsito é lento, e os motoristas geralmente são calmos. Quando você vai dirigindo e chega numa esquina que não tem sinaleira, tem que esperar que não venha carro para entrar na outra rua, que nem aqui. Mas, em Boston, a maioria faz o seguinte: eles metem o carro até a metade da rua e param. Após ter trancado o trânsito, eles, com a maior cara de pau, agradecem ao motorista que foi obrigado a parar, e seguem em frente. E o engraçado é que ninguém fica bravo com isto!"

"O trânsito é maluco. Os sinais são completamente diferentes. Sabem que, em Porto Alegre, o sinal "amarelo" significa "acelere"! Quando eles vem o sinal amarelo, pisam no acelerador para passar logo a sinaleira a toda velocidade. E o sinal "verde", significa "buzine". Quando aparece o sinal verde, com exceção do primeiro da fila, todos os demais carros buzina. Eles são bem obedientes nisto!"

E esta foto? o que é aquilo que o cara carrega na mão?

"Ah! É o tal copão de café de que eu falei. Este aí está entrando no metrô com um copo de café que parece uma térmica. Eles tomam café no metrô, no ônibus, pelas ruas. Eles acham isto uma coisa normal!"

"Ah! Isto é o tal chimarrão. Uma espécie de chá que eles tomam durante o dia todo. Imagina que eles andam na rua com esta xícara aí, que eles chamam de cuia, e uma garrafa térmica com água quente debaixo do braço. Este aí está passeando num parque num domingo de manhã. Eles acham isto uma coisa normal!"

Após olharem as fotos e ouvirem os comentários dos amigos que retornavam, portoalegrenses e bostonianos concluíram uns a respeito dos outros: "Eles são muito estranhos!"

Obs.: Publicado em 2003 no site http://www.wcams.com.br/cronicas_do_mundo/cronica_01_eng.htm



Tempo, tempo, tempo...

Marta Tocchetto

A cada ano que se inicia, fazemos muitas promessas e estabelecemos novos propósitos. Porém, frequentemente, essas promessas são quebradas, à medida que o tempo vai passando.

Ontem, conversei com uma amiga que encontro apenas uma vez por ano, devido à intensa atividade do dia-dia. Depois deste encontro casual, fiquei pensando sobre minhas promessas, dentre as quais estava a de encontrar esta amiga com mais frequência.

Existem pessoas que sempre se mostram disponíveis. Disponíveis até demais. Não recusam novos convites. E estão sempre assoberbadas de compromissos e atividades. Eu sei e acredito que dizer "não" é sempre uma tarefa difícil.

Há outras que sempre impõem uma série de restrições a assumir novos afazeres. Difícil dizer o que é melhor ou o que é pior. A diferença pode ser uma questão de estilo pessoal ou até uma imposição social. Sempre ouvi dizer que, quando precisamos de que algo seja feito, devemos atribuir a tarefa a quem tem bastante coisa para fazer. Caso contrário, ou seja, se dermos a tarefa para alguém que tem poucas atividades, a chance de não ver o trabalho concluído é grande, porque, como sempre há tempo de sobra, o adiamento é inevitável.

Pessoas com muitas atividades geralmente são mais pró-ativas. Este tipo de pessoa evita, como se diz popularmente, "correr atrás da máquina" ou "ficar apagando incêndios". É importante a antecipação aos problemas, o planejamento de estratégias para que os objetivos sejam atingidos. E quando falamos em pró-atividade, saber planejar o tempo é fundamental.

Alguns animais, como os ursos-polares, dividem o seu tempo entre hibernar – por praticamente seis meses – e a outra metade do ano em procriar, explorar novos lugares, se alimentar e cuidar dos filhotes. Outros, como os babuíno, passam cerca de um terço do seu tempo dormindo, e quando acordam dividem o seu tempo entre encontrar alimento, viajar e ter momentos de lazer, que basicamente consiste na interação (social e sexual) ou em catar pulgas nos pelos uns dos outros.

E como nós gerenciamos nosso tempo? Bem mais fácil seria ser um babuíno ou mesmo um urso. O desafio para nós, humanos, consiste em saber usar o tempo com qualidade, a serviço de nós mesmos e dos que nos cer-

cam, por mais limitado ou escasso que ele seja.

Comumente dizemos: "Queria que o dia tivesse, no mínimo, 48 horas, para eu poder fazer tudo o que preciso, e para poder cumprir com todos os compromissos"; "Não vejo hora de tirar férias e dormir, dormir, dormir"; "Queria ter mais tempo para minha família"; ou "Se eu tivesse mais tempo faria um curso, iria viajar, ler um livro, ir mais ao cinema, fazer uma atividade física".

Enfim, queixar-se da falta de tempo é uma consequência da vida moderna. Frequentemente, essas e outras oportunidades aparecem e, por não sabermos planejar e gerenciar o tempo, elas acabam se perdendo. E continuamos nos queixando das dificuldades para concretizá-las. Quase sempre, a justificativa é a mesma: "Por falta de tempo".

É preciso termos consciência de que, se não assumirmos os espaços que surgem, outros o farão. Precisamos ser efetivos e eficientes. Para sermos efetivos, é preciso planejar. É preciso, sobretudo, equilíbrio. Assim, faz-se necessário o estabelecimento de prioridades. Priorizar significa hierarquizar, estabelecer grau de importância, ou seja, representa fazer escolhas. A priorização de alguma atividade, em detrimento de outra, certamente abrirá lacunas. E também deixará algumas áreas a descoberto (em nossa previsão ou escalonamento do tempo para fazê-las). É o risco das escolhas, porém o planejamento é a forma de minimizá-lo.

De acordo com alguns modelos para um melhor gerenciamento do tempo, como o estabelecido por Seiwert¹, podemos equilibrar a nossa vida considerando quatro grandes áreas principais:

- Corpo: saúde, nutrição, descanso, descontração, condicionamento físico;
- Desempenho, trabalho: carreira, dinheiro, bem estar, sucesso;
- Contato: amigos, família;
- Sentido: satisfação, filosofia, amor, religião, planos para o futuro.

Estabelecer o equilíbrio, dividir com equidade as áreas, muitas vezes é difícil, em virtude de vivermos numa sociedade que prioriza mais o "ter" do que o "ser". Assim, é comum a priorização da carreira, do dinheiro, do sucesso, ao invés do convívio com a família e com os amigos. E como fazer para encontrar este equilíbrio?

As respostas exigem novas atitudes diante da vida. Exigem o estabelecimento de valores para o que nos cerca. Exigem uma resignificação do que realmente tem importância. A definição de prioridades e o planejamento do tempo asseguram a intensidade e a qualidade com que os momentos serão vivenciados. Muitas vezes, para isso, é necessário aprender a dizer "não". Dizer não para os sacrifícios desnecessários e para aqueles que comprometerão nossos propósitos e o sentido da nossa vida.

Seiwert, L. J. Se tiver pressa, ande devagar. São Paulo: Fundamento Educacional, 2004.



Status: eu comigo mesma. Uau!

Alice de Moraes Falleiro

Recebi uma mensagem que dizia: "Hoje eu vou tirar o dia para ficar "Eu comigo mesma". E isto me fez refletir sobre mais de mim. Principalmente, porque o remetente dizia que se lembrou dessa que vos escreve ao ter tal atitude. Uau!

Por muito tempo, foi difícil dizer "não" (e confesso que ainda o é). Mas não dói nada, garanto. A vida fica mais leve quando aprendemos a dizer "não" para aquele convite, "não" para aquela janta de família, "não" para aquela viagem à Serra, porque simplesmente não queremos, não estamos com vontade, tínhamos programado para fazer outras coisas, ou mesmo para não fazer nada. Sim, nada.

No entanto, até chegar a esse estágio, um longo caminho foi percorrido. Muitas vezes, fiz viagens e fui a locais que não queria, simplesmente por não conseguir dizer aquela palavrinha, essa mesmo, o tal "não". Acredito que isso aconteça por receio de desapontar algum dos nossos. Fato é que, ao nos desvencilharmos disso, acabamos por ter momentos de convivência mais proveitosos e intensos. Sim, porque estamos ali por vontade própria.

Percebo que não estou sozinha nessa pressão social. Muitas pessoas acabam por priorizar a vontade de terceiros em detrimento da sua. Mas por quê? Ou, então, deixam de fazer aquilo com que estão com vontade de fazer por falta de companhia. Ou, em contrapartida, são insistentes. Tentam, a todo custo, nos arrebatam para os seus anseios, suas vontades e caprichos. Confesso, tenho pena daqueles que nitidamente são "convocados" (por livre e espontânea pressão) a comparecer a eventos, reuniões e festas com seu companheiro sem sequer conhecer ou ter afinidade com os demais presentes. Quem já não passou por essa "saia justa", ou esteve neste tipo de situação?

Sempre admirei pessoas que vão ao cinema, ao teatro, viajam pelo mundo afora, fazem trilhas, etc., sozinhas. Não por falta de companhia, mas por opção, por vontade própria, no style "alone". A liberdade para se fazer o que se gosta, o que se está com vontade, mesmo tendo que desapontar as expectativas alheias, torna os nossos dias mais inspiradores e leves. É fato...

Se você nunca foi ao cinema sozinho, se deixou de fazer aquele passeio bacana porque não tinha companhia, aquela aula de zumba (a febre do momento nas academias) por vergonha de aparecer sozinho, o curso de

mergulho, a viagem dos seus sonhos, porque nenhum amigo, sobrinho, namorado, irmão ou colega não topou ir com você... Vai lá, se joga! Garanto que não vai se arrepender. Nesse momento, você também pode ser a sua melhor companhia.



Infinita highway

Christine Schröder

Nesta semana tive a última viagem. E achei que era justamente nela – e não depois – que encontraria um bom momento para pensar no que gostaria de dizer ao mundo, por estes dias.

Eu me lembro de que viajo a trabalho há mais ou menos uns 14 anos. Neste tempo, foram poucos os anos – mais precisamente, 5 – em que minha frequência de viagens foi menor. Salvo engano, nos outros 9 devo ter passado na estrada, se não a maior parte, pelo menos uma expressiva porção da minha vida.

Meu avô era “piloto de carreteiras”, ficou conhecido no Rio Grande do Sul e no Brasil, há algumas décadas atrás, por vários dos seus feitos. Pelo que me contam, não havia pedra, barranco ou atolamento que o intimidasse. Antes disso soube que, curiosamente, ele havia sido motorista de ônibus. “Curiosamente” (mas não “intencionalmente”), e de forma um tanto diferente da dele, é que se deu a minha relação, até bem duradoura, com a estrada.

Dentre outras coisas, meus olhos viram terras vermelhas, trigais, plantações de arroz, de tabaco, rios, pontes, barro, brita, capivaras atravessando o asfalto. Umhas estradas vazias, outras nem tanto. Mas hoje, na minha busca nem sempre consciente por sentidos, percebo que as estradas que descobri me levaram a outros caminhos. As oportunidades que experimentei podiam, sim, ter me conduzido por estradas tão diversas e desconhecidas, nas quais nem posso precisar quantos milhares de quilômetros já percorri. Em algumas destas vezes, sei que foram mais de mil, e na mesma semana. Mas o que jamais podia imaginar é que seria conduzida por caminhos cuja milhagem me seria totalmente desconhecida.

Sou do tipo de pessoa tida pelos amigos como simpática, agradável, que se comunica facilmente. Mas o que realmente sei de mim é da criança que permanece introspectiva, mas num paradoxo típico dos arianos com ascendente em Peixes: há horas em que prefiro guardar os arroubos de ansiedade e coragem apenas para mim. E, como a estrada me compreendeu! Até gostava de conversar com outras pessoas, mas confesso que minha maior preferência sempre foi pelo silêncio diante dos bancos à janela, muitas vezes 03, 11, 15, 19 ou, eventualmente, 33. Até me dar conta de que, certamente, não era para a paisagem que eu olhava. Talvez a olhasse, mas não a via realmente. Eu via outras coisas. Eu via “outra” estrada.

Não, ela – a estrada – não me fez perder tempo: se, em alguns raros momentos, eu sentia sono, cansaço, ou aproveitava para ler, ou então permanecia absorta no meu “tecnovício” (nos raros momentos de sinal wi-fi ativo), na maior parte do tempo eu olhava pela janela. A estrada, assim, também me transformava no que hoje sou, me fez ver pela janela da alma a estrada infinita dentro de mim. Eu acreditava olhar pela janela do ônibus, mas o que a experiência (ainda que aparentemente passiva) da estrada me incentivou a fazer foi justamente a olhar para dentro das minhas próprias janelas. Foram longos caminhos percorridos, junto às minhas alegrias, dificuldades, incertezas, decisões, e aos meus amores presentes e ausentes. Vi luares, roseiras, muitas chuvas e alguns morros. E, muitas vezes, um arco-íris.

Um certo dia, há uns dois meses, a janela de dentro deu-me um aviso de forma inexplicável: “Faremos uma mudança de rota. Iremos por uma nova estrada”. Não era um aviso racional, mas, incrivelmente, naquela mesma semana, recebi uma notícia praticamente inesperada – embora desejada há muito tempo – indicando que, sim, era a hora de iniciar um novo ciclo. Paradoxalmente, vivendo a alegria das últimas novidades, de repente me veio a constatação, decorrente da nova situação “logística”: eu agora estava trabalhando a 15 minutos de casa, o que, em termos bastante objetivos, me indicava que minha “relação com a estrada” iria mudar. Esta mesma estrada que, às vezes, tão forçosamente me fez parar, para que eu pudesse percorrer os caminhos dentro de mim. Ela foi uma grande e sincera amiga. E lhe permaneço grata, pela mais importante lição que ela me deixou: Não importa por onde andemos, sempre haverá uma janela e uma estrada, uma paisagem desconhecida. E que, por estar dentro de nós, quase parafraseando o Gessinger, “é infinita”, mas não diria que é silenciosa. Ela apenas espera para ser sentida, ser ouvida, ser trilhada.



A "rica" vida na fronteira da paz

Kathi - Kathiane Benedetti Corso

Escrevo este texto com as malas prontas para viajar da "Fronteira da Paz" (Livramento-RS/Rivera-UY) para a "Fronteira da Amizade" (Foz do Iguaçu-PR/Ciudad del Este-PY) visitar familiares. E aí me peguei pensando sobre o quão "rica" é a vida de quem vive em uma região de fronteira. Há três anos, em função da escolha por uma vaga de professora federal na Universidade, aceitei o desafio de sair de Porto Alegre, onde fazia o doutorado, e vir trabalhar e morar em Santana do Livramento, cidade fronteiriça de Rivera-Uruguai. A região fronteiriça é conhecida como Fronteira da Paz, e as duas cidades são, na sua realidade prática, uma cidade só, divididas apenas por uma linha imaginária, cortadas por uma rua. Juntas, Livramento e Rivera possuem cerca de 160 mil habitantes, e uma faixa de fronteira seca em comum de mais de 100 quilômetros.

Mas por que falo da "rica" Fronteira da Paz? Acontece que, em Livramento e em Rivera, o adjetivo "rico(a)" é muito utilizado para se referir a algo muito bom, algo muito bonito, algo maravilhoso. Do lado de cá, é comum ouvir os santanenses falarem: "Mas que rico, piá!"; ou "Que rica chuva..."; ou ainda "Tens uma rica estância!"; e mesmo "Que rica carne...". Bem como, em Rivera, se vais questionar se algo é ou não é bom, poderás ouvir como resposta: "Sí, muy rico..."

E, por falar em "rica carne", aqui se come uma das melhores carnes de gado (bovino) do mundo. O gado daqui, predominantemente da raça Hereford, (e seguido pela da Bradford, é criado em campo nativo. Assim, o churrasco ou asado (assim chamado no Uruguai) é extremamente suculento, macio, e saboroso. É comum, aos finais de semana, irmos a uma parrillada (restaurante uruguaio de carnes assadas) e degustar com os amigos um "rico asado", acompanhado com pimentões e queso parrillero (similar ao queijo provolone). Para a sobremesa, qualquer doce que você comer com o doce de leite uruguaio será "muy rico"! É (...) se come muito bem por esses pagos! Não é por nada que "ganhei uns quilinhos a mais" nesses três anos (...); p .

E para beber, o que temos? Temos vinho, muito vinho. Apesar de não serem tão conhecidas como as vinícolas da região da Serra Gaúcha, a região de Livramento/Rivera possui vinícolas que produzem "ricos vinos". O clima, extremamente frio do inverno, e alternado com dias de sol, tornam a região

do Paralelo 31 promissora no cultivo da uva e na produção de vinhos tinto, branco, e espumantes. Há menos de dois anos, os proprietários das vinícolas da região rio-grandense criaram a Associação de Vinhos da Campanha Gaúcha, a fim de divulgar os seus produtos e marcas. A Cave Vinhos da Campanha, em Livramento, localizada em frente ao Parque Internacional, comercializa estes vinhos, produzidos por mais de 15 diferentes vinícolas, destacando-se a Cordilheira de Santana, a Almadén e a Santa Colina. Já no Uruguai você encontra bodegas que produzem o melhor vinho Tannat, aquele "... que faz bem para o coração..."

Mas não se vive só da rica gastronomia por aqui. Nesta "região de fronteira", também é possível encontrar belezas naturais como os ricos e verdes campos do bioma Pampa, com a pecuária de bovinos e ovinos. Algumas estâncias, como a Fazenda Palomas e a Estância Cerros Verdes são voltadas para o turismo rural, e oferecem, aos seus hóspedes, diversas atrações como passeio com cavalos, ordenha (do gado), caminhadas, passeio por trilhas, pescaria, além, claro, da típica gastronomia gaúcha. O contato com a natureza, com os animais e com a cultura típica do gaúcho podem ser vivenciadas nestes locais e, de brinde, ainda oferece a possibilidade de fazer lindas fotos para postar no Facebook e no Instagram!

A Fronteira da Paz também é "rica" em expressões uruguaias e brasileiras como "bem de bem...", "Merece!", entre outras, as quais transmitem um pouco da hospitalidade, da simplicidade e da gentileza do povo que vive aqui. Na primeira noite em que pernoitei em Livramento, estava em um hotel. Pedi um lanche, por telefone, ao serviço de cozinha. Ao terminar o pedido e dizer "Muito obrigada...", a cozinheira me responde "Merece!" "Sim, a essa hora, depois de horas me preparando para o primeiro dia de concurso, e com fome, eu mereço, mesmo!", pensei eu. Nos demais dias em que fiquei na cidade, fui percebendo que a expressão é muito utilizada no comércio, nos serviços, e também no dia a dia do santanense e do hermano uruguaio, no lugar do (tão sem graça) "de nada!" E por aqui, se você está bem, você está "bem de bem", expressão que se houve sempre que você dá bom dia ou outro cumprimento e pergunta se está "tudo bem?" [Sim, "bem de bem"!].

Assim, a "rica" Fronteira da Paz, não é apenas uma região de riqueza material, financeira, de luxo ou de grande desenvolvimento econômico, mas também é "rica" em qualidade de vida! Aqui você vive "bem de bem"! Você vive duas culturas que se fundem e formam uma nova unidade cultural. O brasileiro passa a adquirir hábitos uruguaios e vice-versa. E assim, você vivencia e desfruta de uma rica gastronomia, de ricas paisagens, de ricas amizades, da rica tradição gaúcha, e, sobrando um tempinho depois do trabalho – sim, aqui isto é possível... – de um rico mate nos finais de tarde, na Praça Artigas, em Rivera. Então, quando me perguntarem se moro em Livramento ou em Rivera, responderei, daqui pra frente: "Moro na rica Fronteira da Paz". ;)

Obs.: Viste, caro leitor, como a vida em Livramento/Rivera não se resume só a compras em freeshops?!?! Vem pra cá, e desfruta, tu também, dessas "riquezas"!

Histórias de vida



Essa mania de contar histórias

Paulo Nascimento

As coisas “inexplicáveis” da vida sempre me fascinaram mais do que as palpáveis, aquelas que têm uma explicação lógica. Obviamente, talvez por isso mesmo eu não tenha virado engenheiro ou algo assim. Devo ser lembrado, até hoje, pelos meus professores de matemática, tamanha a dificuldade que eu impunha aos coitados tentando me explicar algo exato. Em compensação, sempre fui o “queridinho” da professora de português, ao ponto de me deixarem, na quarta série, criar uma “redação em série”. Na verdade, todos escreveram uma redação para ser lida na aula. Mas a minha não terminou. Ficou um “gancho”. Quando todos me olharam (inclusive a professora) perguntando: “Tá, mas e daí??”, eu respondi que seguia na próxima terça (sim, era nas terças-feiras que as líamos). A professora, depois de um segundo pensando o que dizer, respondeu que estava ótimo. Podia ser assim. Então, passei o ano inteiro escrevendo a mesma história, um tal de “Agente Kane” – vejam que sempre fui muito ligado às nossas raízes... – e talvez tenha sido ali, nas aulas da professora Ioli (me perdoe a professora, se um dia ler este texto e eu tiver escrito errado o seu nome...) que começou minha “vocação” (isso até parece coisa de padre) por contar histórias.

(Acho que) ninguém sabe o porquê de uma criatura gostar de ficar inventando universos, mundos, janelas, caminhos para os outros. Mas uma coisa eu afirmo: por mais que alguém se delicie, aplauda uma história sua, na verdade, quem mais tem prazer é quem a criou. É muito louco isso, de não se ter a menor noção de onde vêm os personagens, as falas, as ações. É como se a tela do computador – e olha que eu comecei em uma Olivetti Lettera 37, era isso? – falasse com você, apresentando-o à história que surge à sua frente. É muito engraçado ver as pessoas analisando o que você escreveu. Em noventa por cento dos comentários, você não tem a menor ideia de que aquilo sobre o qual estão falando estava na sua história. E você sorri, agradece e, no meu caso, usa até para entrevistas. Nada melhor do que a compreensão alheia. “Vejam um filme meu, leiam um texto que escrevi, e me contem o que fiz!” Esta é minha norma de vida e também a minha diversão.

Se a gente pensar que o que se está escrevendo será visto por 10 milhões de pessoas, não sai nada. O meu filme “Em Teu Nome” já passou deste número em todas apresentações em cinema, TV, aviões, DVD, etc. A história sempre começa solitária e depois ganha o mundo (ou não...). É surpreen-

dente quando uma memória, um "causo", algo lá do começo da infância surge na ação ou na boca de um personagem e você se pergunta por que nunca mais pensou naquele fato?

Enfim, sempre digo que os contadores de história não têm opção – ou eles contam ou contam – porque somos todos possuídos por esta "coisa" que é inventar um mundo que não é o nosso. Somos todos uns grandes mentirosos. A diferença é que vocês sabem que é mentira, mas compram um ingresso, um livro, qualquer coisa que os façam acreditar "naquele personagem", naquela vida alheia. Por isso existimos. Por isso mentimos. Por isso a humanidade vem, há milênios, contando histórias e perpetuando sua identidade. Então vamos lá: até a próxima janela para o mundo.



Japão – curiosidades e a honestidade do povo

Niege Dias

Como atleta, tive muitas oportunidades de estar em diferentes países e conhecer um pouco da cultura de cada um.

Tenho um carinho especial pelo Japão. Estive lá, pela primeira vez, em 1984, com meu técnico Biba Enck (hoje, meu marido), para um circuito de seis torneios em diferentes cidades e regiões (Saga, Fukuoka, Matsuyama, Nagoya, Hiroshima e Kyoto).

Chegando em Tóquio, pegamos ônibus, metrô e trem. Depois 35 horas de viagem, chegamos na estação de Saga. Fomos pegar um táxi, e mostramos ao taxista o nome do hotel. Ele, muito sorridente e educado, gesticulava e falava em japonês. Não entendíamos palavra alguma. Insistimos em mostrar o nome do hotel e ele gesticulando. Não entendíamos porque não queria nos levar até o hotel. A esta altura, o cansaço vencia a paciência, e tivemos que “dar uma engrossada”. Meio a contragosto, ele nos levou até o hotel, que era perto. Fizemos o check-in, dormimos e, no dia seguinte, após o café da manhã, saímos para pegar um táxi, para irmos ao clube treinar. Para nossa surpresa, a estação de trem era “grudada” no hotel. O que o taxista estava querendo dizer era que bastava atravessar a estação, caminhar 100m e que já estaríamos no hotel...

Chegamos no clube e fomos treinar. Naquela época, não tínhamos cartão de crédito internacional, apenas cheque de viagem e dinheiro. Biba levava todo o dinheiro na cintura, dentro de uma “guaiaca” e, quando treinávamos, ele colocava dentro de uma bolsinha vermelha, junto com os passaportes e passagens. No meio do treino, caiu uma “baita chuva”, e saímos correndo da quadra. Chegando ao Club House, fomos comprar uma água. Cadê a bolsinha vermelha? Biba entrou em pânico e saiu na chuva, desesperado, atrás da bolsa, pois o clube estava lotado. Nada encontrou. Depois de revirar o clube, ele foi à recepção do torneio perguntar se alguém havia encontrada uma bolsa vermelha com documentos e dinheiro. O diretor do torneio, muito cortês, perguntou quanto dinheiro havia na bolsa. Biba, desconfiado, disse que havia bastante dinheiro. O japonês insistiu em saber a quantia. Quando Biba falou o valor, o japonês se abaixou e entregou a bolsinha vermelha com todo o dinheiro e documentos.

A humildade, simplicidade, tradição e honestidade do povo japonês nos seguiram em vários momentos da nossa viagem.



Lições de uma ida ao Stade de France: não é um texto (só) sobre futebol

Jeová Torres Silva Júnior

Dia 05 de março de 2014. Temperatura, em Paris, variando entre 7 e 11 °C durante o dia. Já a minha temperatura, naquele dia, estava um pouco alterada, pois uma forte gripe, combina com um amigdalite e uma recidiva de minha sinusite crônica, me levou a uma febre de 38 °C, no começo da noite. Todavia, o meu quadro clínico não me impediu de cumprir um importante compromisso naquela noite. Aliás, meu e de mais 79.999 pessoas que, se não estavam com febre – como eu, como seria de se esperar – tiveram suas temperaturas alteradas, a partir das 19 h 30 min, devido aos estímulos do espetáculo no Stade de France – o local do compromisso.

O Stade de France é, desde 1998, a arena oficial dos jogos da seleção francesa de futebol. Foi inaugurado para a Copa do Mundo de futebol, e, pra nós (brasileiros), traz a triste lembrança da derrota do Brasil, na final desta Copa, para a seleção local, em 12 de julho daquele ano. Já este 05 de março de 2014 representou, para mim, não somente a remissão do estádio, mas também a oportunidade de sentir o calor da torcida francesa, de verificar – mais uma vez – a valorização do senso de coletividade que eles têm, e também de apreender as lições de marketing esportivo e de mobilidade urbana que podem nos ensinar.

O jogo foi um amistoso entre a vice-campeã do mundo, em 2010, a sólida equipe da Holanda, e a Seleção da França. Esta, após a inesperada classificação – em 19 de novembro último – para a Copa do Brasil, ainda representava (para aquela torcida) uma incógnita, uma equipe com muitas fragilidades. E este amistoso poderia significar a redenção dos “Bleus” (como a seleção francesa de futebol é chamada e cantada pelos seus torcedores). Cheguei a uma das estações próximas ao estádio, por volta das 19 h 30 min, e imaginava que me viria à mente aquele quadro fúnebre da derrota do Brasil por 3 x 0, em 1998, quando eu avistasse o gigante de Saint-Denis (local onde o Stade de France está instalado, na região parisiense).

Na verdade, se havia uma chance de que as trevas se solidificassem em minha mente, esta se foi quando, ao avistar as luzes da área externa do

estádio, elas e a imponência arquitetônica do estádio já começaram a me seduzir. Após entrar no Stade de France, às 19 h 45 min, vi que o passado tinha ficado pra trás, que aquela derrota era só um flash na minha memória. Percebi que o que ficaria, a partir daquele momento, gravado em minha mente sobre aquele estádio seriam as sensações do grande espetáculo que estava começando naquele espaço.

O estádio recebeu sua carga máxima: 80.000 ingressos, vendidos antecipadamente. As bilheterias do estádio estavam fechadas e não encontrei sequer um cambista no caminho de 15 minutos entre a estação (Stade de France/Saint-Denis) e o estádio. Aliás, sobre a mobilidade para o estádio, a ida foi mais tumultuada. Um problema na linha B, que seria melhor e me deixaria mais próximo do estádio, quase atrapalhou meu plano de chegar mais cedo. Entretanto, os funcionários do órgão que regula os transportes em Paris orientavam os passageiros que iriam ao estádio para pegar a outra linha de acesso ao Stade de France (a linha D). É isso mesmo! São das linhas que permitem chegar ao estádio e isto demonstra o claro planejamento das autoridades com a facilidade de locomoção dos cidadãos para os grandes espaços de lazer e entretenimento coletivo, como o estádio de futebol. Quantas das 12 sedes brasileiras da Copa do Mundo de futebol tem ao menos uma linha de trem, metro ou VLT que deixará os torcedores a 10 ou 15 minutos da arena de jogo?

Tratando de preocupação com o cidadão e com o cliente, outro aspecto deve ser destacado. Cerca de 05 dias antes do jogo, recebi uma mensagem de correio eletrônico do "Espace Billeterie" do Stade de France, avisando de uma obra na linha D do trem que poderia trazer dificuldade de acesso ao estádio. Esta obra não afetava o meu percurso, pois era no sentido oposto àquele em que eu me deslocaria. Eu achei uma gentileza me avisarem e acho que, para eles, foi uma obrigação "natural". Ainda sobre o senso de preocupação e gentileza com o cidadão e cliente, eu vi, na página do Stade de France, na manhã do dia do jogo, outro elemento que consolida esta questão. Desde cedo, noticiavam que não haveria venda de ingressos no local e que os estacionamentos já estava lotados. Com tudo isto, o cidadão pode sair de casa e levar a família para o estádio, uma vez que as informações são disponibilizadas de forma quase viral e sem assimetrias a todos.

Voltando ao espetáculo, logo na entrada do estádio eu já percebi a força do uso inteligente do marketing no esporte e como, no Brasil, em relação a este tema, ainda somos absolutamente amadores, e mesmo os grandes clubes brasileiros, as arenas e a seleção brasileira. Aqui, ganha a federação de futebol, ganha a seleção francesa, ganha o patrocinador e o torcedor também ganha. Eu recebi no portão de acesso a minha área no estádio, após a confirmação do ticket, um caixa de biscoito de um patrocinador da seleção e um saco com alguns brindes da loja oficial dos "Bleus". Quando cheguei ao meu assento, o show estava começando no gramado. Não, não era o jogo. Eram 20:00h e ainda tinha uma hora até a partida começar. Era apenas o aquecimento para a partida.

O espetáculo – como insisto em chamá-lo – vinha de uma cabine de DJ montada na lateral do gramado. Esta cabine era no formato de um rádio com a marca de uma dos patrocinadores e o DJ era um oferecimento da marca, para deixar os torcedores mais entusiasmados até a partida começar. A

música que saía pelos alto-falantes do estádio era interrompida, em alguns momentos, para que um animador do Stade de France pudesse estimular os torcedores, ora com os vídeos dos momentos gloriosos da seleção francesa, ora com os diversos prêmios que foram distribuídos pelos patrocinadores oficiais dos "Bleus". Um torcedor ganhou, de um patrocinador, o valor do seu ingresso. Outro pôde sentar ao lado do banco de reservas da seleção. Um terceiro ganhou o direito à bola do jogo e outros tantos foram agraciados com casacos e camisas oficiais da equipe francesa por meios de canhões que disparavam estes presentes em direção ao lado da torcida mais animada. Era uma animação que esquentava aos demais torcedores no estádio, ao mesmo tempo em que baixava minha febre. Toda esta agitação era estimulada, em um momento, pelo DJ, e, em outro, pelo animador do estádio, que ficava no centro do campo, entoando os jargões da torcida para apoiar sua seleção, como Allez les Bleus (Vamos Azuis!) e Aux armes, Nous sommes les français e nous allons gagner (Às armas. Nós somos os franceses e nós vamos ganhar). E ainda teve o momento sublime da incitação e que elevou ao máximo a temperatura do estádio, quando o animador convocou todos a cantarem o hino da França, a Marseillaise.

Durante o jogo, a torcida, mesmo bem entusiasmada e aquecida, não bradou nenhum palavrão, daqueles que impedem que nós levemos nossa mãe ou nossas crianças aos estádios brasileiros. No máximo, se ouviu um Merde!. O ato mais incomum que eu vi, de um torcedor, naquela noite no Stade de France, foi quando este ficou batendo, com a mão, em uma placa de publicidade, para atizar a torcida, quando o silêncio começava a aparecer e a torcida parecia "esfriar". O jogo acabou às 22 h 50 min, e a saída daquelas 80 mil pessoas do estádio foi muito tranquila, sem empurrões ou atropelos. Eu já sabia que, àquela hora, a linha B do trem já estava funcionando. Como esta era a mais próxima, eu fiz a opção de retornar por ela.

Novamente, o sistema de mobilidade urbana me surpreendeu. Eu temia muito este retorno para casa, pois meu modelo mental brasileiro de quem vai a estádios me sugeria que eu levaria pelo menos duas horas para fazer todo o meu retorno. Porém eu cheguei na estação de partida às 23 h 05 min, juntamente com uma multidão que também pegaria a mesma linha. Fiz uma correspondência (troca de trem) no centro da cidade, já que o Stade de France está ao norte de Paris (em Saint-Denis), e eu moro ao sudeste (em Nogent-sur-Marne). Desci na minha estação e andei cerca de mais uns 05 minutos, mas não passava de 23 h 50 min quando entrei em casa. Se a Copa do Mundo nos deixar um legado semelhante, relacionado à mobilidade urbana, devemos celebrá-lo até mais do que o próprio título (caso este venha junto).

Cheguei tremendo. A febre já me tomava de volta, e assim me informava que o espetáculo do Stade de France acabara, mas tudo vai ficar muito bem guardado na minha mente, bem como nas fotos e vídeos. Valeu cada euro pago em função de todos os aprendizados daquela noite. E foi barato (€ 25,00), tendo em vista o que ganhei de brinde e o jogo que assisti entre duas importantes e tradicionais seleções do futebol mundial. Ah, é verdade! Ia esquecendo deste detalhe: A equipe da França ganhou o jogo por 2 x 0, jogou bem e retomou a confiança de seus torcedores.

Enfim, eu mesmo imagino que ela vá bem longe nesta Copa do Brasil. A

seleção tem um jogador com tudo para ser a revelação do próximo Mundial, chamado Paul Pogba. O craque vai ser Neymar, claro! E que Deus permita que não encontremos a França pelo caminho. Nós, mais do que várias outras seleções, sabemos o que significa o bordão: Aux armes, Nous sommes les français e nous allons gagner. Foi assim em 1986, em 1998 e em 2010. Em junho e julho, a Copa vai esquentar os corações, no mundo todo e, principalmente, no Brasil, mas eu espero mesmo é que a temperatura aumente, e logo, aqui em Paris.



Uma noite de terapia com a ACV

Adriane de Assis Lawisch Rodriguez

Não sei se por influência da carga de trabalhos de final de ano, envolvendo relatórios, bancas de dissertações, ou por não ter esquecido o depoimento de um colega que havia passado a noite em um pesadelo horrível, no qual ele estava em uma raiz quadrada e não era um quadrado perfeito, mas foi quando me aconteceu o que irei relatar brevemente aqui.

Depois de um típico dia “daqueles”, o sono custou a chegar. Quando finalmente adormeci, iniciou a maior avaliação da minha vida! Estava faltando poucas horas para entregar um relatório de projeto (certamente, com financiamento externo!!) e eu ainda nem havia digitado o número do processo... Tortura!! Desespero!! Pânico total!! Como havia deixado a situação chegar a este ponto?? (Está certo que os resumos para participação em congressos quase sempre são enviados “no último minuto da prorrogação...”). Entretanto, não se tratava de um “simples” resumo! Deveria entregar um estudo completo a partir da ACV. Isto mesmo, utilizando a ferramenta da Análise do Ciclo de Vida. Porém, o estudo não estava focado na Reciclagem de Resíduos Plásticos, nem mesmo no Sistema de Gerenciamento de Resíduos da minha cidade. Deveria aplicar estes conceitos na avaliação de meus “primeiros” 50 anos de vida (bem vividos, diga-se de passagem!!). A primeira batalha: Definir o escopo!! A partir de que etapa seria feito o estudo? Depois, tinha que fazer um inventário detalhado de tudo o que poderia ser classificado como “ganhos” (entradas) e “perdas” (saídas) neste período. E o grau de dificuldade foi aumentando. À medida que o tempo passava, mais dúvidas surgiam. E a agitação ficou maior na hora de escolher os cenários para a avaliação posterior do impacto destes meus 50 anos! Os cenários apareciam à minha frente e quase podia senti-los, vivenciar um pouquinho do que eles descreviam!! A cada cenário, mais o tempo passava e eu não conseguia terminar o “tal relatório”! E assim foi acontecendo...

Cenário 0 – Sim, neste “meu sonho”, existia um “Cenário Zero”. Nele, eu esperaria “pacientemente” na barriga da minha mãe, os nove meses necessários para uma gestação (e não apenas os sete que tive...). Aqui teria sido evitado todo aquele pânico que se criou por faltar luz no hospital enquanto eu estava na “estufa” (na época não se falava em “incubadora” e nem o hospital tinha gerador próprio!). Também neste cenário, não teria aquelas cenas horríveis em que minha irmã (que esperava um lindo bebezinho e que

teve que se contentar com uma “espécie”, que não cabia nem numa caixa de sapatos!) tentava me jogar pela janela.

Cenário I: Neste cenário, após concluir o curso de Engenharia Química, eu retornava para minha cidade natal, Rio Pardo, e trabalhava ministrando aulas de Química no “Colégio da Freiras” – nada contra a Química, nem contra dar aulas, e, menos ainda contra o colégio das freiras!...

Cenário II: Agora, esta situação era mesmo inusitada... Após terminar o mestrado, teria eu ido criar galinhas!! Este cenário remete àqueles dias em que os experimentos não davam certo, e em que os questionamentos do tipo “isto não vai terminar nunca” faziam com que qualquer outra atividade parecesse uma “brilhante” ideia!!!

Cenário III: Neste, eu estava no aeroporto de Frankfurt, e ainda estava procurando a saída!! Devo salientar que para construção deste cenário, muito deve ter contribuído a recordação de um “momento mágico”, quando da minha “primeira” chegada na Alemanha (e também primeira viagem internacional!!). Após perambular no “pequeno” aeroporto de Frankfurt, falando muito bem apenas o português e um tipo de “esperanto” (ou seria desesperanto??!!) eis que, como por um milagre, uma porta se abre e eu vejo com um “cartaz” de boas-vindas – “Amigos são como o sol...” Lembra disto?? Mesmo que o dia esteja nublado, eles estão lá! – Este momento ficou gravado na minha memória e certamente foi decisivo para a criação deste cenário...

E finalmente, quando estava na criação do quarto e último cenário, no qual ganhava na mega-sena e estava saindo de viagem para o Caribe, ou seja, a melhor parte do sonho estava se encaminhando, o relógio despertou!!! Estava na hora de voltar a escrever os “reais” relatórios do dia. Porém, ao repensar meu sono, fiquei contente (apesar de ainda me sentir cansada!). Havia feito uma enorme economia de “psicoterapia”! Não precisei escolher entre o UMBERTO ou o SIMAPRO para decidir que o melhor cenário era exatamente este que vivi nestes “primeiros” 50 anos.

Ah! E também desmarquei as minhas próximas horas de terapia!!!



Voltar para casa é renascer!

Aida Maria Lovison

Saio da casa. É a casa onde nasci. Hoje, renovada, ainda guarda a estrutura e a madeira talhada por meus pais e meus avós há quase setenta anos. Abro um portão. Encontro o pátio onde brinquei com meus irmãos, com meus primos... Sigo o percurso. O velho açoita-cavalo continua de pé, imponente. Nem as ferradas para suplantá-lo o abateram.

Ando mais um pouco, abro o segundo portão. À direita, vejo a horta até hoje cultivada por minha mãe, como a tradição ensina. Avanço mais um pouco, e abro o terceiro portão.

Atravesso a soleira e me precipito no pequeno declive. Logo ali adiante está o bosque. Há nele um pequeno riachinho de água limpa e fresca. Com meus irmãos, muito brinquei neste lugar..

Vejo pequenas cascatas e, logo depois, uma grande cascata (claro, "grande" para uma criança!). Observo a água caindo; nela afundo meus pés. Olho mais uma vez. A cascata é grande e escura. Decido escalar! O arrepio nos pés, a pedra lisa e gosmenta, eu, buscando o galho, daqui e dali, a nesga de luz, o musgo das beiradas...

São referências, busco me firmar! Olho para dentro. A concentração. A determinação. O pico. A alegria da superação.

Ali, me reencontro, a cada vez em que volto, com este "comigo" que tanto me faz feliz!



A briosa

Alfredo Laureano de Brum

No ano de 1949, quando eu tinha 11 anos, meu pai, Sady Laureano de Brum comprou uma caminhonete Chevrolet, ou melhor, um carro que recebeu uma carroceria de madeira com capota de lona, o que era muito útil para quem trabalhava na zona rural. Era um carro velho, do ano 1930, que havia sido transformado em uma caminhonete a que passamos de chamar “Briosa”.

Mesmo com a pouca idade que tinha, eu já dirigia e, quando meu pai não podia levar minha mãe, Dalila Machado de Brum, até a Vila Branca, aos domingos, para rezar o terço, eu ia de motorista.

Meus pais eram muito católicos e minha mãe tinha diversas expressões que costumava dizer diariamente, como: “Minha querida mãe santíssima”, esta para pedir a proteção de sua família; ou então “Jesus piedoso”, principalmente em sinal de pedido de proteção ou socorro.

Minha amada mãe me chamava de Nêni e, mesmo tendo recebido pouquíssimo estudo, tinha muita facilidade tanto para aprender todos os quitutes de casa, quanto para costurar, fazer crochê e tudo o que parecesse ser necessário, lá no nosso rincão. Justamente por isso, sempre que estávamos conversando sobre algo em que o tema pudesse ser inserido, eu sugeria que ela aprendesse a dirigir a nossa linda Briosa, que certamente ficaria ainda mais bonita com sua dona dirigindo. Ela relutava, pois ela achava que seria difícil, até que, um dia, ao chegarmos em casa, eu lhe disse:

— Mãezinha, vamos facilitar as coisas. Eu, aos poucos, vou lhe mostrando para que serve cada treco que existe neste carro, desde como girar a chave para ligar o motor e o pedal do acelerador. E, ao lado dele, tem o motor de arranque. No pé esquerdo, a senhora tem a embreagem. No lado direito, tem a alavanca para trocar as marchas (primeira, segunda, terceira e marcha à ré).

— Gostei, Nêni. Acho que, assim, a mãe vai ficar sabendo o mais importante.

E assim, sempre que dirigia com ela ao meu lado, dava-lhe novas explicações, até que ela foi ficando bem familiarizada. Além disso, para fixar bem, ela fazia funcionar o motor e eu dirigia dando todas as explicações. Já mais animada, às vezes, ela me dizia:

— Nêni, já pensou eu, chegando em casa na mesma hora em que meu

velho também estivesse chegando, e eu gritasse: "Olha aqui a tua velha dirigindo?"

Ela ria de felicidade, tudo na sua vida, por pequeno que fosse, fazia ela se sentir feliz, ou melhor, ela era uma pessoa feliz.

Algum tempo depois, aceitou a fazer um teste, desde que fosse lá no potreiro, a campo aberto. Em frente de nossa casa e dos galpões, existia um pátio grande, mas haviam muitas árvores, os cinamomos e, um pouco mais retirado, existia uma cerca que fazia a divisa com o potreiro e com uma porteira por onde a caminhonete podia sair facilmente. Eu conduziria até passar a porteira e, logo após, ela assumiria o volante.

Bueno, tudo combinado, então "lá se fomos". Algumas arrancadas em falso, ela deixava apagar o motor... Tudo normal para a primeira vez. Alguns dias depois, mais um treino lá no potreiro, e, para nossa alegria, ela se saiu bem melhor.

Algum tempo depois, voltamos a cruzar a porteira e iniciamos o treinamento, após algumas voltas tudo corria bem, foi quando minha mãe falou:

— Eu gostaria de parar, estou um pouco cansada.

Sugeri a ela que cruzasse a porteira e estacionasse a Biosa em frente ao galpão, trajeto que ela fez corretamente, até se aproximar dos dois cinamomos que faziam sombra na frente da entrada de um dos galpões. Notando que sua velocidade era alta para poder parar tranquilamente no devido lugar, falei:

— Mãe, coloque o pé no freio e vai parando...

Lamentavelmente, já era tarde. O carro não tinha freio de mão. Minha mãe ficou nervosa, não encontrou o pedal do freio, firmou suas mãos no volante em direção a um dos cinamomos e gritava: "Jesus piedoso! Jesus piedoso! Jesus piedoso!"

Chegamos à última aula de direção da dona Dalila. Pelo jeito, Jesus realmente foi piedoso, pois devido à (não tão) baixa velocidade – digamos, no máximo, 60 km/h – tirando os danos materiais (que foram só o para-choques e um dos para-lamas), eu e minha amada mãe não tivemos escoriações.



Palavras ao vento

Ane Brum

Em muitos momentos, sem desejo proposital ou consciente, nos pegamos pensando no passado. É como se, de alguma forma, um fato, objeto, som ou ruído, lugar, imagem, sem a mínima licença, intenção ou direção, simplesmente ativasse o gatilho das lembranças, quem até sabe servindo para explicar ou justificar o próprio futuro. Vamos nos acostumando a conviver com essas pontes – que nem sempre são de açúcar – e vamos construindo uma rede sem fim de acordos emocionais, justificando os conflitos e angústias da existência como culpa de um ou de outro que não sejamos nós próprios. Todos têm um parente distante que serve de exemplo, não importando, se virtuoso ou nem tanto, e assim rabugices, explosões de alegria, manhas, criatividade, preguiça, gulodice, depressão, enfim, tudo sempre vem “do lado de lá”!

Os anos passam e, claro, se passa a ter mais lembranças para usufruir. Considerando-se como, muitas vezes, é mais difícil enfrentar o desconhecido, o artifício acima vem bem a calhar. Porém ele não se enquadra nesta situação.

Tendo o braseiro sido atizado por um primo bem querido e achando a ideia muito interessante, lembrei-me de alguns fatos passados na nossa infância, em companhia de meus adorados avós paternos, em tempos de férias na fazenda Coração de Maria, em Vila Branca, no município de Santiago, RS.

Meu gosto por gatos, cachorros, leite espumante, figo em calda e o incômodo medo de causos assustadores vêm todos daqueles tempos. Tempos lindos, maravilhosos, nos quais convivemos e desfrutamos do lugar e das pessoas simples, daquelas que têm um coração puro e um sorriso largo, as que moravam por aquelas redondezas. Incansáveis em satisfazer as vontades da “turma da pesada”, dos saraus no clube da vila, nos domingos, aos passeios a cavalo até onde a vista alcançava!

Lembro-me de longos momentos de conversa na varanda da casa, que tinha portas enormes e um “assoalho rangedor”, com tardes de um céu azul de dar inveja a outras cores ou em noites com um “bordado de estrelas” enfeitado com a lua reluzente. Ali, sem qualquer pretensão, faziam a maior das pregações, foram amigos, confidentes, em frações homeopáticas consolidavam as virtudes de ser honesto, trabalhador, amar a família, respeitar os mais velhos e ser fiel ao que julgassem correto.

Além disso, claro, também ficávamos a fazer travessuras que nossos pais não aprovariam!



Sonhos

Ana Isabel Jaramillo López

Tudo começou durante minha formação. Eu queria estudar e viver fora do país por um período longo, mas ainda não estava preparada. Esse era o momento para terminar a faculdade, para adquirir um pouco de experiência profissional e para crescer em outros aspectos da vida. Deixei o meu sonho num lugar especial do meu coração e em minha mente, e continuei fazendo outras coisas. Ao longo deste tempo, conheci pessoas maravilhosas, que me ensinaram a importância da amizade, que me mostraram que, justamente nos momentos mais difíceis e quase sem saída, sempre haverá alguém que nos ajude e nos dê ânimo para continuar. E que, também nos momentos mais felizes, compartilharemos essas alegrias com as pessoas que se alegram, e até mesmo vibram com os pequenos ganhos das outras pessoas. Foi então, no segundo ano da minha formação, que conheci um grupo de pessoas aventureiras, sonhadoras, lutadoras e desejando, com todas as forças de seu espírito, alcançar qualquer sonho que imaginassem. Essas pessoas me ensinaram que o caminho percorrido para se atingir a meta é tão importante quanto a própria meta. Que desfrutar cada detalhe faz a diferença entre passar pela vida ou comprometer-se com o que se vive. Que não importa a distância, lugar ou tempo, sempre há alguém que compartilhará momentos importantes ou simples da nossa vida.

Depois de viver esse período, ingressei no mundo do trabalho, e tive vivências interessantes, viajei por alguns países da América do Sul, conheci culturas que, em alguns aspectos, eram diferentes da minha, embora fossem semelhantes em outros. Descobri que, neste mundo laboral, muitas vezes se perde a liberdade que se sentia na faculdade, e que, às vezes, as aparências são mais importantes do que realmente uma pessoa é – o que me foi uma constatação bastante triste. Ao longo desse tempo, houve ocasiões em que meu sonho de viver no exterior aparecia e desaparecia, até que, de uma hora para a outra, comecei a realizar este meu antigo sonho. Faz quase um ano que estou morando no Brasil e a experiência tem sido realmente muito boa. Tenho conhecido pessoas lindas, amáveis e muito carinhosas, também vi uma cultura diferente daquela que eu esperava encontrar. Aqui, em Porto Alegre, a maioria das pessoas que conheço são descendentes de alemães e de italianos. Essa colonização deu um toque diferente à cultura desta região. Aqui predominam os costumes destes povos, até mais do que os dos

demais brasileiros, e, para mim, isto também é algo bastante interessante e enriquecedor. Por outro lado, o clima aqui, em alguns dias, tem os dois extremos: faz muito frio ou muito calor. E tem alguns dias em que o clima é primaveral ou outonal. E, para mim (bem como para a maioria daqueles com quem convivo), são os melhores.

Algo que pensei que as pessoas que encontraria aqui dançavam muito, mas descobri que a maioria dança só no Carnaval. É como se só nesse período elas se dessem a permissão para fazê-lo. Falando do Carnaval, esta é uma experiência maravilhosa, se sente muita alegria, muita vontade de dançar, de ser feliz. Como se diz por aqui, "gostei demais" do "Carnaval de rua" em POA. Ele é colorido, alegre e com músicas muito boas. Recomendo enormemente assistir a um Carnaval de rua aqui em Porto Alegre, é "legal demais".

Para concluir este relato, gostaria de realçar a importância de a pessoa tornar os sonhos em realidade, pois, na maioria das vezes, as limitações que encontramos no caminho são impostas por nós mesmos. Geralmente nem percebemos que inconscientemente estamos sabotando as nossas aspirações, para não sair da nossa "zona de conforto". Na vida, correr riscos e empreender novos desafios é muito gratificante e sadio, para que as experiências vividas tenham cores diferentes e possam ser mais divertidas.



Entre carreira e lazer, fiquei com os dois!

Melissa Irala

Eu já tinha mais de 30 anos de idade e quase 10 de experiências profissionais, quando decidi trocar de carreira. Tinha um bacharelado no Brasil, um mestrado na França, e já tinha trabalhado em cinco países diferentes. Eu era administradora de Supply Chain e atuava em uma firma de consultoria em logística, uma empresa da minha escolha.

Depois de seis meses nessa empresa, uma voz dentro de mim começou a me falar. Eu não estava feliz e eu me indignei. E, como aprendi com um colega, indignação é algo muito bom, pois nos motiva a buscar melhorias. Pude entender que passar 8 (ou mesmo 9, 10...) horas por dia na frente de um computador, programando o layout de armazéns e um ambiente de trabalho desagradável... Não era o cenário no qual eu queria viver até a aposentadoria. A situação foi ficando insustentável. E isso foi o melhor que poderia me acontecer! Como geralmente buscamos aquilo que não temos, eu precisava sair do escritório, ir pra rua e criar. Eu estava seca e sedenta por um ambiente de criação, por ar fresco e por colegas que usassem "Converse" no trabalho, ao invés de sapatos apertados e discussões sobre aplicação de regras estatísticas.

Foi então que tudo ficou claro: a tal "voz" que me falava era a minha intuição e o meu coração foi meu guia. Ele me direcionou para uma escola de fotografia, a minha maior paixão.

Tomar aquela decisão foi extremamente difícil para mim. Foi preciso muita reflexão e encorajamento de amigos. Nesses momentos, foi importante eu discutir isto com pessoas que eu admirava profissionalmente. Pessoas que me pareciam felizes, bem-sucedidas e que dividiam objetivos de vida como os meus.

Foi uma mudança bastante radical, e também muito arriscada.

As questões que eu me perguntava eram bastante válidas: "Começar do zero depois dos 30?" "Voltar a ganhar um salário de iniciante?" "Ser fotógrafa é realmente uma profissão?" "Vou passar fome?" Mas foi expondo o assunto que descobri outras pessoas – felizes e bem-sucedidas – que tinham feito o mesmo move: trocado de profissão depois dos 30 anos. Sim! Isso se faz! Isso existe e vale muito a pena!

Uma vez a decisão tomada, tudo ficou mais fácil e claro. Comecei a entrar em contato com outros fotógrafos (que não passavam fome), me informei do mercado e da demanda, e estabeleci meus novos objetivos. Confesso que é preciso desapego. Aliás, "desapego" passou a ser minha palavra-guia. Ela me liberta, ela me leva pra frente, pra cima e me faz ser o que eu sou.

Talvez, se naquela época, eu tivesse dependentes, e se eu tivesse grandes dívidas, minha decisão tivesse sido diferente. Não sei se a tal "voz" teria se calado. Talvez nem mesmo tivesse começado a me falar.

Meu diploma de Administração e minha experiência? Não, não foram pro lixo. Eles me fazem uma profissional mais completa, com melhor entendimento de organização e de finanças. Muitas das experiências que tive são diretamente úteis no meu trabalho atual, pois me permitem ter uma visão de cadência e me auxiliam no relacionamento interpessoal.

Eu compartilho aqui um pedaço da minha história, para nos lembrar de que indignação e desapego são palavras positivas, porque nos libertam e podem ser benéficas, quando aprendemos com elas.



Jornada para a fronteira

Andrea Brasco Pampanelli

Sempre fui chamada de “crente”.

Nunca vou me esquecer do dia em que minha afilhada olhou uma foto minha, na época do Aplicação, e disse:

— Bah, Dinda, mas tu era bem Nerds, né???

E aí eu disse:

— Meu amor, acho que ainda sou. E sempre vou ser... Acho até que já faz parte de mim!

Nunca me estressei com este rótulo. “Crente”, para mim, sempre foi o indivíduo que acredita em alguma coisa.

Sempre acreditei que o conhecimento move o mundo, a evolução, o tempo.

E que este tal de conhecimento precisa ser vivido, aplicado, real... Como um combustível para a vida.

E que limitá-lo é totalmente limitante.

Por que alguém não pode gostar de ciências exatas e também das humanas?

Por que quem está na indústria também não pode fazer parte da Academia?

Por quê???

Tantos gênios da história provaram que o mundo das ideias não é limitante.

Da Vinci, Einstein, Marie Curie... Todos tão “pluri”...

Por que eu tinha que limitar minha jornada a um único caminho, uma única direção?

Gostando de aprender e de aplicar o que aprendi, sempre vivi esta inclinação por temas de diferentes áreas, mas que me pareciam interligados.

Nunca entendi a razão pela qual as coisas precisavam ser assim, que tínhamos que ter um caminho ou outro...

Em 1999, me graduei na universidade, e fui trabalhar na indústria.

Indústria multinacional, de ponta, “tudo de bom”! Ao menos, foi o que pensei...

Mas o que para muitos é ponto final, para mim foi apenas o início da jornada.

Optei por não ter opção... Por não ser apenas “uma coisa ou outra”.

Queria ser tudo. E não sabia direito a razão.

Dentro de mim, havia algo que somente dizia que eu tinha que seguir em frente.

E nessa vida de trabalhar e estudar durante anos, descobri que o bacana de todo este processo não é o feito em si, o título, o resultado, mas a jornada.

É na jornada que está o grande barato.

É na jornada que se chega na fronteira.

E é na fronteira que o especial acontece.

Peter Burge disse, uma vez, que fronteiras são lugares especiais. Concorro com ele.

Trata-se de lugares onde é fácil encontrar mensageiros ou mediadores, indivíduos que são bilíngues ou até biculturais. E que, portanto, também estejam em posição adequada para que possam servir como intérpretes – não apenas no sentido exato do termo, como tradutores – mas também como especialistas que tenham a capacidade de explicar uma cultura de modo compreensível à outra.

Compreendendo dois mundos. Consegui transitar por esta fronteira e por suas dimensões, e tento mostrar, para todos os que me cercam, que existe um importante espaço para convivência e que as diferenças entre estes mundos são mínimas, diante dos benefícios do intercâmbio de tudo o que há de bom em ambos.

Minha jornada para a fronteira me ensinou que pensamentos limitantes não levam a lugar algum.

Que tudo é possível e acontece, quando se tem um espírito livre, a alma leve e coração aberto para se viver o conhecimento.

Se ser “crente” é acreditar em algo, acredito que “todo ato cultural vive essencialmente nas fronteiras”.

É na fronteira que se descobre o que não se conhece. É na fronteira que o especial surge.

E foi exatamente nessa jornada multicultural, tentado conciliar universos paralelos e experimentar a sua fronteira, que pude descobrir a minha verdadeira essência.

Hoje, muito mais do que tudo que se materializou, criptografei na minha alma a experiência dessa jornada para a fronteira.

Não sou nem uma coisa nem outra, e também sou tudo isso mesmo, muito prazer.

Universos paralelos? Dimensões distintas?

Para mim estas não existem mais.

Dentro de mim, elas formam um sistema único.

Complexo e multifacetado, talvez, mas único, transcodificado, dominado.

Agora, e quanto à jornada para a fronteira?

Sabe aquela sensação de final de férias, depois de se viajar para um local maravilhoso em que aprendemos muito e no qual fomos muito felizes?

Aquela viagem querida, mais ou menos no estilo “tudo de bom”, que vamos querer reviver várias vezes e da qual sempre vamos sentir saudades?

Assim foi a minha jornada para a fronteira.

Conheci o desconhecido.

Explorei o inesperado.

Venci limites. Meus e dos outros.

E, quando isso acontece... É muito difícil esquecer.

Tentando entender o mundo, me descobri como ser humano, como pessoa, como propósito.

Tentando decodificar a fronteira e conhecer todas as suas particularidades, me descobri em alma e em espírito.

Escalei o meu próprio Everest.

Vista linda, coração repleto, sentimento inexplicável.



A inovação em diferentes fases da minha carreira

Edgard Charles Stuber

O tema da inovação sempre esteve presente ao longo de toda a minha carreira profissional. Em 1982, comecei a trabalhar numa multinacional alemã de autopeças, como engenheiro de produto ligado ao setor de P&D. Durante 10 anos, estive envolvido no lançamento de novos produtos, que foram especificados pelos nossos clientes, as montadoras de veículos leves e pesados. Na década de 1980, o desenvolvimento de produtos começou a migrar de um extremo detalhamento do projeto por parte das montadoras para a declaração de problemas que deveriam ser resolvidos pelos fornecedores, os verdadeiros detentores do conhecimento de seus produtos, e, portanto, das soluções. Essa primeira fase de minha carreira foi ligada ao tradicional conceito de inovação que a maioria das pessoas ainda tem, ou seja, o do lançamento de novos produtos no mercado. Vale ressaltar que o conceito de inovação que uso é o de uma ideia que, quando colocada em prática, gera resultados para as organizações e para as pessoas.

Numa evolução natural na carreira, migrei, então, para a área comercial, sendo responsável por marketing e vendas. A inovação, neste caso, foi aplicada nos processos, numa tentativa de tornar a empresa mais ágil e flexível para fazer negócios com dois diferentes mercados: o de peças originais e o de peças de reposição. Na década de 1990, a maioria das empresas fornecedoras de autopeças desenvolveram o mercado de reposição, numa tentativa de melhorar a lucratividade, comprometida por programas de global sourcing das montadoras, que anualmente reduziam os preços dos produtos.

A grande mudança na minha carreira, porém, ocorreu quando fui convidado para trabalhar em outro Estado, numa indústria muito diferente, vindo a ocupar um cargo de liderança em marketing e vendas durante 7 anos, numa empresa de ferramentas. Novamente houve a necessidade de aplicar os conceitos de inovação para rejuvenescer uma tradicional marca, renovar o portfólio de produtos e repensar os canais de distribuição dos produtos e serviços da organização.

Percebi, no entanto, que é muito difícil implementar mudanças e tentar sistematizar a inovação. E este é um desejo que, hoje em dia, a maioria das organizações têm. Atualmente, todos falam que, para se manter competitivo

no mercado, é necessário gerir a inovação. Mas será que é possível sistematizar um processo que tem sua essência na resolução de problemas que se encontram no futuro?

Foi quando decidi retornar ao ambiente acadêmico, para estudar os processos de inovação, desta vez abordando-o não mais por métodos analíticos, mas pela criatividade, que é a base para que a inovação ocorra.

O desafio que tenho observado, ao longo de muitos anos trabalhando em organizações, é o de como fazer o balanceamento entre as tarefas rotineiras, que são fundamentais para a manutenção da eficiência, e uma abordagem por projetos, a serem realizados por equipes multidisciplinares.

A partir do que vi e vivi, acredito que a chave para a mudança está no treinamento das pessoas. E foi aí que conheci o chamado Problem-Based Learning (PBL) – ou Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), que é uma metodologia que possibilita às pessoas aprenderem um determinado tema de forma prática e dinâmica, em torno de um problema real e concreto. Esta abordagem pedagógica rompe com o tradicional método expositivo, onde os instrutores passam a maior parte do tempo apresentando, de forma unidirecional e cansativa, os conteúdos a serem tratados.

O PBL tem suas raízes na teoria do conhecimento, do filósofo americano John Dewey, que, há pouco mais de 100 anos, já declarava que “a escola deve ser menos uma preparação para a vida e mais como a própria realidade da vida”. O método PBL possui uma estratégia através da qual os alunos são confrontados com problemas contextualizados e pouco estruturados, como os que acontecem na vida real, e para os quais se empenham em encontrar soluções significativas. Sendo também um método que ocorre de forma colaborativa em grupos, a Aprendizagem Baseada em Problemas permite que os participantes desenvolvam o pensamento crítico e reflexivo e construam, em conjunto, soluções mais criativas e novos caminhos.

Atualmente, é notória a necessidade de que os profissionais se capacitem, para poder fazer frente à crescente complexidade do mercado. Porém, estes mesmos profissionais querem algo diferente, que os envolva e os desafie. Minha consultoria em inovação utiliza o Design Thinking como uma metodologia criativa para a resolução de problemas. Vale salientar, no entanto, que essa metodologia não é uma panaceia, e que, para resolver problemas diários e melhor determinados, as empresas devem continuar a utilizar as tradicionais metodologias provenientes da qualidade. Meu foco atual está em ajudar as organizações a que capacitem seus colaboradores para resolverem problemas complexos e mal definidos, de forma colaborativa e criativa.

Gostaria de finalizar este rápido relato salientando que a Inovação também precisa se inovar, evoluir e acompanhar as necessidades impostas por um mercado em constante mutação. Acredito que estes novos desafios voltam a valorizar a capacidade criativa das pessoas. O foco sai do simples lançamento de produtos e vai para o projeto de serviços e experiências para as pessoas.



A “sutil” diferença entre a teoria e a prática: 20 anos de consultoria e 2 anos de empresa

Celina - Maria Celina Abreu de Mello

Fui consultora na área de gestão empresarial durante 20 anos, desenvolvendo atividades de viabilidade econômica de projetos voltados para a gestão ambiental, administrativa e financeira. Nesse período, atuei em todo tipo de empresa, desde um pequeno “comércio de aves de fundo de quintal” até uma usina de açúcar e álcool (com alto nível tecnológico). Fiz mestrado em Gestão Ambiental e fui uma das pessoas que alterou a forma de implementar a “Produção mais Limpa” no Brasil.

Ah, “Produção mais Limpa” é uma metodologia para se transformar uma atividade ou processo dentro de uma empresa, visando ganhos ambientais e econômicos. Aqui quero fazer um aparte: minha opinião sempre foi condenada pelos outros consultores, na época, pois acreditava que deveria se trabalhar primeiro a questão econômica, e se tentasse evoluir na ambiental, talvez quase paralelamente, sem floreios. Mas, tudo bem, as contradições são saudáveis!

Continuando em minhas andanças, escrevi um livro em parceria com meu “Profe”, Luis Felipe Nascimento (pessoa pouca conhecida no ambiente acadêmico) e com Angela Lemos (também aluna da UFRGS) sobre Gestão Estratégica Ambiental. Também participei de outro livro, chamado Sustentabilidade, plantei árvores e tive filhos. Mas, há exatamente dois anos, abri uma empresa de pintura eletrostática a pó.

Nossa, o que é isso? É um processo de pintura a pó em peças de metal (aço, ferro, alumínio, zamac, etc.) que utiliza os princípios da eletrostática. A peça de metal passa por um tratamento de superfície (uma espécie de limpeza para eliminar gorduras, oxidação e preparação para a absorção da tinta), sendo posteriormente pintada em uma cabine que possui uma pistola que é alimentada negativamente por um gerador de alta tensão. As peças a serem pintadas são devidamente aterradas, na cabine. As partículas pulverizadas são atraídas pela carga positiva da peça, aderindo à massa das mesmas. As peças são, então, levadas para uma estufa de cura em alta temperatura para serem homogeneizadas, fundindo-se à peça. Esse sistema

gera uma resistência mecânica muito grande para a pintura, com uma durabilidade estimada de 10 anos, em média. Além disso, o processo é atóxico e sustentável, que são premissas fundamentais de minha forma de agir.

Pois bem, a partir desse momento, passei a entender o que é gerir uma empresa: como lidar com a parte mecânica dos equipamentos; com as questões pessoais dos funcionários, como suas tendências, suas diferentes características individuais, suas diferenças culturais, suas formas de viver, aspectos psicológicos potencialmente geradores de conflitos, como a tendência a que se sintam "explorados" ou demasiado "poderosos", a capacidade (ou sua falta) para a interação com qualquer tipo de melhoria no ambiente de trabalho, sua capacidade (ou disposição) para pensar; o pagamento das contas a cada dia do mês; a busca pelo resultado positivo, ou seja, o lucro; a necessidade de reinvestimentos; as tendências do mercado e como atrair os clientes; a necessidade de reduzir os custos para ficar mais competitivo; enfim, como manter a empresa aberta e saudável.

Neste texto também preciso desabafar, e abordar a enorme diferença existente entre a prática de gestão empresarial e a consultoria. Sempre me vangloriei por ter experiência naquilo que fazia, mas nunca imaginei que esta prática fosse tão difícil.

Todos os dias você se depara com o problema do cliente. Este, como soberano que é, quer a sua atenção e a redução no preço do produto desenvolvido. Todos os dias você se depara com as contas a pagar e com algum tipo de ineficácia no processo, quer seja de pessoal, quer seja de equipamento, quer seja de problemas técnicos que requerem apoio estatal ou de terceiros.

No Brasil, em um estudo efetuado pelo Sebrae, em junho de 2013, verificou-se que a taxa de sobrevivência das empresas constituídas entre 2005 a 2007 ficou em torno de 70%. Minha empresa fez 2 anos no dia 5 de março de 2014, estamos em festa!

Minha convivência com diversas outras empresas tem mostrado que as dificuldades que os gestores encontram são as mesmas que as minhas, porém com dois agravantes:

— o primeiro: muitos gestores não possuem conhecimento sistêmico para a gestão de uma empresa, e acabam atuando somente de forma intuitiva, sem indicadores que possibilitem balizar suas ações;

— o segundo: a gestão somente por números, pelos resultados finais (pautando-se nos índices de lucratividade), pela falta de atuação efetiva nos processos, em função do aumento do tamanho da empresa, faz com que esses índices sejam aceitos sem questionamento, ou seja, perde-se a possibilidade de atuar com melhorias em processos, o que aumentariam os lucros pela redução dos custos.

Aliado a isso, também há a questão tempo x produtividade. Essa é cruel! Você planeja, estrutura, combina e nada acontece dentro do que você programou! A produção não pode parar, e você também não pode "inchar" o seu processo produtivo. E, quando você depende de terceiros, aí sim que a confusão está formada. A Lei de Murphy sempre deve ser considerada: "Se algo pode dar errado, sempre dará!"

Enfim, o que é mais importante, nesse momento é a persistência, é a vontade de sempre querer fazer melhor, é a obstinada ideia de buscar diariamente a melhoria contínua, é o pensamento de crescimento com organiza-

ção, sempre com indicadores numéricos que possibilitem a visualização dos resultados em todas as áreas, e, principalmente, é a valorização das pessoas que atuam na empresa, numa gestão participativa e coerente, considerando a necessidade individual de cada colaborador e valorizando os seus potenciais.

Minha realização é diária! Estou criando a empresa que sempre sonhei! Tenho um produto e a participação efetiva de todos os colaboradores, em conjunto. Minha experiência com consultoria está sendo fundamental, principalmente porque evidencia claramente a forma como não devo agir, demonstrando grande distância entre a teoria e a prática.



A verdadeira riqueza

Lisi - Lisiane Celia Palma

A palavra riqueza, na maioria das vezes, nos remete à noção de posse de bens materiais. Quem tem o carro mais caro, a maior casa, a roupa de uma grife mais cara, muitas vezes é considerada uma pessoa mais rica. Mas, neste pequeno texto, vou falar de algo que, para mim, significa "riqueza". E, claro, tal opinião vem de algumas experiências que tive na vida.

Felizmente, tive a oportunidade de morar, por algum tempo, em diferentes países, o que me proporcionou experiências que realmente me enriqueceram. Quando aceitamos o desafio de viver em outro local, saímos da nossa "zona de conforto". Lá fora, tivemos que lidar com situações inesperadas, expressar-nos em outro idioma, aceitar cometer erros, vivenciar culturas diferentes, adaptar-nos a coisas novas, tentar entender o comportamento e o ponto de vista do outro. Tudo isso, na grande maioria das vezes, estando sozinhos no meio de pessoas novas e estranhas para nós.

Como resultado, passamos a nos conhecer melhor, a aceitar nossas fragilidades, mas também percebemos que somos dotados de uma grande capacidade de adaptação. Refletimos sobre nossa cultura e nosso país. Reconhecemos que todos os lugares e pessoas têm qualidades e defeitos. E isso nos faz crescer enquanto seres humanos.

Quando convivemos com pessoas de diferentes culturas, percebemos que somos todos seres de uma mesma raça. Temos fraquezas, mas também muitas virtudes. Questionamos pré-conceitos, valores, atos, sentimentos. Entendemos que a bondade e o amor são supremos e universais, e que o sorriso é compreendido em todas as línguas.

Viver em outro país nos ofereceu a oportunidade de conhecer não apenas a cultura e as pessoas daquele local onde estivemos, mas também nos oportunizou conviver com pessoas de diferentes lugares que também estavam lá. Já vivi na Itália, na Colômbia e na Inglaterra, mas, além de italianos, colombianos e ingleses, conheci africanos, alemães, americanos, árabes, chineses, espanhóis, franceses, indianos, libaneses, mexicanos, peruanos, russos, turcos, dentre outros. E a convivência com estas pessoas me tornou uma pessoa mais rica. Ampliou minha visão de mundo e minha empatia. E, neste sentido, espero continuar enriquecendo cada vez mais. Conhecendo pessoas e lugares novos, questionando meus pontos de vista, meus atos e pensamentos, enfim, aprendendo. Pois isso é o que eu acredito ser a verda-

deira riqueza da vida.



Busca frustrada ao tesouro

Rose - Roselie Torelly Bastos

O antigo casarão, século XIX, em que nasci, hoje Secretaria de Cultura do município de Porto Alegre, localiza-se na rua Independência, à época, requintada zona residencial da capital gaúcha.

Propriedade de minha família, o imóvel passou a pertencer aos meus pais, após a morte de meus avós, mas continuou guardando todas as suas lembranças.

Trata-se de um prédio imponente, quatro andares, com direito a uma ampla área social, inúmeros quartos e, além disso, sótão, extensos porões, passagens secretas, alçapões. Contava também com um imenso quintal que atravessava a quadra, com pomar, galinheiro, pequeno córrego com peixinhos e até mesmo uma cabrita, a Maria Bonita, que ocupava o estábulo, antes abrigo dos cavalos de meu avô.

Como somos seis irmãos com pequena diferença de idade, nossa casa, sempre cheia, era o ponto de reunião da criançada de toda a redondeza: primos, amigos da rua, colegas de aula, que não perdiam a oportunidade de lá participar das mais diversas aventuras.

Além do quintal, aproveitado para as brincadeiras nos dias de sol e bom tempo, nossa maior diversão era fazer incursões pelo interior do próprio casarão, desvelando seus muitos segredos, perscrutando seus porões que, além dos quartos das diversas criadas que trabalhavam na casa, possuíam várias outras peças cheias de móveis e armários antigos, guardiões da memória de várias gerações da família.

Assim, experimentávamos fraques e cartolas, adereços antigos, longos vestidos de baile, chapéus, gravatas e lenços; líamos diários de nossos antepassados; brincávamos com bonecas de louça com roupas furadas de traça; examinávamos fotografias e velhos livros importados, franceses e portugueses, mofados com o passar dos anos, muitos deles retirados do escritório de meu avô, por constarem no índice da Igreja Católica, sendo a sua leitura vedada às crianças. Mas, daquele universo de velharias, o que mais despertava a nossa atenção era um grande cofre em metal preto, com incrustações douradas, que nenhum de nós conseguia abrir.

Ele era o grande desafio da criançada: sua parte frontal, além de um trinco em bronze, continha dois botões que circulavam sobre uma placa, também em círculo, uma com números, outra com letras. Questionando mi-

nha mãe, soubemos que o cofre pertencera ao meu avô e que o segredo que possibilitava sua abertura se perdera com sua morte. Mas, segundo ela, nada havia de valioso nele, visto que as joias, moedas de ouro, valores em dinheiro e outros documentos eram guardados no cofre principal da casa, localizado no antigo quarto de meus avós, e ora ocupado pelos meus pais.

Acontece que o cofre do porão exercia um enorme fascínio sobre toda a criançada. Gastávamos horas imaginando os mil conteúdos que nele podiam estar guardados. Mais, nenhum de nós passava por ele sem girar os dois botões do segredo.

Eis que, certo dia, eu e meu amigo e vizinho, Luiz Filipe, cujos avós moravam no casario em frente ao nosso, tanto mexemos que, de repente, fez-se um estalo e o trinco girou: o cofre estava aberto.

E, surpresa, além de cartas antigas, encontramos em seu interior uma caixa com joias, para nós dois, um tesouro. Subimos aos gritos, havíamos conseguido, estávamos ricos.

Mas minha mãe cortou de pronto nosso barato. Tão logo leu as cartas, verificou que as joias, tão bem guardadas, haviam pertencido à primeira mulher de meu avô, que, segundo ela, morrera de bexiga negra, ou seja, varíola, num tempo em que a doença era endêmica e mortal, pois não havia vacina: a peste era temida por todos e havia provocado um sem número de mortes durante a história da humanidade.

Assim, minha mãe, que era hipocondríaca e temia qualquer tipo de contágio, não só confiscou e desinfetou o achado, como o mandou entregar à única filha mulher viva do 1º casamento do Dr. Torelly – Regina Torelly Ygartua. Com isso, lá se foi o tesouro tão recentemente chegado às nossas mãos.

Meu espírito empreendedor e comercial, que, em poucos minutos tinha feito vários planos para a utilização do dinheiro, a ser obtido com a venda das joias, verdadeiramente se frustrou. Mas eu não desisto tão fácil!



Jesus seca!

Walter Nique

Verviers, Bélgica, janeiro de 1980. Cheguei à casa de uma prima da minha avó. Eu, em função da sua idade, chamava-a de tia. Tia Helena. Uma senhora solteirona, sisuda, beata até a ponta do cabelo, já velhinha. Naquela época, quem tinha mais de 70 anos já era considerada uma pessoa muito velha. Tinha sido parteira, e também foi condecorada por heroísmos durante a Segunda Guerra Mundial – ajudou a salvar muitas crianças judias.

Eu morava em Grenoble. Estava cursando meu doutorado, lá na França. Queria aproveitar uns dias de folga na universidade para conhecer a parte belga da família.

Havia trocado algumas cartas com eles – sim, naquele tempo, eram cartas mesmo que se enviavam, cartas de papel, que já estão amareladas, guardadas junto às fotos, aos livros e recuerdos daquela época – escrevia para os parentes da minha avó, que nunca saíram de sua região natal e eles sempre foram muito receptivos. Decidi visitá-los.

A Tia Helena morava na casa que tinha pertencido aos meus avós. Eles haviam rumado para o Brasil em 1924. Ela ainda guardava diversos pertences das minhas origens. Seus irmãos moravam ali por perto, no mesmo bairro dessa pequena cidade chamada Verviers, no interior da Bélgica, a uns 120 km de Bruxelas. Um casal de tios foi me buscar na estação de trem. Eu tinha percorrido o trajeto Grenoble-Paris-Bruxelas-Verviers – o que durou cerca de 12 horas de viagem – até, finalmente, conhecer as minhas raízes e me encontrar, me entender. Fui o primeiro da família que estava instalada na América a visitar as origens na Bélgica – fazia 56 anos que não se tinha esse contato pessoal.

Estava muito cansado, suado, com fome. Fui levado diretamente para a casa da Tia Helena. Fui instalado no mesmo quarto e cama em que meus avós dormiam. A tia havia preparado uns waffles quentinhos e saborosos para comermos naquela noite. E nunca comi melhores do que aqueles feitos por aquelas mãos!

Quando me deitei, posso jurar que senti o cheiro do meu avô, o que me fez passar aquela primeira noite imaginando como tinha sido a vida deles ali, as comidas que comiam, as conversas que fiavam, o que os levou a cruzar o Atlântico e nunca mais voltar. O sono não veio rapidamente, mas mesmo assim aquela noite foi boa. Gostei de estar ali remontando, repensando a

história dos meus antepassados.

Na manhã seguinte, quando levantei, a Tia Helena já estava com o café pronto, a mesa posta. Reparei na colocação dos pratos e xícaras – exatamente do mesmo modo que meus avós costumavam dispor a mesa, e que eu aprendi a fazer com eles. Realmente estava em família, pensei.

Antes de tomarmos o petit déjeuner, pedi para fazer a minha higiene (lá, só se tomava banho uma vez por semana, então tive que me adaptar à cultura local). Fazer a higiene consistia em fazer a barba, lavar embaixo dos braços e passar a toalha de rosto aqui e ali... O detalhe inusitado era que isso tudo ocorria dentro da cozinha, que, por sinal, era enorme. Havia duas pias, uma para os alimentos e louças e outra pour faire la toilette. Esta segunda ficava num cantinho da cozinha. Bem, fui lá e cumpri com a primeira tarefa do dia, um pouco constrangido de a tia estar no mesmo recinto enquanto eu me lavava, mas fazer o quê...

Fiquei com a toalha com a qual me lavei e me enxaguei e perguntei à tia onde deveria estender a mesma. Ela sorriu e respondeu: “- Jesus vai secar!” Não entendi. Pensei que, talvez, meu francês não estivesse tão bom assim, devia ter entendido algo errado. Continuei com a toalha pendurada ao redor do pescoço. Ajudei a tia a cortar o pão. Perguntei novamente: “Tia Helena, onde posso colocar a toalha?”, ela, com o mesmo sorrisinho de antes, responde calmamente: “- Não te preocupa, Jesus vai secar!” Ela viu que eu estava um pouco desorientado, tentando juntar as palavras e entender o que não fazia sentido. Uma afirmação um tanto quanto capciosa. Seria a tia tão beata assim? Tudo bem que ela fosse à missa diariamente, às vezes até duas vezes por dia. Mas daí até a achar que tudo na vida é responsabilidade e cuidado de Jesus já era demais... Seria a tia assim tão carola que colocava tudo nas mãos de Deus?

Ela viu minha inquietude e me mostrou a que se referia: acima da salamandra que aquecia o ambiente e toda a casa naquele inverno frio, havia uma estátua de Jesus, mais precisamente do Sagrado Coração de Jesus. Ela costumava pendurar a toalha nas mãos de Jesus, que ficava então responsável por secar a toalha junto à salamandra.

Bingo! Entendi mais uma parte minha, mais uma parte de quem eu sou, do que me constitui: a origem do meu bom-humor, das minhas leves “sacanagens” para alegrar o dia.

Como faz bem beber das nossas raízes para nos conhecermos! Me fez tão bem que voltei lá várias vezes para degustar os waffles...



Desde que sai do Espinilho Grande, nunca parei de viajar

Eluza Kiyama

Eu, Eluza Kiyama, prima do Felipe, encantada com a entrevista da tia Gelcy, tomei coragem e decidi escrever sobre meu pai, o Sr. Flory, tio do Felipe. Pessoa encantadora e um exemplo de vida, mas que acabou nos deixando muito cedo.

Meu pai foi uma pessoa muito batalhadora, passou por muitas dificuldades, teve várias profissões, desde vendedor de pastéis até ser um forte granjeiro. Pensava grande, adorava festas e tudo era motivo para um churrasquinho. Baile, então, era com ele mesmo! Por falar em baile, lembro que ele contava de um episódio em um bailão de campanha, no qual, não podendo dançar devido a um pé machucado, ficou sentado olhando, até o momento em que uma moça de traseiro avantajado deu-lhe uma pisada exatamente naquele pé... Que dor! Não teve dúvida, aproveitou e agarrou, como ele dizia, "com as duas mãos" a bunda da moça e gritou: Ai, ai, ai meu pé, desgraçada!!!!

Sabe aquelas carreiras lá no Espinilho Grande que a tia Gelcy citou na entrevista? Meu pai (o Sr. Flory) era uma figura importante neste evento, ele possuía cavalos de corrida. Não tenho boas recordações destes acontecimentos, pois tinha muitos bêbados e, portanto, muitas brigas. Isso me trazia muito medo. Entretanto, era o que movimentava a região, naquela época.

Ah! Lembro também da história da Amélia Gata, a vendedora de doces, que era uma passageira assídua da linha de ônibus do Espinilho Grande para Tupanciretã. Na época, mais ou menos em 1958, o motorista e dono do ônibus era meu pai que, dentre outras histórias, falava desta senhora. Ela, em certa viagem, o importunou tanto para fazer "as necessidades" – na época, os ônibus não possuíam banheiros – que ele lhe disse: "Desce, e vai cagar no mato! Não me incomoda que vou estacionar!"

Uma das maiores festas ocorrida na localidade naquele tempo, foi o casamento da minha irmã Eliane. Chopp não faltou, e a realização do nosso pai foi muito grande! Casa cheia de convidados, família, muita dança, comilança, a festa ficou gravada na história.

O sonho do pai era construir uma casa de pedra na campanha, com pedras colhidas no campo, e felizmente o realizou. Fazia o possível para que

os netos, já "aborrecentes", gostassem de curtir a casa nova. Ele criava mil planos e fantasias, quando se reuniam, para expor o projeto da construção da piscina e outras benfeitorias que faria para umas férias perfeitas com os netos. Adorava sonhar grande, colorido, e fazer muitos planos! Sinto muito por ele ter aproveitado pouco de suas realizações... Até hoje, minha família tem o hábito de idealizar construções na nossa casa, após o almoço de domingo, nos lembrando dessas fantasias de meu pai. Era uma "criança grande", gostava muito de doce. Quando comia, costumava dizer que "lambia os beijos" e acabava sempre pingando na camisa, para a ira de dona Marieta, minha mãe, que prometia fazê-lo usar babero.

Pois bem, foi no Espinilho Grande que morei com meus pais e avós até meus 7 anos, quando passei a ser "menina da cidade", indo estudar em Santa Maria. Morávamos eu e o Felipe, além de outros estudantes, na casa de nossa tia Dileta, que fazia de seu apartamento praticamente uma pensão. Nesta fase de estudos em Santa Maria, minhas férias eram no Espinilho Grande e, algumas vezes, levava colegas junto comigo. O divertimento do pai era nos levar nos bailes do João de Barro, nome do salão, mas a gente somente dançava com ele mesmo, porque, com os moços, não tínhamos coragem!

Após terminar o científico (ensino médio dos dias atuais), era crucial seguir estudando e dar um direcionamento para minha vida para não ter que voltar para o Espinilho, mas sim, buscar a minha independência. Então, optei por estudar Geografia na antiga FIC (Faculdade Imaculada Conceição), hoje UNIFRA, em Santa Maria, mesmo não sendo um grande sonho de profissão.

Antes de me formar, em 1982, casei com meu atual esposo, Hideo Kiyama, partido não muito aprovado, em um primeiro momento, por meu pai, pois era de origem japonesa. A festa saiu da mesma forma, porém mais modesta, por escolha minha mesmo.

Um ano depois, me formei e fui morar em Tupanciretã, trabalhando por três anos em uma cooperativa de crédito, hoje Sicredi. Depois disso, exerci minha profissão como professora em um colégio estadual, mas por apenas um ano.

Em 1988, fiz concurso para Banrisul, já tendo minhas duas filhas pequenas, Pâmela e Mayumi, com 2 e 5 anos. Neste período, meu esposo estava no Japão, onde ficou por um ano e três meses, a trabalho. Meu pai e minha mãe muito cuidaram das meninas para que eu pudesse estudar. Era um divertimento: brincavam de manicure com o vô, que lhes entregava os pés e mãos como se estivesse em um salão de beleza, e achando o máximo!

Quando assumi no Banco, em 1989, na cidade de Ivoti, ele ficou muito orgulhoso. Fiz carreira profissional, muitas vezes sacrificando as meninas, já que, nos primeiros quatro anos, trabalhei em duas cidades até conseguir transferência para Santa Maria, onde realmente era nossa residência. Em 1993, enfim em casa, trabalhei por mais 14 anos estabilizada na mesma agência. Somente depois, quando considerei minhas filhas crescidas, pois já estavam terminando a faculdade, voltei a viajar e explorar meu potencial para crescer profissionalmente.

Hoje moro em outra cidade, durante a semana, em função do trabalho, e visito a família aos finais de semana, levando uma vida um pouco cansativa. São viagens, mudanças, metas e alguns sacrifícios. Mas, como tudo na vida

tem seus prós e contras, percebo também muitas experiências positivas e compensatórias! Minhas filhas estão criadas. E eu, quase aposentada.

Enfim, onde o Sr. Flory estiver, tenho a certeza de que todas as minhas conquistas estão sendo aplaudidas por ele.



Meus 55 anos, 40 de trabalho, 25 de viagens e missões!

Henrique M. R. de Freitas

Bom dia. Permitam apresentar-me rapidamente: Henrique M. R. de Freitas, 54 anos, casado com Lise Freitas, pai de dois filhos (Pedro e Gabriel), de Uruguaiana/RS, Professor da Escola de Administração da UFRGS desde 1994, Pesquisador CNPq 1A desde 1993, Doutor em Gestão pela Université Pierre Mendès-France, em Grenoble, na França (de 1989 a 1993), com pós-doutoramento pela University of Baltimore, MD, EUA, em 1997-1998, mais de 60 teses e dissertações orientadas, mais de 100 artigos científicos e uma "dezena gorda" de livros editados, e um punhado de iniciativas e empreendimentos, uns mais, outros menos bem sucedidos, ...

No final deste dezembro, faço 55 anos de idade e, por vias administrativas e diversas, completarei 40 anos de atividade profissional. Estou "na ativa" desde 1975, tendo nascido em 1959, e assim, considero passar um cap importante nesta fase da vida e poder, então, de forma legítima, vivenciar um outro estágio...

E deixo aqui alguns comentários (úteis, inúteis, sérios, divertidos, sofridos e outros adjetivos), muito livremente inspirados no texto de Tony Schwartz sobre as lições dos seus 60 anos, que pode ser lido em < <http://blogs.hbr.org/2012/05/turning-60-the-twelve-most/> >, cuja leitura recomendo.

1. Para vencer, precisa ter muita fé e muuuita perseverança! E, quanto antes você tiver uma luz sobre o que possa significar vencer, melhor!

2. Chegar aos fins desejados pode exigir um caminho longo... O sucesso de hoje passou tanto por ser office-boy quanto por quase 11 anos de Exército (entre 1978 e 1989). Assim, saber semear e regar vai, isto sim, ajudar a colher mais adiante.

3. Por mais que este "mais adiante" (suas metas, que talvez sejam móveis ou mutantes) demore, se o caminho for feito com fé, com paciência, com dignidade, com generosidade, com boa dose de simplicidade, esse 'lugar' e momento vão chegar! Tenha certeza disso.

4. Estar cercado de pessoas do bem, com valores sãos, ajuda em muito nessa caminhada. Muitos anjos eu encontrei em meu caminho.

5. Por isso, é importante perceber que exercer um papel de anjo para alguém, seja no dia a dia, em cenas comuns, naquelas que se consegue iden-

tificar e ter atitude inerente, seja de forma voluntarista, percebendo que lhe compete ou cabe um papel desta natureza. Como seria dito em Uruguaiana: "Faça isso, até mesmo com os argentinos!"

6. É importante conhecer suas qualidades e defeitos, bem como procurar administrá-las, seja para melhorar a sua inter-relação, seja para aumentar a chance de sucesso em qualquer situação ou projeto em que esteja envolvido: não negue a você mesmo quem você é, nem se iluda em relação a seus limites. Reconheça-os, e faça bom uso deste reconhecimento!

7. Por outro lado, você pode, sim, gradativamente, procurar melhorar diversos desses pontos em que se julga menos competente. Com afinco, com trabalho, com humildade, você melhora diversos deles. Acredite!

8. Viajar sempre foi um sonho no nosso casal: pela via do estudo, acabamos criando oportunidades fantásticas, moramos na França (1989-1993), nos EUA (1997-1998), e isso também nos deu a chance de presenciarmos os Jogos Olímpicos (JO) de 1992, em Barcelona e em Albertville (a mais bela cerimônia de abertura que já vi em vídeo ou pessoalmente). Também assistimos jogos da Copa do Mundo de futebol em 1990, na Itália, e em 1998, na França, assim como a diversos Roland Garros (de 1991 a 2013), além de ver o GP de F1 de Mônaco, alguns passeios pelo festival do cinema em Cannes, a abertura dos Jogos de Atlanta em 1996, dentre outros, coroados com 3 semanas em Londres, nos JO de 2012, com toda a família!

9. Entre 1994 e 2014, realizamos uma ou duas missões ao exterior, a cada ano, em especial à França, mas também ao Canadá, aos EUA e à Argentina.

10. Considere aqui que o ponto de partida para toda esta jornada foi escutar os Jogos de Munique, em 1972, no rádio do restaurante do Clube Caixeiral (a TV só chegaria em Uruguaiana 2 anos depois e, para vê-la, a cores, somente na sala do Clube Comercial!). Também recorro igualmente de que o mais próximo da neve a que tínhamos chegado era num pôster que colamos na sala de nosso apartamentinho de recém-casados, em 1982! Sete anos depois, estávamos morando nos Alpes franceses, e por 4 anos!

11. Até estranho que, agora, com Copa do Mundo de futebol no Brasil, no meio dessa meleca toda de obras, verbas e politicagem nojenta, não dê vontade de ver jogo algum. E menos ainda os Jogos olímpicos do Rio.

12. Assim, firmeza, determinação, perseverança, sacrifícios, encontram a benesse mais à frente, como se fosse um prêmio por mérito. É a nossa crença.

13. Ter, bom..., todo mundo deseja ter n coisas. E hoje temos. Fruto de muito trabalho, sério, honesto, e onde beneficiamos n pessoas, perto, longe, alunos, familiares, mas nosso primeiro apartamentinho, aquele de 1982, em 1984, com inflação de 30% ao mês, aquele tivemos que devolver ao agente financeiro da época, pois não havia orçamento de tenente temporário ou instrutor de SENAC que pudesse pagar a prestação... Pra quem sonhava com casa própria...

14. É importante aprender a fazer uma boa leitura de tudo o que ocorre à sua volta. Chegar em um local, um ambiente, e poder se dar conta dos atores que têm um papel, sua importância e, a partir disso, conseguir estabelecer uma estratégia pessoal, entender tempos e movimentos, compreender que o caminho até o sucesso "não é uma linha reta", isso é fundamental! Exercite-o continuamente!

15. O Schwartz fala, em seu texto, coisas bem importantes: valorizar as coisas boas, nunca parar de tentar melhorar, sempre pensar em crescer mas sem pisar em ninguém! Não deixe de ler as ideias dele!

16. Aprenda a dizer "não"! Eu demorei 40 anos para tal! Diga não quando achar que é melhor na situação! Não dizendo um "não" na hora certa, sacrifiquei muitas vezes a vida da minha família, e não desejo mais fazer isso. Logo, sempre que posso ou acho que devo dizer não, eu digo. (Apenas ao sogro e à sogra procuro abrir exceções, mas isso pela maravilhosa vida de dedicação que eles sempre nos tiveram...).

17. Não crie uma "noia" em cima da sua agenda: quem manda na agenda é você! Não é a agenda que comanda a sua vida, e eu insisto neste ponto! Assim, de noite (pois, enquanto a gente dorme, os outros fusos horários se manifestam na sua caixa postal), eu já tento gerenciar os eventos da minha agenda do dia seguinte. Por exemplo, eu penso: "O que posso simplesmente não fazer amanhã?", e, então, já vou logo rearranjando as tarefas para outros dias... Tento sempre ir tirando o estresse e a pressão do dia seguinte, mas claro, sem descuidar dos prazos assumidos. Mas, no dia seguinte, cedo, faço o mesmo, e asseguro que outros 20 a 30% da agenda mudam de novo.

18. Trabalhei e vivi com amor. Na família, no Exército, na Universidade, por todo lugar por onde passei, trabalhei para ser o melhor, para fazer melhor, para dar exemplo, para fazer o Bem. Para fazer os outros felizes em torno de mim e pelo que estava realizando.

19. Ajudei muita gente. Diversos mostraram dignidade e gratidão. Procuro sempre que posso ajudar. Ajudo os de perto, os de longe, os que conheço bem, amigos, familiares, alunos, colegas, os que nem conheço, igualmente tento ajudar. Os que cruzo, se puder, também ajudo.

20. Poucos dos que mais ajudei não fizeram disso uma via digna. Mas foram impotentes e, de certa forma, incompetentes para poder socializar entre os seus, ao invés de admitirem os fatos, os erros, e mesmo procurarem mais ajuda de outra natureza. Não sendo suficiente a situação em que estavam nos trazendo enorme prejuízo financeiro, preferiram usar sua inteligência não para pedir perdão, não para se retratar, mas para a todos mentir e torcer os fatos, falsear documentos, e assim, com a natureza do ser humano a seu favor (que julga sem dar a chance de o outro lado dar sua versão dos mesmos fatos), aumentaram em muito nosso prejuízo moral familiar. O que me coube fazer? Matar na mente a todos copartícipes dessa mesquinhez? Ou perdoar, isolar e deixar nas mãos de Deus? Dilema cruel... No fundo, perdoar... E depois, na Justiça, buscar reparação? Melhor se antecipar e jamais entrar em situações como essas!

21. Para lidar com todos estes dissabores vividos, ajuda muito aprender a "colocar uma pedra em cima..." mas esta lição não é simples nem fácil. E, no caso de uma traição da mesma natureza que a acima, é mais delicado ainda. Mas, olhando pra frente, o quanto antes, mais rapidamente outras coisas boas virão a ocorrer...

22. Cada vez mais valorizar a paz, a companhia dos bons amigos, os gestos e afazeres mais simples, como cozinhar, caminhar, conversar, e mesmo chamarrear (algo que ainda preciso aprender, mas que já admiro no seu ritual). Tento fazer isso velejando, buscando a paz no barulho que a água faz no barco...

23. Exercer a generosidade, de n formas, ajudando as pessoas, valorizando a família, proporcionando coisas básicas aos seus...

24. É bem importante tentar, ao máximo, fazer as coisas certas. Não é porque o Supremo Tribunal Federal acaba de decretar politicamente que algo estava apropriado, quando notadamente era fruto de uma farsa claramente enquadrilhada, que não deveremos continuar buscando ensinar valores sãos aos nossos alunos, filhos, irmãos, amigos, etc. Melhor nunca ter se envolvido com algo impróprio, nem com a polícia, nem com bebida e direção na mesma ocasião, etc.

25. Quando a gente viu, já passou. Eventos vão avisando: "tá passando", então reaja logo!

Enfim, quanta coisa experimentei nesses praticamente 55 anos de vida, quase 40 de trabalho, e 25 com fantásticas viagens...

A cada um cabe o seu caminho... Tomara que o de cada um de vocês seja belo e com diversas oportunidades e realizações!

Vida Acadêmica

COMO NOSSOS MESTRES





Entender poesia é ser poeta

Jefferson Marçal da Rocha

Uma homenagem ao “Anjo Malaquias”

Já se passaram 20 anos da “partida” de um dos maiores poetas brasileiros, o Anjo Malaquias, conhecido “por aqui” como Mario Quintana. Nascido em Alegrete, numa fria noite de 31 de julho, escolheu as palavras para retratar as angústias e os desafios da existência. Também foi tradutor. Traduziu para a língua portuguesa mais de 40 livros, muitos deles clássicos da literatura mundial, como de Proust, Ludwig e Virginia Woolf. Nunca esqueceu o Alegrete, que está presente em boa parte de sua obra, em especial, quando os temas giram em torno da nostalgia da infância. Ele gostava da cidade, apesar de uma declaração polêmica ao admitir que, em Alegrete, “quem não era fazendeiro, era boi”..., uma “tirada” cômica e sarcástica, bem ao estilo dos quintanares, que talvez a maioria dos alegrentenses nunca entenda (eu, particularmente alegretense, procuro tirar proveito de frases como esta, em divertidas rodadas entre amigos).

Foi um autodidata. Aprendeu com Rimbaud e Verlaine, entre outros. E, talvez muito mais, com a vida. Também foi escritor de poesia infanto-juvenil, com o seu extraordinário Pé de Pilão. Quintana foi definido por Erico Veríssimo, no prefácio do Pé de Pilão, como um anjo: o Malaquias, que se disfarçava de homem mas que, às vezes, descuidado como todo anjo bom, ao vestir o casaco do paletó, suas asas ficavam de fora. Hoje temos a certeza de que o pai do Luiz Fernando estava certo.

Não tenho mágoas que a injusta politicagem da Academia Brasileira de Letras não o tenha reconhecido como um imortal, não tem importância alguma, ele não se sentiria bem ao lado de alguns dos péssimos escritores que estão por lá. Nem por isso ele deixou de ser um dos poetas mais lidos da língua portuguesa. Não há uma poesia mais inspiradora e perspicaz do que a do Mario, sem relegar a uma posição inferior o Fernando Pessoa, que, para mim, está no mesmo patamar. Foi um apaixonado pelas pessoas, pelos caminhos, pelos livros, pelas mulheres e pelo prazer de viver.

Simples, andava pelas ruas de Porto Alegre sem pressa, com seu inseparável cigarro, que não abandonou nem quando este já lhe tirava a saúde. Fazia poesia com tudo o que via e ouvia. Também era capaz de filosofar com as mais profundas incertezas da alma (“A vida é indivisível”. “Dize, Qual o

sentido do calendário?”), ou de coisas simples como a preguiça (“Por causa tua, quantas más ações deixei de cometer!”), ou, ainda, de temas insólitos como a Morte (“A morte é quando a gente pode, afinal, estar deitado de sapatos”).

Sua poesia não tem idade, nem sexo, nem ideologia, nem cor, só tem paixão. Mas é preciso saber “ouvir” o coração para entendê-lo, algo de que todos são capazes. Lembro-me de que, há alguns anos, um jovem acadêmico comentou que não gostava de poesia, pois não a entendia. Desafiei-lhe a ler um dos livros do Quintana – “O aprendiz de feiticeiro”, o que eu tinha à mão – mas, antes, salientei que não poderia ler com os olhos da razão, tão comum entre os jovens das gerações das letras (Y, X ou outra que inventarem). Deveria esquecer o pragmatismo das coisas reais e se deixar levar pelos olhos da alma, usufruir das batidas do coração em sintonia com a natureza do silêncio.

O tempo passou... Creio que uns doze meses. Esqueci daquele jovem, e até que tinha lhe emprestado o livro (coisa comum para mim). Quando o jovem acadêmico (agora já com um ano de poesia) me chamou, aos gritos: “Entendi, professor! Entendi!” Sem saber muito bem a que ele estava se referindo, estendi o olhar, e ele disse-me, agora pausada e poeticamente: “Teus poemas, não os dates nunca... As almas não entendem disso...” Emocionei-me, o jovem não só tinha entendido o Mario, mas também havia se transformado em um poeta.

Não sei mais por onde anda este que não entendia de poesia. Certamente agora estará poetizando quintanares por aí. Para entender poesia, também há que se ser também um pouquinho poeta. Poeta e anjo, como o Mario.



“Recomeçar” e “prazo de validade”...

Denise Del Pra Neto Machado

Nos últimos tempos, tenho pensado sobre o cotidiano e o passar do tempo. A vida está em constante mudança e é comum estarmos em movimento: casa, filhos, amigos, universidade, congressos, viagens, alunos, orientações e mais mil coisas se avolumam no dia a dia. Todas estas atividades nos tiraram a perspectiva temporal e, quando paramos para pensar, o ano inteiro já passou.

Acredito que viver “sob a ditadura do calendário”, com semestres, trimestres letivos e orientações que iniciam e terminam, dead line de projetos e eventos, tudo isto tende a acelerar a percepção de que tudo tem um prazo de validade. Temos o início de cada ano como um refrescar desta roda incessante. Mas, entre natais e reveillons, a vida vai passando.

A profissão de professor me deu esta perspectiva do “recomeçar constante”, também em virtude das novas turmas. Cada ano, semestre, trimestre, rostos e personalidades diferentes. Novos conhecimentos, novas ideias, novos projetos e novas viagens. Durante 26 anos nesta turbulência, me descobri uma professora que fica se redescobrimo a cada ciclo.

Apesar de serem ciclos que possuíam um tempo específico, as turmas sempre foram diferentes e, em cada uma delas, eu também estava diferente. Em cada começo de período, o frio na barriga era o mesmo, e sempre acontecia uma “saia justa”. Os filhos de antigos alunos já percorrem as salas atuais e novos desafios decorrem das diferenças das gerações.

Apesar de todas as mudanças e das pressões que se impuseram, durante estes anos, na relação com alunos, não consigo vislumbrar outra vida, outra profissão. Em 2015, se descortina, para mim, um grande desafio, chamado “aposentadoria”! Tentei buscar, no dicionário, o que poderia significar esta palavra e me assustei!!! Diz ele: s.f. Ação ou efeito de se aposentar (e???) . O valor recebido (por mês) pelo trabalhador que já se aposentou. Particularidade da pessoa aposentada. Ação de se afastar do trabalho após completar os anos necessários (estipulados pela lei) – (ESTE É O MEU CASO!!!); afastamento do trabalho ocasionado por invalidez.”

É isto! “Me afastarei do trabalho após completar os anos necessários!” Na realidade, pensando a fundo sobre isto e me colocando em 2015, como serão minhas perspectivas de constante recomeçar? Como dividirei meu tempo? E os trimestres, semestres, anos, terão o mesmo significado? E os

dead lines que tantas noites me tomaram? O que farei com as noites insones lendo artigos ou corrigindo dissertações e teses? Como preencheré aqueles momentos de descontração na sala de estudo dos alunos, tomando um café feito pelos bolsistas? E a troca de ideias com os alunos, pelo Facebook, nas madrugadas, curtindo postagens ou dando orientações até para assuntos pessoais?

Passei por algumas "profissões", antes de me ver, em uma sala de aula, como professora. Foram 8 longos e árduos anos de busca constante por me encontrar. Nunca me sentia à vontade em nada do que fazia e tudo parecia tedioso. Até que, no dia 10 de Agosto de 1988, me vi diante de uma turma de 80 alunos. Com toda a certeza. eu era a mais jovem da sala. E praticamente a única mulher. O que estaria fazendo aquela pequena franzina na frente daquela sala, onde os alunos tinham certeza de que ela fosse uma aluna, ou então uma contratada em regime de urgência, porque a Instituição não tinha outro professor mais qualificado para colocar no lugar? Eu me fiz esta pergunta durante todos aqueles 100 minutos – que pareceram 20 horas – que se seguiram.

Tinha preparado 18 horas de aulas para a turma mas que se esgotaram em 15 minutos. O que fazer? Experiência? Zero. Tecnologia? Quadro e giz! Quando muito, entrando em fila, conseguíamos um retroprojeto, e ainda tínhamos que testá-lo antes da aula, pois frequentemente estava com a lâmpada queimada. Retomei a pose, me equilibrei no salto de 10 cm, empinei o nariz, joguei o cabelo para trás das orelhas, respirei fundo e recomecei, avisando que aquilo tinha sido um breve resumo do que veríamos nas aulas seguintes.

Daquele momento em diante soube que esta não seria minha profissão. E sim, que também era minha vocação! Não fui eu que achei a sala de aula, foi ela quem me achou! Me descobri professora! Juntamente com aquela "vocação", nasceram outros amores, como a pesquisa, as orientações, o mestrado e o doutorado. E em meio a isto, os anos foram se passando. 26 deles se foram. Depois deste tempo todo, não posso concordar com Honoré de Balzac, que diz: "No longo prazo, em uma profissão é como no matrimônio: apenas se sentem os inconvenientes!" Já eu, amo ambos: matrimônio e profissão!

Minhas filhas, gêmeas, vieram e me acompanharam, quando tinham 2 anos, ao mestrado. Dos seus 10 aos 14 anos, me acompanharam durante o doutorado. Hoje, uma delas está terminando o seu próprio mestrado. Talvez também se descubra. A outra já possui sua profissão numa área mais aplicada.

E os anos passaram. Se fala muito de que sempre seja tempo para se recomeçar. Mas, como recomeçar com prazo de validade definido? Quando se recomeça aos 20 anos, se tem ainda uma vida inteira para tentar, errar e acertar. Mas, se recomeçar após os 55 anos, só terei 15 anos, por lei, para poder trabalhar. É isto? Somos produtivos só até os 70 anos! E, recomeçar o quê, se só sei ser professora e pesquisadora? Remoendo estas ideias, me pego constantemente pensando em 2015, lembrando os últimos 26 anos, com uma confusão de sentimentos que trafegam entre alegrias e tristezas, como se estivesse relendo um artigo que escrevi. E o dead line é daqui a poucos momentos, mas ainda tenho muito mais para ser dito....



Funcionário público, professor, trabalhador, feliz, equilibrado, tranquilo... e produtivo

Eugenio Avila Pedrozo

O presente texto trata de duas ideias correntes atuais, porém aparentemente paradoxais. De um lado, que funcionário público trabalha pouco e, de outro lado, que ser academicamente produtivo é um fardo na sua carreira. A questão da produtividade estabelecida pela Capes, para avaliação de cursos de graduação e, principalmente, de pós-graduação (mestrado e doutorado), é cada vez mais questionada em nosso meio, pois, aparentemente, diminuiria nossa qualidade de vida. Trata-se de um depoimento simples, individual, de caráter pessoal. São 15 anos de dedicação acadêmica na graduação e pós-graduação strictu sensu. Foram 330 créditos de aulas entre graduação e pós, 94 orientações concluídas de mestrado e doutorado, mais de 80 publicações em periódicos do Qualis/Capes, mais de 200 publicações em anais de eventos e participação em mais de quatrocentas bancas de mestres e doutores, dentre outras atividades. Apesar da denominação "outras atividades", estas podem ocupar uma grande parte do nosso tempo: avaliação de projetos de pesquisa; avaliação de artigos de revistas e de eventos; participação na organização dos mesmos; tomar parte em bancas de seleção de alunos e professores substitutos; conduzir grupos de pesquisa; participação em eventos; ministrar palestras; atividades administrativas; etc. Esses dados a respeito de nossas atividades, mesmo sendo parciais, indicam que essas duas ideias, no presente caso, seriam falsas. E não se trata de um caso único ou isolado, em nosso meio.

Dentre outras questões, pode-se trazer algumas para esta discussão: Como isso é possível? Isso requereria trabalhar muito mais do que as jornadas estabelecidas legalmente? Isso exerceria uma pressão sobre a qualidade de vida, que poderia chegar à exaustão ou a um desequilíbrio? Vou tentar responder, pessoalmente, a primeira pergunta.

Pode-se começar pela paixão pelo que se faz. Quando se faz o que se gosta, mesmo leituras de vários dias de um projeto, dissertação ou tese, longos e aprofundados, quando interessantes, torna-se prazerosa. No meu caso, trabalho com construções artesanais, e normalmente de forma sistêmica,

inter ou transdisciplinar, com meus orientandos ou parceiros de pesquisa. Meus principais temas acadêmicos são: Sustentabilidade; complexidade; inter/transdisciplinaridade; multidimensionalidade; e análise multinível. E estes temas podem ou não fertilizar discussões mais tradicionais, como aprendizagem, inovação, estratégia (cooperação e competitividade) e relacionamentos inter-organizacionais. Ou ainda, usar discussões mais abertas a respeito dos temas tradicionais, possibilitando que, mesmo quando se trate dos temas tradicionais, procura-se trabalhá-los sob outras óticas. Peço licença para fazer um pequeno hiato, nesse ponto da discussão, para dizer que o que é visceral para mim é trabalhar Sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável, como contribuição acadêmica e empírica, ou seja, para dar o meu quinhão de contribuição para superarmos o atual estágio de degradação social, ambiental e ética, no mínimo, que em muitos casos foram ultrapassados por decisões e ações individuais, organizacionais, institucionais e sociais. Retornemos agora à discussão acadêmica. É necessário realçar que se deve fazer isso com abertura e profundidade, o que requer muito trabalho e disposição para o professor e para o orientando, pois, assim, cada leitura ou discussão se torna um terreno fértil para uma nova criação. Por intermédio de uma "fertilização cruzada", catalisada pelo professor, cada leitura pode gerar insights para discussões com outros orientandos. Logicamente, isso requer muito tempo e dedicação, e também que não fiquemos restritos ao mesmo conhecimento em que fomos doutores, muitas vezes por toda a vida acadêmica, pois, cada nova leitura se transforma numa plataforma de conhecimento para as demais orientações, quando implementadas. Esse aprofundamento e criatividade são ainda mais necessários quando se opta por não seguir o mainstream acadêmico, em termos teóricos e metodológicos. E isto é algo que poderia dificultar tanto novas publicações quanto atingir os níveis requeridos de publicação. Nesse caso, isto é um sinônimo de produtividade, que é um requisito para ser professor permanente da pós-graduação. Aliás, esse é outro elemento de pressão. Atribuímos a nós mesmos que queremos ser professores colaboradores ou permanentes de pós strictu sensu, permanentemente. Particularmente, preparei-me, mentalmente, para possíveis interregnos de publicação, com a consequente retirada do grupo de pós, seguindo regras claras, válidas para todos, como as emanadas pela Capes. Felizmente, nunca aconteceu ainda. Creio que os coordenadores dos cursos sonhariam com essa postura. Mas, infelizmente, de maneira geral, achamos que nossa reputação seria maculada por uma eventual saída do grupo de professores da pós, mesmo que pudéssemos voltar logo em seguida, quando o nosso volume de publicações voltasse ao padrão requerido.

Mas voltemos às nossas respostas. Talvez, o sujeito central de todo esse processo sejam os meus orientandos. Pois, como eles antecipadamente já sabem, que terão que trabalhar muito comigo. E não poderão repetir trabalhos anteriores, quase que semiprontos, acrescentando-lhes apenas "um passo a mais", impostos ou não, para que possam ser executados. Isso só pode ser superado por intermédio da motivação. Assim, o orientando pode-se sentir seguro pela nossa coparticipação e, talvez mais importante, amparado, nos momentos em que, aparentemente, "emperrou", não avança um milímetro a mais, pois, chegou aos limites do seu conhecimento, energia ou exaustão mental. Esses travamentos são normais e podem ocorrer algumas

vezes ao longo do processo criativo. E talvez seja nesses momentos que ocorre outro efeito do processo que é a transformação, ou seja, quando, na discussão, se encontra novos caminhos. E muitos deles, nunca antes imaginado por eles mesmos. Por isso sou crítico aos processos que exigem que o aluno desenvolva a proposta apresentada como candidato. Afinal, qual seria a contribuição do programa se isso acontecesse? Esse avanço ou transformação acadêmica, normalmente um sonho para o aluno, para mim, é a principal retribuição para o orientador, até que o orientando adquira a maturidade necessária para desenvolver por si mesmo a pesquisa, principalmente, mas, também, que esteja preparado para o ensino e para fazer as publicações. Essa autonomia deveria ocorrer no final da orientação. Dessa maneira, cria-se uma retroalimentação positiva entre motivação e transformação dos orientandos, que seria o paradoxo aparente, mencionado no início, transforme a enorme carga de trabalho em algo leve, prazeroso e produtivo.

Além da relação no dia a dia, fiz explicitamente o meu reconhecimento aos meus orientandos, ao reunir muitos deles, creio que em 2004, numa festa denominada "Eugenio a 100", quando completei 50 anos de idade e 50 orientandos. Já antecipadamente, convido-os, novamente, talvez, brevemente, para a próxima "Eugenio a 160", ou um pouco menos, quando completaremos 100 parcerias. Talvez, tudo tenha sido possível por sermos alimentados pela melhor energia que existe: as injeções de sonhos em nossas veias e alma. Sonhos que ajudamos a construir, finalizar e compartilhar, posteriormente, quando de seus sucessos no Brasil e no mundo.



Parceria de além-mar

Andréa Cardoso Ventura

É tão interessante como as coisas ocorrem nesta vida... Eu, na Bahia, trabalhando bem juntinho a um grupo de pesquisa extremamente sólido e unido, mas me sentindo só. Uma solidão intelectual que só conhece quem desenvolveu uma tese de doutorado sobre "um tema um tanto quanto desconhecido".

Sim. Meus colegas pesquisadores diziam que me apoiavam. Mas, e na hora de escrever um artigo, por exemplo, com quem trocar ideias mais profundas? Com quem discutir inquietações que só aparecem em algumas mentes específicas, que possuem uma forma um tanto distinta de encarar a vida e os saberes.

E então, assim, "meio de repente" chega alguém de longe... Lá do além-mar... E diz que acredita que, ali onde só eu e meu orientador víamos uma possibilidade de pesquisa havia um "algo" realmente intrigante! E este "algo" era exatamente o que estava faltando neste campo do conhecimento (ou do desconhecimento, quem sabe...) sobre as tais mudanças climáticas e sobre como as pessoas podem fazer algo para enfrentá-las.

Obviamente, esta primeira troca de impressões era pouco! Foram necessárias muitas idas a campo juntas, a "co-orientação" de um trabalho de fim de curso, a vinda dela pra Bahia pra uma parte de seu doutorado, minha ida pra Espanha para uma parte do meu, umas e outras taças de vinho... Ufa! Foram necessários quatro anos de trocas intensas!! Muitas risadas, apreensões, choros e conquistas marcaram esta trajetória.

E hoje, passados quatro anos, eis que aqui estamos. Duas teses concluídas, vários projetos já realizados ou em andamento, alguns artigos conjuntos mas, principalmente, uma verdadeira amizade... Que ultrapassa até mesmo as tormentas e turbilhões neste percurso até o além-mar...



Surpresa

Asher Kiperstok

Confesso que me surpreendeu o convite de Luis Felipe para escrever uma crônica para o livro que, se deu certo, é o que você, leitor, deve estar lendo agora. Confesso ainda, que fiquei um tanto intrigado quando ele começou a escrever os seus artigos dominicais, talvez por considerar, no seio dos preconceitos que permeiam o mundo acadêmico, que era mesmo uma grande “cara de pau”, um pesquisador na área das engenharias e da administração se dar ao deleite de também ser artista. Artista no sentido restrito da palavra, porque no seu sentido mais amplo, sempre considerei uma obra artística toda aquela obra produzida com elegância e compromisso, de uma restauração dentária ao cálculo de um reator químico. Para mim, a boa ciência, a boa técnica, sempre foram aquelas praticadas com criatividade e no limite da responsabilidade. Quem quiser apenas seguir as normas técnicas vigentes (e antigas), para sempre ficar no campo da própria segurança, poderia muito bem se dedicar a plantar batatas – e digo isto sem qualquer desconsideração com estes agricultores, apesar de eu, por ser um persistente possuidor de uma alta taxa de triglicerídeos, não poder desfrutar tanto quanto gostaria dos tubérculos da minha terra mater.

Mas... “Eta coisa boa!”, essa de poder escrever sem ter que citar referências bibliográficas. Pois bem, como o leitor talvez já tenha notado, nasci no Peru, em 1951 – suplico aos amigos bolivianos e chilenos que não considerarem isto uma provocação... Cresci no seio da comunidade judaica de Lima, o que me ofertou um contrato inicial com a ética hebraica, porém apenas uma visão limitada da realidade peruana, principalmente de belo mundo andino e de sua ideologia. De fato, acessei este mundo após meu ingresso na Universidad Nacional de Ingenieria, para cursar arquitetura, que abandonei após dois anos, pela falta que sentia de uma utilização mais intensa e artística do raciocínio matemático. Fui fazer engenharia civil em Israel, no Technion, em Haifa, que ainda considero a cidade mais bela entre aquelas em que tive o prazer de morar. Do meu curso secundário no Colégio León Pinelo até minha obtenção do título de bacharel em engenharia e o reconhecimento do meu diploma pelo colégio de engenheiros de Israel e pelo CREA, tive evidentemente um sem fim de experiências e aprendizados, algumas mais, outras menos, legais... (Taí, essa é uma das poucas coisas nas quais concordo com o “FHC pós-sociólogo”).

Uma experiência que quero relatar aqui, motivado pelo meu compromisso com o nascimento da nova Universidade Federal do Sul da Bahia, UFSB, é a do prazer de estudar e de praticar a matemática. Pelo menos aquela mais básica, da Aritmética e da Álgebra, da Geometria e da Trigonometria – que foram duas das provas de ingresso na UNI, no final dos anos sessenta), mais ainda, do Cálculo Diferencial e Integral, da belíssima loucura da teoria dos limites. Do empurrão para o mundo abstrato que se materializa num foguetório quase psicodélico ao final da demonstração de um teorema, “cqd” (como queríamos demonstrar). Me pergunto: “Porque não se dá, com a grande maioria dos nossos jovens, o direito a este orgasmo?”. Porque temos que aceitar passivamente o olhar idiota daqueles na frente de um vídeo game brutal e sanguinolento. Ou o balançar não menos idiota, ao compasso de um canção? Canção esta que, geralmente, se não é monossilábica, é “monocultural”.

Lembro, com enorme prazer, a agilidade mental que desenvolvi ao me preparar para o vestibular da UNI principalmente ao estudar as citadas artes matemáticas. O prazer de pular, sem cerimônia, de uma pra outra, ao longo da resolução de um único exercício. E o estrondo ao chegar ao resultado, hein? Principalmente se foi por um “caminho” que o professor nem tinha imaginado. Você já deve ter ouvido a piada do professor que cobra dos alunos, numa prova, como usar um barômetro para definir a altura de um prédio e, um deles lhe apresenta 10 ou mais alternativas. Não? Procurem na internet.

Temos um enorme desafio pela frente para democratizar o acesso ao mundo matemático, claro que não apenas para os que gostam das engenharias mas, e principalmente, para todo mundo. Temos que “detonar” a ignorância generalizada pelo mau ensino desta arte/ciência, da afirmação de que ela seja de difícil acesso ou, pior ainda, de que ela limita a intuição ou o livre pensar e sentir. Mau ensino este, que acabou marginalizando tanta gente, ao qualificar como “limitadas” aquelas mentes que não conseguiam entender o que maus professores não conseguiam ensinar.

Temos que mergulhar em novas experiências e praticá-las com responsabilidade mas sem medo de errar. Academia Khan, Moocs, etc.

Mas “vamos em frente que atrás vem gente”. Muita gente...



De Porter a Stakeholder, uma viagem encantadora

Denise Barros de Azevedo

Sou uma pessoa apaixonada pelo que faço, e esta paixão vai ao encontro aos meus sonhos acadêmicos e profissionais. Desde a minha graduação em Engenharia Agrônômica, na qual busquei seguir os passos do meu pai, até o meu Doutorado, que foram muito importantes para a minha visão multidisciplinar. A minha tese de mestrado foi assim: apaixonei-me pelo modelo das “cinco forças competitivas”, do autor Michel Porter. Minha orientadora de Mestrado que o diga, mas encontrei a minha co-orientadora, do Departamento de Administração da UFV, que foi aluna do mesmo Porter. Imaginem! Fiquei encantada! Formamos uma ótima equipe, e teoricamente, a tese de mestrado foi um excelente trabalho do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Após este trabalho, fui trabalhar em várias organizações e universidades, até que, um dia, conheci a palavra que mudou minha forma de estudar... A dos Stakeholders... “Meu Deus...”, pensei. O que é isto? Achei a palavra linda, robusta, instigante, inteligente, determinante, ousada, globalizada, uma espécie de “multi-tudo”. Enfim, a paixão surgiu e, desde então, venho buscando compreender como esta palavra influencia os diversos segmentos da ciência e da tecnologia mundial, nacional, regional e local.

Meu primeiro contato com ela – a palavra stakeholders – foi para a construção do meu projeto de doutorado em Agronegócios no CEPAN/UFRGS. Fui para a UFG (Universidade Federal de Goiás), e lá comecei minha busca no periódico Capes, na sala de uma professora. Fiquei uma tarde buscando artigos, e achei tudo, desde origens, conceitos, abordagens, autores, e diversos journals.

Esta palavra mágica me levou a entrar no Doutorado em Agronegócios no CEPAN/UFRGS... Ufa!!! Agora a tarefa é a de levá-la até o fim do mesmo... Meu marido foi fundamental para este meu processo, sempre me incentivando e apoiando. Meu orientador de doutorado foi testemunha da minha trajetória acadêmica e deste encantamento.

Nas aulas seguintes, comecei a indagar sobre a mesma, frisando-a, em todas as aulas. E tanto, que o meu codename era “Denise Stakeholders”, que eu adorava. Pois este tema começou a aparecer em várias dissertações e

teses de doutorado no CEPAN. Por que será? Influência? Hot Topic? Tendências? Curiosidade? Só sei que ela está em diversas dissertações e teses do Departamento. Esta minha insistência gerava conflitos entre meus colegas, e até algumas divergências em sala de aula. Mas estes fatores não incomodavam uma pesquisadora cada vez mais apaixonada por este assunto. Muito pelo contrário, aumentavam ainda mais a sede de conhecimento por ele.

Meus primeiros artigos foram sobre stakeholders e também minha primeira viagem internacional à Wageningen University, como aluna de doutorado brasileira, fui defender seu projeto de tese em uma banca holandesa e depois convidada a palestrar pela Eberswald University, que fica na Alemanha oriental.

Não pensem que foi uma que levou à outra, mas o Skype e a minha curiosidade por encontrar um professor chamado Martin Welp. Tudo aconteceu muito rápido, eu estava em casa, lendo alguns artigos, e achei um que era "a minha cara". Logo fui saber quem era o autor, inseri o nome dele no Skype e, para meu espanto, ele estava lá. E, para meu outro espanto (maior ainda que o anterior), eu liguei e ele atendeu. Imaginem meu susto. Naturalmente, começamos a conversar em inglês. Ele é finlandês e mora na Alemanha. E, logo em seguida, mandei-lhe e-mails, artigos, e ele me convidou para visitá-lo por dois dias, e para fazer uma palestra sobre os meus Stakeholders. Desde este convite em diante, surgiu a oportunidade de realizar um Doutorado Sanduíche com Bolsa DADD na University of Applied Sciences – Fachhochschule Eberswalde, um lugar que adorei e onde aprendi muito sobre Diálogos entre Stakeholders.

O meu caminho rumo aos Stakeholders me abriram portas não só academicamente, mas conscientemente, pois comecei perceber as conexões que existiam entre esta teoria e as demais áreas do conhecimento. Tese de Doutorado pronta! Vencida esta luta! Defesa encerrada, então tratei de "conquistar meu lugar ao sol".

Minha mais recente experiência internacional foi no 18th Internacional Programme on the Management of Sustainability (IPMS), Executive Education Course on Sustainable Development Diplomacy, onde consegui uma bolsa para realizá-lo, no ano de 2011, em Center Woudschoten, Zeist, Holanda. Naquele curso, havia várias instituições responsáveis, como Sustainability Challenge Foundations, Wageningen University and Research Centre, Dutch Ministry of Economic Affairs, Agriculture and Innovation, TiasNimbas Business Scholl, Consensus Building Institute, Globus – Institute for Globalization and Sustainable Development e Tiburg University. Aprendemos metodologias como a Pablo Buford Simulation e Word Cafe que são técnicas de negociação e de diálogos entre stakeholders. Lá havia pessoas do mundo inteiro, desde a África à Rússia, da Ucrânia e Moldova à Holanda e aos Estados Unidos, entre outros. Foi uma experiência incrível!

Trabalhei em diversas universidades, passei em dois concursos públicos, na Universidade de Brasília (UNB) e na Universidade Federal de Goiás (UFG), tomei posse na UnB, e, então, fui transferida para a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande – MS. Coincidentemente, todas no meu Centro-Oeste, que admiro tanto.

Hoje, posso afirmar que tanto minha graduação quanto o mestrado e o doutorado levaram-me a lugares distantes e desafiadores, e daquela paixão

surgiram novos sentimentos, como respeito, admiração e amor.

Ainda estou apaixonada pelos stakeholders – talvez até encontrar a próxima palavra – mas pensando e analisando os fatos... Estou sempre a encontrá-las... Basta encantar-se!



Vida de doutoranda sofrenilda

Fernanda Maciel Reichert

Em 2010 minha vida mudou, completamente. Em 2003 me formei em Administração e, mesmo antes disso, já trabalhava na empresa da família (e, depois, também no exterior). Enquanto fazia a faculdade, sempre me via como uma grande executiva, e acabei trilhando esse caminho do mercado. Mas, um dia, começou a crescer uma inquietação, uma certa insatisfação com minhas atividades do dia a dia. Até que tomei algumas decisões... Sabe aquelas pessoas que mudam completamente de vida? Largam tudo para viver numa Kombi fotografando o mundo? Ou que viram artistas? Ou que viram surfistas? Enfim... Aquelas que mudam tudo radicalmente?

Eu fiz minha "mudança radical". Deixei o mercado e resolvi fazer mestrado. Queria ser professora como muitos da minha família (avós, tios e tias). Tudo aquilo começou a me encantar de tal forma que não me via mais em outro lugar que não no ambiente da Universidade. A pesquisa me encantou, e descobri que, mais do que professora, eu queria ser uma pesquisadora!

Entre ups e downs, terminei o mestrado e entrei no doutorado... Ahhh... Então agora eu iria viver um sonho, o de que estava fazendo o que realmente queria?

Bom... Mas nem tudo são flores... A pesquisa é minha vida, mas não nos enganemos, não é nada fácil! – já dizia a "doutoranda Sofrenilda".

Você tem uma orientação bem importante sobre a sua tese com o seu orientador. Você grava a conversa no seu celular para depois não ter que "psicografar" tudo o que está sendo dito. Você chega de noite em casa e vai baixar a gravação. O seu celular cai no chão e o cartão de memória QUEBRA. Desastre!

Você começa a escrever a sua tese baseando-se unicamente na sua memória. Você tem outras conversas informais, lê, lê e lê, e você esboça uma primeira versão para o ensaio teórico.

...Enquanto isso... o seu celular cai no chão (pela centésima vez), só que dessa vez a tela quebra. OK, os dados continuam intactos. É apenas um desconforto digitar na tela quebrada. Seria a sua desculpa para finalmente comprar um iPhone?

...Enquanto isso... a tela do seu computador quebra de tal forma que não abre e fecha mais. Ou o computador fica aberto, ou fechado. Você escolhe a primeira opção, por motivos óbvios.

...Enquanto isso... você "ganha" um MacBook usado, de propriedade de seu grupo de pesquisa. Beleza, agora vai! Afinal, como todos dizem, Apple não trava. NUNCA. O-oi??? O "seu" trava, e a cada 5 minutos. Todo o seu "mundo" fica travado: e-mail, internet, processador de texto... Então, você volta para o seu bom e velho computador com Windows, que apesar de não abrir e fechar a tela, não trava. Incrível, não trava mesmo! Ao menos, não tanto quanto o tal Apple.

...Enquanto isso... você começa a pesquisar outros smartphones. Afinal, agora Apple trava!

...Enquanto isso... seu e-mail do Yahoo, que está com você há milênios, passa a ser rejeitado pelos e-mails da sua universidade, sem nenhum motivo aparente. Seus professores, grupos de discussão, etc., todos te rejeitam (virtualmente). Lá vai você, depois de anos, trocar de e-mail. Cria um e-mail esdrúxulo, já que todas as Fernandas Reichert do mundo pegaram os endereços de e-mail mais interessantes. Sim, é verdade! Existem várias Fernandas Reichert! E, então, avisa todo mundo do novo endereço eletrônico, faz o encaminhamento, atualiza usuários e senhas, transfere contatos... Ufa! E pior, só o tempo dirá se deu tudo certo.

...Enquanto isso... nova orientação. Você mostra suas 15 páginas do ensaio. O professor lê as duas ou três primeiras (introdução) e não gosta. Conversam, conversam e conversam. Você grava a conversa, como sempre. Acaba a bateria do celular no meio da conversa. Você percebe só no fim, mas não há de ser nada; quando carregar você salva a parte que gravou. Ledo engano, Sofrenilda! Você perdeu a gravação. Perdeu TUDO. DE NOVO.

...Enquanto isso... a Sofrenilda tenta escrever novamente a partir da sua memória. Entre androides e outras tecnologias, não sai nada. Agora é a Sofrenilda que trava.

...Mas tudo bem, lá vai a Sofrenilda para a universidade, trabalhar um pouco. Oops, vai mesmo? O carro travou, Sofrenilda não vai, não... Não dá para ir de ônibus, estão em greve, lembra? Não dá para ir a pé, está 40 graus há um mês, lembra?

...Mas Sofrenilda tem amigos! Ela vai de carona. E de carona também vai o tal Apple que vive travando... Vai sofrer uma intervenção para ver se para de frescura e volta a trabalhar.

...Mas quem tem que trabalhar é a Sofrenilda, que tem um prazo a cumprir. Sofrenilda muda os ares, acha que os ventos da lagoa lhe trarão novas ideias, lhe permitirão identificar gaps e fazer novos links. OU NÃO.

Sofrenilda trava. E fica nervosa porque está travada e trava mais ainda. Mas, como disse, Sofrenilda tem amigos. Os que incentivam, consolam, oferecem ajuda e mandam ela escrever sem pensar muito para tentar fazer as ideias fluírem.

Tá aí, Sofrenilda está escrevendo. Mas não era bem isso que deveria ter ido para o papel, né?

Jovens sonhadores buscando entrar para o mundo acadêmico, ou os mais experientes buscando mudar de vida; não se sintam desencorajados! Um choque de realidade não faz mal a ninguém, certo?



Doutorado sanduíche – experiência acadêmica e de vida

Alisson Eduardo Maehler

Em muitas ocasiões somos instigados a sair da nossa “zona de conforto”. Viver um período em outros países, com suas diferenças culturais e econômicas, é uma delas. Aqui irei relatar brevemente a minha experiência como estudante (ou pesquisador visitante) na Universidade de Lisboa, em 2010, pelo período de dez meses. A ideia aqui é estimular outras pessoas a se desafiarem e a buscarem essa experiência.

Minha estada em Portugal, particularmente em Lisboa, centro da metrópole e do império português, foi algo extraordinário demais para mencionar apenas nos relatórios para as agências de fomento. Foi algo que mudou a minha forma de ver o mundo, o Brasil e, em especial, as empresas multinacionais brasileiras, que foi o tema da minha tese de doutorado em Administração na UFRGS. Para entender o nosso país, sua economia e sua organização empresarial, foi preciso dar uma volta ao tempo, às nossas origens, para uma compreensão mais aprofundada de nossa realidade.

Particularmente, fui influenciado por uma obra de um geógrafo francês que conhece profundamente o Brasil: Paul Claval, com seu livro “Brasil: uma potência em emergência”. Neste livro, o autor analisa o país e a potência em que ele se tornou, retomando a questão histórica, que começa com as grandes navegações portuguesas, o descobrimento do Brasil, a organização do nosso território e sua ocupação e colonização, a formação econômica e social, o surgimento do capitalismo e posteriormente da indústria nacional e as transformações que o país vem atravessando, ao longo de mais de cinco séculos, em todas as áreas. Nesse sentido, penso que estudamos, em nossa formação gerencial, empresas brasileiras sem entender o próprio Brasil, mesmo sem nos apoiar em análises que não sejam apenas microeconômicas ou baseadas em teses feitas por autores não brasileiros!

De fato, deixamos à margem autores como Celso Furtado, Florestan Fernandes, Guerreiro Ramos, Sérgio Buarque de Holanda e outros que entenderam a fundo o Brasil e foram capazes de projetar um pouco do seu futuro. Ora, como entender o hoje sem olhar ao passado? Como entender o Brasil sem voltar no tempo e analisar Portugal? Como analisar nossa gestão sem entender a sociedade e os nossos maiores pensadores? Consegui isso por

meio da realização do estágio de doutorado, o qual, sem dúvida, gerou diversos insights importantes para a minha tese.

Muitos acreditam que, se o Brasil tivesse sido descoberto por outros países, como a Alemanha ou a França, estaríamos mais à frente do que estamos. Ou mesmo que fomos apenas explorados e deixados à margem pelas economias europeias, sobretudo por Portugal. Isso não é verdade. Na visão de Claval, Portugal foi muito empreendedor e eficiente em: a) reunir recursos e tecnologias para realizar as grandes navegações; b) colonizar e ocupar um território tão extenso; c) criar uma estrutura produtiva e manter unidas pessoas de origens tão diversas como o índio, o caboclo, o branco europeu, o negro africano; d) defender o território de ameaças estrangeiras (como franceses, holandeses e espanhóis); e e) reconhecer a nossa independência e, atualmente, ver o mercado brasileiro como algo estratégico, que precisa ser considerado e respeitado (o que, de fato, está muito em voga em Portugal, com a ideia de se mirar o oceano atlântico).

Assim, o empreendedorismo, a técnica, a gestão de riscos e capitais que os portugueses tiveram que utilizar foram, em maior ou menor grau, transferidos para o novo mundo. O estabelecimento de rotas comerciais, as negociações com os vizinhos e com a Espanha para a divisão do território tornaram a nossa diplomacia forte, o que é uma característica do Brasil até hoje, e que começou com a colonização portuguesa. A ânsia de descobrir novos caminhos, novos mercados, introduzir novos produtos e processos, desde a cana-de-açúcar, as minas e o charque tiveram início também com a colonização lusitana. Se, hoje, o Brasil tem empresas globais que se aventuram em "novos mares nunca dantes navegados", é porque isto está implícito em sua formação econômica e social. De tal forma, existe uma simbiose entre brasileiros e portugueses. E tanto, que inseri um capítulo na tese apenas sobre as relações Brasil – Portugal e, neste contexto, o Investimento Direto Estrangeiro do Brasil para este país europeu. Se, outrora, pouco investíamos no exterior e éramos recebedores líquidos de capital, atualmente a situação se inverte, com as empresas brasileiras investindo fortemente no exterior e criando multinacionais nos mais diversos setores da economia.

Por fim, destaco a necessidade de que o pesquisador social, principalmente o de gestão, saia de sua "zona de conforto" e explore também "novos mares", pesquisando temas novos, inserindo outras visões acadêmicas e, principalmente, bebendo na fonte de autores nacionais, muitas vezes até de outras áreas e que frequentemente são marginalizados porque "o de fora é sempre melhor" ou mesmo porque "esta fonte que você utilizou não é atual e não está avaliada no Qualis-CAPES". Nossa trajetória acadêmica deve ser o resultado dessa busca, dessa necessidade, dessa visão que olha para fora para entender melhor a nossa economia, a nossa sociedade e as nossas empresas.

A despeito dessa necessidade acadêmica, é importante notar que nossa existência e nossa visão de mundo mudam. De fato, penso que voltei outra pessoa dessa experiência. Conheci diversos países na Europa, participei de importantes eventos acadêmicos, fiz novos amigos (portugueses, alemães, angolanos, moçambicanos), vivi sozinho em um país diferente, tendo que executar as atividades domésticas de forma totalmente independente. E também foi um período de reflexão, o que é importante para a escrita

de uma tese e para se estabelecer a noção de quem queremos ser e o que queremos ter. Também destaco ter o apoio da minha companheira, que entendeu e permitiu que eu realizasse esse sonho de viver fora. Afinal, é quase um ano de afastamento, reduzido pela tecnologia que facilita a convivência à distância.

É importante que o acadêmico que busca essa oportunidade tenha certa afinidade com o país para onde vai, seja em termos de língua, de cultura ou contatos. Mesmo Portugal tendo o mesmo idioma, a sua cultura, seus hábitos e o seu modo de vida são diferentes. E temos que nos adaptar, aceitar e conviver com as diferenças. Na verdade, é isso que importa, pois só vivendo um tempo em um país é que conseguimos entender suas pessoas e sua economia. Para mim, que estudei gestão internacional, isso foi fundamental. Envolve também o planejamento antecipado, busca de bolsas, vontade, boas notas e o estabelecimento de uma rede de contatos. Posso dizer que fui muito bem acolhido, que sinto muita saudade daquele tempo e que ir foi uma das decisões mais sábias que tomei na vida. Hoje, na condição de professor e coordenador de um curso de graduação, incentivo meus alunos e terem essa experiência, que não apenas os auxiliará em suas carreiras em grandes empresas ou no governo, mas também aproximará os povos, estabelecerá novos laços e criará, com certeza, cidadãos melhores e mais felizes!



Sanduíche no Canadá

Iuri Gavronski
Nara Maria Müller

Em 2007, fomos ao Canadá para estudar. Fizemos os dois textos a seguir de forma independente, para dar aos leitores nossas perspectivas desta história.

“Versão Iuri”.

Era verão. Eu estava de férias, se é que se pode chamar de “férias” quando se vai para a praia com um laptop e toneladas de coisas para escrever. De qualquer forma, eu estava tomando um chimarrão com a minha mulher, Nara, e com meus sogros, na varanda da casa de praia deles, quando eu recebi o telefonema do Felipe. Eu havia trabalhado quase toda a minha vida em empresas grandes e médias, e sabia que, quando o chefe liga, é sinal de problemas. Não que o orientador de doutorado seja o chefe, mas ele definitivamente está mais alto na hierarquia do que o doutorando. Em outras palavras, receber ligações de alguém mais alto na hierarquia é sempre sinal de problemas, seja ele chefe, orientador, coordenador de curso ou esposa.

Com aquele jeito jovial de sempre, o Felipe disse: “Conseguimos! Aprovaram a tua bolsa de doutorado sanduíche!” Eu fiquei tão chocado que não conseguia responder direito. Depois, conversando com ele, disse-me que ficou até um pouco decepcionado com a minha frieza. Não era frieza, era choque mesmo... Eu havia consultado a relação das bolsas no site do CNPq havia alguns dias e meu nome não estava lá. Disse para a Nara: “Não foi desta vez...”, e tirei o assunto da cabeça. Contrariamente aos instintos da Nara, que sempre conta todas as coisas que estão por acontecer, eu tenho um estilo mais reservado. Com medo de que o pedido de bolsa não fosse aceito, eu não havia contado a ninguém. Nem a meus sogros, que estavam sentados à minha frente enquanto eu recebia a notícia!

Para quem não é do ramo, o doutorado sanduíche é um tipo de bolsa para alunos de doutorado fazerem pesquisa no exterior. Este período pode ser de 6 a 12 meses. Havia recebido várias sugestões quanto ao meu projeto. A primeira, ficar 12 meses. Conforme me disseram, demora um tempo a se adaptar, portanto um ano é um bom tempo para conhecer a universidade,

formar bons vínculos, conhecer a cultura local, etc. Segundo, não falar em sanduíche para ninguém. Este é um nome brasileiro para o programa, que não é universalmente conhecido. Nem no exterior, nem aqui mesmo. Soube que a avó de um doutorando, ao saber que ele estava em uma universidade estrangeira, disse: "Coitado! Estudou tanto e agora, nos Estados Unidos, está fazendo sanduíche para sobreviver!" A terceira, não alugar minha casa para amigos, sob pena de perder estes amigos.

Fechamos então nossa casa, contratamos uma empresa de monitoramento, combinamos com a faxineira e o jardineiro para darem ar de casa em nossa casa, abrindo e limpando, e acertamos com o filho mais velho da Nara para buscar a correspondência e nos manter informados das novidades.

Certamente, a adaptação cultural foi a parte mais difícil. Na cultura norte-americana, não existe o conceito de almoço brasileiro: um prato de comida salgada e quente, comida em uma mesa, de preferência na companhia de outras pessoas, com um tempo depois para digerir e bater um papo. Na minha primeira semana, convidei meu colega de doutorado para almoçar no restaurante da universidade, para ouvir um "não, obrigado, trouxe meu lanche". Quase todos levavam seu lanche – um sanduíche e um pacote de salgadinhos, em geral batatas fritas. E comiam em frente aos seus computadores. Eu almoçava na companhia dos meus colegas chineses e de uma colega mexicana. Abraçar o colega eu já sabia que não podia, mas nem apertar forte a mão todos os dias – isto eu não sabia! No máximo, um abano de cabeça e um "como vai hoje?" – normalmente respondido com um "não tão mal..." Como diria Asterix, o gaulês, "Estes romanos..." A refeição quente era a janta, comida às 6 ou 7 horas da tarde. No inverno, quando anoitece às 4 ou 5 da tarde, tudo bem, mas no verão, onde escurece às 8 ou 9 horas da noite, é difícil jantar no meio da tarde, ao menos para nós...

Além dos benefícios óbvios e esperados (fazer uma rede de contatos no exterior, conduzir uma pesquisa, ter acesso a novas ideias), o sanduíche trouxe-me dois grandes benefícios inesperados. O primeiro, um aprofundamento da minha relação com a Nara. Somos ambos casados pela segunda vez, e entramos ambos nesta segunda relação com um pé atrás, avalio hoje. Até nossa viagem, tínhamos contas separadas de telefone, mantínhamos caixas separadas para "Contas pagas do Iuri" e "Contas pagas da Nara", e por aí vai. Lá, era uma conta bancária, abastecida trimestralmente pelo CNPq, e tínhamos um orçamento único, fortemente controlado pela Nara e executado com austeridade por ambos. As contas eram do casal, as receitas idem, e com isto conseguimos perceber, pela primeira vez, que éramos um time, e não duas pessoas que se gostam morando juntas. Esta situação perdurou na volta, e tem sido assim até hoje. A segunda, um entendimento das (não tão) sutis diferenças culturais entre o Brasil e o Canadá. Longe das simplificações como "o Brasil é um país violento mas as pessoas são camaradas" e "o Canadá é frio demais e as relações interpessoais são distantes", não há espaço aqui para explicar todos os "detalhes" diferentes entre os dois países. Apenas me resta dizer que as simplificações são sempre erradas e enviesadas. E, assim como há muito mais tons de verde em uma floresta do que podemos descrever, as nuances culturais de dois países continentais não podem ser explicadas em frases curtas. Sentimos falta das coisas boas do Brasil quando estávamos longe, e agora sentimos falta das coisas boas do

Canadá, depois de nossa volta. Morar em vários lugares implica ter saudades dos amigos que fizemos e que deixamos em cada um destes lugares.

“Versão Nara”

Parecia que tudo seria muito fácil, eu estudara inglês durante vários anos, era uma das melhores da minha turma – escrevia textos, falava quase fluentemente, conseguia entender letras de músicas. Desde que soubemos, oficialmente, que iríamos para o Canadá, em janeiro de 2007, começamos os preparativos: documentos, alguém para cuidar da nossa casa enquanto estivéssemos fora, buscamos informações sobre o que vestir, que roupas e calçados levar e o que deixar para comprar por lá. Fizemos contatos com proprietários de apartamentos para alugar e reservamos um bed & breakfast para ficarmos as duas primeiras noites em London, Ontário. Ah, por via das dúvidas, me inscrevi num curso de inglês de verão da University of Western Ontario – UWO – onde o Iuri faria sua pesquisa do Programa de Doutorado da UFRGS. Partimos no dia 04 de março, saindo, em torno de 5 horas da manhã, de Porto Alegre, depois de termos passado a noite em claro, no aeroporto, acompanhados de nossos amigos Gustavo e Márcia. Em São Paulo, nos hospedamos num hotel e dormimos quase o dia todo, já que o voo para Toronto sairia às 22 horas. O voo foi tranquilo, consegui um pouco de hidratante, com a aeromoça, pois minhas mãos e rosto estavam “super-ressecados” (creio que pela temperatura alta do avião – não podíamos levar hidratantes, géis, ou líquidos nas bagagens de mão). Viajamos com roupas em camadas: uma camiseta de mangas curtas para aguentar o calor antes do embarque e uma malha leve de lã, para vestir quando chegássemos em Toronto. Os casacos mais quentes deixamos nas malas grandes, que estavam no bagageiro do avião. “Só precisaremos desses casacos, quando chegarmos em London, pois, nos aeroportos canadenses, passaremos de um voo ao outro, através dos fingers”, me disse o Iuri, com uma certeza e conhecimento de causa invejáveis e incontestáveis. Chegamos a Toronto, em torno de 6 horas da manhã, do dia 05 de março e passamos pelo finger, até as instalações do aeroporto. Ainda bem que vestíamos nossos suéteres de “lãzinha”, porque, mesmo nos fingers, já sentíamos o frio. Lá fora, a neve caía sem parar, uma vista deslumbrante para nós, brasileiros. No aeroporto soubemos que nosso voo para London atrasaria devido à neve intensa e, que, provavelmente, deveríamos desembarcar em outra cidade e seguir até London, de ônibus, ou trem. Permanecemos no aeroporto por umas duas horas, eu acho, passamos pela imigração, onde tivemos que nos apresentar, explicando porque ficaríamos no Canadá por um ano, enfim... Percebi que meu inglês não era tão bom assim... Víamos, através do vidro do saguão de embarque, os aviões da Air Canada, todos no pátio e sem os tais fingers. As pessoas iam e vinham caminhando na neve. Cada vez que a porta abria para alguém entrar, ou sair, vinha aquele frio intenso. E nós, sem os nossos casacos, que estavam dentro das malas, já despachadas para seguirem até London. Mas, como se diz, “Coragem é o que não nos falta...” Então, pensamos, quando estivermos dentro do avião, tudo ficará bem. Fomos assentados bem na frente da porta de entrada do aviãozinho, que ficou aberta até que to-

dos os passageiros tivessem embarcado e o avião tivesse permissão para decolar. Finalmente, a autorização chegou e, podíamos ver, na nossa frente e atrás de nós, havia muitos aviões que aguardavam por esse momento. Chegamos ao aeroporto de London e, mais uma vez, tivemos que caminhar no pátio no meio do frio e neve caindo. Procuramos um táxi, com bagageiro bem grande, já que estávamos com duas malas de 32 quilos, mais as bagagens de mão permitidas. Conseguimos um táxi que nos deixou em frente ao bed & breakfast da Sra. Halina Koch. O motorista nos deixou no outro lado da rua, retirou nossas duas malas do bagageiro e as largou na calçada, sobre uma camada de 30 cm de neve, à temperatura de -13°C. Com um frio tremendo e, tremendo muito de frio, o Iuri me mandou bater à porta da Sra. Halina e deixar as bagagens de mão. Eu deveria retornar, o mais breve possível, para ajudar a carregar as duas grandes malas. Meus pés enterravam naquela neve espessa e macia e meus olhos quase não se mantinham abertos pelos floquinhos que caíam do céu. Quando a Sra. Halina abriu a porta da sua pousada, eu quase gritei de medo: ela parecia uma bruxa, saída dos filmes de terror, daquelas que aparecem no meio da floresta. Apresentei-me a ela e larguei as bagagens de mão. Quando voltava para ajudar o Iuri, ele já estava entrando, puxando as duas malas. O frio venceu o cansaço dele. Entramos na pousada e a Sra. Halina se mostrou uma senhora maravilhosa, uma fada, nos deu chá quente e algumas informações valiosas para nossa estada no Canadá. E assim, começamos nossa peregrinação de um ano, tempo que nos permitiu aprender, ensinar, conviver e amar aquele país.

Como disse Shakespeare, em seu Soneto 36, "Let me confess that we two must be twain / Although our undivided loves are one" (deixe-me confessar que nós dois devemos ser dois, apesar de nosso amor indiviso ser um -). Assim, duas pessoas que, como nós, passaram por uma experiência tão intensa de maneira tão próxima, descrevem-na por perspectivas distintas. Esperamos que estas nossas perspectivas forneçam uma visão mais completa do que uma narrativa consolidada de nossa história.



Seria o doutorado uma segunda adolescência?

Marcelo Trevisan

Lá estava ele, sentado à mesa de um bar à beira mar, pensando no que havia acontecido nos últimos quatro anos da sua vida. João era um cara que não tinha o hábito de refletir profundamente sobre a sua existência: conseguia o que queria porque corria atrás das suas metas. Simples assim! Porém, os últimos anos, enquanto cursava o doutorado, concederam a ele uma experiência diferente.

Realmente, era algo estranho. Enfrentara diversos momentos de transição, insegurança e indefinições. Quase sempre suas dúvidas eram motivadas por conflitos epistemológicos ou metodológicos, que ficavam em uma órbita nebulosa, fartamente recheada de opções teóricas que emaranhavam a tão almejada pergunta de pesquisa do seu projeto de tese. As opções ganhavam reforço a cada conversa com seus colegas doutorandos. Mas eram rapidamente trazidas ao planeta Terra quando as confrontava com as áreas de pesquisa de seu orientador.

Até então, suas decisões eram mais ágeis e menos temerosas. Entretanto, durante o curso, até mesmo para sair com os amigos tinha dificuldade para dizer sim ou não. Quando saía, o assunto, invariavelmente, repousava no autor tal, no artigo Y, na teoria "nonononono..." O corpo e a mente não estavam no mesmo lugar. O primeiro na balada e a segunda nas tarefas e compromissos que o acompanhavam não muito passivamente. "Que diacho, eu não era assim!", lamentava. Às vezes, as atividades não vinculadas ao doutorado eram semelhantes a um relacionamento extraconjugal. Pensava: "Eu deveria estar lendo/escrevendo aquele artigo"; "O tempo está passando e o prazo terminando..." Um peso na consciência, quase uma infidelidade.

Contemplando a imensidão do mar, João percebeu que embora já tivesse vivenciado a sua fase de adolescente, parece que a puberdade não o havia abandonado. Era algo como uma segunda adolescência. Todavia, a semelhança restringiu-se às transições, dúvidas e incertezas. O espírito inconsequente da 'primeira' adolescência do "Fiz, e daí?", sem neuras e culpas, não estava presente. Mas o agora doutor João não estava depressivo e nem arrependido. Pelo contrário, o período do doutorado lhe rendeu a descoberta de novas culturas, muito aprendizado, distintas formas de encarar a vida e o

mundo. Bem como excelentes amigos – alguns confidentes – e um próspero casamento. Enfim, boas lembranças e perspectivas favoráveis.

No devaneio de suas reflexões, João sentiu-se mais seguro, amadurecido e preparado. Afinal, a oportunidade de viver duas adolescências tem suas virtudes. E algum ônus...



A normose acadêmica

Renato Santos de Souza

Doença sempre foi algo associado à anormalidade, à disfunção, a tudo aquilo que foge ao funcionamento regular. Na área médica, a doença é identificada por sintomas específicos que afetam o ser vivo, alterando o seu estado normal de saúde. A saúde, por sua vez, identifica-se como sendo o estado de normalidade de funcionamento do organismo. Em uma analogia com os organismos biológicos, o sociólogo Émile Durkheim também sugeriu como identificar saúde e doença em termos dos fatos sociais: saúde se reconhece pela perfeita adaptação do organismo ao seu meio, ao passo que doença é tudo o que perturba essa adaptação. Então, ser saudável é ser normal, é ser adaptado, certo? Não necessariamente. Apesar de Durkheim, do ponto de vista social, ser normal demais pode também ser patológico, ou pode levar a patologias às vezes até letais.

Os pensadores alternativos Pierre Weil, Jean-Ives Leloup e Roberto Crema chamaram isto de Normose, a doença da normalidade, algo bem comum no meio acadêmico de hoje. Para Weil, a Normose pode ser definida como um conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir que são aprovados, em uma determinada sociedade, por consenso ou tacitamente, e que provocam sofrimento, doença e morte. Crema afirma que uma pessoa normótica é aquela que se adapta a um contexto e a um sistema doente, e que, então, age como a maioria. E para Leloup, a Normose é um sofrimento, a busca pela conformidade que impede o encaminhamento do desejo no interior de cada um, interrompendo o fluxo evolutivo e gerando estagnação.

Estes conceitos, embora fundados sobre um propósito de análise pessoal e existencial, são muito pertinentes ao que se vive hoje no meio acadêmico. Aqui, pela Normose, não é apenas o indivíduo que adocece, que estagna, que deixa de realizar o seu potencial criador, mas o próprio conhecimento. E não apenas no Brasil, também em outras partes do mundo.

Peter Higgs, Prêmio Nobel de Física de 2013, disse recentemente que não teria lugar no meio acadêmico de hoje, que não seria considerado suficientemente produtivo, e que provavelmente não teria descoberto o Bóson de Higgs (a "partícula de Deus"), descrito por ele em 1964, mas somente comprovado em 2012, quase 50 anos depois, com a entrada em funcionamento de uma das maiores máquinas já construídas pelo homem, o acelerador de

partículas Large Hadron Collider. Higgs contou ao The Guardian que ele era considerado uma "vergonha" para o seu Departamento pela baixa produtividade de artigos que apresentava, e que só não foi demitido pela possibilidade iminente de um dia ganhar um Nobel, caso sua teoria fosse comprovada. Ele reconheceu que, atualmente, no ritmo obsessivo por publicações, sob o lema de "publique ou pereça", não teria tempo nem espaço para desenvolver a sua teoria. À sua época, porém, não só o ambiente acadêmico era outro como ele próprio era um desajustado, um anormal, uma espécie de dissidente que trabalhava sozinho em uma área fora de moda, a física teórica especulativa. Então, sua teoria é também fruto desta saudável "anormalidade".

A mim, embora soem estarrecedoras, não surpreendem. Ou seja, com os sistemas meritocráticos de avaliação de hoje, que privilegiam a produção de artigos e não de conhecimentos ou de pensamentos inovadores, uma das maiores descobertas da humanidade nas últimas décadas, que rendeu a Higgs o Nobel em 2013, provavelmente não teria ocorrido, como certamente muitos outros avanços científicos e intelectuais estão deixando de ocorrer em função dos sistemas atuais de avaliação da "produtividade em pesquisa". É a Normose acadêmica, fazendo a sua maior vítima: o próprio conhecimento.

Aliás, nunca se usou tanto a autoridade do Nobel para apontar os desvios doentios do nosso sistema acadêmico e científico quanto em 2013. Randy Schekman, um dos ganhadores do Nobel de Medicina deste ano, em recente artigo no jornal espanhol El País, acusou as revistas Nature, Science e Cell, três das maiores em sua área, de prestarem um verdadeiro desserviço à ciência, ao usarem práticas especulativas para garantir seus mercados editoriais. Schekman menciona, por exemplo, a artificial redução na quantidade de artigos aceitos, a adoção de critérios sensacionalistas na seleção dos mesmos e um absoluto descompromisso com a qualificação do debate científico.

Como estas estão entre as revistas mais conceituadas da área, são também as mais cobiçadas pelos pesquisadores. O próprio Schekman publicou muito nelas, inclusive as pesquisas que o levaram ao Nobel. Diferentemente de Higgs, que era um dissidente, Schekman também já sofreu de Normose. Porém, agora laureado, decidiu pela própria cura e prometeu evitar estas revistas daqui para adiante, sugerindo não só que todos façam o mesmo, como também que evitem avaliar o mérito acadêmico dos outros pela produção de artigos. Foi preciso um Nobel para que se libertasse da doença.

A atual Normose acadêmica se deve à "meritocracia produtivista" implantada nas universidades, cujos instrumentos para garantir a disciplina e esta doentia normalidade são os sistemas de avaliação de pesquisadores e de programas de pós-graduação, capitaneados principalmente pela CAPES e CNPq. Estes sistemas têm transformado, nas últimas décadas, docentes e alunos em burocráticos produtores de artigos, afastando-os dos reais problemas da ciência e da sociedade, bem como da busca por conhecimentos e pensamentos realmente novos. A exigência de produtividade é um estímulo ao status quo, obstruindo a criatividade, a iniciativa, o senso crítico e a inovação, pois inovar, criar, empreender, fugir ao normal pode ser perigoso e incerto. E pior, pode ser arriscado, quando se tem metas produtivas a cumprir. Portanto, não é desejável. O mais seguro é fazer "mais do mesmo", que é

ao que a Normose acadêmica condenou as universidades e seus integrantes.

Isto ocorre, em parte, porque o sistema meritocrático da Academia funciona como uma burocracia. Aliás, como bem ensinou Max Weber, a burocracia é uma força modeladora inescapável quando se racionaliza e se regulamenta algum campo de atividade, como acontece no sistema científico atual. Para supostamente discriminar por mérito pessoas e organizações acadêmicas, montou-se um tal sistema de regras, critérios avaliativos, hierarquias de valor, indicadores, etc., que a burocratização das ações acadêmicas tornou-se inevitável. Agora é este sistema que orienta as ações dos acadêmicos, afastando-os de seus próprios valores, desejos e convicções, para agirem em função da conveniência em relação aos processos avaliativos, visando controlar os benefícios ou penalidades que estes lhes impõem.

Pessoas sob regimes de avaliação meritocráticos se tornam burocratas comportamentais. E, uma vez já burocratas, pela primazia da conformidade organizacional a que se submetem, tornam-se inexoravelmente impessoalistas, formalistas, ritualistas e avessos a riscos e a mudanças. Tornam-se normóticos, preferindo, no caso da Academia, uma produção sem significado, sem relevância, sem substância inovadora – porém segura... – a aventurarem-se incertamente em busca do novo.

Na Academia, todos sabem que, de certa forma, estes sistemas de avaliação acadêmicos têm levado a um produtivismo estéril, mas isto não tem sido suficiente para mudar nem as condutas pessoais, nem as diretrizes dos próprios sistemas, porque a Normose é uma doença coletiva, não individual. Ela advém da necessidade de legitimação do indivíduo frente ao sistema de regras, normas, valores e significados que se impõe a ele. Por isto é que o pesquisador australiano Stewart Clegg, certa vez, afirmou que “pesquisadores que buscam legitimação profissional podem, com muita facilidade, ser pressionados a aprender mais e mais sobre problemas cada vez mais desinteressantes e irrelevantes, ou a investigar mais e mais soluções que não funcionam”.

Num cenário assim, pouco adiantam as advertências da editora-chefe da revista *Science*, Marcia McNutt, publicados no “*Estadão*”, quanto ao fato de que “a ciência brasileira precisa ser mais corajosa e mais ousada”, se quiser crescer em relevância no cenário internacional. Segundo ela, para criar essa coragem é preciso aprender a correr riscos, e aceitar a possibilidade de fracasso como um elemento intrínseco do processo científico. Mas, quando as pessoas são penalizadas pelo fracasso, ou são ensinadas que fracassar não é um resultado aceitável, elas deixam de arriscar; e quem não arrisca não produz grandes descobertas, produz apenas ciência incremental, de baixo impacto, o que, segundo ela, atualmente é o perfil geral da ciência brasileira. É a Normose acadêmica “à brasileira”, observada de fora de nossas fronteiras.

Somos todos normóticos, inseridos em um sistema acadêmico de formação de pesquisadores e de produção de conhecimentos que poderia ser descrito, sob esta perspectiva, como “doente”, e nossa Normose acadêmica tem feito, em nossas universidades, naufragar o pensamento criativo e a iniciativa para o novo. Sem eles, porém, não há futuro para a vida intelectual dentro delas, nem na ciência nem nas artes.



Pesquisa na Transamazônica: Google, atoleiros, lontra (*Lutra longicaudis*) e borboletovia

Mariluce Paes-de-Souza
Theophilo Alves de Souza Filho
Eugenio Avila Pedrozo
Tania Nunes da Silva

“Tinha uma lontra no meio do caminho... no meio do caminho tinha uma lontra”. Isso já é o epílogo de nossa viagem a Lábrea/AM. Pesquisar na Amazônia requer, antes de mais nada, espírito de aventura e muita coragem. São muitas as histórias que teríamos para narrar. No entanto, escolhemos, para publicar nesse livro, uma que aconteceu quando nós pensamos em visitar a cidade de Lábrea, situada às margens do Rio Purus, no Estado do Amazonas. O motivo da viagem era para cumprir um dos objetivos de um projeto de pesquisa sobre a castanha do Brasil, apoiado pelo CNPq, projeto este que abrange 6 Estados da Região Norte, uma parceria entre nós, pesquisadores da Unir/RO e UFRGS/RS.

A primeira tentativa de chegar a Lábrea já foi frustrada. Por outro lado, cremos que esta tentativa inicial merece algum comentário. Lábrea é uma cidade localizada no Estado do Amazonas. Porém, o acesso mais fácil a ela é por Rondônia, pela conhecida BR Transamazônica. Pois o episódio deu-se assim: era final do mês de maio de 2013. Consultamos o Google, que evidenciou que seriam 3 horas de viagem de Humaitá/AM à Lábrea/AM. Saímos de Porto Velho/RO de carro, em uma pick-up – L 200 cabine dupla. Ao chegarmos no entroncamento da BR 319 com a Transamazônica (uma estrada com leito de barro), no sentido Lábrea, verificamos que havia chovido muito durante o dia e, em decorrência disto, havia muita lama e grandes “crateras”. Tínhamos dúvidas sobre as reais condições da via, e, por isso, fomos até a cidade de Humaitá/AM, situada à margem esquerda do Rio Madeira. Num posto de gasolina BR, fomos informados que “nem caminhão grande” estava passando, e que, se nos arriscássemos, era certo que ficaríamos “atolados”. Voltamos até a entrada da estrada novamente para obter mais informações e encontramos um caminhão que havia retornado do “meio do caminho” por que havia atolado, estourado pneus, etc. Uma certa desconfiança bateu,

pois o pessoal do caminhão, que estava para reiniciar sua viagem à Lábrea, convidou-nos para acompanhá-los. Nós, em uma caminhonete, e eles, em um caminhão. Conversando com pessoas de Humaitá, percebemos que o Google não leva em consideração condições inadequadas das estradas e que, portanto, estava "ligeiramente" incorreto. Seriam 12 horas de viagem, se tudo desse certo...

Como a programação inicial da equipe não permitia uma extensão tão significativa do cronograma, decidimos fazer uma prospecção em Humaitá/AM mesmo. Chegando ao modesto hotel local, encontramos quatro motociclistas que acabavam de chegar de Lábrea. Estavam todos cobertos de lama. Fomos agraciados com dormitórios que, no mês anterior, foram utilizados pelo Governador e pelo Vice-Governador do Estado do Amazonas. Eram apartamentos amplos, mas com problemas de manutenção. Nada funcionava perfeitamente, e havia até aranhas, lagartos e pequenas rãs. Talvez por não serem ocupados com frequência, havia tantos hóspedes ilustres nesses apartamentos. O proprietário, que morava no próprio hotel, foi solicitado, e atenciosamente providenciou a limpeza, tendo removido os aracnídeos, batráquios e outros. "Agasalhamos" nossas coisas, depois de retirá-las de sacos de polipropileno (medida necessária para evitar o pó e a chuva na viagem). Pensamos num banho quente e gostoso, mas... bateram nas portas de nossos apartamentos. Abrimos as portas e nos deparamos com uma equipe de policiais fortemente armados, à procura de um foragido do sistema prisional local. Depois de tantas emoções, para não perder o hábito, entramos na internet para ver os e-mails. Já era início da noite.

Após o "inverno" amazônico, foi organizada novamente uma ida de carro à cidade de Lábrea. Afinal, esse local atende a todos os critérios estabelecidos para efetuar a pesquisa numa amostra representativa do Estado do Amazonas. Dessa vez, o empreendimento foi feito já em meados de agosto de 2013. Alugamos um carro com tração 4X4, e passaram a integrar a equipe quatro pesquisadores da Unir, nascidos, criados e bem experientes com pesquisas na Amazônia. Nos preparativos, como é de praxe, arrumamos um isopor com frutas, iogurtes, água, biscoitos e muito gelo. Alimentos suficientes para suprir a equipe por um dia, caso houvesse algum contratempo, como atoleiros ou pontes caídas, por exemplo, ou mesmo, para esperar as balsas.

Saímos bem cedo, quase amanhecendo o dia, pois tínhamos uma balsa para atravessar e 400 km de estrada para percorrer, sem saber ao certo as condições de tráfego que a Transamazônica se encontrava no trecho entre Humaitá e Lábrea. O percurso Porto Velho – Humaitá, de 200 km, é de estrada asfaltada, foi uma maravilha. Paisagens belíssimas, ouvindo música, bom papo com os nossos amigos. Já fazia algum tempo não compartilhávamos uma aventura com este grupo. Fomos tirando fotos, uma visão diferenciada de um amanhecer amazônico.

Entrando na Transamazônica, como esperado, a estrada estava em recuperação... Na verdade, imensos tratores estavam "raspando" o barro amarelo, eliminando as valas para nivelar (tanto quanto fosse possível), nos trechos mais comprometidos. No entanto, o trabalho era lento e, ao avançarmos rumo ao nosso destino, tivemos que passar por grandes atoleiros, daqueles em que se precisava ativar a tração nas quatro rodas... Mas pros-

seguimos devagar, com todo o cuidado. Os próximos 200 km de "estrada de chão" deixaram a equipe sempre alerta, exigindo muito paciência. As pontes, as balsas, as curvas e os atoleiros requeriam atenção dobrada. Mas esta ainda era uma visão de um "trecho bom" da Transamazônica.

Prosseguindo na estrada, começaram a surgir borboletas, muitas borboletas, milhares delas. Elas estavam migrando para um destino contrário ao nosso, em alguns momentos amontoavam-se na beira da estrada e em outros voavam coloridas, lindas, pareciam alegres a nos saudar. Admirando as borboletas, brincamos, demos atributos àquela cena e, por fim, a denominamos de BORBOLETOVIA. Um recorde de borboletas voando em um canal formado entre a floresta e a estrada.

A viagem seguia seu rumo, mas "de repente" o copiloto, até então muito tranquilo e elegante, falou para o motorista: "Olha um bicho atravessando a estrada". Ouvimos um baque, "puf, puf...", o pneu do carro bateu num animal, que ficou imóvel, no leito da via. Um sentimento de culpa logo tomou conta de todos. Havíamos atropelado um animal. Paramos o carro, e o motorista e seu ajudante desceram para verificar quais era as condições do animal. Era uma lontra. Como ela mostrava sinais de vida, o sentimento era de "salvar" o animal. Pegaram um pedaço de madeira e começaram a "cutucar", tiraram fotos e nós no carro, estávamos apreensivas que a lontra pulasse e os mordesse. Ela continuava parada, inerte. Porém, de um momento para outro, ela se levantou e correu velozmente para a floresta, deixando os dois pesquisadores espantados e "boquiabertos". Mas felizes. Afinal, não haviam morto a lontra.

Essa história continua: chegamos a Lábrea no meio da tarde, foram mais de 10 horas de viagem. A estada em Lábrea, as visitas e os levantamentos, foram todos efetivados com relativa tranquilidade. Mas havia ainda outro destino, que tínhamos de fazer de barco tipo "voadeira", em uma comunidade indígena chamada "Ilha Verde". Nesta ilha vivem os povos de duas tribos que se harmonizaram, os Palmaris e os Apurinãs. Após duas horas de subida pelo Rio Purus e depois pelo Rio Ituxi... Porém, essa é uma longa história que contaremos em outra oportunidade... Vamos pesquisar na Amazônia! As emoções sempre vêm junto com as pesquisas, mesmo que nem sempre o Google seja exato e que nem tenha detectado a Borboletovia nem aquela lontra no meio do caminho. E isto sem falar nas aventuras fluviais, que também já são outra estória...

Amizade e solidariedade



O Exercício da solidariedade

De Ré - César Augusto Tejera De Ré

Considero o exercício da solidariedade como um dos principais, senão o mais importante, dos comportamentos humanos. Assim como Eduardo Galeano – o escritor uruguaio – eu não acredito em caridade. Caridade é vertical, vem de cima para baixo e exige subserviência. Solidariedade, pelo contrário, é horizontal, é uma relação entre iguais. Não espera reconhecimento. Aprendi em casa, com minha mãe, com sua prática sempre generosa para com os humildes. Posteriormente, algumas das experiências vivenciadas na vida real, juntamente com gestos de solidariedade humana que recebi, consolidaram esse meu entendimento.

Entre 1971 e 1972, estive preso devido à minha militância política, enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Inicialmente, fiquei três meses preso no DOPS, em Porto Alegre. Depois, fui transferido para um quartel em Alegrete e, posteriormente, para a Ilha do Presídio, em Porto Alegre.

No período em que estive preso em Alegrete, era inverno e a cela onde estávamos era extremamente fria, pois era toda gradeada e ficava na entrada do quartel, o qual ficava num descampado, no alto de uma coxilha, sem nenhuma proteção natural contra o vento. Todos os militares, independentemente de sua patente, eram proibidos de se comunicar com os presos. Numa noite fria, dessas que caracterizam o inverno da Região da Campanha, no Rio Grande do Sul, por volta da meia-noite, a luz da cela foi acesa e um sargento, de nome Barbosa, nos disse:

— Gurizada, eu estava no rancho, tomando um café, e achei que vocês também gostariam de tomar um gole de café bem quente, pois a noite está muito fria.

Por entre as grades da porta da cela nos passou algumas garrafas de café preto, mesmo sob o risco de ser disciplinarmente punido. Em silêncio e emocionados, bebemos aquele café, que, seguramente, foi o mais gostoso que tomei em minha vida.

Quando houve o relaxamento de minha prisão, tratei de procurar trabalho, pois não podia continuar onerando meus pais, que tiravam seu sustento de uma pequena loja de lãs e miudezas. Como ex-preso político, tive enorme dificuldade para conseguir um emprego. Naquela época era comum as empresas exigirem atestado de bons antecedentes junto ao DOPS. Como não podia dizer que estivera preso, precisei criar uma história que fosse veros-

símil e que explicasse o motivo pelo qual tinha saído da empresa anterior, que era um excelente emprego, e estava há quase dois anos sem trabalhar.

A caro custo, consegui um emprego numa empresa que exigia que fosse fazer um estágio em sua matriz, em São Paulo, durante três meses. A condição de liberdade condicional em que me encontrava me obrigava a ir todas as semanas à Auditoria Militar, assinar um livro de presença. Se não o fizesse, a liberdade condicional seria revogada. A empresa na qual estava me candidatando, por sua vez, só permitia meu retorno a Porto Alegre a cada trinta dias.

Procurei o então secretário da Auditoria Militar e expliquei minha situação. Num gesto de desprendimento pessoal, Sr. Alziro (se bem me lembro, esse era seu nome) disse-me que deixaria uma linha em branco a cada semana, a qual deveria assinar quando viesse a Porto Alegre. E assim foi feito, mensalmente eu ia até a Auditoria e assinava as linhas em branco. Dessa forma, pude me reinserir no mundo profissional.

Em 1982, eu trabalhava na empresa de informática que pertencia ao Banrisul. Nessa época, o Banco editava uma revista interna destinada aos seus funcionários. Como forma de divulgar a importância da informática para o Banco, foi feita uma edição dessa revista sobre a empresa de informática. Como eu era o gerente administrativo, fiz todas as tratativas com o jornalista responsável. Provavelmente para ser simpático, ele colocou minha foto em uma página destacada, logo abaixo da foto do gerente geral da empresa. Em 1986, eu saí dessa empresa para ir trabalhar em outra. Foi então que o gerente geral me relatou o que tinha acontecido em 1982. Quando a revista foi publicada, o militar responsável pelo SNI (Serviço Nacional de Informações) no Rio Grande do Sul, portando um exemplar da revista, procurou o Prof. Babot Miranda, então presidente do Banrisul, exigindo que eu fosse demitido, pois dizia que eu era uma ameaça à segurança nacional, que eles sabiam que eu trabalhava na empresa, mas desconheciam que minha posição era tão importante, como demonstrado na revista. O Prof. Babot Miranda chamou a direção da empresa de informática e perguntou se eu era um profissional competente. Ante a resposta positiva, ele se virou para o representante do SNI e disse que eu não seria demitido, pois o simples fato de eu ser um comunista, como ele alegava, não justificava a demissão.

Vivenciei vários outros exemplos de solidariedade (embora também tenha experimentado momentos de sua total ausência), mas, para mim, esses foram emblemáticos. Sempre me pergunto o que teria levado esses homens a tomar aquelas atitudes, mesmo correndo o risco de sofrerem represálias em suas carreiras profissionais. Certamente não foi a comunhão de ideias, pois com eles nunca troquei qualquer palavra, a não ser eventuais cumprimentos protocolares. Quero crer que, independentemente de suas crenças políticas, remanescia neles uma esperança, um desejo, de um mundo melhor, no qual a solidariedade deva ser a premissa maior da convivência humana.

Desde que me tornei professor, essa é a lição que tento ensinar aos meus alunos.



Crônica de uma saudade

Flavia Luciane Scherer

Chegou janeiro de 2014. O tão esperado novo ano trouxe consigo, apressadamente, a notícia de que meu grande amigo mineiro, Márcio Rubens Prado, havia falecido. Tardiamente avisada, não pude despedir-me dele. E, só naquele momento, percebi que nosso último encontro havia sido em fevereiro de 2007, ocasião em que concluí meu doutoramento na UFMG.

O período de doutoramento costuma ser uma etapa peculiar na vida de um profissional, na maioria das vezes, docente em Instituições de Ensino Superior. Aqueles que conseguem chegar ao doutorado com afastamento total, como foi o meu caso e o de outros colegas, gozam do privilégio de estarem distantes dos “mundos” que os circundavam em suas instituições. Rivalidades, problemas, destemperos, desânimos... Tudo pôde ser deixado para trás. Pelo menos, por algum tempo.

E assim, o pesquisador (em sua maioria, jovem) vê-se diante de uma nova realidade, em que lhe é dada a oportunidade de mostrar a que veio, em que a reflexão é subitamente jogada em seu rosto, em que a maturidade vai sendo forjada aos poucos e que, muitas vezes, sente-se inseguro diante de tantas dúvidas. Mas o que é a “dúvida” se não uma “porta para o conhecimento”?

Pois bem, o pesquisador em formação enche-se de motivação e de orgulho por fazer parte de um grupo tão seleta – ao menos, é o que lhe dizem na semana de recepção – e passa a dedicar seu tempo às leituras, às discussões, às tentativas de encontrar respostas adequadas e, fundamentalmente, à busca insana por um bom problema de pesquisa.

E é nesse momento, parafraseando meu mestre Carlos Alberto Gonçalves, que o pesquisador entra em sua bolha teórica e lá ele encontra amparo. Sente-se seguro e até se arrisca a pensar em modelagens com diversas variáveis e distintos níveis de análise. Considera-se apto a desenvolver seu estudo e acredita que poderá trazer contribuições importantes a partir dele.

E a tal “bolha teórica” pode durar uma vida toda. Infelizmente. Ao contrário, em afortunadas ocasiões, o jovem pesquisador percebe que há um mundo lá fora, onde “regularidades” não são, de fato, “regulares”. Que “padrões” são meras simplificações teóricas que nos permitem lidar simultaneamente com um conjunto limitado de opções. Que todo o conhecimento é fragmentado e, portanto, parcial. E que ele, o pesquisador, é apenas uma peça no

gigante quebra-cabeça da descrição da realidade.

Aliviado por perceber sua pequenez, o pesquisador, algumas vezes, dedica-se a ampliar seus horizontes, fugindo do absolutismo cartesiano. E joga-se em caminhos pouco caminhados. E a busca por respostas vai "criando asas". E ele vai "alçando voos mais amplos", que lhe permitem ver não somente a árvore, mas a floresta inteira.

Algumas vezes, o pesquisador – neste caso, esta pesquisadora – tem a satisfação de encontrar pessoas que lhe mostram mundos diferentes, olhares distintos, perspectivas até então ignoradas. E então, tal como está na Bíblia, "faz-se a luz...", e tudo passa a ter outro sentido. Ou sentidos.

E é aí que a minha história se cruzou com a do saudoso e insubstituível Márcio Rubens Prado. Mineiro, nascido na pequena Guanhanês. Modestamente, chamava a sua cidade natal de centro de sistema solar. Figura ímpar, dotado de um senso de humor refinado e de cultura admirável, Márcio colecionava admiradores por onde passava, e seu carisma fazia com que muitos sentassem à sua volta, apenas para ouvi-lo contar repetidas vezes sua coleção de "causos". Personagens memoráveis entravam em nossas vidas e muitos bordões surgiam em cada história recriada por ele.

Embora tivéssemos quase quarenta anos separando nossas idades, tivemos uma identificação instantânea. No dia em que eu o conheci, já sabia que tinha encontrado um grande amigo. Um irmão de outras vidas (para quem acredita que elas existam). Graças à sua paixão pelo Grêmio, a empatia foi ainda mais rápida, e nossas primeiras charlas tratavam do mundo futebolístico, à época, um dos meus interesses. Além da tese que nascia, obviamente.

Falávamos todos os finais de semana e Márcio, diante de minha juventude, assumiu o papel de tutor, mostrando-me parte de seu universo literário. Conseguiu despertar em mim o gosto pela leitura de ficção – há tempos por mim deixada de lado. A leitura acadêmica mostrava-se necessária e, algumas vezes, interessante. Mas havia um outro mundo lá fora, esperando para ser desvendado.

Jornalista, publicitário, escritor, revisor, boêmio, de esquerda. Tudo isso era Márcio Prado. E muito mais. Figura que não poderia ser resumida em poucas palavras, com uma vida plena de boas histórias. E um amigo de coração gigante.

Fizemos uma promessa de que jogaríamos sempre na mega-sena, e que, se um ganhasse primeiro, daria uma boa quantia ao outro. Mas qual, o quê... Ele deixou-me sem meus milhões e com reduzidas chances de enriquecer.

Porque ser pesquisador não é, obviamente, um caminho fácil para o enriquecimento. Pelo menos, não se estivermos pensando nas Ciências Sociais. Aplicadas ou não, não são consideradas de primeira grandeza e, reduzidas à sua pequenez, obtêm baixo reconhecimento de todas as naturezas, incluindo o monetário.

Mas não é sobre dinheiro que quero falar. Quero dizer da minha gigantesca saudade de meu amigo mineiro. Nos vimos, pela última vez, em março de 2007. Sabedor de que meu próximo retorno ao "País das Gerais" – como ele dizia... – não seria em breve ou mesmo provável, preferiu não despedir-se na forma tradicional e deu-nos um belo "carão" em minha festa de despedida.

Em sua defesa, disse-me que não gostava de despedidas. Que preferia pensar que seria um "até breve".

E, de fato, o foi, porque mantivemos a amizade e o afeto que tínhamos e passamos a trocar cartas semanais. Algumas memoráveis. Especialmente quando ele, generoso, tratava de atualizar-me sobre as andanças de nossos amigos. Fulano está de namorada nova. Beltrano continua contando as mesmas piadas sem graça. Algumas vezes dizia-me de amigos que estavam adoentados e mostrava-se preocupado.

Márcio incentivava-me a escrever. Generoso, via em minhas cartas algo promissor e dizia que eu deveria dedicar-me à escrita. "Você é do ramo, garota", dizia ele. Talvez quisesse apenas motivar-me para que não perdêssemos o hábito de nos corresponder. Mas é fato que voltei a gostar de escrever livremente. Sem a preocupação com citações, autores, obras e referências.

Em 26 de maio de 2013, Márcio completou 80 anos. Com direito a uma festa-surpresa e a homenagens. Não consegui estar lá. Não nos vimos. E, novamente, não nos despedimos. Minha ausência doeu fundo quando soube de sua prematura morte. Pessoas geniais deveriam viver por centenas de anos, espalhando sabedoria e, no caso do meu amigo, alegria.

E então volto ao ponto inicial. O doutoramento foi um período intenso em minha vida. Academicamente, deparei-me com minhas fragilidades e angústias. Pessoalmente, enfrentei a separação de minha família e de meu marido. Fiquei sozinha diante de muitos medos.

Mas tudo valeu a pena. Não mudei o mundo, não fiquei famosa, não virei referência em minha área de estudos. Fui atrás das regularidades e dos padrões, trilhei o caminho menos arriscado. Nem sempre este é o mais promissor. Ao final de quatro anos, tornei-me doutora e demorei algum tempo para acostumar-me com o título. Na caminhada, ganhei amigos, dividi momentos de profunda emoção com pessoas especiais. Muitas delas deixaram marcas e saudades em minha vida.

E o Márcio foi uma delas. Olhando sua foto em nossa mesa de centro, minha filha Cecília pergunta: "Tu sente saudade do tio Márcio, mãe?" "Sinto muita saudade", é a minha resposta. "Ele virou uma estrelinha brilhante, mamãe. É legal,,". Ah, a inspiradora lógica infantil...

Tens razão, minha filha. Deve ser bem legal virar uma estrelinha brilhante.



Carta de agradecimento aos amigos

Martiele Cortes Borges

Nos últimos meses, tenho pensado muito a respeito do que significa a palavra "felicidade". Para mim, sempre foi um sentimento confuso, muito complicado de definir. No entanto, refletindo, nesse momento, sobre as coisas pelas quais passei até me tornar a pessoa que sou hoje, sinto uma felicidade que não sentia há muitos anos. As pessoas planejam suas vidas traçando metas (geralmente materiais), pensando em ter um emprego que remunere bem, que possam pagar pelos gastos que terão com a vida mais confortável que pensam em ter. Cresci pensando que estudar e trabalhar seriam as únicas coisas que poderiam me trazer alegrias e me satisfazer pessoalmente. Mas a vida não anda como planejamos. Às vezes, ela segue rumos que desconhecemos. E nos sentimos perdidos. Comigo não foi diferente...

O ano de 2013 foi marcado por muitas mudanças em minha vida. No início do ano, me formei na faculdade, e estava em busca de novas ofertas de emprego, de novos desafios e possibilidades. Apesar de não estar tão contente com a vida que havia levado até o momento, sou grata pelas oportunidades que essas escolhas me possibilitaram. Foi então que, para o meu desespero, me vi em uma situação totalmente nova: vi-me obrigada a ir embora de casa, sem emprego e sem dinheiro para continuar estudando. Nesse momento, percebi que devia tomar as decisões mais difíceis até então: tive que pensar em desistir de estudar. E fiquei muito triste com isto. Para mim, estudar era a única forma de conseguir um bom emprego, emprego esse que me traria os benefícios materiais que pensei que era a felicidade que eu estava buscando a vida toda.

Eu sempre tive amigos. Não muitos, porque não sou uma pessoa muito aberta. E até penso que, às vezes, sou tão fechada que passo por braba. Os amigos que eu tinha, no entanto sempre foram de muita confiança e carinho. Até sair de casa, eu nunca havia parado para pensar que sempre considerei meus amigos como parte da família. Uma pessoa que morava comigo sempre reclamou que eu ajudava meus amigos, e que eu deveria tomar cuidado. Porque, na hora em que precisasse, somente a família estaria ao meu lado... Fui embora de casa, e avisei uma amiga da situação, ela prontamente se comoveu e veio até mim para buscar minhas malas. A família dela me ofereceu sua casa e, mais do que isso, me ofereceu um lugar na própria família. Outros amigos me ligaram e ofereceram ajuda. Nesse dia, percebi que eu es-

tava cercada de pessoas que gostavam de mim e que talvez eu nunca tenha valorizado como deveria. Uma pessoa se ofereceu para pagar meus estudos, outra me conseguiu um emprego. Passou muitos meses até que eu conseguisse uma moradia fixa, percorri o trecho Gravataí-Canoas-Porto Alegre, dependendo do dia eu ia para uma casa ou outra. Não queria sobrecarregar ninguém. Cheguei até a ficar "famosa", pela mala pequena que carregava para todos os lados.

Quando houve a tal "onda de protestos" (os articulados por meio das redes sociais), eu estava saindo da aula e não consegui pegar um ônibus para voltar. Já era tarde, e as confusões se aproximaram de onde eu estava, fiquei desesperada, porque não havia ninguém para quem pedir ajuda... Quando saí de casa, eu saí da família. E, diferentemente do que a pessoa que morava comigo me disse, na hora em que precisei da família, eu fiquei sozinha. Para minha surpresa, recebi algumas ligações de amigos que se preocuparam comigo, e uma delas saiu de sua casa, perto de Porto Alegre, e veio me buscar. Naquele dia, eu pensei: posso não ter conquistado o emprego de remuneração alta, aquele que me daria conforto, mas percebi que passar por essas dificuldades me fez enxergar que a vida não é feita apenas de bens materiais. Não sou uma pessoa muito fácil de demonstrar sentimentos, mas percebi que, em algum momento da vida, eu precisaria agradecer a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa da minha vida e mostrar que hoje sou uma nova pessoa.

Aqui estou, relatando fatos da minha vida que me fizeram perceber que as pessoas que estão ao meu lado, hoje, fazem parte de uma nova etapa, uma fase em que estou profundamente satisfeita com o meu trabalho, que vivo com pessoas que me amam e que ganhei uma nova família, pois eles me escolheram e assim me denominam. Relatando isso, descobri o que no início me inquietava: finalmente descobri o sentido da palavra felicidade. Agora que aprendi esse sentimento, gostaria de compartilhar a alegria de ter passado pelo que passei. Pois, sem isso, não saberia que tenho tantos amigos, e não saberia o verdadeiro sentido de ser feliz. Muito obrigada a todos que, em algum momento, me estenderam a mão e foram capazes de me dar um pouco de carinho. Saibam que eu levarei isso comigo a vida toda!



Achados e perdidos: um GPS na Augusta

Dani - Daniela Callegaro de Menezes

Deisi V. Becker

Sandra Regina Cela

No caminho de volta para casa, indo para Congonhas entre lembranças, risos e comentários, pensamos: a nossa aventura de domingo à noite não poderia ficar só na lembrança, precisávamos escrever sobre ela. Então lá vai a narrativa: Um bom professor, zeloso por seus pupilos e pelo nosso grupo de pesquisa propôs, antes do evento, que pensássemos e sugeríssemos uma programação cultural para aqueles que chegariam no domingo em São Paulo. Encontramos uma peça de teatro chamada "No quarto ao lado". Escolhemos essa peça, principalmente, porque, na sinopse, falava-se no método científico. O que pode ser mais atraente para um grupo de pesquisa do que o método científico? Muito boa, engraçada, lavamos a alma dando gargalhadas. Na saída veio a inesquecível sugestão: Vamos jantar? Sim! Foi a resposta dada em coro pelos queridos e amados pupilos. E o professor sugeriu uma padaria famosa e excelente, a Bella Paulista. Estávamos na Av. São Luís (no centro) e seguimos pela Rua Augusta. E a padaria era na Rua Haddock Lobo, praticamente na Av. Paulista. Todos famintos, aceitamos na hora, só faltava decidir como íamos. Perguntamos para o segurança do teatro e ele disse que estávamos a uns quinze minutos da padaria (e nós cáímos no conto! Será que ele era amigo do professor?). Como éramos 9 pessoas, acreditamos que seria uma boa ideia irmos a pé, até porque nenhum táxi nos levaria por uma distância tão pequena (olha a pegada ecológica aí, gente!). 15 minutos de caminhada e chegamos... No restaurante Família Mancini: Lindo, romântico, com muito verde, fresquinho (o calor na rua estava de matar!), com luzinhas enfeitando a rua, ficamos atraídos por aquela vila tão simpática e belos sonhos passaram em nossas mentes: que lugar maravilhoso para sentar e comer!! Numa consulta geral, muitos curtiram a ideia de ficar, mas o nosso professor disse: Vamos na padaria! Lá é muito melhor, tem lanche, não vamos ficar com a barriga pesada e quem quiser comida, também tem. Ok, falta pouco, já andamos 15 minutos, vamos lá! 15 minutos depois, já cansados de subir a Rua Augusta perguntamos para um segurança sobre a padaria. A notícia dada foi: fica a 1 km daqui. Estão vendo

aquela luz piscante na torre? É lá! (Que luz piscante? Aquela minúscula?). À medida que avançávamos, a luz piscante parecia estar cada vez mais longe! Mas, tal como os Reis Magos, seguimos aquela estrela iluminada passando por casas noturnas assustadoras, inferninhos chamados "Inferno", e outras situações um tanto ameaçadoras. Enfim, foi uma aventura que durou em torno de 40 minutos e, para os nossos pés, os 2,3 km se transformaram em 10 km. Nosso querido professor, o mais legal do Brasil, definitivamente nos proporciona experiências incríveis! Nunca pensamos em fazer uma pesquisa etnográfica no submundo paulista, menos ainda um trekking morro acima às 22:00. E, na saída da padaria, ele perguntou: quem volta comigo a pé? O pior é que muitos aceitaram! Você pode pensar: "mas porque aceitaram esse programa?" E porque não desistiram no meio do caminho? Afinal, o que não falta em SP é transporte. Primeiro, porque é impossível dizer um "não" para o jeito querido, sedutor e emocionado do Coronel Nascimento. Segundo, porque, se nosso mestre demonstra tanta alegria, empolgação, dinamicidade e persistência, e isto nos orgulha, estamos aí para acompanhá-lo. Mas, podemos fazer um singelo pedido? Da próxima vez, pelo menos, podemos deixar o salto alto em casa?



Querido Papai Noel

José Mauro C. Hernandez

Neste ano, eu não fui um filho tão bom. Nem tão bom pai. Para ser sincero, não fui nem tão bom marido nem tão bom amigo quanto meus amigos foram comigo. Me faltaram tempo e energia. Portanto, pensando bem, acho melhor não pedir nada neste Natal. Mas já que comecei esta cartinha, vou aproveitar para agradecer por todos os belos presentes que você tem me dado nestes Natais. Você colocou grandes amigos na minha frente. Amigos que me ajudaram quando eu precisei, que riram comigo quando eu estava feliz, que me consolaram quando eu estava triste e que se deixaram consolar quando estavam tristes. E mesmo aqueles amigos que você me deu que não eram tão grandes amigos assim, mas que apenas me deram a chance de ser alguém melhor – mais paciente, mais tolerante, mais sábio. Você me deu uma família maravilhosa. Pais que sempre estiveram ao meu lado, mesmo quando eu não estava ao lado deles. Uma esposa que me entende, me acalma quando estou desesperado, me ama quando estou triste e me afaga quando estou carente. Você me deu duas filhas cujo sorriso é suficiente para acabar com qualquer temor de que a vida não valha a pena. Todos eles aceitam o meu mau humor e o meu humor diferente. Melhor presente que este eu não poderia ter. Você me deu uma saúde excepcional. Não tenho palavras para dizer quanto sou agradecido por conseguir andar, correr, jogar, subir, descer, pular, enxergar, ouvir, sentir e respirar – quando eu quero. E quando sinto uma dorzinha aqui ou ali sei que é para me lembrar de como será bom quando elas se forem. Você me deu um grande trabalho que me deu grandes realizações. E se não consegui mais até hoje, sei que não foi culpa sua. Talvez eu não tenha conseguido usar todas as capacidades que você me deu para fazer ainda mais. Neste trabalho, eu conheci pessoas muito inteligentes, que me deram boas lições e pessoas nem tão inteligentes, e que me deram as mais sábias lições. Você me deu grandes mestres e grandes alunos. De cada um deles consegui obter ensinamentos que carrego comigo todos os dias. Você me deu mais viagens do que eu sonhei um dia viajar. Você me deu vinhos para alegrar o espírito e sabedoria para saber quando o espírito já estava suficientemente alegre. Você me deu mais dinheiro do que eu precisava gastar. Você me deu mais livros do que tive olhos para ler. Mais músicas do que consegui ouvir. Mais protestos do que consegui protestar. Você me deu alegrias, tristezas, sabores e dissabores na medida certa para

moldar o meu espírito. Você me deu grandes esperanças. Esperanças de que no ano que vem eu possa meditar mais, jogar mais tênis, fazer mais Yoga, escrever mais artigos, ler mais livros, viajar mais, ir mais ao cinema, passear mais no parque, contar mais histórias, aprender mais. Esperanças de que eu possa mudar o mundo. Por tudo isto, Papai Noel, sou extremamente agradecido. Será que você não poderia usar seu poder mágico para dar tudo isto para as outras pessoas também? Às vezes, sinto que, entre os homens, falta paz, sabedoria, compreensão, otimismo, coragem, fé, ousadia, paciência, solidariedade e tolerância. Por favor, encha o seu saco com muito de cada uma destas qualidades e espalhe-as nesta noite de Natal. Dirija seu trenó por todos os cantos do mundo e vá despejando o conteúdo do seu saco por onde passar. Não importa que as pessoas queiram presentes de verdade. Se elas tiverem a mesma sorte que eu, vão saber que estes são os mais lindos presentes que alguém pode receber. Obrigado, Papai Noel.

*Livros, autores
& Literatura*



A caneta

Neca - Marli Knorst

Oh, amável companheira
das horas de solidão.
Quando enxergo a mão vazia,
a folha em branco,
os dedos duros,
o coração mole,
penso em ti,
nas coisas que escreveste em meu caderno,
nos rabiscos que fizeste nos meus livros,
naquilo que te confiei sem exigir segredo.
Relembro as noites que passaste em claro, ao meu lado,
esperando a inspiração que não chegou.
Tudo que seja eu, me faz lembrar de ti.
Fica comigo, dona das minhas franquezas,
senhora de meus segredos.
Não me abandona, pois eu não posso passar sem ti.

Escrita em 1976



Reflexão literária

Adriano Santos

Final de ano e todos nós chegamos a um momento de reflexão. Além do meu momento de reflexão, eu também estava procurando um presente para mim mesmo, já que o ano de 2013 foi muito intenso para mim. E, afinal de contas, um presentinho só não iria fazer mal. Aí o geminiano aqui se depara com a grande dúvida: O quê comprar? Depois de muito pensar, resolvi me render a um Kindle. Por muitos anos, tive muita resistência ao pequeno prodígio, pois achava que jamais conseguiria ler em um aparelho eletrônico sem sentir o livro, sem tocá-lo, sem ao menos ter a noção do quanto já tinha lido e de quanto faltava para terminar o livro. De qualquer forma, acabei comprando um deles.

Bom, a questão não é o kindle em si, mas o prazer que ele me proporcionou, ao ler nele vários livros que eu já havia lido na graduação e até mesmo durante toda a vida. Com o kindle na mão, eu comecei a ler mais, já que agora posso “carregar” aproximadamente 1000 livros em um lugar só. Tenho minha biblioteca pessoal pesando menos de 200 gramas.

Cheguei então à triste conclusão de que os professores de literatura, no colégio, tem o “dom”, se é que assim posso dizer, de estragar uma coisa tão boa quanto é a leitura. Pensa bem: Tu estás apenas no segundo grau (que hoje nem existe mais, foi substituído pelo “ensino médio...”) e, de repente, te mandam ler “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, sem ao menos te explicar o porquê. Aliás, até existe um “porquê”, que costumamos chamar de “prova do final do semestre”. Nada contra Euclides da Cunha, com ou sem os seus Sertões, mas me lembro de como foi penoso e difícil ler um livro tão técnico aos 14 anos. Vários livros são simplesmente “forçados goela abaixo”, sem sequer sabermos o porquê de ler aqueles livros todos. É óbvio que ler assim não faz sentido. Acho que é por isso que ouço muitos dos meus colegas de infância dizendo, até hoje, que não gostam de ler. Talvez eu também devesse ser um grande defensor da leitura obrigatória de todos os clássicos nos colégios, já que eu próprio sou graduado em Letras e habilitado em Literatura. Mas mesmo na faculdade eu via muita gente lendo só por ler, só porque “Se tu não lês, não podes cursar Letras...” E é bem curiosa a apreciação dos livros na graduação. Um dos autores mais odiados no curso de Letras é, vejamos, Paulo Coelho. Acho que os futuros profissionais das Letras têm até medo de dizer que gostam de Paulo Coelho, porque não é “cult” gostar dele. Eu mes-

mo não gosto, mas não vou explicar aqui o porquê. O importante é que, para se ter a certeza de que não se gosta de um autor X ou Y, é preciso ler, e com cuidado, pelo menos mais de um de seus livros bastante representativos.

O kindle resgatou em mim um grande prazer que me acompanha toda a vida, que é a literatura. Claro que, antes, eu já lia sem ele. O que quero dizer é que, agora, consigo vários livros com mais facilidade. De qualquer forma, acho que todos deviam ler. Todos deviam descobrir coisas novas e, acima de tudo, gostar do que estão lendo. Afinal, qual o papel do professor de literatura? Decidir o que os alunos devem ler e obrigá-los a isso, ou será que poderia ser melhor representar a figura de um guia para os alunos, e ajudá-los a construir um conhecimento baseado no prazer da leitura? Também é verdade que nem sempre podemos ler só aquilo que nos dá prazer, mas existe tempo para tudo. Ler *Os Sertões*, nestes tempos atuais, seria um exercício bem tranquilo, se meus professores não tivessem me obrigado a lê-lo no colégio, assim como todos os livros que li por obrigação e dos quais não gostei.

Nada contra qualquer dos clássicos, mas peguei este como exemplo para salientar que todos os livros que li (e dos quais gostei), certamente foram por sugestão e não por obrigação, como para uma prova no final de semestre. Estas, ao meu ver, só servem para estragar um hobby que deveria ser prazeroso e acessível a todas as pessoas.



A estrada para o conhecimento: uma percepção

Clandio Favarini Ruviaro

O conhecimento, inerente à afirmação de Protágoras de que “o homem é a medida de todas as coisas”, encontra o feliz e próprio complemento na indicação Socrática de “Conhece-te a ti mesmo”. Aristóteles leva muito adiante o estudo do homem, no qual o concebe como “indivíduo, pessoa, único”, isto é, unidade substancial de psique e corpo. Na verdade, Parmênides já havia fornecido os caminhos acerca da estrada para alcançar o verdadeiro conhecimento, mas expressou-se em uma linguagem poética. E a razão humana não havia percorrido o inteiro perímetro de seu limite e, assim, não compreendeu a verdade contida nos seus ensinamentos.

Através de um conjunto de concepções teóricas, propostas por diferentes autores, como Wertheimer, Köhler, Kafka e Lewin, surgem algumas afirmações. Dentre as principais delas estão a de Wertheimer, segundo a qual “o todo é mais do que a soma das partes; e cada parte tem características diversas, se tomada singularmente ou segundo o todo no qual está inserida” e a de Kohler, que diz que “a aprendizagem advém da reestruturação do campo cognoscitivo devido a um momento de insight, entendendo, com este termo, a capacidade criativa de sintetizar, em um outro, o elemento evidente do problema.

Carl Rogers concebeu o homem como uma realidade fundamentalmente sã e construtivamente orientada, que se expande naturalmente ao encontro com os outros e com a criatividade. Afora a psicologia humanista ou a da “terceira força”, introduzida por Maslow, a psicologia “existencial” nasceu e se afirmou na década de 1970, e viu em Rollo May o seu maior expoente. O conceito principal de seu pensamento é a autorrealização do indivíduo através da redescoberta de si e de um “centro de força” dentro de si, do qual obtém a energia vital e o conhecimento de existência.

Anteriormente, os estudos feitos sobre o psiquismo humano, em sua integralidade e radicalidade, já demonstravam a existência, na psique humana, de uma pulsão vital que pode ser identificada, individualizada, autenticada e desenvolvida em criatividade crescente. Essa pulsão da atividade psíquica de Em Si, admitindo-a a priori, é exatamente o critério que se deve utilizar para fazer ciência. Isso significa que não estão exauridos todos os problemas,

mas que, uma vez individualizado o critério e formulado o método adequado às ciências, essa consegue estabelecer a reversibilidade entre a teoria e a práxis, o que consente ao operador de ciência, seja educador ou pesquisador, a certificação, a verificação epistemológica da conclusão de seu estudo. É exatamente esta possibilidade da verificação epistemológica, por meio da reversibilidade entre teoria e prática, que constitui o caráter interdisciplinar das ciências humanas e sociais.

Para termos acesso a uma ciência humana mais precisa, necessitamos de um instrumento mais exato, necessitamos da integridade perceptiva do pesquisador. Não é suficiente que o ser humano pretenda compreender a vida, suas regras e sua ordem, tomando como base a percepção setorial externa. Somente uma epistemologia que esclareça o homem para si mesmo, que o leve a entender como se processa o conhecimento, em nível biológico, emotivo, psíquico e filosófico, poderá viabilizar uma ciência mais condizente com a vida. Uma epistemologia interdisciplinar, baseada na Psicologia, na Filosofia, nas Neurociências e na Física Quântica, poderá reunificar a dicotomia do saber, restituindo ao homem a integridade de sua percepção consciente, para que este elabore uma ciência humana baseado em evidências e coincidente com o seu ser.

Com o intuito de trazer autores iluminadores, há uma citação de Konrad Lorenz (ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia, em 1973), extraída do seu livro *Gli otto peccati capitali della nostra civiltà*: “crer que faça parte do patrimônio estável da humanidade somente aquilo que é compreensível por via racional, ou certamente apenas o que é cientificamente demonstrável, é um erro que insere consequências desastrosas [...] e induz a jogar ao mar o imenso tesouro de conhecimentos e de sabedoria contido nas tradições de todas as antigas culturas e nas doutrinas das grandes religiões universais [e a] viver na convicção de que a ciência é capaz de dar vida do nada, unicamente por via racional, a uma cultura inteira, com tudo aquilo que ela comporta”.

Ainda, autores como Longo (2004), diante de tantas diversidades teóricas acerca dos caminhos possíveis para se chegar à aproximação da certeza científica, expõem que “chegamos a acreditar que a ciência nos havia aberto as portas do paraíso, mas, em vez disso, só as fez relampejar. Há uma desconfiança difundida, senão uma recusa, em relação a uma racionalidade que se mostrou invasiva demais”. Este mesmo autor pergunta quando perdemos a orientação da ciência. O mesmo conceito de “orientação” é típico da contemporaneidade, se refere àquilo que vive na consciência. Essa consciência, facilitada pelas discussões, pelos encontros, pelos compartilhamentos de opinião e pela circulação global de quantidades de informação cada vez maiores, é acompanhada por um sentimento trágico a respeito da vida, o qual, por sua vez, é derivado do conceito que foi construído sobre a responsabilidade que o ser humano passou a perceber que tem em relação ao “outro” (as gerações futuras, os povos vencidos, os animais): trágico porque sabemos que as nossas decisões podem trazer consequências irreversíveis e irreparáveis.

A ciência, em geral, apresentou-se como uma religião. Nasceu absolutamente como substituta para a religião, porém não teve a capacidade para resolver os problemas que as religiões tradicionais, de certo modo, resolviam

ou procuravam resolver. Assim, o imaginário coletivo cultivou, em relação à ciência, expectativas de que esta passasse a ser um tipo de "Salvadora". Porém, mais tarde, esta veio trazer certo grau de frustração em relação a este papel. O homem se iludiu ao querer obter da ciência uma explicação total do mundo, o que, no entanto, nem a Física nem a Biologia, nem a Inteligência Artificial e nem qualquer das outras novas Disciplinas conseguiu dar. E talvez nem o consigam. Certamente foi uma grande desilusão. Mas essa decepção também possui aspectos positivos, porque afasta, talvez, o perigo de um reducionismo total da vida às suas dimensões racionais-computacionais.

Numa abordagem semelhante encontram-se as exposições de Augusto Cury, o qual destaca importantes limitações epistemológicas do atual método investigativo. Ele salienta que a falta de conhecimento sobre os processos de construção dos pensamentos, sobre o processo de sua interpretação e sobre os limites e alcance de uma teoria pode conduzir os pesquisadores que procuram defender teses acadêmicas a significativas limitações nas possibilidades do Pensamento. Via de regra, o homem é muito inseguro de si mesmo. E o é assim porque não se conhece, razão pela qual ele se agarra demais aos bens externos, aos saberes adquiridos. Daí a sua resistência quanto a mudar, a compartilhar experiências, a aprender coisas novas e descartar o que não é mais funcional, a estabelecer uma dialética construtiva com os demais, a conviver. Pela clássica postura maniqueísta, restrita aos extremos, ou se é um sujeito calado, retraído, acovardado diante das coisas que outros fazem ou, se é contestador, alguém que ataca, que briga para se autoafirmar, sem que se busque compreender as reais motivações de ambas as partes. Estas atitudes nada acrescentam, apenas livram o sujeito das suas angústias e do medo de ser criticado ou hostilizado. Ou, talvez, apenas os amenizem. Todo este esforço representa um enorme desgaste e uma grande perda de energias produtivas.

Por fim, da profundidade que tiver no seu autoconhecimento, o homem determina o seu grau de competência e habilidade para ver, ouvir e entender o outro. Cada um é livre e tem o poder de ser, pode fazer o que quiser de si mesmo, mas deve lembrar-se de que estas escolhas não são fatos isolados. E que, por isso, o homem é diretamente responsável pelo que faz e pelo que deixa de fazer pelo seu próprio sucesso ou fracasso, bem como pelo sucesso ou fracasso de outros, da organização e da sociedade.



Compartilhando prazeres

Ivan Antonio Pinheiro

Para muitos, a leitura é, antes de mais nada, uma necessidade profissional, na chamada "Era do Conhecimento", é quase uma obrigação continuada. Mas que, nem por isso, ao menos para alguns, passa a ser uma ocupação menos prazerosa, ainda que tenham que se restringir aos textos da sua própria área de atuação. E também há aqueles que adoram explorar outros domínios, para muito além da sua esfera profissional. E, a estes, dada a natural limitação de tempo, é imposta uma decisão, quase um dilema: que leitura priorizar? Quantas vezes já não tivemos que abrir mão, ainda que temporariamente, de um bom texto de literatura em favor de um texto ou artigo acadêmico? E o que dizer da não menos agradável leitura de textos, muitos no formato de periódicos de divulgação científica, porém considerados como "não acadêmicos" (a exemplo da História Viva, das publicações da Scientific American, entre outras), não aceitos no circuito oficial e, por conseguinte, frente ao mesmo dilema acima, também deixados de lado? Bem, leitor voraz, já há algum tempo venho tentando resolver esse impasse.

A primeira iniciativa foi o projeto Literatura & Gestão, cujo título é autoexplicativo em seus propósitos. Foi assim, dialogando com Machado de Assis, W. Shakespeare, J. P. Sartre, L. Tolstói, F. Kafka, J. Boine, F. Molnár, entre tantos outros e durante três anos, que inúmeros temas habitualmente abordados nos currículos de cursos de gestão (como a liderança, as estratégias, a motivação, as tomadas de decisão, a burocracia e o poder, para citar apenas alguns) foram vistos, revistos e debatidos junto a um público de acadêmicos e não acadêmicos. Daí, de modo não usual, e a partir de múltiplos olhares que combinaram a razão (que é tão cara à gestão) à sensibilidade. Ao final (para variar) resultou um texto: "Construindo as Pontes entre Saberes – da literatura à gestão", escrito em parceria com dois colegas.

Desde então, muitos livros e páginas deslizaram por entre os meus dedos. Na mesma linha – na tentativa de conciliar a disponibilidade de tempo entre a leitura profissional e as demais – e também para dividir com vocês, meus leitores, escolhi uma safra mais recente de livros que, se não podem ser considerados literatura, também não são acadêmicos. Dentre eles, há os que permitem explorar temas e disciplinas no domínio da gestão, a exemplo da "tomada de decisão", sobretudo a eterna "questão da racionalidade", bem como os que tratam do comportamento inovador baseado na atividade de

pesquisa. Dada (mais uma vez) a limitação de espaço-tempo desta coluna, por ora eu vou me restringir ao segundo tema, deixando o primeiro para outra oportunidade. Refiro-me aos seguintes textos: O Mapa Fantasma, de S. Johnson; Muito Além do Nosso Eu, de M. Nicolelis; Sete Experimentos que Podem Mudar o Mundo, de R. Sheldrake; o Arco-Íris de Feynman, de L. Mlodinow; e, Rápido e Devagar, de D. Kahneman.

Com algum exagero permitido aos apaixonados, pode-se dizer que o conjunto de livros citados permite elaborar um currículo que, se não é alternativo, é complementar à disciplina de Métodos de Pesquisa (companheira de todos os professores), com a vantagem da ênfase conferida, mas nem sempre explicitada, à criatividade e à inovação. De forma muito sucinta, o que é que cada um deles nos traz?

Parece-me que nada, nos textos atuais, é mais presente do que a afirmação de que todos os gestores buscam “o Santo Graal”, uma ferramenta “quase mágica” que seja capaz de despertar nas equipes a criatividade, que resulte em inovações de toda ordem. Sobre este assunto, muitos textos são na forma de manuais, e, diga-se de passagem, alguns são até mesmo classificáveis como “tolos” (ou, como se diz, no estilo de “receitas de bolo”) e foram escritos inclusive pelo próprio S. Johnson, como é o caso do conhecido “De Onde Vêm as Boas Ideias”. Como contraponto do mesmo tema, vale a pena ler “O Poder dos Quietos”, de S. Cain). Todavia, é em “O Mapa Fantasma” que o autor revela J. Snow como o precursor da epidemiologia. Este último, mediante o uso do mais puro raciocínio analítico, da formulação de hipóteses, da coleta, da catalogação e da análise crítica dos dados, contribuiu para a erradicação da epidemia do cólera na Londres vitoriana. Dispondo apenas de instrumentos rudimentares, ainda longe dos avanços que só muito posteriormente viriam a ser registrados nas ciências bioquímicas, Snow utilizou o método científico e a mais pura razão para ver o que os outros ainda não percebiam, ainda que (agora aparentemente) óbvio. Ele, a exemplo de tantos inovadores, enfrentou uma oposição que o levou a outra luta: a do convencimento de que as suas ideias e proposições eram as acertadas. Nessa trajetória, ele combinou e intercalou procedimentos atualmente classificados como quali-quantitativos.

M. Nicolelis, antes de chegar à sua linha de pesquisa – a da interface cérebro-máquina – percorreu sobre a evolução das neurociências, um dos campos mais recentes de pesquisa, mas também um dos que têm se revelado mais profícuo e promissor para o entendimento do ser humano, daí a sua importância ímpar para a área da gestão. Nesta trajetória, este autor deixa à vista a forma de pensar, instigante, crítica e questionadora dos grandes vultos, que os levou a romper paradigmas, bem como encontrar as estratégias para a superação das resistências e – por vezes mal disfarçadas – vaidades dos seus pares. Mas a obra “Muito Além do Nosso Eu” não se resume à história das neurociências e à forma de ver e pensar de um cientista atuante nas fronteiras do conhecimento. Também é, ao lado de os “Sete Experimentos que Podem Mudar o Mundo”, um precioso (porque variado) acervo de experimentos não encontrados nos tradicionais manuais de metodologia científica. O diário de bordo é, então, aberto, e nele se desnudam o “passo a passo” da atividade investigatória, os avanços, as dificuldades, os recuos, as estratégias alternativas, o jogo político e os embates institucionais, e

tudo isto ocorrendo em meio às descargas de adrenalina e serotonina que as descobertas provocam.

L. Mlodinow, em "O Arco-Íris de Feynman", nos conta o seu convívio com R. Feynman, Prêmio Nobel de Física em 1965, e também nos mostra como um pesquisador daquela estatura conduz o pensamento criativo, da gênese histórica ao resultado final. O autor pergunta: como encontrar as lacunas e transformá-las em desafios que conduzam às descobertas e contribuições inovadoras? Tudo isso em meio às idiossincrasias entre diamantes do mesmo quilate, a exemplo do convívio com Murray Gell-Mann, também agraciado com o Nobel de Física, em 1969. O lado humano do pesquisador, em parte salientado devido ao câncer que vitimou Feynman, mereceu uma atenção à parte, assim como as questões de fé. Por fim, no embate entre os teóricos e os empíricos, levado ao limite, quem ganha é o leitor, que sai sobremodo enriquecido desta leitura.

Sou de opinião de que "Rápido e Devagar – duas formas de pensar", de D. Kahneman, Prêmio Nobel de Economia em 2002, deveria, por variados motivos, ser um texto obrigatório em diversas áreas da gestão (as de Recursos Humanos, de Finanças, de Marketing e de Vendas, de Políticas Públicas, entre outras). Ainda a meu juízo, antes e acima de tudo, o livro é um libelo contra a hegemonia do modelo racional de pensamento sobre o comportamento humano (o que é uma influência originada da Economia e da Física). Neste livro, aos poucos, através de uma bem delineada estratégia de argumentação, de sucessivos experimentos, testes e provas, o autor não apenas nos leva à reflexão sobre o nosso dia a dia pessoal, profissional e das relações institucionais, como também nos ensina a perceber as lacunas teóricas no campo que discute, a analisar as contradições, a criticar, a questionar, enfim, a pensar de modo criativo e inovador.

Por fim, seria muita pretensão tentar sintetizar, em tão curto espaço, as obras previamente selecionadas. Conforme já citado, os múltiplos domínios abordados pelos autores (de Física, Neurociências, Meio Ambiente, Comportamento Humano, etc.) favorecem a identificação das também variadas interfaces com os temas pertinentes à gestão, bem como contribuem para uma prazerosa e enriquecedora leitura. Por outro lado, aqui, o foco tenha sido destacar algumas das contribuições para o modo de pensar que leva ao ato criativo e inovador. Para quem quiser (e dispuser de tempo para esta tarefa), à margem da literatura, muitos outros textos poderiam ser explorados para o desenvolvimento de competências na área da gestão: também de L. Mlodinow, "O Andar do Bêbado" e "Subliminar", de P. Zak, "A Molécula da Moralidade" e, para concluir, uma ficção de E. Giannetti, "A Ilusão da Alma"; entre muitas outras excelentes leituras...

Comportamento



Faz de conta que eu não sei!

Luis Felipe Nascimento

Alguma vez vocês já fizeram de conta que não sabiam de alguma coisa? Já viveram situações em que os filhos, parceiros ou mesmo subordinados estão fazendo algo que vocês reprovam, mas que não querem acreditar que seja verdade e, apesar dos vários indícios, fazem de conta que aquilo não está acontecendo? E, quando a bomba estoura, não ficam surpresos? Pois, admitamos ou não, isto é muito comum de acontecer nos relacionamentos, na família e no trabalho.

O que chama a atenção é que este “faz de conta que eu não sei” ocorre também com o poder público, com os órgãos de controle, órgãos de segurança e até com as agências de inteligência. Recentemente, o mundo ficou chocado com a notícia de que o governo americano espiona o resto do mundo. Mais ou menos como um “Faz de conta que ninguém sabia!”

O governo americano diz que não sabe quantos imigrantes ilegais vivem nos EUA. Será que a CIA e FBI sabem tudo que acontece em todo o mundo e não sabem onde os imigrantes ilegais vivem e trabalham nos EUA? Em 2002, residimos nos EUA, e meu filho estudou numa escola que tinha alunos categorizados como “não documentados”.

Um certo dia, perguntei para a professora o que significava aquilo? Ela disse que eram filhos de pais que estavam ilegalmente no país, e portanto, que aquelas crianças não tinham documentos, mas que a escola sabia o nome e endereço dos seus pais. Chamá-los de “ilegais” ficaria feio. Então, era melhor apenas denominá-los de “não documentados”! O argumento da professora foi de que, se fosse feito algo contra os pais, eles retirariam as crianças da escola e isto se tornaria um problema social de proporções ainda maiores. Portanto, o governo americano tem o nome e o endereço destas pessoas, mas “faz de conta que não sabe”.

Certamente ninguém bate o Brasil nesta história do “faz de conta”. Não é só em Brasília que “quem deveria saber, não sabe”. A ilegalidade, a irresponsabilidade, a impunidade estão bem à frente dos nossos olhos, mas nós fazemos que não a vemos. Estamos sempre nos acostumando, cada vez mais, com esta “nova” realidade.

Quem andar pelas ruas de Porto Alegre vai encontrar placas penduradas nos postes das principais avenidas, com informações do tipo: “Conserta-se gaita”, “Lixa-se parquê”, etc., com o telefone para contato. Sabe-se que isto

são um "código" para as clínicas de aborto. No Brfasil, o aborto é proibido, mas o telefone da clínica de abortos está pendurado no poste! Bem à vista de todos, incluindo a dos órgãos de fiscalização de saúde.

Uma liderança comunitária contou que encontrou, no armazém da esquina, um dos bandidos mais procurados pela polícia, comprando uma caixa para correspondências, para colocar na frente da sua casa. Ou seja, o correio sabe onde encontrar o bandido, mas a polícia não! Dizem que o sinal de internet dentro do Presídio Central é melhor do que nos campi universitários. Engraçado que bandido é "malcomportado" fora da cadeia. E, quando é preso, recebe redução de pena por "bom comportamento". Óbvio, quem define isto são os próprios presos, pois são eles que gerenciam os presídios! A função dos guardas é a de não deixar que eles fujam e também de não deixar que se matem lá dentro – é que isto pega mal na mídia... – o resto é com eles. Só a justiça é que não sabe!

Algumas ruas do centro e de bairros residenciais de Porto Alegre estão sendo consideradas de alto risco. A Polícia tem estatísticas que indicam o local, dias e horários em que ocorrem os assaltos. Mas, na hora dos assaltos, a polícia não está lá. Eles não acreditam nas suas próprias estatísticas!!!

As câmeras podem mostrar o político recebendo propina, o policial batendo na criança, o assaltante matando o cidadão. Mas, se o bandido for "peixe grande", todos nós sabemos que a prova será considerada ilegal, que o bandido irá adoecer, que irá recorrer e responder em liberdade, blá-blá-blá...

Neste país, ninguém sabe de nada. A polícia não sabe quem matou; a justiça não sabe porque soltou; e nós... Nós vemos as placas das clínicas de aborto nos postes, o bandido recebendo correspondência na sua casa e não sabemos em quem votamos na eleição passada! Vem aí nova eleição... Em quem foi mesmo que eu votei na última vez? Portanto pessoal, a conclusão que chego é: Estamos todos com Alzheimer!..



O poder do hábito

Cris - Cristiane Pizzutti

Lendo o livro "O poder do hábito", comecei a refletir sobre meus rituais de limpeza e beleza, e em como eles ocupam cada vez mais do meu tempo. Não sei se é por causa da idade, ou pelos novos produtos que são ofertados a cada dia – por favor, sejam gentis em seus pensamentos! – mas, quando eu era pequena, tinha apenas que escovar os dentes antes de dormir. E Isso já era muito! Aí passamos a usar o fio dental depois da escovação. Depois entrou em cena o enxaguatório bucal. E o creme facial. E o creme para os olhos. E o protetor solar. E o creme que se passa ao acordar. E assim por diante.

É tanto tempo gasto nesses rituais que tenho que começar a cumpri-los meia hora antes de realmente ir para a cama. Na verdade, se eu seguir nesse ritmo, ao final de minha vida, estarei gastando mais tempo com esses rituais do que dormindo! E mesmo assim, quando finalmente me deito, às vezes lembro: "Acho que esqueci o maldito creme para os olhos... Droga! Lá vou eu levantar de novo, antes de poder vir dormir.."

É triste reconhecer, mas cheguei numa fase em que minha maior rebeldia é ir dormir sem passar o fio dental. Que fase é essa? Sei lá... Deve ser a "fase do dente cariado"... Mas, quando quero me rebelar contra tudo isso, não passo o fio dental de propósito e vou dormir com aquele sorrisinho maroto no rosto. Aquele vencedor, sabe?

Afinal, não é fácil subjugar "o poder do hábito".

CHECK-UP ANTES DE DORMIR!





O futuro dos chatos

Luis Felipe Nascimento

*Em "Ouro de Tolo", Raul Seixas já dizia:
Ah! Mas que sujeito chato sou eu
Que não acha nada engraçado
Macaco, praia, carro, jornal, tobogã
Eu acho tudo isso um saco*

Mas o que significa ser "chato"? Chatear é sinônimo de aborrecer, amolar, desagradar, importunar. Portanto, não confunda esta palavra com outra, muito usada nestes tempos internetizados, a de "CHATear", uma conversa online com outra pessoa (que pode ou não ser chata!!!).

São raras as pessoas, que como Raul Seixas, se autodeclaram chatas, pois geralmente os "chatos" são "os outros". Alguém pode pensar que a "chatice" (o resultado da ação dos chatos), está no DNA destas pessoas, que elas não têm culpa de serem chatas. Bem, se isto fosse verdade, as pessoas chatas seriam sempre chatas, e não é o que acontece. Elas são chatas em alguns momentos da vida, em algumas situações ou com algumas pessoas. E geralmente não percebem os sinais dados pelas outras pessoas que lhes acham chatas.

Portanto, as pessoas não nascem chatas propriamente, elas "se tornam" chatas. Fique atento, você pode estar se tornando uma pessoa chata se receber os seguintes sinais: ao ligar para outra pessoa, ela sempre tem uma boa desculpa para não falar com você; seus amigos são convidados para determinados eventos e você não; quando a sua presença num grupo de pessoas deixa os demais desconfortáveis ou, quando você sempre é motivo de gozação dos amigos.

Geralmente são consideradas chatas aquelas pessoas que estão sempre reclamando da vida, que são mal-humoradas, ou as que são fanáticas por alguma causa (religião, política, futebol, ecologia, hábitos alimentares, etc.). Tem também as que monopolizam a conversa, que falam o todo o tempo, esquecendo que as demais também teriam algo a dizer.

Os médicos e psicólogos devem ter explicações científicas sobre o comportamento dos chatos. Mas mesmo sem ter conhecimento nesta área, também eu me atrevo a interpretar esta questão. Considero a "chatice" o oposto da "agradabilidade", ou seja, se o chato é desagradável, a antítese seria a

pessoa agradável, com quem se tem prazer em conversar, em conviver. Mas cuidado, também há os fakes (os falsos agradáveis), aqueles que se passam por agradáveis numa conversa de cinco minutos, mas que se tornam chatos se a conversa se prolongar por meia hora.

Tanto a chatice como a agradabilidade são incorporadas, consciente ou inconscientemente, no comportamento das pessoas, pelas suas práticas, pelo seu humor e pelo seu estado emocional. A chatice é um sinal de desequilíbrio. Antigamente, quem era extremamente chato, era chamado de "chato de galocha", pois não retirava as galochas (protetor de calçados) antes de entrar na casa dos outros, sujando o piso.

Diante de tudo isto, fiquei pensando: "Como serão os chatos no futuro?" Eu imagino que os chatos terão uma vida mais tranquila, devido à possibilidade de se comunicarem e trabalharem a distância. Como as pessoas não gostam de gente chata, provavelmente não haverá mais empregos para chatos em atividades presenciais, de contato com o público. Os chatos terão que trabalhar em atividades a distância, pois, afinal, é mais chato ter um chato perto do que um chato distante, não é mesmo?

Para as atividades presenciais, que exijam relacionamento com o público, serão contratadas pessoas mais agradáveis, que sejam bem humoradas e que transmitam uma certa energia positiva. Os chatos, ficando isolados, não tendo a quem chatear, ficarão chateados e precisarão de auxílio psicológico. Provavelmente surgirão protestos e a alegação de estarem sofrendo bullying. E logo surgirão a Associação dos Chatos, o Sindicato dos Chatos, os políticos representantes dos chatos e a bancada dos chatos no Congresso.

Dado que teremos um grande contingente de chatos (reconhecidos, assumidos), a tendência é que surjam novos produtos e negócios para atender estas demandas:

— SPA para Chatos – local onde os chatos entrarão em contato com pessoas agradáveis, contratadas para serem chateadas pelos chatos, pois não tem graça nenhuma um chato chatear outro chato! Uma das profissões do futuro será a de "terapeuta de chatos";

— Disque Chatice – um serviço em que o chato liga e xinga todo mundo, reclama de tudo e, do outro lado da linha, alguém dirá: "você tem razão, mais alguma coisa?"

— Centro de Recuperação de Chatos – Com o auxílio de especialistas, os chatos se transformarão em pessoas agradáveis e serão reintegrados na sociedade.

Será que este é um problema para o futuro ou que já está acontecendo agora? Ou mesmo há muito tempo? Será que aquele amigo, aquele que eu procuro mas que nunca pode falar comigo, será que ele me acha um chato? E por que aquele aluno não vem nas minhas aulas? Ai, meu Deus! Será que vou me tornar um chato querendo saber se sou chato? Chega! Vou me assumir como um "chato em processo de reconversão". Assim poderei pedir aos amigos e familiares a sua compreensão e o seu apoio, para que eu possa ser reintegrado na sociedade das pessoas agradáveis. Por favor, atenda o meu telefonema!

Obs.: Se você não gostou deste texto, é porque você é que é um chato!!!



Gentileza gera gentileza e um mundo melhor

Marta Tocchetto

Atitudes de gentileza são tão difíceis de ser praticadas. Por quê? Atitudes de gentileza transformam e geram um mundo melhor. Será que é tão difícil olhar para o lado e ajudar alguém a carregar uma sacola? Será que é tão difícil ceder o lugar no ônibus para uma senhora com uma criança no colo? Para um idoso? Para uma grávida? Para uma criança? Para uma moça? Será que estas atitudes envergonham quem as pratica? Será que estão fora de moda? Será que ter atitudes de gentileza é de prática tão difícil e complexa?

Quanto custa ser gentil? Nada... Não custa nada, não é difícil, não é complexo. Ao contrário, gera uma satisfação pessoal imensurável, pois demonstra que temos capacidade de ver além de nós mesmos, harmoniza convivências, catalisa novas manifestações. Como dizia o Profeta Gentileza: "Gentileza gera gentileza". Se é assim mesmo, por que é tão pouco praticada? É tão difícil?

José Datrino, o "José Agradecido" ou "Profeta Gentileza" (como ficou mais conhecido), desde cedo aprendeu a amar, respeitar e agradecer à natureza pela sua infinita bondade. O trabalho no campo o ensinou a amansar burros para o transporte de carga. Tempos depois, ele dizia "amansador dos burros homens da cidade que não tinham esclarecimento". Ele era possuidor de um comportamento atípico. Contam seus biógrafos que, por volta dos doze anos de idade, ele passou a ter premonições sobre sua missão na Terra, onde acreditava que um dia, depois de constituir família, filhos e bens, deixaria tudo em prol de sua missão. Este comportamento causou preocupação em seus pais, que chegaram a suspeitar que o filho sofria de algum tipo de doença mental, chegando a buscar ajuda em curandeiros espíritas.

Aos vinte anos, foi para o estado do Rio de Janeiro e casou-se com Emi Câmara, com quem teve cinco filhos. Tornou-se empresário na área de transportes, onde fazia fretes para o sustento da família. Aos poucos, o negócio foi crescendo até se tornar uma transportadora de cargas.

No dia 17 de dezembro de 1961, na cidade de Niterói, quando tinha 44 anos, houve um grande incêndio em um circo, o qual foi considerado uma das maiores tragédias circenses do mundo. Neste incêndio morreram mais de 500 pessoas, em sua maioria, crianças. Seis dias após o acontecimento,

23 de dezembro, ele acordou alucinado ouvindo “vozes astrais” – segundo suas próprias palavras – que o mandavam abandonar o mundo material e se dedicar apenas ao mundo espiritual.

José pegou um de seus caminhões e foi para o local do incêndio. Plantou um jardim e uma horta sobre as cinzas do circo, local que um dia foi palco de tantas alegrias, mas também de muita tristeza. Aquela foi sua morada por quatro anos. Lá ele começou a difundir o real sentido das palavras “Agradecido” e “Gentileza”. Foi um consolador voluntário, que confortou os familiares das vítimas com suas palavras de bondade. Daquele dia em diante, passou a se chamar José Agradecido, ou simplesmente Profeta Gentileza.

Após deixar o local que foi denominado “Paraíso Gentileza”, começou a sua jornada como personagem andarilho. A partir de 1970, percorreu toda a cidade. Era visto em ruas, praças, nas barcas da travessia entre as cidades do Rio de Janeiro e Niterói, em trens e ônibus, fazendo sua pregação e levando palavras de amor, bondade e respeito pelo próximo e pela natureza para todos os que cruzassem seu caminho. Aos que o chamavam de louco, ele respondia: – “Sou maluco para te amar e louco para te salvar”.

Quando estou numa parada de ônibus e vejo as pessoas, feito uma tropa, se engalfinhando para entrar num ônibus e assegurar um assento, desconsiderando crianças pequenas, pessoas mais velhas e idosas ou com alguma limitação, penso nas mensagens do Poeta Gentileza.

Nestes momentos, verifico que não existe gentileza e nem amor. Será tão difícil praticar as palavras do Profeta?

*“... GENTILEZA QUE GERA GENTILEZA AMOR BELEZA E RIQUEZA
...”*

*“GENTILEZA GERA GENTILEZA AMOR
MEUS FILHOS TODOS VOS SAO INTELIGENTES
NOSSA CABEÇA NOSSO MESTRE
O MUNDO É UMA ESCOLA
ENSINA O QUE É BOM DO QUE NAO PRESTA
PEDIA JESSUS SEPARAI O TRIGO DO JOIO
QUEM NAO VEIO PARA SERVIR NAO SERVE PARA VIVER”*

Como uma pessoa que, teoricamente, cometeu na escrita de suas mensagens tantos erros de português, teve tanto esclarecimento para sentir, praticar e difundir o amor e a gentileza? E estes são sentimentos para os quais, muitas vezes, pessoas muito instruídas são cegas, incapazes de praticar e de difundir em atitudes simples.

Neste instante constato, com muita frustração, que instrução, educação (formal) e sentimento pelo próximo não trafegam na mesma direção e, menos ainda, no mesmo sentido.

Observação: os fatos relatados sobre a vida do “Profeta Gentileza” foram baseados nas informações do blog:

RJ Cultura: Curiosidades, história e informações - Personagens Únicos da Cidade - Profeta Gentileza

< <http://rjcultura.blogspot.com.br/2012/04/personagens-unicos-da-cidade-profeta.html> >



No tempo da delicadeza

Grazi - Graziana Fraga dos Santos

Estava andando pela rua, tentando espairer (como diria minha tia) e comecei a reparar nas pessoas, coisa que não faço muito. Geralmente não sei a cor da roupa, tipo de sapato ou bolsa que uma pessoa está vestindo, mesmo depois de trabalhar o dia todo ao lado dela. Não reparo nos brincos da atriz que está na novela, nem o corte de cabelo de uma amiga ou na roupa nova que ela está usando. Tenho problema pra lembrar qual o produto que estava sendo vendido no comercial. Sou do tipo que se lembra da música, da piada ou "sacada" do anúncio, mas que se pega pensando: "Era sobre o quê, mesmo?"

Neste dia então, vendo algumas vitrines, comecei a pensar sobre um tipo de pessoa, que parece feita do mesmo material daqueles manequins, não porque se vestem como eles, mas porque parecem ser de plástico.

Explico melhor: são um tipo de gente que não está nem aí para quem quer que seja seu interlocutor. Passam por mendigos como se passassem por uma montoeira de lixo. Solicitam informação para um atendente, como se falassem com sei lá, um bicho (mas não os de estimação). Daquele tipo que sempre chega falando - "Sabe com quem você está falando?" E em todas as situações, este tipo está lá, com aquela sua cara de importante, com aquele ar de superioridade: a tal "cara de plástico".

São do tipo de gente que não conhece as expressões "obrigado" e "com licença". Saem atropelando tudo e todos, e continuam ali, com aquela cara de sempre, de plástico.

As criaturas desta espécie agem assim como se tudo isto fosse normal, uma espécie de senso comum. Até mesmo porque eles são seres superiores, não estão com os outros, na superfície.

Além deste tipo "de plástico", tem um tipo bem parecido, que deve ser "primo" daquela espécie. Tem algumas diferenças, às vezes mudam um pouco o semblante, conforme a situação. São o tipo "sabe tudo sobre tudo".

Gente deste tipo, além de saber tudo sobre tudo, só sabe apontar os defeitos dos outros e aquilo que os outros fazem de errado. São do tipo que não vê qualidades em ninguém, muito menos no que os outros fazem de bacana. Até mesmo porque o que os outros fazem bem, eles fariam muito melhor, pois sabem tudo sobre tudo. Geralmente este tipo não descansa enquanto não encontrar algum defeito ou erro para apontar em outra pessoa. Esta es-

pécie sonha e vive pensando em como descobrir erros dos outros para lhes apontar o dedo.

A convivência com estes seres é contraindicada: eles trazem irritação e stress, podendo causar enjoos, queda de cabelo, alergias e até mesmo dores musculares.

Sempre penso: "Que ótimo que aqui, na superfície, há outros tipos de gente: aqueles que erram, que têm sentimento, que são solidários, que sabem dizer "obrigado", sabem escutar, pedir "com licença", e que sabem, acima de tudo, o significado de educação". São os tipos que chamo de humanos, praticamente em extinção.



No tempo da delicadeza

Grazi - Graziana Fraga dos Santos

Estava andando pela rua, tentando espairer (como diria minha tia) e comecei a reparar nas pessoas, coisa que não faço muito. Geralmente não sei a cor da roupa, tipo de sapato ou bolsa que uma pessoa está vestindo, mesmo depois de trabalhar o dia todo ao lado dela. Não reparo nos brincos da atriz que está na novela, nem o corte de cabelo de uma amiga ou na roupa nova que ela está usando. Tenho problema pra lembrar qual o produto que estava sendo vendido no comercial. Sou do tipo que se lembra da música, da piada ou "sacada" do anúncio, mas que se pega pensando: "Era sobre o quê, mesmo?"

Neste dia então, vendo algumas vitrines, comecei a pensar sobre um tipo de pessoa, que parece feita do mesmo material daqueles manequins, não porque se vestem como eles, mas porque parecem ser de plástico.

Explico melhor: são um tipo de gente que não está nem aí para quem quer que seja seu interlocutor. Passam por mendigos como se passassem por uma montoeira de lixo. Solicitam informação para um atendente, como se falassem com sei lá, um bicho (mas não os de estimação). Daquele tipo que sempre chega falando - "Sabe com quem você está falando?" E em todas as situações, este tipo está lá, com aquela sua cara de importante, com aquele ar de superioridade: a tal "cara de plástico".

São do tipo de gente que não conhece as expressões "obrigado" e "com licença". Saem atropelando tudo e todos, e continuam ali, com aquela cara de sempre, de plástico.

As criaturas desta espécie agem assim como se tudo isto fosse normal, uma espécie de senso comum. Até mesmo porque eles são seres superiores, não estão com os outros, na superfície.

Além deste tipo "de plástico", tem um tipo bem parecido, que deve ser "primo" daquela espécie. Tem algumas diferenças, às vezes mudam um pouco o semblante, conforme a situação. São o tipo "sabe tudo sobre tudo".

Gente deste tipo, além de saber tudo sobre tudo, só sabe apontar os defeitos dos outros e aquilo que os outros fazem de errado. São do tipo que não vê qualidades em ninguém, muito menos no que os outros fazem de bacana. Até mesmo porque o que os outros fazem bem, eles fariam muito melhor, pois sabem tudo sobre tudo. Geralmente este tipo não descansa enquanto não encontrar algum defeito ou erro para apontar em outra pessoa. Esta es-

pécie sonha e vive pensando em como descobrir erros dos outros para lhes apontar o dedo.

A convivência com estes seres é contraindicada: eles trazem irritação e stress, podendo causar enjoos, queda de cabelo, alergias e até mesmo dores musculares.

Sempre penso: "Que ótimo que aqui, na superfície, há outros tipos de gente: aqueles que erram, que têm sentimento, que são solidários, que sabem dizer "obrigado", sabem escutar, pedir "com licença", e que sabem, acima de tudo, o significado de educação". São os tipos que chamo de humanos, praticamente em extinção.



Tudo é possível e vai dar certo

Clandia Maffini Gomes

Tenho uma amiga que assim me define: “Ela leu “Alice no País das Maravilhas” e “Poliana” e misturou tudo... Ela acredita que tudo é possível e que vai dar certo...”

A despeito da amizade – que confere uma certa liberdade para exageros nessa definição – ela pode mesmo estar certa. Estará mesmo? Creiam que algumas explicações sejam necessárias. A primeira delas consiste nas características do ambiente em que convivo: o ambiente acadêmico. Como sobreviver em um ambiente tão complexo, sem a fé na concretização do impossível? Não quero tornar esse espaço em um mar de lamentações, mas temos que reconhecer que tudo converge para o “não dar certo...” E, também, “remar contra a maré” se constitui, por si só, em um ato heroico...

O segredo está em “pensar diferente...” Mas como pensar diferente e acreditar que é possível mudar, em um ambiente que não nos estimula a isso?

Outro aspecto importante a ser lembrado se refere ao convívio interpessoal. Em um ambiente “repleto de humanidade”, enfrentamos homens e mulheres que se sentem ameaçadas pelas Alices e Polianas. E isto me leva a pensar no quão difícil é interpretar tais personagens: Pensar diferente não é a regra.

Será que vale a pena assumir uma postura de Alice e Poliana, ser um outlier, ao enfrentar os desafios cotidianos?

Embora possa ser difícil responder a esse questionamento, creio que “Fazer a diferença” seja o principal objetivo de nossa existência. Então, embora mais difícil e trabalhosa, adotar uma atitude mais empreendedora (ou suicida?) e positiva (ou louca?) seja o melhor caminho (ou não?).

Seja como for, quem nasceu para ser Alice ou Poliana jamais terá outro codinome... É da sua natureza... A satisfação ou a frustração só dura até a próxima ideia ou projeto ... Que venha o próximo desafio louco que muito provavelmente dará certo...

E por falar nisso, ainda não fui à lua? Você já foi? Boa ideia...



“Solta o som, D.J.”: em roda

Ju - Juliana Durayski

Quando fui convidada para escrever esse texto, fiquei pensando: “Sobre o quê será que escrevo? Será que escrevo sobre o chimarrão, já que foi esse o tema da minha dissertação? Sobre Sustentabilidade? Ou escrevo sobre amor? Ou sobre política? Sobre qualidade de vida? Sobre solteirice? Sobre casamento? Sobre morar longe da família? Sobre o trabalho? Sobre a mulher de 30 anos? Ou será que escrevo alguma história engraçada? Então, resolvi escrever sobre a RODA e o OLHAR. Quando falei para um colega de trabalho, ele disse: “Escreve sobre algo mais teórico...” Pois é, acabei optando pela roda e pelo olhar.

Na semana passada, participei de um curso intitulado de “VIDA ADENTRO”. Quando lá cheguei, sentei em uma cadeira e, após alguns minutos, chegou o palestrante, que cantou uma música de Roberto Carlos, ao mesmo tempo em que batia palmas, dizendo a palavra: “Energia!” Ele ainda dizia: “É hora de levantar. Mexa o corpo, o mundo precisa de energia”. No início, comecei a rir e pensei: “Onde eu me meti? Há um bando de loucos batendo palmas!” Mas tudo bem... Eu estava disposta a conhecer o novo.

Ao longo do curso, percebi que estava refletindo sobre minha vida, talvez devido às várias técnicas de vivência que fizemos no momento, dentre elas, as de plano de vida e de regressões a vidas passadas. Aquele curso aconteceu em um final de semana bem atípico. Cantávamos e dançávamos em roda. Sempre gostei de dançar, mas o difícil foi olhar no olho de pessoas que eu não conhecia. Às vezes, ficava com vergonha, e também com medo. O que tal pessoa está pensando de mim? Será que ela vai descobrir meu segredo?

Naquele momento, lembrei-me de uma viagem que fizera para a África do Sul, à cidade de Cape Town, em 2012. Lá, na primeira semana, eu tinha medo de andar sozinha na rua. Esse medo era oriundo de histórias que me contavam sobre o alto índice local de estupros. Eu caminhava por volta de 40 minutos, desde a minha casa até a escola. No início, eu me assustava quando via três ou mais homens juntos, porque eles falavam alto, eram fortes e isso me amedrontava. Certa vez, minha tia, que morava lá, falou-me: “Sempre que passar por eles, olha bem nos olhos deles e os cumprimente, dizendo, se for o caso: Good morning. Então, comecei a usar essa técnica e, com o tempo, me senti mais segura.

Ao mencionar tal passagem (a do fato da importância de olhar nos olhos da pessoa), também me veio a lembrança de outra história, só que essa aconteceu na cidade de Porto Alegre, aqui no Brasil. Um dia, eu estava entrando no carro e o "flanelinha" me pediu uma moeda. Naquela hora, pensei: "Putz, vou ser assaltada!" Imediatamente respondi, olhando bem nos olhos dele e, sorrindo, disse que não tinha: "Amigo, hoje não tenho nada". Daí, ele me respondeu: "Já me pagou pelo OLHAR!"

Esse texto não é uma receita de bolo, do tipo: "Faça isso que você será feliz..." Acredito que toda a manifestação é legítima, que cada um faz a sua "roda" e emite o seu olhar. Acredito que não existe olhar certo, porque estamos no mundo para experimentar novos olhares todos os dias.

Também não procurei nada científico sobre o que seja "a roda" ou sobre a sua importância na sociedade, mas acredito que a roda está presente em diversas situações da nossa vida. Por exemplo, os índios já tomavam (a sua versão de) chimarrão em roda. Também lembrei das cantigas populares que fazem parte do nosso folclore e de nossas memórias que eram cantadas em roda. Lembrei de que, em minha casa, quando rezamos, fazemos uma espécie de roda, dando-nos as mãos uns para os outros. Também recordei dos protestos da rua. Por mais que não se forme uma roda, existe uma cumplicidade, um objetivo em comum. Lembrei, ainda, da roda em sala de aula, das "rodinhas" nas pistas de dança, e das rodas dos cachorros, quando eles se aproximam de comida.

A roda, conforme o dicionário, possui vários significados. Alguns argumentam que a roda deve girar para o mesmo lado. Outros, que a roda só se forma se for circular. Outros ainda, que a roda só se efetua se for de mãos-dadas. Seria possível a roda ser formada por uma única pessoa? Penso que vivemos constantemente em roda, ou seja, que a pessoa nunca está sozinha. Ela pode dar as mãos para seus sonhos, para seus medos, para seus objetos materiais, para seu cachorro, para seu chimarrão, para seu passado, seus desejos futuros, ou mesmo para outra pessoa.

Tudo o que se faz está em roda. Mas não basta "estar em roda", é preciso de uma ação: O olhar nos olhos dos outros, o querer mudar. Eu, se fosse você, experimentaria essa ação agora. Dance em roda, se não tiver um par, dê a mão para sua vida, para suas aspirações, olhe bem dentro dos olhos do "amigo medo", pois ele, com certeza, tem muito a te dizer. Diga: "Solta o som, D.J.": "Como se fora a brincadeira de roda/ Memória!/ Jogo do trabalho na dança das mãos/ Macias! O suor dos corpos, na canção da vida/ Histórias!



Humano. Humano? Humano!

Patrícia Tometich

Qual o primeiro significado que lhe vem à mente ao pensar na palavra “humano”? Não, não quero que você procure no dicionário, apenas que pense. E então? No meu caso, as primeiras ideias que nascem dessa palavra são compreensão, bondade, tolerância. Empatia, talvez.

Indo para o dicionário, é possível encontrar que “humano” é uma palavra de origem latina que designa o que for relativo ao homem como espécie. Ainda no mesmo dicionário, se descobre que o que diferencia a espécie humana das outras é a racionalidade.

Olhando à minha volta, e repensando o significado que a palavra “humano” carrega, eu penso que preciso refletir melhor a respeito desta ideia. Porque compreensão, bondade e tolerância não são vistas com tanta frequência nas atitudes dessa nossa espécie que convencionou-se chamar de humana.

Um jogador de futebol negro passa por constrangimento em campo no Peru, com a torcida adversária emitindo sons que imitam macacos. Quando o filho dele, de apenas cinco anos, pergunta o motivo daquele barulho todo a cada vez que o pai tocava na bola, esse pai não sabe o que responder. Ao outro filho, um pouco mais velho, e que nem quis ir à escola no dia seguinte ao acontecido, o pai diz que se lembre do fato e que não tenha nunca qualquer tipo de preconceito.

O jogador de futebol cabe bem direitinho nas minhas ideias do que significa alguém ser chamado de humano. Usou um constrangimento pessoal como exemplo na educação de um filho. Mas... E o que dizer de todos aqueles outros seres (e que também se chamavam “humanos”?) que estavam no estádio no Peru, em coro, emitindo aqueles sons com a intenção de constranger o jogador do time adversário? Ah... Mas a rivalidade, no futebol, é uma coisa normal, não é mesmo? É apenas uma forma de desestabilizar emocionalmente o adversário, é racional, não é? Você deixa o craque constrangido, ele não joga tão bem, o seu time vence, perfeito! Humano!

Não muito tempo antes daquela situação no Peru, fora dos estádios, na cidade do Rio de Janeiro, um adolescente negro é acorrentado a um poste, é despido, é agredido. Parece que, na região, andam acontecendo muitos assaltos, e não se sabe quem foram os agressores, mas a suspeita é de que tenha sido alguma espécie de vingança. O rapaz foi levado a um hospital, e mal conseguia falar de tão machucado. Ao que tudo indica, foram seres hu-

manos que tomaram a decisão de acorrentar o rapaz, despi-lo, e cortar-lhe a orelha. É preciso moralizar essa marginalidade, minha gente!

Em minha opinião, as duas situações descritas acima são desumanas. Assim como o preconceito que envolve opção sexual, classe social, ou qualquer outro tipo de desculpa que se use para atitudes agressivas e criminosas. Mas, por incrível que pareça, há quem encontre justificativas racionais e argumentos sólidos para o comportamento dos torcedores, dos agressores, dos opressores, dos... humanos!

Agora penso de novo na palavra "humano". Humano... Humano? Humano! Mas é claro, agora está clara para mim a palavra que talvez seja o melhor sinônimo, a melhor tradução para humano: imperfeito. Humano: ser imperfeito que é capaz de encontrar argumentos lógicos e racionais para cometer as piores barbaridades. Bárbaro, aliás, é um vocábulo interessante, pois a ele foram atribuídos significados absolutamente contraditórios. "Bárbaro" pode significar cruel, desumano. Mas "Bárbaro" também pode significar magnífico, maravilhoso. É.... Talvez seja também um bom sinônimo para humano: alguém que vai do cruel ao magnífico.



Parâmetros

Paula Licodiedoff

Todo o nosso sistema de avaliação e de percepção sobre o que nos cerca está baseado no método comparativo simples. Dentro do nosso código pessoal de referências, conseguimos elaborar os mais variados conceitos e estabelecer o que achamos bom ou ruim, belo ou feio, interessante ou enfadonho.

Quando não temos referência, perdemos completamente a noção do que possa ser bom ou ruim. A referência é uma necessidade da nossa mente, para que possamos estabelecer os nossos parâmetros de análise sobre quase todos os assuntos e temas, desde os mais profundos até os mais insignificantes. Se assistimos a uma corrida de 100 metros rasos, sabemos se o resultado final foi bom ou ruim a partir da referência que temos sobre os recordes para a distância. Já numa prova insólita, inventada, numa competição de um "programa de auditório", por exemplo, somente saberemos se o primeiro competidor foi bem ou mal a partir da comparação de sua performance com a do competidor seguinte, quando teremos o primeiro padrão referencial.

Em outras palavras, nossas mentes são colecionadoras de padrões referenciais. Precisamos das referências para nos situarmos, para termos a plena consciência do que nos serve e do que não nos serve. Devíamos dar mais valor e estes padrões de referência, especialmente quando experimentamos situações que não nos são agradáveis. Se for verdade a afirmação de que precisamos do feio para criarmos o nosso padrão de beleza, também será verdadeira a necessidade de vivermos momentos de angústia e tristeza para que possamos identificar os momentos de júbilo e de felicidade.

Nietzsche, um dos maiores pensadores do século XIX, afirmava: aquilo que não me destrói fortalece-me. Analisando está assertiva de Nietzsche, me parece claro que o recado do filósofo é no sentido de que devemos dar muito valor aos momentos ruins de nossas vidas, momentos de tristeza, de insucesso, pois são eles que nos trarão experiência e que nos darão os padrões referenciais para que possamos identificar os momentos de felicidade.

Obviamente, não quero convencer ninguém a comemorar maus momentos, ou a eles se resignar. Quero é que as pessoas compreendam que nossa mente trabalha a partir de padrões referenciais e que cair, muitas vezes, é um passo fundamental para uma jornada bem sucedida.



Olhando para todos os lados

Paula Licodiedoff

Me fascina a multiplicidade de paradoxos com os quais nos deparamos em nosso dia a dia. Abrimos o jornal e lemos uma matéria sobre como devemos nos focar em busca de nossos objetivos. Fechamos o jornal e, ao ligarmos a televisão, nos deparamos com uma reportagem sobre o descaso geral em face de nossas mazelas sociais, por estarmos cada um ocupados e focados apenas nos nossos próprios problemas. Será possível acertar? Devemos mesmo “ficar com um olho no gato e outro no peixe”? Existe alguma fórmula que indique qual a dose correta de uma coisa ou outra?

Infelizmente, não há fórmulas. Ou melhor, felizmente não há fórmulas para a solução destes dilemas. E eis outro paradoxo interessante: Ao constataremos a falta de uma receita para enfrentarmos os pequenos ou grandes dilemas que se apresentam ao longo de nossas vidas, somos forçados a buscar respostas em lugares desconhecidos, dentro e fora de nós mesmos. E ao olharmos para o desconhecido em busca destas respostas, acabamos nos conhecendo e evoluindo como indivíduos.

Penso que não haja um único local em que estejam todas as respostas, como se um oráculo divino que tudo visse e tudo soubesse pudesse nos orientar e revelar os segredos do Universo. Devemos estar atentos a tudo e a todos. Cada um de nós tem a vantagem de poder olhar seu lado interior de um ângulo que nenhuma outra pessoa consegue alcançar. Mas esta vista privilegiada do nosso mundo interior não pode nos levar a uma desconexão plena em relação ao que nos cerca. Não podemos confundir “busca interior” com “alienação”.

A nossa riqueza interior também é alimentada por fontes externas. E, por esta singela razão, devemos tentar olhar em todas as direções. Uma percepção holística sobre os fatores sociais, religiosos, emocionais, culturais e tanto outros que influenciam nossa formação como indivíduos, se apresenta como uma forma de olharmos à nossa volta, de uma maneira disciplinada, contemplativa e ao mesmo tempo produtiva, buscando o que se identifica com o nosso mundo interior e que pode colaborar no nosso processo evolutivo.

Resumindo, podemos manter o foco em um tema (como o dos nossos problemas) e, ao mesmo tempo, também estar atentos ao que se passa à nossa volta.



Indecisão musical

Zé - Jose Carlos Batista de Deus

Gaúcho! Toda vez que um conterrâneo assim se identifica, parece que se agiganta, que sua voz soa mais forte e que o seu rosto se ilumina. Isso não acontece com os brasileiros nascidos em qualquer outro Estado da federação. Por que somos assim? Essa pergunta inquieta qualquer estudioso do comportamento humano.

O naturalista francês Auguste Saint Hillaire, excursionando pelo Brasil Colônia, em 1820, já percebera essa diferença, ao visitar nossa província. Inclusive, salientou que o Império deveria tomar cuidado com este povo, pois era visível o seu espírito de independência em relação ao poder central.

Passados quase 200 anos, ocasionalmente ainda se ouve alguns murmúrios separatistas. Já tentaram explicar nosso comportamento como fruto do ambiente onde fomos forjados. Filhos de campos largos, nem espanhóis e nem portugueses, onde a lei maior era a da sobrevivência. Isso talvez justifique o gosto pelo churrasco, pelo chimarrão, pela liberdade e, conseqüentemente, pelo cavalo. Mas esta é uma teoria que não prospera com relação a tantas outras características tão nossas, como a indumentária, o linguajar, o amor ao hino, o culto aos heróis e a rivalidade no futebol. São coisas que só os gaúchos entendem, não ensinam, mas exportam para o restante do País.

Há um certo fascínio em se ser diferente, e isso é que intriga. E a tradição gaúcha? Duvido que algum povo, em algum lugar do planeta, tivesse preocupação igual. Imaginem: criar clubes sociais cujos departamentos imitam a estrutura de uma propriedade rural (estância), com invernadas, patrão, capataz e peão?

Tudo isso para preservar os usos e costumes, regulamentar as danças, o vestuário, disciplinar como serão as atividades nesses locais chamados de Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), hoje espalhados por todo o território nacional (cerca de 3000 entidades) e também no exterior (16 deles). É muito lindo ter uma identidade cultural e, principalmente, batalhar por sua preservação.

No meu entendimento, existe uma grande falha nesse processo de "gauchar" o mundo. Não temos uma música típica do Rio Grande do Sul. Embora possuindo vários artistas nessa área, depois do Teixeirinha, ninguém cruzou as fronteiras. Quem representa nossa música fora daqui? Desconhecemos!

Talvez pelo nosso gosto "ecclético", nos dividimos entre inúmeros gêneros,

e não escolhemos qualquer um deles, em particular. Isso acaba pesando e faz com que não apareça um estilo com o selo de "música gaúcha". Assim, somos invadidos pela que "desce" do Norte e pela que "sobe" do Prata. Com certeza, no futuro, a história vai cobrar essa indecisão pelo desgosto musical.



Brasil: um país conservador

Leonardo Querido Cardenas

Nas últimas décadas, alguns debates essenciais para as liberdades individuais têm sido colocadas em pauta em todo o mundo. Questões como o a legalização do aborto, da maconha, e do casamento entre pessoas do mesmo sexo, dentre diversas outras, vêm sendo amplamente discutidos pelas sociedades em diferentes países.

Muitas dessas questões, após vários anos de debates, foram colocadas em pauta pelos legisladores de diferentes países. Não é raro vemos notícias sobre alguns destes países, em que a legalização do aborto e do casamento entre pessoas do mesmo sexo já serem realidades bem aceitas pelas suas populações. Até mesmo a maconha, que ainda é um tabu, tem sido liberada em alguns destes lugares. Até mesmo nos Estados Unidos da América, alguns de seus Estados já a legalizaram para o uso medicinal, mesmo sendo esse país reconhecido por suas posições conservadoras.

Mas então por que, no Brasil, tais debates nem sequer são colocados em pauta? Observa-se, efetivamente, um discurso predominantemente conservador por boa parte da população. A presença e influência da religião junto ao Estado, por outro lado, acaba freando muitas possibilidades de avanços em diversos campos relativos às liberdades individuais. Em um país onde o Estado é constitucionalmente laico, esta laicidade jamais foi total e efetivamente exercida. Basta observamos, por exemplo, que a imensa maioria dos feriados nacionais no país são católicos. Por outro lado, as datas sagradas de outras religiões não têm qualquer espaço no calendário oficial.

Mas por que defender causas, como as três acima citadas, se elas não gerarão qualquer reflexo sobre minha vida, independentemente da maneira como sejam tratadas? Afinal, sou homem e, portanto, não abortarei; sou heterossexual e, portanto, não casarei com pessoal alguma do mesmo sexo; não sou usuário de maconha. Minha defesa a qualquer destes temas não faria sentido, poderiam afirmar alguns.

Trata-se, na realidade, de um equívoco. E não da defesa de questões pontuais. Trata-se, sim, de uma questão absolutamente fundamental, e pela qual todas as pessoas de bom senso sempre deveriam lutar: a das liberdades individuais. Ser livre e ter o direito de realizar suas próprias escolhas é o mais sagrado dos direitos. Ao Estado cabe restringir apenas as ações individuais que, quando realizadas, tragam um prejuízo realmente considerável

para outros indivíduos.

Não é o caso, por exemplo, do casamento entre pessoas do mesmo sexo. O fato de duas pessoas casarem-se não diz respeito a ninguém mais além daquelas duas pessoas. Não há, nesse ponto, qualquer prejuízo alheio efetivo para esta decisão individual que elas tomam.

Da mesma forma, qual o sentido da proibição da maconha? "Faz mal", diriam alguns. Ora, então proibamos também o bacon. Esse não é o argumento fundamental. "É a porta de entrada para outras drogas!", diriam outros. Que pesquisa que demonstra isso? Na realidade, isso não faz o menor sentido. A única possível razão para considerar esse argumento como válido seria o fato de que, ao comparar a maconha, o usuário, por ter contato com o traficante, teria também acesso às outras drogas. E, nesse caso, a liberalização seria uma forma de reduzir essa problemática. Mas vivemos em uma sociedade onde o álcool é legalizado e seu consumo estimulado. Em uma sociedade onde o álcool gera tanta violência, pelo próprio ímpeto violento gerado por essa droga quanto pela violência a que ele pode conduzir quando motoristas alcoolizados causam acidentes no trânsito. Nesta sociedade, falar contra a maconha é uma hipocrisia descomunal. Mais uma vez, mexe-se com as liberdades individuais sem justificativas plausíveis.

Igualmente, o mesmo tipo de discussão se dá quando tratamos do aborto. Não se trata de ser a favor do aborto ou contra ele, mas do direito de uma mulher quanto à escolha sobre abortar. De ela ser dona do seu próprio corpo. Ou continuaremos assistindo, de camarote, centenas ou mesmo milhares de mulheres morrendo todos os anos ao realizarem abortos clandestinos. Qual o argumento que justifica tamanha barbárie? Esse argumento é essencialmente religioso. "Trata-se da defesa da vida", diriam muitos. E o que dizer, dia após dia, quanto às vidas perdidas de tantas dessas mulheres? E, ademais, quando efetivamente poderemos considerar um embrião não mais um punhado de células e sim um ser humano? É uma discussão fundamentalmente baseada em discursos hipócritas e em desconhecimento científico.

Esses são três debates clássicos, dentre tantos outros, que precisam ser colocadas em pauta pela sociedade brasileira. Não se pode temer a polêmica e muito menos aceitar que o Estado nos imponha determinadas restrições sem boas justificativas. O debate precisa ser racional e fundamentado. Enquanto permanecermos aceitando que a fé influencie o Estado e a vida de todo o coletivo, permaneceremos submetidos às vontades de religiões que, muitas vezes, nem sequer nos representam. Seremos tão mais livres quanto maior o direito de tomarmos nossas próprias decisões.



Para não perder a natureza de vista

Silvia Marcuzzo

Diante de tantos estímulos dos centros urbanos – placas, outdoors, buzinas, ruídos, luzes e engarrafamentos – onde seria possível aguçar os sentidos apenas por deleite? Deixar apenas os sons da natureza invadirem os ouvidos sem qualquer interferência. Ouvir o silêncio. Escutar o movimento das folhas, o murmúrio do encontro da água com as pedras, a batida de asas de grandes aves.

Sentir-se um com a natureza. Deixar que a chuva lave a alma. Permitir que o vento leve embora o que incomoda. Assim me sinto quando vou acampar em lugares longínquos. Daqueles em que se anda quilômetros depois da última casa.

Mas para isso é preciso se superar. Primeiro fazendo um planejamento básico de coisas a levar. Ainda mais quando se vai com a família, incluindo um guri de 7 anos. Acampar não é para fracos. Articulações, flexibilidade e disposição precisam estar em boas condições. Armar uma barraca em algum lugar longe da “civilização”, ou pelo menos, distante de barulhos e interferências requer desprendimento.

Não me importo com os limites do conforto. Pois, acredito, que se ganha muito mais no contato com a natureza selvagem do que se perde. Mas isso, porque, digamos assim, já passei por poucas e boas em meio a ambientes naturais.

E devo isso, principalmente, à turma de amigos que antigamente se autodenominava Comissão de Defesa dos Aparados da Serra. Conheci o pessoal durante uma reportagem que estava fazendo sobre um levantamento do número de visitantes e acampados no Parque Nacional dos Aparados da Serra, em 1995.

Antes disso, já tinha feito a cobertura de uma limpeza do Itaimbezinho, que não acabou em tragédia por um detalhe, quando um grupo de 13 pessoas, incluindo eu, a repórter, atravessou do vértice até Praia Grande, onde a fenda se abre em direção à planície. Naquela época, o grupo subia o Planalto das Araucárias, região mais alta do Rio Grande do Sul, na divisa com Santa Catarina, com muita frequência. Todos eram cheios de disposição, jovens, avulsos e com poucas responsabilidades perante a vida.

As reuniões da turma eram uma vez por semana na sede da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan). A atração principal,

além de ver as fotos uns dos outros, eram ver os slides dos que detinham o olhar mais apurado sobre os rochedos e a peculiar vegetação. A troca de fotografias divertia e animava. Promovia que mais gente quisesse conhecer aquelas maravilhas.

No começo, participava mais como espectadora. Com o passar do tempo, o que motivava o grupo a se encontrar – a mobilização pela preservação daqueles ecossistemas associados à Mata Atlântica, pois tudo começou com um movimento contrário à construção de um teleférico no Itaimbezinho, o Arte Alerta.

Muita gente ampliou suas percepções perante a natureza a partir das excursões da “Comissão”. E isso em um tempo que nem se falava em ecoturismo. Liderados principalmente pelo geógrafo Renzo Bassanetti e pelo arquiteto Osvaldo Balbinot, centenas de pessoas conheceram os Aparados. Participaram de faxinas, plantios de pinhão ou simplesmente faziam trilhas para descortinar belas paisagens. Entre os municípios mais visitados pelas excursões constam Urubici, Bom Jardim da Serra em Santa Catarina, Cambará do Sul e São José dos Ausentes, no Rio Grande do Sul.

Da década de 90 pra cá, definitivamente, a região de escarpas, campos e matações mudou. A aridez dos pinus tomou conta das curvas e trejeitos do planalto salpicado de araucárias. A paisagem também está sendo alterada com a construção de usinas eólicas.

Nos dois parques nacionais – o Aparados da Serra, onde está o Itaimbezinho, e o Serra Geral, onde se encontra a Fortaleza e o Malacara, canyons que tiram o fôlego do mais viajado turista – cujas partes altas ficam no território gaúcho, não é mais permitido acampar.

Hoje para acampar em locais agrestes é preciso entrar em contato com donos de fazenda ou estar pronto para grandes caminhadas. Nosso grupo, formado principalmente por gente que não cozinha mais na primeira fervura, prefere a primeira opção. Com um diferencial, ainda. Os locais de acampamento precisam ter acesso de carro, para que as barracas e gazebos sejam montados com o maior conforto possível.

Nos últimos carnavais, até banho quente rolou. Experiências gastronômicas regadas a vinho e aventuras com a turma “jovem” formada pelos filhos dos antigos membros da Comissão integram a programação. Neste ano, o destaque foi a banana assada com chocolate. Ótima pedida, apresentada pela fotógrafa Clara Adams.

Creio que nenhum game, aplicativo ou experiência através do mouse é mais marcante e educativa do que uma vivência em meio a plantas, bichos e sensações provocadas pelo convívio em grupo em um ambiente natural.

O empresário Luciano Bortoncello, 47 anos, leva a esposa e dois filhos de 9 e 15 para os acampamentos em feriados com a turma. Ele acredita que isso é uma oportunidade de se transmitir uma noção de vida diferente: de sustentabilidade. “Nos acampamentos fica claro que não é preciso de tantas coisas para se viver, se aprende a viver com menos conforto, sem televisão, internet e joguinhos”. Além disso, para o empresário, é muito importante promover uma relação dos filhos com a natureza de áreas pouco descaracterizadas, “intocadas”.

As gêmeas Marina e Helena, de 5 anos, que o digam. Acampam com seus pais desde os três. São ágeis, versáteis, topam qualquer parada e não tem

medo de insetos. Tenho certeza de que as crianças, assim como os adultos, não vão esquecer das sensações durante o banho de rio de águas cristalinas, do contato com os animais que não se encontra na cidade e da roda em volta da fogueira. São momentos que não tem preço, difíceis de estipular o quanto valem para a trajetória de cada indivíduo. Aproximam gerações, conectam saberes e evidenciam o quanto é precioso sair fora da rotina de cidade grande para manter relações e a nossa natureza em equilíbrio.

Consumo e prazer



Homem fome

Neca - Marli Knorst

E eis que a luz,
repentinamente,
se fez semente
de um novo dia,
que brotou no coração
do homem.
Homem fome
de vida.
E a morte suicida,
morreu na esperança
de uma nova vida.
Vida não tão fingida
e bem mais sentida,
que corria por dentro
dos braços, das pernas
e da alma
do homem fome.

Escrita em 1982



O prazer é gordo, a beleza é magra

Luis Felipe Nascimento

Pergunte a amigos:

— Se encontrasses o gênio da lâmpada, que pedidos lhe farias? Prazer (compras, comida, bebida, viagens, amor e sexo), beleza (corpo escultural e aparência de celebridade), sucesso (dinheiro, fama, poder, ser o melhor do mundo em algo) e boa vida (ócio, saúde, luxo e conforto), isto seria a felicidade plena! Estes não são exceções, compõem o imaginário dos que, mesmo sem o tal “gênio da lâmpada”, sonham em ganhar na Mega-sena ou esperam que um grande lance dê mais de nossos carros e talvez nem tomem uma cervejinha gelada no churrasco de final de semana. Não há milagre que torne magro, forte e saudável quem se entrega aos prazeres de comer e beber. Celebidades são vistas em mansões e iates, mas poucos sabem que a cena pode haver acontecido em um dos seus raros momentos de lazer. Em outras palavras, “o sucesso é sofrido e a boa vida é preguiçosa”. Eles não combinam. Para se destacar em qualquer área, é preciso se dedicar muito. Quem já alcançou o sucesso e passa a desfrutar da “boa vida”, entra na descendente, pois o esforço para manter o alto desempenho não permite relaxar. Se não dá para se ter, ao mesmo tempo, beleza, prazer, sucesso e boa vida, por que então tantos sofrem perseguindo esse sonho? Imagine agora um novo paradigma, pelo qual a beleza não está nas medidas do busto e do quadril ou na “barriga tanquinho”, mas no jeito de ser e nos valores; na alegria e energia transmitida; na amizade e na solidariedade demonstradas. Pense em como o mundo seria se todos acreditassem que o prazer não está no consumo, mas nas boas ações, nos sorrisos e nas gentilezas. E que o sucesso não está em acumular dinheiro e troféus, mas em fazer o bem e em tornar os outros felizes. Ou, falando de outro modo, que boa vida não está no ócio, mas sim em trabalhar naquilo e com quem se gosta, com liberdade para desenvolver todo o seu potencial. Ainda é necessário muito esforço para atingir esses objetivos, mas as motivações e as recompensas são outras. Muitos dirão que isto é uma ficção. Agora, pense no que possa ser mais fácil de se tornar real: esta “ficção” ou o gênio da lâmpada? O novo paradigma é um sonho de quem não quer mais o mundo como ele está, quer transformá-lo; que não espera pelo gênio da lâmpada ou pela Mega-sena e, por pouco que seja, faz a sua parte e estimula outros a construí-lo!

Artigo publicado no dia 22 de agosto de 2012, no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre <http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2012/08/22/artigo-o-prazer-e-gordo-a-beleza-e-magra/?tupo=13,1,1,,13#header>



Cuidamos mais de nossos carros do que de nós mesmos – exagero ou realidade?

Luis Felipe Nascimento
Márcio Jappe

Uma ida rápida ao supermercado e a decisão a ser tomada: comprar orgânicos, livres de agrotóxicos e mais saudáveis, ou alimentos mais baratos, provavelmente tratados com produtos químicos e industrializados? Os números totais de vendas demonstram que o menor preço ganha esta briga. Passa-se pelo caixa e as compras são carregadas no porta-malas do carro "0 km". Também é preciso abastecê-lo, e eis mais uma decisão: Abastecer no posto com gasolina aditivada, da melhor qualidade, ou no que oferece gasolina bem mais barata, possivelmente "batizada"? Hummm, o carro é novo... Melhor será completar com a aditivada, mais cara, mas que não irá comprometer a "saúde" do carro. Resultado: Carro 1 x 0. Dia a dia corrido... Academia, terapia, dentista, check-up anual, exames preventivos... De que jeito? Mas sempre se acha tempo e dinheiro para a beleza de nossos carros. Lavagem, polimento, película, som... E as trocas de óleo e revisões preventivas a cada 10 mil km? Deixar de fazê-las, perder a garantia e correr riscos desnecessários? De jeito nenhum! E, ao menor ruído, se corre para a oficina, para ver onde está o problema. "Polir" a própria imagem (ou melhor, o interior) é menos importante que polir o carro. E visitar o dentista, sem estar com dor nos dentes, é bobagem. Fazer as revisões no carro, não. Ir ao médico, devido a um pequeno desconforto é frescura. Mas oficina para o barulhinho do carro, não. Resultado: Carro 2 x 0. E, na revisão do orçamento doméstico, quem sabe "não fazer o seguro do carro, para economizar?" "Tá maluco?"; "E o seguro de saúde? Este nem foi usado no último ano... O.K., mas ainda não será neste ano que vou fazer o seguro de vida, está muito caro!" Outra situação curiosa: "Parabéns pelo carro novo!" costuma ser mais comum do que "parabéns por deixar o cigarro / por comer de maneira saudável / por exercitar-se regularmente / por ter começado a pós". Parece que a "melhoria de vida" é mais evidente ao trocar de carro do que ao cuidar de nosso desenvolvimento pessoal e de nossa saúde. Resultado: Carro 3 x 0. É, somos "apaixonados por carro". Curiosamente também o são os alemães e

os norte-americanos (e haja publicidade...). Já fomos convencidos de nossa paixão por carro ou por futebol, e também de que não desistimos nunca. Será que, algum dia, seremos "apaixonados por saúde e bem-estar"? Faremos o "gol de honra"? E vender o quê com isto? Carro... Ah, deixa pra lá, melhor "imaginar a festa".



Fonte de inspiração e viagens

Guilherme Ribeiro de Macêdo

Recebi um e-mail do prof. Luis Felipe, há duas semanas, com um convite: o de escrever um texto, sobre um tema livre, até o dia 05 de março. Eis que estou escrevendo em 05 de março, já que a melhor inspiração de qualquer tarefa é o prazo, pelo menos no meu caso.

Como estou chegando de férias longas, os temas que tenho em mente são basicamente observações deste período "não produtivo".

Primeiramente, como não tirava férias deste tamanho desde 2006, eu achei que seria uma boa ideia ficar fora por 30 dias. Vi que foi um erro. 15 dias são mais do que o suficiente para descansar a mente. Mais do que isso é exagero, e até diria que é "quase uma aposentadoria".

Depois disto, eu "engordei" a estatística, no Banco Central, sobre os gastos de brasileiros no exterior. Fui para os EUA, visitar uma sobrinha que nasceu recentemente e, "sem querer", voltei com sete bagagens cujo excesso foi devidamente declarado para a Receita Federal. Logicamente, mesmo pagando o excesso, o preço médio dos itens comprados ficou bem mais baixo do que o seu correspondente, se comprasse tudo aqui. E isto gera, em qualquer brasileiro, a pergunta inevitável do porquê desta diferença. Bem, enquanto eu estava lá, não parei para pensar nisto, apenas comprei. Um par de 10 meias de alta qualidade me custaram R\$ 15,00 (após a conversão!); um carrinho para bebês, por R\$ 600,00 (o que, aqui, custa cerca de R\$ 3.500,00). E por aí afora. Não achei coisa alguma que fosse mais caro do que no Brasil, exceto os restaurantes, mas cujos preços já estão quase iguais. Estamos chegando lá! Mas por que isto ocorre, mesmo? Os mais apressados dirão que a culpa são dos impostos e dos políticos, da corrupção, etc., etc. Estes itens entram na culpabilidade do preço salgado. Mas a questão ainda está longe de se restringir só a isto. Por exemplo, percebi que, lá, o carro mais básico tem um motor de 1.4 l., e custa cerca de US\$ 10.000 dólares. E, aqui, o mais básico tem um motor de 1.0 l., e custa o mesmo preço, já convertido pelo câmbio. Por que a montadora irá cobrar o mesmo valor por um carro com um motor 1.4, aqui, se o piso para o mesmo carro, mas com motor 1.0, é R\$ 27.000,00? E isto é assim porque o Governo Brasileiro insiste em incentivar a produção deste carro, chamado "popular". O que relatei, a respeito da indústria de automóveis, também ocorre em outros setores como os de cosméticos, perfumes e vestuário. O produto nacional, em geral

de pior qualidade, já que a produtividade da mão-de-obra brasileira é menor, em comparação com a dos países desenvolvidos, gera um piso de preço que acaba sendo referência para os produtos importados. É certo que, mesmo que custem menos, quando convertidos pela taxa cambial, por questão de referência, custarão mais caro, para o consumidor final (que é quem “paga a conta toda”, ao final da cadeia) e vai “engordar” a margem do exportador. Não por acaso, há várias marcas americanas e europeias famosas desembarcando por aqui, pois sabem que o brasileiro consumirá e ampliará a margem de lucro das matrizes destas griffes. Um exemplo contemporâneo do consumismo brasileiro exagerado são os “rolezinhos”: engana-se quem acha que sejam um grupo de pessoas à margem da sociedade que querem somente passear no shopping e aparecer. Alguns deles vão para o shopping para consumir mesmo, pagam muito caro por camisas, bermudas, tênis chamados “de marca” com o objetivo de se satisfazerem e de serem socialmente reconhecidos. Como o crédito está facilitado através dos cartões, geralmente o custo deste “fenômeno social” sobra para as suas mães, que parcelam a compra em muitas prestações. Em resumo, o brasileiro paga mal e caro (mesmo quando não pode!!!) porque não tem referência. Tudo isto é um reflexo de uma educação ruim, que gera uma grave distorção de valores.

Quando eu estava em São Francisco, vi a polêmica camisa da Adidas à venda, que posteriormente foi retirada, a pedido do Governo Brasileiro. Cerca de 15 dias após a visita a São Francisco, eu estava em Nova Iorque, em um restaurante brasileiro que fica na Little Brazil, matando a saudade de quiabo com arroz. Sentados ao meu lado estavam dois americanos (um casal) que desejavam saborear a caipirinha. Após uns quinze minutos, este mesmo casal começou a conversar um pouco mais alto e foi inevitável escutá-los. Deu para ouvir que o americano morou no Brasil por uns 5 anos, e que a sua namorada foi uma vez ao Rio, mas em uma passagem bem breve. Foi uma conversa em tom cada vez mais alto, e estavam sempre mais animados e com saudades do Brasil. Afinal, só falavam bem do país quando, de repente, aparece na TV do restaurante – um restaurante brasileiro que se preze tem que ligar no canal líder da TV aberta brasileira – o símbolo maior: a mulata sambando em uma vinheta de carnaval. Sem pestanejar, o americano solta em alto e bom som: “It is Brazil!!!!” Mais um tempinho, recomeça a novela e mostra uma conversa entre mãe e filha, sendo que, na cena em questão, a filha está apenas de calcinha e uma camiseta apertada. Novamente, o americano aponta para a TV e exclama: “Amazing!!!!” E, depois, queremos impedir a Adidas de vender uma inocente camisa.

Na hora de ir embora para o aeroporto, contratei o serviço online chamado SuperShuttle. Na van, havia oito pessoas: duas holandesas, eu e minha esposa, dois italianos, uma canadense e o motorista paquistanês. O motorista não sacou a nacionalidade dos presentes exceto a minha e da esposa em função de quê? DAS MALAS!!!!

Chegando em Guarulhos, vocês já sabem o desfecho nada feliz desta história, certo? Gritaria, espaço de menos, tanto para pessoas quanto para o avião, pois não tem pista suficiente, atrasos, falta de luz, etc., etc...

O que nos anima, então, a voltar? E por que 15 dias foram pouco? Não importa onde nossa casa e família estejam, sempre geram saudades e aquela sensação gostosa do retorno. Além disto, meu trabalho é aqui no Brasil...

Ou, como naquele antigo ditado: "Aqui se faz, aqui se paga..." E muito bem pago, diga-se de passagem...



Mundo-empresa

Rosimeri Carvalho da Silva

Comédia não é o meu gênero favorito, mas teimei em assistir “O Lobo de Wall Street”. Este filme, como classifica o IMDb, é uma comédia. Eu tenho uma grande dificuldade para rir em comédias, e sempre saio do cinema sentindo aquela estranha sensação de inadequação.

Ontem, isto foi mais forte. Qual é a graça em ver um bando de loucos vendendo ações de empresas que não existem para trabalhadores que dão duro para economizar um pouco? E porque é engraçado ver um bando de irresponsáveis enchendo a cara com todas as drogas que seu dinheiro permita, a ponto de se arrastarem como vermes (que, de fato, são)? Qual é a graça em ver um bando de bandidos infringindo a lei sem qualquer temor? Eu não consegui rir disso. E pior, saí do filme com medo. Caso meu filho o assistisse, se sentiria atraído por tudo isto? E meus alunos, perceberiam a ironia usada pelo diretor para tratar de algo tão presente em nossas sociedades ou seria este o seu sonho escondido?

Achei o filme muito bom, se é que posso avaliar algo feito pelo Scorsese! O filme é bom em evidenciar a crueza com que o personagem principal defende, frente à sua equipe, que o cliente não interessa e que pode ser escancaradamente lesado. Mais do que isso, ele deve ser lesado, pois é disto que resulta o dinheiro que embolsam aos borbotões. O egoísmo e o individualismo são colocados no seu grau máximo. Um bom filme para discutir com os alunos as relações reais entre empresas e consumidores, bem como o verdadeiro poder do mercado financeiro. Será? Resolvi tentar responder a esta questão lendo alguns comentários postados na internet. E encontrei a passagem abaixo, nos comentários de um site sobre cinema:

No caso, não é como se o roteiro ou a direção do filme estivessem vendendo esse estilo de vida. O filme é uma crítica (tanto que é comédia), e é vendido como crítica. Porém, como o filme é extremamente irônico, o personagem muitas vezes conversa com o telespectador para entrarmos na visão dele, na perspectiva do mundo que ele tem. Para se vender. Tanto é que as coisas são mostradas do jeito que ele enxerga (a Ferrari muda de cor, o acidente de que ele não se lembrava, etc.).

Inclusive, ele terminou como palestrante, como motivador das pessoas: agora vendendo a sua imagem e suas ideias sobre economia pessoal. Eu achei extremamente irônico isso, e principalmente o filme terminar com

aquelas caras de pessoas ávidas, com o rosto meio assustado/impressionado. Expressão facial que considero que muitos ficaram durante o filme. (<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-127524/criticas-adorocinema/>).

De certa forma isto foi animador, sobretudo porque a comentadora percebeu a ironia de o personagem principal terminar o filme como palestrante (um agradecimento pessoal ao Scorsese por isto!). Mas, na continuação da leitura do comentário:

Isso porque filmes são feitos para uma demanda, isso é claro. Portanto, devem tocar algum ponto forte da cultura de um povo para "fazer sucesso". E nossa cultura valoriza o dinheiro e há o eterno sonho do enriquecimento fácil. Por isso acho que, por mais que o filme seja crítico, haverá muitas pessoas que ficarão encantadas com aquilo tudo, com aquela vida sem regras, com possibilidades infinitas.

Isso é errado? Não, de forma alguma. Compra quem quiser, é só uma questão de oferta e demanda.

(<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-127524/criticas-adorocinema/>).

Há muitos outros comentários que entendem a crítica do filme e partilham dela, mas não achei qualquer outro que a mostrasse tão claramente quanto este, o que abordamos em uma sala de aula, no curso de Administração. Apesar da grande inteligência dos alunos lhes permitir perceber as relações que se estabelecem no mundo capitalista, a força da ideologia deste mesmo sistema capitalista os leva a justificar, defender, naturalizar. "Compra quem quer", "o desenvolvimento da tecnologia é natural", "mas as empresas proporcionam empregos", "mas há todos os programas de responsabilidade social", são algumas das frases que ouvimos para justificar o capitalismo e a empresa. E ainda há outra, mais grave: "Não podemos voltar na história". E isto significa: "Ou continuamos, ou voltamos à Idade da Pedra!"

Esta última parece ser ainda mais grave do que aquelas, porque as primeiras são tentativas desesperadas de justificar o mundo no qual se vive. Já a segunda, no entanto, é a mostra do fechamento, em um só mundo, de toda a perspectiva destes jovens. Um "outro mundo" só é visto no passado, não há outro mundo a não ser este. Na visão do sociólogo francês Andreu Solé, nós somos construtores de mundo. E, é bom que seja dito, o mundo que construímos, coletivamente, é um conjunto de possíveis e impossíveis. À medida que os jovens que temos em sala de aula só veem outro mundo no passado, se encarceram neste que temos agora. Encarcerados no mundo que conseguimos construir até agora – pois, em sua visão, passa a ser impossível existir outro mundo que não seja este – eles já não se preocupam em lutar contra os velhos que nós somos para nos dizer que tipo de "outro mundo" querem. Nos cursos de Administração, isto parece ser muito forte. Mas claro, não só neles.

Se seguirmos examinando o que diz Solé, veremos que, para ele, pela primeira vez na história da humanidade, um mundo, o nosso mundo, o mundo-empresa, se impõe a todo o planeta. Tentar se impor seria mais justo, pois há povos lutando bravamente contra isto. Este mundo é caracterizado pela empresa, o que significa que é organizado por ela e para ela. E isto, evidentemente, só pode acontecer com o desenvolvimento do capitalismo. É um mundo no qual a esfera econômica se autonomizou das demais e sobre elas

se elevou, subordinando-as e estimulando o individualismo e relações egoístas, baseadas na troca monetária de mercadorias. Sintetizando esta ideia, a melhor frase ainda me parece ser a de Smith: "Não é da benevolência do padeiro, do açougueiro ou do cervejeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse" .

Nesse "mundo", ao contrário de em muitos outros, somos levados a crer que vivemos em um mundo de escassez, de recursos raros. Diferentemente dos povos arcaicos, que desejavam pouco e, portanto, viam o mundo como abundante, nós desejamos muito e parece não haver no mundo o suficiente para responder aos nossos anseios. Esta visão da escassez, a "construção social da escassez", segundo Solé e Abraham, legitima e justifica a predominância da esfera econômica e instiga relações competitivas. Como diz o velho provérbio popular: "A farinha é pouca, meu pirão primeiro!" Nessas relações, a propriedade das mercadorias é a questão fundamental. Nós, ao contrário de alguns dos grupos arcaicos, nos comprazemos em possuir. A propriedade privada dos meios de produção é o traço fundamental que emerge e implica relações de trabalho caracterizadas pelo assalariamento. Somos, embora nem todos, empregados de estruturas empresariais nas quais a organização do trabalho é racional. E isto significa, na perspectiva weberiana, que o trabalho é organizado pela observação a regras impostas, em uma relação de dominação, guiadas por critérios de eficiência. Relações impessoais, mediadas sobretudo pelo dinheiro. Tudo isto regado por uma crença inexorável no progresso, no crescimento e na atenção para a "palavra da vez" na Administração, que é a Inovação!

Isto pode significar o encantamento de meus alunos com o personagem de DiCaprio, fazendo palestras de motivação nas quais pede à plateia que lhe venda uma caneta! Ou pior, pode significar que eles caracterizarão o "modelo de negócio" – vender ações de empresas sem qualquer futuro, no varejo, a pessoas pobres, como um modelo inovador.

Pode-se acusar os nossos alunos (de algo grave) ou apenas dizer que eles carregam uma maneira diferente de olhar o mundo?

E agora, em termos bem locais, o que dizem a mídia e, igualmente, a empresa, a respeito das manifestações dos jovens, indignados com a privatização da cidade de Porto Alegre? Que são vândalos que destruíram o símbolo da copa. Mas não se diz que os jovens estavam lá protestando contra a privatização da cidade e a entrega de um dos largos mais simbólicos de Porto Alegre aos cuidados de uma empresa. E também não se diz que, na verdade, o tal símbolo, no final das contas, não havia sido destruído, mas apenas desinflado. Que gentis, estes vândalos, não? E os mesmos veículos de comunicação não esclarecem que o símbolo foi colocado no largo pela empresa à qual o mesmo foi entregue e que a fúria dos manifestantes se explica, sobretudo, porque os jovens se batiam é contra esta empresa. Também não comentam o fato de a polícia ter protegido um boneco de plástico e agredido gente de carne e osso (claro, sabemos que, naquele momento, o boneco de plástico era o símbolo da empresa).

A empresa é defendida com fervor pela mídia. E isto aparece em muitas de suas expressões. Por exemplo, quando defende a especulação imobiliária contra o Plano Diretor que limita a altura dos prédios. Ou quando defende as empresas de ônibus, sem questionar se estas priorizam seus ganhos em

detrimento do direito de ir e vir da população.

Não é esta a mesma posição de tantos outros grupos? "Consumam...", disse o presidente negro; "Consumam...", disse o presidente operário; "Consumam...", disse a presidente mulher. "Atendam aos desejos de preenchimento das planilhas de encomendas das empresas e tudo irá bem..." "Trabalhem mais e ganhem mais, para consumir mais e ter que trabalhar mais para ganhar ainda mais, para poder consumir ainda mais, então, ganhem ainda mais e consumam cada vez mais do que antes..."

Parece-me fundamental mostrar aos nossos jovens as consequências e os limites deste mundo-empresa. No Canadá, existe um grupo que se intitula *Objecteurs de Croissance*, ou, em tradução livre, *Objetores do Crescimento*, que evidencia as razões para fazer objeção ao crescimento. Segundo Yves-Marie Abraham, integrante do movimento, o crescimento é:

Esgotante – o crescimento esgota antes de mais nada a biosfera, retirando dela o que é necessário para a produção de mercadorias e, em retorno, saturando-a de dejetos. De suas análises, eles concluem que, em um mundo finito, é impossível ocorrer um crescimento infinito. Mas ele é também esgotante para a sociedade, uma vez que joga todos contra todos e, dessa forma, ameaça a coesão social. Este crescimento descontrolado também é esgotante para cada um de nós, na medida em que necessitamos produzir mercadorias sem cessar ou vender a nós mesmos como mercadorias, sob pena de perdermos nossos meios de existência.

Injusto – esta corrida pela produção de mercadorias é desigual e tende a favorecer uma minoria, em detrimento da maioria. E este mesmo crescimento também é injusto contra as gerações futuras, pois fragilizamos sua condição de existência. E, finalmente, é injusto contra os seres não-humanos, flora e sobretudo fauna, cuja possibilidade de existência não para de ser reduzida.

Alienante – o crescimento nos aliena porque nos impede que sejamos nós mesmos, que realizemos plenamente nossa humanidade e que exerçamos toda a nossa liberdade. Porque ele é fundado no progresso tecnocientífico. E, portanto, nos torna cada vez mais dependentes da técnica... Esta corrida, que se chama capitalismo, se impõe a todos, ganhadores e perdedores, incluindo o "malvado" capitalista, pois também este deve estar sempre correndo, sob o risco de desaparecer, caso parasse no meio da corrida. Estamos todos submetidos a esta "lei do valor" pois, caso contrário, não teríamos acesso ao que é convencionalizado como "existência social".

Nossos jovens parecem não ver a possível existência de um "outro mundo", mesmo quando percebem e concordam com as críticas que muitos levantam quanto ao mundo que construímos. De fato, parece não haver, como gostaríamos e esperaríamos, um projeto de mundo sem empresas, sem um crescimento destruidor do planeta. Ninguém nos acena com uma utopia mobilizadora. Como assinala Solé, bem sabemos que opções inovadoras, interessantes e importantes como os sistemas de trocas locais, comércio justo, economia social solidária e desenvolvimento sustentável não constituem, de modo algum, uma alternativa viável ao mundo atual. Mas, é bom ponderar com Solé, que afirmou:

Nós somos prisioneiros e livres. Prisioneiros de nossos "possíveis" e "impossíveis" do momento. Livres, porque, a todo momento, sem plano, sem

estratégia, sem modelo, sem projeto, somos capazes de criar outros possíveis e impossíveis. Tão surpreendentes, tão loucos quanto nos parecem hoje os Astecas. O homem é, para o melhor e para o pior, um animal criador de mundo. Agora, mesmo que nos pareça tão forte e tão insuperável, nosso mundo já está superado. Não é porque os homens não vejam e não sintam o mundo que substituirá este, no qual se sentem presos, que este "novo mundo" está longe.

Cotidiano



Poesias do cotidiano

Neusa Rolita Cavedon

Dia frio
Vento gelado
Corpo dobrado

Neblina
Imagem fugidia
Olhar de quem tem miopia

Lajota solta
Jovem tropeça
Do sonho desperta

Dia cinza
Cortina de água
Só sai fantasma

Ipê florido
Caminho colorido
Passageiro distraído

Algodão doce
Nuvem rosa
Céu da boca encosta

Casa pobre
Árvore nobre
Moleque dorme

No meio da calçada
Guarda-chuvas esquivos
Olhares furtivos

Janela com grade
Verde da árvore

Aula invade

Velho andarilho
Triste mendigo
Olhar sem brilho

Pássaro de latão
Céu azulão
Bolinhas de algodão

Comandante fala
Ninguém se abala
Preocupante é a mala



O inferno das boas intenções

Hugo F. Müller Neto

Ao escrever esse texto, minha intenção foi... Mas... Não, não importam as intenções que tive ao escrever esse texto. Importa apenas o efeito que esse texto terá sobre você, que está lendo-o agora. Essa responsabilidade do autor sobre os efeitos que seu texto terá, especialmente no meio acadêmico, é um fator de bloqueio e de ansiedade, tanto para autores principiantes quanto para os mais maduros. Nesse texto, eu considero a ansiedade autoral como uma dificuldade especial, incluída em uma categoria muito mais ampla: a ação humana.

Ficamos consternados quando percebemos que algo que fizemos (uma ação) traz resultados não esperados. Por exemplo: "Desculpe!" – que foi o eu que disse quando, em uma tentativa de me equilibrar em um ônibus em movimento, pisei inadvertidamente no pé de uma elegante senhora que estava ao meu lado. O exemplo é simples, mas retrata uma ampla gama de acidentes, dos mais simples aos grandes desastres. Cada um vai lembrar agora dos seus pequenos ou grandes desastres pessoais. O sentimento que nos vem é de desconforto: somos obrigados a aceitar uma limitação inerente à condição humana: nossa incapacidade de prever todos efeitos de uma ação. Temos o poder de desencadear um processo novo, mas nunca sabemos ou podemos antecipar todos seus desdobramentos.

"Eu inventei a desgraça do mundo" teriam sido as últimas palavras de Santos Dumont, o genial pai da aviação, decepcionado com o uso bélico de suas invenções. Consta que, assim como Dumont, Albert Einstein dedicou o final de sua existência às formidáveis tarefas de entender as razões da violência humana e de buscar remédios para essa mazela. Perto desses exemplos, a senhora que teve seu elegante pé pisado por mim já deve ter me desculpado. Podemos até dizer que Dumont foi mais "inocente" do que Einstein. Ou seja, Dumont tinha menos condições de prever o uso bélico de suas invenções. Afinal, a pesquisa nuclear feita por Einstein fazia parte do esforço de guerra norte-americano.

Assim, uma das maneiras que temos para nos defender da esmagadora opressão exercida pela imponderabilidade dos efeitos da ação é apelar para nossa ignorância. Podemos dizer (ou dizemos): "Eu não sabia que isso poderia acontecer", "Não havia como prever esse efeito". Daí decorre a responsabilidade do conhecimento, ou seja, quanto mais somos conhecedores

do mundo e das suas relações causais, menos oportunidades teremos para empregar a defesa por ignorância. Por isso, considerando que as pessoas têm diferentes níveis de conhecimento, também devem existir diferentes níveis de responsabilidade para os mesmos erros.

Mas a alegação de ignorância não é um remédio efetivo. Os gregos antigos pressentiram isso. E contavam uma história de um homem a quem foi dado saber a tragédia que ele provocaria: um oráculo antecipou a Édipo que ele mataria seu pai e se casaria com sua mãe. Édipo fugiu da cidade, ou seja, fugiu da desgraça que lhe havia sido destinada. Na sua fuga, encontrou um homem com quem discutiu, e acabou matando-o. Ao retornar à sua cidade, por ter decifrado o enigma da esfinge, recebeu como prêmio o título de rei e se casou com a rainha viúva. Mais tarde, percebeu que o homem a quem havia morto era seu pai e que a rainha era sua mãe (os biológicos, não os que conhecera, os adotivos). Desesperado, acaba furando os próprios olhos. A moral da história é que os gregos propunham que a ação humana é o gatilho do destino. E que o destino, cruel ou grandioso, é sempre inevitável. A solução proposta pelos gregos: não agir! Melhor ficar apenas no discurso. Para eles, a Política e a Retórica são os fazeres mais nobres porque nada produzem. As atividades cotidianas necessárias à manutenção da vida são destinadas aos escravos. Os grandes feitos de ação são destinados aos heróis. Ao sábio cabe melhor uma vida contemplativa.

Assim, até este momento, enquanto escrevo (e vocês leem) este texto, é bem sabido que muitas pessoas usam o destino para explicar certas atitudes ou circunstâncias. Outras vezes, dizem que é a "vontade divina", ou que tal coisa aconteceu porque "estava escrito nas estrelas...", para justificar o imponderável em nossas vidas. Podemos, até diariamente, consultar o nosso oráculo moderno, o horóscopo. Ou podemos optar por fazer o mínimo possível. Podemos até achar graça ao dizer: "Se eu nada fizer, não há como eu ser o culpado por algo que saiu errado" ou "Quando eu tenho vontade de fazer alguma coisa, fico parado esperando essa vontade passar". Estas são algumas das fórmulas bem-humoradas que retratam uma maneira determinística, acomodada e, talvez, trágica de viver a vida. Trágica porque, quando "transferimos" a nossa responsabilidade para o destino ou para uma divindade, achamos que nos eximimos da responsabilidade, que é nossa. E nos tornamos escravos de nossos destinos, ou, em outras palavras, nos acomodamos.

Afinal, o que podemos fazer a respeito da imponderabilidade dos efeitos de uma ação? Poderíamos nos defender de um efeito indesejado (ou negativo) de uma ação, argumentando que nossa intenção era boa? Poderiam Einstein e Dumont usufruir de uma velhice tranquila, merecida pelas inegáveis contribuições dadas à humanidade? Afinal, eles trouxeram grandes avanços para o conhecimento humano. O que a humanidade faria com eles deveria ser um problema para a posteridade resolver... Não, afinal, como se diz... "O inferno está cheio de boas intenções..." Para encontrarmos uma maneira de lidar com o imponderável de cada ação, e, portanto, libertarmos-nos dos nossos alçozes, sejam estes o destino ou a imobilidade, precisaríamos encaminhar dois tipos de problemas desencadeados pelas nossas ações em um mundo imponderável.

A primeira maneira efetiva de que dispomos para lidar com o impon-

derável diz respeito às nossas ações futuras. A promessa é a forma que encontramos para nos comprometer com um conjunto de ações futuras, independentemente do que vier a acontecer. É a promessa que sustenta todas as relações comerciais (como na "nota promissória", ou na "promessa de compra e venda") e jurídicas (quando alguém diz "Prometo que vou cumprir a lei"). É a promessa, portanto, que permite as relações humanas e sociais (como na clássica promessa matrimonial do "Prometo que vou te amar e respeitar..."). A promessa, no entanto, deve estar acompanhada do comprometimento daquele que prometeu em fazer cumprir o prometido, a despeito das vicissitudes da vida (como no aditivo circunstancial da mesma promessa acima, sobre "na alegria e na tristeza, na doença e na saúde, na riqueza e na pobreza..."). É a promessa, portanto, que dá a segurança necessária para a construção social, em um mundo imponderável.

A segunda maneira efetiva que temos para lidar com o imponderável diz respeito aos efeitos negativos que já decorreram de atos que fizemos. Para isso, devemos ao cristianismo o remédio do perdão (como na máxima de "Perdoai nossas ofensas assim como perdoamos a quem nos tenha ofendido"). Perdoar "setenta vezes sete" aqueles que nos ofenderam, ou seja, aqueles que, em um ônibus, pisaram nos nossos pés, é a fórmula libertadora da opressão que nos impõe a responsabilidade última sobre nossas ações. O perdão, é portanto, um dom divino que está ao alcance do homem, um ato de extrema sabedoria frente à imperfeita condição humana. A fórmula cristã é libertadora não apenas para aquele que comete a ofensa, mas alivia também aquele que foi ofendido. É como se aquele que perdoa dissesse: Olha, eu sei como acontecem coisas que nós não gostaríamos que houvessem acontecido. Isso já aconteceu comigo. Segue teu caminho e façamos de conta que isso nunca aconteceu." E, se ambos esquecerem a ofensa, o milagre se opera: a ofensa some da história humana.

Mas, para ser perfeito como agente dissolvente das mazelas humanas, aquele que perdoa deve ser capaz também de estender o perdão para si mesmo. Enquanto o ofensor (e o ofendido) não forem capazes de se incluir no processo do perdão, a ofensa permanece viva. Assim, apenas o perdão de si mesmo salvaria Dumont ou Einstein dos seus fantasmas de velhice. Afinal, se pensarmos bem, realmente não seria justo responsabilizá-los pelas dores das chamadas "guerras mundiais", das quais suas descobertas e invenções fizeram parte.

Portanto, se realmente desejarmos nos apropriar de nosso destino, na extensão que nossas imperfeições e limitações naturalmente nos impõem, não podemos nos esconder atrás de nossa ignorância. Não podemos responsabilizar totalmente o destino, os astros ou os deuses. Tampouco poderemos ceder à imobilidade. Teremos que agir a despeito do imponderável. Podemos começar a nos acostumar a "prometer comprometidamente", e a perdoar aos outros e a nós mesmos. Afinal, "é pelos atos que se conhece o homem, assim como é pelo fruto que se conhece a árvore". Para terminar, peço aos leitores que eventualmente tenham se sentido ofendidos, por qualquer que seja a razão, que, por favor... me perdoem.

Para saber mais:

Arendt, Hannah. Raposo, Roberto. [The human condition.

Português] A condição humana. 11. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. xlv, 407 p.

Sófocles. Kury, Mário da Gama. A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona. 15. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 264 p. (A tragédia grega; v. 1)

Seitenfus, Ricardo Antônio Silva; Ventura, Deisy de Freitas Lima. (Orgs.) Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra? Santa Maria: Fadisma, 2005.



Desafinado

Bárbara Kreutz Pustai

Caminhando pela Rua dos Andradas, ouço um barulho – não tenho certeza se me incomoda ou se me agrada. De longe, vejo um homem de costas, camisa listrada, segurando um violão. Chego mais perto. Percebo o all star, o chapéu de mágico estrategicamente posicionado no chão e a bicicleta amarrada no poste.

O microfone está encaixado em um pedestal, enquanto a enorme caixa de som repousa sobre um carrinho de empurrar. Duas mulheres passam, e uma comenta com a outra: “Ele acha que está arrasando”.

A música que eu ouço é, realmente, lamentável. “Incomoda”, decidi. Ninguém para pra assistir. Alguns pedestres, no máximo, caminham mais devagar e logo apressam o passo novamente. Uma ambulância vai cortando caminho pelo calçadão, até parar bem ao lado do jovem aspirante a cantor, e algumas pessoas se aglomeram para ver o que aconteceu. Enquanto os paramédicos saem à procura do chamado, curiosos se escoram no veículo e fumam.

O jovem desafinado, finalmente, consegue atrair alguns olhares – mesmo que desatentos. Um mímico começa a imitar seus gestos de forma cômica, logo sendo acompanhado por um colega. Sete pessoas param. Sete. Rindo, prestam atenção, batem palmas e comentam. Enfim, uma “pequena glória” para o desafinado! Mas logo os mímicos cansam dele e vão incomodar outras pessoas, que caminham distraídas pela rua.

O público dispersa; sobram somente aqueles que ainda esperam pela conclusão do drama da ambulância. Atenta mesmo apenas eu, que observo encostada em uma parede próxima. Comecei a prestar mais atenção na música, mas demorei para entender que língua ele cantava. Era português. “E da janela desses quartos de pensão, eu como vetor, tranquilo tento, uma transmutação”, dizia a letra de Raul Seixas.

Eu não conseguia compreender o que o levou a cantar em público. “Deve ser pelo dinheiro”, pensei. Para provar minha teoria, me aproximei do chapéu de mágico, com um real na mão. Olhei para dentro, antes de jogar, e vi apenas outras três moedas: meu níquel caiu e nem chegou a tilintar. Com um aceno de cabeça, ele agradeceu minha contribuição. “Não é pelo dinheiro”, concluí.

Fui embora. O som desafinado, aos poucos, foi ficando para trás. Na porta

da lotação, abro a carteira e conto as moedas: falta um real. Não preciso me sentir culpada por falar mal do pobre cantor – mesmo sem saber, ele já está vingado.



Exílio de verão

Gabriela Cardozo Ferreira

Como tudo na vida, até Porto Alegre, no verão, tem dois lados e, apesar do clima (quando o ar é tão quente que fica difícil até respirar), há muitas vantagens nesse período. A intenção dos que ficam (sim, porque ficar é sempre a segunda opção) pensando no calor desta “muy leal e valorosa” cidade, é aproveitar todas as vantagens da época.

Começa o dia, já com quase 27 graus, às 6 h 30 min da manhã. E a primeira possibilidade que se apresenta é a de sair de casa mais tarde: já que o trânsito é tranquilo, haverá uma economia de tempo no trajeto. Mas o calor da noite (que sequer chegou a baixar dos tais 27 graus!) atrapalhou o sono e estamos exaustos. Rolamos na cama quente, pensando que, definitivamente, ventilador só refresca no inverno. E, entre o calor e o sono, acabamos nos atrasando para sair. Mas nem a tranquilidade do trânsito compensou a hora perdida.

Chegou o horário do almoço, e pensamos em ir ao bistrô que fica a poucas quadras de distância, sem ter que enfrentar a longa espera de sempre e realizar, de forma digna, uma refeição: comida saudável, sentado, mastigando... Mas a temperatura atingindo os 39 graus e, principalmente, a sensação térmica de 43, nos fez desistir da empreitada. E ficamos no ar condicionado do escritório, comendo um tele-xis, em frente ao computador, pensando no milho cozido e na caipirinha que os amigos que estão praia devem estar apreciando naquele momento.

O expediente acabou. Chegar em casa com o sol ainda alto é um convite para uma caminhada ou um passeio de bicicleta, de preferência na orla do Guaíba, para terminar o dia com o espetáculo que é o “nosso” pôr do sol. A questão é que a temperatura ainda beira os 36 graus e a umidade do ar está perto dos 80%: praticamente uma sauna. É mais prudente ir pra casa, tomar um banho e pensar em algo mais leve. Um cinema, quem sabe? Nessa época do ano, é possível chegar na hora da sessão iniciar e conseguir ingresso! Mas ir ao cinema sozinho não é lá muito animador. Se ao menos algum dos amigos estivesse na cidade... mas eles estão na praia, jogando vôlei na areia a esta hora.

Mas ainda há uma boa opção: aproveitar a noite de verão para escolher (sim, escolher!) uma mesa em um bar qualquer e tomar algo gelado. E isso é animador. Chegando ao bar, a decepção: está vazio. Até o garçom nos

olha com pena, como pensando: "Taí um coitado que tem que ficar em Porto Alegre no verão!" O chope fica pela metade e voltamos pra casa, pra cama quente e pro ventilador, pensando que os bares da praia estão lotados de gente feliz.

O portoalegrense quer (mas não consegue...) aproveitar as maravilhas da sua cidade no verão. Em vez disso, fica imaginando, a cada hora do dia, como estão os lugares onde ele realmente gostaria de estar: Floripa, Punta, Garopaba... É um exilado na sua própria cidade. Está ali a contragosto, vivendo da saudade de um outro lugar.



O dia do grande futuro

Gabriela Cardozo Ferreira

Era o grande dia da sua vida. Pelo menos, era isso o que ela tinha colocado na cabeça. O coquetel de abertura daquela exposição seria o máximo! E estaria lá a pessoa que mudaria sua vida profissional: conhecendo um dos mais importantes curadores de arte do Brasil, certamente ela iria "estourar" como pintora. Ele entenderia seus quadros, a convidaria para exposições grandiosas. E ela poderia largar o seu "emprego de subsistência" e, enfim, viver da sua arte. Sim, aquele era o divisor de águas! Mas não sem merecimento. Além do seu talento, é claro. Tinha batalhado aquele convite por quatro longos meses. O evento era reservado a poucas e conhecidas personalidades dos meios local e regional, e ela tinha um dos convites. Devia favores a meia Porto Alegre, é verdade, mas valeria a pena.

E o grande dia começou com 26 graus. Em função do horário, o mais prudente seria ir direto do trabalho, mas ninguém pode iniciar uma grande carreira artística com a cara (e o suor) de quem trabalhou a fio por 9 horas. Por isso, tinha calculado meticulosamente os minutos do trajeto trabalho-casa-galeria, incluindo o tempo de se arrumar. Ia dar certo, o universo conspiraria a seu favor, com certeza.

E o dia foi "daqueles"! Alguns minutos antes do horário de sair chegou uma demanda urgente (claro, Murphy sempre está na área com as suas famosas leis!). Fez o que foi possível, mas era pouco, e, cronometrando os segundos, deixou colegas furiosos pra trás e rumou para casa, em status "derretendo": sob a temperatura de 38 graus, às 19 horas.

Voou no carro e, ao chegar em casa, a surpresa: o bairro estava sem luz. Quase entrando em baixo do chuveiro, achando até bom uma água gelada, deu um grito: meu Deus!! E o cabelo? Como vou secar? Como o tempo era curto, tomou o banho gelado, enquanto pensava em uma alternativa. Na frente do espelho penteou, escovou, prendeu, passou óleo, borrifou spray... Olhou-se com a esperança de o cabelo parecer "tipo artista", mas imediatamente teve a certeza que estava "tipo sujo". E entrou em desespero. Pegou o telefone e ligou para o salão onde, há 15 anos, o Guto a atendia. "Olha só, é uma emergência, não tem nem um encaixe?"; "Chama o Guto, então. PRECISO falar A-GO-RA com ele!" O Guto explicou que não podia, era dia cheio, todas eram clientes, todas eram importantes. E foi então que desferiu tantos impropérios que, mesmo imersa naquela crise de fúria que lhe tirava

completamente a razão, se deu conta que nunca mais poderia entrar no salão do Guto. Azar, depois resolvia isso.

E foi quando a luz voltou. Enfiou-se de novo embaixo do chuveiro. Lavou o cabelo tão rápido que não tinha certeza de que ficaria melhor do que já estava. Ligou o secador no máximo e, pingando suor, tentava enxugar a água. Enrolou o cabelo no secador. E o cabelo rebentou. Depois, queimou com a chapinha. Enfim: um desastre. Teria sido melhor prender, não há dúvida. Mas o estrago já estava feito, e ela não era mulher de arrependimentos. Estava pronta, e apenas alguns minutos atrasada em relação ao que tinha planejado.

Desceu as escadas em disparada, pois tinha faltado luz de novo. Podia ser pior, pensou, podia ter que subir. E foi o que ocorreu, já que esqueceu o convite em casa e não teve opção além de subir os sete andares e descer novamente. A esta altura, estava encharcada de suor, inclusive o cabelo recém-lavado. Ao chegar à portaria buzinou para o porteiro: porque demora tanto em abrir o portão? Se não tem luz tem que ficar aberto, seu... E lá se foi mais uma amizade.

Ganhou a rua com a certeza de que os obstáculos tinham acabado. Já conseguia ver os aplausos... Do vernissage de logo mais? Não, da sua primeira exposição individual, daqui há alguns anos. Claro, primeiro teria que conhecer o curador e seu gosto, para então focar seu trabalho. Depois, começar a produzir e, finalmente, a exposição de lançamento! Faltava pouco, sem dúvida. Afinal, ela queria ser artista desde os 13 anos.

Imersa nesses pensamentos nem percebeu quando um pneu furou. Como rodava no paralelepípedo, quase que a roda também se desmancha. O melhor era estacionar o carro ali mesmo, ter certeza da localização exata para mais tarde fazer o resgate, e pegar um táxi. Nada tira do caminho uma mulher determinada, pensou. Foi então que desabou um temporal, daqueles que só acontecem numa cidade do sul do mundo no verão. E, como sói acontecer nessas horas e nesses locais, os táxis desapareceram! Uma mulher determinada não desanima, mas tem momentos em que não dá pra fazer muita coisa. Como o teletáxi não atendia tentou ir até uma esquina mais movimentada, mas nada de táxis e estava pingando, completamente molhada pelo toró que caía. Olhou o relógio: já passavam 20 minutos do início do evento e agora sim pensava em desistir. Voltou para o carro e, catatônica, ficou vendo sua carreira de sucesso escorrer pelo para-brisa.

Não lembra bem como mas, com a ajuda do seguro, depois de um tempo que deve ter sido de aproximadamente três horas, chegou em casa de volta. Sem evento, sem curador, sem futuro... Estendeu uma toalha na cama, tomou uma dose dupla de remédio para aplacar a enxaqueca que era insuportável, e quis secar seus pensamentos.

O dia amanheceu ensolarado e quente. Tanto que, desesperadamente, a fez lembrar o dia anterior. Como a enxaqueca continuava, pegou o telefone para mandar um recado ao escritório: não estava passando bem, tentaria ir mais tarde. E assim encontrou a mensagem de uma amiga: O que houve? Não perdeste nada, viu? Os quadros eram horríveis e o tal curador nem veio; ficou preso em São Paulo, por causa do temporal.

Não perdeu nada. A confiança dos colegas, o cabeleireiro, e a simpatia do porteiro; só. Ah, e também a carreira de artista...



O mesmo

Gilberto Tavares dos Santos

Sábado, uma da manhã. Ligo a TV para ver as notícias. Na tela, uma mensagem: Posso acessar os canais de filmes por três dias. "Cortesia" da operadora. Hum... quanta gentileza. Esqueço as notícias e começo a navegar nos canais antes proibidos. Um filme, dois filmes. No terceiro, encontro um diálogo que me agrada, apesar de a cena estar muito escura. O personagem está no Iraque. Começo a viajar. Mesopotâmia, Oriente Médio, mundo muçulmano. Estabeleço conexão imediata. Gosto dos filmes que me levam pra além. Ver as paisagens, pessoas, roupas, quem sabe apreciar as comidas. Mas não. O filme não é como imagino. Um motorista de caminhão, cidadão norte-americano, sequestrado e enterrado-vivo dentro de um caixão de madeira a alguns centímetros da superfície, porém com espaço para realizar alguns movimentos. Macabro demais. Não gostei. Sinto pavor ao me imaginar trancafiado. Não me convidem para entrar em cavernas. Não irei. Atravessar túneis, só por muita necessidade. Conto os segundos em que estou cruzando o caminho, e sempre imagino que aquilo tudo pode desabar em minha cabeça, de uma hora pra outra.

Vou mudar de canal. Não, quem sabe seja essa a oportunidade de superar a fobia da clausura. Afinal de contas, é um filme americano. Tudo sempre termina bem. O personagem tem celular, isqueiro e outros apetrechos de manutenção. Questão de aguardar mais setenta minutos para que tudo acabe em paz. Os americanos são todos super-heróis, vieram pra salvar o mundo. Com um sorriso de escárnio, meus pensamentos não poupam críticas ao filme. Um celular que mantém comunicação com os Estados Unidos? Tá, é de última geração. Mas será que no Iraque não tem Claro, Tim, Vivo e Oi para atrapalhar? Duvido! E o isqueiro? Ah, sim, o personagem deverá mantê-lo aceso quase o tempo todo. Filme só na escuridão é surreal demais. Para pedir ajuda, ele telefona para familiares, amigos, patrão e governo. Há até um setor específico para receber chamadas de sequestrados. Um telemarketing da salvação. O atendente pede calma, que lhe será prestado auxílio. É só o tempo de o celular ser rastreado. Mas, para confirmar a veracidade da chamada, preciso checar alguns dos seus dados, por favor.

Entretanto, antes do final feliz, sequestrado e telespectadores teremos que sofrer um pouco. Mais perigo vai rolar. Princípio de desabamento. Terra pressionando a parte superior do caixão. Como assim, há muita terra encima

do caixão, a ponto de provocar um desmoronamento, e ele consegue usar o celular? Calma, é filme americano, tudo pode e se explica, por mais bizarra que seja a situação. Volta e meia o sequestrador liga, ameaça e ordena para que o personagem envie pedido de resgate com foto e dedo sangrando. Mais adiante aparece uma cobra. Ah, não! Uma cobra? Meu segundo pavor! A minha fobia de cobras, tinha me esquecido. Dois pavores juntos! Desviei os olhos da TV e tive que buscar uma dose considerável de coragem e racionalidade para retornar segundos depois. A cobra vai se ferrar, porque se o réptil se der bem acaba o filme. O personagem encontrará uma solução, calma! Uma fresta e lá se vai a cobra. Sempre tem uma fresta!

As agruras vão acontecendo, permeadas por telefonemas. Próximo do final, o personagem liga para a mãe e se despede, deixa uma mensagem super-emotiva para esposa e filhos. Cruel demais, porém eles não me pegarão pelos sentimentos. Já, já, alguém arromba o caixão, salva o personagem e eles juntos cantarão "América, América..." Novo desabamento, agora mais intenso. A bateria do celular nas últimas. É o fim. O personagem utiliza seus derradeiros instantes para conversar novamente com o operador da salvação: E minha ajuda, quando vem? Quase chegando, fique calmo. A terra caindo, tensão, suor, espaço e oxigênio diminuindo.... Estamos chegando, calma... Encontramos... Ah, é outro sequestrado... Desculpe-me. E o filme termina de supetão. Terminou? Assim? Ele não foi salvo? Não haverá o "América, América..."? Não acredito, foi golpe baixo! Perplexo, eu divago: os americanos já não fazem mais filmes como antigamente. Repenso, agora com um sorriso de autodeboche. Não, tu é que continuas o mesmo!



Pausa

Grazi - Graziana Fraga dos Santos

Tenho visto, ouvido e sentido que as pessoas estão com pressa. Ansiosas. Muito mais do que eu achava que eu era. Buzinas e mais buzinas. Gritos, brigas. Um erro e pronto: desaba o mundo e um milhão de palavras que só fazem mal para o espírito são ditas. As pessoas estão descontroladas?

Nada pode dar errado. Tudo tem que ter resposta rápida. Se a internet não entrou naquele segundo, há grito, mil perguntas por segundo.

Ninguém mastiga mais, não querem perder tempo. São filas e filas e mais filas de reclamações.

A mídia diz: "Compre!"; "Malhe!"; "Tome adoçante!" – não, agora adoçante causa câncer... – "Não coma frituras, coma McDonald's..."; "Vista a moda"; "Tenha o cabelo da modelo da capa"; "Emagreça 10 kg por mês"; "Evite o estresse": "Viva o estresse".

Corra para fazer tudo isso e não perca tempo. As pessoas estão escravas? Todos estão com pressa, muita pressa!

Ontem, quatro pessoas foram atropeladas em quatro pontos próximos de uma mesma avenida, coincidentemente na avenida em que moro. Destas, infelizmente, três morreram, todos jovens, com uma vida pela frente. Tudo porque os motoristas não pararam no sinal vermelho. Mas eles não podem parar, todos têm pressa!

É preciso saber respirar, parar e pensar, por que correr tanto? Para onde vamos com tanta pressa? Falta-nos tempo? Tempo para quê?

Pausa.



Tarde de solidão...

Grazi - Graziana Fraga dos Santos

Fiquei pensando de onde teria vindo aquela senhora que pendurou seus panos ali na praça.

Ela colocou uma corda de uma árvore a outra e pendurou tudo, depois de usar o arroio como tanque. Parecia que estava no pátio da sua casa. E estava mesmo. Já que "na rua" era a sua casa. Ainda não a tinha visto por ali. Teria vindo tentar a vida na capital? Talvez sim, quando mais jovem, mas parecia que fazia algum tempo que morava assim, de praça em praça, ou debaixo de alguma ponte. Quem sabe fecharam sua ponte e ela estava em busca de um novo lugar? Quem sabe?

Sentou-se no banco da praça e deixou do seu lado um carrinho, daqueles de supermercado, com algumas roupas. Era tudo o que ela tinha. O carrinho, alguns panos, poucas roupas e pelo seu jeito, muitos anos de dor.

Era um dia bem quente, como todos deste verão de Porto Alegre.

Ela tinha um lenço azul na cabeça, o que escondia os seus fios brancos. O seu rosto tinha uma expressão de cansaço. Seus olhos fundos estavam tristes. Talvez uma tristeza acumulada por anos de solidão, fome, preconceito e falta de oportunidades. Ou talvez, por abandono da família. Quem sabe?

Olhando pra ela naquele momento, não sabia ao certo se ela estava cansada da vida ou se estava ali sentada, esperando a vida passar na frente dos seus olhos fundos. No que será que ela pensava? Esperava alguma coisa da vida?

Trabalhei aquela tarde inteira e, na hora de ir embora, passei por ela de novo. Agora, ela já tinha mudado de praça, e estava com os panos, antes pendurados, no seu carrinho. O rosto, agora parecia ainda mais cansado. Ela se embalava, pra frente e pra trás como se estivesse em um balanço. Olhava fixo pro nada. Quantos dias ela passou nesta desolação? Será que ela tinha se alimentado naquele dia todo?

O calor continuava, mas ela tinha ainda mais roupas sobre seu corpo. Estava sem o lenço na cabeça, agora ela o levava em suas mãos, para enxugar suas lágrimas, que caíam de seus olhos fundos e tristes.



Sobre a impermanência das coisas

Grazi - Graziana Fraga dos Santos

Tem dias que a vida conspira não sei se contra ou a favor,
mas conspira para que a gente reencontre.

Reencontre lugares, cartas, fotografias, pessoas...

Uma prova de fogo?

Você ali novamente, aquela pessoa.

Bom, quando a sensação é de conforto, por saber que não há mais desconforto.

Mau indício, ou não, é quando o desconforto permanece.

Há algumas coisas que parecem que serão iguais para sempre, pelo resto da vida, mas aquele telefonema de sempre, no mesmo dia de sempre, não veio.

A pessoa não é mais a mesma, deixou passar alguns dias.

Mas a sensação, esta sim, a de sempre:

coração saltando pela boca, pernas bambas. Permanência.

Lia na rodoviária, um dia destes, um texto sobre budismo,
que relacionava a filosofia à física quântica.

Maior maluquice. Gosto de ler maluquices, às vezes...

O texto falava sobre a impermanência das coisas.

Lia o texto em um lugar apropriado: um lugar de passagem, assim como a vida.

Até mesmo quando a sensação é a mesma, tudo ao redor é mudança.

Não somos mais os mesmos de antes.

Mesmo sentindo, não sentimos o mesmo de antes.

O reencontro no ônibus, na festa de aniversário ou com o telefonema.

Todos apontam as mudanças. Apontam os erros e acertos.

Fica a sensação de impermanência.

De que tudo passa, até um grande amor.



Olhos nos olhos

Grazi - Graziana Fraga dos Santos

Observava, ontem, os olhos cansados de toda aquela gente no ônibus.

Pensava no gosto que tenho por olhos e olhares.

Porque será que os olhos chamam tanto minha atenção? – me interroguei por alguns segundos...

Talvez porque, desde pequena, tenha aprendido a ler os de minha mãe.

E porque desde sempre nos entendemos assim, com o olhar.

Ou, ainda, porque simplesmente gosto de prestar atenção nos olhos de todos.

Porque acho que os olhos sempre dizem um pouco mais do que as palavras podem expressar.

Deve ser algo relacionado ao funcionamento da minha memória, que sempre guarda os olhos das pessoas, deixando pra trás detalhes como roupa ou cabelo.

Não sei. Pode ser por tudo isso e mais um pouco.

Gosto simplesmente.

Gosto de olhos que sorriem.

Guardo alguns na lembrança. Velhos conhecidos, Poucos recentes. Todos os conhecidos que me marcaram a lembrança.

Uns que não posso mais ver, outros que vejo menos do que gostaria.

Dois (ou quatro) pelos quais me apaixonei. Dois que me deixam feliz só de os ver.

Alguns que não entendo, poucos que sei ler.

E os meus. Que choram sempre, tanto quando sorriem, quanto quando choram.

Com os quais percebo o mundo.

Dos quais gosto muito. Grandes, castanhos e falantes que são.

Porque falam mais, muito mais do que minhas palavras. Sempre.



Inspiração

Julia Froeder

Tem algumas palavras que são praticamente um quebra-cabeças, se olhadas com calma. Um dia cruzei com uma placa na rua, no meio da rua mesmo, daquelas de barbearia, que ficam perto do meio fio, e que te convidam, em letras bonitas, dizendo que, se tu olhares para o lado, vais encontrar um estabelecimento pronto pra te receber. Eu não lembro qual era o convite daquela placa, mas lembro, como se fosse hoje, da palavra que estava ali, e que eu vejo na memória quase que com um destaque de uma caneta marca-texto: *inspiração*.

O Dicionário Michaelis sugere, como um dos significados daquela palavra, "o movimento de dilatação da cavidade torácica, que tem como consequência a entrada de ar para os pulmões". Inspirar, o movimento que antecede o ato de expirar. Deixar entrar ar para alimentar o corpo: *inspirar ar*, *inspir_ar*. Um ato inconsciente na nossa rotina, mas que, quando feito com atenção e cuidado, acalma os ânimos e traz a leveza que clareia os pensamentos. Quem medita conhece isso muito bem.

É só colocar um hífen que o convite a outro significado vem rapidinho: *ins-pirar*. Pirar, enlouquecer, sair da casa. Entrar para logo depois sair da casa. Ter coragem de se conhecer como se é, e se enxergando nesse espelho bem limpinho, ver o reflexo fidedigno de si mesmo. Parece filosofia de boteco, eu sei, mas que parece fazer sentido. Eu deveria, antes, perguntar isso aos meus amigos psicólogos, para embasar cientificamente essa proposição. Mas, por enquanto, esse ensaio é "pura piração".

A última proposta de significado fica no final da palavra: *inspir_ação*. Agir, colocar a energia em movimento. Sem muito falar, é realizar: trazer as ideias para a realidade. Escrever aquela música, montar o projeto arquitetônico, comprar o telescópio para ver as estrelas, sentar, em frente de casa, parar para analisar as pessoas que passam na rua, e fazer disso o roteiro de um filme. Em um mundo tão complexo, as possibilidades são infinitas.

Se esquecêssemos do dicionário e consultássemos a boca do povo, é possível que o significado "top of mind" seja um momento sublime, um estado de espírito único que, por motivos muitas vezes inesperados, desencadeie ideias criativas, motivação, razões para gastar um tempo em algo que faça sentido. As mulheres do Vinícius de Moraes, o espaço desconhecido do Carl Sagan, as belas formas da natureza do Gaudí, a complexidade das relações

humanas do Spike Jonze. A faísca do big-bang.

A palavra inspiração, vista com olhos atentos e curiosos, traz em si esse processo que anda tirando o sono de muitos jovens: "Como descobrir o que me move?" Se essa pergunta se dirigisse a mim, eu responderia que o primeiro passo é: "Deixe entrar o ar, para acalmar a correria e preparar um terreno fértil". Segundo: "Pire, mas com a cabeça conectada com o coração: deixe fluir soltos todos os caminhos que se mostram possíveis; entenda que cada ser é único, e que suas experiências específicas formam o seu jeito de ser". Com esses caminhos postos no mapa, o passo seguinte é fazer acontecer: "Bote a mão na massa, e nunca se esqueça de onde todo esse processo começou". Uma placa de rua pode virar um ensaio despretenso. Ins_Pire_Se!



Alma lavada se lava em casa – um apanhado de ditados e frases populares pra fazer pensar

Nilo Barcelos Alves

Quem nunca matou a sede bebendo água com a boca na torneira do tanque, cansado e ofegante ao lavar a própria roupa, não sabe o que é cuidar da própria vida(1).

Esta cena, ao mesmo tempo literal e metafórica, representa o quanto é preciso prestar atenção em si mesmo. Não de forma egoísta, mas num exercício de colocar-se como um observador externo para reconhecer os próprios defeitos e, com isso, tratar de melhorar-se.

Lembrando os ditados populares “roupa suja se lava em casa”(2) e também “lavar a alma”(3), é por aí mesmo... Se você quiser ficar de alma lavada, lave você mesmo. Lavar a própria roupa pode ser um exercício de reflexão, ainda que esta atividade seja cada vez mais rara, devido às máquinas de lavar.

Mas não é fácil se colocar como observador externo da própria vida. Somos parte interessada, e por isso ficamos com a percepção distorcida. Além disso, nosso amor próprio não nos deixa admitir algumas pequenas falhas em nome do hedonismo. Ocorre que “o amor”, como diz o ditado, “é cego”(4); e a frase é complementada por um amigo meu: “e bobo”(5). Logo, o amor próprio deve também ser cego... e bobo. Por isso é preciso ter um cuidado extra e um senso de autocrítica bem afiado.

Na maioria dos episódios em que ficamos de alma lavada, foi por algum fato externo: nosso time ganhou um campeonato; assistimos a um espetáculo de música, dança ou teatro que nos tocou profundamente. Assim como, na maioria das vezes em que “lavamos roupa suja”, foi por um rompante, um desentendimento com uma pessoa próxima. Então surge a pergunta: “É possível ficar de alma lavada ou lavar a própria roupa suja sozinho?” Isto não só é possível, como também necessário!

Imagine se você pudesse se dividir em duas pessoas: você, sendo você mesmo, e um outro você, assumindo também o papel de um observador externo, que analisa as suas próprias atitudes. Nesta situação hipotética, você seria o observador e o observado ao mesmo tempo. É mesmo uma

coisa estranha assistir a própria imagem ou ouvir a própria voz, gravadas num celular ou câmera fotográfica. É como se fossem a imagem e a voz de uma pessoa estranha. Fazer isso como exercício é, no mínimo, intrigante. Experimente!

Para se encontrar consigo mesmo é recomendável buscar um momento de isolamento e silêncio, sem rádio, ou TV, ou computador, ou celular, ou tablet, ou qualquer outra distração, viva ou eletrônica. Alguns dirão que isso é virtualmente impossível. Repare bem à sua volta, e você vai ver que nós fugimos desesperadamente desta possibilidade. Vivemos em uma busca frenética por uma distração que mantenha o nosso cérebro ocupado, sob o risco de termos que nos encontrar. Li uma vez que, na média, as pessoas não conseguem ficar mais de vinte segundos sem absorver uma informação nova, sem que comecem a ficar ansiosas.

Tomar consciência e fazer a autocrítica do que você fez, está fazendo ou planeja fazer no futuro são importantes ferramentas para reconhecer a si próprio. Nossas decisões e atitudes compõem uma parcela significativa do nosso caráter. Caráter é aquilo que a gente é, num quarto escuro, quando ninguém está olhando. Portanto, se você identificar alguma decisão ou atitude que você mesmo desaprova, fique alerta! Você está descobrindo quem você é de fato.

Reconhecer os próprios defeitos é o primeiro passo para superá-los. E cuidado com a vaidade, aquela exagerada e prejudicial, mas vamos reconhecer também as nossas virtudes. Nós todos temos virtudes! Convido vocês a cuidarem de si mesmos. Parece estranho dizer-lhe isto, mas você é a pessoa com que você está sempre junto! É estranho mesmo, mas é exatamente isso. Então, busque se tornar uma pessoa agradável para você mesmo, e a convivência de você consigo mesmo será melhor, muito melhor.

O amor é cego e bobo, porque bobos ficam aqueles que amam. "Lavar a alma" e "ficar bobo de amor" por si mesmo são formas de transbordar esse sentimento para aqueles que vivem à nossa volta. Então, mãos à obra, a cuidar da casa, a "botar a casa em ordem", a nossa "casa" real, que somos nós mesmos. Isso começa de dentro pra fora. Nunca é demais lembrar que nós somos a nossa casa, que nossa mente é nosso lar e que nós somos o resultado das nossas escolhas.



Fazer uma pequena reforma que deveria durar duas semanas

Val - Valmiria Carolina Piccinini

Sim, todos vão pensar: "É ilusão!" Eu também duvidei: programei uma "folga" de um mês, como "reserva técnica".

Mas pior do que ilusão é algo que pode acabar com a sua paciência, fazê-lo duvidar de que exista pontualidade em algum canto desse Rio Grande, e ter uma grande vontade de ser muito rico, só para poder mandar tudo às favas e comprar um apartamento, casa, barco, tudo novo, em que só se tenha que entrar e morar (ou curtir).

Ficar no apartamento durante a reforma? Bem, só se concordar com a ideia de ficar sem a pia, sem o tanque, sem o fogão, etc. Sair? E como estar à disposição de toda a obra, da equipe, etc., durante 24 horas por dia? Dirão: "Contrate um arquiteto" (ou um bom empreiteiro). Só que o arquiteto mora em outra cidade; e pior, ele foi escolhido por vontade própria da(o) dona(o) da obra, porque assim ela(e) o quis.

Aí, fica-se na casa. E se sai para comer, ou se faz um fat lanche (as ditas trash foods) que geralmente se abomina. Mas, como se está nervoso, se come doces, sorvetes e tudo aquilo que não é recomendado mesmo pelas mais simples regras de uma alimentação saudável.

Ainda pior, o pedreiro não entendeu as explicações do arquiteto e não colocou saída para a água usada. Afinal, ninguém mandou fazer isto, mesmo que a especialidade dele seja a hidráulica. Ou, pelo menos, é o que ele afirma.

´Tá certo, não se devia ter contratado alguém que não se conhecesse bem. Mas claro, antes, se foi na casa de alguém que dizia que garantia a qualidade do serviço do cara, e o que ele fez lá parecia muito bom.

Como os azulejos antigos foram mantidos, os estragados deveriam ser substituídos, tendo que se ir ao "cemitério de azulejos" e comprar todos os necessários para fazer a troca. Aí o pedreiro alega que não achou azulejos iguais. E, por conta própria, coloca outro completamente diferente na parede. E claro, aquele azulejo, isolado como uma "ovelha negra", diferente de todos os outros, fica olhando para ti e rindo da tua frustração.

Bom, podia ser pior: não se consegue a planta elétrica do imóvel. E, quando a empresa que vem instalar a cozinha (que tinha prazo máximo de

60 dias, mas só a entregou 80 dias depois) "mexe" nos fios e dá um curto circuito. Eles, inocentemente, seguiram a linha da instalação, deram uma "margem de segurança", e "dê-lhe furadeira na parede". Só que a linha elétrica, ao contrário do presumível, não estava em linha reta, mas inclinada em mais de 45 graus.

E agora? Deixar como estar e arriscar? Ou abrir tudo, cortar o gesso e trocar os fios? Não só demanda mais tempo, mas também (e principalmente) mais despesas.

E o arquiteto? Se espera aflita(o) por ele, que promete que vai resolver tudo. Só que ele só vem quando pode e não quando mais se precisa dele.

Por que cargas d'água se escolheu um arquiteto que não mora na mesma cidade? Porque se "confia" nele, e se tem medo de contratar um ainda mais desconhecido, como são os operários que entram na sua casa (agora, "obra"), recomendados pelos outros. Sim, porque eles são uma empresa informal de prestadores de serviços, em que só falta a figura do empresário formal, já que todos são empresários (também informais) de si mesmos.

Por isso, não podem recusar trabalho. E ficam correndo de uma obra a outra, e atendendo antes quem é mais insistente ou cuja casa pode estar com risco de incêndio.

Nesta altura dos acontecimentos já se está "pra lá de Bagdad", com a paciência e as esperanças em frangalhos. E, enfim, se decide que, na outra etapa da obra, vai ser contratada uma "grande" empresa (formal), que já fez as mesmas ou outras bobagens em outra situação.

Qual a solução? Achar um bricoleur, aquele que faz (e que também sabe fazer) tudo, que constrói e reforma tudo, que entende de hidráulica, eletricidade, construção, e que ainda tem o tino do engenheiro e do arquiteto, tudo junto?

E sabem que ainda existe gente assim? Só que, por enquanto, ainda não nesta casa...

Bom, o epílogo de toda esta "obra" fica para um próximo capítulo.

Social, ético e moral



O moralismo da rapaziada

Téo - Armindo dos Santos de Sousa Teodósio

É preciso avançar na compreensão da diferença entre Ética e Moral, para não se incorrer, na sociedade civil, em um simples moralismo, em detrimento da Ética. Os fundamentos da Ética são a liberdade, a discussão democrática de valores no espaço público (a esfera de direitos e deveres de todos) e o questionamento de valores tradicionais que possam não incorrer em efetivo benefício para a vida humana.

Moral remete a costumes, valores e tradições de um povo, que reproduzem noções do que seja certo e errado, Bem e Mal, coletivamente definidas e que se reproduzem através de sanções contra aqueles que se desviam dos valores compartilhados. A Moral resulta em moralismo, quando os códigos morais se tornam rígidos e limitam as liberdades.

Pode-se ter uma sociedade que seja muito moralista e pouco ética. Esse moralismo pode se expressar, por exemplo, na adoção de mecanismos de controle social que virem fins em si mesmos e não alternativas para se ampliar a liberdade para a discussão de ideias, métodos e propostas de viver bem coletivamente. Eles podem se tornar uma imposição ou mera obrigação, mas não um mecanismo de modernização social construído de forma compartilhada a partir de diferentes visões e debates efetivamente democráticos, inclusive com a liberdade para se questionar a própria ideia de controle social.

É matéria cara à Ética o debate de ideias controversas e o conflito entre diferentes compreensões sobre o bem viver em coletividade. Cabe à sociedade civil, através de uma autocrítica sistemática, indagar se está caminhando para o apego cego a regras de boa conduta ou se está percorrendo bem sua "trilha de dramas e tramas" em direção às metas de liberdade, igualdade e inclusão social que a Ética exige das sociedades.

A atual tendência de modernização da sociedade traz as promessas de se superar o assistencialismo, o nepotismo, a baixa transparência institucional e o paternalismo nos projetos sociais. E isso não é uma tarefa fácil, simples, linear ou obtida pela adoção direta de boas práticas de conduta. De maneira a trazer ainda mais complexidade ao tema, ela traz grandes conflitos para todos os envolvidos.

Trilhar o caminho da Ética implica lidar com conflitos, inerentes ao seu maior fundamento, a liberdade. Mas conflitos não são vistos como algo posi-

tivo na vida social atual, e sim como problemas. Com isso, caminha-se para o moralismo, em detrimento do avanço da Ética. Você, querido leitor, por onde escolherá caminhar: pelo vale sereno do moralismo ou pelo caminho pedregoso da Ética?



Desgoverno nos trópicos?

Téo - Armindo dos Santos de Sousa Teodósio

As reivindicações nas ruas brasileiras despertaram o debate sobre a eficiência do governo na prestação de serviços. Uma das tendências mais importantes das últimas décadas para promover a “reinvenção” dos governos é a descentralização de políticas públicas, em uma estratégia que permitiria ao cidadão acompanhar mais de perto as ações dos órgãos governamentais locais. No entanto, é importante que se fique atento para os dilemas e impasses que se apresentam relativamente às iniciativas de modernização da gestão governamental.

Não se trata de desconstruir o esforço de redemocratização do país, principalmente através da participação popular e da descentralização. Ao contrário, deseja-se entender as configurações que esses esforços de modernização podem adquirir diante da inconsistência de planejamento, do clientelismo, do corporativismo e do assistencialismo.

É preciso entender, para além dos simplismos e do discurso gerencial salvacionista, que novas propostas de condução de políticas públicas não são dicotômicas, ou seja, descentralização não implica necessariamente redução da centralização. Participação popular não requer que o gestor público jamais detenha “poderes de príncipe”. O estímulo à competição por recursos baseada no mérito também requer garantias de direitos aos desorganizados e destituídos de poderes econômico, político e cultural.

Devemos mirar as linhas tênues que separam o planejamento central de autoritarismo tecnocrático e distinguem o atendimento das demandas comunitárias do esfacelamento das políticas geridas pelo Poder Executivo. Corre-se se o risco de perder de vista o fato de que articulação da sociedade civil nas políticas públicas não se faz em detrimento do poder do Estado.

Guerras fiscais entre os Estados da Federação e até mesmo entre municípios, “prefeiturização” de Conselhos Municipais, dominância tecnocrática na relação do Estado com as comunidades, e premiação constante apenas de ONGs altamente estruturadas são apenas alguns dos exemplos de como traços históricos das políticas públicas brasileiras, como o insulamento burocrático, o clientelismo e o corporativismo podem adquirir novas roupagens dentro das propostas de modernização.

Esses são desafios que se apresentam a todos nós, brasileiros, no equacionamento dessas complexas relações, o que é tão necessário a um Estado

que precisa ser mais eficiente, ao mesmo tempo em que se torna mais democrático e justo para todos.



Morte e vida severina nas ruas

Téo - Armindo dos Santos de Sousa Teodósio

O recente episódio do mendigo que se tornou modelo fotográfico “põe um dedo na ferida” social que representa uma importante questão, que é uma “pedra no sapato” das políticas sociais e da própria sociedade: a questão das populações que vivem em situação de rua, os homeless. Os moradores de rua sempre foram um dos objetos prediletos do assistencialismo e da abordagem caritativa da pobreza, que marcaram, ao longo da história, a postura das classes sociais abastadas.

E a palavra é “objeto” mesmo, no pior sentido da palavra, ou seja, de ser tomado como “uma coisa” a ser trabalhada, melhorada, transformada, limpa, eliminada do tecido urbano e reintegrada à sociedade. Não importaria se, para isso, seus direitos fossem usurpados, sua dignidade como pessoa (que, inclusive, tem o direito de escolher viver nas ruas), fosse ultrajada pelas melhores ações em busca da “cura” para essa suposta chaga social urbana. O problema não é a caridade. Esta, em si mesma, é uma postura nobre. Mas sim o fato de que ela sempre venha acompanhada da violência, demonstrando as contradições de um discurso que prega a assistência à população de rua, ao mesmo tempo em que, com truculência e autoritarismo, lida com esse grupo social.

Mais difícil é estabelecer uma política pública e uma ação integrada de organizações da sociedade civil que sejam capazes de, antes de “eliminar, limpar e retirar das ruas”, estabelecer bases democráticas, cidadãs e justas de convívio com os diferentes grupos de pessoas que se encontram em situação de rua. E existem experiências bem sucedidas em diversos países, que demonstram como se pode criar um espaço de maior tolerância e convívio urbano – que é também uma das bases da democracia moderna – com as populações que vivem nas ruas.

Porém, o desconhecimento e o medo sempre prevalecem. E, mesmo quando as intenções são as melhores, os resultados frequentemente são, no mínimo, questionáveis. Há um grande desconhecimento sobre as múltiplas motivações e histórias de vida que levam pessoas à condição de viver nas ruas e pelas ruas. Existem histórias que não são apenas de drogadição, como muitos pensam. E também há o medo, porque essa população representa o outro lado dos sonhos de uma sociedade fundada no trabalho, no consumo, na acumulação de riqueza e na ostentação de status no ambiente

urbano. Um lado que muitos não querem reconhecer que exista. Um lado que lembra a todos que, na sociedade do hipertrabalho, do hiperconsumo e da hiperconexão, todos correm o risco de se tornar irrelevantes e ficar de fora desse turbilhão que é a vida nas cidades modernas, caindo na triste sina de uma "morte e vida severina", nas ruas destas cidades.



Outro alvorecer

Cecilia Pires

Menina ainda, já gostava de ler e de escrever. Prestava atenção em tudo, nas pessoas, no seu modo de falar, de se comportarem. E também nos outros seres da Natureza, como as plantas e os animais, na forma como viviam.

A natureza, para mim, sempre foi próxima, algo no qual eu me sentia inserida. Já adulta, estive atenta e preocupada com o que foi feito do planeta. Eu penso que é possível recuar um pouco nessa devastação. Acredito que as pessoas possam querer viver de outro modo, sem destruir tudo, embora reconheça que este seja um entendimento difícil para as cabeças tecnológicas, na tomada de decisões.

E fico a pensar: De que coisas se ressentem a humanidade, hoje?! Ouvindo diferentes falas, deduzo que a imensa quantidade de notícias que me chegam aos olhos e ouvidos, percebo que a maioria das pessoas busca paz, ordem, alegria, uma vida segura e tranquila, com as necessidades e dificuldades administradas.

Mas de que depende isso? Das leis ou dos governantes? Ou de ambos? Em quem ou em quem confiar? A quem atribuir a causa de tantos desmandos e de tantos crimes? Será o homem capaz de cuidar de sua própria humanidade?! Ou tudo o que faz é para destruir aos outros, a si mesmo e à natureza?! Onde fica o “claro-escuro” de tudo isso?

Percorrendo o Brasil, olhando suas belezas naturais, diversidade cultural, suas expressivas singularidades de todo tipo (em termos de valores), me deixo ficar envolvida em uma gama de sentimentos e pensamentos, que incidem num foco subjetivo. Esse foco requer o conhecimento, a compreensão das potencialidades que o sujeito da razão é capaz de construir, de agregar, de permitir processos de emancipação.

Inúmeros projetos de expansão tecnológica podem condicionar melhorias na vida das pessoas, mas devem ter o cuidado para não agredir a natureza, suas unidades de preservação e, sobretudo, também devem manter o respeito às culturas de resistência, nos diversos lugares deste imenso país.

Não se tem o direito de confiscar o desejo dos sujeitos que queiram morar no campo ou na cidade. Eles podem e devem trabalhar a partir das condições materiais de suas existências, nós níveis de soberania que merece o ser humano. A ideologia do progresso ou a recusa do desenvolvimento são fatores que impedem o acerto da humanidade com sua própria dinâmica.

Será possível outro alvorecer para a humanidade?



Necessidades & Mudanças

Cleber Dutra

Ao ler este título, você pode estar se perguntando: “O que este tema pode ter de interessante para uma coluna?” Faz sentido pensar que quem lê uma coluna em um “site” ou num “blog” provavelmente busca algo divertido, próximo ao cotidiano, ou algo que, embora excêntrico ao seu dia a dia, seja atrativo para seu interesse pessoal. Talvez o ideal seja que o texto combine todas estas características e também algumas outras atraentes. Cabe aqui, então, uma breve explicação para a escolha deste assunto.

Escolhendo um tópico que contribuísse para a coluna do Felipe, me pareceu que este tema fosse útil, e o fiz por algumas razões. Primeiramente, devido a questões pessoais, todos temos, pelo menos em alguns momentos de nossas vidas, uma aspiração por melhorarmos numa qualidade ou por atingirmos um patamar mais elevado em algo pessoal. Isto pode ser visto como uma “necessidade”, já que se sustenta por um desejo íntimo por algo que não se “tem” ou que ainda não se “é”. E este tema também tem um apelo para “mudança”, porque a realização deste desejo implica em uma transformação de algo, para que passemos a ter ou ser algo que aspiramos. Pelo aspecto das razões sociais, os seres humanos têm insatisfações com o meio em que vivem. E estas são de todos os tipos. Se chegamos aonde estamos, como Humanidade, tanto tecnológica quanto culturalmente, foi por termos “algo” nos incomodando, desde o tempo em que vivíamos nas cavernas. A lista de necessidades para aquela época seria enorme, quando comparada com os padrões que temos na vida urbana média de hoje. Uma enquete sobre “Há algo que você acha que não está bom no seu dia-a-dia?” teria, em várias sociedades do mundo, uma resposta afirmativa. Então, queremos “mudar” algo em nosso meio. E, neste caso, tem-se aí uma “necessidade”. Por fim, há razões globais para pensarmos em “Necessidades & Mudanças”. Basta acompanharmos noticiários para lembrar de debates como os que ocorreram na Rio+20, quando foram discutidos os riscos de um colapso nos recursos do planeta.

Nesta ótica – a das razões planetárias – vejo uma excelente ocasião para expor um pouco sobre o meu interesse pelo tema e os “meus porquês” pela escolha. Venho ocupando-me com a questão da Sustentabilidade há algum tempo e, nesta vivência, entendi a “necessidade” de estudar sobre algumas “mudanças” que precisamos realizar, se quisermos “sobreviver”, como espé-

cie, no planeta. Este não é, porém, um texto de teorias sobre este assunto, mas um apanhado de reflexões pessoais "semi"-descompromissadas. Destaco o "semi", porque, de fato, não deixo de ter um grande interesse pessoal nesta mensagem. Ela poderia ser resumida, pelo menos, em "querer um mundo melhor". E isto implica "Mudanças".

Se pensamos sobre os três níveis (pessoal, social e global) das razões de interesse pela mudança, há algo em comum entre estes níveis, como raiz dos movimentos de transformação, que caracteriza a necessidade e impulsiona as transformações. São as Crises. Estas podem ser definidas como "estados críticos", em qualquer situação, que suscitam energias que atuam, em maior ou menor intensidade, para instigar mudanças. Em uma reflexão bem generalista, vemos a "Busca de Equilíbrio" como uma lei universal. Volto às minhas aulas de Termodinâmica – parte de minha formação é em Química – para lembrar das forças que agem para equilibrar estados instáveis de sistemas termodinâmicos. Assim, num ato de Senso Comum, é possível enxergar que "crises" geram "necessidades" de "mudanças", sejam elas individuais, sociais e/ou globais.

Há claros sinais de "crise" no momento atual. Não cabe, neste espaço reduzido, detalhar esses estados críticos, especialmente os individuais. Contudo, vários fóruns e meios de comunicação anunciam nossos desequilíbrios, como pessoas, sociedade e planeta. Criminalidade, epidemias e doenças de diversos tipos, convulsões políticas e sociais, catástrofes climáticas, etc., ocupam boa parte dos noticiários. Parecem não faltar crises como fatores nucleadores de forças transformadoras.

Entretanto, a percepção da "necessidade" é embotada em diversos indivíduos e sociedades, dependendo da cultura destes. Com a ênfase cultural para o "material", nossos valores orientam nossa percepção do urgente para aquilo que se avizinha do financeiro. Em termos de Política, por exemplo, o mundo exercita seu pensar como "custo". Como exemplo, o assunto das Mudanças Climáticas não teve tanto impulso na discussão internacional até o lançamento do Relatório Stern – falava-se ali sobre o "quanto ia custar" para os países todo o conjunto global de alterações no clima. Há o dito popular de: "Quando dói no bolso...", referindo-se a um indivíduo e à sua motivação para mudar, que destaca o fator que desperta o entendimento da "necessidade".

Porém, entre o "entendimento" e a "ação", há (quase sempre) uma enorme distância. Somos caracterizados pela "acomodação", pelo comodismo. Apesar de compreendermos a necessidade da mudança – e, às vezes, até argumentarmos, defendermos e promovermos certas mudanças – nem sempre as realizamos em nós mesmos. Quando se fala em necessidade de mudanças, raras são as ocasiões em que a tônica do discurso não se dirige para mudar "o outro". Creio que este seja um ponto sobre o qual todos precisamos refletir com mais atenção.

Talvez esta seja até uma das razões para a minha escolha deste tópico, considerando a dificuldade que temos para lidar com ele. E outra pode ser o momento grave pelo qual passamos, enquanto Humanidade. Se não nos melhorarmos nesta questão, certamente seremos "encorajados" a nos mover pela ação da lei universal natural de "Busca de Equilíbrio", que foi comentada acima, usando a Termodinâmica como exemplo. Tão logo o estado (quase)

crítico em que nos encontramos se intensifique, mudaremos. E isto também significará, no entanto, um elevado estado de "incômodo", o que pode acarretar sofrimentos extraordinários.

Ao encerrar estas linhas, podemos pensar no agravante indicado pela sabedoria popular, que nos compara – enquanto seres humanos – à situação do sapo vivo, cozinhando na panela que foi levada ao fogo com água fria. Apesar da percepção do perigo crescente – e também da necessidade de agir, enquanto ainda não se atingiu um estado crítico irreversível – ele vai se acomodando, até o momento em que "já seja tarde demais". Mas a conclusão deste texto parece-me demasiado drástica, enquanto contribuição para o propósito a que ela se destina. Assim, a nota final que quero registrar nesta mensagem é de caráter mais edificante. Como ser humano, há sempre uma tônica de esperança, quando refletimos sobre nossa história e pensamos em exemplos que nos provam que "o difícil não é impossível". Talvez o melhor exemplo (relativamente) recente que temos disto é o da revolução pacífica empreendida por Gandhi pela independência da Índia, algo que, à época, poderia até nos parecer "impossível". Contradizendo a nossa "tendência normal" – como comentado dois parágrafos acima – Gandhi nos recomendava: "Se quisermos mudar algo no mundo, comecemos esta mudança em nós mesmos."



Planeta das formigas

Elaine Melo de Oliveira

O homem é, do ponto de vista da Ciência, um animal. O que nos distingue dos outros, teoricamente, seria a racionalidade. Mas realmente é isso? Talvez fôssemos iguais, no que se refere à busca por importância dentro de um grupo, como muitos outros bandos de animais encontrados na natureza. Cães elegem o cão dominante da matilha, bandos de macacos possuem um chefe por este ser o mais forte, algumas aves possuem líderes que voam mais rapidamente... Seria, para nós, a inteligência a forma mais valorizada e respeitada dentro de "nossos bandos"? Segundo Aristóteles, o homem é um animal social e carente de outros. Talvez seja por esse motivo que o homem precise tanto se afirmar perante os outros e as outras espécies. O exagero dessa afirmação torna o homem prepotente. Tão prepotente que julgamos nossa racionalidade superior à outras espécies, mesmo não conseguindo ainda compreender o quão racionais (ou não) sejam as outras espécies. Formigueiros por exemplo, possuem uma complexa organização, com estruturas que a engenharia humana acabou por copiar, pela sua perfeição e simplicidade (como a arquitetura, o sistema de ventilação de seus habitats, drenagem de resíduos, formas de transportes como as nossas rodovias, etc.). Então, o que nos distingue dos outros seres é mesmo ser racional? Comparando com o último exemplo, podemos ver uma sociedade bem mais evoluída. A distribuição de funções não isola qualquer integrante. Na sociedade das formigas, (até onde se saiba) não existe marginalidade, não há corrupção, não existe fome e todos têm trabalho.

A prepotência humana e a sua necessidade de superioridade (ou, talvez, de aceitação) fazem com que a nossa espécie destrua as outras, a si própria e talvez as condições de vida no planeta. Em diversas espécies de indivíduos egoístas – que procuram o benefício individual de reproduzir o seu DNA, e conseguir alimento em quantidade abundante só visando a sobrevivência individual – acabam comprometendo o grupo todo, diminuindo, por exemplo, a variabilidade genética da população, e favorecendo a sua extinção. As mesmas populações não são consideradas racionais, e até consideramos uma certa "burrice" em termos estratégicos. Apesar de termos certeza da nossa racionalidade, não parecemos tão diferentes assim, pois, no fim das contas, estamos extinguindo os recursos que nos mantêm vivos por motivos individualistas. E também o fazemos às outras espécies. Isso é mesmo "ser

racional"? Coletivamente, não seriam, então, as formigas ou as abelhas mais racionais do que nós?

A verdade é que somos tão brilhantes quanto autodestrutivos, quando comparados a outras espécies. Temos capacidades impressionantes, mas ainda não somos capazes de usar nossa inteligência para o bem comum. Todas as áreas do conhecimento avançaram, mas cada vez parecem mais fragmentadas, mais especializadas e mais distantes umas das outras.

A saída está em uma educação que integre a humanidade, com o sentido de buscar um objetivo comum. Assim como as formigas se unem para que todos consigam alimento e trabalho, a educação deve coordenar a sociedade para que sejam primeiramente supridas as necessidades mais importantes. A educação deve servir para preparar os indivíduos para fins sociais, mais do que para os individuais. E isto não significaria ausência de individualidade, pois cabe a ela fornecer o apoio para os talentos de cada um. Talvez, se copiássemos a estrutura de outras espécies, conseguiríamos uma real racionalidade.

"A nossa prepotência tem nos impedido de aceitar o quão simples nós somos, e isso tem dificultado ainda mais o nosso conhecimento de nós mesmos" (Felipe Caxeiro).

*Política sob diferentes
enfocues*



A massa

Maira Comerlato

O que passa
Na cabeça
Dessa gente
Displicente
Que trabalha
Como escrava
E sorrindo
Vai pra casa
Apesar
De não ter nada
Pra comemorar?

O que passa
Na cabeça
Dessa massa
Desvalida
Que não sabe
Como vai
Subir na vida
Sem escola
Sem dinheiro
E sem lugar?

O que passa
Na cabeça
De quem pensa
E se senta
Numa mesa
E só inventa?
Que cercado
De riquezas
Se dispõe
A assinar
Condenando

O futuro
Dos que não
Sabem
Falar.

Publicado em <http://alfarrabios82.blogspot.com.br/2006/12/o-que-passa-na-cabeca-dessa-gente.html>



Onde você estava na longa noite de 64?

Soninha - Sonia Porto Machado

Outro dia, uma pessoa bem jovem perguntou a um grupo o que fizemos durante a ditadura militar. Isso abriu minha caixa de lembranças, aquelas que nunca haviam sido esquecidas. Uma pessoa que estava junto respondeu que "éramos muito novinhos nessa época". E é verdade mesmo. Éramos muito "novinhos".

Caso pudesse classificar as reações das pessoas frente à ditadura militar, eu diria, de maneira muito rígida, que uns nem viram a ditadura passar. Outros viram e ignoraram. Alguns viram e atuaram, tanto a favor quanto contra.

Nasci 6 meses antes do Golpe Militar de março de 64. Isto me habilita a dizer que fizemos 50 anos ao mesmo tempo. E isto também me permite lamentar ter nascido na mesma época. Já que, como irmã mais velha, em 6 meses, posso afirmar que perdi muito com esse nascimento.

Cresci e entrei na escola durante o período chamado "nos de Chumbo" (chamamos assim o período do Governo Médici). E foi o período mais difícil dos 21 anos em que nos faltou democracia. Durante anos, tive um pesadelo repetitivo com o mesmo personagem. Ele sempre aparecia pra acabar com minhas noites. Sonhava com o meu conterrâneo que, por acaso, era o presidente do país nesse período, e que chegou ao poder de uma maneira nada recomendável. Era o General Médici, que, durante muitas décadas, foi uma figura ilustre em minha cidade natal, e também foi o alvo dos meus maiores medos. Sim, sonhava com ele. Ou melhor, ele invadia minhas noites até há poucos anos, quando a casa em que vivia foi transformada em Museu Emílio Garrastazu Médici. Atualmente, foi rebatizada, para o alívio de minhas noites, e também das de muitos bageenses.

Muito cedo me interessei pela política. E isso não é coisa fácil, quando se vive em um país em que vigora o autoritarismo. Quando tinha 12 anos e estudava em uma escola religiosa, conheci dois irmãos Maristas (Irmão Fábio e Irmão Chico) que me convidaram a participar de um grupo de jovens da escola e da Igreja Católica. Na época, a Igreja Católica tinha uma forte atuação política e duas orientações distintas: um grupo (entre outros) que era extremamente conservador, chamado CLJ e outro grupo, mais contesta-

dor e ligado à Teologia da Libertação, chamado CETA (entre outros grupos). Para minha sorte, os irmãos que me convidaram era ligados à Teologia da Libertação. Ali fiz minha formação política, junto aos Maristas. E a segui depois, com os Jesuítas do Colégio Anchieta, quando comecei a participar de um curso anual, que ocorria no Seminário Maior de Viamão (RS), durante o verão, de formação de jovens lideranças. Durante 3 anos de CETA, nos anos 1976-78 (com meus 13, 14 e 15 anos) ali era o lugar, ligado à Igreja Católica, de onde saíram jovens que aprenderam a compreender a realidade com intensas aulas de História, Sociologia, Filosofia e Teologia. Eram intensos 10 dias, em cada etapa. Ensinavam a usar um método chamado Ver-Julgar-Agir e, acima de tudo, a olhar os pobres e oprimidos do país. Ali também foi ensinado que as fronteiras do mundo eram apenas convenções e que a luta era internacional. Nesse lugar se preparou uma parte considerável de militantes que atuaram em várias frentes.

Fiquei nesse grupo dos 12 anos aos 16 anos, fazendo o que hoje se chama de trabalhos sociais acrescidos de uma visão política baseada na conscientização do papel do indivíduo e da comunidade (eram as Comunidades Eclesiásticas de Base). Por isso, era um trabalho mal visto por quem estava no poder. E a pressão recebida para romper com esse grupo era constante. Meu pai também pressionava com a mesma orientação, porque era pressionado pela burguesia da cidade. Mas eu resistia...

Aos 17 anos, passei no vestibular e entrei na Universidade. Fui para Santa Maria, para morar e estudar. Claro, lá havia um grupo de mesma orientação e ação, do qual comecei a participar. Em pouco tempo, fui abordada por grupo de outro tipo. Um grupo que não era baseado na Teologia e que pensava em ações mais radicais. Isso já era 1981, governo do Figueiredo, aquele que dizia que preferia cheiro de bosta a cheiro de povo. Não eram mais os Anos de Chumbo, embora ainda fosse uma Ditadura. Meu novo grupo era um partido clandestino. Sim, "clandestino", porque continuava a época do bipartidarismo (ARENA e MDB). Os militares não permitiam outros partidos, e muito menos um partido comunista como o PRC (Partido Revolucionário Comunista).

Sair de um grupo ligado à Teologia da Libertação e ir para o PRC teve grandes impactos na minha vida. Uma delas foi a de começar a militar de maneira organizada e clandestina. Militar em um partido que desejava, entre outras coisas, derrubar a ditadura militar, é algo que produz grandes marcas. Esse partido, espalhado por todo o país, atuou de maneira intensa até o fim dos anos 80. Com nomes fictícios, reuniões e congressos clandestinos, fomos conquistando espaços possíveis e impossíveis.

Na Universidade, o PRC (junto com outras organizações) organizou e liderou desde passeatas (com direito à repressão policial) até a invasão e ocupação do Restaurante Universitário (RU); desde a ocupação do Conselho Universitário (encerramos e mantivemos presos todos os integrantes do Conselho em uma sala durante horas) até a ocupação da Reitoria. O PRC fundou e conquistou os diretórios acadêmicos e os DCEs de várias cidades, mesmo isto sendo proibido. Organizou eventos culturais importantes como o Cio da Terra, em Caxias do Sul e, depois, o Nossas Expressões, em Santa Maria. Criou grupos feministas como o Germinal, que foi fundamental para uma geração inteira. Elegeu vereadores e deputados por todo o país.

Fiquei em Santa Maria durante 4 anos. Formada, fui morar em Porto Alegre no ano seguinte à derrota das Diretas-Já. Em 85, no Governo Sarney, oficialmente após o fim da Ditadura, embora sendo o país governado por um legítimo representante da ARENA, já se respirava novos ares. Em Porto Alegre, continuei a militância, agora de maneira exclusiva, em duas frentes: na campanha política para deputado constituinte e prefeitura de Canoas e, ao mesmo tempo, trabalhando no Jornal "Fazendo O Amanhã" (o jornal do PRC).

Isso foi até 1989, quando as mudanças democráticas começam a tomar mais forma. E a nova Constituição tirou da clandestinidade todos os partidos que haviam sido proscritos. E teremos, pela primeira vez, desde 1961, a primeira eleição para presidência do Brasil. Mas ai já é outra história.

Assim, respondendo à pergunta do título "Onde você estava na longa noite de 64?", respondo: "Eu estava tentando derrubar a Ditadura, mesmo sendo tão novinha..."

Texto dedicado a meus amigos e camaradas de lutas.



Conversa livre

Rodrigo Malonow

- Olá, Como tem passado?
- Olá. Estou retomando as atividades do ano. É árduo, o começo...
- Bem, leve essa semana. Pois, no Brasil, o ano só começa mesmo depois do Carnaval.
- Bah, isso é papo de empresário, para dizer que o povo nunca trabalha o suficiente. E, assim, desafiar os incautos, para fazê-los trabalhar mais, e, assim, poder extrair maior excedente de mais-valia para o seu bolso.
- Nossa! Que discurso... Vai na mesma linha que a falação sobre excesso de feriados.
- Ainda bem que apareceu o Domenico para fazer o elogio do ócio, o ócio criativo.
- É o discurso da culpa, do temor contra a alegria.
- É, grande ensinamento do Eco, a rosa é o importante. O humor, a comédia, é o Nome da Rosa.
- Neste Carnaval, olhava o mar no nascer da manhã e vi um par de jovens aos beijos, frente ao mar.
- Sapatas ou gays?
- Tradicional. Veja que, atualmente, admitimos outros conjuntos de namorados porque o que importa nas pessoas é sua ética em relação aos outros e ao mundo.
- E, também, como os teus filhos estão criando seus filhos.
- Nós fomos criados no formato "batizado, comunhão e crisma, grupo de canto na missa", mas sem muita fidelidade aos domingos, já que nem meus pais o cumpriam.
- E também tinha o grupo de jovens baseado na piedade. E aí começou a abertura, lenta e gradual.
- Lembra do Puma no Rio-Centro? Era a turma militar que queria continuar na ditadura, que queria imputar à esquerda o atentado, para ter desculpa de continuar o regime fechado.
- A mesma turma que não quer a Comissão da Verdade.
- Será que não são os mesmos que pagam os "manifestantes", se sair quebra-quebra e pancadaria?
- Na nossa época de estudantes, final dos anos 70, as manifestações eram muito ordeiras, porque sabíamos que qualquer ato violento seria des-

culpa para descerem o cassete e refluírem o movimento de ascensão democrática. Quem iria querer passar por baderneiro? As pessoas não iriam mais às passeatas e os comícios. Qualquer ato de bagunça faria esvaziar o movimento democrático.

— Alguns mais violentos do movimento Hoje, nascido espontaneamente das redes sociais, têm um discurso de resposta à violência policial. Veja o caso do Amarildo, que demonstra o excesso de violência policial na intervenção “pacificadora” nas favelas. Também há os marginais tradicionais. E há aqueles que dizem haver ideologia anarquista por detrás do quebra-quebra de bancos, lojas de automóveis, ônibus queimados.... E porque não quebraram lojas de empresas de celular, que são os maiores “microladrões” da atualidade, que roubam milhões, de centavos em centavos, inúmeras vezes ao mês, através de artifícios técnicos.

— Sabe, assim como na primavera árabe, em que parece ter havido (como se diz, “por detrás dos bastidores”), um dedo das “intelligentCias”, aqui foi uma experiência do marketing através de redes sociais, tentando mostrar a sua força, se cacifando para o próximo ano eleitoral. Um exemplo disso é o vídeo daquela menina contra a Copa, que parece espontâneo.

— Lembra da reação da juventude, em Londres, quanto à retirada de verbas para atividades de lazer que funcionavam em certos centros do Estado.

— E daquele estranho caso do menor que matou toda a família. Lembram? Aquilo surgiu bem no momento em que estavam aparecendo, nos jornais, as “propinas tucanadas”, para desviar o foco da atenção sobre a corrupção. Era um casal de policiais e a mulher havia feito uma denúncia de participação de policiais nas explosões aos caixas eletrônicos. Parece um cenário de desaparecimento de alguém que entrou no programa de proteção de testemunhas.

— Bobagem. Como montariam tudo aquilo?

— Acho que os “rolezinhos” tem algo por aí. Para, mostrar que os jovens não têm acesso a atividades de lazer esportivas e culturais, teatro, música, cinema.

— Ao mesmo tempo em que mostram que estão submetidos ao discurso do consumo de marcas e do marketing.

— Ou somente porque queriam um ar fresco em dia de calor. Quantas piscinas públicas há nas grandes cidades brasileiras? Quantos parques esportivos? Quantos campeonatos esportivos de escolas? Quantos conservatórios de música de vários estilos existem nas principais cidades brasileiras?

— No estado em que está a educação pública brasileira, e com esta atual ausência de utopias, qual é a ideologia que se oferece ao jovem, senão a de se integrar ao mercado de consumo? A cada ano, com um celular mais avançado, com o uso de grifes caríssimas e tênis cada vez mais modernos e mais caros.

— A Dilma e os 12 anos de governo da esquerda não conseguiram foi pagar um salário digno aos professores, que é o primeiro passo para um salto de qualidade na educação brasileira.

— Mas então, eu ainda criei meus filhos batizando e fazendo a Comunhão, acreditando no modelo de convivência dos primeiros cristãos e no do amor como a melhor ilusão a cultivar. Fiz isto tendo consciência das minhas limitações como pai, acreditando que, na cultura religiosa, poderiam conhecer um Pai que supre as deficiências de um pai concreto. Uma coisa é o discurso

daquilo que se pensa ser o ético, e outra, bem diferente, são as decisões éticas em cada situação que cada pessoa vivencia.

— Freud já dizia que, quem não tem ciência e arte, então que tenha religião. Veja quantos anos de educação para alcançar um conhecimento de ciência, tendo consciência de seus limites epistemológicos. Que aquilo que é considerado verdade em um momento, no seguinte poderá ser diferente. E a arte, com nossa educação escolar, com professores que, eles próprios têm acesso restrito à cultura. Quantos anos será preciso para proporcionar um conhecimento razoável da literatura, da pintura, da música? Até então, como uma criança vai ter instrumentos para lidar com o mundo? A que leva as crianças ficarem então submetidas a um estresse permanente, como seus pais?

— Talvez seja isso que explique o enorme crescimento das igrejas pentecostais no Brasil. A atuação do catolicismo no meio popular é muito restrita. Lá, não serve a ideologia de “clube do catolicismo classe média”. O trabalho que se iniciou como comunidades de base é muito restrito.

— O MST faz um trabalho muito importante, com escolhas e educação comunitária. E também está aparecendo o movimento Elogio Público da Alegria, cujo líder foi criado em assentamentos e educado em escolas do MST, que tem um ótimo discurso, sem levar em conta o romantismo de todo jovem. É um discurso original que está surgindo. Vi a entrevista na TV Cultura, no meio do verão, antes de desaparecer o sinal...

— Talvez uma tempestade tenha queimado os transmissores para o litoral, e, como no serviço público, tudo depende de licitação ...

— Mas, afinal, como o teu filho está educando o teu neto?

— Ele é o que conhecemos como “cristão anônimo”, que tem uma opção de vida de médico comunitário, uma ética cristã implícita, mas resolveu não batizar o filho pois diz não acreditar em Deus.

— Ele tem uma prática cristã.

— Continuamos na próxima.

— Tchau.

— Até.



Política cognitiva

Eliane Marfiza Braga Machado Trevisan

Estamos em um ano de eleições no Brasil (2014). Penso que seja um bom momento para falar sobre Política Cognitiva. Política Cognitiva consiste “no uso consciente ou inconsciente de uma imagem distorcida, cuja finalidade é levar as pessoas a interpretar a realidade em termos adequados aos interesses dos agentes diretos e/ou indiretos de tal distorção”. O tema da política cognitiva é tratado desde as obras clássicas. “É um fenômeno perene. É uma questão exposta em Platão, em muitos de seus diálogos sobre a natureza e o uso da retórica” (Ramos, 1981, p. 87). A arte da persuasão faz parte da prática do retórico, ou melhor, ele é um especialista em persuadir, considerando que a moralidade substantiva é uma qualidade das pessoas. Quando o indivíduo é levado a violar essa orientação, terá sua conduta desviada da tensão constitutiva da Razão Substantiva, reduzindo suas considerações éticas e seus critérios instrumentais de avaliação.

O envolvimento de toda a sociedade pelos imperativos do mercado faz com que a política cognitiva se torne uma moeda psicológica corrente, nesse tipo de sociedade, de tal maneira que seja facilmente entendido o uso de expressões como “política de petróleo”, “política de poluição”, “política de transportes”. Mas com a expressão “política cognitiva”, o processo de compreensão não é o mesmo.

Faz parte da política cognitiva obscurecer o significado daquilo que pretende designar. Não possibilitar o entendimento das referidas políticas é intencional por parte dos seus responsáveis, ou seja, por aqueles que usufruem dos benefícios dessas políticas. Caso contrário, poderiam surgir problemas éticos, fragilizando o efeito de suas políticas através do entendimento real, verdadeiro, por parte da sociedade.

Portanto, o ser humano fica limitado na sua capacidade de criticar ou reagir a imposições do sistema, pois ele fica de tal modo envolvido que nem sequer o percebe. Além disso, ele para de imaginar alternativas, encara as regras como verdades, internaliza-as e vai sendo um “bom” instrumento para o Sistema. O ser humano perdeu a sua capacidade de criar, pois tudo é apresentado pela publicidade (persuasivamente e com abundância), e é oferecido para quem dispõe de poder aquisitivo. Quem não dispõe deste, vai em busca do que (presume que) lhe falte, a qualquer custo e com qualquer desgaste psíquico, pressionado pelo consumo e pela aparente liberdade, fe-

licidade e conforto decorrente de adquirir coisas materiais.

Capra cita o trabalho de Laing, que aponta uma visão da obsessão dos cientistas pela medição e quantificação, ao longo dos últimos quatrocentos anos. Disse Laing: "Perderam-se a visão, o som, o gosto, o tato e o olfato, e com eles foram-se também a sensibilidade ética e estética, os valores, a qualidade, a forma; todos os sentimentos, motivos, intenções, a alma, a consciência, o espírito. A experiência como tal foi expulsa do domínio do discurso científico" (Capra, 1982, p. 51).

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1982.

RAMOS, Alberto Guerreiro A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1981.



O valor intangível do CDES

Nice - Maria Eunice de Andrade Araújo

Vivemos num tempo civilizatório em que os modelos totalizantes perderam o seu vigor e seu papel determinante na história. O contexto de pós-modernidade, presente na literatura e nas teorias acadêmicas, parece compor o universo simbólico contemporâneo. Nele, as verdades revogam o seu caráter absoluto e são afirmadas a flexibilidade dos conceitos e a diversidade das culturas e valores.

Afinal, o que são mesmo os tais “tempos pós-modernos”? Parece que o próprio sentido de tempo é diferente do de outras épocas. O ritmo é mais intenso, as coisas são descartáveis, as aparências subordinam as essências, os sentidos se esgotam no presente e os resultados imediatos e objetivos desprestigiam a importância dos processos e valores simbólicos.

A constatação de que o Estado do RS é marcado por uma cultura de polaridade, muitas vezes de natureza belicosa, é reconhecida tanto no senso comum quanto entre os pesquisadores da história gaúcha. Esta postura tem gerado descontinuidades em muitas áreas, principalmente nas políticas de desenvolvimento, equidade e bem estar.

Embora a participação da sociedade civil nas decisões sobre as políticas públicas tenha sido uma constante nos governos democráticos e populares nestes tempos mais recentes, os processos participativos são muitas vezes contaminados pela lógica dos vencidos versus vencedores, das majorias sobre as minorias. As relações instrumentais e as posturas corporativas, em vários casos, subordinam uma leitura mais universal e solidária sobre os problemas dos que mais necessitam das políticas e ações do Estado.

O governador Tarso Genro propôs uma inovação com a criação do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES). O CDES se diferencia das práticas democráticas anteriores na sua composição, metodologia e processo de decisão. A composição por indivíduo, ao invés de pela entidade, não prejudica a sua representatividade. A diversidade no perfil dos conselheiros, expressa nas diferentes visões de mundo, afirmam a sua pluralidade e seu caráter republicano.

A grande inovação, no entanto, está na metodologia no processo decisório, que não se dá pelo voto, mas pela busca de definições coletivas através de uma ação argumentativa, que visa produzir resultados por consenso. Este método tem sua orientação em sentido diverso do desta cultura dicotômica

e muitas vezes beligerante de nossa tradição. Este é um valor intangível do CDES, e que nem sempre é considerado.

De forma recorrente, o CDES foi questionado por setores conservadores, para apresentar resultados objetivos e concretos. O programa de irrigação "Mais Água – Mais Renda", as diretrizes para o novo modelo dos pedágios e a constituição do Conselho Deliberativo Metropolitano são alguns dos exemplos práticos, dentre as mais de 120 sugestões acolhidas pelo governo em diferentes áreas, ao longo do primeiro ano e meio de funcionamento do CDES.

Contudo, as conquistas simbólicas de uma cultura mais unitária, o esforço para a construção coletiva por meio do argumento, a convivência civilizada e construtiva de indivíduos com visões de mundo até então antagônicas, porém imbuídos de um sentido comum pelo Rio Grande, não têm ainda o devido reconhecimento do seu valor.

Nestes processos históricos, onde a busca de novos sentidos inquieta as consciências e desafia os povos, é que valorizo este modo de operar do CDES. Sua metodologia, na pequena escala regional, contribui, ainda que de forma embrionária, para uma cultura mais solidária e cidadã.

Ensino e aprendizagem



À beira de entrar na escola

Paola Peixoto de Oliveira

Na véspera do primeiro dia de aula, conversando com a minha amiga Paola, de 6 anos de idade, que já fez dois anos de pré-escola, perguntei se ela já sabia ler. Ela respondeu que “só de cabeça”. Fiquei curioso sobre esta “modalidade” de leitura e resolvi gravar uma entrevista com ela (vídeo disponível em

< <https://www.facebook.com/photo.php?v=244156435763355&saved> >.

Tentei descobrir as suas expectativas em relação ao que irá aprender na escola. Descobri muito mais, conheci um incrível espírito solidário. Reproduzo a seguir partes da entrevista.

- Você consegue ler uma historinha?
- Só de cabeça, consigo... (A Professora lê e depois ela, folheando o livro, conta a mesma história).
- Você está indo para o primeiro ano, que começa amanhã, o que vais aprender?
- O alfabeto que eu já sei, ... aprender a ler, aprender a escrever, ...
- Que histórias você gosta de ler?
- De peixes, porque o meu pai pesca!
- E você vai escrever muitas histórias?
- Sim!
- Sobre o que você vai escrever?
- Sobre árvores, porque eu gosto de frutas.
- E para que que serve saber ler e escrever?
- Pra eu ajudar as outras pessoas que não sabem...
- E como tu vais ajudar elas?
- Mostrar para elas como faz no caderno...
- Tu gosta de ajudar outras pessoas?
- Sim, que nem eu faço no colégio.
- E por que tu gosta de ajudar outras pessoas?
- Porque, quando eu não sabia, elas me ajudavam! Então eu ajudo elas... Quando elas estão desenhando, eu pego na ponta do lápis delas e ajudo...
- O que mais você vai fazer no colégio?
- Eu quero aprender outras coisas diferentes, que ainda não sei...

- Será que você ainda tem muitas coisas para aprender?
- Mais ou menos. Porque eu já sei o alfabeto: A, B, C, D ... Z.
- E depois que você aprender a ler e a escrever, será que ainda tem mais coisas para aprender?
- Acho que não, porque daí eu vou para a terceira série e a quarta... e daí não precisa eu fazer mais nada...
- Tá, mas o que vocês fazem na terceira e na quarta série?
- A gente aprende a escrever emendado, a gente faz muitas brincadeiras no ginásio da escola... tem muita coisa para aprender ali.
- Então sempre tem coisa nova para aprender no colégio?
- Hum-hum! —
- Você gosta do teu colégio?
- Sim!
- Gosta da professora?
- Sim!
- O que você mais gosta no colégio?
- De aprender as coisas, porque depois eu não vou aprender mais nada!
- Por que depois você vai aprender mais nada?
- Porque o meu pai e a minha mãe não vão ter dinheiro para me botar numa escola... Quando eu crescer mais e mais... que nem tu, eu não vou mais estudar!
- Por que não?
- Porque daí eu já vou ser grande.
- Pessoa grande não estuda?
- Não! Daí eu vou fazer a mesma coisa que tu, vou trabalhar e cuidar.
- Você sabia que eu ainda estudo?
- Estuda o que?
- (Ops! Aqui a entrevistada assumiu o papel de entrevistadora!)
- A gente pode ser grande e continuar estudando, sabia?
- Não...
- Então, vamos fazer o seguinte. Quando você terminar o primeiro ano, nós vamos conversar novamente e você vai me contar tudo o que aprendeu neste ano na escola, combinado?
- Sim.

E aqui terminou nossa entrevista, mas ficaram uma lição e uma esperança. Basta dar oportunidades para que as crianças se desenvolvam e criem relações solidárias. A Paola Peixoto de Oliveira é a melhor amiga de um colega autista.

Obs.: Entrevista com Paola Peixoto de Oliveira, realizada em 23 de fevereiro de 2014. Video disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?v=244156435763355&saved>



Sete pilares

José Pacheco

O que resta para a Escola ensinar? – perguntou a minha amiga Ely. E logo me vieram à mente os quatro pilares do relatório da UNESCO. Terá a Escola ensinado aquilo que Jacques Dellors, já há muitos anos, recomendava? Os jovens terão aprendido a conhecer, a fazer, a ser e a conviver? Vejamos...

“Aprender a conhecer” é algo arredo, dentro do universo escolar. Quanto muito, os jovens são depositários de informação jamais transformada em conhecimento, umas talvez “quase-inutilidades”, que apenas servem para debitar em provas e alcançar um diploma. Talvez seja essa a razão porque, entre outros, somente 15% dos titulares de diplomas emitidos por faculdades de Direito conseguem aprovação no exame da Ordem dos Advogados.

E estamos conversados quanto ao “aprender a fazer”, “a ser” e “a conviver”. Atentemos na manutenção de um ensino livresco, no desprezo pelo desenvolvimento pessoal e social, consideremos o bullying, os assassinatos de professores...

A resposta à pergunta da Ely é simples: se a família não ensina a viver, a comer, a consumir, à Escola resta ensinar tudo. E nem conteúdo a escola ensina. Talvez a explicação deste fato esteja na autocrítica da Clarice: Quando penso que eu dava aulas de matemática e português a ginasianos, mal acredito. Porque hoje seria incapaz de resolver uma raiz quadrada. Quanto a português, era com o maior tédio que eu dava regras de gramática. Depois, felizmente, vim a esquecê-las. É preciso antes saber, depois esquecer. Só então se começa a respirar livremente.

No último reduto da transmissão de informação, os professores arriscam-se a ser uma espécie em vias de extinção. A carreira dos “professores conteudistas” está por um fio... A Ely contou-me que “professor Google” lhe ensina quase tudo. Nos seus 60 anos, como qualquer professor que se preze, a aposentada Ely continua a aprender. Achou um site em inglês com uma animação interativa do efeito do sal nas moléculas de água e pode experimentar como era a reação da água ao sal nas temperaturas que colocava no site. Entendeu uma das complexas propriedades coligativas da química. E disse que o “professor Google” traduziu o texto, com perfeição, do inglês para o português.

Bernie Dodge, professor da Universidade Estadual da Califórnia, criou uma proposta metodológica para usar a internet de maneira investigativa e

criativa: a webquest. E eu vi um comercial na TV, no qual uma jovem dizia que tinha tudo aquilo que precisava para estudar. Em casa. Na internet. Sem precisar cumprir horário de aula...

A escola que infelizmente ainda temos não logrou concretizar os quatro pilares da UNESCO. E nem suspeita de que ainda há mais três: o "aprender a desaprender"; o "aprender a desobedecer" e o "aprender a desaparecer".

Aprender a desaprender, porque, como diria o Manoel, aprender é desaprender, para vencer o que nos encerra e aliena, porque desaprender vinte e quatro horas por dia ensina princípios, e porque precisamos nos emancipar da tralha cognitiva que nos foi imposta.

Aprender a desobedecer, porque a maior parte dos normativos que regem o funcionamento das escolas são desvarios teóricos. Como diriam os mestres da não-violência, leis injustas não merecem respeito e não deverão ser acatadas.

Os projetos humanos são produtos de coletivos. Já lá vai o tempo dos seres providenciais e insubstituíveis. Deveremos evitar gerar dependência em outrem, para que não nos tornemos (supostamente) "imprescindíveis". É preciso aprender a desaparecer, a fomentar autonomia no grupos humanos em que participarmos. Uma autonomia que não pressupõe independência, mas interdependência. Como diria um amigo: "Interdependência, ou morte!"



Qual a importância de um professor?

Gustavo Borba

Muito se tem falado sobre a importância da educação e sobre como, através da educação, alguns países conseguiram progredir economicamente e protagonizar espaços de relevância no desenvolvimento mundial. Um dos exemplos mais significativos é o do que ocorreu com a Coreia do Sul, um país que, no início da década de 1970, apresentava uma renda per capita abaixo de 300 dólares. E, em 2012, este valor estava acima de 22.000 dólares, segundo dados do Banco Mundial.

Exemplos como esse demonstram que a educação gera mobilidade social, o que reforça um processo de geração de riqueza para a nação. Para alcançarmos uma educação de alto nível, precisamos investir em infraestrutura e na identificação de novas práticas pedagógicas e curriculares, mas, acima de tudo, na valorização e formação dos professores.

Cada um de nós provavelmente se lembra de um professor que fez “a diferença” em sua vida. Alguém que nos inspirou e que, eventualmente, nos ajudou a definir o caminho que seguiríamos. Mas quem, atualmente, quer ser professor?

Dentre os temas que tenho discutido em minha atividade como gestor no campo da educação e como organizador do Tedx Unisinos, a relevância dos professores é, sem dúvida alguma, o tema mais importante e desafiador.

A carreira de professor deveria ser percebida como uma das profissões mais importantes em nosso país. Em países como a Finlândia e a Coreia do Sul, os alunos que escolhem ser professores estão entre os melhores alunos do ensino médio, existe um processo seletivo de grande concorrência, e o status social da carreira é comparável, por exemplo, ao da profissão de médico. Infelizmente, esta não é a realidade do Brasil. Temos cada vez menos alunos do ensino médio interessados em cursar licenciaturas. Segundo a pesquisa Atratividade da Carreira Docente no Brasil (FVC/FCC, 2009), apenas 2% dos jovens que cursam o 3º ano do Ensino Médio pretendem cursar Pedagogia ou alguma Licenciatura. Essa realidade faz com que tenhamos um grande déficit de professores. Em matéria publicada na Revista Exame, em 2013, se considerarmos as áreas de Química, Física, Matemática e Biologia, esse déficit chega a aproximadamente 170 mil docentes na rede pública.

Mas como mudar esta realidade? Sem um processo coerente e de longo prazo para a valorização dos professores, não conseguiremos resultados

positivos para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil. Sem esta valorização para a carreira dos professores, não conseguiremos resgatar a inspiração, que é um atributo fundamental para apoiar os jovens de nosso país em suas escolhas e para gerar inovação. Sem a valorização dos professores, não teremos uma educação de qualidade. Sem a valorização dos professores, não conseguiremos mudar o Brasil.

Fontes:

<http://www.fvc.org.br/estudos-e-pesquisas/2009/atratividade-de-carreira-docente-530689.shtml>

<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/governo-vai-pagar-r-150-para-incentivar-carreira-em-ciencia>

<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/carreira/ser-professor-escolha-poucos-docencia-atratividade-carreira-vestibular-pedagogia-licenciatura-528911.shtml>



Minha Vivência no Jardim Waldorf

Cacá - Camile Pasqualotto Lewczynski

Quero contar um pouco sobre a minha experiência como Mãe Waldorf. Aliás, não sei se é este o "título" que eu quero me dar. Acho que "ser Mãe Waldorf" não deve ser um rótulo, uma etiqueta. Prefiro contar como a Escola Waldorf atuou no despertar da minha consciência. Minha filha Júlia entrou no Jardim de Infância na Escola Arco Íris com 3 anos de idade. Conhecia "por alto" a pedagogia Waldorf, e achava que era um ideal lindo, mas um pouco fora da realidade para mim, naquele momento. Porém, me encantei com a Clarisse (que foi quem me recebeu), com o espaço, as árvores, as salas de aula aconchegantes, com o "calor" da Gigi e com o jeito moleque do Tio Pedro. Comecei a viver o dia a dia da escola, a vivenciar as épocas, a me conectar com os ritmos da natureza. Um mundo de possibilidades se abriu! Logo eu, me mantinha um ritmo acelerado, achava que a criança tinha que ter muitos estímulos externos para se desenvolver melhor. Comecei a perceber que algo mudava na minha forma de ver o mundo, as pessoas e, principalmente, as minhas filhas. Comecei a me interessar pela Antroposofia, a fazer cursos, a ler livros, a trocar muito com as professoras, a viver este "novo Universo". Descobri que mais do que uma escola para nossos filhos, a Escola Waldorf é uma escola para pais. Pais sedentos por mudanças, exemplos dignos de serem imitados, crianças clamando por tempo e espaço. Tão diferentes e distantes do que a sociedade, de maneira geral, quer de tão pequenas criaturas, que há tão pouco tempo chegaram neste mundo.

Quem disse que os pequenos têm pressa? Ou, pelo menos, que eles têm a pressa que nós, os adultos, insistimos em ter?

E, com tantos questionamentos, fui me dando conta de que a Júlia, a cada dia, tinha novas experiências, novos medos iam sendo superados, tinha muito apoio ao equilíbrio, à descoberta de novas sensações, vivia a formação de hábitos saudáveis, recebia carinho e vivenciava muito contato humano e com a natureza. E Júlia foi se desenvolvendo, aos poucos começou a se interessar pelas letras, porém eu notava que era um interesse momentâneo, e que logo desviava a atenção, que qualquer outra brincadeira parecia mais interessante.

E, com o seu desenvolvimento em franca expansão e crescimento, Júlia completou 6 anos no mês de novembro. Foi orientação de sua professora Cassiane que ela permanecesse mais um ano no Jardim. E foi aí que começa-

ram as grandes dúvidas, a pressão social, familiar e um grande nó em minha cabeça. Como é que ela não vai para a primeira série? Afinal, ela já tem 6 anos... Depois de conversar com meu marido, com a escola, com a professora, e feita a avaliação de prontidão com a Prof.^a Lydia, fui me dando conta de que a pressa não era da pequena Júlia, e de que ela precisava amadurecer um pouco mais. E, o principal, é que tinha que amadurecer emocionalmente, para “encarar o primeiro ano”, para conseguir ficar sentada, concentrada. Mas praticamente toda a turminha com quem ela tinha ficado durante três anos se foi para o primeiro ano... Por que não colocar a Júlia também lá? Novas dúvidas... Até que, um dia, tive a certeza de que não seria uma perda, mas sim um ganho, seria um presente poder brincar mais um ano no Jardim. A infância nunca mais volta. Já estudar, este é para sempre...

E foi assim que o último ano do Jardim foi curtido ao lado da Prof.^a Gabriela e dos novos colegas. E, como os anteriores, este também foi um ano cheio de novos desafios... Tudo o que era relacionado a ser a mais velha da turma, a conseguir alcançar o galho mais alto da árvore, a encorajar os amigos menores, a conseguir pular corda com bom ritmo, tricotar com seus dedinhos, amassar e moldar massa para pão, aprender, com sua própria força, a ler sozinha. Não que este tenha sido um objetivo a ser alcançado no Jardim, mas foi um processo lindo, e a Júlia se orgulha muito dela mesma. Foi uma grande conquista!

Hoje, com 7 anos e 4 meses, a Júlia entrou no primeiro ano da Escola Waldorf Querência. Mesmo sendo uma escola que entenda que a passagem do Jardim para o primeiro ano não é simplesmente uma “virada de página”, mesmo sendo uma escola que respeite muito a individualidade de cada criança, que tenha um currículo que contemple não só o pensar, mas também o sentir e o querer, ainda assim Júlia sente saudade da Escola Arco Íris, de brincar um pouco mais. Afinal, 20 minutos é pouco de recreio para bracinhos e perninhas que ainda precisam se movimentar muito...

Pense com carinho. Observe com carinho o seu único que é seu filho(a).

Beijos.

Camile, mãe da Júlia e da Gabriela



Tradição e identidade entre os escolarizados Kaiowá e Guarani do Mato Grosso do Sul

Verô - Veronice Lovato Rossato

A escola tem sido um lugar privilegiado para a ruptura com o modo de ser tradicional indígena, através de políticas de assimilação ou integração do índio à sociedade nacional, para que se tornem “como nós”. No contexto dos Kaiowá e Guarani do Mato Grosso do Sul (que compõem populações, atualmente, com cerca de 50 mil indivíduos), os primeiros professores indígenas que se habilitaram como profissionais do magistério fazem parte da terceira geração depois do “esparramo” – quando os índios da região sul de MS perderam suas terras tradicionais, ou tekoha, entre 1910 e 1970 – e de sua realocação em oito reservas com, no máximo, 3500 hectares. Foi com eles que eu comecei a trabalhar no MS, em 1985. Na verdade, naquela época, ainda não havia qualquer professor da sua etnia. Comecei sua formação como alfabetizadores em Guarani. E, atualmente, já são aproximadamente 400 professores guarani e kaiowá, alguns já com mestrado.

A educação escolar que receberam era voltada para o sistema não-indígena, e estava empenhada em desacreditar e depreciar o sistema indígena. Entretanto, a partir da Constituição Federal de 1988, que lhes garantiu o direito a seus territórios tradicionais, às suas próprias línguas e culturas, os Kaiowá e Guarani começaram a participar da reconstrução de sua autonomia como sujeitos históricos e a reivindicar não mais a massificação, mas o pluralismo escolar, cujo postulado legal para eles é “educação escolar indígena diferenciada, específica, bilíngue, intercultural e comunitária”, com tratamento igualitário.

A construção desta nova Escola não tem sido fácil. Trata-se de um tempo de extrema tensão cultural, de discursos ambíguos e de relações conflituosas entre o sistema hegemônico e o sistema tradicional dos Kaiowá e Guarani, o qual possibilita a especificidade da escola. Entretanto, ao mesmo tempo em que a escola continua com sua tendência homogênea, os movimentos indígenas forçaram-na a abrir espaço para a pluralidade e para o diálogo intercultural.

Para os Kaiowá e Guarani, o tradicional é importante, porque marca a sua

identidade. E o principal elemento da sua tradição é o sistema religioso (teko marangatu), segundo eles. A espiritualidade é a essência que têm para viver, "na qual estão envolvidas todas as coisas" e, por isso, não podem perdê-la. Não é uma religião, mas é o próprio sistema, um modo de vida.

Mas a escola que eles frequentaram negava ou escondia tudo o que se referia ao seu sistema tradicional, tentando anular os valores étnicos familiares e levando muitos a querer negar a própria identidade indígena. A escola sonegou e continua sonegando a língua indígena como idioma principal, causando problemas para a aprendizagem e para a própria identidade étnica. A este respeito, o conceituado historiador jesuíta, Bartomeu Melià, afirma: "A perda da identidade étnica geralmente vem precedida da perda da cultura e da língua. E a perda da identidade étnica é a causa da perda de seus meios de subsistência, como a terra". Atualmente, eles entendem que a escola tentou torná-los "desequilibrados", "individualistas" e anular o "espírito guerreiro" próprio do seu povo, o que é necessário para a luta pela terra.

Por outro lado, reconhecem o papel da escola para compor um novo espaço-tempo educativo, onde é possível o diálogo intercultural, valorizando seu modo de ser tradicional, vinculando-o à realidade em que vivem hoje, e mostrando uma enorme capacidade de ressignificar-se, mas com o desejo de continuar "sendo o que são". E é no processo educativo dos Kaiowá e Guarani, no qual também foi incluída a escola, que se reproduz aquilo que são ou pensam de si mesmos, refletindo o "Nós" (Ore) – em movimento, histórico, um "Nós" em tempo de crise – como componente da identidade, do ñande reko ("nosso modo de viver").

Entretanto, essa mudança não é fácil. Como essas discussões ainda não chegaram à totalidade das comunidades indígenas, a maioria continua com os mesmos referenciais baseados nas concepções produzidas pelo antigo modelo de escola, que ainda persiste. Há que se perguntar se as novas gerações – em sua maioria, seguidores de igrejas neopentecostais – ainda terão os referenciais educativos do sistema tradicional, ou só os do tekopyahu. E muito ainda se pode perder, a menos que o atual sistema seja ressignificado segundo os referenciais culturais que permanecem presentes na vivência dos grupos que ainda "seguram a reza", pois "toda inovação, por mais radical que seja, lança raízes no passado e se alimenta de potencialidades dinâmicas contidas nas tradições". Mas é necessário reabilitar as condições para viver o ñande reko: recuperar suas terras, recriar uma base ecológica, educação tradicional familiar, escola, língua e valores culturais indígenas.

É isso que se verifica entre os intelectuais indígenas que passam por uma formação específica e diferenciada, segundo seus próprios referenciais culturais, e pelo movimento indígena, os quais oferecem melhores condições para um diálogo intercultural (ou negociação cultural), para que possam continuar sendo o que são – Kaiowá e Guarani – apesar das ambiguidades e contradições decorrentes de sua inserção na dinâmica da própria humanidade.

O professor Valentim Pires, grande filósofo Guarani, meu aluno nos cursos de formação para o magistério, assim expressou o que entende por educação escolar indígena: "A escola é para fortalecer dentro de nós, valorizar a própria etnia para ser um bom índio, dominar bem os conteúdos, saber criticar, ser pessoa clara e sonhar com o melhor caminho para o Guarani".



Por favor, mais casquinha de siri!

Bruno Anicet Bittencourt
Patricia Borba Martiny

Eu vou ensinar a pescar.

O que te move?

O grito por transformação social e por aquele “algo a mais” no propósito de vida colocam essa questão em voga. Afinal, qual é a resposta?

É simples. Tudo nos move! São muitas causas! Nos indignamos com os políticos corruptos, com a insegurança pública, com as filas para os atendimentos em saúde, com a fome das crianças africanas, com os cachorrinhos abandonados, etc. Queremos mudar tudo isso! Se for preciso, levantamos cartazes, compartilhamos postagens nas redes sociais e até criamos discussões nos almoços de família.

Não dá mais para aguentar! Queremos revolucionar! Que mundo deixaremos para as nossas crianças?

É aquela velha história, temos que ensinar a pescar em vez de simplesmente dar o peixe.

Eu quero ensinar a pescar, mas...

Mas esse move, seria Motivação ou Movimentação?

Dizem que não motivamos ninguém, que as pessoas tem suas próprias motivações – e estão cheias delas, esbanjando empolgação para mudar o mundo. Só que isto não basta.

Falta a movimentação, a mais difícil. É que neste mundo corrido em que vivemos, fica quase impossível achar um tempo para fazer uma revolução. Deixamos para fazê-la quando tivermos dinheiro, os filhos crescidos, disposição e companhia. Aí sim, iremos porque queremos. E muito!

Então, enquanto ainda não ensinamos a pescar, vamos dar o peixe para ir matando a fome. Só por agora...

E se não for peixe?

Fugindo da acomodação.

Essa seria a resposta mais adequada para o questionamento anterior. Mesmo que exista um idealismo percebido, não podemos deixar que ele impeça que demos o primeiro passo.

É complexo. Sair da nossa “zona de conforto” é muito difícil, mas peque-

nas escapulidas, quando alinhadas a um propósito maior, geram microrrevoluções, as quais realmente transformam o mundo. Pequenas movimentações como não sonegar impostos, auxiliar as pessoas na rua, oferecer serviços profissionais para alguém que necessita, contribuir com programas sociais existentes e cuidar bem do cachorrinho já começam a resolver os problemas maiores.

Chega de aguentar! Vamos revolucionar! Que crianças deixaremos para o nosso mundo?

Sonhamos com grandes revoluções e acabamos esquecendo das microrrevoluções que podemos fazer. Não é porque não conseguimos fazer tudo que devemos fazer nada.

Não dá pra pescar peixe? Pega um siri. Às vezes, o aperitivo é melhor do que o prato principal...



O quanto você vai crescer para se tornar um ser, ou o que você não vai ser quando crescer?

Andréa de Lima

A julgar pela trajetória convencional da maioria que cursa uma escola, do ensino básico ao médio, e uma universidade tradicionais, baseadas em modelos de educação que pouco ou nada estimulam ou permitem a espontaneidade, a criatividade e a alteridade – a típica capacidade de saber distinguir, reconhecer o diferente e, porque não, a importância da diversidade – a possibilidade de sermos o que realmente somos muito provavelmente não se realizará. Isso pode ser dito pelas razões mais óbvias, como lembra o engenheiro mecânico Eduardo Shimahara, que aos 42 anos diz sentir o gosto inédito do aprendizado num mestrado no Sustainability Institute, na Cidade do Cabo, cidade beira-mar na África do Sul.

Esse porto revelador veio depois da concretização coletiva de um sonho – o livro “Volta ao mundo em 13 escolas – Sinais de futuro no presente” – movido por uma inquietação antiga de mostrar que há caminhos e não apenas um para o desconforto dos que não pertencem e definitivamente não querem perseguir por quase duas décadas uma “formação” educacional óbvia. Sim, há os que querem, e não há nada de errado com isso.

“Levei uns 17 anos estudando o que eu não queria e em que não via sentido”, conta Shima, como é carinhosamente chamado. Ele diz entender as escolhas das escolas feitas pelos pais (com ascendências germânica e japonesa) e as dele, como a graduação na universidade, por conta da necessidade de independência e estabilidade financeira, a carreira profissional numa multinacional, um cargo executivo num renomado grupo de educação superior, ou uma “pós” em cooperação, que é a tônica nos seus trabalhos mais recentes. Esse encontro entre o que se é e o que se quer de verdade, na história de Shima, adquire nítidos contornos de realização.

Sonho coletivo de 4 e disponível para todos

Escrita pelo jovem jornalista André Gravatá, 23 anos, a obra (“Volta ao mundo em 13 escolas – Sinais de futuro no presente”) é fruto, da semente à flor, da mais pura cooperação. Além de André, participaram da confecção do projeto o próprio Shima, a psicóloga Camila Piza e a empreendedora Carla

Mayumi. Integrantes do coletivo "Educação", os quatro visitaram 13 escolas em 9 países, graças ao financiamento coletivo, também conhecido como crowdfunding.

Entre as escolas públicas e privadas, além de espaços de aprendizagem, estão retratados a Team Academy, na Espanha, uma iniciativa com foco em fomentar o empreendedorismo nos jovens; a YIP (Youth Initiative Program), um projeto voltado a jovens de 19 a 25 anos que, durante 10 meses, vivem e desenvolvem experiências em que exploram aspectos pessoais (conhecendo melhor a si mesmos) e sociais (por meio de intercâmbios em outros países, atuando como voluntários), na Suécia; o Schumacher College, na Inglaterra, uma instituição com uma visão de educação conectada com a natureza; o North Star, um centro de aprendizagem autodirecionada nos EUA – uma ação de "desescolarização" realizada em grupo; a Quest to Learn, em Nova York, onde os games ensinam e ao mesmo tempo são concebidos por educadores (ali, alunos e professores); e a brasileira Amorim Lima, cujas paredes foram removidas para compartilhar saberes e roteiros entre a escola e a comunidade.

As histórias ultrassaborosas desse livro, com direito a receita comestível de escrita diretamente das Minas Gerais, não pretende ser um modelo, uma referência a ser seguida ou replicada em qualquer escola, aqui no Brasil ou em qualquer outro país. "Nossa motivação coletiva foi, sobretudo, pela busca de modelos inspiradores de educação", conclui Shima.

Depois dessa jornada, conte pra gente qual, na sua opinião, é o melhor caminho a seguir, o que fala mais ao coração, o que traz promessas de um amanhã garantido, qual tem sido seu trajeto? Isso tudo nos interessa.



Escrever é um ótimo exercício

Roberto Guedes de Nonohay

Quando recebi o convite (por sinal, muito bem vindo) para escrever um texto, pensei muito sobre o que poderia discutir nessas breves páginas. Muitos assuntos me vieram à cabeça. A questão da greve dos rodoviários, as obras da Copa, o temeroso cenário político atual, o jogo do time do Inter, e por aí vai. A verdade é que, apesar de todos serem interessantes, nenhum deles, de fato, me motivou o suficiente para escrever. Seria isso um caso de bloqueio criativo? Pode ser... Então, tentei outra maneira para encontrar um tema que fosse suficientemente interessante e que me motivasse para escrever sobre ele. Pensei não em um tema, mas no processo de redação e nos itens que um texto deveria ter, foi que me veio a ideia. Quis falar sobre a escrita em si. A sua importância não só para a vida profissional e pessoal, mas também para a saúde mental.

Saber escrever de forma correta, hoje em dia, é algo raro de se encontrar. Muitos alunos, em minhas disciplinas, têm muita dificuldade com a ortografia. Até seria possível entender muitos dos erros que vejo, como em um termo técnico ou em um que a pessoa não use com tanta frequência. Contudo, errar na escrita de palavras corriqueiras, e até mesmo em acentos agudos (sem nem falar nos circunflexos) é algo que não gostaria de ver, mas que encontro muito em provas e trabalhos. Por exemplo, certa vez corrigi uma redação cujo tema era justamente a importância da língua portuguesa, e que foi escrita em quatro parágrafos curtos (com, no máximo, três frases cada), em menos de 25 linhas e com 41 (isso mesmo, quarenta e um!) erros de ortografia.

Esse problema, atualmente, atinge não só alunos dos ensinos médio e superior, mas infelizmente também está presente em profissionais já graduados. Noutra vez, recebi um e-mail do diretor de uma grande empresa, com absurdos erros de português. A concordância era praticamente inexistente, e os erros de ortografia eram crassos. Outro caso foi em um e-mail vindo de uma advogada, onde a palavra "peço" foi redigida com duas letras "s" (sim, a advogada escreveu "pesso"). Estes, obviamente, não são os únicos casos. Anualmente, são mostrados casos parecidos em provas do ENEM, em petições judiciais e em outdoors e páginas de jornal. Não consigo conceber como isso pode acontecer! Antes de enviar um e-mail, sempre o reviso várias vezes, para garantir que não existam destes erros. Ainda, mesmo que

o autor esteja com pressa, ainda seria possível utilizar o corretor ortográfico dos processadores de texto. Com certeza, isso não tomaria mais do que 5 minutos.

Acredito que isso seja não só decorrente de uma pesada herança de um sistema educacional básico falho, como em muitas escolas no Brasil, mas também da pressa em escrever. Quando vejo, em textos de alunos, que as vírgulas e pontos quase não aparecem, ou que cada frase contém duas ou três ideias diferentes, penso que todos estão com a mente tão assoberbada, pensando sempre em escrever o mais rápido possível, para poder responder o próximo e-mail ou a última mensagem recebida via Facebook ou WhatsApp, que a qualidade exigida para a redação de uma boa mensagem acaba esquecida e que acaba perdido o treinamento necessário para uma boa escrita.

Por isso, aceitei de muito bom grado o desafio de escrever este texto. Não sou perfeito, cometo algumas vezes alguns deslizes, mas treino o máximo possível para que eles não aconteçam, e para que eu consiga corrigi-los antes que eles cheguem ao seu destinatário. Acredito que, assim como a leitura, a escrita é um ótimo exercício para o cérebro. Devemos, para dissertar sobre um assunto, pensar em várias possibilidades ou cenários, e em como eles se relacionam com o tema central. Também convém que nos posicionemos frente a esse tema, e que reflitamos sobre ele, para dar uma opinião coerente, o que exige, no mínimo, a leitura e o entendimento de diversos pontos de vista, até que possamos formar o nosso. Sem contar com o fato de que escrever pode ser uma bela maneira de aliviar o estresse e de expressar emoções na forma de palavras.

Só nesse processo já utilizamos muitas áreas do cérebro, além de termos praticado o nosso entendimento da língua portuguesa. Atualmente, com os blogs, temos grandes ferramentas para praticar a escrita. Se todos escrevermos um texto, pelo menos uma vez por semana, na hora em que precisarmos escrever mais rápido, os erros serão menores. Ainda, muitos estudos relacionam o benefício da leitura com a saúde humana. Recentemente, um estudo comprovou que as pessoas que têm o hábito da leitura tendem a não sofrer tanto com os sintomas de doenças degenerativas, além de isto atrasar o desenvolvimento das mesmas.

Então, seja por "exercício cerebral" ou como uma maneira de evitarmos embaraços em mensagens profissionais e pessoais, fica aberto o convite para desenvolvermos nosso lado escritor, que muitas vezes fica latente durante anos ou mesmo uma vida inteira. É um ótimo passatempo, além de ser um belo treinamento.



Os relacionamentos e suas leis

Maria Scarlet do Carmo

Desde 2009 venho me debruçando sobre uma temática que me tem fascinado muito. Trata-se da constelação sistêmico-fenomenológica. Um tipo de abordagem terapêutica breve que, por meio das percepções (a fenomenologia), abre espaço ao entendimento de questões de ordem sistêmica (a família, o trabalho...). Este fascínio decorre da simplicidade da abordagem e dos efeitos imediatos na vida daqueles que recorrem a esta prática para a busca de soluções no que tange aos aspectos familiar, empresarial, escolar e social.

A abordagem das constelações parte do princípio de que nossas dificuldades para solucionar problemas cotidianos poderiam estar relacionadas com a tentativa de restaurar três leis básicas que regem os relacionamentos humanos, a saber: pertencimento, ordem e compensação.

Todos têm o direito de pertencimento a um grupo (sistema). Todos pertencem a um grupo, seja por elos parentais ou por terem contribuído para a prosperidade ou para o progresso do mesmo. Tomemos como exemplo dessas leis o processo de pesquisa em uma dada instituição. Conforme todos os membros que contribuíram com os resultados de uma pesquisa recebem os créditos por estes resultados, estaríamos a tratar do pertencimento, pois todos foram considerados como fazendo parte do processo de construção de um saber/conhecimento.

Já a ordem refere-se ao lugar que, hierarquicamente, ocupamos em um sistema. É algo muito simples. Quem vem primeiro, na ordem, são as pessoas que chegaram antes de nós. Na família, avós e pais têm a precedência sobre os filhos. Logo, eles têm prioridade. No trabalho, idem. O que muda, no caso do trabalho, é que, quando cessa o nível de trocas, a ordem volta a prevalecer. Ou seja, contribuímos mais para os ganhos da instituição do que nossos subordinados, mas se eles trabalham há mais tempo nesta instituição do que nós, eles tendem a ter vínculos mais fortes com a mesma. Vínculos estes que podem levar a uma maior confiança dos nossos superiores, em relação a eles e em detrimento de nós, em momentos que não envolvem nossa expertise (ou seja, aquilo que doamos por meio de nosso trabalho).

Da mesma forma, a compensação trata da relação de trocas, as quais se dão no processo de obtenção dos resultados da pesquisa. Enquanto uns "vão a campo", outros se encarregam de analisar os dados, ao passo que ainda outros cuidam da construção dos relatórios da pesquisa. Nesse processo,

quem dá mais em termos de dedicação, de nível de influência para obtenção de financiamentos receberá mais, em termos de créditos, de prestígio, de autoridade para tratar do tema em público e, até mesmo, de financiamento de trabalhos futuros e ordem de autoria (em caso de publicação de um paper).

Toda vez que contrariamos esse movimento, podemos incorrer no fracasso, no atrito, nas desavenças. Devemos incluir todos os que pertencem, reconhecer nossa ordem em um grupo e dar sempre o suficiente. A medida que obedecemos a cada uma dessas três leis somos conduzidos a um estado de leveza que por sua vez afeta aos demais implicados, seja em que sistema for de que estamos tratando.



Por que quero ser administrador?

Sergio Bulgacov

Há muitas escolas de Administração de Empresas no país. Há muitos alunos já formados e outros tantos em formação. No entanto, há fortes indícios de que poucos desenvolvam rigorosamente o potencial de sua formação, encontrando posições que possam ser consideradas como “de decisão”. Por que isso acontece? Por que o país vai tão mal em termos gerenciais? Onde estão os nossos milhares de formandos? Tenho algumas considerações a fazer nesse sentido, e espero que elas sirvam, que este texto sirva, como motivação para reflexão e debate, principalmente entre estudantes, formandos e recém-formados nessa área socioeconômica tão importante para o país, em todos os seus campos de trabalho.

É importante destacar que os motivos que levam uma pessoa a investir na sua formação e em novas perspectivas de trabalho pode estar em sua necessidade, no seu comprometimento com um ideal pessoal, uma oportunidade em particular, ou ainda em todas esses aspectos. Mas, para cada uma dessas condições, é necessário observar as questões econômicas, sociais e legais que envolvem essas possibilidades. Nesse sentido, é necessário estar atento e saber observar o(s) ambiente(s) em que se está, em termos do que possa impedir ou favorecer o seu investimento em uma nova perspectiva profissional. Se esses aspectos atuarem mais como impeditivos, há duas maneiras para contorná-los. A primeira delas é conhecer profundamente esses fatores e criar parcerias para a sua solução. Por exemplo, tomemos o caso de um estudante que deseje trabalhar no exterior. É necessário conhecer o novo ambiente, a língua, seus desafios e procurar potencializar as suas capacidades nesse sentido. Atualmente, isso pode ser feito com um custo relativamente muito baixo, por meio da internet e de contatos com pessoas que conheçam esse ambiente. Entretanto, é necessário estar altamente motivado e comprometido na busca dos novos conhecimentos requeridos.

Pelo lado do potencial ou do comprometimento pessoal, o que se espera de um administrador é que ele seja capaz de desenvolver pessoas. Para isso, ele tem que ser orientado para o aprendizado, e deve estar preocupado com as transformações técnicas, sociais e econômicas que ocorrerem nos ambientes em que atua. Também é importante destacar que os empresários e empregadores, de um modo geral, estão reconhecendo que as pessoas e seus conhecimentos são considerados essenciais para o sucesso organiza-

cional. Nas organizações, em termos do que se espera de um administrador, algumas coisas não são ditas de forma muito clara. Muitos contratantes nem sabem o que esperar deste tipo de profissional, ou por não conhecerem ou por não terem a formação necessária para a adequada descrição do papel de um administrador. Aqui, mais uma vez, o administrador tem que mostrar-se à frente do seu tempo. De acordo com Peter Senge, o perfil esperado do administrador contratado por qualquer organização é que seja: a) um Projetista – criador de novas realidades econômicas e sociais; b) um Professor – criador de conhecimento e capacidades; e c) um capitão – um decisor. Adiciono, “decisor” enquanto criador de novas capacidades para fazer com que a organização esteja inserida, o mais próximo possível, nas novas realidades, esperadas e não esperadas (com a capacidade de surpreender) clientes, acionistas, fornecedores e a população de modo geral.

Um fato bem conhecido é o de que a chave da vantagem competitiva de qualquer administrador está em ser capaz de gerar capital intelectual por meio da reunião das pessoas certas e com potencial valorativo. E deverá saber fazê-lo por meio do desenvolvimento de relacionamentos consistentes com valores e propósitos bem definidos e coerentes com o que se espera da e por toda a organização.

Finalizando, emerge uma questão muito importante – Quais os passos que um estudante de administração deve dar para preparar-se para o seu futuro profissional? Minha sugestão é a de que ele procure conhecer: os conteúdos teóricos que consolidam a profissão; o ambiente e os participantes importantes da organização e do ramo de trabalho pretendido, e, principalmente, o mercado, os seus fornecedores e concorrentes; os recursos necessários para a empresa e suas demandas de coordenação; e como comunicar-se e constituir relações significativas.



Um administrador pode ser um ambientalista?

Volnei Alves Corrêa

Lendo o excelente livro "Crítica Ecológica do Pensamento Econômico", de José Lutzemberger (1), ocorreu-me esta pergunta: "Poderíamos nós, Administradores, algum dia, ser bons ambientalistas? A resposta positiva ocorreu-me imediatamente. Mas, para que isto acontecesse, precisariam ser feitas algumas pequenas mudanças de comportamento e, mesmo outras, conceituais. O primeiro passo seria o da conscientização de que a Ecologia, segundo a enciclopédia livre Wikipédia (2) "é a ciência que estuda as interações entre os organismos e seu ambiente, ou seja, é o estudo científico da distribuição e abundância dos seres vivos e das interações que determinam a sua distribuição. As interações podem ser entre seres vivos e/ou com o meio ambiente". A palavra Ecologia tem origem no grego "oikos", que significa "casa", e "logos", estudo. Logo, por extensão, seria o estudo da casa, ou, de forma mais genérica, do lugar onde se vive. A partir da identificação de seus componentes, o meio ambiente (2), pode ser definido como "o conjunto de recursos naturais e fenômenos físicos universais que não possuem um limite claro, como ar, água e clima, assim como energia, radiação, descarga elétrica e magnetismo, que não são originados por atividades humanas. Finalmente denomina-se de "recurso natural" qualquer insumo de que os organismos, as populações e os ecossistemas necessitem para sua manutenção. Portanto, recurso natural é algo útil. Considerando as definições anteriores, qual seria o papel do Administrador? Como pode ele ter uma ação profissional que possa ser enquadrada como ambientalmente correta? Um ambientalista, em princípio, compreende o ambiente. Se ele compreende o ambiente, sabe que os recursos deste ambiente (de onde provêm todos os de que ele necessitará para que a organização produza outros, para a sociedade), são limitados. E, se são limitados, ele não pode se dar ao direito de permitir que sejam elaborados produtos que gerem desperdícios elevados (como é o caso da construção civil, onde se gera, em média, 30% de resíduos). Ele se ocupará em planejar ações que permitam a otimização das matérias-primas, a melhoria dos processos, e a elaboração de produtos com o mínimo de resíduos. Um administrador tem, como obrigação principal, a de fazer com que os outros façam o que precisa ser feito da melhor forma

possível. Em termos ambientais, isto significa que ele deve se ocupar em fazer com que seus comandados tenham esta "visão ambientalista". O pessoal responsável pelas compras deve verificar a origem da matéria-prima. Os recursos são renováveis ou estamos consumindo matérias-primas que não podem ser repostas no meio ambiente? A equipe responsável pelo processo tem de estar atenta ao uso de energia, seja ela utilizada como combustível, seja como facilitadora do processo. Deve, também, verificar a regulação dos equipamentos. Um equipamento mal regulado consumirá mais energia e poderá gerar mais produtos danificados. Pelo trecho acima, pode parecer que só estou me ocupando com a matéria-prima e com os equipamentos. Contudo, o elemento mais importante neste processo é o ser humano. A organização está fornecendo as condições mínimas de subsistência para as pessoas que participam de todo o processo, seja administrativo, seja produtivo? Ser ambientalmente correto não significa apenas ocupar-se com um processo, reduzir os resíduos ou introduzir melhoria contínua. Ser ambientalmente correto começa pelo tratamento que a organização dá a seus colaboradores. Os recursos humanos de qualquer organização são os bens mais valiosos que ela possui. Nestes termos, a palavra Sustentabilidade não significa apenas dar o sustento, mas criar meios para que o indivíduo possa ter as condições mínimas de segurança, saúde, educação e bem-estar para si e para a sua família.



A engenheira domesticada e a psicologia da hora do intervalo

Jô - Joseane Machado de Oliveira

E eu, que sempre fui uma pessoa muito prática, engenheira, rápida, que gostava (ainda gosto) de resolver tudo logo e de passar ao próximo desafio... Pois é, após um período como bolsista na UFRGS, e depois do Mestrado em Administração, também na UFRGS, orientada pelo graaaande mestre Luis Felipe Nascimento, me tornei uma "engenheira domesticada" e passei a gostar dessa tal de docência. E o que é uma engenheira domesticada? É aquela engenheira que aprendeu a ouvir mais as pessoas, a lhes dar mais atenção, a parar para respirar e saber que o mundo não vai acabar, e que sempre acharemos uma solução. No meio desta caminhada de "domesticação", veio o interesse para ministrar uma disciplina, depois outra e mais outra, e ainda mais outra... Nossa, isso é mesmo "uma cachaça"... Até tu seres escolhida como professora homenageada, e depois como paraninfa numa formatura. O que eu fiz pra merecer tamanha admiração e consideração? Bom, acho que devo ter feito alguma coisa certa, daquilo que aprendi enquanto estava sendo domesticada, e nestes meus sete anos de docência. Por diversas vezes, nos intervalos de aula, onde se imagina que os alunos venham até o professor para saber detalhes de um conteúdo, de algum cálculo, tirar dúvidas, eles vêm até mim para falar de suas vidas: seus amores e desamores, sua família, seu emprego, enfim, de como se sentem. Fico ali apenas para ouvir naqueles 15 minutos... Às vezes, não dá tempo nem para beber água ou ir ao banheiro... Viro o centro das atenções... E os alunos só querem isso: alguém que escute seus problemas e angústias. E eu ainda dou conselhos! Logo eu... É muita responsabilidade! Até parece piegas falar que o professor deve ser mais humano, saber ouvir. Mas, em um mundo de tantas relações virtuais, onde tenho que aprender diariamente a lidar com várias tecnologias para manter contato com os alunos, para mim (e acredito que também para eles), a maior conexão ainda é aquela onde eles ficam felizes em receber um bombom na páscoa com cartãozinho personalizado, ou um abraço apertado. Dedico este texto ao meu graaaande mestre Luis Felipe Nascimento, que me fez ver a docência e a relação entre as pessoas de outra forma e aos meus queridos alunos!



Ensinar na área de gestão e sustentabilidade

Luciano Barin-Cruz

Nos mais recentes anos, tive a oportunidade de ensinar, para alunos de diversas nacionalidades, disciplinas ligadas à área de gestão e de Sustentabilidade. Mesmo que minha atividade profissional também envolva projetos de pesquisa e projetos de intervenção, sinto que essa tem sido uma das atividades mais gratificantes na minha profissão. Nesse texto, gostaria de partilhar essa experiência e de estimular futuros professores na área a que invistam na relação que eles poderão estabelecer com seus alunos e nas possibilidades de mudança que uma “simples aula” pode gerar.

Somos professores, mas mais e mais vistos somente como pesquisadores. Atualmente, a pesquisa toma grande parte do tempo de um professor universitário, seja pelas exigências de produtividade impostas por ministérios e agências de pesquisa, seja pela vontade de contribuir para o avanço do conhecimento em diversas áreas. Por sermos especialistas em temas de relevância para a sociedade, também somos convidados a atuar como experts em projetos governamentais ou a acompanhar organizações de diversos tipos em seu desenvolvimento. A atividade de ensino perde espaço na agenda dos professores e muitos terminam por priorizar as atividades de pesquisa ou de extensão, em detrimento das do ensino. Compreendo que tais escolhas são legítimas. E, muitas vezes, também são necessárias, dependendo da situação de cada um. No entanto, gostaria de chamar a atenção para: 1) o prazer que podemos buscar; e 2) a possibilidade de mudança que podemos ter, quando ensinamos na área de gestão e de Sustentabilidade.

Me especializei nessa área, e tenho ensinado disciplinas em nível de graduação, especialização, MBA, mestrado e doutorado. Tive a possibilidade de ensinar em algumas Universidades na América Latina e na Europa, além do Canadá, onde vivo e trabalho. Em algumas dessas disciplinas, chego a ter alunos de 20 nacionalidades diferentes, como no caso da Disciplina de Responsabilidade Social Corporativa, que ensino todo ano na graduação da HEC Montréal. Confesso que tenho tirado um enorme prazer dessas experiências. Para muitos alunos, a experiência muda suas perspectivas de carreira e até mesmo de vida. Ao longo dos anos, são inúmeros os casos de alunos que me escrevem para agradecer por terem sido “expostos” a esse conteúdo e para

me falarem da ONG que criaram, da cooperativa da qual fazem parte, do projeto comunitário do qual participam, ou do departamento de responsabilidade social no qual atuam, nas empresas onde trabalham. Mais ou menos críticos com relação ao nosso papel na sociedade, estes alunos parecem fazer questão de dizer o quanto nosso contato, ou essa atividade de "ensino" foi muito importante para eles.

Compartilho aqui um exemplo do qual gosto muito. Tive a oportunidade de ministrar uma disciplina de gestão e Sustentabilidade no MBA da HEC Montréal em 2010. Um aluno em particular, com 10 anos de experiência em uma grande multinacional em Dubai, estava entre meus alunos. Ele tinha vindo para Montreal para o programa de MBA. Minha disciplina era a última de seu percurso. Notei seu interesse e aplicação. Ao final da disciplina, ele veio conversar comigo e dizer que tinha esperado todo o programa para poder tratar de temas ligados à Sustentabilidade. Ele disse que não se via mais trabalhando em uma grande multinacional, e que queria desenvolver um projeto de "empresa social". Ele pediu meu apoio nessa transição. Ao término da disciplina, começamos a fazer reuniões de trabalho. Depois de quatro anos e de muitos encontros, atualmente ele é o gestor e fundador de uma ONG em Montréal chamada Jardim sem Fronteiras. Trabalha com agricultura ecológica em países em desenvolvimento e em espaços urbanos em Montréal. Já fez duas missões de 3 meses em diferentes países da África e inúmeros projetos na região de Montréal. Com sua esposa, também diplomada pelo mesmo MBA, os dois desenvolvem diversos projetos inovadores nessa área, e continuam colaborando com a Universidade. Sua paixão se tornou também um projeto de doutorado, que é conduzido em paralelo com sua ONG e orientado por mim, na área de agricultura ecológica.

Esse é apenas um exemplo de projeto no qual tenho grande prazer em ter contribuído. Nesse caso, o projeto do aluno era uma ONG, mas poderia ter sido um projeto dentro de uma empresa tradicional. O importante, para mim, foi o fato de eu ter me lançado nessa experiência, que acabou sendo fundamental para minha formação pessoal e profissional. Pude influenciar esse aluno e sua trajetória, mas certamente ele e seu projeto também me influenciaram. E acho que essa é uma mensagem importante: em sala de aula, com diferentes alunos, temos experiências também muito diferentes, e o tópico do qual tratamos (no caso, o de Gestão e Sustentabilidade) traz muitas vezes um sentido todo particular para vários dos alunos. Ajuda a ver os desafios aos quais temos que enfrentar na sociedade e os potenciais e limites de diferentes tipos de organizações para tratá-los. Gosto muito de minhas pesquisas e de meus projetos de intervenção. Porém, uso esse texto para testemunhar da importância do ensino e da realização pessoal que ele pode trazer para todos nós, que trabalhamos na área de Gestão e Sustentabilidade.

*Sustentabilidade em
debate*



Quando acaba a primavera?

Gabriela Cardozo Ferreira

Quando acaba a primavera? – me perguntas.

A primavera acaba quando os sabiás já não te acordam de madrugada, e não é preciso fechar a janela pela brisa da manhã. A primavera acaba quando não tem mais pitangas nas árvores do nosso caminho, nem jabuticabas no pátio do vovô; quando as Bouganvilles e as Espirradeiras ainda estão floridas (estás vendo?), mas o perfume de flores não mais te sufoca quando respiras.

A primavera acaba quando a chuva é forte e passa logo (daquelas que pedes pra te molhar); quando o sol é quente e achar um vento é muito raro. A primavera acaba quando o dia cresce e sempre podemos ver o pôr do sol; quando a noite chega de mansinho. A primavera acaba quando as cadeiras vão pra rua e, preguiçosas, querem ficar pela madrugada; quando o sono, como agora, demora a aparecer. E que delícia essas noites! Quando bem tarde ainda é cedo e sempre se pode brincar.

A primavera acaba quando podemos ir pra piscina e ficar lá até que os dedos murchem; quando só a água (que podia estar mais fria) dá uma tré-gua no calor. Sentimos que a primavera acaba quando ir a pé para a praça começa a ficar cansativo, e juramos que, de tão quente, vemos fumacinha saindo do chão.

A primavera acaba quando cresces um tanto e mais um ano se passou (por pouco a tua idade já não cabe mais nas mãos!). E temos festa, folia, algazarra e alegria. A primavera acaba quando começam os planos para o ano que vem, e o ciclo todo vai recomeçar.

A primavera acaba quando a casa se enche de ameixas e de pêssegos, os morangos são doces e as uvas perfumadas; quando chega o tempo das melancias. E tudo isso é bom, mas bom mesmo nessa época são os sorvetes (pena que é só um por dia, né, mamãe?). Mas a primavera acaba mesmo, parecendo que para sempre, quando lá da cozinha sai um cheiro de Natal.



Nós, humanos, e o paradoxo da sustentabilidade

Luis Carlos Zucatto

Lutamos pela sobrevivência frente a outras espécies e parece que somos vitoriosos porque temos avanços consideráveis na Medicina, nas Nanociências, Tecnologias da Informação e Comunicação, para citar algumas. Para ilustrarmos como os avanços tecnológicos contribuíram para a preservação da humanidade, citamos aqui o caso da expectativa de vida ao longo do tempo: na Idade da Pedra, vivíamos, em média, 25 anos; na Idade Média, 35 anos; e, atualmente, a média mundial é de 67 anos. Por conta de vivermos mais, e melhor, poderíamos acreditar que, à medida que o tempo passa, a expectativa de vida aumentaria e, se continuarmos nessa progressão, daqui a 10.000 anos os seres humanos, em média, viveriam 135 anos. Verdade é que a média não evidencia as disparidades existentes em nossa espécie. Por exemplo, em Botsuana, país assolado pelo vírus da AIDS, a atual expectativa de vida é de 31,6 anos, enquanto que, no Brasil, ela é de 73,44 anos. Mas, continuaremos a viver mais e mais? Talvez... A intenção de provocar esta discussão é a de tentarmos entender o que contribuiu para que tivéssemos aumentado a expectativa de vida e se é possível continuarmos a viver com os padrões atuais, especialmente aqueles das sociedades do Hemisfério Norte. Já foram publicados estudos sugerindo que, se extrapolados os padrões de produção e consumo atuais dos Países Desenvolvidos, todos no Norte, o Planeta supriria somente 1/3 da população mundial. Talvez estes estudos não sejam meras especulações e devamos dar-lhes mais atenção, olhando-os com critério e, pelo menos, mostrando interesse por estas possibilidades, porque têm coisas importantes a nos dizer. Uma delas é sobre a Sustentabilidade, que é "a capacidade ou a qualidade de sustentar algo", e este "algo" é a vida no Planeta. Quando falamos da vida, não falamos somente da vida humana, porque não existiríamos sem as outras formas de vida. A vida no Planeta é a vida como um todo. Então, o que permitiu que nossa expectativa de vida aumentasse tanto? As descobertas científicas, nomeadamente aquelas relacionadas às ciências da saúde e da produção de alimentos. As demais descobertas, bem como as tecnologias desenvolvidas a partir delas, podem ser consideradas complementos ou como suporte das primeiras. Algumas tecnologias permitiram que aumentássemos a produtividade. Outras,

que pudéssemos explorar recursos que, até então, eram de difícil acesso. E, assim, as tecnologias contribuíram para que produzíssemos mais, explorássemos mais, e? E chegamos à situação atual, com riscos de colapso do Planeta em algum momento, se continuarmos neste rimo de exploração e descarte inadequado de produtos, embalagens, resíduos e outras formas de contaminação do meio ambiente. Assim se apresenta o conceito do paradoxo da Sustentabilidade: podemos produzir mais (muito mais) e não cuidamos como deveríamos dos recursos (tanto dos renováveis quanto dos não renováveis). É, nunca na História Humana se teve tanta facilidade de acesso a serviços e recursos essenciais, e também aos supérfluos (este último conceito não é bem visto pelo Marketing) como temos hoje. E até parece haver uma consciência coletiva de que precisamos de tudo isso para viver. Será? Bem, mas desta forma, a Sustentabilidade não fica ameaçada? Pois é, a Sustentabilidade, o incrível paradoxo humano da pós-modernidade, quando temos tudo (e mais do) que precisamos e não nos damos conta (ou não queremos nos dar) de que podemos estar colocando em risco nossa sobrevivência. Não queremos, aqui, fazer apologia à obra do Clube de Roma "The Limits of the Growth" que, já em 1972, alertava para as consequências do padrão inadequado de produção e consumo, porque, segundo os autores, a oferta de insumos para a sobrevivência humana estaria crescendo linearmente, enquanto as demandas cresceriam exponencialmente, pondo limites ao crescimento. Talvez, para entendermos melhor do que se fala naquela obra, seria oportuno fazermos um exercício com nossos pais ou avós, e perguntarmos a eles quantos pares de calçados tinham, como era o guarda-roupas da vovó quando ela era mocinha, quantos aparelhos eletroeletrônicos havia na casa, o tempo que demorava para se trocar de automóvel, e assim sucessivamente... Alguns poderão dizer que as suas gerações não tinham acesso a esses bens, ou que não haviam tantas marcas, que não havia políticas de vendas a prazo (24 vezes... dois anos pagando um televisor, que, quando fosse quitada a última prestação, possivelmente, já seria a hora de ele ser trocado). E outros talvez indaguem por que não se poderia aproveitar estes recursos e viver melhor? Não pretendemos, aqui, entrar no mérito do que se entenda por "viver melhor", até mesmo porque este tema, sozinho, já pode constituir toda uma próxima discussão. Nos atemos, por ora, à Sustentabilidade, nosso paradoxo que, ao que parece nos, desafiará cada vez mais. Queremos, ao invés de encontrar soluções para os atuais problemas, discutir a ideia de mudar de comportamento, pois este lema de "mudar comportamentos" é uma das maiores dificuldades que temos. Senão, vejamos: nos dispomos a ir de carona para o trabalho, quando temos nosso carro? Difícilmente... Por quê? Porque o carro nos dá autonomia: saímos no horário que queremos, fazemos o itinerário que melhor nos aprouver e não dependemos do horário e do itinerário de outros. Citamos este exemplo para ilustrar o quão desafiador é o paradoxo da Sustentabilidade. Pretendo ir de carona ou de ônibus para a Universidade... Espero me acostumar a esta ideia.



Saberes sustentáveis em um mundo insustentável

Téo - Armindo dos Santos de Sousa Teodósio

Gramsci disse que uma ideologia se torna poderosa quando ela é reproduzida como verdade, mesmo pelas pessoas comuns, no seu cotidiano. E, atualmente, esse é o caso da ciência. Foi “naturalizado”, ou seja, tomado como verdade inquestionável, pela cultura de massa das sociedades ocidentais urbanas, que o processo científico é capaz de descortinar toda e qualquer verdade, superando equívocos advindos da compreensão religiosa, filosófica e cultural dos povos sobre os vários fenômenos da vida. Com essa idolatria do conhecimento científico, veio também a crença no progresso técnico como motor do bem viver.

O século XXI nos brinda com uma série de dúvidas sobre a suposta isenção e capacidade da ciência, mesmo quando balizada pelos pilares da Ética, em responder a tamanha façanha humana. Não se trata de aderir cegamente ao discurso pós-moderno e desconstruir toda e qualquer forma de conhecimento científico, mas sim de entender que outros saberes também se fazem relevantes na aventura humana pelo bem viver. Não fosse assim, os progressos científicos nos campos da saúde, comunicação, transporte e produção não se fariam acompanhar por milhões de mortes por doenças, guerras, intolerância, irresponsabilidade ambiental e profundas desigualdades sociais.

Até mesmo os cientistas de áreas de conhecimento consideradas hard, como a Física e Química, se abrem para reconhecer as limitações e imperfeições da Ciência. Nesse contexto, a suposta hierarquia de saberes, tendo o conhecimento científico a primazia absoluta sobre os conhecimentos filosófico, religioso e da cultura popular, é colocada em xeque. Na verdade, todos os grandes cientistas foram capazes de compreender os limites do processo científico e, com isso, galgaram um patamar mais elevado de compreensão da própria humanidade. Ao contrário de reduzi-la a mero objeto da Ciência, eles foram capazes de compreender o humano, suas contradições e suas diferentes formas de conhecer as verdades, porém não “A Verdade”.

É também nessa fronteira que reside a Sustentabilidade, na capacidade de articular diferentes saberes colocando em igual diálogo a ciência, a filosofia, a religião e a compreensão cultural dos povos. Muitos já se aventuram

nessa caminhada, cheia de riscos, armadilhas e becos sem saída, mas uma trilha essencial em direção à tão desejada Sustentabilidade. E, você, querido leitor, consegue ir além do lugar comum de acreditar piamente na ciência como baluarte de libertação da humanidade? Os povos e saberes tradicionais esperam que sim.



Invisível sustentabilidade das cidades visíveis

Téo - Armindo dos Santos de Sousa Teodósio

Quando se discute o tema das cidades sustentáveis, há várias abordagens em disputa. Fenômeno de um campo marcado pelas controvérsias em torno de visões de mundo que concorrem entre si, a Sustentabilidade no espaço urbano remete necessariamente à busca pelo bem viver. É uma matéria ainda carente de uma definição política com suficiente consenso, em sua referência às formas de se “viver junto” na polis, na cidade. Ao contrário do que defende a visão tecnicista sobre o espaço urbano, não se trata apenas de um agrupamento de melhores práticas, estratégias e recursos empregados em prol da preservação do meio ambiente.

Nesse emaranhado de debates, a inexistência de uma concepção monolítica sobre o que venha a ser uma “cidade sustentável”, ao contrário do que muitos ativistas socioambientais talvez possam imaginar, não se trata de um problema ou uma suposta etapa ainda inicial da trajetória para que uma dia se atinja uma visão de mundo consensual, precisa, delimitada e definitiva. A riqueza de opiniões e opções é fruto de um dos componentes mais importantes do desenvolvimento sustentável, e que muitas vezes passa despercebido para aqueles que se esquecem que a preservação ambiental é sempre um assunto sobre o tema do encontro (e convivência equilibrada) entre “bichos, plantas e gentes”, o componente das liberdades democráticas e da construção do interesse público. Portanto, a discussão se refere aos caminhos para se chegar, nas cidades, ao desenvolvimento sustentável.

As cidades sustentáveis se sustentam em alguns pilares conceituais. O primeiro deles é o da crença na hipótese de a noção de desenvolvimento sustentável ser melhor do que a de Sustentabilidade, pois indica que é processo contínuo e se conecta a outras discussões sobre desenvolvimento que marcam os debates em sociedade sobre o bem viver e o interesse público, presentes na também rica polissemia de adjetivos para o desenvolvimento: econômico, local, urbano, comunitário...

Sustentabilidade, por mais que esteja em voga, não é um atributo de cidades. Não existe uma “cidade sustentável”, enquanto tal. Existem cidades que desenvolvem dinâmicas favoráveis, mas que precisam ser sempre contínuas, refeitas e aprimoradas em direção ao desenvolvimento sustentável.

Não adianta sustentar o meio ambiente de uma cidade e o entorno ser degradado. Aliás, isso nem sequer é passível de ocorrer. Da mesma forma, ao contrário do que é defendido no que pode ser dito como "discurso da moda", não existem empresas sustentáveis e práticas sustentáveis, existem sim organizações, pessoas, posturas e ações que contribuem para o processo de desenvolvimento sustentável, há aquelas pouco ou nada contribuem, e há ainda aquelas que se opõem a isso. O desenvolvimento sustentável não se constitui em etapa final de uma longa jornada de uma cidade, na qual se atingiria a Sustentabilidade, mas sim na própria caminhada ad infinitum, sempre uma caminhada, sempre um esforço continuado, sempre mais exigente e sempre diante de novos desafios para toda a sociedade. E isso, até mesmo porque a natureza e as comunidades estão em constante mutação, em direção ao bem viver e a deixar que outros seres e coisas possam existir e bem viver.



Sustentabilidade: um tema interdisciplinar

Taila Messias Vanzellotti

A Sustentabilidade é um tema que, atualmente, é muito discutido, e as universidades têm um papel fundamental na divulgação, conscientização e educação a respeito desse tema.

No momento, estou realizando um intercâmbio na Università Degli Studi di Verona, na Itália, e fiquei muito contente ao saber de um curso de Sustentabilidade que a universidade oferece e ao qual estou tendo o privilégio de assistir.

A terceira edição do curso se chama "Sostenibilità, cambiamento e transizione verso dove? Per quale ben-essere? ("Sustentabilidade, mudança e transição para onde? Para qual Bem-estar?).

Esse curso é aberto a todos os públicos da universidade, inclusive o de economia aziendale, o qual curso durante esse período de intercâmbio.

O que mais me chamou a atenção nesse curso é a diversidade de profissionais convidados para palestrar sobre o tema. São professores da administração, economia, geografia, medicina, biotecnologia, filosofia, sociologia e informática, entre outros. Nada mais justo, afinal, pois a Sustentabilidade é um tema muito amplo e, acima de tudo, interdisciplinar. Por duas horas e meia, uma vez por semana, durante seis semanas, teremos a oportunidade de conhecer a opinião de três profissionais renomados de áreas distintas sobre o tema Sustentabilidade. Esse curso foi uma maneira eficiente e atrativa que a Universidade encontrou de expor o tema e criar a oportunidade de seus membros adquirirem conhecimento sobre ele.

Nas duas edições anteriores, por terem sido dedicadas apenas a membros da Faculdade de Educação, foram desenvolvidos diversos trabalhos práticos de "Educação para a Sustentabilidade" que foram colocados em prática nas sedes da Universidade. Foram criados cartazes de conscientização sobre o uso adequado de recursos naturais, como a água (incentivando as pessoas a tomarem água das torneiras e evitando a compra de novas garrafas plásticas, porque a água aqui disponibilizada em fontes é muito boa para o consumo); sobre a redução do consumo de energia elétrica (por exemplo, com a meta de reduzir o consumo na Faculdade de Letras Estrangeiras em 5%); com o incentivo para a utilização de bicicletas como forma de melhorar a

mobilidade urbana (afinal, a cidade é, em boa parte, plana, existem algumas ciclovias e locais para se deixar a bicicleta); entre outras atividades.

Essas pequenas atividades acabam por unir a comunidade acadêmica em busca de uma universidade mais sustentável, onde o seu público participe e faça com que as atividades se perpetuem na universidade.

A Universidade Degli Studi di Verona está caminhando para tentar ser uma universidade sustentável. Posso dizer que o exemplo desta universidade é a prova de que, quando professores e alunos se unem em prol de determinadas atividades, pensando em uma Educação para a Sustentabilidade, toda a comunidade ganha. Afinal, devemos refletir que o que se aprende na universidade será disseminado no restante da sociedade e, com o passar do tempo, todos poderão usufruir de uma sociedade com práticas mais sustentáveis.



Ser, sustentável, direito?

Ana Cristina Müller Klein

Estamos vivendo um momento interessante na história da humanidade, onde, de um lado, temos muito conhecimento, consciência e tecnologia e, do outro, temos o consumo desenfreado dos recursos naturais. Entendemos que há um conflito e que precisamos mudar nossa forma de interagir com o planeta, mas, por incrível que pareça, seguimos nossas vidas alheias a tudo isso, talvez apostando no “depois a gente vê” para tranquilizar nossas inquietações e angústias.

Será que vamos abrir mão de nossa capacidade intelectual, do potencial humano e criativo que temos pra buscar soluções que supram a humanidade e que preservem o que restou do planeta? Será que vamos precisar perder tudo para só então assumir que nossas escolhas foram ruins, que colocaram em risco a sobrevivência da nossa própria espécie?

A consciência há pouco referida é outro fator complexo, pois, entre as mentes saudáveis, há uma espécie de senso a respeito do que faça bem ou mal tanto para nós mesmos quanto para os demais indivíduos. Porém, apesar deste senso, há também uma tendência mais forte, que acaba levando o ser humano a fazer coisas estúpidas, absurdas, que são justificadas para si e para a coletividade em razão de supostos valores. Será que, com todo o conhecimento que temos, ainda faz sentido ter preconceitos, disputas por vaidades? Ainda precisamos usar marcas (ter) para satisfazer nosso ego (ser)?

Escrevo este texto com o objetivo provocar uma reflexão dentro de cada um de nós: Quem eu quero ser faz sentido? Meus valores são coerentes pra mim e para a humanidade? Quero deixar um rastro na história ou deixar a oportunidade de outros viverem as suas?

Olho para as pessoas ao meu redor, e penso na contribuição que eu posso fazer/dar para que elas vivam melhor. É a minha escolha de ajudar os outros e a mim mesma para termos todos uma experiência saudável no curto tempo de vida que temos. Mesmo que eu erre muitas vezes, o meu objetivo permanece e nele persisto.

A questão é maior do que ser igual ou diferente, melhor ou pior. A questão é ser coerente com o senso que há dentro de mim, e que todos nós temos, que me guia para valores como separar o lixo, lavar as embalagens, para respeitar o sinal vermelho, e tantas outras regras que temos. Como podemos abrir mão dessas regras cujo objetivo é nossa preservação? Que valor

é esse que nos faz abrir mão de nós mesmos, daquilo que nos faz bem, do que é coerente para a coletividade?

Usei a palavra "direito" no título para o seguinte gancho: se sabemos o que é correto, melhor, direito, por que precisamos de regras, punições?

Você SER, pode mudar de ideia a cada escolha que faz. Após refletir sobre meus questionamentos você pode escolher mudar e tornar-se SUSTENTÁVEL e coerente com este nosso senso, passar a ser DIREITO ou continuar apostando no "depois a gente vê".

O que vai ser?



O Papel dos atores não-estatais na governança ambiental global

Célio - José Célio Silveira Andrade

Entende-se como Governança Ambiental Global (GAG) um conjunto coerente de organizações, de instrumentos de política internacional (tratados, instituições, agências), de mecanismos de financiamento, e de regras, procedimentos e normas que regulam o processo de proteção mundial do meio ambiente. A precursora do debate sobre GAG foi a Conferência Mundial sobre o Ambiente Humano, ocorrida em 1972, em Estocolmo. Durante essa Conferência, deu-se o primeiro reconhecimento, no âmbito das relações interestatais, da necessidade de um esforço coletivo da comunidade internacional em busca de soluções para os problemas ambientais globais. Assim, a Conferência de Estocolmo deu início a mais de três décadas de discussões, negociações e ratificações de uma série de acordos ambientais internacionais, e criou o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

Existem, atualmente, mais de quinhentos acordos multilaterais sobre o meio ambiente. Mais de quarenta instituições são membros do Grupo de Gestão Ambiental da Organização das Nações Unidas (ONU), tendo, portanto, mandato em matéria de meio ambiente. Muitas reuniões são realizadas anualmente para avaliar a implementação dos acordos e convenções. Uma significativa quantidade de recursos humanos é empregada para produzir relatórios de avaliação nos níveis tanto global quanto nacionais. Esse crescimento do sistema de GAG, ao longo de mais de trinta anos, responde a um aumento da complexidade dos problemas ambientais tanto em relação à sua escala quanto ao seu escopo. A natureza dos problemas ambientais globais está mudando muito rapidamente: tornam-se cada vez mais amplos, ignorando as fronteiras entre os Estados e as Disciplinas que tratam deles. Requerem, portanto, uma ação coletiva mundial. Assim, a ação da comunidade internacional em favor da proteção do meio ambiente inscreve-se em um quadro organizacional e político-institucional cada vez mais complexo.

Entretanto, apesar de todo esse crescimento do sistema de GAG, nos últimos trinta anos, o estado de conservação do meio ambiente global não tem melhorado na mesma proporção. Pelo contrário. Atribui-se essa situação paradoxal principalmente à ineficácia do atual sistema de GAG. Construído *coup par coup*, os diagnósticos realizados mostram que o sistema de GAG

sofre de falta de coerência, cooperação, coordenação e implementação. A dispersão e a fragmentação da GAG, aliadas à falta de vontade política para uma ação coletiva global efetiva, colocam em xeque o conjunto de esforços da comunidade internacional em favor do meio ambiente. Assim, para que o atual conjunto de ações meio ambiente mundial saia do estágio crítico em que se encontra, fazem-se necessárias melhores cooperação e coordenação das ações entre todos os atores estatais e não estatais (setor privado, organizações intergovernamentais (OIGs), organizações não governamentais (ONGs), cientistas, mídias, etc.) envolvidos com o sistema de GAG.

Existe, portanto, um desafio para a criação, por um sistema de GAG fortemente state-centric, ou seja, centrado em torno dos atores estatais, de novos espaços político-institucionais que permitam uma participação mais efetiva dos atores não estatais no processo de concepção de regimes internacionais ambientais. Esse desafio está fundamentado no pressuposto de que a inclusão e participação ativa e legítima dos atores não estatais no processo de regulação internacional do meio ambiente seja essencial para a melhoria da efetividade dos acordos multilaterais ambientais e, portanto, de toda a prática da GAG.

Apesar de ser pequeno o espaço político-institucional reservado pelo sistema da GAG para uma participação mais efetiva dos atores não estatais, esses atores vêm exercendo um papel muito importante na implementação dos mecanismos pertinentes aos acordos multilaterais sobre o meio ambiente e tb têm participado de maneira crescente nos fóruns internacionais de negociação para a construção dos diferentes regimes ambientais internacionais. Ao considerar os atores não estatais como atores políticos globais exercendo múltiplos papéis, defende-se aqui que o processo político de negociação e criação de regimes ambientais internacionais, baseado no modelo state-centric de barganha interestatal, necessita ser revisto, e que os espaços político-institucionais de participação dos atores não estatais na GAG precisam ser redesenhados.

Assim, para que a GAG atenda aos desafios da evolução da ecopolítica internacional e responda com eficácia às demandas futuras dos cada vez mais complexos problemas ambientais globais, é necessário encorajar uma evolução do papel dos atores não estatais de rule-takers para rule-makers. Argumenta-se, portanto, que a inclusão e participação ativa e legítima dos atores não estatais no processo de regulação internacional do meio ambiente são, de fato, essenciais para a melhoria da efetividade dos acordos multilaterais ambientais. Defende-se que um modelo de GAG descentralizado, em formato de rede e pautado na concepção de que todos os diferentes atores da ecopolítica mundial, estatais e não estatais, podem interagir, barganhar e formar alianças, seja mais eficaz, para conceber e responder à agenda ambiental global, do que um modelo centralizado.

Porém, convém salientar que os atores não estatais não podem e não devem tentar substituir os governos nesta função. Nesse contexto, a efetividade do sistema de GAG é alcançada não pela diminuição do poder regulatório dos Estados, mas pelo seu fortalecimento e por sua complementaridade com os modos de regulação não estatais. Torna-se necessário discutir qual seria o espaço político-institucional que um modelo de governança descentralizado em forma de redes reservaria para uma participação dos atores não estatais

como rule-makers. Defende-se que os atores não estatais devem beneficiar-se de mecanismos de participação direta nas negociações ambientais multilaterais, porém não se trata de um novo mecanismo consultivo, nem da permissão que atores não estatais individuais possam registrar diretamente como observadores, prerrogativa já existente nas negociações multilaterais para a construção de regimes ambientais internacionais.

Mais do que a criação de um canal adicional, oficial e legítimo de comunicação direta entre os atores não estatais individuais e o processo político, permitindo que esses atores possam contribuir diretamente no processo de negociações multilaterais ambientais, defende-se aqui uma reforma da arquitetura político-institucional do sistema de GAG baseada em um modelo descentralizado de governança em forma de redes híbridas público-privadas, encorajando a participação como rule-makers dos atores não estatais, enquanto atores políticos globais.

Porém algumas questões fundamentais ainda permanecem em aberto, encorajando novos debates sobre o papel dos atores não estatais na GAG. Quais os incentivos que seriam necessários para que os atores não estatais se apoderem dos novos espaços político-institucionais de participação como rule-makers a eles reservados por um modelo descentralizado de GAG? Qual a legitimidade e representatividade de uma expansão do papel do atores não estatais de rule-takers para rule-makers na GAG, considerando-se que esses atores são não eleitos e numerosos?



Sustentabilidade xingui linguí?

Socorro - Maria do Socorro Silva Mesquita

Nas últimas décadas, os debates nos âmbitos nacionais e internacionais, sobre a apropriação capitalista, a institucionalização do modelo burocrático ideal, a desigualdade social e as injustiças ambientais evidenciam processos de exclusão. Nesse contexto delicado, surge a proposta de um desenvolvimento sustentável, includente, como alternativa desejável – e possível – para promover a inclusão social, o bem-estar econômico e a preservação dos recursos naturais (SACHS, 2008).

Com isso, devem ser redefinidas novas perspectivas, acordos, estratégias, negociações e relações, envolvendo os diferentes setores da sociedade. Mas como mostrar que um mundo sustentável é possível? Como apontar caminhos, evidenciar experiências exitosas para indivíduos que reconhecem os conflitos oriundos de um desenvolvimento insustentável, sem fazer relação ao seu estilo de vida? Ou ao modelo de gestão adotado em seus negócios? E ao seu dia-dia? Isso nos remete a um desafio: provocar reflexões sobre nossas formas de pensar e agir em torno da questão do Meio Ambiente e Desenvolvimento, possivelmente implicando novos posicionamentos e escolhas.

Para muitos, quando falamos sobre Sustentabilidade, na verdade, estamos quase nos reportando a algo que parece estar na moda, e em todos os espaços, nos comerciais de TV, nas revistas, nos discursos políticos etc. E isto não acontece sem razão, pois, como diz Paulo Freire, nos falta a “prática de pensar a prática e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo”. Assim, já se aponta aqui a necessidade de prestar atenção nos valores que orientam nossas ações e as relações que estabelecemos a partir destes valores e ações.

É necessário pensar um pouco mais sobre a Sustentabilidade baseada numa ética de solidariedade com a geração atual e com as futuras. Nas experiências de sala de aula, durante a Disciplina de Gestão Ambiental e Responsabilidade Social no curso de graduação em Administração, ouvi inúmeros relatos dos acadêmicos justificando sobre a não adesão de suas empresas às práticas socioambientais. Recorro à palavra de um deles proferida no quarto encontro: “Professora, a teoria que a senhora está mostrando é muito bonita, mas está muito longe da realidade. Veja o meu caso, tenho um restaurante, mas não encontro razão para fazer a coleta seletiva das latas ou garrafas pets de refrigerantes. Percebo que só gerará mais trabalho, [...] e

esse pessoal, que trabalha com a gente dá trabalho para realizar as tarefas comuns, imagine outras”.

Diante de tal afirmação, naturalmente emergem dúvidas acerca do que sejam possibilidades reais, assinalando que algumas questões envolvem valores culturais que vão muito além de uma perspectiva individual e imediatista, como as ligadas ao lucro e, em sua via contrária, ao reconhecimento da existência daqueles que estão dentro ou fora do sistema social.

E todo este discurso, para alguns, continua sendo “ muito bonito”, até ser vivenciado em seu cotidiano. Criam-se conflitos internos, quando os estudantes se dão conta de que as suas escolhas podem contribuir para o alcance de resultados até então inesperados. Por exemplo, escolhas como o combate ao dito “trabalho escravo”, ao trabalho infantil, o empenho para se reduzir os impactos negativos causados ao meio ambiente, ou mesmo a adoção de práticas que venham a pôr em risco o atual padrão de conforto. Eles, de estudantes a atores sociais, podem ser surpreendidos por novas ações. Daí, fazem uma busca com um olhar atento para saber o que visto e perguntam: “A senhora não compra DVD pirata?”; “Nem faz cópias de livros?”; “Não tira proveito quando possível?”; “Não tem nada made in China?”; e aí por diante. E, frente às respostas negativas, alguém profere: “Sai caro ter atitudes sustentáveis!”

Observamos a carência, de fato, de entedimento em torno das interrelações socioambientais, sendo necessária uma articulação – e não o distanciamento entre a teoria e a prática – que oportunize espaços de diálogo, reflexão e aprendizados. Como experiência compartilhada, em conformidade com as principais orientações geradas pelo Movimento do Desenvolvimento Sustentável, fomos estimulados a criar um Grupo de Estudos em Educação Ambiental (EA) para a sensibilização e formação do Administrador.

Além disso, o Grupo provoca discussões que possam levar ao reconhecimento das diferentes formas de integração entre o homem e o meio ambiente, e das desejáveis transformações de comportamento, de estilo de vida e de gestão. Podem ser citadas as discussões éticas, por exemplo, sobre a cadeia de produção, em que se pondera sobre ter respeito às normas ambientais e trabalhistas. Nestas discussões se pretende alertar os futuros gestores sobre a importância de cuidar dos negócios, comprometendo-se com a preservação da natureza e com a qualidade de vida das pessoas que estão sob o seu comando. Conversas como estas despertam a curiosidade em conhecer as práticas sustentáveis adotadas na cidade de Sobral (CE).

O sentimento de felicidade nos envolve, ao notar as repercussões das ações assumidas a partir da reflexão e dos debates gerados, não só em sala de aula, mas também como grupo de estudos. A mim, em particular, por acompanhar o amadurecimento dos estudantes rumo à formação de administradores sensíveis à implementação de melhores estratégias de negócios, bem como de práticas sustentáveis que não sejam limitadas às latinhas e garrafas pets de refrigerantes. Presentemente, está sendo elaborada coletivamente uma agenda positiva em que se visa expor iniciativas locais que demonstram atitudes efetivas de um conjunto de empresas para a redução de riscos de contaminação do meio ambiente por alguns materiais nocivos a este, bem como de inovações para o desenvolvimento.



Para entender os conflitos da Rio+20

Luis Felipe Nascimento

Além da agenda oficial, estão ocorrendo, na Rio+20, eventos paralelos para o debate de temas relacionados à Sustentabilidade, e que recebem mais de 50 mil participantes. Enquanto alguns críticos já anunciam o seu fracasso, o secretário geral da ONU confia em seu sucesso. Como o cidadão comum poderá avaliar a Conferência? Para entender os conflitos da Rio + 20, neste texto vamos comparar o Planeta a uma cidade. Imagine-a às margens de um rio, onde a população costumava nadar, pescar e obter água para consumo. Ao longo de décadas, esgoto e lixo foram jogados diretamente no rio, solução mais barata do que a construção de uma estação de tratamento e de um aterro sanitário. O rio se transformou num esgoto a céu aberto, exalando mau cheiro e impossibilitando nado e pesca. As propriedades às suas margens perderam valor. Era necessário limpar o rio, mas não havia recursos. A comunidade se mobilizou pela despoluição, mesmo sabendo que isto implicaria custos. A discussão sobre quem pagaria a conta gerou divergências. A maioria entendia que deveriam ser os mais ricos. Entre estes, havia os que queriam dividir a conta entre todos e outros que aceitavam pagá-la, desde que os mais pobres não jogassem mais lixo no rio. Havia ainda os que diziam que o rio se limparia naturalmente, apoiados por um especialista que afirmava não haver comprovação científica de que a poluição persistiria. Foi construída uma estação de tratamento, elevando de 10% para 20% o volume de esgoto tratado. O prefeito anunciou o sucesso da duplicação, enquanto a oposição destacou o fracasso do projeto, que não tratava 80% do esgoto. A mobilização gerou conscientização. Estudantes fizeram campanhas e uma parceria entre empresas, ONGs e comunidade resultou em um galpão de reciclagem. Outras ações foram realizadas. E agora, retornando do texto para a realidade da Conferência Rio+20, o cenário pode ser comparado ao que se verificaria em escala mundial. Todos contribuíram para poluir o Planeta e, agora, sabendo que é preciso mudar, discute-se quem pagará a conta para despoluí-lo. O resultado da Rio+20 não deve ser medido pela ausência de chefes de Estado ou pela não assinatura de documentos. Como na cidade imaginária, a simples mobilização gera resultados não-imediatos, que repercutirão em médio e longo prazos. Uma diferença que pode ser constatada na Rio+20 é que o poder, aos poucos, se desloca de governos e empresas para os cidadãos, que mais conscientes e melhor informados exercem seu poder

ao denunciar abusos e decidir o quê e de quem comprar.

Obs.: Artigo publicado no dia 19 de junho de 2012 no Jornal Zero Hora de Porto Alegre.

< <http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2012/06/19/artigo-para-entender-os-conflitos-da-rio20/?topo=13,1,1,,13> >



IDH e qualidade de vida de países

Luis Roque Klering

Em 13/03/2013, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) publicou o ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 186 países, relativamente ao ano de 2012, no qual o Brasil aparece na 85ª posição, atrás de vários países da América Latina, como o Chile (40ª), Argentina (45ª), Uruguai (51ª), Cuba e Panamá (59ª), México (61ª), Costa Rica (62ª) e Peru (77ª). Também aparece atrás de países menos democráticos do Oriente, bem como de outros do Leste da Europa, da Ásia e da África.

A questão que daí emerge é a seguinte: o IDH é capaz de medir a qualidade de vida de um país?

O IDH é composto pela média de 3 sub-índices, obtidos pelos indicadores (objetivos e universais): esperança de vida ao nascer (um fim em si mesmo), anos de estudo e renda per capita (meros meios).

Dentre diferentes conceitos de qualidade de vida, pode-se tomar um bem sintético, referido por Amartya Sen, prêmio Nobel de Economia em 1998: "Qualidade de vida é poder (ser capaz de) usufruir uma boa vida, o que implica poder satisfazer diferentes funcionamentos (estados de vida) relevantes, tais como ser adequadamente nutrido; levar uma vida longa, saudável e criativa; ser alfabetizado; ter acesso ao conhecimento e comunicação; desfrutar de padrões decente de vida, de liberdade, de dignidade e de autorrespeito".

A partir da ideia de Sen, Martha Nussbaum publicou uma "Lista de capacitações" como constituindo um conjunto de oportunidades de vida que, de fato (ou verdadeiramente), promovem a qualidade de vida de seres humanos. Seguindo essa perspectiva, o desenvolvimento é visto como um processo de ampliação das capacidades humanas, ou seja, das habilidades das pessoas para fazer as coisas que elas valorizam e têm razão para valorizar e escolher. A "Lista de Nussbaum" contempla os seguintes itens:

- 1) Vida: ser capaz de levar uma vida longa e com valor;
- 2) Saúde física: ser capaz de estar bem nutrido, bem abrigado, e de ter boa saúde;
- 3) Integridade física: ter liberdade de ir e vir com confiança, mesmo quando em situação de restrição física; estar seguro contra agressões de todo tipo; ter liberdade sexual e de reprodução;
- 4) Liberdade de expressão: poder usar os sentidos, o raciocínio, o pen-

samento e a imaginação; poder experimentar e produzir trabalhos autoexpressivos; poder ter liberdade de pensamento e de expressão intelectual e religiosa; poder buscar o sentido da vida segundo um caminho próprio;

5) Liberdade emocional: poder ter emoções, sem opressão; poder amar e ser amado; poder preocupar-se com pessoas ausentes;

6) Razão prática: poder planejar a própria vida;

7) Dignidade de afiliação: poder ser respeitado; ser considerado digno pelos outros; não ser humilhado; não ser discriminado;

8) Relação digna com outras espécies: poder viver com preocupação para com os animais, as plantas e a natureza;

9) Direito de lazer: poder rir, brincar e ter lazer;

10) Ser capaz de ter controle sobre o próprio ambiente: ter direito de participação política; de proteção para o discurso livre e a associação com outros; de propriedade; de emprego; de segurança contra busca e apreensão não justificadas e autorizadas.

A "Lista de Nussbaum" constitui, por assim dizer, uma carta magna de princípios constitucionais que políticas públicas de governos de todos os níveis deveriam garantir (prover) de forma adequada, contemplando aspectos territoriais e seu uso, como: segurança, habitação, educação, saúde, renda e trabalho, saneamento, serviços públicos (como água, luz, transportes e locomoção, meios de comunicação, acesso à internet), ambiente saudável; assim como opções de afiliação-associação e de convivência; de cultura, esportes e lazer; de alimentação e vestuário; de crença, de profissão e expressão; de formas de vida; de respeito à vida pessoal; do direito à propriedade; e à convivência com a natureza.

De forma bem sintética, a ideia central presente no ideário das capacidades humanas é a de que as pessoas (cada indivíduo) e a natureza (cada ser vivo) devem ser vistos como relicários divinos, merecedores de toda dignidade e humanidade possíveis. A mesma ideia principal do texto também evidencia que a educação é o pressuposto central das várias capacidades, devendo ser considerada, por isso, a "mãe" de todas as políticas. Outrossim, transparece, ainda que de forma indireta, o profundo respeito que todo ser vivo merece, sejam plantas ou animais, porque também demandam relacionamentos afetivos, lazer, alimentação, entre outros funcionamentos, sendo que privá-los é cometer injustiça.

Constituir um país desenvolvido implica alargar as capacidades (e, portanto, liberdades) humanas; não basta garantir a posse de bens, renda, saúde, educação, habitação, segurança, serviços públicos e outros itens; sendo fundamental garantir uma boa vida, em toda sua magnitude, onde as pessoas possam fazer as coisas que realmente valorizam e escolhem, de forma pessoal, sem interferências e pressões indevidas.

Conforme pode ser observado, vários países melhor classificados que o Brasil no ranking do IDH publicado não garantem (nem viabilizam) minimamente algumas das condições referidas para serem classificados como "desenvolvidos", especialmente aquelas relativas a liberdades pessoais, políticas e econômicas, emocionais, de crença, de profissão e de expressão. Porque seus sistemas de governo e seus governantes ainda não reconheceram o enorme valor das liberdades substantivas pessoais. Ainda há um longo caminho a percorrer, um grande déficit a cobrir, e grandes injustiças a reparar.

Conclui-se, assim, que o IDH constitui um índice que contribui para compreender, ainda que de forma simplificada e limitada, o nível de qualidade de vida da população em um país, na forma de um indicativo que, todavia, está longe de ser completo e perfeito, contendo acertos e erros, que devem ser considerados na sua leitura e interpretação.



Paradoxos do desenvolvimento: Riqueza, trabalho e desigualdades na sociedade contemporânea

Washington Souza

Por um lado, nas sociedades contemporâneas, é nítida a capacidade humana para produzir excedentes e gerar riquezas crescentes. E, por outro, há carências e desigualdades na distribuição e na apropriação de bens e serviços oriundos do desenvolvimento econômico e científico-tecnológico, especialmente em virtude de restrições inerentes ao mercado formal de emprego. A discussão corrente em torno do tema subjuga possibilidades e alternativas de geração de trabalho e de renda para além do mercado formal de emprego e, assim, a retórica fica centrada em pontos como crescimento econômico, incentivo fiscal e subsídios a empresas, investimentos em tecnologia, produção e infraestrutura, redução de benefícios sociais à classe trabalhadora e reformas de leis previdenciárias e trabalhistas. Por exemplo, em nível internacional, encontros de lideranças políticas e de autoridades governamentais desconsideram a perspectiva da geração de trabalho e renda pela via do incentivo a atividades produtivas autogestionárias, associativas e cooperativistas.

São ilustrativos os pontos centrais da pauta corrente da Organização Internacional do Trabalho, órgão da Organização das Nações Unidas (OIT/ONU). O Relatório Anual do seu Diretor-Geral, Guy Ryder, apresentado à 102ª Reunião da Conferência Internacional do Trabalho, de 2013, ocorrida entre 5 e 20 de junho, em Genebra foi intitulado *Towards the ILO centenary: realities, renewal and tripartite commitment* (Rumo ao centenário da OIT: Realidades, Renovação e Compromisso Tripartite). Este relatório dedica um capítulo inteiro à discussão dos seguintes pontos dignos de atenção no atual mundo do trabalho: o impacto das alterações demográficas; a transição para a Sustentabilidade ambiental; a continuada evolução da tecnologia; as mudanças nos limites do que venham a ser pobreza e prosperidade; a crescente desigualdade e o desafio para que seja alcançada uma justiça social; o reequilíbrio, a convergência e a recuperação da economia; e o caráter mutável da produção e do emprego. O texto faz menções, ainda, ao trabalho decente na economia rural, à proteção dos trabalhadores em relação a

formas inaceitáveis de trabalho, à ampliação de pisos de proteção social e à criação de emprego.

Em relação ao tema da geração de emprego, o documento registra que, seguindo a taxa de projeção atual, 44,5 milhões de trabalhadores por ano vão ingressar no mercado de trabalho nos próximos cinco anos, totalizando 222 milhões de pessoas em busca de empregos novos. Há uma projeção para o aumento na taxas de participação das mulheres, o que, de acordo com o documento, é um fato positivo e trará benefícios econômicos. O documento alerta para o fato de que fazer com que boa parte da população mundial volte a trabalhar não é apenas a superação da conjuntura de crise, em que existem 200 milhões de pessoas sem trabalho. Assim, seriam necessárias mudanças nos conjuntos de políticas e nos padrões de produção, com o intuito de se alcançar um crescimento em que haja um grande número de novos empregos.

O Diretor-Geral da OIT reconhece os limites de tais iniciativas quando, por exemplo, destaca que a manufatura de robôs e o uso intensivo da informática pode trazer grande contribuição para o Produto Interno Bruto (PIB) e para a produtividade, porém com perspectivas mais modestas na criação de empregos, em virtude de que a automação acelera o declínio no número de empregos no setor industrial. Mesmo reconhecendo que surgem novas oportunidades de negócios, em especial nos países em desenvolvimento, ele afirma que as novas tecnologias podem reduzir o emprego e alterar o conteúdo do crescimento econômico, com implicações óbvias nos níveis recordes de desemprego em todo o mundo. É nítida, portanto, a leitura que ele faz, de que reais alternativas para a crise do emprego repousam em mudanças nas políticas e nos padrões de produção capitalistas. O documento não apresenta, todavia, o modo como devem se processar tais mudanças. De qualquer forma, os dados apresentados no relatório vinculam diretamente a geração de empregos à recuperação da economia, ou seja, ao crescimento econômico. Estes dados sugerem mudanças nas políticas e nos padrões de produção. E tais mudanças devem ser voltadas ao crescimento do número de empregos, com o intuito de reduzir este impressionante número de 200 milhões de pessoas sem trabalho no mundo. Esta perspectiva, todavia, tende a trazer efeitos práticos duvidosos.

Em sentido similar, o Secretário Geral da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Angel Gurría, alertou, em novembro de 2013, durante encontro realizado em Paris, para a constatação de que a recuperação da economia global está progredindo em um ritmo moderado e desigual. O crescimento do PIB mundial, que atingia a média anual de 4%, até o início da crise global, alcançaria apenas 2,7% em 2013, a menor taxa desde 2009. Para o Secretário, enquanto se espera que as taxas de crescimento globais voltem a se mover para 4% em 2015, o mundo continuará afetado pelo severo legado social da crise. No caso dos países-membros, o Secretário Geral da OCDE constata que a situação evoluirá de um crescimento de 1,2% em 2013, para 2,3% em 2014 e 2,7% em 2015. Além desses índices limitados, o Secretário alerta para a expectativa de que o desemprego permaneça elevado, em uma média de 8% entre os países-membros, caindo apenas ligeiramente, em 2015, para 7,5%. Na chamada zona do Euro, ele também previu que a taxa de desemprego só vai começar a cair em meados

de 2014. E que, até o final de 2015, ficará pouco abaixo de 12%. Esta previsão indica que as taxas de crescimento esperadas são claramente insuficientes para resolver os atuais impasses nos índices mundiais de desemprego, especialmente entre os mais jovens, que estão experimentando uma taxa média de desemprego de 16% nos países da OCDE, com níveis muito mais altos em alguns países do sul da Europa.

Outro legado da crise, de acordo com o Secretário, é o aumento na desigualdade de renda, que cresceu mais significativamente entre 2007 e 2010 – os piores anos da crise – do que nos doze anos anteriores. Enquanto o desemprego continuar em níveis elevados, ele alerta para a questão de ser improvável que ocorra qualquer melhoria na desigualdade, que está na raiz de grande parte do descontentamento social em curso. Outro ponto destacado pelo Secretário Geral da OCDE é o da perda de confiança do público em seus respectivos governos, o que estaria descrito em detalhes em várias publicações recentes. Estas, inclusive, apontariam para declínios similares de confiança pública nos bancos, no sistema judiciário e em outras instituições tradicionais da sociedade. Para recuperar a confiança, prevê o Secretário, é necessário muito trabalho, que deve começar por cimentar uma recuperação sustentada e capaz de beneficiar os segmentos mais vulneráveis da sociedade.

A partir dos cenários traçados e das expectativas indicadas pela OIT e pela OCDE, é factível concluir que a economia mundial se encontra em situação paradoxal, pois, ainda que alcançando níveis de crescimento médios do Produto Interno Bruto (PIB) em torno de 3% ao ano, tal evolução não se mostra suficiente para reduzir as atuais taxas de desemprego e, menos ainda, para incorporar os números crescentes de jovens que anualmente entram no mercado de trabalho. Desta forma, é pouco provável que, através de medidas centradas no crescimento econômico, se resolva este impasse. Assim, outras alternativas para a ocupação de mão-de-obra ociosa e para a geração de renda deveriam integrar a pauta internacional, principalmente mediante o incentivo a iniciativas de organização coletiva de trabalhadores, principalmente em áreas rurais. E este debate parece particularmente oportuno, especialmente quando se considera que 2014 foi adotado como o Ano Internacional da Agricultura Familiar.

*Sustentabilidade na
prática*



Dai-me o lixo nosso de cada dia!

Téo - Armindo dos Santos de Sousa Teodósio

A questão do lixo não é um problema novo para as sociedades humanas. Desde a Antiguidade, discussões, ações, leis e punições severas na tentativa de ordenamento da vida em cidade já colocam a produção e disposição do lixo como um importante problema de convivência urbana.

No século XXI, o lixo se transformou em resíduo e adquiriu uma aura ambígua, ora sendo alvo de repugnância para muitos, ora sendo objeto de desejo para vários outros. Foi ainda nas duas últimas décadas do século passado que as lutas dos cidadãos que viviam nas e das ruas resultaram na construção da ideia-força de que “o lixo é um bem público” por definição. Ou seja, o problema do lixo deveria ser resolvido de forma coletiva e gerar benefícios coletivos.

Dessas lutas também surgiram experiências paradigmáticas de como equacionar simultaneamente os problemas ambiental, de gestão urbana e de inserção econômica e social de pessoas em risco socioambiental, através das cooperativas de recicladores. O mundo como um todo começou, então, a enxergar soluções para seus problemas socioambientais, algumas delas vindas dos ditos “países em desenvolvimento”.

Uma delas alcançou status de “boa prática” reconhecida pela ONU, a da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (ASMARE) em Belo Horizonte. E outras conquistas foram gradualmente obtidas, ao longo da sempre árdua luta do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), resultando no reconhecimento dessa atividade no catálogo de profissões na legislação trabalhista brasileira.

Para o bem e para o mal, atualmente os resíduos têm cada vez mais valor econômico. No período atual, em nosso país, as discussões, debates e lutas pelo direito de gerar soluções ambientais aliadas à inserção econômica e social a partir dos resíduos estão em xeque. No turbilhão da nova Política Nacional de Resíduos Sólidos, empresas de limpeza urbana, associadas a prefeituras em relações – nem sempre marcadas pelo espírito público e republicano – incidem direta e indiretamente na governança urbana, colocando em risco as conquistas socioambientais que o Brasil aprendeu a ensinar ao resto do mundo.

Cabe a você, querido leitor, decidir como vai enxergar o “lixo nosso de cada dia”: como resto repugnante a ser esquecido na nossa sociedade de

“hiperconsumo”, ou como fonte de riqueza que deve ser partilhada de forma solidária? Os recicladores nos ensinaram: “Quando o lixo era mais problema do que fonte de lucro financeiro, que não existe solução ambiental sem combate à desigualdade social”.



Recycling: Through the eyes of an American living in Germany Recycle? Why?

Anna Land

As an American, I can say that this is usually not a question asked by many. Many people simply do not realize the benefits of recycling. More importantly, they do not even perceive the need for it in today's world, where we are rapid consumers, producing millions of tons of wastes every year. Sadly, there are few incentives for citizens to recycle. In many American towns, the infrastructure is lacking as well. In rural areas, people have to transport their waste using their own personal vehicles. Usually, such a task is undertaken just once a week, depending on the size of the household. Most of the waste is then gathered from these collecting sites, and subsequently buried in a landfill. That attitudes result in many large mounds of waste, often in areas that could be used instead for agricultural purposes. What most city politicians and community members do not realize is that this amount of waste could be significantly reduced if household waste was separated, for example into the classical four types of waste: plastic, metal, glass, and paper. These types of garbage could be further processed and reused, as done in many other countries, particularly in Europe.

Germany is a leading country in recycling. After living here for over three years, I have been able to make my own observations regarding this aspect. For example, in Germany at most public facilities (and even in the trains) one can find usually 3-4 different trash cans, allowing people to separate their waste. When I first noticed this, I was astonished. For someone coming from a place where this is not the norm, it is impressive. It shows just how truly committed the country is to recycling. It also makes it convenient for consumers, which in today's society is "a must". At your local grocery store – depending on the city, some offer them at the town hall – plastic bags, specifically designed for plastic waste (made with recycled plastic), are available at no charge. This is an excellent incentive, because consumers will save money, at the end, by not having to purchase plastic bags. Besides, at the same time, they are recycling. This is just a simple example that could easily be implemented by other countries. So, if this is so simple, why are they not

doing it? One answer to such a question might be that there is not enough pressure from the members of the society. If I had to generalize, I would say that, as a whole, I see a lot less protesting and community involvement with such issues in the U.S. than in Germany. Is this because of the education that people are receiving? Probably so.

Ultimately, we must remember that each person can make a difference. While it is frustrating that governments and city officials at the local level are not implementing more stringent regulations, we must not forget that such movements begin with pressure from consumers, customers, and voters. Be the one to start the movement!



Medidas

Diego Cristóvão Alves de Souza Paes

Um quilograma (1 kg) equivale à massa de um decímetro cúbico (1 dm³) de água (veja bem, a 4 °C). Um decímetro cúbico, convencionou-se, se trata de um litro (1 l). Este decímetro (antes de ser elevado ao cubo) é, na verdade, a décima parte de um metro (1 m), que é a distância percorrida pela luz no vácuo durante 1/299.792.458 segundo, ou o comprimento de uma exuberante barra de platina iridiada exposta em um belíssimo museu na França (também há um cilindro muito bonito neste mesmo museu, que representa a massa de um decímetro cúbico de água a 4 °C).

A cada segundo (duração de 9.192.631.770 períodos de radiação correspondente à transição entre dois níveis hiperfinos do estado fundamental do átomo Césio-133), o fluxo de água que passa pelo rio Madeira (em Rondônia, meu Estado de nascimento) é de 31,2 mil metros cúbicos (31,2 milhões de quilos) de água.

Em seus 07 anos (220,7 milhões de segundos) de construção, a Usina Hidrelétrica de Santo Antônio irá depositar no meio do rio Madeira 3,2 milhões de metros cúbicos de concreto (ou 8 bilhões de quilogramas de concreto – ou, 40 Maracanãs). Usina esta que irá custar 13 bilhões de reais (9 bilhões já “investidos” e mais 4 bilhões já aprovados para aplicação a partir de 2014).

Este é parte do valor monetário que se paga por tentar controlar este rio.

Alguns quilômetros rio acima, a Usina de Jirau planeja, até fins de 2014, depositar 2,8 milhões de metros cúbicos de concreto (07 bilhões de quilos, ou, quase três vezes a quantidade de concreto necessária para construir todos os 12 estádios somados da Copa do Mundo no Brasil). Esta montanha (literalmente) de concreto (plus expenses) sai pelo custo de 11 bilhões de reais.

Esta é a outra parte do valor monetário que se paga por tentar controlar o Madeira.

Assim, aprendemos, através do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal, que R\$ 24 bilhões de reais equivalem a 15 bilhões de quilos de concreto (dentre os outros custos significativos desta obra, fora o lucro), os quais, por sua vez, são suficientes para controlar um rio, que possui a vazão diária de 2,6 trilhões de litros (quilos) de água (sem contar os sedimentos). Estes R\$ 24 bilhões de reais equivalem à produção adicional de 6,4 mil MW de energia elétrica, que ajudarão a fomentar o desenvolvimento

sustentável local.

Rá! Just joking. Toda essa energia será levada para onde ela “realmente” é necessária (na opinião dos gestores responsáveis pela decisão), ou seja, ao complexo industrial das regiões Sul e Sudeste, distando cerca de 3 mil quilômetros de distância de onde os impactos físicos s(er)ão sentidos.

Ao início de 2014, bairros inteiros foram deslocados (recriados artificialmente em outras regiões) e vilarejos foram reconstruídos. Patrimônios históricos, milhares de hectares de floresta, fazendas, cachoeiras, todos desaparecidos debaixo das águas. Como se mede uma casa perdida? Vinte casas? Cem casas? Mil casas? Uma vila? Uma cultura? Este imenso impacto social veio(irá) acompanhado do gasto despropositado em ações atenuantes, mas que em nada evitaram que a situação se tornasse caótica. Isso tudo, na verdade, agora é história.

O rio não se importa. Ele não liga para medidas, é uma entidade viva, em permanente movimento e mudança. O verão de 2013/2014 apresenta uma cheia que realmente pode se chamar de histórica. O nível da água chegou, em fevereiro de 2014, a 18,5 metros. Isso significa que, acima das hidrelétricas, região que já contava com a elevação do nível da água devido aos 15 bilhões de quilos de cimento, as duas pontes históricas – construídas há mais de 100 anos para a passagem da lendária Estrada de Ferro Madeira–Mamoré – já estão há muito tempo debaixo d’água. Mil oitocentos e cinquenta centímetros de elevação significa também que parte da estrada que liga a cidade de Porto Velho (RO) à cidade de Guajará Mirim (RO), na fronteira com a Bolívia, está intrafegável. O que significa que o rio subiu tanto que 800 metros da BR-364, no sentido RO-AC, estão cobertos por 80 centímetros de água. Um Estado inteiro da nossa mal cuidada República Federativa encontra seu acesso por terra bloqueado; portanto, com sérias restrições ao abastecimento de combustível e de alimentos. Para o suprimento de medicamentos para o tratamento de doenças crônicas, apelou-se para o transporte aéreo. E tudo isso pela bagatela de 24 bilhões de reais.

O rio subiu, como sempre subiu, e surpreendeu, como sempre surpreendeu. Não de forma errada, os defensores das Usinas apontarão isso. Mas o rio nunca subiu tanto com duas barragens no meio do caminho. E não sabemos o que pode acontecer.

Rio abaixo, a água cobre grandes trechos da região beira-rio de Porto Velho. Alguns trechos da cidade são alagados historicamente, sem surpresa. Outros, como o complexo da Estrada de Ferro Madeira–Mamoré, declarada como Patrimônio Histórico Nacional, já estão também debaixo d’água. Milhares de famílias foram deslocadas de suas casas. Os portos da cidade também foram fechados devido ao aumento no nível do rio.

Diariamente, as usinas são forçadas a abrir as comportas para permitir a vazão da água (e evitar a catástrofe maior, que seria o rompimento das barreiras, que levaria a milhares de mortes). Esta abertura da comporta leva à criação de ondas (banzeiros), que acarreta no desbarrancamento das margens, dezenas de quilômetros rio abaixo. Comunidades inteiras ribeirinhas estão sendo literalmente dragadas para dentro do rio, devido a este desbarrancamento. Igrejas, escolas, postos de saúde e residências encontram-se ameaçadas. E não estamos sequer considerando os impactos ambientais à fauna e flora locais, muito menos à ecologia do rio.

Enquanto isso, nos dois anos que passaram, a discussão se deu em torno da construção da Hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. As de Santo Antônio e Jirau já há muito transformavam a geografia local. Cabe agora compreender todas as repercussões que mais esta drástica mudança trará.

Mais importante, além de Santo Antônio, Jirau e Belo Monte, 26 outras hidrelétricas encontram-se no papel ou já em algum estágio de planejamento e implantação para a Região Amazônica. Tudo sob a tutela do Governo Federal. Isso leva a crer que o que acontece agora, em Rondônia, é apenas uma pequena amostra do que se tem planejado para a Amazônia.

Como se mede isso?



Economia verde: uma decisão histórica

Geni de Sales Dornelles

A Rio+20, Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, veio reforçar o amplo poder de sensibilização social do movimento que surgiu a partir da ECO-92. A dimensão do problema em foco é de ordem global, porque ele afeta as pessoas, os demais seres vivos e recursos da natureza. As condições para que seja possível o seu enfrentamento, em nível organizacional, depende da capacidade gerencial para a promoção do desenvolvimento econômico, incluindo nele os critérios de inclusão social e de preservação ambiental. Passados 20 anos da Conferência anterior, surgiram, com alinhadas com as finalidades propostas na Conferência, várias políticas públicas, seguidas da criação de órgãos fiscalizadores. Simultaneamente a estas iniciativas, mais pessoas e organizações começaram a revisar valores e padrões éticos, mudando atitudes e práticas, em busca do exercício da cidadania plena. A opção de agir segundo essa linha de pensamento possibilitou que o Conselho Regional de Administração – CRA/RS conquistasse, no dia 6 de junho de 2012, sua certificação no Programa Carbono Neutro®.

O tratamento dessa questão, em novas bases de integração cultural, aconteceu no CRA/RS durante o ano de 2011. Os trabalhos de esclarecimento e conscientização dos envolvidos demandou muita negociação, e também recebeu um impulso com a implantação do Projeto de Gestão Ambiental, de autoria do Prof. Volnei Correa (UFRGS). O objetivo maior do Projeto era saber quanto CO₂ o CRA/RS gerava. Tal informação permitiria desenvolver um instrumento de gestão e avaliação do consumo de diferentes tipos de energia. Os cálculos apontaram para a geração de 110 toneladas de gás carbônico no ano. Segundo o Protocolo de Kyoto é necessário plantar cinco árvores para neutralizar uma tonelada de CO₂. Assim, o Conselho de Administração devia à natureza, 555 mudas de árvores... Como saldar essa dívida presente? Como mudar, no futuro, as estratégias de gestão e o modo de agir da autarquia?

Sobre a dívida, decidiram formar uma parceria entre CRA/RS e CERTEL – Cooperativa Regional de Eletrificação de Teutônia Ltda. presidida pelo Adm. Egon Édio Hoerlle. Este, por sua vez, era cliente da MAXIAMBIENTAL. Entre suas atividades de responsabilidade social, a CERTEL mantém um vivei-

ro de plantas nativas. Como “parceira verde”, a empresa fez a doação das 555 mudas, mediu o trabalho de cálculo realizado pela MAXIAMBIENTAL e, ainda, disponibilizou a supervisão técnica necessária ao plantio. Essa base, permitiu superar três pontos críticos na efetivação da mudança no CRA/RS: implantação do Projeto, custos do cálculo de emissão de gases e aquisição das mudas incluindo a remuneração do responsável técnico Eng. Agrônomo Ricardo Jaspers. As árvores deveriam ser plantadas em Porto Alegre... Então, onde plantá-las?

Nesta etapa, a criatividade do Prof. Volnei apontou para a SMAM. O Secretário do Meio Ambiente era um Administrador. De imediato, Luiz Fernando Zachia acatou a solicitação e designou técnicos da Secretaria para localizarem, no município, a área mais adequada ao plantio. O local encontrado foi a Praça Pedro Vergara, localizada no Bairro Aberta dos Morros, que é uma APP – Área de Proteção Permanente. Esta é uma condição necessária para completar o processo de neutralização de carbono, pois as mudas plantadas devem ser monitoradas ao longo do tempo.

Este enfoque gerencial permite afirmar que tanto a filosofia da ONU quanto a rede relacional estabelecida por meio da parceria reiteram a assertiva: “A preservação do planeta depende de soluções compartilhadas”. Talvez, por isso, a despeito de todas as críticas, a ONU aposte no sucesso de eventos como a Rio+20. Suas expectativas foram elevadas, apesar de os efeitos negativos da crise econômica da Europa serem limitadores para que fossem firmados os acordos de cooperação internacional esperados. Mesmo assim, o movimento social ampliou-se, embora a falta de três grandes líderes (EUA, Reino Unido e Alemanha), participaram da Conferência 134 chefes de Estado ou de governo, quando em 1992 foram 108 discursos. Ademais, apesar do desencanto de ambientalistas, que se declaram céticos e não acreditam na efetividade de tais eventos, vem deles a afirmação: “É o cidadão que muda o planeta, não são os governos”.

Movimentos pró-mudança nos padrões na sociedade sempre se somam para a formação de uma consciência cidadã, a ponto de manter a atualidade: “o planeta está na pauta das discussões”. Se os verbos “crescer”, “proteger” e “incluir” forem conjugados em escala global, também será compartilhado entre todos um ambiente melhor. Surgirá o espaço comum, onde todas as formas de vida sairão ganhando. Gerenciar sem agredir atmosfera, litosfera e hidrosfera é dever moral. À Ética da Responsabilidade Social caberá respeitar a lógica da biosfera, ou seja, identificar ações idôneas para controlar a tecnosfera avança vigente (com sua cadeia de resultados crescentes, imprevisíveis e indesejáveis). Para tanto, os documentos resultantes da Rio+20, bem como os de eventos paralelos da sociedade civil, precisam ser melhor divulgados e mais amplamente conhecidos e discutidos, a fim de alavancar o gerenciamento da Economia Verde.

Admitir tal demanda sociocultural, além de ser uma exigência profissional, é um compromisso ético para que possam ser geradas propostas concretas e concernentes à realidade de cada ORGANIZAÇÃO (em agricultura, energia, clima, água, produção sustentável, cidades, pobreza, inclusões diversas, etc.). A este propósito, na Conferência Rio+20, o foco das discussões esteve no pilar econômico necessário para que sejam motivadas políticas direcionadas ao desenvolvimento sustentável. Este sentido, contudo, requer

que sejam também incorporadas à ação algumas “estratégias de ponta” que privilegiem as organizações com melhores práticas, resultando em que as pessoas e o planeta desfrutem de melhor qualidade de vida.

Cada gestor deve alinhar, portanto, seu espaço profissional a estas novas demandas globais. Assim, será possível mudar a história, desde que haja competência e criatividade. O status conferido pelo selo de Carbono Neutro fez do Conselho Regional de Administração do Rio Grande do Sul um expoente entre as demais entidades de classe. Com certeza, a opção pela Economia Verde configura uma Tomada de Decisão pioneira. Ela foi implementada às vésperas do Natal de 2013, quando organizaram no CRA/RS um “mutirão institucional” para que conselheiros e funcionários plantassem as 555 árvores. Se algumas pessoas brindaram o credenciamento e a conquista do Selo Verde, inclusive com os “parceiros verdes”, outras vivenciaram a experiência inédita: plantar novas árvores em Porto Alegre.

Este primeiro movimento rumo à conscientização ambiental traz uma esperança... Ela é a energia potencial que estimula sonhos! Sonhos de mudar hábitos e atitudes das pessoas no mundo do trabalho, gerando milhares de benchmarkings deste Projeto de Gestão Ambiental. Porém, existe um óbice: a questão posta sobre “mudar as estratégias de gestão” continua uma incógnita. Haja vista, a este respeito, uma correspondência recebida do CRA/RS, em 2014, cujo papel ainda é “aquele mais em conta”...



Energia e mudança climática

Ju - Juliana Subtil Lacerda

Dois fatos fizeram meu início de 2014 um tanto quanto peculiar: as semanas de calor de 40 graus em Porto Alegre e a saída precoce da hibernação de ursos pardos na Finlândia < <http://www.theguardian.com/environment/2014/jan/10/polar-vortex-us-mild-weather-scandinavia> >. Dois eventos extremos, em lugares bastante distantes, mas conectados por um tema que cada vez preocupa mais: a mudança climática. Especialmente porque a transformação do presente põe fim à ilusão de que a mudança climática fosse algo de consequências essencialmente futuras. Assim, torna-se ainda mais urgente pensar em modos de contribuir para reduzir a velocidade desta transformação (ou destruição) do planeta. E pensar no uso da energia pode ser uma delas.

Um dos principais desafios para que ocorra uma mitigação da mudança climática é a de uma transformação do atual sistema energético. Responsável por dois terços das emissões de gases de efeito estufa, o setor energético é movido por combustíveis fósseis (responsáveis 80% da demanda mundial de energia, em 2011). As previsões mais otimistas são de que a manutenção do limite de um aumento de 2oC na temperatura média do planeta de mudança climática implique manter inexploradas mais de 70% das reservas de combustíveis fósseis. Pensando no ciclo de produção, consumo e depósito de energia, há estudos que indicam a necessidade de reduzir a intensidade de consumo de energia por unidade do PIB em 97% até 2050 (Jackson, 2009).

Bom, estes são alguns dados globais. E o que podemos fazer individualmente? Uma opção que pode ajudar muito é adotar energia como unidade de valor. Quando olhamos ao nosso redor em qualquer lugar em que estejamos, podemos pensar quanto de energia embutida há. Mais do que as luzes acesas, temos mobiliário, computadores, livros, objetos diversos. Qualquer destes objetos ou seu movimento contém energia em termos de materiais usados – cuja extração da natureza, transporte e transformação demandaram um certo gasto de energia. E todas estas etapas para a produção destes objetos, por estarem repletas de energia, são responsáveis por parte das emissões de gases de efeito estufa. Assim, algumas ações repletas de intenções “eco-friendly” podem ser conceitualmente frustradas. Trocar de carro, geladeira, ar-condicionado, etc., para modelos que consumam menos eletricidade pode revelar-se menos ecológico do que pensamos. Por exemplo, o

montante de energia consumida para produzir um carro médio (em termos de materiais e processo produtivo) é quase sempre maior do que o montante de energia consumida abastecendo o carro por 20 anos. Desta forma, quase sempre, o mais ecológico é simplesmente não comprar. E isto é bastante difícil de ser feito, tendo em vista o sistema em que vivemos com os seus valores, mas seria muito bom para a preservação do nosso bolso e do planeta. Assim, quando for comprar algo, mesmo que seja por ser eco-friendly, se pergunte se você realmente precisa. Afinal, comprar menos é economizar energia e emissões de gases de efeito estufa. O planeta agradece e o clima não aquece...



O que faço com isso? Um alerta sobre as lâmpadas fluorescentes pós-consumo

Leti - Letiane Streck

Caros leitores.

Resolvi compartilhar com vocês um recorte das minhas pesquisas acadêmicas a respeito de um resíduo que se torna muito perigoso, quando mal gerenciado. A ideia que trago aqui é a de trazer um pouco de informação e dicas sobre o que fazer com esse tipo de produto quando o mesmo vira lixo.

Todos nós, em algum momento, fizemos uso, em nossas casas ou locais de trabalho ou estudo, de algum tipo de lâmpada. Indispensáveis no nosso dia a dia, as lâmpadas exercem um papel de extrema importância no desempenho de nossas atividades diárias, tanto durante o dia quanto à noite. Atualmente, as mais encontradas são as lâmpadas fluorescentes de luz branca, também conhecidas como econômicas, cujo consumo se popularizou devido à elevada eficiência, alta durabilidade, menor aquecimento do ambiente, menor consumo de energia, preço de venda acessível e, principalmente, pelo incentivo do Governo Federal pela redução do gasto energético.

O que talvez muitos de nós não saibamos é que estas lâmpadas, quando deixam de funcionar, tornam-se um lixo muito perigoso, que contém substâncias tóxicas, entre elas o mercúrio, um metal pesado que apresenta um alto poder poluidor.

Ao mesmo tempo em que houve incentivo exacerbado para o seu consumo, dadas as características já citadas, pouco foi planejado e estudado a respeito do que fazer quando este produto perde sua vida útil. Pouco foi mencionado também sobre o perigo que estes materiais apresentam ao meio ambiente e à saúde das pessoas, quando indevidamente manipuladas e descartadas.

Na maioria das vezes, a falta de informação e fiscalização sobre o descarte resulta na destinação incorreta das lâmpadas em aterros, lixões e, até mesmo, em terrenos abandonados.

No entanto, chegará o momento em que deveremos descartá-la, jogá-la fora. Então, surge a grande questão: Onde devo fazer isto?

O destino do lixo comum são os aterros, e as lâmpadas fluorescentes, quando quebradas, liberam seus componentes tóxicos, que contaminam o solo e as águas, além de serem em risco a saúde de quem manuseia este resíduo, bem como a saúde das populações que beberão a água do manancial contaminado e que se alimentarão com os produtos cultivados na terra contaminada.

O lixo reciclável ou “seco” também não é o local adequado para o descarte deste lixo, uma vez que, além de comprometer a saúde dos catadores que realizam o recolhimento, triagem e separação para a reciclagem. Além disto, na maioria das vezes, esse pessoal não recebe instruções sobre a periculosidade do lixo lá encontrado. Ou o que é ainda mais grave: algumas cidades podem não ter planejamento de coleta seletiva, e todo o lixo destas cidades acaba indo para o mesmo destino: o aterro.

O ideal é entregar em pontos de coleta, estabelecidos por prefeituras ou onde você comprou a lâmpada, seja em supermercados, lojas de materiais de construção, ferragem ou lojas de iluminação. É dever legal destes estabelecimentos entregar as lâmpadas a seus fornecedores, os quais, por sua vez, devem repassá-las aos seus fabricantes.

Outro possível “caminho” é o de você entrar em contato com as empresas especializadas em recolher esse tipo de resíduo para que procedam no recolhimento de sua lâmpada. Ou, ainda, você pode entregá-la num ponto de coleta pré-estabelecido.

O negócio deste tipo de empresa é o de recolher as lâmpadas e encaminhá-las para outras empresas, as quais realizam a reciclagem da lâmpada pós-consumo em seu estado bruto e, principalmente, cuidando para que os componentes tóxicos não sejam liberados no ar, solo ou águas.

Dados de minhas pesquisas acadêmicas revelaram que, entre a população de Santa Maria – RS, a realidade é alarmante. Dentre as pessoas físicas e (responsáveis pelas) jurídicas entrevistadas, os resultados encontrados demonstraram que uma elevada parcela desses esboçou consciência sobre o conteúdo tóxico e perigoso das lâmpadas fluorescentes e mostraram-se conscientes quanto aos danos causados ao meio ambiente e à saúde da população, especialmente pela presença do mercúrio.

No entanto, uma também elevada parcela destes mesmos entrevistados relatou que o destino atual das lâmpadas fluorescentes queimadas em suas casas ou trabalho é o lixo comum. Ao mesmo tempo em que estas informações foram recolhidas, também não havia um conhecimento concreto ou representativo sobre o destino correto, social e ecologicamente adequado para as lâmpadas fluorescentes após o término de sua vida útil. Em outras palavras, esta população ainda desconhece empresas que recolham lâmpadas fluorescentes queimadas na cidade de Santa Maria – RS e que não são familiares à Política Nacional de Resíduos Sólidos – Lei 12.305/2010 ou outras leis que regulamentam a obrigatoriedade do descarte correto e a responsabilização dos agentes envolvidos.

Talvez o que explique os resultados encontrados possa ser traduzido especialmente na carência de informações a respeito do assunto, tanto das empresas quanto dos consumidores, na falta de ações práticas e fiscalizadoras quanto à legislação vigente sobre este assunto e no elevado custo unitário do descarte adequado, o que tende a reduzir o interesse pelo processo

socioambiental correto.

Então, leitores, faz-se necessário que todos busquemos mais informações e esclarecimentos sobre o tema, através de uma relação mais próxima entre o poder público, as empresas e a sociedade, visando proporcionar mais informações, esclarecimentos e educação socioambiental adequada, uma vez que somos diretamente responsáveis pelos resíduos que colocamos no lixo, especialmente os tóxicos.

A minha dica é que façamos da Política Nacional de Resíduos Sólidos (e das leis correlatas a ela) um instrumento de fiscalização de direitos e deveres dos órgãos públicos e empresas, assim como de conscientização da nossa e das futuras gerações. Acredito que é através da educação ambiental que teremos condições de deixar uma vida melhor e mais limpa às gerações atual e futuras.

Um abraço.



As dimensões da sustentabilidade explicitadas no plano estratégico de instituições federais de ensino superior brasileiras: uma análise por região do país

Lucas Veiga Ávila
Lúcia Rejane da Rosa Gama Madruga

A filosofia institucional é um componente do planejamento estratégico que pode revelar muito sobre uma organização e sua forma de gestão, já que nela são estabelecidos a missão, a visão e os valores que nortearão seus objetivos, interesses e ações. A partir da missão, a ação organizacional passa a ser guiada por um conjunto de objetivos e metas estratégicos, os quais norteiam seus rumos em busca da visão estratégica de futuro. E esta, por sua vez, expressa o pensamento estratégico da organização em busca de seus horizontes de longo prazo. Todo esse processo é amparado nos valores que a organização estabelece como fundamentais.

As universidades são um tipo peculiar de organização. Estas, em tempos mais recentes, vem sendo instadas a promover seu desenvolvimento fazendo uso do planejamento estratégico e explicitando sua filosofia, objetivos e metas no seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). O PDI de uma dada instituição consiste em um documento no qual são definidas a missão desta Instituição de Ensino Superior, bem como as estratégias para atingir seus objetivos e metas, incluindo o cronograma e a metodologia de implementação, observando a coerência e a articulação entre as diversas ações, a manutenção de padrões de qualidade e, quando pertinente, o orçamento.

Se, por um lado, estas instituições são levadas a pensar estrategicamente, por outro, as universidades não podem se eximir de discutir e contribuir para o principal tema da atualidade: a busca pelo Desenvolvimento Sustentável. E esta não representa uma tarefa simples, pois elas precisam fazê-lo de forma coletiva, e ainda de modo a promover uma mudança de consciência, bem como a difusão de conhecimento, em busca de um diálogo aberto e transparente com a sociedade.

O estudo que gerou o presente artigo teve como um de seus objetivos

analisar quais as dimensões da Sustentabilidade que aparecem claramente definidas na missão e na visão de Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) brasileiras, e também considerar como os resultados se expressam nas macrorregiões do país. Dentre as 59 Instituições classificadas pela Secretaria de Educação Superior (SESU), foram selecionadas, para esta análise, as 28 que apresentavam as suas missão e visão claramente explicitadas em seu PDI. Utilizou-se de pesquisa documental e do método de análise de conteúdo como abordagem quali-quantitativa. As dimensões analisadas da Sustentabilidade foram: ambiental; econômica; social; cultural; territorial; política nacional; e política internacional.

Os resultados do estudo revelaram que as dimensões política nacional e internacional ainda são emergentes em grande parte das regiões, destacando-se mais fortemente na região Sudeste. A dimensão territorial destaca-se nas regiões Norte e Nordeste. E a dimensão cultural, na Sudeste e na Nordeste. Verifica-se que a dimensão social está presente com mais intensidade do que as demais em todas as regiões, e que a dimensão econômica tem maior destaque nas regiões Centro-Oeste e Nordeste. A dimensão ambiental é menos destacada na região Sudeste e mais forte na região Nordeste.

A dimensão social foi a que mais se destacou em todas as IFES, demonstrando que elas estão preocupadas com o capital humano e que pautam suas ações pelas relações estabelecidas com a sociedade, procurando satisfazer seus anseios, sem descuidar do processo de formação, que precisa estar espelhado em valores e não somente em concepções de natureza técnica.

A atuação e as práticas das IFES no contexto da Sustentabilidade podem variar, dependendo da sua localização geográfica, conforme o estudo revelou. Isto se deve, dentre outras questões, ao fato de que são afetadas pelas peculiaridades de seus ambientes locais, pela sua capacidade de aproveitamento de oportunidades, pelo seu nível de cooperação interinstitucional, pela capacidade de concretização de parcerias entre entidades muito diferentes, dentre outros aspectos. Apesar disso, é preciso ficar claro que as IFES são agentes fundamentais para a promoção da Sustentabilidade na sociedade, e que o processo educativo é de suma importância, em especial área da Educação para a Sustentabilidade (ES), uma vez que esta atua como tradutora do conhecimento técnico e científico, promovendo uma melhor compreensão para todos os envolvidos nas questões socioambientais.

O papel da educação superior nas discussões sobre a Sustentabilidade vai muito além da relação ensino/aprendizagem e do espaço em sala de aula. Ele avança para o envolvimento em projetos extracurriculares com a comunidade do seu entorno, visando soluções efetivas para a população local. Embora represente um papel fundamental no desenvolvimento da consciência socioambiental sustentável. A educação não é capaz de implementar a Sustentabilidade, sem que se tomem medidas concretas. Cabe às universidades a atitude de colocar em prática aquilo que ensinam, tornando a sua própria gestão interna um modelo de gestão sustentável, influenciando, com seus resultados, também as organizações das quais seus egressos farão parte.

Em suma, este recorte possibilitou visualizar alguns aspectos relativos ao pensamento estratégico das IFES, observando-se as dimensões da Sustentabilidade e sua configuração nas macrorregiões brasileiras. O estudo ora proposto demonstrou que, em alguma medida, as IFES estão alinhadas com

o conceito de Sustentabilidade, e também representou uma oportunidade para que se pudesse perceber a importância de analisar as particularidades desta temática, a partir de diferentes recortes e observadas segundo perspectivas diversas.

Os leitores podem encontrar mais informações sobre este tema na dissertação de mestrado intitulada A perspectiva da Sustentabilidade no Plano de Desenvolvimento Institucional: um estudo das Instituições Federais de Ensino Superior, de autoria de Lucas Veiga Ávila, sob a orientação de Lúcia Rejane da Rosa Gama Madruga, disponível em: <http://w3.ufsm.br/ppga/>

Bibliografia

ÁVILA, L. V. A perspectiva da Sustentabilidade no Plano de Desenvolvimento Institucional: um estudo das Instituições Federais de Ensino Superior. Santa Maria, 2014. 120 p. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Administração) – UFSM.

ELKINGTON, J.. Sustentabilidade, canibais com garfo e faca. São Paulo: M. Books do Brasil Ltda, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. Sistema de acompanhamento de processos das instituições de ensino superior – SAPIEnS/ Plano de Desenvolvimento Institucional/Diretrizes para elaboração. Disponível em <<http://www2.mec.gov.br/sapiens/PDI.htm>> Acesso em: Maio. 2012.

SACHS, I. Caminhos para o desenvolvimento sustentável. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.



Inclusão Social pela Música Clássica focada na prática orquestral: Onde se inserem os Administradores?

Lucia Rejane da Rosa Gama Madruga
Tati - Tatiane Lopes Duarte
Marco Antonio de Almeida Penna
Layon Heck

A sociedade em que vivemos enfrenta diversas situações contraditórias. Ao mesmo tempo em que a tecnologia e a inovação desenvolvem, com frequência surpreendente, novos produtos que promovem avanços expressivos na melhoria das condições de existência humana no planeta, cresce assustadoramente o vácuo entre a sua disponibilidade e as possibilidades de acesso a estes pela maior parte dos seres humanos. Assim, são cada vez mais importantes e necessárias novas contribuições, que criem melhores oportunidades para o desenvolvimento e a inclusão dos menos favorecidos cultural, social e economicamente.

No campo das artes, é comum encontrarmos ações relacionadas à dança, à música, às artes plásticas, ao teatro, que criam espaços para o desenvolvimento do potencial criativo das pessoas, ao mesmo tempo em que estas ações também trabalham a inclusão, em especial de jovens em situação de vulnerabilidade social. Nesse cenário, o Anuário Viva Música de 2012 nos apresenta um dossiê sobre os projetos de "cidadania sinfônica", como um novo modelo de inclusão social, ancorado no poder transformador da música. Em 2012, existiam no Brasil mais de 90 projetos sociais com foco no ensino de instrumentos musicais de uso em orquestras, desenvolvidos para crianças e jovens. Projetos como estes promovem a integração destes grupos mesmos à sociedade.

A referência internacional para projetos dessa natureza é o modelo venezuelano conhecido como "El Sistema", que construiu uma nova realidade educacional e artística naquele país, sendo fundado pelo regente e economista José Antonio Abreu, em 1975, com as finalidades de sistematizar a educação musical e de promover a prática coletiva da música através de orquestras sinfônicas e coros como forma de organização social e de desenvolvimento comunitário. Em 2012, o Sistema gerava quase 6 mil empregos

diretos e atendia 350 mil crianças, adolescentes e jovens em 285 núcleos, cada qual com pelo menos uma orquestra sinfônica infantil e outra juvenil.

No Brasil, os projetos similares de cidadania sinfônica marcaram sua presença há duas décadas, fortalecendo-se na década de 1990 a 2000. Apesar de já existirem iniciativas anteriores, como a que Nicolau Martins de Oliveira iniciou em Volta Redonda (RJ), nos anos 1970, o novo cenário configurou-se mesmo a partir da década de 1990. Na "linha do tempo" dos projetos brasileiros de cidadania sinfônica, temos: em 1993, o flautista Mozart Vieira iniciou o Projeto Música é Vida, de São Caetano (PE); em 1995, o maestro David Machado iniciou, no Rio de Janeiro, o programa Ação Social pela Música; em 1996, o maestro Silvio Baccarelli iniciou o Instituto Baccarelli e a Sinfônica Heliópolis; e, no mesmo ano, em Belém (PA), Glória Caputo iniciou as atividades da Fundação Amazônica de Música, que, em 2004, assumiria a gestão do Projeto Vale Música Pará. No ano de 1997, nasceu a Orquestra Jovem de Contagem, em Minas Gerais. Três anos depois, o maestro Cláudio Ribeiro lançou o Programa de Integração pela Música (PIM), na cidade fluminense de Vassouras. E, também em 2000, o projeto Villa-Lobinhos deu seus primeiros passos no Rio de Janeiro, liderado por Turíbio Santos. Em 2003, a Prefeitura da Barra Mansa (RJ) começou o projeto Música nas Escolas, sob a coordenação de Vantoil de Souza Jr. e, em 2007, o pianista e regente Ricardo Castro iniciou o Projeto Neojibá, na Bahia, com suporte dos representantes do sistema Venezuelano.

A inclusão social por meio da cidadania sinfônica, com a criação das chamadas orquestras infanto-juvenis, é mais um desafio que se apresenta, uma vez que as novas frentes de trabalho, advindas desse novo cenário, têm um dia a dia muito distinto dos ambientes tradicionais de ensino e de música e requerem de seus gestores e professores a vivência de situações que antes não faziam parte de suas rotinas no ensino daqueles instrumentos. Aquele que gerencia um projeto desta natureza precisa ter muito mais do que sua habilidade de artista. Também é preciso que ele tenha uma forte capacidade para agregar pessoas em torno da causa; e ainda uma grande empatia com os diversos interlocutores do projeto, do poder público ao pai do aluno; e mais, necessita ainda de visão artística e boa capacidade administrativa.

O contexto em que se inserem estas iniciativas abre diferentes possibilidades de profissionalização para jovens músicos, e começa mesmo a gerar um impacto econômico significativo. Um exemplo disso foi a compra de 1 milhão de instrumentos pelo projeto Guri Santa Marcelina, que ocupou três fábricas da Yamaha do Japão e fez com que o presidente daquela grande empresa multinacional viesse ao Brasil conhecer esse novo e surpreendente cenário.

Por um lado, este é um mercado que se abre com grandes perspectivas econômicas e de geração de renda para jovens carentes. E, por outro, ele também apresenta uma grande fragilidade em termos de informações, de gerenciamento e de troca de experiências, uma vez que ainda há pouca informação disponível sobre o funcionamento dos projetos deste tipo, e não existem ambientes em que as experiências possam ser conhecidas e trocadas. Também não há uma centralização de informações ou uma administração central, em nível nacional.

Assim, ainda existem várias lacunas em seus aspectos gerenciais e admi-

nistrativos. E estas impõem aos administradores e pesquisadores da ciência da Administração a responsabilidade de identificar e compreender os fatores que podem garantir o sucesso desses empreendimentos. Estes devem procurar estabelecer os princípios para que projetos desta natureza desenvolvam processos gerenciais mais adequados, bem como gerar capacitações gerenciais aos profissionais que atuam nesta realidade. Aí está mais um espaço para a inserção e contribuição da ciência da Administração às organizações aqui abordadas, no sentido de promover condições para o seu desenvolvimento e Sustentabilidade atuais e no futuro.

A importância do tema gerou o projeto intitulado Características de Sustentabilidade e Funcionamento de Empreendimentos Sociais da Economia Criativa: uma Aplicação em Projetos Sociais de Música Clássica, que foi financiado pelo CNPq/SEC/MinC, que reuniu pesquisadores das áreas de Administração e Música vinculados ao Grupo de Pesquisa de Estudos e Pesquisas em Estratégia, Inovação e Sustentabilidade (UFSM) e Grupo de Pesquisa em Sustentabilidade e Inovação (UFRGS).

BIBLIOGRAFIA

ANUÁRIO VIVAMÚSICA. Rio de Janeiro: Viva Música Edições, 2012.

CORAZZA, R. I. Criatividade, inovação e economia da cultura: abordagens multidisciplinares e ferramentas analíticas. Revista Brasileira de Inovação, São Paulo, n 12, p. 207-232, jan./junho 2013.

DEHEINZELIN, L. O estado e a economia criativa, numa perspectiva de Sustentabilidade e futuro. Disponível em <http://http://www2.cultura.gov.br/site/wpcontent/uploads/2012/08/livro_web2edicao.pdf>. Acesso em dez.2013

PLANO DA ECONOMIA CRIATIVA: Política, diretrizes e ações, 2011 - 2014. Brasília, Ministério da Cultura, 2011



Preservação histórica sustentável

Milena Cavalli

Ao realizar uma viagem para outra cidade, estado ou país, muitas vezes volto maravilhada com a arquitetura do lugar, com a oportunidade de conhecer um pouco da história daquele local, traduzida nas suas ruas e edifícios. Toda cidade tem seus edifícios, seus monumentos pitorescos, suas paisagens, que contam parte de sua história. Preservar estas construções é a maneira de manter viva a história das cidades e da sua sociedade. A arquitetura está ligada ao desenvolvimento humano, econômico e político das comunidades.

No Brasil, manter edificações históricas não é tarefa fácil, pois não temos uma cultura de valorização da história. Também são poucos os incentivos para isso. E não para por aí. Atualmente, outro grande responsável pela desvalorização dos edifícios históricos é a especulação imobiliária. Cada vez mais, as cidades se adensam e os terrenos se valorizam. E, em função disso, preservar estes edifícios parece, à primeira vista, uma ideia ruim, pois deveríamos abrir espaço para o desenvolvimento, para o aumento dos ganhos advindos da construção, para as novas ideias e para as novas "formas de viver". Mas uma cidade sem sua história, sem seus monumentos não seria uma cidade sem identidade?

Existem muitas discussões a respeito deste assunto, e um dos principais pontos divergentes é o tombamento de edificações, onde a construção em questão não pode ser destruída, demolida, sofrer mutilações e nem mesmo pode sofrer algum reparo ou pintura sem autorização prévia do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). O tombamento implica até mesmo restrições em construções no entorno do edifício tombado. Esta sempre me pareceu uma ótima solução para a questão da preservação histórica, uma vez que sempre fui uma amante da história da Arquitetura. Sempre considerei e considero um privilégio o simples ato de pensar em sair para caminhar pela cidade e poder ver exemplares de diferentes períodos e estilos arquitetônicos. E mais ainda fazê-lo, na prática. Porém a prática do restauro destes prédios tem se mostrado diferente. Manter características originais, ou mesmo restaurá-las, é uma tarefa que requer muita pesquisa. O restauro pressupõe que sejam utilizados os mesmos materiais e técnicas da construção original. E isto, no caso de edificações muito antigas, nem sempre é fácil, ou mesmo possível. Alguns materiais nem existem mais.

Ou ainda, algumas das técnicas não são mais utilizadas ou até mesmo não se tem registros de como eram feitas. Este resgate, muitas vezes, requer investimentos muito altos, tornando o processo de restauro pouco sustentável e ainda pouco economicamente viável. Como resultado, podemos ver uma grande quantidade de edificações largadas à sua própria sorte. Ou pior, ficam abandonadas, e acabam sucumbindo, com o tempo. Principalmente as edificações de propriedade privada, já que necessitam do investimento dos seus proprietários para sua manutenção. E isto é uma grande pena, pois muitos destes não dispõem destes recursos (ou da intenção de investir tanto em imóveis cujo valor de mercado não corresponda ao investimento)! Por outro lado, deixar o tombamento de lado e permitir que estes edifícios, que traduzem importantes aspectos sociológicos e econômicos da história, sejam destruídos para dar lugar ao progresso, a novas tecnologias, não tornaria nossas cidades sem identidade? Qual seria a melhor solução?

Atualmente, existem correntes dentro da Arquitetura que defendem que as melhores soluções são aquelas que mesclam as duas premissas, a da preservação e a da renovação. Um termo que tem sido muito utilizado para estes casos é o retrofit, onde edificações antigas e históricas passam por uma renovação, e são atualizadas tanto no seu uso quanto nas suas instalações. O primeiro é o caso de antigos galpões industriais que ficam em centros urbanos e que, após este processo de renovação, viraram apartamentos. E o segundo é o de edificações que foram reformadas, "repaginadas", permitindo que sejam dotados das tecnologias atuais, como redes de lógica e automação, tornando essas construções mais sustentáveis do ponto de vista energético e econômico, viabilizando-os para o investidor e para seus proprietários, em termos de sua manutenção e preservação. A ideia é que esta "renovação" permita que o imóvel seja adequadamente utilizado dentro dos padrões atuais. Na Europa, este não é um processo novo, há muitos imóveis históricos que são renovados. Podem ser encontrados bons exemplos de como esta solução pode renovar áreas inteiras das cidades, que estavam se degradando em função do abandono de alguns (ou muitos) de seus edifícios antigos.

Infelizmente, este processo, o "retrofit", ainda é mais caro que do derubar o edifício e construir um novo em seu lugar. Porém, ao se pensar em preservação do patrimônio histórico, esta solução pode ser muito boa, pois, quando bem planejada e executada, esta renovação pode manter o edifício constantemente atualizado, podendo aumentar em muito a sua vida útil.

Se esta é a melhor solução só o tempo nos dirá, mas acredito que precisamos atualizar as edificações históricas, para permitir que vivam neste tempo, e que permaneçam vivas para as próximas gerações, possibilitando que novas atividades possam acontecer nos seus interiores. Atividades que condigam com a nossa forma de viver. Sob esta perspectiva, é preciso que a tecnologia faça parte desses espaços, que suas instalações sejam renovadas para que possam ser eficientes. Assim como a arquitetura atual precisa se tornar sustentável, é preciso que nossos exemplares históricos também o sejam. Somente assim poderemos preservar a arquitetura das cidades, para que ela possa continuar contando a nossa história.



Negócios usuais ou não usuais: está feliz em seu trabalho?

João S. Furtado

A expressão Business as Usual (BAU) percorre o Planeta e identifica as empresas cujo modelo de produção e de negócios não atende às necessidades para a Sustentabilidade. Business as Unusual (BAUn) é a sua antítese.

BAU, em seu melhor perfil, representa a empresa bem gerenciada, independente, estável, eficiente, consciente dos riscos, controlada, focada, competitiva, progressivamente volátil. É reativa, move-se por conformidade, comando-e-controle, segundo limites ou padrões estabelecidos e planejamento detalhista. BAUn, em sua melhor proposta, diz-se mais preventiva, além da conformidade, resiliente, adaptável, reinventável ao universo de atividades. Tem maiores habilidades analítica e quantitativa; reconhece melhor as oportunidades e seu papel no mundo, que se mostra progressivamente mais volátil, turbulento, complexo e aberto para a interconectividade. É mais bem ajustável à globalização, ao mundo digital e à responsabilidade.

O planejamento, na BAU, é fechado, ancorado no consumo, destinado a conquistar e remediar impactos, quando denunciados. Na BAUn, é aberto, sistêmico, compartilhado, a fim de prevenir para não ter que curar. É focado nas consequências, inspirado na elasticidade do mercado e nos grandes interesses da sociedade. A BAU se move para o lucro, enquanto que a BAUn, não apenas nele, pois inclui, em suas premissas, a do propósito de mudar para melhor.

A BAU é conduzida por dirigentes, que almejam o topo da hierarquia em organogramas que reflitam o "poder no poder", e que é regido por obediência e tem o compromisso de melhorar para o investidor. O CEO é de curta duração, com bônus e promoções. Na BAUn, o poder é embutido, distribuído e está nas ideias, na inovação e na melhoria para as pessoas. A BAU pensa em projetos e em fazer o que é certo para o negócio. A BAUn considera sistemas, fazer o certo para o negócio, para as pessoas e para o planeta. A liderança na BAU é por posição atribuída e superação de números previstos (forecast), com cronograma e metas físicas. Na BAUn, ela é por posição conquistada; pela facilitação de equipes; por conseguir "falar e entregar" (walking the talk).

Na BAU, os recursos da Terra são a base para "o negócio é o negócio".

Na BAUn, são bens comuns de interesse difuso. O espaço, para a BAU, é o mercado, com economia de escala, monopólio, aquisições e fusões. Nela, o concorrente é para ser superado, vítima da competição cumulativa a curto prazo. Para a BAUn, os princípios são os de longo prazo, o mais importante é o Planeta, a extensão da base da pirâmide, a affordability, a cadeia de valor, a comunidade e a justiça social. São as parcerias estratégicas, a associação interinstitucional e as novas formas de negócios.

A BAU se preocupa com o máximo retorno do Capital, tem seu foco no crescimento continuado e no Bottom Line Financeiro. A BAUn busca criar valor para as partes envolvidas, com foco na melhoria compromissada com a desmaterialização e a detoxificação integradas aos ganhos econômicos.

O retorno, na BAU, é o de curto prazo, e deseja-se que seja alcançado por meio da redução de custos por unidade de produção, pelo aumento do valor do produto, por uma margem de lucro mais alta, pelo aumento nos níveis de vendas e por ganhos na diferenciação de produtos. A BAUn busca a conservação do caixa financeiro, sem desprezar a melhoria das condições de consumidores e das outras partes.

A BAU preza a marca, o conhecimento do consumidor e o investimento de impacto, para gerar ganhos financeiros. Na BAUn, prevalecem a imagem, a reputação e o conhecimento da comunidade. A BAU reforça estruturas rígidas, inspiradas na medição, no controle e na redução de usos e despesas. A BAUn promove o empreendedorismo natural, a cocriatividade, a flexibilidade e a gestão do conhecimento.

O processo produtivo da BAU é aberto, baseado em extrair recursos, aquecer, modificar, transportar, consumir, despejar restos, sem considerar a capacidade de carga. A tecnologia é desenvolvida para que se possa produzir mais, e com maiores ganhos de eficiência. Na BAUn, o foco está no fechamento de ciclos (a "economia circular"), seus gestores estão comprometidos em tomar recursos emprestados, usar, prestar serviços e devolver matéria-prima. Para a BAU, o produto (com qualidade superior e funcionalidade) deve atender e dar prazer ao consumidor, com diversidade e mesmo com a não-necessidade. Na BAUn, o produto é desenvolvido para atender a necessidades reais.

Mobilidade



Os serviços de transporte coletivo de passageiros

Duarte de Souza Rosa Filho

Os protestos de Junho de 2013 ainda não foram suficientes para romper as estruturas de poder vigentes nos serviços de transporte coletivo de passageiros.

Parafraseando Bourdieu (2004), a fim de fazer a ruptura com a dominação e a violência simbólicas a que os usuários dos serviços de transporte coletivo de passageiros estão submetidos diariamente, é preciso que seja feita uma tomada de consciência, ou seja, a destruição do poder de imposição simbólico radicado no desconhecimento. Ele também afirma que uma conscientização não é suficiente, também é necessário fazer a transformação das estruturas objetivas nas quais estas dominação e violência foram produzidas e às quais elas podem sobreviver (BOURDIEU, 2004).

No caso dos serviços de transporte coletivo de passageiros, deve ser feita a tomada de consciência sobre o que há neles de arbitrário. Quer dizer, fazer a revelação da verdade objetiva e do aniquilamento da crença a respeito dos processos de cálculo das tarifas. E há que também esclarecer abertamente qual foi a situação em que ocorreram, em algumas Câmaras de Vereadores, as concessões ou permissões destes serviços, fazendo isto através de Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs), muitas delas ainda dominadas pelas estruturas de poder vigentes no campo; em outras ainda não.

O Art. 175 da Constituição determina que:

Incumbe ao Poder Público, na forma da lei, diretamente ou sob regime de concessão ou permissão, sempre através de licitação, a prestação de serviços públicos.

Por outro lado, estão vencidas as concessões dos serviços de transporte coletivo rodoviário:

- Urbanos, no município de Porto Alegre, e em metade das outras capitais brasileiras, que ainda não fizeram licitações para concessão ou permissão destes serviços;
- Intermunicipais da Região Metropolitana de Porto Alegre (por exemplo, as linhas Canoas – Novo Hamburgo, ou a Porto Alegre – Viamão);
- Intermunicipais da Região Metropolitana da Grande Vitória (por exemplo,

a linha Vila Velha – Vitória, operada pela Transcol), e do Estado do Espírito Santo (por exemplo, a linha Vitória – Cachoeiro do Itapemirim);

- Intermunicipais do Estado do Rio Grande do Sul (por exemplo, as linhas Porto Alegre – Gramado, e Porto Alegre – Uruguaiana);
- Estações rodoviárias do Estado do Rio Grande do Sul;
- Mais de 2000 linhas de transporte coletivo rodoviário interestadual, supostamente sob a responsabilidade da Agência Nacional dos Transportes Terrestres (ANTT) (por exemplo, as linhas Rio – São Paulo, Porto Alegre – Brasília, Belém – Brasília).

É interessante observar que grande parte das licitações das concessões estão sendo adiadas a todo momento com base em todos os tipos de argumentos legais, jurídicos e burocráticos. Poder-se-ia pensar que se pretende adiar o procedimento até depois das eleições, a fim de contar com recursos para as campanhas eleitorais? E pior, em sucessivos adiamentos, pensando nas sucessivas eleições?

No que se refere aos elevados valores das tarifas, a população usuária dos serviços de transporte coletivo de passageiros precisam saber que o cálculo das tarifas é feito com base em informações fornecidas pelas próprias empresas, sem qualquer auditoria.

É uma enorme lástima que os protestos de grande parte da sociedade brasileira, feitos em junho de 2013, que reclamaram contra as elevadas tarifas e a péssima qualidade dos serviços de transporte coletivo de passageiros, bem como contra a má qualidade do ensino, da saúde, da segurança, contra os gastos superfaturados com os estádios da Copa – pelo menos três deles em cidades que sequer têm times que jogam no Campeonato Brasileiro – contra a corrupção e outras razões, tenham sido alvo de manobras diversionistas para discussões sobre uma pequena porção de black blocs, que não representam a maioria da sociedade, dos rolés nos Shoppings (iniciados em dezembro de 2013 e já esquecidos em fevereiro de 2014) e por um (isso mesmo, apenas uma vítima) trabalhador da imprensa.

Para que a população brasileira deixe de ser submetida à dominação, à violência simbólica e à exploração econômica, ainda são necessários movimentos sociais para a transformação das estruturas objetivas, sem a violência física que predomina nos meios de comunicação.

A alternativa às manifestações sociais é o voto, nas próximas eleições. Será preciso que os eleitores tomem consciência até para pressionar seus partidos e candidatos que, obrigatoriamente, deverão decidir entre evitar fazer a defesa dos empresários de ônibus e realizar as licitações das permissões e concessões vencidas das empresas de transportes versus receber generosas contribuições para suas campanhas eleitorais.

Referência:

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.



Infelizmente, vida corrida e não pedalada!

Gabi - Gabriele Volkmer

Estamos vivendo de uma forma em que o tempo livre é cada vez mais escasso. O famoso ditado: "Tempo é dinheiro!" torna-se cada vez mais real. Na verdade, pra mim, o ditado seria melhor se fosse assim: "Tempo é valor". Valor, porque cada um sabe o que mais valoriza. E isto pode, embora não necessariamente, ser dinheiro. Mas enfim, nessa vida corrida, o que mais falta é tempo! Tempo para ver os amigos, para namorar, para se especializar mais no que se trabalha, para estudar mais o que se estuda, para ficar mais com a família, para fazer coisas diferentes, para assistir mais filmes, para viajar mais, para acampar mais, para inventar mais, para criar mais, para se espiritualizar mais, para se envolver mais em projetos sociais, para ser um cidadão mais consciente e atuante, para ser mais amiga(o), namorada(o), mãe (pai), profissional, estudante, prima(o), neta(o), cozinheira(o), esportista, dançarina(o), para ter uma alimentação mais saudável, para meditar mais, para fazer mais exercício! Ufa! E tantas outras coisas, na verdade!

Bom, vou falar um pouquinho de uma dessas coisas, que ultimamente tem me incomodado muito. É o fato de não estar fazendo exercícios regularmente, da forma que gostaria. Fiquei muito feliz e animada quando surgiu o Bike Poa. Estação de bicicleta por vários cantos da cidade, poder pedalar até cansar e depois voltar pra casa de ônibus! Não precisar fazer manutenção, não precisar pensar onde guardá-la, tudo excelente! Mas o que realmente me deixou mais animada foi a ampliação das ciclovias. Pensei: "Agora sim! Minha vida vai mudar, finalmente uma ciclovias na Avenida Ipiranga! Vou poder otimizar o tempo, fazer exercício, me locomover com segurança e ainda mais sem precisar viajar enlatada no ônibus. Como não fizeram isso antes?" Sempre imaginei que não seria muito difícil, pois tem espaço suficiente e as obras, acredito eu, são relativamente rápidas, fáceis, baratas e causadoras de pouco transtorno, por exemplo, se comparadas com a construção de um viaduto na III Perimetral.

Mas, infelizmente, a minha alegria durou pouco. Repintaram algumas ciclovias, construíram alguns quilômetros a mais pela cidade, mas agora está tudo parado. Não se vê mais movimentação de obras na cidade para ampliação de ciclovias. Não se consegue nem chegar às universidades de bicicleta,

sem que seja no meio dos carros e ônibus com motoristas estressadíssimos. E o que dizer, então, para se chegar na periferia da cidade... Até li uma notícia, um dia desses, falando que o prefeito queria fechar o ano com 50 km de ciclovias em Porto Alegre. Mas fica óbvio que essa não é uma das prioridades da cidade.

Quando a prefeitura tentou alegar inconstitucionalidade da lei que ela própria criou, ficou ainda mais claro que a questão das ciclovias não só não era prioridade como também estava começando a regredir politicamente. O Plano Diretor Cicloviário de Porto Alegre regulamenta que 20% das multas sejam aplicadas na construção de ciclovias e na realização de campanhas educativas. Apesar de ter perdido essa causa na justiça, a prefeitura deu seu jeito. Criou uma lei complementar que cria um fundo para gerir as ciclovias. O dinheiro para esse fundo vem de contrapartidas financeiras de obras que impactarão o trânsito na cidade, sem a obrigatoriedade dos 20% das multas. Ou seja, se tivermos bastante tumulto, bastantes obras impactantes no trânsito da cidade, quando o trânsito estiver realmente caótico (se é que já não está) então, quem sabe, teremos mais ciclovias em Porto Alegre.

Mas não perco as esperanças. A gente dá um jeitinho aqui e um ali, se estressa para terminar um trabalho ou outro, mas sempre acha um tempinho para encaixar algumas das (bem longe de serem todas as) prioridades da nossa vida. Demorou, mas Porto Alegre iniciou uma das coisas mais fantásticas dos últimos tempos, as manifestações que se espalharam por todo o país. Quem sabe, uma hora dessas, a gente "não tira de letra" as ciclovias? Quem sabe se daqui a um tempo não teremos mais pessoas otimizando seu tempo, ficando menos estressadas com trânsito, com ônibus superlotado e ainda por cima fazendo exercícios?



Homenagem à rotatória: uma mandala urbana

Roberto Patrus

O trânsito tem sido objeto de inúmeros debates. Nas grandes cidades, os congestionamentos são a ilustração da irracionalidade da mobilidade urbana na pós-modernidade. A violência dos acidentes nas estradas é causa de mortos e feridos em número maior do que o de muitas guerras. Até a virtude da gentileza tem recebido atenção, quando se discute o carro como símbolo de individualismo e status. Entretanto, uma possível solução para o problema do tráfego no cruzamento de ruas, especialmente nas cidades maiores, não vem sendo analisada em sua riqueza simbólica nem em sua eficácia: a rotatória. Também chamada de rotunda, balão, círculo, rótula, joelho, queijinho ou girador, dependendo da região do nosso imenso país, a rotatória é o tema deste artigo.

Rotatória é uma praça ou largo, de forma circular, onde desembocam várias ruas e o trânsito se processa em sentido giratório. O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa não registrou o verbete na sua primeira edição de 2001. Preferiu o termo "rotunda". Ela não deve ser confundida com uma ilha, aquele obstáculo físico colocado na pista de rolamento, destinado à orientação dos fluxos em uma interseção. Diante da ilha, o condutor é obrigado a fazer um desvio. Diante da rotatória, ele se vê obrigado a fazer um deslocamento circular. Quando o diâmetro da ilha é maior do que quinze metros, é de supor-se que se trata de uma rotatória, visto que nesse caso, impõe-se ao condutor o deslocamento circular.

Desde a virada do milênio, o símbolo do círculo passou a predominar no design dos automóveis. No lugar das linhas retas do Monza, do Escort, do Fiat 147 e do Gol, chegaram as formas arredondadas que tiveram no Corsa o marco do pioneirismo. Até a marca Volvo, conhecida por sua geometria aquadrada, se rendeu ao poder do círculo. Logotipos foram arredondados por empresas e marcas para valorizar a ideia de movimento, de transformação, de abertura a mudanças. Até uma marca de cerveja se valeu do poder do redondo para promover suas vendas. No trânsito, a construção das rotatórias segue a mesma tendência, somando-se à arquitetura dos anéis rodoviários (rodoanel, para utilizar a expressão paulista) e dos viadutos, que lançam as suas alças circulares sobre as avenidas a fim de impedir "cruza-

mentos em cruz”.

No cruzamento de avenidas, em geral, existem rotatórias com duas ou até mais faixas. Neste artigo, vamos nos ater àquelas de apenas uma faixa, construídas no cruzamento de ruas urbanas de mão dupla. Presentes nas vias do charmoso bairro de Lourdes, em Belo Horizonte (MG), elas revelam a beleza do círculo e a utopia de um trânsito mais humano e democrático.

Do ponto de vista simbólico, a rotatória é uma mandala urbana, um círculo desenhado no meio de um cruzamento de ruas. A mandala, na tradição oriental, serve de suporte para a meditação, a fim de conduzir quem a contempla à iluminação. “A contemplação de uma mandala supostamente inspira serenidade, o sentimento de que a vida reencontrou seu sentido e sua ordem” – escrevem Chevalier e Gheerbant no Dicionário de Símbolos, quando comentam a concepção junguiana de que a mandala é utilizada para consolidar o “eu interior”. Como mandala urbana, podemos dizer que a rotatória é uma ilustração da mitologia camuflada e dos ritualismos degradados presentes na cultura moderna de um ser humano que se sente e se pretende arregiososo, como afirmou Mircea Eliade em “O sagrado e o profano”.

A rotatória dispensa o semáforo, ou, em algumas metrópolis do país, o dito “farol”. De acordo com a legislação de trânsito, o condutor que está na rotatória tem a preferência, exceto se a sinalização estabelecer o contrário. Via de regra, podemos dizer que, quem está no círculo, tem prioridade sobre quem está na reta. No lugar da arbitrariedade de um sinal luminoso para indicar a preferência, a mandala urbana convida a uma parada diante do círculo, momento precioso da meditação, da consciência alerta, quase uma reverência do motorista ao espaço sagrado que inspira a iluminação interior.

Além da metáfora com o símbolo da mandala, a rotatória pode ser interpretada como o símbolo logístico da democracia entre os automóveis. Não importa o tamanho do carro, nem tampouco o seu valor como um bem material. No espírito democrático da rotatória, todos os carros são iguais. Para ter a preferência, é necessário respeitar a preferência do outro. Para entrar no círculo, primeiro é preciso reconhecer o direito do outro. A aceitação desse propósito, tal qual o juramento de um dever, habilita o condutor a ter a preferência, assim que entrar no círculo. Para se fazer merecedor deste direito, é preciso cumprir com o dever de dar a preferência ao outro, enquanto não se está nele. Primeiro o dever, depois o direito.

A riqueza simbólica da rotatória não é, por si só, capaz de se transformar em realidade. Ela tem potencial para humanizar o trânsito, mas não o faz automaticamente. Ela inspira a meditação – atributo fundamentalmente humano – mas não tem, sozinha, o poder de humanizar o trânsito. Isso depende de cada pessoa que está ao volante. Cada vez mais, os motoristas se tornam invisíveis por detrás da película escurecedora colocada nos vidros da maioria dos carros. Não vemos a pessoa que guia o automóvel, mas apenas este. A gentileza no trânsito é facilitada pelo olho no olho, pelo reconhecimento de que estamos nos relacionando com outras pessoas e não com coisas. É o olhar que permite a comunicação educada entre motoristas, facilitando tanto o gesto do “pode ir” como o ainda raro gesto do polegar para cima, como quem diz: “Valeu, obrigado!” Basta de dizermos que a camionete estava errada ou que o fusca foi imprudente. Que nos comuniquemos com a senhora que dirigia a van e com o barbudo que era motorista do táxi. Para

isso, podemos sugerir que todos os retrovisores esquerdos dos automóveis sejam grandes e verticais como os de ônibus e caminhões. E que as películas escurecedoras sejam banidas dos vidros dos carros. Que o trânsito permita um relacionamento entre pessoas e não entre carros. A humanização do trânsito um dia há de chegar. E também à palavra, uma vez que, à linguagem simbólica, ela já chegou.

Histórias do mundo



Diferenças culturais

Luis Felipe Nascimento

Entrar em contato com outras culturas nos faz conhecer melhor a nossa. Ou seja, quando viajamos ou conhecemos pessoas de outros países ou regiões, o que nos chama a atenção são as diferenças. Bastaram alguns dias em Bangkok (Tailândia) e em Hanói (Vietnã) para encontrarmos muitas diferenças. A tendência é pensar que nós somos os certos e os bonitos, enquanto eles...

No aeroporto em Bangkok, ao entrar no táxi, quase sentei no banco do motorista, pois os carros andam pelo "lado errado", a moda inglesa. Outdoors do rei espalhados por todo lugar e programas na TV com homenagens ao rei, chocam quem não está acostumado com a monarquia.

Nos parece estranho ver dezenas de pessoas fazendo massagens nas calçadas, ou enfiar os pés num tanque para ser "massageado" pelos peixinhos. Estranho ser abordado por um vendedor de escorpiões no palito dizendo: delicioso!

No Vietnã nos tornamos "milionários". Bastou trocar R\$ 125,00 para obter um milhão de VTN (moeda vietnamita). Em Hanói o choque foi ainda maior, pois o trânsito é um caos. Fazer o retorno num cruzamento de ruas movimentadas e parar todo o trânsito é uma coisa normal. Simplesmente não existem regras (sob os nossos olhos).

Em Saigon (maior cidade do país), são seis milhões e meio de motos e meio milhão de carros buzinando todo o tempo. Eles buzina para avisar que desejam ultrapassar, para sinalizar que vão mudar de direção, para alertar o pedestre para sair da frente, etc.

O que se pode transportar numa moto? Tudo: Colchão, porco, quatro pessoas, outra moto, etc. Outras coisas estranhas: crianças dirigindo moto; capacete como um equipamento opcional. Muita gente usando máscaras contra a poluição. As calçadas não são para pedestres e sim estacionamentos de motos, local para estocar produtos ou são transformadas em "restaurantes". Quando se consegue andar na calçada, deve-se estar atento pois pode sair uma moto de uma loja. Sim, eles entram de moto dentro das lojas.

Atravessar a rua e uma roleta russa, quase um suicídio. Semáforos, quando há, geralmente não funciona. Descobrimos que "se correr a moto pega", que o melhor seria atravessar a rua lentamente, rezando para que os motociclistas desviassem do pedestre.

Na Ásia é muito comum as pessoas estocarem carne in natura nas calçadas, cozinharem, venderem e comerem no local, sem as menores condições de higiene. Só de olhar as panelas e as aparências dos cozinheiros, faz qualquer ocidental perder a fome. Não raramente o cozinheiro está fumando enquanto prepara a comida.

Vendo tudo isto fiquei me perguntando qual seria a reação de um asiático em visita ao Brasil? O que seria estranho para ele? Talvez um vietnamita achasse normal ver um porto alegreense assando churrasco na calçada num domingo, mas isto certamente chocaria um europeu.

O sonho de consumo de um motociclista vietnamita deve ser poder andar na velocidade dos motociclista brasileiros. Um tailandês, ou qualquer outro turista, certamente acharia muito estranho a quantidade de comida disponível num bufê ou numa churrascaria.

Embora existam batedores de carteira nestes países, não existe a violência e os assaltos das cidades brasileiras. Creio que poucos países do mundo apresentam violência como a que convivemos no Brasil.

Mas não existem só diferenças. Se procurarmos, encontraremos também muitas semelhanças com a nossa cultura e com a nossa realidade. Algumas danças vietnamitas lembram danças gauchescas. Em Hanói existe ópera, galeria de arte, boas livrarias, as mesmas lojas de grifes dos melhores shoppings brasileiros. O interior do Vietnã lembra muito o interior do nordeste. Ou seja, os contrastes sociais são muito parecidos. Todos gostam de futebol e, ao nos identificar como brasileiros, logo diziam: "Brasil!!! (Seguido do nome de algum jogador de futebol, ou de algum elogio ao Brasil)".

Somos um povo admirado pelo resto do mundo, mas pouco conhecemos dos outros povos. Creio que quanto melhor a gente conhece outras culturas, menos preconceitos temos contra elas, pois todos tem coisas boas, tem algo para nos ensinar. Fica a dica: sempre que possível, viaje para lugares diferentes e conheça pessoas.



Stop! Com Rolling Stones. Stop! Com Beatles songs!

Luis Felipe Nascimento

Muita gente da minha geração cantou "Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones", e simulando ter uma metralhadora nas mãos, fazia "ratá-tá, tá, tá; tatá-rá, tá, tá...". A canção falava de um jovem que perdeu sua juventude, seu futuro, para ir lutar no Vietnã e, no final, só restaram duas medalhas no peito.

Embora contrários a guerra, tudo isto era uma realidade muito distante para nós. Mas não tem como passar pelo Vietnã sem lembrar desta canção, sem perceber os efeitos desta guerra. Mesmo 40 anos depois, as crateras das bombas B52 ainda estão lá. As pessoas portadores de necessidades especiais em decorrência do uso do Agente Laranja (dioxina) e de outros químicos utilizados pelas forças americanas, ainda estão lá.

As visitas aos museus, à cooperativa das vítimas da guerra, aos túneis utilizados pelos Vietcongues, bem como a oportunidade de falar com as pessoas nas ruas, tudo isto revelam dados e histórias pouco conhecidas.

Lembram daquela foto da menina correndo na estrada sem roupas? Esta foto está no Museu dos Remanescentes da Guerra em Ho Chi Ming (antiga Saigon) e foi considerada a quadragésima primeira foto mais influente no Mundo.

Em 17 anos de guerra, participaram 8.744.000 combatentes, o que representa a metade do contingente que participou da II Guerra Mundial. No Vietnã morreram 58 mil americanos e mais de 2 milhões de vietnamitas. A estratégia da guerrilha dos Vietcongues era de ferir o inimigo, pois um soldado americano ferido retirava outros dois de combate. Foram 304.000 americanos feridos, com membros amputados, etc. Parecia impossível que, um exército utilizando as armas mais modernas do Mundo não conseguisse vencer os Vietcongues, mal nutridos e com armamentos rudimentares.

Para enfrentar os americanos e seus aliados, os Vietcongues cavaram 200 km de túneis de 50 cm x 80 cm, em três níveis, que chegavam a 10 metros de profundidade. Nos túneis tinham cozinha, depósito de mantimentos e armas, e até um hospital. Quem se arriscava entrar, caía nas armadilhas e era picado por escorpiões.

Para tentar localizar os Vietcongues, os americanos utilizaram o Agente

Laranja para desfolhar as florestas, não deixando um pássaro vivo ou uma folha nas árvores. Um desastre ambiental.

Nos anos de 1969 e 1970, os americanos concentraram mais de 500.000 soldados no Vietnã e contavam ainda com contingentes de outros países. Além dos desgastes políticos, da pressão internacional, umas das causas para acabar a guerra, foi o seu alto custo, que para os americanos foi de 676 bilhões de dólares, o dobro do que gastaram na II Guerra.

A guerra acabou em 30 de abril de 1975. Os americanos se retiraram do país poucas horas antes dos Vietcongues tomarem o Palácio da Independência em Saigon.

Algumas décadas mais tarde foram retomadas as relações com os EUA e, atualmente, o Vietnã continua sendo um país "comunista" com uma economia e mentalidade capitalista. Os Vietnamitas pagam para ter acesso à educação e a saúde.

Perguntei ao nosso guia turístico a sua opinião sobre Ho Chi Ming, o herói nacional. Ele respondeu dizendo que Ho Chi Ming é muito importante para a sua vida, que sem ele não conseguiria viver, e mostrou uma cédula do dinheiro local. Todas as cédulas estampam o rosto de Ho Chi Ming.

No Vietnã as mulheres não fazem cirurgias para retirar as gordurinhas, mas sim para colocar peito e bunda. Enquanto os brasileiros e brasileiras fazem um esforço para se bronzear, os vietnamitas fazem tratamentos para branqueamento. O modelo de beleza para homens e mulheres é estilo Michael Jackson! Quem pode, faz cirurgia nos olhos para se parecer mais com os ocidentais. As empresas americanas operam livremente no Vietnã. Dez milhões de vietnamitas vivem nos EUA.

Vendo tudo isto é de se perguntar: pra que serviu esta guerra? Tantos recursos desperdiçados, tantas vidas perdidas, tantos jovens que se separaram da sua guitarra, dos seus sonhos, para lutar pelo quê? Contra o comunismo ou contra o capitalismo? Pela liberdade ou pela igualdade? Nada disto! As guerras sempre são decisões de quem está no poder e atendem aos interesses econômicos. Se serviu para alguma coisa, que seja para conhecermos estas histórias e não permitir que nunca mais se repitam.



Hanói e Halong: a turbulência das ruas e as águas calmas da baía

Bel - Isabel Cristina de Moura Carvalho

Sáímos de Luan Prabang no final da tarde. O aeroporto é pequeno e funcional, tudo rápido e simples, com direito a um inesperado “obrigado” do controlador de passaportes. Chegamos em Hanói em menos de uma hora. O traslado já nos aguardava. É surpreendente como todos os acertos, feitos via web meses antes, funcionaram perfeitamente. O que era um plano virtual de chegar, transitar, hospedar, ver lugares que até então eram apenas de papel, vai tornando-se a realidade de cada dia da viagem.

Em Hanói, fomos para um hotel boutique no centro antigo da cidade. O entorno era uma trama de ruas estreitas, mil lojinhas, bares, restaurantes, luminosos, pequenos bancos e mesinhas nas esquinas, muita gente comendo e cozinhando na calçada. Os pedestres tem que caminhar em fila indiana no meio fio, disputando a rua com as inúmeras motos, bicicletas, tuc-tucs e alguns carros. Não há semáforos e os veículos, motorizados ou não, circulam em todas as direções. Cruzar de um lado ao outro da rua é um projeto improvável para o recém-chegado.

Tudo isto visto de noite, pela primeira vez, dava a sensação de uma visita à rua 25 de março, em São Paulo, em pleno Natal. Era ainda o Ano Novo Chinês e os vietnamitas estavam de feriado. Em meio a esta turbulenta paisagem, uma porta de vidro numa moldura branca era o portal para um ambiente clean, silencioso e calmo.

O hotel, como prometido, era muito agradável. Bem cuidado, pequeno, com funcionários muito atenciosos, tudo pensado para o conforto e bem-estar. Era como um interruptor para ligar e desligar Hanói. Muito conveniente pra temperar o estranhamento e incorporar as novas habilidades de orientação naquele ambiente peculiar.

Depois de um dia, já estávamos andando sem ser atropelados ou atropelar. Já podíamos distinguir as lojas de quinquilharias dos bons restaurantes, as coleções completas das réplicas de bolsas Kipling e mochilas North Face, as lojas com tecidos de bambu e as de proposta de comércio justo.

Tudo junto, sobreposto e misturado. Seria este o retrato contemporâneo do Vietnã? O passeio nesta estação da viagem era um pequeno cruzeiro de duas noites pela baía de Halong. O trajeto de três horas de ônibus mostrava

um pouco mais do Vietnã. Nenhum espaço desocupado, nenhum terreno vazio. Casas sempre estreitas e profundas, terrenos igualmente estreitos e com cultivos de arroz ou hortaliças entrecortavam as oficinas mecânicas, lojas, salões de beleza, mercadinhos, pequenos bares e lugares servindo comida. Inevitável não pensar numa espécie de Avenida Brasil sem as favelas. Pobre, simples, mas não miserável.

Bandeiras vermelhas com uma estrela no centro a cada 100 metros afirmam o regime socialista. Como na China, é um comunismo com uma economia aberta aos produtos globais, mesmo que seja para replicá-los ao infinito. Chegando ao porto de Halong, fomos conduzidos a um barco de porte médio, com um grupo de cerca de 15 pessoas. Uma família canadense fazendo volta ao mundo, um casal de israelenses em viagem de férias, alguns casais europeus, não havia chineses.

Um jovem guia vietnamita conduzia o grupo a cada etapa. Com ele exploramos, de caiaque, as águas calmas da baía de Halong, atravessando cavernas escuras e reencontrando pequenos oásis após a travessia. A baía é entrecortada por rochas enormes que emergiram de fraturas causadas por antigos terremotos. A paisagem é única. E torna a baía um lugar acolhedor, protegido do movimento das águas. Yin ou Yang, Hanói ou Halong, comunismo ou mercado global, calma ou agitação, seguimos em nossa maravilhosa e surpreendente viagem, transitando no círculo virtuoso de modulações, ritmos e velocidades do Vietnã.



Laos: arroz, monges e elefantes

Bel - Isabel Cristina de Moura Carvalho

Monges caminham usando túnicas amarelas e laranjas, carregando suas sombrinhas pretas no meio do dia quente, em Luan Prabang. A arquitetura colonial francesa das casas, com suas amplas varandas de madeira, mescla-se com templos dourados e com mercadinhos de esquina cheios de produtos globais e locais. Neles se encontra desde batatas Pringles, sabonetes Dove, água, frutas, sementes de girassol até algas secas, entre mil outras quinilharias. A cidade é pródiga em restaurantes, cafés, feiras, comida de rua, templos, monges, trânsito intenso de motos e tuc-tucs.

A paisagem é colorida pelas feiras e seus tecidos estampados. Colchas, panos bordados, roupas, bolsas, lenços de seda, algodão e sintéticos. Os tecidos estão nas calçadas e nos corpos dos estrangeiros que circulam sem cessar pelas ruas de Luan Prabang. Os turistas são, em sua maioria, ocidentais ou chineses. Os ocidentais são jovens loiros e mochileiros, e também casais grisalhos de meia-idade. E os chineses emergentes são barulhentos. Alguns vêm com seus carros grandes e lotam as ruas da pequena cidade do Laos.

A comida é leve, mais cozida e menos frita. É apimentada, mas nem sempre. Inclui grande variedade de vegetais, e tem um arroz muito aromático. O stick rice é o acompanhamento de quase todos os pratos. Um arroz servido em pequenos cestos de palha. Arroz para se comer com a mão, em grumos. Bom pra se pegar com o hashi. Aromático, saboroso e suave. As surpresas gastronômicas ficaram por conta da flor de bananeira usada em saladas, das peles de porco e búfalo em várias iguarias, do delicioso suco de tamarindo. A baguete, incorporada da colonização francesa, é vendida como comida de rua, entre peixes secos e vegetais.

A comunicação é gentil, apesar do inglês com acento laosiano, que nos leva a imaginar mais do que a decodificar. A postura amena das pessoas não deixa transparecer o passado de guerra, bombardeios e a herança ainda vigente dos campos minados. Um provérbio afirma que os laosianos podem escutar o arroz crescer. Só que este provérbio deve ser de um tempo em que não havia tantas motos trafegando pelas ruas. Apesar disto, traduz o espírito contemplativo e a atenção plena de que só os budistas são capazes de ter.

O Laos já foi habitado por milhões de elefantes. Atualmente, abriga projetos de proteção a estes grandes mamíferos. Um dos passeios clássicos é o de

“andar de elefante”. Os elefantes carregam um cercadinho fixado nas costas, onde ficam cadeiras para duas pessoas. E é nelas que vão os visitantes. O condutor de elefantes é o Mahut, sendo que tanto a palavra quanto a prática foram importadas da Índia. No mesmo parque onde andamos de elefante também era possível tomar aulas e até se tornar um condutor de elefantes. Não optamos por este item do programa, embora reconhecendo que seria uma nova habilidade, talvez oportuna para adicionar aos nossos currículos lattes. Os Mahuts são jovens e leves. Ficam sentados com as pernas em volta do pescoço do elefante, e vão “dirigindo” o animal numa interação corporal de grande intimidade entre os dois, por meio de gestos de pernas e braços, com toques sutis na cabeça do animal. Eles usam palavras de comando simples, quase aos gritos, e levam aquelas desaceleradas criaturas a descer uma pequena rampa e entrar num rio, empreendendo uma caminhada entre águas, várzeas e, no final, percorrendo os caminhos sinuosos e estreitos dos vilarejos em torno do parque. Ali os elefantes, com os turistas nas costas, dividem espaço com motos, caminhões de material de construção, búfalos, galinhas, cachorros e crianças.

O Laos é cortado pelo rio Mekong, que já foi cenário de filmes de guerra de Hollywood. Atualmente, a vista do rio é muito desejada para a instalação de cafés, lojas e restaurantes. Nesta margem do rio, o inglês é o passaporte para um novo destino. Mas enganam-se os que imaginam que isto é algum tipo de irônica rendição à língua do inimigo. Os laosianos não parecem preocupados. Apenas seguem o fluxo dos tempos e suas impermanências com desapego e pragmatismo, enfrentando a batalha de cada dia e reinventando sempre o seu modo de vida.



Camboja – uma história rica e pouco conhecida!

Luis Felipe Nascimento

O que você sabe sobre Camboja? Provavelmente lhe virá em mente “templos” ou algo sobre o “Khmer Vermelho”. Pois este país, que tem 95% da população budista, tão distante e tão pouco conhecido dos brasileiros, possui uma história muito rica, cheia de horrores e de coisas lindas.

No século IX se formou o reinado da etnia Khmer que atingiu o seu auge no século XII, quando a região chegou a ser a mais desenvolvida do Mundo. O Império Khmer, que tinha Angkor como capital, construiu grandes templos, mas também hospitais e estradas.

O Camboja tem uma história de guerras contra os países vizinhos, contra os franceses e americanos, e principalmente, de guerras e conflitos internos. O conflito interno mais recente e conhecido ocorreu no governo do Khmer Vermelho, nos anos de 1975 a 1978. Foram três anos e oito meses de genocídio. Este é considerado o mais cruel governo do século XX. Não sei se houve algum outro semelhante na história da humanidade.

Durante a guerra do Vietnã, os americanos bombardearam as bases vietnamitas no Camboja, fortalecendo a guerrilha cambojana que lutava para assumir o poder. Quando o Partido Comunista assumiu o poder instalou o governo denominado de Khmer Vermelho.

O Partido acreditava que as cidades estavam contaminadas pelo capitalismo e que o Camboja deveria voltar às suas origens, ser autossuficiente, vivendo do que produzia no campo. Então, separou as famílias e mandou que a população das cidades passasse a trabalhar no campo. Foram fechados os hospitais, pois acreditavam que a medicina popular seria suficiente. As escolas foram transformadas em prisões, e os professores, artistas e intelectuais foram condenados à morte. Bastava usar óculos – o que significava que a pessoa era alfabetizada – para ser condenado à morte.

Pol Pot, o principal líder, dizia que o diploma de que o povo precisava seria obtido trabalhando na lavoura e abrindo canais de irrigação. Muitas ditaduras mataram e torturaram milhares de pessoas, mas nenhuma outra matou um quarto da população de seu país. As estimativas variam entre 1,5 e 3 milhões de vítimas, sendo que a metade delas morreu de fome ou de doenças evitáveis, como a malária.

O lema era de que "seria melhor matar um inocente do que deixar vivo um inimigo". Visitamos, em Phnom Penh, a prisão conhecida como "S21" (uma antiga escola) e o "Campo de Morte", onde se pode ver milhares de crânios das vítimas. Neste campo foram executadas 17.000 pessoas, sem usar balas, as pessoas eram mortas a machadadas e com picaretas.

O Khmer Vermelho dizia que não bastava cortar a grama, era preciso arrancar as raízes. Então, matavam toda a família de cada pessoa condenada. As crianças eram mortas na frente de suas mães. Crianças pequenas eram seguradas pelos pés enquanto batiam com sua cabeça contra uma árvore, até que o cérebro saltasse de seu crânio.

O mais incrível é que isto tudo não ocorreu na Idade Média. Ocorreu há pouco mais de 30 anos. Estes crimes não foram feitos por um louco que invadiu uma escola e matou crianças, e sim por um governo que teve o apoio de muitos países do mundo. Mesmo depois que perdeu o comando do país, o Khmer Vermelho continuou comandando uma região e, pasmem, por mais 12 anos ocupou uma cadeira na ONU como representante legítimo do Camboja. O Mundo ocidental reconheceu e apoiou este governo.

Pol Pot morreu em 1998, sem nunca ter sido julgado. As guerras deixam marcas para as futuras gerações. Ainda atualmente, as minas enterradas pelo Khmer Vermelho, que continuam fazendo vítimas. Existe uma organização internacional que trabalha pela limpeza das áreas minadas. Em vários lugares se encontra pessoas mutiladas pelas minas.

A ajuda internacional e ações como a de Angelina Jolie, que adotou uma criança cambojana, tem ajudado a divulgar e a desenvolver o Camboja. Por outro lado, o Camboja tem um patrimônio histórico lindíssimo. Na região de Siem Reap estão localizados mais de 100 templos, sendo que o principal deles é o Angkor Wat, construído no século XII, e que é um dos maiores templos do Mundo. Para visitar os principais templos são necessários de três dias a uma semana.

O Camboja já foi a região mais desenvolvida e depois uma das mais atrasadas do Mundo; já construiu hospitais no século XII e os fechou no século XX; e, atualmente, já é um país que recebe cada vez mais turistas, muitos deles jovens. Tem um povo simpático, uma culinária especial, praias e natureza linda. Lugares como a Avenida "Beira Rio", em Phnom Penh, e a "Pub Street", em Siem Reap, possuem muitos bares e restaurantes, são lugares alegres e de muita festa. Os turistas se sentem seguros, não existe violência e roubo, as mulheres podem andar sozinhas à noite.

A situação social do Camboja ainda é precária, e as diferenças culturais chocam os ocidentais. Por exemplo, ao longo dos anos, a educação foi feita principalmente pelos monges budistas e dedicada aos meninos. Ainda atualmente, 20% das meninas deixam a escola para cuidar dos irmãos menores. Os homens precisam pagar dotes para "comprar" as esposas.

Visitar o Camboja faz a gente refletir sobre os extremos da capacidade do ser humano para fazer o mal e para fazer o bem. É difícil entender como um povo que sofreu tanto consegue ser alegre e tratar bem o desconhecido.



Tailândia – sem polícia e sem assaltos!

Luis Felipe Nascimento

Sonhar e programar férias não faz mal a ninguém. Se você deseja algum dia fazer férias em lugares como o Caribe, Austrália-Nova Zelândia, Ilhas Gregas... então inclua na sua lista a Tailândia.

A Tailândia é um país tropical, logo ao norte do equador, e um dos mais seguros do mundo para os turistas. Na Tailândia, não há trombadinhas como os brasileiros e nem a quantidade de policiais de Manhattan. Aliás, tanto na capital, Bangkok, como nas ilhas e cidades do interior, quase não se vê policiais nas ruas, apenas alguns poucos guardas de trânsito.

Como pode, um país em desenvolvimento, com tanta gente pobre, cheio de turistas, viver sem policiamento e sem assaltos? Realmente é um país exótico! O antigo "Sião", passou a se chamar "Tailândia" (Tai = liberdade, Terra da Liberdade) em 1938. O povo e a língua Sião atualmente se chamam "Thai".

Uma curiosidade: você sabe por que os gêmeos que nascem unidos por alguma parte do corpo, são chamados de "siameses"? Porque o primeiro caso registrado foi em 1811, no povo Sião (Siam). Segundo tal registro, eles nasceram unidos por uma membrana cartilaginosa na altura do peito. Cresceram, foram contratados por uma Companhia de espetáculos e casaram com duas irmãs americanas. Um teve 10 e outro 12 filhos. Como fizeram? Não faço ideia! O gato "siamês" também é originário da Tailândia, eram gatos da realeza.

Bangkok é a porta de entrada da Tailândia. Uma cidade com 6 milhões de habitantes, possui os atrativos de qualquer metrópole ocidental e um aeroporto moderno, que "dá de dez a zero" no Galeão e em Guarulhos.

A moeda local é o "Bath", que se pronuncia "bah". Ao perguntar o preço de um produto, uma gaúcha ouviu: "500 bah", e respondeu (meio "no automático"): "Bah! Too expensive!", deixando o lojista sem entender.

O centro turístico de Bangkok, por onde passam milhares de turistas de todo o Mundo, é extremamente peculiar. São ruas estreitas e tomadas por restaurantes, casas de massagens e uma espécie de mercado popular, onde se pode comprar de artesanato a escorpiões e grilos torrinhos.

As massagens podem ser feitas por peixes, beliscando seus pés, ou por

massagistas. Um bom programa é sentar numa espreguiçadeira colocada na calçada, em baixo de uma árvore, e fazer uma massagem tailandesa. Imagine alguém passar meia hora só massageando os seus pés, enquanto você toma um suco ou uma cervejinha gelada? Entre outros lugares interessantes para visitar, destacaria Bangkok, que fica no centro do país, Chiang Mai no norte e as praias de "Koh Pee Pee", no sul. Na região de Chiang Mai existem muitas fazendas de elefantes, onde se pode andar e dar banho neles. Dizem que um elefante come diariamente o equivalente a 10% do seu peso, ou seja, eles comem uns 250 kg de pasto e de bananas. Sim, eles adoram bananas. Para matar a sede, vão mais uns 100 a 150 litros diários de água.

Os elefantes fazem parte das mitologias budista e hindu, e são um símbolo do país. Nesta região se pode conhecer as mulheres long neck, que, dos 7 aos 24 anos, vão acrescentando anéis de cobre visando espichar o pescoço. Esta tradição é da Birmânia (hoje Myanmar), mas ultrapassou a fronteira e se estabeleceu em uma pequena tribo nas proximidades de Chiang Mai.

Em Chiang Mai talvez seja um dos melhores lugares para se fazer uma cooking class de um dia ou de meio dia. Os alunos são levados ao mercado para conhecer os ingredientes, depois preparam e comem o que cozinharemos. Se ficar ruim, azar do cozinheiro, vai ter que comer!

Mas, se você quiser praias paradisíacas, muito sol, festa ou muita tranquilidade, então vá para Koh Pee Pee. Lá foi rodado o filme "A Praia", com Leonardo Di Caprio. Depois disto, houve uma invasão na Ilha, que apresenta alguns problemas na infraestrutura, mas que são esquecidos quando se vê aquele mar verde e as praias, cada uma mais linda do que a outra.

Em Koh Pee Pee tem desde gente alugando beliche, até resorts de alto padrão. Tem curso de mergulho e tatuagens de todo o tipo. Tem hospedagem e comida de todo o preço, mas lá tudo custa o dobro ou mais do que em Bangkok.

Como em outros países em desenvolvimento, os preços dos serviços nunca ficam no que foi combinado. O taxista vai lhe pedir para pagar o pedágio. O motorista da "Tuc-tuc" (uma espécie de táxi feito com uma moto e um reboque), vai lhe dizer que o preço tratado era só para a ida, não incluía a volta do passeio! Comprar um produto exige uma negociação, onde sempre se consegue uma redução no valor inicial.

Em Bangkok você pode mandar fazer quantas camisas quiser, sob medida, e recebê-las em 6 horas. Ternos ou vestidos de festa ficam prontos em 24 horas. Enfim, são coisas muito estranhas para os brasileiros, a começar pelo alfabeto tailandês, cheio de cobrinhas! Monges budistas nas ruas, que comem apenas o que lhes é oferecido pelos fiéis.

Nas lojas e restaurantes o inglês se resume a poucas palavras, mas isto não impede uma boa conversa, muitas vezes em tailandês com gestos e mímicas. Por tudo isto, a Tailândia merece fazer parte dos seus futuros planos de férias!



Urbanização e êxodo rural na China

Antonio Domingos Padula

O fenômeno do êxodo rural não é novo. Na industrialização da Europa, no final do século XVIII e início do XIX, a população agrícola foi chamada para ser a grande fornecedora de mão-de-obra para as fábricas que se estabeleciam. No final do século XIX e início do XX, o fenômeno se repetiu novamente nos Estados Unidos da América. No Brasil, a industrialização após a 2ª Guerra Mundial novamente fez apelo à população rural para se prover de mão-de-obra para a indústria nascente. Cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Fortaleza tiveram suas populações dobradas, triplicadas e até mais do que isso. Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos e no Brasil, uma das consequências desse processo rápido de urbanização da população foi o surgimento de grandes áreas populacionais com níveis mínimos de condição para a manutenção da vida humana. No hemisfério norte, elas foram chamadas de Slums. Aqui, do "lado de baixo" da linha do equador, foram chamadas de favelas. Embora toda a precariedade das condições de vida nas slums e favelas, o meio urbano se mostrava mais atrativo do que o meio rural, fazendo com que, nesses países, houvesse uma inversão na distribuição populacional, de 80% de população rural para 80% ou mais de população urbana.

Chegou a vez da China. O que há de novo no fenômeno da urbanização Chinesa? Parece que duas variáveis, entre outras tantas, apresentam características especiais para a China. Primeiro, é uma civilização com mais de 5000 anos. E também há a ordem de grandeza dos números envolvidos. Os registros mais remotos sobre a civilização chinesa mostram o quanto o destino de qualquer cidadão(ã) chinês(a) é fortemente atrelado à terra e a seu domicílio. Os levantamentos demográficos mais recentes apontam a China com uma população de cerca de 1,4 bilhão de pessoas (ou aproximadamente 20% da população mundial). Há menos de 25 anos, 80% dessa população morava no meio rural. Em 2013, já são 60% urbanos e apenas 40% vivem no meio rural.

Com o estabelecimento do regime comunista, na década de 1950, e com a coletivização dos meios de produção, o destino de um cidadão chinês ficou mais do que nunca "amarrado" ao seu domicílio. E, com uma população que era 90% rural, este "domicílio" já significava "rural". O sistema que estabeleceu este "domicílio" como o grande identificador e norteador das possibilida-

des das pessoas chama-se Hukou e é válido até o presente. O sistema hukou determina que a seguridade social, a habitação e o acesso à escola estão estabelecidos no domicílio onde o indivíduo nasceu. Enquanto a população era predominantemente rural, parece que o hukou não era tão problemático para os indivíduos chineses. O "problema" emergiu quando, em 1972, o presidente americano Richard Nixon iniciou uma retomada das relações americanas com a China e, em 1979, quando Deng Xiaoping, o pequeno timoneiro da nação mais populosa do mundo, desencadeou um conjunto de medidas e iniciativas que transformariam definitivamente a vida dos chineses: orientação para uma economia de mercado (dirigida pelo partido único no poder).

Decorrente das medidas de abertura econômica e da disponibilidade de recursos abundantes, a China entrou num processo rápido de industrialização, crescendo seu PIB na ordem de 10% ao ano entre 1980 e 2010. Aqui também o trabalho na indústria, o conforto, a riqueza e a atratividade do meio urbano estão atraindo e levando dezenas, e até centenas, de milhões de chineses a deixar o campo e se dirigir para as cidades. E o hukou? Não mudou. Ou, se mudou, foi muito pouco. Na verdade, esses milhões de pessoas que estão deixando o meio rural e indo para as cidades continuam sendo "rurais" e atrelados às suas cidades natais. Sua condição nas cidades é a de "migrante", sem direitos à seguridade social, à habitação e à escola para os filhos. Pelo sistema hukou, esses migrantes não são cidadãos da cidade para onde se deslocaram. Nessas cidades, os migrantes são pessoas de segunda classe. Moram em bairros afastados, construídos pelo governo para serem alugados para migrantes a baixo custo. Esses apartamentos são de 50 a 60 m², que já são "palacetes", se comparados aos padrões rurais chineses, de 10 m². Atualmente, existem, na China, aproximadamente 300 milhões de "migrantes". Estes números, tal como todos os outros "números" na China, são impressionantes.

Assim como no processo de "slumization" e de "favelização", parece que os chineses estão diante de um sistema injusto e de apartheid. Como o governo chinês vem tratando esse enorme problema? O pacto federativo chinês estabelece que seguridade social, habitação e escola são de responsabilidade das cidades e províncias. Assim, para uma cidade conceder "domicílio urbano" (hukou) para um migrante, ela precisa assumir a responsabilidade de lhe prover seguridade social, habitação e escola para os filhos. E isto é um grande fardo para as cidades, embora estas – que, muitas vezes, tenham interesse em acolher migrantes, principalmente aqueles com maior escolaridade – tenham restrições a esta concessão, devido às suas limitações orçamentárias. Algumas cidades têm conseguido recursos via venda de terrenos rurais de sua periferia para grandes empresas construtoras. Mas esta alternativa já vem se mostrando insustentável. As áreas e terrenos para a prefeitura vender aos construtores são geralmente confiscados dos produtores rurais ou reembolsados a valores muitas vezes insuficientes até mesmo para que esse agricultor possa adquirir um apartamento na nova construção de apartamentos que se erguerá em sua antiga área rural. Ou seja, um caminho escolhido para ser uma solução pode estar levando a novos problemas. Esta alternativa de obtenção de recursos pelas prefeituras tem recebido críticas tanto dos produtores rurais quanto dos meios de comunicação e da mídia.

Outros problemas que emergem desse processo de transformação de áre-

as rurais em espaços urbanos são a competição pelo uso da terra para a produção de alimentos versus a produção de habitações urbanas e a poluição produzida pela demolição de antigos bairros residenciais nas periferias e nos centros urbanos. Os materiais de demolição são moídos e produzem grandes volumes de poeira. E esta, aliada à fumaça das queimadas realizadas na agricultura e aos gases de combustão dos veículos nas cidades e das usinas termelétricas alimentadas por carvão mineral, estão transformando as cidades chinesas em locais impróprios para se habitar. Muitos executivos de grandes empresas têm pensado duas vezes antes de decidir se morariam ou não em Shanghai, devido à sua poluição.

Parece, então, que se está diante de um paradoxo. Se, por um lado, o sistema de hokou está gerando injustiça, apartheid e discriminação entre classes "urbana" e "rural", por outro lado, o sistema de hukou tem inibido a formação de "megafavelas" nas periferias das grandes cidades chinesas.

Que alternativas se poderia vislumbrar para um país que tem tradição milenar, 20% da população mundial, franco processo de industrialização, necessidade de se urbanizar e um sistema "hukou" conservador? Como tudo na China é grande, este debate fica para um espaço também maior, muito maior do que temos aqui.

Sugestão de leitura: Tom Miller, *China's Urban Billion – the story behind the biggest migration in human history*, Zed Books, London, 2012.



Cambas e collas É possível um viver bem sem o outro?

Roberto Villar Belmonte

“Existem cinquenta tons de verde”, constatou a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, na abertura do V Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental, realizado em outubro passado, em Brasília (DF), em uma referência bem humorada ao best seller “Cinquenta tons de cinza” da escritora inglesa Erika Leonard. Talvez eu já tenha encontrado bem mais do que cinquenta diferentes “tons de verde” desde 1991, quando comecei, como jornalista profissional, a acompanhar os debates que envolvem o meio ambiente. E isto, aparentemente, seria uma boa coisa, pois, em tese, quanto mais pontos de vista melhor. O problema é que, na prática, os tais “tons de verde”, por mais incrível que possa parecer, costumam não apenas destoar entre si, mas também buscam, sempre que podem, ofuscar uns aos outros. As divergências viram regra. As convergências, exceção. Não raro, os mais de cinquenta tons de verde cristalizam-se em torno de apenas duas pobres tonalidades, ranzinzas, sectárias, geralmente intolerantes.

Este sectarismo, que no Rio Grande do Sul é conhecido como “grenalização” da sociedade, em referência à rivalidade futebolística entre Grêmio e Internacional, na Bolívia é ainda mais marcante. Historicamente, o país se divide entre cambas e collas (se pronuncia coias ou colhas). Não se trata apenas de uma distinção geográfica entre nascidos em Santa Cruz de la Sierra, onde predomina a agricultura empresarial, o petróleo e o gás natural, e os nascidos no altiplano, onde estão as plantações de coca, a agricultura de subsistência e a mineração. É mais. Em Santa Cruz de la Sierra, é triste ver o modo discriminatório como se referem aos collas, aymaras e quíchuas, descendentes do império Inca. E, entre eles, está o presidente Evo Morales. Na verdade, há oito anos os “ricos” do oriente boliviano não aceitam um índio no poder.

Estive duas vezes na Bolívia. A primeira delas foi no segundo mês do mandato de Evo Morales. Na época entrevistei, em La Paz (a capital política), para a revista de uma fábrica de tratores do Brasil, o ex-guerrilheiro Felipe Quispe Huanca, secretário-executivo da Confederação Sindical Única

de Trabalhadores Campesinos da Bolívia, que defendia a modernização das propriedades do altiplano com máquinas agrícolas. Quispe, que disputou a presidência com Evo (eram diferentes os tons de verde), na eleição do dia 18 de dezembro de 2005, e fez apenas 2,2% dos votos, é conhecido como El Mallku, que significa "o príncipe" na língua dos índios aymara, a mesma etnia do presidente Morales.

Juan Evo Morales Ayma, do Movimento al Socialismo (MAS), foi eleito no primeiro turno com o apoio de 53,7% dos eleitores. El Mallku, apesar do fracasso na eleição, por falta de dinheiro para fazer campanha, como me explicou na época, tem história na política boliviana. Ele foi um dos comandantes do Exército Guerrilheiro Tupac Katari, movimento armado que também tinha em seus quadros o atual vice-presidente, Álvaro Marcelo García Linera. Na entrevista que me concedeu, às margens do lago Titicaca, o ex-guerrilheiro me falou da herança cultural dos incas, do espírito comunitário dos campesinos, em contraponto ao individualismo ocidental (em uma crítica aberta aos cambas), da sua visão mística a respeito da natureza, do respeito e da devoção que eles (os collas) têm em relação à água, às plantas e à "Pacha Mamma", a Mãe Terra. Uma aula de ambientalismo, me pareceu.

A segunda vez que estive na Bolívia foi recentemente, em fevereiro de 2014, novamente para realizar uma reportagem para a revista de uma fábrica de máquinas agrícolas do Brasil. Desta vez, cobri uma entrega de tratores e colheitadeiras feita pelo próprio Evo Morales. E em Santa Cruz de la Sierra, o quartel-general da resistência ao seu governo. Era visível o descontentamento camba com o índio cocalero colla que preside o país. Ouvindo ele discursar sobre a importância dos novos equipamentos para os pequenos e médios agricultores da região oriental, pensava na Constituição Política do Estado Plurinacional da Bolívia, aprovada por 2/3 do Congresso Nacional em outubro de 2008. É um documento famoso no mundo (dos que pensam à esquerda), principalmente pelo seu artigo oitavo, onde está escrito que o Estado assume e promove como princípios ético-morais da sociedade plural o viver bem, a vida harmoniosa, a vida boa, a terra sem mal e o caminho ou a vida nobre. A Bolívia vive um momento histórico. Em construção. Repleto de conflitos. Ainda muito marcado por intolerâncias. De ambos os lados.

Os originários contemporâneos, conhecidos como cambas, e os originários milenares, chamados de collas, têm tanto a aprender uns com os outros... Tomara que consigam. E nós? Será que um dia vamos, de fato, conseguir nos dar conta de que o nosso viver bem, como afirma o princípio ético consagrado na nova constituição boliviana, depende do viver bem do outro? Vamos dialogar com os mais de cinquenta tons de verde ou continuaremos dividindo o mundo em "a favor" e "contra"? Preto e branco? "Do bem" e "do mal"? Cambas e collas?

Entre là e cà



O Rio de Janeiro continua lindo, mas Porto Alegre é tri legal, tché!

Mari - Mariângela Conte Cornetet

Há quase um ano dividimos residência entre Porto Alegre e o Rio de Janeiro. Os principais motivos foram os profissionais, aliados à busca por um padrão mais adequado ao nosso estilo de vida.

O Rio é realmente uma cidade maravilhosa... Para quem gosta de esportes, como nós, as oportunidades são muitas. É impressionante como o movimento na orla e nos parques é quase ininterrupto. As redes de vôlei, futevôlei, tênis, as pistas de corridas, caminhadas, ciclovias, as tendas de ginástica funcional, natação, SUP e tantos outros esportes "bombam" no Rio de Janeiro. Pessoas de todas as idades participam de atividades saudáveis e lúdicas! Não há distinção: é o lifestyle carioca! A vitamina D adquirida por meio do sol, o banho de mar e a água de coco gelada, durante todo o ano, revigoram e deixam as pessoas mais alegres, ativas e felizes.

Além dos passeios tradicionais – Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Maracaná e tantos mirantes – a visita ao Parque da Catacumba, ao Parque Lage e ao Jardim Botânico são bem interessantes. Os parques ficam próximos à Lagoa Rodrigo de Freitas, onde, além de caminhadas e corridas, se pode dar a volta de bike (são 7,5km). E, saindo da Lagoa, em frente ao Clube Caiçaras, é possível chegar até a orla com segurança, pela ciclovia.

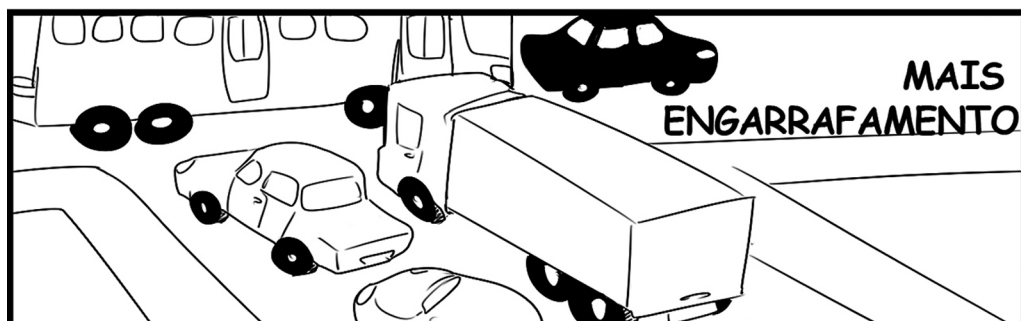
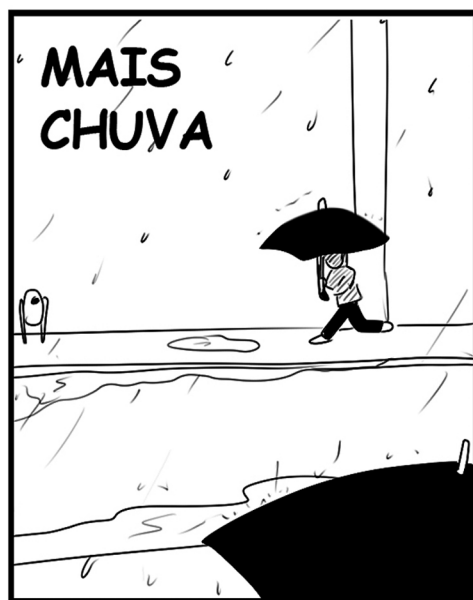
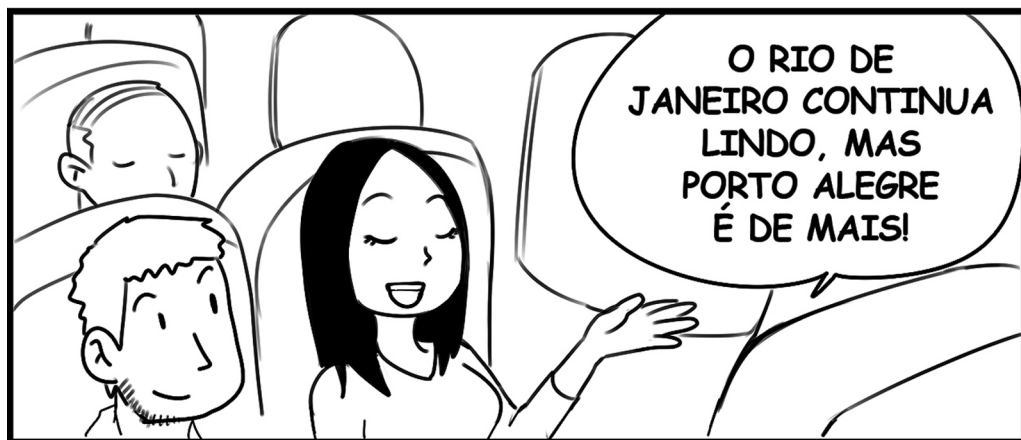
O centro da cidade também tem seus atrativos, como o MAR (Museu de Arte do Rio) e prédios históricos lindos, como o Teatro Municipal e a tradicional Confeitaria Colombo, que também pode ser visitada no Forte de Copacabana em um final de tarde. A paisagem é linda!

Para quem gosta de bares, restaurantes, teatros e noite, as opções também são diversas. Sempre há uma atração que agrada cada pessoa. Recentemente, assistimos ao musical "Elis" no Teatro Oi Casagrande, que foi sensacional! Tivemos a oportunidade de ver shows incríveis também na Lapa – na Fundação Progresso, no Circo Voador e no Rio Scenarium, outro local "in", que faz com que muitos turistas queiram conhecer a noite carioca. Na Lagoa Rodrigo de Freitas, o Lagoon é um local muito agradável, com cinemas, restaurantes e uma casa de shows, a Miranda, que apresenta artistas em pequenos eventos bastante simpáticos. Além desses shows, em vários domingos do mês, a Miranda oferece uma feijoada regada ao som de algum

tradicional sambista carioca.

Por outro lado, mesmo que o Rio continue lindo, depois de algumas semanas, já contamos os dias para voltar a Porto Alegre. Mesmo sem Pão de Açúcar, Forte de Copacabana e Rio Scenarium, Porto Alegre é que chamamos de lar – talvez pelos amigos, pela família e pela maior tranquilidade. É a cidade que nos acolheu, onde tivemos nossos filhos e criamos relações de amizade que aqui no Rio não encontramos. Não querendo ser bairrista – e talvez já o sendo! – Porto Alegre é o melhor lugar para morar, tchê!

PORTO ALEGRE É D+





Uma gaúcha nordestina

Lilian Caporlingua Giesta

Bah, tchê... Tem gauchices que são difíceis de abandonar. Mas, seis anos depois de ter me mudado do Rio Grande do Sul para o Rio Grande do Norte, já posso dizer que estou bem adaptada ao Nordeste. A primeira das adaptações foi com o clima. O período de junho a setembro oficialmente é o inverno, mas por aqui o que popularmente é chamado de "inverno" é o período de chuvas, que geralmente acontece entre março e julho. No "inverno" daqui, creio que a temperatura mínima fique em torno de 23 graus. Acho uma maravilha!! Nunca fui muito fã dos invernos rigorosos do RS. Aliás, nem dos "não rigorosos". Considero o inverno elegante, parece que andamos mais "bem arrumados", a maquiagem demora a escorrer. Mas gostar do frio, disso eu não gosto, não... Assim, mesmo sem ser entusiasta por praia – ah, sim, somos muito bem servidos de praias por aqui – adoro o clima do meu novo lugar.

Não é apenas em relação à temperatura, a minha adaptação é perceptível para quem conversa comigo. Não abandonei os "bah", "barbaridade", "tchê", "guri/guria", "Capaz...", apenas incrementei o vocabulário. Para começar, o uso do "Pronto!" O seu uso é múltiplo, essencialmente para o fechamento de negociações e conversas, sempre carregado no cantado sotaque nordestino: "Prooonto!" O "Deu certo?" ou "Deu certo." também foi facilmente incorporado, assim como reiterar as negativas, ou simplesmente invertê-las. Dificilmente faço a inversão. Já me decepcionei tanto com essa inversão que evito seu uso. Vou explicar: logo que me mudei, eventualmente procurava, de loja em loja, por algum item qualquer, e tinha uma confusão de emoções quando obtinha a resposta "Tem... não..." Começava com uma forte esperança de que minha procura terminara e que finalmente compraria o produto, até a frase ser terminada com o "NÃO". Também já me frustrei com respostas como "Tem.... Mas tá faltando." Por isso, agora prefiro a ratificação, o "Não tem, não." No RS, já somos mais diretos "Não tem.", "Prooonto!"

A incorporação de vocábulos e expressões diminuiu, mas não eliminou meu sotaque. Eu sou de Rio Grande, no sul do Rio Grande do Sul, que já tem sotaque diferente do de outras regiões do Estado. Lá, falamos "tu" e conjugamos o verbo no "tu". Quando morei em Porto Alegre, aprendi a falar cantado, no estilo "Magro do Bonfa", mas sem abandonar de vez o jeito de falar riograndino. Vindo para o nordeste, minha "musicalidade" ficou mais

confusa, pela minha interação com pessoas de vários sotaques nordestinos e de outras regiões do país. Essa confusão se dá porque me identifiquei/identifico com todos esses lugares em que vivi. Me misturei a eles. É possível perceber isso nessa escrita, já que minha identidade é nordestina, gaúcha, riograndina e portoalegrense.

Por outro lado, essa identificação não me fez gostar de forró, de coentro, ou da ideia de tomar chá mate (sim, aquele mesmo: doce e gelado). Nesse exercício de "aculturação", tive dificuldades, claro. Mas elas foram superadas ou amenizadas com as grandes riquezas adquiridas. O clima, as paisagens, as amizades, os aprendizados, os momentos pitorescos... Estes são apenas alguns dos fatores que me fizeram e fazem feliz. Continuo gaúcha, e com orgulho da minha cultura. Só que agora sou uma gaúcha nordestina. Bah, bichinho!



Brasiliense? Por que não?

Jana - Janaína Kern da Rosa

Muita gente resume Brasília como sendo o reduto da corrupção, dos desvios de conduta, o epicentro de todas as mazelas do nosso país por ser o centro do poder público federal. Quem vive aqui, principalmente quem nasceu aqui, sabe que a cidade não se resume a isso e fica ofendido quando o senso comum joga todos os seus habitantes na mesma vala. Em vários aspectos, Brasília é uma cidade agradável de viver, cheia de parques, ampla, acolhedora, de clima agradável, diversa pela população que a constitui, que é originária de vários estados brasileiros, e tem belezas arquitetônicas sem igual. É um bom local para morar, independentemente da fama que tenha.

Para quem chega, seja de Rosário ao fim da tarde ou de Uruguaiana de manhã ou ainda de Porto Alegre, Belém ou Salvador, olhar toda a amplitude da cidade assusta, em um primeiro momento. Não há como comparar Brasília com uma cidade "normal". As ruas são largas – quase conseguimos ver a cidade de uma ponta à outra – e as suas quadras parecem ser todas iguais à primeira vista. As "tesourinhas", onde você tem a impressão de rodar, rodar, rodar e não sair do lugar, o trânsito veloz, muito mais carros nas ruas (ou melhor, nas quadras) do que pessoas, a organização por números e não por nomes. São muitas as diferenças. Mas, na ânsia de comparar, sentimos saudade dos prédios antigos, da cara de cidade que foi se formando aos poucos, da "lógica meio sem lógica" de um centro que não fica exatamente no centro, do calorão, do frio, do sotaque carregado. Se tem saudade de tantas coisas que ficamos chateados e com uma vontade louca de percorrer os 14 quilômetros do "eixão", pegar o primeiro voo no aeroporto JK e abandonar essa cidade "esquisita".

Se você é persistente e resiste bravamente ao ímpeto de retornar, aos poucos, percebe que seus olhos começam a se acostumar e você vai descobrindo que viver aqui é mais fácil do que parece. Passa a conhecer o Parque Nacional de Brasília, com suas piscinas de água mineral, para dar um frescor no calor, e o Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek, onde você pode fazer até churrasco embaixo das árvores – com a devida infraestrutura de churrasqueiras, mesas e pias – caminhar tomando seu chimarrão no final da tarde, praticar esportes, viver ao ar livre. Vê que a organização das quadras é simples, e que elas facilitam mais a sua vida do que você imaginava. Basta saber contar, saber a diferença entre par e ímpar e entre leste, oeste, norte e

sul. Consta que para atravessar do "eixinho L" para o "eixinho W" é preciso apenas fazer "meia tesourinha" e que a "agulhinha" o conduz diretamente ao "eixão", economizando um bom tempo no seu trajeto. Você descobre as vantagens de buscar o seu filho no colégio para almoçar em casa, em família, e só depois voltar ao trabalho – e isso não tem preço! Assim, começa a desfazer a primeira (má) impressão causada, e a abrir o coração para as novidades que a cidade oferece. Então, no final de semana, vai até o Pontão do Lago Sul, caminhar à beira do lago Paranoá, e se depara com um pôr do sol tão bonito quanto o do Guaíba ("tão quanto", não "mais"). Passeia pela feira da Torre de TV, e encontra comida típica e artesanato de quase todos os estados. Sobe na mesma torre e observa as luzes da cidade. Cada detalhe do contorno do avião. E admira a genialidade dos idealizadores e dos executores desta imensa obra arquitetônica.

Contudo, é possível sentir falta de pequenas coisas que ficaram naquele outro lugar, onde muitas vezes desejamos estar. Os amigos, a família, os cheiros, os sabores, as cores. Novamente, você olha ao redor, e repara que não é o único que se sente assim. Seus novos colegas de trabalho, seus vizinhos, os colegas de escola do seu filho e tantas outras pessoas estão na mesma situação, cada um sentindo falta daquilo que ficou no seu lugar de origem. Então as afinidades aparecem, os encontros passam a ser mais frequentes, assim como as trocas de experiências culturais, ideológicas, gastronômicas. A partir daí, entendemos que também é possível compartilhar bons momentos longe do pago. E aquela necessidade urgente de voltar deixa de ser tão urgente assim, apesar da busca incessante por promoções de passagens aéreas para viajar até lá no feriado mais próximo. Compreende que são as pessoas que fazem a cidade, e que mesmo estando no centro do poder nacional não se respira política o tempo inteiro, muito menos corrupção. Depois de certo tempo, quando você já se sente parte do todo, também tem vontade de defender e dizer aos outros que a cidade de Brasília vai além da política e que, com todas as suas peculiaridades urbanísticas e sociais, é possível viver bem aqui. Brasília carrega consigo um pedacinho de cada estado brasileiro. Se você ainda não conhece, fica a dica: Vale a pena conhecer.



Fevereiro e a Curva do Choque Cultural

Bárbara Basso

Nos meus últimos 2 fevereiros, eu estava do outro lado do equador (e também do outro lado de Greenwich), o que significa que era inverno.

As "Teorias de Choque Cultural" te ensinam sobre como varia teu humor, conforme vai passando o tempo fora do teu país.

O que ninguém jamais me ensinou foi o impacto de "fevereiro" para os brasileiros.

Fevereiro é sempre depressão, é um vale profundo no gráfico do choque cultural.

Acontece que, do lado de lá, fevereiro é inverno. Mas não é mais aquele início de inverno, quando ainda é interessante descobrir que teu cabelo congela, quando ainda é divertido brincar na neve... Não, não... Lá é frio desde outubro, e neva desde novembro... Então, em fevereiro, tu não aguenta mais o frio. Tu já acha "um saco" que as bochechas e a ponta do nariz fiquem vermelhas a cada vez que tu sai pra rua. Tu já acha "um saco" a neve que gruda na barra da calça e vira água quando tu entra em qualquer lugar... E tudo fica molhado e sujo.

E fevereiro ainda não é tão "final do inverno", para que tu já esteja esperançoso com a chegada da primavera... Ainda não tem a intenção das flores, os dias ainda são muito menores do que as noites. E, claro, tu já não aguenta mais perder teu domingo inteiro porque tu acordou às 2 da tarde depois daquela festa no sábado e, quando viu, às 4 já era escuro de novo, e o teu dia se foi, evaporou-se, ninguém sabe pra onde...

Mas tudo isso acontece com qualquer pessoa que esteja no hemisfério norte em fevereiro, claro!

O problema com os brasileiros é que, somado a isso, todos os teus amigos do Brasil vêm te dizer: "Bah, cara, 'tamo indo pra Capão esse finde". Ou: "Amiga, a gente 'tá indo pra Floripa... Queríamos tanto que tu tivesse aqui!" Ou, pior ainda, quando começam os planos de Carnaval: "Ah, porque a gente 'tava pensando em aproveitar esse ano e conhecer o Rio / Salvador / ____ (insira o nome daquele lugar onde tu sempre quis passar o Carnaval)"

E mesmo que tu não goste de Carnaval, tu daria tudo pra estar do lado de cá, bronzado, deitado na rede, caminhando na areia, entrando no mar,

acampando, tomando banho de cachoeira...

E tu começa a fantasiar que o mar de Capão nem era tão "nescauzão" assim, e nem tão gelado, que a areia nem te dava micose, que tu nem ficava tão vermelha com o sol... E tu daria tudo pra trocar o in(v/f)erno europeu pela divertidíssima "Forno Alegre"... Por mais que tuas amigas continuem dizendo que te invejam tanto... Tu, que tá lá, na neve, chiquérrima!

Afinal, parece que a gente nunca tá feliz onde está...

(P.S.: Agora tô em Arroio Teixeira, uma minúscula prainha do RS, onde não tem nem um barzinho onde tomar uma cervejinha gelada durante a semana, aproveitando a sensação térmica de 40 graus, e felicíssima por estar bronzeada, tomar banho de mar todos os dias – sem nem me importar se ele tá gelado, se as mãos d'água me pegam, ou se ele é "chocolatão" – e por passar as tardes sem fazer nada, deitada na rede e lendo vários livros inúteis... Afinal, depois que tu passa por todas as curvas do choque cultural, tu começa a valorizar muito mais o lugar onde tu está, seja ele qual for..

Texto escrito em fevereiro de 2010 e publicado no blog www.barbarabasso.blogspot.com



Brasileira/Uruguaya

Côca - Maria de Lourdes Alborno

Estimulada pelo Felipe a participar nesta publicação, estou demonstrando uma característica pessoal, dita por alguns como "muito uruguaia": fazer as coisas no último momento (hoje é fim de tarde de 4 de março).

O texto da Bárbara Basso e o assunto do Carnaval do Felipe me levaram a pensar no Carnaval no Uruguai (óbvio que reclamei para o Felipe, por ele esquecer de contar alguma coisa do Carnaval no Uruguai). E, como uma coisa leva à outra, cheguei à questão (à minha questão, claro) de ser brasileira ou uruguaia...

Após vários anos morando no Brasil, eu finalmente consegui superar a "divisão" "brasileira ou uruguaia", e deixei de me sentir "de fora" em ambos os países, de me sentir "menos", para desfrutar de me sentir, ao mesmo tempo, sendo dos dois países, me sentir "híbrida", como provavelmente se sintam muitos dos nascidos na fronteira. É mais ou menos como naquela história "de começar a ver o lado meio cheio do copo, em vez do lado meio vazio"...

Agora, depois de mais de 20 anos morando em Montevidéu, às vezes confesso que fica difícil sustentar todo meu lado brasileiro. Mas continuo sendo, está aí, bem na raiz, nos sentimentos, na forma de sentir. E o Carnaval é uma dessas coisas que me lembram disso.

Contava ao Felipe que aqui se diz que o Uruguai tem o "Carnaval mais longo do mundo", pois são pelo menos 2 meses seguidos (claro que, de feriados, são só 2 dias, os mesmos dias que no mundo inteiro). Mas, pelo tempo em que ensaiam os blocos (as chamadas "murgas"), a gente acha que é bem mais tempo.

Acontece que eu não curto muito o Carnaval daqui. Não consigo me empolgar realmente, não fico vibrando, não faço o que fazia em Salvador, de sair dançando atrás de trio elétrico. E também, de caminhão: lembro daquele com o "ministro" Gilberto Gil, com o "deus" Caetano e com outras figurinhas da Tropicália...). Mas, na verdade, tem coisas interessantes no Carnaval uruguaio. Lá, dá para brincar: os tablados (são espécies de palco, com cenários, geralmente na rua ou em algum lugar ao ar livre, de madeira ou coisa assim), geralmente muito populares, nos quais se apresentam diferentes grupos, sejam "murgas", "parodistas" e outras variantes que não sei explicar. Cada grupo chega num caminhão. E, no final de sua apresentação,

cantam "la retirada". Então, há "retiradas" que ficaram famosas, entraram para a história... Mas eu não sei contar isso, nem lembro direito. Também muita prosa se escreve a respeito dessas "maratonas em caminhão", dos grupos indo de tablado em tablado... Mas isso também não me estremece em nada... Não faz parte da minha história, da minha infância, nem da adolescência. Vou fazer o quê, mentir que me emociona?

Considero, sim, que o Carnaval no Uruguai mostra aspectos culturais interessantes de observar. Uma das festas (ou atividades, não sei bem como classificar) que inclui, são as llamadas (leia-se "chamadas"), que representam as saídas que fazia a população negra (minoritária e ainda mais concentrada no bairro "Sur"), respondendo ao som dos tamborins. E, mais que nada, é uma questão de raiz africana, os instrumentos devem fazer referência a isso. Hoje em dia, há muitos "brancos" admiradores dessa festa, que aderiram a ela e que desfilam junto. Mas atenção: como em muitas das outras atividades do Carnaval uruguaio, a gente vai mais para olhar do que para dançar. Fui umas duas vezes, e jurei não voltar. Se eu deixava meu entusiasmo tomar conta e começava a dançar, sempre aparecia um idiota, que se sentia no direito de "avançar". Ver uma mulher dançando significava que estava dando "sinal verde" para os engraçadinhos...

Para ser justa, acredito que, hoje em dia, as coisas mudaram um pouco. Tenho a impressão – embora não tenha ido verificar isso diretamente – de que o ambiente está melhor, de que as pessoas podem brincar sem ter que aguentar os chatos. É que Uruguai vem mudando, gente! E isso é algo que me entusiasma!

Outra coisa também mostra dessa mudança, que é começar a proclamar que o país "tem o Carnaval mais longo do mundo". Tempos atrás, não se ouvia nada de positivo dito pelo uruguaio sobre o Uruguai.

Outro detalhe: as meninas (ou mulheres jovens...) andam mais à vontade na rua, podem usar short e minissaia, sem que o povo "caia em cima". Quando eu cheguei aqui, era um horror. Imagina que, no meu trabalho, uma empresa pública de energia elétrica, se dizia – isto é, as outras mulheres diziam – que eu não parecia uma engenheira, pelo tipo de roupa que usava, pelas cores das minhas roupas. Nem conto as piadinhas que ouvia. Pena que esta "liberalização" venha a acontecer somente agora, depois deste tempo todo, quando as minissaias e os shorts já não são uma boa opção para mim. Snif! Snif! Isto, sim, é que é duro de aceitar...

Mas e com o Brasil, o que está acontecendo? Gente! Parece que muito brasileiro esqueceu da sua típica "alta autoestima". É bom ter autocrítica, mas não exagerem!

Será que há uma certa influência mútua entre Brasil e Uruguai, tal como em Don Quijote de La Mancha, em que o escudeiro vai incorporando característica do cavaleiro, e vice-versa? Acho que já estou falando muita bobagem, vocês merecem coisa melhor...

No final de contas, tomara que os problemas do mundo fossem deste tipo! Além disso, com certeza, ficaram sem abordar muitos outros aspectos da complexa identidade cultural brasileiro-uruguaia, pelo simples motivo de que isto foi escrito em poucas horas, sem possibilidade de revisão.

Um grande beijo nos paisanos do meu lado brasileiro, e nos irmãos da minha condição de uruguaia!

Eu preciso muito de vocês!
Até!

Côca



Um paralelo entre Brasil e Espanha

Matias Poli Sperb

A partir de uma perspectiva geográfico-espacial, entre o Brasil e a Espanha existem alguns paralelos – e mais alguns meridianos... – mas a forma de pensar, baseada numa racionalidade predominantemente econômica, consumista e industrial, é muito similar. Recentemente, estive fazendo doutorado na Espanha, e pude concluir algumas coisas sobre o mundo a partir dos referidos países: o mundo ficou pequeno; e a diversidade de reflexão, menor ainda. Por outro lado, a facilidade e democratização dos meios de comunicação oportunizou, recentemente, nestes dois países (e também em outros) a centelha para novas reflexões e novas esperanças sociais. Será? Nas ruas, os protestos direcionaram-se em torno de alguns temas como o abuso de poder de governantes e das elites em geral. Mas, no final das contas, esta revolta é contra o próprio povo, que pensa da mesma forma que “eles”. Em outras palavras, se o mesmo povo estivesse no poder, provavelmente faria o mesmo que os governantes e elites de hoje já fazem, seria algo como o famoso “trocar seis por meia dúzia”. Por quê? Porque a humanidade ocidental passa por uma crise cognitiva dominada por uma racionalidade instrumental, em que se é incapaz de conceber (e, muito menos, de construir) realidades socioeconômicas diferenciadas. E, quando existe esta possibilidade, seja na vida cotidiana de alguma sociedade alternativa ou nas ideias de algum núcleo de pesquisa de uma universidade, o trem do desenvolvimento é tão longo e pesado que seu movimento inercial acaba, muitas vezes, por atropelar estas vias. Mas, voltando aos protestos – nos quais, às vezes, até parece que algo vai mudar – neles se batalha pelos direitos fundamentais de fato (saúde, educação, etc.), pelo fim da corrupção e da repressão, mas, no final das contas, a massa também quer o melhor que as elites têm e o que a TV oferece. Volto a dizer, ninguém se safá. E também já sabemos: o que os governos tomam como medidas para agradar suas populações? Acalmá-las? Desenvolvem a economia! Grandes investimentos, geração de renda, expansão do crédito, liberdade para consumir... e rápido! É o tradicional remédio para o moribundo, ou seja, o analgésico. E a educação? O.K., existe a opção de se investir em educação e, pelo menos no Brasil, este esforço vem aumentando nos últimos anos, apesar das ressalvas. Mas até que ponto é uma educação que incentiva a reflexão? No geral, a educação não busca ir mais além do que reproduzir e garantir a manutenção do modelo consumista e industrial

posto. Ela produz as engrenagens da máquina e só isso é muito pouco. Não se trata de abandonar o modelo socioeconômico dominante, como o que se desenvolve no Brasil ou na Espanha. Não se trata de abandonar o exterior, a globalização, de estar aberto para o mundo nos vários sentidos. Isso é importante para se resolver problemas planetários comuns, tais como o efeito estufa, novas guerras mundiais ou abusos dos direitos humanos fundamentais por regimes autoritários. Mas esse movimento de globalização, sobretudo dos mercados, também tem um movimento perverso, de acúmulo cada vez maior de riquezas, de padronização dos produtos e dos serviços, de desequilíbrio repentino de dinâmicas socioeconômicas em territórios ou de setores econômicos específicos, etc. Portanto, assim mesmo, é importante pensarmos o movimento contrário ao da globalização: o da localização, ou ainda melhor, da territorialização. Por exemplo, como administrador e acadêmico, vejo poucos estudos nesta área avaliando dinâmicas socioeconômicas próprias de territórios específicos. Parece haver uma fobia quanto a estudos sobre este assunto na ciência da administração, já que (parece que) interessam apenas estudos sobre a forma de atuar de governos e de empresas. Deve ser porque estes são mais fáceis de se executar, pois já conhecemos a forma de atuar destes agentes, e também porque eles estão embebidos pela racionalidade dominante. Por outro lado, se estudarmos dinâmicas próprias de um território, quanto mais originais forem as práticas para se lidar com os desafios cotidianos da vida, mais estes estudos devem avaliar as condições ambientais do território e da própria cultura da sociedade local, o que torna a análise muito mais interdisciplinar e, logo, mais trabalhosa. Em minha opinião, na ciência da administração, tomando exemplos relacionados a este enfoque, alguns assuntos devem ser muito mais pesquisados e difundidos aqui no Brasil, e também em outras partes do mundo, tais como: a governança territorial; a gestão de recursos naturais e de uso comum; as redes de cooperação; a economia social; o associativismo; entre outros. Este seria um bom começo para tornar o mundo mais resiliente e não tão suscetível de ser afetado por crises iniciadas por meia dúzia de banqueiros em Wall Street. Ainda temos a possibilidade de mudar, mas talvez o passivo ambiental que estamos gerando não nos oportunize uma segunda chance futura. Em suma, mesmo que aparentemente Brasil e Espanha sejam tão distantes espacial e culturalmente, eles são muito similares quanto ao modelo de desenvolvimento vigente e à racionalidade dominante.



Alemanha ou EUA, onde é melhor viver?

Luis Felipe Nascimento

Fazer qualquer tipo de comparação desta natureza é arriscado, pois é muito difícil analisar todas as variáveis, o que acaba invalidando os paralelos traçados. Comparar a vida na Alemanha e nos EUA não foge a esta regra. E nem estamos falando em comparar Hamburgo com Miami, mas sim regiões com condições climáticas e socioeconômicas semelhantes, como Frankfurt e Boston. Alguém irá dizer: "Você acha a região de Frankfurt semelhante à de Boston? Nunca!" Mas, depois de ter vivido nestas duas regiões, é impossível não ceder à tentação de estabelecer comparações e, mesmo sabendo dos riscos e das falhas que serão cometidas, me atrevo a buscar as diferenças, vantagens e desvantagens de viver em cada uma destas duas regiões.

Dados oficiais mostram que 27% da população de Frankfurt é composta por estrangeiros. Na região de Boston, existem muitos estrangeiros, mas ninguém sabe o número certo, pois a maioria está ilegal no país, não aparece nas estatísticas. Uma vez que existem tantos estrangeiros nestas duas regiões, elas devem ser atrativas, certo? E se tivesse que escolher, para onde você iria?

Na Alemanha, as pessoas se relacionam com os estranhos, e até com os conhecidos não muito íntimos, chamando-os de Senhor/Senhora (Sie), o que faz as relações serem mais formais. Nos EUA, todos se chamam de você (you), independentemente da idade, do grau de intimidade ou do cargo que a outra pessoa ocupa.

Quando há opção, algumas pessoas escolhem viver na Europa, devido à sua diversidade cultural. É bem verdade que, viajando poucas horas de carro, já se estará em outro país, irá se deparar com outra língua, outro tipo de arquitetura característica e também costumes diferentes. Nos EUA, você terá que viajar uma semana para atravessar o país e, embora encontre McDonald's, Holiday Inn e outras redes nacionais por todo lugar que passar, e perceba que todos estão falando a mesma língua, vai passar por montanhas, planícies, áreas férteis, desertos, frio, calor e constatar as diferenças regionais. Enquanto na Alemanha são poucas as pessoas que nunca viajaram ao exterior, nos EUA, são proporcionalmente poucos os que já saíram do país. Eles se justificam dizendo: "Temos tudo aqui, o país é tão grande..."

Porque temos que ir para lugares onde não entendemos a língua, onde não gostam de nós?”

Se compararmos os períodos de férias, veremos que os alemães costumam tirar 30 dias úteis de férias, o que representa cerca de 40 dias no ano. Já os americanos tiram duas semanas corridas, e dizem que mais do que isto fica boring (muito chato). O trabalho e o lazer realmente têm sentidos diferentes nestes dois países, pois enquanto os alemães lutam para reduzir a jornada de trabalho para 35 horas semanais, nos EUA, ainda é grande o número de workaholics (pessoas viciadas em trabalhar).

Os alemães procuram evitar a repetição dos erros do passado, e qualquer atitude nacionalista logo é associada ao nazismo. Os jovens possuem uma visão mais internacionalista, são mais abertos à convivência com culturas diferentes. Os estudantes aproveitam as férias para viajar para lugares exóticos, realizar estágios em países do terceiro mundo, etc. Já nos EUA, é praticamente impossível encontrar uma rua onde não se veja uma bandeira americana hasteada numa casa, ou na antena de um carro, ou algum adesivo dizendo “orgulho de ser americano”. O nacionalismo é cultivado desde os primeiros anos escolares.

Curioso é que, apesar da maior abertura às diferentes culturas, a Alemanha mantém a “lei do sangue” para fornecer a cidadania alemã, ou seja, os filhos de estrangeiros nascidos na Alemanha continuam sendo estrangeiros. Os EUA utilizam a chamada “lei do solo”, onde toda criança nascida em solo americano é considerada um americano. Isto faz com que existam muitas “crianças americanas” filhas de “pais ilegais” no país.

A forma de ver e de resolver os problemas difere bastante de um país para outro. Um desempregado alemão certamente irá culpar o Estado (isto é, o governo) por não ter criado um posto de trabalho para ele. O desempregado americano é visto como um perdedor, alguém que não possui a qualificação necessária para obter ou criar um posto de trabalho. O mesmo acontece com a participação das comunidades. Embora existam muitas iniciativas comunitárias na Alemanha, as pessoas sempre culpam o Estado por não estar fazendo a sua parte. Nos EUA, a comunidade assume como sua a responsabilidade de resolver os problemas locais. Os pais administram escolas, trabalham como guardas de trânsito para proteger as crianças no caminho da escola, elegem o xerife da sua cidade, etc.

Analisando o sistema de saúde e previdência social, percebe-se que os alemães não se preocupam com a velhice, pois confiam que o Estado irá tomar conta deles. Quando adoecem, o sistema de saúde garante o tratamento e os remédios. Os americanos passam boa parte da vida fazendo uma poupança, para poder garantir o conforto em sua velhice. Mesmo possuindo um plano de saúde, adoecer nos EUA significa despesa.

E o sistema educacional? O ensino, nos níveis básico e médio, é gratuito em ambos os países. Porém, enquanto as universidades alemãs são públicas e gratuitas, a maioria das universidades americanas são privadas e muito caras. Mesmo as universidades públicas nos EUA cobram taxas significativas, o que leva os alunos a recorrerem a financiamentos bancários para pagar os seus estudos.

Na Alemanha, o espaço é pequeno, e tudo é feito “para durar”. A consciência ambiental leva as pessoas ao uso dos recursos de forma racional. A

abundância de recursos e de espaço faz com que os americanos priorizem o que seja mais fácil, mais barato. A consciência ambiental vem crescendo, mas em muitas regiões ainda predomina a cultura do descartável. Diferentemente dos alemães, o consumidor americano possui a vantagem de saber quanto paga de imposto ao comprar um produto, pois os valores referentes a impostos e taxas são cobrados em separado. Isto leva as pessoas a cobrar dos governantes uma melhor aplicação dos recursos arrecadados com impostos e taxas.

Enfim, existem muitas diferenças entre estes dois países, de forma geral, e entre estas duas regiões, em particular. Quem passar por Frankfurt, no verão, verá pessoas sentadas nas praças bebendo cerveja, e poderá comprar cigarro numa máquina em qualquer esquina. Mas, se passar por Boston, para comprar uma cerveja ou uma garrafa de vinho, terá que ir a uma loja especializada, e sairá de lá com a garrafa dentro de um saco de papel pardo, que não identifica sequer a loja, para que ninguém perceba que está transportando uma bebida alcoólica. O consumo de bebidas alcoólicas em lugares públicos é proibido. Os cigarros podem ser vendidos em supermercados e farmácias para pessoas com mais de 18 anos. Nestes locais, os clientes se dirigem a uma área reservada, onde as carteiras de cigarros estão escondidas. Na compra, os consumidores devem apresentar um documento de identidade. Fumar em restaurantes e em locais públicos, em Boston, já é coisa do passado, acabaram os tais "espaços reservados para fumantes".

E então, onde é melhor de viver, na Alemanha ou nos EUA? A minha resposta é: "depende do que for mais importante para você!" Viver, durante algum tempo, em outros países, viajar pelo mundo, conhecer outras culturas, tudo isto são experiências enriquecedoras, mas, na minha opinião, enquanto a globalização for apenas comercial, o melhor lugar do mundo para viver ainda é a terra natal de cada um, onde estão as nossas raízes e onde não nos sentimos estrangeiros!



Bratislava e Praga

Bárbara Basso

Se Bratislava e Praga fossem duas irmãs, Bratislava seria a irmã menor... Mais calma, menos falante, mais tranquila...

Enquanto Praga usa maquiagem, se veste com estilo e gosta de chamar a atenção, Bratislava usa jeans e camiseta, é mais clássica, mais sóbria.

Praga está sempre rodeada de gente, gosta de ser o centro das atenções... Bratislava é mais quieta, de poucos amigos... Mas esses "poucos" são amigos fiéis.

Praga sai pra balada, gosta de estar "na noite", gosta de ruas movimentadas. Bratislava vai na casa de chá e curte um cineminha no domingo à noite.

Ambas sonham em ser princesas... Praga, romântica, com seu imenso castelo de torres góticas, sonha com o príncipe encantado que virá fazer serenata sob a sacada de sua torre, enquanto passeia pelos jardins de seu castelo.

Bratislava, a princesa moderna, tem um castelo simples, de linhas retas, imponente por suas paredes concretas, sisudas. Ela não fica esperando o príncipe na janela, mas vai em busca desse príncipe, que não virá montado em seu cavalo e nem usará uma armadura brilhante, mas será uma pessoa comum, que estará caminhando pelas ruas...

Praga é sonhadora e cheia de mistérios... Quanto mais a conhecemos, mais nos encantamos... Estar com ela é sempre se surpreender por um novo detalhe, uma nova descoberta. Praga nos fascina...

Bratislava é transparente... Não é necessário muito esforço para conhecê-la bem... Ela nunca se esforçaria para esconder algo de nós... Mas isso não a torna menos interessante... Porque ela tem o dom de fazer com que nos sintamos confortáveis ao seu lado... E se torna aquela amiga com quem podemos passar horas em silêncio... E nos entendemos neste nosso silêncio...

Praga gosta de contos de fada, de música clássica, de museus de arte, de óperas... Também é organizada, e ainda guarda suas bonecas de infância em seu quarto, alinhadas em uma prateleira. Bratislava não é tão organizada e muda de interesses de maneira mais fácil... Tem as coisas misturadas... Bonecas junto com jogos de videogame, celular de última geração ao lado de um diário com capa cor-de-rosa... Ela até tem maquiagem, mas os batons já estão sem tampa, o lápis sem ponta e o rímel e delineador estão jogados na gaveta, junto com os potes de purpurina e sombra dourada.

Praga está sempre pronta pra qualquer convite... Adora passear às margens do rio, caminhar à noite, de mãos dadas, sob a luz da lua... Vai no barzinho tomar cerveja, faz compras no shopping, anda por seus bosques, saltitante...

Bratislava é mais preguiçosa, dorme até mais tarde... Gosta de estar com sua família... Vai no museu de arte moderna, toma sorvete na praça, ouvindo jazz e passa as tardes de domingo na casa da avó, discutindo sobre a época do comunismo... Anda mais devagar, mas sai pra correr com sua melhor amiga nas tardes de sábado.

Praga é amada por todos, é popular... Bratislava não é tão conhecida, mas tem uma vizinha que é sua fiel amiga: Viena. E da janela de seu quarto, enxerga a casa da vizinha.

As irmãs já foram mais próximas e unidas no passado... Hoje, seguem caminhos diferentes: Praga com seus sonhos, charme e beleza, se esforça pra manter as tradições de seu passado, porque sabe-se famosa por isso. Bratislava pensa mais no futuro, e está se abrindo para as novas tendências, porque teme ficar ultrapassada. As duas, no entanto, continuam se entendendo e são boas amigas...

São duas personalidades diferentes, que vale a pena conhecer... :)

Texto escrito em setembro de 2007 e publicado no blog www.barbarabasso.blogspot.com



Saudades...

Renata Guzzo

Por volta de agosto de 2013, meu esposo chega em casa com uma novidade: ele havia sido convidado para ir trabalhar nos EUA. Pra ele, uma oportunidade única: ter a experiência de viver em outro país, trabalhando na sua própria área, e ainda ser promovido. Pra mim, um grande desafio: ter que sair do meu trabalho e mudar todos os meus planos. Sei que, pra ele, também não seria fácil, mas a decisão mais difícil eu é que tive que tomar. Eu é que tive que abdicar, ainda que por um tempo, da minha profissão. Ao menos foi esta a primeira sensação que tive, bem egoísta mesmo. Depois, parando pra pensar e racionalizando a situação toda, descobri que poderia ser uma ótima oportunidade pra mim também. Poderia ter a experiência de viver em outro país (conhecer outra cultura, outras pessoas, outros caminhos), poderia melhorar meu inglês (que estava bem enferrujado), ter mais tempo para cuidar de mim mesma, poderia fazer outra pós-graduação e procurar me encaixar na minha área de trabalho. Bom, a proposta começou a ficar mais interessante e decidimos que seria sim uma ótima oportunidade. Tudo aconteceu muito rápido e em menos de três meses a viagem estava marcada.

Acredito, até hoje, que o momento mais difícil foi a despedida do aeroporto – amigos, familiares, choradeira... Trabalhei no aeroporto como estagiária, no balcão de informações turísticas (na época, eu tinha lá os meus 18 anos). E, como o balcão ficava localizado na área de desembarque, tive o privilégio de ver muitas pessoas chegando. Presenciei casais se reencontrando, famílias inteiras esperando ansiosas pelo filho que havia viajado para fazer intercâmbio, fãs esperando seus ídolos, amigos esperando seus parceiros, enfim... Não posso negar que também ficava esperando ansiosa pelos reencontros, esperando a alegria da chegada, os olhares carinhosos e ternos... Sou uma pessoa de chegadas, de beijos de reencontros, abraços apertados de saudades. E assim foi a minha despedida no aeroporto, um turbilhão de sensações felizes e ao mesmo tempo tristes. Feliz pelo novo desafio, triste por estar deixando pessoas tão importantes da minha vida.

Não gosto de despedidas, mesmo que seja um "até breve". Fica aquela sensação de perda, de que você irá perder a formatura da prima, a gestação da amiga, o almoço de domingo na casa da mãe, o início do semestre na faculdade, as churrascadas com a galera... Enfim, não vai participar de perto

da vida das pessoas que ama. Acredito que sempre teremos saudades das pessoas queridas, dos momentos importantes, da nossa terrinha amada.

Conheci algumas pessoas que viveram fora um tempo e sentem saudades "daquela época". Outros, que estão morando fora dos seus países de origem e sentem saudades da terra natal. Pois é... Parece que nunca estamos 100% satisfeitos onde estamos... Mas também está aí a beleza da saudades, das recordações, de viver e reviver bons momentos.

Faz um pouco mais de um mês que estou morando nos EUA, e cada dia é um novo aprendizado. A saudade segue apertando no peito, e os medos continuam existindo, mas a sensação do novo, do inesperado, da paisagem nunca vista, da receptividade local, da mudança de vida tem um inexplicável gosto de liberdade. Já dizia Clarice Lispector: "Só o que está morto não muda! Repito por pura alegria de viver: A salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena!" Se não arriscarmos, nunca sairemos da zona de conforto, do tédio, da rotina. Por isso, é preciso enfrentar o medo, abraçar a mudança, deixar e fazer acontecer.

Férias



“Estar em Férias” é...

Luis Felipe Nascimento

Descansar numa praia paradisíaca, num hotel cinco estrelas;
Fazer longas e cansativas trilhas;
Viajar com a família;
Pescar com a família;
Viajar pelos mais belos lugares do mundo;
Fazer um cruzeiro pelo Caribe;
Retornar à sua cidade natal;
Curtir todos os parques de Orlando;
Levar os afilhados ao Zoológico;
Fazer compras em Nova Iorque;
Andar de bermuda e chinelo;
Passear pelo Brique da Redenção;
Mergulhar em Noronha;
Ir pra Santa (Catarina);
Rodar 5.000 km de moto sob um sol escaldante;
Andar de bici no parque;
Passar por situações inusitadas, que te façam rir toda vez que lembrares delas;
Caminhar no parque, no horário de trabalho;
Reencontrar velhos amigos;
Ficar em casa, sozinho;
Ler um bom livro na rede ou na cama;
Tomar um sorvete com a calma de um aposentado;
Ficar confuso, sem saber se diz “Bom dia!” ou “Boa tarde!”?
Fazer o que a gente gostaria de fazer se não tivesse que trabalhar!
Dinheiro, viagem, compras, descanso ... Help!
Aventura, desafios, cansaço... Help!
Amigos, família, encontros, festas... Help!
Solidão, reclusão, paz... Help!
Mas, para as férias serem boas mesmo, é preciso ter alguém para quem ligar ou para curtir nossas postagens no Face, para ler nossos e-mails.
Imagine você, voltando das férias dos sonhos, da viagem mais maravilhosa e... sem ter um amigo/familiar interessado em ouvir as suas histórias e ver as suas fotos?

Perde a graça!

Talvez seja isto: podemos fazer qualquer coisa nas férias, mas elas serão realmente boas, "terão graça", se tivermos alguém, em algum lugar, para quem possamos falar das nossas férias e que fique feliz por nos ver feliz!

Boas férias... e depois conte pra gente!



Reflexões de férias

Teniza da Silveira

Ao receber o convite para escrever um texto para este livro organizado pelo Felipe, ainda estava em férias. Pensei em escrever sobre minhas reflexões de natureza mais ampla – ou, se quiserem, “elevada” – a respeito da vida, feitas neste período. Reflexões estas que tipicamente nos acometem nos períodos de tempo livre e solto, que nos permitem sair dos limites das “caixinhas” que são nosso dia a dia. Para aqueles que conseguem tempo e disciplina para meditar, isto deve ocorrer ao longo do ano todo, mas eu ainda não cheguei lá.

Confesso que sempre me delicio com o exercício dos devaneios e das conversas a partir deles. Nas férias deste ano, tendo em vista ter passado quase trinta dias entre o México e o Uruguai, pensei muito sobre a história da formação da América e de seus reflexos sobre o Brasil, mas também sobre a América Latina. Estimulada pelas perguntas incessantes dos meus filhos, ficamos imaginando outros destinos possíveis se a colonização fosse outra ou, mais distante ainda, se ela não tivesse ocorrido. Como disse antes, o doce exercício do devaneio. Ainda que sejam devaneios, são permeados por raciocínios vinculados a fatos reais do presente, como a crise na Venezuela, as desastrosas manipulações políticas na Argentina e, como não poderia deixar de ser, a dificuldade do Brasil para mostrar que “é um país sério”. Frase esta atribuída a Charles de Gaulle, na Guerra da Lagosta, mas que, de fato, foi proferida por Carlos Alves de Souza Filho, embaixador brasileiro na França no início da década de 60. A realidade é que já que não podemos mudar a História, precisamos entendê-la melhor e reconhecer que papel nos cabe para contribuir para que a “história” que hoje se desenha seja melhor do que a construída até agora.

Confesso: muitas e muitas vezes penso que o aeroporto ainda é a melhor saída, mas, com uma filha de seis anos e um filho de dez, devo agir como se esta fosse apenas uma possibilidade e não a única. Nesse exercício, resgato os avanços, as diferenças, os recursos disponíveis e todas as possibilidades que sugeriram, para que um dia possamos viver numa sociedade de maior bem-estar, com tudo o que isto significa.

Faço a minha parte, principalmente na criação dos meus filhos: dando e recebendo muito amor, cuidando, prestando muita atenção, e sendo ética o tempo todo. Um dia desses, ouvi falar que “quem é muito amado na infância,

não pega uma arma e mata alguém". Pode ser uma frase muito simplista, mas achei muito boa. Num tema de casa das crianças, precisávamos relacionar o que estávamos fazendo para contribuir para uma sociedade melhor. Disse a eles que a primeira coisa a mencionar era o fato de amá-los muito. Eles não entenderam bem, mas aceitaram colocar isto na lista. Imagino que entenderão isto mais para a frente.

Enfim, as férias acabaram, e este será um ano ainda mais diferente que os demais. Espero que, acima de tudo, seja um ano em que possamos ser críticos e também efetuemos aprendizados sobre o que somos como sociedade, e sobre o que queremos e podemos ser.



Férias: de portas abertas

Rô - Ronise Ferreira dos Santos

AH! Férias! Férias em família, um grande evento!

Mas, sobre as minhas férias, eu digo: "Foi um duplo evento". Imaginem vocês que este tipo de férias eu chamo "de Portas Abertas". E isto me traz lembranças de um grande programa turístico, do bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro: "Santa Tereza de Portas Abertas". É um lindo momento, quando todos os ateliers de artesanato e arte abrem as suas portas para o público em geral. Conhecem Santa Tereza? E as tais "férias de portas abertas"?

A experiência de receber em casa, e a de ser recebido na casa dos outros, são muito interessantes. A minha experiência começou de forma muito inusitada. Foi durante uma conversa pelo Facebook, com uma amiga de infância com quem há muito tempo não falava. Naquele momento, eu a convidei para visitar o Sul e lhe ofereci minha casa.

E não é que a menina aceitou mesmo? Para ela, era um sonho assistir o Natal Luz, em Gramado. Chegaram: ela, o marido Ronaldo, a filha (de 9 anos) e seu filho (de 18 anos). Ficaram 8 dias, incluindo o Natal no pacote.

Foi maravilhoso, mesmo sabendo que se vai viver momentos diferentes daqueles do seu cotidiano. Mas digo que não se trata de perder o conforto a que se está acostumado, e sim de compartilhamento. Em especial, se vai conviver com as maneiras de viver do outro, as maneiras que o outro tem para solucionar as diferentes situações da vida. Estas, que por mais possam parecer similares às suas, são muito diferentes, podendo ser complementares, ou até mesmo excludentes ou fortalecedoras das suas.

Às vezes pode parecer assustador. Mas, no meu caso, a família estava totalmente desprovida de restrições. Acho que esse é o grande segredo. Não se dá mais importância ao "bico do pão" na hora do café. Afinal, o que tem de particular um bico de pão? Eu quero é comer pão!

E assim os aprendizados vão surgindo. Ah! E porque não dizer, que tal ofertar o seu quarto para uma família inteira ficar hospedada, todos juntos, no mesmo ambiente? Percebi que eles se sentiram tão confiantes e tão bem vindos, que me senti muito feliz em proporcionar aquele espaço tão meu, e que a partir daquele momento, seria tão deles, sem deixar de ser meu. Era meu para eles, entendem?

Então, restrições simplesmente "não rolavam", não existia "aquele meu

travesseiro”, ou “somente durmo neste lado da cama”, e menos ainda o “não durmo com os pés virados para a porta (porque dizem que assim fica defunto, antes do enterro)”.

Em minha casa, só há um banheiro. E normalmente já acontece engarrafamento entre três pessoas – eu, minha filha e meu irmão. Imaginem com mais quatro? Pois aí é que estive um dos fatos mais surpreendentes: Não aconteceu! Sério! Não aconteceu! E por quê? Em sua consciência, não consigo explicar. Foram-se todas aquelas restrições: “Só faço cocô após o meu café, às oito da manhã”, ou ainda, “Só tomo banho com o sabonete da marca tal...” Todos esses “valores” se perderam.

Mas o que ficou foi: todas as escovas de dentes estavam organizadas; e não havia sequer vestígios de “erros de direção” em volta do vaso sanitário. Foi um imperdível momento, ainda mais com tantos homens na casa...

Roupas e toalhas? Ninguém trouxe. Sim, não trouxeram. As minhas? Todas em uso. E como? Sempre na corda após o banho. Também foi Inacreditável. E incluo aí um espanto adicional para os demais viventes do cotidiano daquela casa. Cuecas?! Todas na corda. E melhor, lavadas por seus usuários. Não pensem, vocês homens, que esqueci de falar das calcinhas: estas também estavam na corda...

E assim foi essa família, e chegou outro amigo, e ele se foi. E chegou a nossa hora de ir também. Férias!

Primeiro fomos para Salvador! Eu, minha filha e minha tia Helô. Mas digo que já fizemos o “movimento portas abertas”, já em Porto Alegre, no check-in. Como? Bom... Assim como quem não quer nada, adoro um papo, e já puxei um na fila. E já fui perguntando: “Tá indo pra onde?” E ela me respondeu: “Pra Salvador, sou baiana.” E não demorou para eu dizer: “Tô indo com minha filha para lá, no sábado!”

Pois bem, minha gente! Eis que, quando estou embarcando, no Rio, para Salvador – porque, antes de seguir viagem, passei um dia na casa de minha mãe, que fica lá – para a minha maior surpresa, estava a maravilhosa criatura da Bahia, em minha frente, dizendo: “Oi, amiga! Acredita que meu voo não partiu? Atrasou tanto que ainda estou indo para Salvador”. E esta conversa veio com direito a todo aquele sotaque maravilhoso e muito divertido.

E eu disse: “Misericórdia! O que foi isso?” E ela disse: “É o desleixo, são uns invertebrados! Kkkkk!” E contou a sua saga para chegar de Porto Alegre a Salvador, passando por Curitiba, Florianópolis e Rio de Janeiro. Já estava quase totalmente desacreditada de conseguir chegar em casa!

Não precisaria dizer que, já em Salvador, no outro dia, minha nova amiga Lourdes e seu marido foram nos pegar no Hotel e nos levaram para sua casa, em Paripe. E melhor, com direito a, antes, visitar a lagoa do Abaeté.

Acreditem: Lá, no Abaeté, fomos corridos por ladrões que têm preferência por turistas. E ainda tivemos que dar umas paradas, para os meus enjoos e flatulências devido às comidas saboreadas antes, com excesso de azeite de dendê. Mas só fui descobrir seus efeitos ali, correndo do ladrão, na lagoa do Abaeté! E, dali, “partiu o bonde” para Paripe, o local em que a Dilma – sim, a Dilma, nossa presidenta – tomou seus banhos de sol.

Bom... ficamos Lá, como a Dilma, nos sentindo “em casa”, totalmente protegidas por nossos amigos. Fomos à casa de Lourdes, conhecemos sua amigável filha, o famoso “bugre desmontado” de seu marido, bem como

suas histórias, vivendo "momentos de portas abertas" em Washington, DC, na casa de seu amigo (um ex-vizinho).

E assim se foi Salvador... E nossos amigos de lá! Porque "partiu o bonde", de volta pro Rio. Que aportou em uma casa em Cabo Frio. Foi na casa de Leleco, meu amigo, que estive em minha casa no inverno. Só que o carro, ofertado por Daniele (aquela da família que ficou em minha casa) pifou. Queimou a ventoinha. Mas pode? Lógico! Em um calor de 47º, mesmo à sombra de qualquer árvore do Rio, pode!

E o "grande barato" é que, quando desci no Rio, chegando de Porto Alegre, o motorista do táxi nos deu uma aula de ventoinha queimada. Disse que isso seria o pior horror da vida de um motorista de táxi no Rio. Que ele sempre trocava o tal do carvãozinho, que jamais deixava sua ventoinha sem cuidados. "Olha aí o sinal! E minha ventoinha, puf! Se foi." Aliás, a ventoinha da Dani.

E como a tal ventoinha não era boba, queimou seguindo para o paraíso de Cabo Frio, exatamente na Praia do Forte. E nós também, que até nos sentimos muito felizes com a ventoinha queimada, porque, graças a ela, ficamos presos no paraíso! Só que, em Cabo Frio, simplesmente não existia uma ventoinha para uma Doblô, de oito paletas – agora fiquei uma expert em ventoinha – "Vixi! Deus é mais!", como diria minha amiga Lourdes, da Bahia...

Leleco se foi atrás de uma baiana com quem namora, nos deixando para trás em sua casa, com uma única recomendação: "Que Deus mande essa ventoinha até quarta-feira, porque minha baiana tá chegando, e com a sua ventoinha girando!" E não foi que a tal ventoinha chegou junto com Leleco? Só acreditando em macumba! O tal do mecânico botou a coisa para funcionar e "partiu o bonde", de volta pro Rio. Mas todas de unhas feitas. Evidentemente, não iríamos perder o tempo de esperar uma ventoinha sem fazer nada...

Mas a estória ainda não acabou... Nós fomos para a casa de minha prima, que fica em Miguel Pereira, na região serrana do Rio de Janeiro. Fica depois de Japeri, meus filhos! Longe pra burro! Uma viagem que mais nos parecia passeio de índio (a perder de vista), mas foi uma viagem linda.

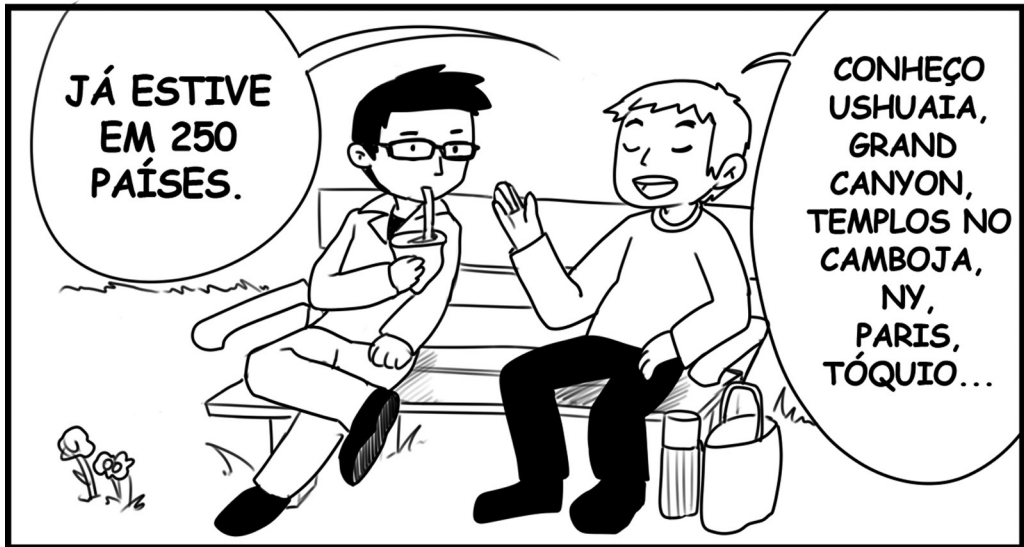
Pegamos o trem Japeri, que é parador nos finais de semana, e seguimos até seu ponto final (uma hora depois). De lá, pegamos uma tal de van que sobe a serra de Miguel Pereira, em direção a Paty do Alferes, com um motorista que não corre, voa. Quase não nos permitia curtir o lindo visual proporcionado pela natureza, como a sua cachoeira, os contornos cuidadosos daquelas montanhas, e as pessoas muito interessantes, que vão mudando de perfil a cada quilômetro da subida da serra. Vão desde o vendedor de água e CD no trem (o chamado "serviço de bordo"), ao vendedor de galinha, queijo, doce de leite e outras compotas, dentro da Van.

O nosso dia foi legal demais. Revi minha tia Dora, o lugar que eu visitava quando criança, os montes de barro que eu descia de bunda, da então obra de construção do Hotel Minuano (e que até agora ainda não ficou de pé). Relembrei histórias de assombração que o povo local contava, o cheiro do lugar, as histórias de minha tia Dora e de minha prima Maria Luiza, do caminho para pegar leite e andar de balanço, em frente à casa de Maria Ilda. Nossa! Foi tão bom!

E assim finalizam minhas "férias de portas abertas". De ventoinha queimada no paraíso. De programa de índio. Sem o bico do pão e não desejando desejá-lo tanto assim. De sem medo de assombração porque isto era coisa de criança. De entender que posso fazer cocô em outras horas do dia e em outros vasos sanitários. De que dormir com os pés para a porta – no mínimo, preciso fechar a porta, porque senão posso cair pela sacada, já que sou sonâmbula... Enfim, assim finalizam, neste ano, minhas férias, em vários lugares, com vários dos meus, inclusive em minha casa – DE PORTAS ABERTAS, inclusive as do coração.

*Viagens & Lugares
para conhecer*

CONHECES O MUNDO?





Roteiro para conhecer um pouco de Porto Alegre

Maira Comerlato

Comece pelo Mercado Público
Tonteante de tantos odores
Tempere com um cafezinho e misture
Seu olhar às bancas multicores

Prossiga na escada rolante
Para um visual ascendente
E de outros ângulos descubra
Cantos e recantos surpreendentes

De lá vá para o museu
Entrando bem de mansinho
Sentindo o sabor da arte
Mas não coloque o dedinho!

Suba e desça, desapareça
Pelos meandros do MARGS
Descubra escadas, sacadas
Que te fazem viajar

De lá, para o Memorial
É apenas um pulinho
E quanta coisa para ver!
Não sei se vou ou se fico
Mais um pouquinho...

Muito mais tem a cidade
Para alegrar o coração
Magia e mapa do poeta
Roteiro da paixão.

[roteiro-para-conhecer-um-pouco-de-porto.html](#)



Porque viajar

Daniel Conrado

Preparo-me, após recontagem dos países que conheci, para festejar a chegada da marca de 50 nações visitadas. Para os que me conhecem e recebem meus e-mails, tenho sempre anexo às minhas mensagens um trecho que copiei do livro *Mar Sem Fim*, de autoria de Amyr Klink, que diz o seguinte: "Hoje entendo bem meu pai. Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar do calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos e simplesmente ir ver."

Comecei a pensar sobre o significado, para mim, de viajar. Lembro-me da minha primeira viagem a Santa Catarina, quando, após vencer a subida íngreme para chegar em Garopaba, me deparei com um mar azul que não conhecia. Aquilo me trouxe uma surpresa e uma alegria tão grandes que nunca mais esqueci. Um deslumbramento, um descobrimento. Um sentimento de união com a paisagem, um congraçamento com a natureza. Alguns anos mais tarde, da primeira vez em que vi o Itaimbezinho, fiquei estupefato, me tirou o fôlego e me senti pequeno, minúsculo, frente àquela grandeza toda. Outro episódio que me marcou muito foi o de ter passado umas férias numa fazenda em São Borja, sem luz elétrica, com um banheiro de "casinha", dormindo sob mosquiteiros e indo recolher as ovelhas a cavalo todas as tardinhas... Um mergulho em um passado que ainda existe em tantos lugares do mundo. Uma forma de dar valor ao que se tem.

Então chegou a hora da primeira viagem de avião, que me levou ao Rio de Janeiro, para em seguida embarcar para New York. Com muita emoção no coração, enfrentei a viagem com olhos de aprendiz, queria registrar tudo, aprender tudo. Queria sinceramente que aquela fosse a primeira viagem de muitas. Logo em seguida, já seguia para a Europa, onde vivi e trabalhei por um bom tempo, antes de retornar ao Brasil, depois de ter aprendido alguns idiomas e de ter conhecido diversos países.

Creio que um dos maiores patrimônios que se pode conseguir com as

viagens, ao longo dos anos, é o conjunto de amizades que se vai adquirindo. As pessoas que viajam são mais abertas, estão interessadas em outras pessoas, querem saber como se vive em outros lugares, o que pensam pessoas com experiências diferentes das delas. Isto logo leva a uma camaradagem e entendimento difíceis de conseguir em outras circunstâncias, porém fáceis de acontecer nos curtos lapsos de tempo de encontros e desencontros que as viagens nos apresentam.

Parafraseando Mário Quintana, ousou afirmar que viajar é mudar a alma de casa, pois também é uma forma de amar. Como é fácil aprender sobre lugares que já se conhece... Como é importante saber de fatos sobre um país onde já se colocou os pés... Quanta carga afetiva se põe nos lugares por onde já se passou... Como é impactante saber de fatos em lugares onde se conhece pessoas, onde se vagueou pelas ruas, onde se teve experiências gastronômicas, afetivas e culturais significativas!

Com certeza, minhas experiências de viagem me fizeram conhecer aspectos da vida que antes eu nem imaginava. Quantas vezes conheci a mim mesmo melhor, através das sensações que experimentava ao conhecer uma realidade tão diferente do meu cotidiano! Com que êxtase observei o céu branco de estrelas a 4.200 metros de altura, numa ilha sem luz elétrica no meio do Lago Titicaca, no Peru... Com que espanto me deparei com a paisagem extraterrestre do Deserto do Atacama, no Chile, quando presenciei o chão branco do salar, os vulcões vermelhos pelo pôr do sol, o céu verde por algum fenômeno desconhecido (para mim) e uma lua absolutamente linda e cheia, pairando no horizonte... Com que deleite me espreguicei nas praias de areia branca e águas azuis turquesa cristalinas no arquipélago de Los Roques, na Venezuela... Com que assombro vi aparecer a catedral esculpida em pedra em Petra, na Jordânia, após ter caminhado pelo cânion estreito... Com que reverência entrei na Catedral de Notre Dame, na França, arrepiando-me ao pensar quantos episódios da história haviam se passado ali... Com que emoção vi homens em lágrimas diante do Muro das Lamentações em Israel...

E quando me acidentei de motocicleta na Turquia, enquanto visitava as cidades subterrâneas da Capadócia... Quando caminhei no Parque Nacional de Ushuaia, na Argentina, para conseguir em meu passaporte o carimbo que dizia Fin del Mundo... Quando toquei num iceberg azul na geleira de San Rafael, no Chile... Quando conheci as ruínas maias de Chichen Itzá e Palenque, no México... Quando vi, pela primeira vez, o caminho que ia para o Vale Sagrado e Machu Picchu, no Peru... Quando conheci Stonehenge, na Inglaterra... Quando caminhei pelo templo de Baalbek, no Líbano... Quando fui acompanhar um amigo que queria surfar nas praias do Cabo da Boa Esperança, na África do Sul... Quando entrei na grande pirâmide, no Egito... Quando cruzei, de carro, pela Costa Amalfitana, na Itália... Quando conheci o Museu Viking, na Dinamarca... Quando vi o David, de Michelangelo, na Itália... Quando visitei o Museu Kon-Tiki, na Noruega, que conta a história do explorador Thor Heyerdahl... Quando percorri a Ilha da Páscoa, no Chile, de ponta a ponta, em um 4x4, entrando em todos os caminhos que encontrei...

Essas e muitas outras aventuras me fizeram uma pessoa melhor. Me fizeram tentar compreender mais o mundo, me obrigaram a pensar, a tecer relações entre coisas, fatos e pessoas, me mostraram quantas coisas há ainda para ver. Mas, acima de tudo, me fizeram valorizar o que tenho e todas as

amizades que conquistei nesses anos todos de estrada!



Você já foi ao Grand Canyon? Não? Então vá!

Luis Felipe Nascimento

Os brasileiros que fazem férias nos Estados Unidos costumam visitar a Disneylândia e Nova Iorque, mas raramente alguém se interessa em visitar o Grand Canyon ou algum dos mais de 400 parques espalhados pelo país. Passar as férias na Disneylândia é o sonho de muitas crianças e adolescentes. Nova Iorque é a cidade onde tudo acontece. Por que então ir ao Grand Canyon? O que tem de interessante para fazer lá? Será que as crianças iriam gostar?

Apesar de ser conhecido mundialmente, pouca gente sabe que o Grand Canyon recebe 5 milhões de visitantes por ano. Ele foi cavado pelo Rio Colorado por milhões de anos, está localizado na divisa dos Estados do Arizona e Utah, com cerca de 500 quilômetros de extensão, e varia de 7 a 30 quilômetros de borda a borda, sendo que a profundidade máxima chega a 2400 metros. Da margem sul, os visitantes podem visualizar pontos localizados a 160 Km de distância. Mas não é só isto que atrai tantos turistas. O Grand Canyon oferece uma programação variada durante todo o ano, incluindo trilhas com diferentes graus de dificuldade, que podem ser percorridas a pé ou no lombo de mulas. Existem ainda programas especiais para crianças, aulas de fotografia, caminhadas pela borda do canyon orientadas por guias, passeios aéreos, museus, livrarias e muitos souvenirs, incluindo até revistas de super-heróis que defendem a natureza dos seus inimigos. O nascer e o pôr do sol são belíssimos, pois nestas horas o colorido do solo vai se modificando à medida que o sol vai penetrando ou se retirando das profundezas do canyon.

Mas o Grand Canyon, apesar de ser o maior, é apenas um dos vários canyons e parques nacionais que existem nesta região. A poucas horas do Grand Canyon estão o Bryce Canyon e o Zion Canyon, e belezas naturais como o Monument Valley, que foi cenário de vários filmes de John Wayne. Um pouco mais acima, no estado da Califórnia, está localizado o Parque das Sequoias, as árvores gigantes, sendo que a maior delas, batizada de General Sherman, possui entre 2300 e 2700 anos, com 83,8 m de altura e 31,3 m de diâmetro na base. As Sequoias são consideradas os maiores seres vivos do planeta e, diferentemente dos homens, que depois de uma certa idade, só

crescem para os lados, as Sequoias continuam crescendo para cima! Outro parque imperdível é o Yosemite, também na Califórnia, próximo ao Parque das Sequoias.

Será que, se estimuladas, as nossas crianças e adolescentes não se interessariam em fazer trilhas, fazer rafting, tomar banho em cascatas, explorar cavernas, acampar nos canyons, entrar em contato com a cultura indígena e com as histórias do velho oeste? A segunda questão é: quem vai levá-los? As companhias de turismo e as "tias" só levam as crianças para a Disney!

Conhecer o Grand Canyon e estes outros parques é importante também para nos lembrar de que o Brasil possui vários parques e belezas naturais, pouco explorados e valorizados, mas nem por isso menos interessantes. Quantos brasileiros conhecem o Parque Aparados da Serra, no Rio Grande do Sul, o Pantanal e a região de Bonito, no Mato Grosso do Sul, a principal ilha do arquipélago de Fernando de Noronha, no litoral de Pernambuco, a Amazônia e tantas outras belezas naturais brasileiras? O que tem de interessante para fazer lá? Será que as crianças iriam gostar? Claro que sim! Mas tanto nestes lugares, como nos parques americanos, as crianças e adolescentes precisam ser estimuladas e acompanhadas, de preferência pelos pais, que também precisam estar imbuídos do mesmo espírito de aventura. Faça esta experiência! Parques, e não são só os temáticos!

Texto publicado em 2003, em http://www.wcams.com.br/cronicas_do_mundo/cronica_03.htm



Uma viagem louca (de boa!)

Fernanda Pasqualini

Vocês são loucos! Foi o que ouvimos na maioria das vezes quando contávamos sobre a viagem que estávamos planejando. O roteiro era o seguinte: de Roma à Paris, de carro em 21 dias! Até aí, tudo ótimo... quem não quer uma viagem dessas?!!! O primeiro "porém" é que a viagem foi em fevereiro, ou seja, em pleno inverno europeu. Estradas com neve, casacos e tudo o mais que o inverno tem! E o segundo "porém" é que a viagem foi feita pelo meu esposo, Jean, junto comigo e com nossa filha Isabella, na época, com quase 3 anos!

Loucos ou não, no dia 5 de fevereiro de 2011 saímos de Ijuí, rumo a Porto Alegre. No meio dos 400km de viagem, a Isabella acusou "mamãe, já viajamos, agora vamos voltar para a nossa casinha que eu quero descansar no sofá!" Nós nos olhamos, rimos e falamos: "Filha, a viagem recém começou!" A sorte é que a Bella é "superparceira" e, depois de dizer um: "Ah, tá...", dormiu até chegarmos a Porto Alegre.

Pernoitamos em Porto Alegre e, na manhã do dia 6 de fevereiro, embarcamos em um voo da TAP rumo a Roma, com conexões no Rio de Janeiro e em Lisboa. Aterrissamos em Roma em um domingo ensolarado. No aeroporto, já estava nos aguardando o rapaz do aluguel do carro, que nos levou até o pátio da empresa, nos arredores de Roma. Ali pegamos o carro e demos a largada para nossa aventura!

O sol com o frio nos presentearam com dias super-agradáveis para passear pelas ruas de Roma, descobrindo cada canto e parando, de tempos em tempos, em parquezinhos da cidade. Afinal, nossa criança merecia brincar! Andamos muito a pé, empurrando a Bella no carrinho. Mas também nos aventuramos muito de carro pelas ruas... Sempre ouvimos dizer que é impossível dirigir em Roma. Bom, a gente não achou isso... E, na verdade, curtimos muito!

De Roma, saímos para Siena pela autoestrada A1, até Orvieto. As autoestradas são ótimas, com paradas de serviço frequentes. Mas, a partir de Orvieto, decidimos seguir pelas estradas estatais... para conhecer a Toscana por dentro! E foi ótimo! Sob o sol da Toscana, conhecemos lugares lindos como Orvieto, Bolsena, Montalcino, Montepulciano e San Gimignano. Todas estas são cidades medievais, que fazem a gente se sentir parte integrante de um filme! A Bella, maravilhada, brincava que estava no mundo das princesas

com seus castelos! Foi bonito de ver o brilho nos olhinhos dela!

Como as demais cidades medievais da toscana, Siena é linda! É maior do que as outras pelas quais havíamos passado. Não há acesso de carro, o que torna cansativo encontrar um lugar para estacionar. No fim, estacionamos ao redor dos muros da cidade e andamos a pé pelo miolo, conhecendo lugares como a Piazza Del Campo onde ocorrem as famosas corridas de Palio.

De Siena, seguimos para Firenze – ou Florença, como a chamamos em português... No meio do percurso, tentamos parar em umas vinícolas em Radda in Chianti, mas estava tutto chiuso, em função da baixa temporada! Uma frustração... Mas quem manda viajar nessa época do ano, né?! Em compensação, Firenze foi um presente para os olhos e para o coração! Sem querer, chegamos na cidade pela Piazza Michelangelo, onde tem a famosa escultura de Davi, e a melhor vista da cidade! Lindo, lindo! Em Firenze, a Isabella andou, pela primeira vez, num carrossel de verdade (aqueles com cavalos lindos, cheio de penachos na cabeça). E, a partir daquele dia, precisamos fazer várias paradas em carrosséis!

Como não podia deixar de ser, a próxima parada foi Veneza! Obviamente, já havíamos escutado muito sobre a cidade, mas não imaginávamos como era de verdade! Sabíamos que era sobre as águas e que não entravam carros, mas que poderíamos ir de carro até lá. Como?! Bom, chegamos a Mestre, que é a cidade do continente, ao lado de Veneza. Ali, atravessamos uma ponte, e deixamos o carro num estacionamento enorme. De lá, pegamos o transporte público, ou seja, um barco!

Daí em diante, a situação foi, no mínimo, engraçada! Chegamos em Veneza de modo nada triunfal, carregando duas malas grandes e pesadas, e ainda empurrando um carrinho com uma criança! E ainda com uma chavinha fina caindo! Só para os fortes! Mas nada disso tirou o romantismo da cidade e a nossa alegria de estar lá. A névoa, que encobria a cidade por um período do dia, se traduzia num ar de mistério... e, mais uma vez, nos sentimos dentro de um filme! A parte boa é que, neste "filme", éramos os protagonistas!

Depois de Veneza seguimos a Milão. Mas resolvemos fazer um desvio na viagem e subir até Belluno, terra dos antepassados do Jean. Assim, conhecemos outra paisagem, cheia de penhascos de tirar o fôlego! Passamos ainda por Verona e conhecemos a Casa da Julieta. O detalhe é que chegamos a Verona no Dia dos Namorados, então a cidade estava em festa! E nós também!

Milão, por sua vez, deixou a desejar. Não pela cidade, mas porque, de toda a nossa viagem, foi ali que choveu mesmo. Assim, mal conseguimos ver a cidade de dentro do carro... Uma pena. Mas também, aquilo nos motivou a querer voltar! Também foi a última parada em território Italiano. A partir dali, seguimos para a França.

No trecho entre a Itália e a França, a paisagem é lindíssima... De um lado, víamos o mar. E, de outro, montanhas com os picos nevados! Não sabíamos para qual lado olhar!!! Andamos pela autoestrada dei Fiori, e chegamos à França. E logo em Mônaco... E ficamos "de queixo caído". Estava anoitecendo, e as luzes da cidade ofuscaram nossos olhos! Passeamos um pouco, fizemos um pouco do famoso percurso da Formula 1, e ainda tiramos umas fotos nos iates mais lindos (e grandes!) que já vimos... Estávamos rindo à toa, e dizendo para a Bella que ali era a Disney de gente grande!!!

De Mônaco, seguimos para Nice e para a Cote d'Azur!!! Os dias ali foram

chuvosos, o que reduziu as chances de caminhadas ao ar livre. Mas, mesmo assim, conseguimos, com um guarda-chuva, passear por algumas ruas da cidade. Saindo de Nice, passamos por Cannes. E, de lá, seguimos para Aix en Provence, uma charmosa cidade universitária!

Seguindo nosso percurso, fomos à Chamonix, onde está o famoso Mont Blanc. Quando a neve começou a se intensificar já sabíamos onde estávamos... Nos Alpes! Ali a Bella teve sua primeira experiência com ski, pois fez aula particular com uma professora chamada Marie Noel! Como toda criança, ela tirou de letra e não caiu nenhuma vez... O papai e a mamãe, "babões", ficaram boquiabertos! Finalmente, depois de muitos dias de viagem, estávamos chegando ao nosso destino final: Paris! De Chamonix a Paris foi o maior trecho percorrido sem paradas: quase 600 km. Somente paramos para almoçar ali do lado, em Genebra, na Suíça! Nada mau, né?

Chegamos a Paris à noite, e logo avistamos a Tour Eiffel, toda iluminada. A Bella foi tomada por uma emoção e, aos gritos, disse "eu estou impressionada de estar aqui!" Paramos na frente da torre, com o pisca alerta ligado, e saímos como loucos (que somos) a tirar fotos! Nos demais dias em Paris, passeamos pelas ruas debaixo de uma chuva fina e muito fria... Que somente deu trégua no dia em que fomos à tão esperada Euro Disney! Tudo bem que, em terra de castelos e princesas de verdade, não é nada demais ver castelos e princesas "de mentirinha"... Mas, com nossa pequena, não poderíamos deixar de passar lá, para ela brincar e curtir muito com o Mickey e toda a sua turma!

Outra coisa importante de Paris foi o encontro com uma "velha-nova" amiga da Alemanha! "Velha", porque nos conhecemos, por carta, desde os 10 anos de idade. E "nova" porque foi a primeira vez em que nos vimos pessoalmente! Mas só essa história já dá um outro post...

Nessa cidade que amamos finalizamos nossa aventura. Foram 21 dias e quase 3.500km percorridos entre diversas cidades, com muitos estilos e diferentes experiências. A ideia geral é que viagens longas a lugares distantes devem ser evitadas com crianças. Afinal, o que fazer na Europa, no inverno, e com uma menina de quase 3 anos?! Pois nós descobrimos que tem muito o que fazer, em qualquer época do ano! E que o melhor da viagem é conhecer novos lugares e ter novas experiências, junto de quem a gente mais ama!!!



Ushuaia

Província da Terra do Fogo Argentina

Paulo Roberto Gomes Garcia
Adalberto Tostes Neto

Depois de quatro meses de expectativa, e também de ansiedade e preparação, saímos, em um pelotão de 10, motos para uma viagem de 9000 km. E isto, se não é impossível para qualquer motociclista, requer um mínimo de logística e preparação de todos. Desde a revisão das motos até o preparo físico dos pilotos, passando pelo estudo detalhado do trajeto, dos postos de abastecimento, das condições do clima, etc.

Assim, no dia 31 de março, partimos, Beto Tostes (com uma Yamaha Super Tenere), Chico Tostes (com uma Honda Magna), Tomás Freitag (com uma Super Tenere), Fernando Ribeiro (com uma BMW GS 1200), Celso Berenguer (com uma XT 600), Paulo Garcia (com uma XT 600), Joel Echel (com uma Honda Magna), Luis Tarrago (com uma BMW R1200), Beto Lubisco (com uma Shadow 600) e Felipe Siegmann (com uma TDM 850) em direção ao Chuí, na fronteira com o Uruguai. Ali começava a parte internacional da viagem, cruzando o Uruguai e toda a Argentina, a leste, pela Rota 3, até Ushuaia.

Com uma escala para descanso e turismo em Puerto Pyramides, na Península Valdés, já na Patagônia Argentina, no dia sete de abril chegamos ao nosso destino, sem nenhum acidente grave. Importante salientar que, ao contrário do que se dizia antes da partida, não tivemos qualquer problema com polícia argentina. Nada de pedirem extintor de incêndio, carteira internacional e outros absurdos. Só os trâmites normais de fronteira. Aqueles que, porventura, tiverem interesse em saber detalhes sobre hotéis, cidades, preços, trajeto detalhado, postos de abastecimento e etc., entrem em contato conosco no site < www.ventonegro.com.br >.

O caminho pela Rota 3 é o mais comum e o mais fácil de ser realizado. Retas sem fim, frio e muito, mas muito vento lateral, são as maiores dificuldades para todos aqueles que se aventuram pela Patagônia. Apesar de algumas das motos terem uma autonomia menor – o que exigiu que fossem levados galões de gasolina – a estrada é bem servida de postos de abastecimento em toda a sua extensão. O asfalto é perfeito até o Estreito de Magalhães, quando, já no Chile, e até San Sebastian, onde se entra novamente

na Argentina, enfrentamos o famoso rípio. São 150 km de pedras soltas e buracos, que, mesmo sendo complicado para pilotar, é muito divertido. A chuva, o frio e o vento foram companheiros constantes neste trecho.

Das dez motos, somente cinco eram adequadas para esse tipo de terreno, o que fez com que as outras ficassem em Rio Gallegos, com os parceiros indo de carro alugado. Decisão certa, pois mesmo que muita gente vá a Ushuaia pilotando motos speed, custom e outras, este trajeto, se feito a 120-130 km/h, destrói qualquer veículo, além de não permitir uma tocada descontraída e tranquila. Para aqueles que já foram lá, seja de speed, jogging ou outra qualquer, cujos relatos nas revistas especializadas em motociclismo e na Internet, de uma maneira ou de outra serviram como base de pesquisa para a organização de nossa viagem, os nossos parabéns. As informações nos foram muito úteis.

Em Ushuaia, visitamos o Parque Nacional Lapataia, o Museu Marítimo no antigo presídio e fizemos o tour de barco pelo Canal de Beagle. Certamente lá tivemos muito mais atrações e passeios, bem como restaurantes e lugares para serem visitados. Porém, devido à nossa restrição de tempo e a distância da viagem, não pudemos conhecer a maior parte deles. E isto serve como mais um motivo, além da maravilhosa viagem, que nos fará, talvez em breve, voltar ao extremo sul da América do Sul.

No dia 10 de abril, iniciamos o retorno, com muito frio e neve na cruzada da Cordilheira dos Andes. Ushuaia é a única cidade argentina que está atrás da Cordilheira, chamada de Andes Fueguinos, e, numa altura de 1200 m, pegamos muita neve e gelo na pista. Com a queda de um só dos pilotos, que escorregou no gelo, pode-se dizer que foi uma viagem tranquila.

Fomos a El Calafate para visitar os glaciais, onde ficamos por dois dias e, na quarta-feira, dia 13 de abril, iniciamos nossa viagem de volta, seguindo o mesmo trajeto da ida.

Domingo, dia 18, estavam todos em Porto Alegre para comemorar com os familiares, em uma bela feijoada, mais uma viagem de sucesso do Grupo Vento Negro. Foi um percurso total de 9440 km.

Uma viagem que põe à prova a resistência física, as condições da moto e a capacidade de todos os viajantes de se relacionarem em harmonia.



Nosso caminho de Santiago de Compostela

Helena Ruppenthal Cunha

Nem todos gostam de viajar. Alguns, ainda que tenham condições materiais, e também saúde e tempo, optam pela inércia, pela comodidade, pela segurança do que já conhecem. Bom, respeita-se esta escolha...

Meu marido e eu, que já "pagamos meia" no valor dos espetáculos, somos loucos pelas viagens, pela ação, pela observação, pela novidade, pelo conhecimento, pela gastronomia, pela música, pelas paisagens, pelas fotos e por tudo mais que as viagens oferecem. Gostamos do conforto possível, já que não estamos mais em época de passar trabalho desnecessário. Mas, no mais, estamos sempre com algumas viagens na mira, abertos, atentos, fazendo o possível para manter a saúde que nos permita ainda "muita estrada"...

Assim, quando instigada a escrever um pouco sobre qualquer coisa, as viagens naturalmente "gritaram" em minha mente. São muitas, já, mas três me emocionam sempre ao lembrar, de forma muito particular: a trilha Inca, o caminho de Santiago de Compostela e a Capadócia. E esta foi feita bem antes de aparecer na novela da Globo.

Não vou escrever sobre as três, ninguém aguenta tudo isso junto. Vou apenas contar um pouquinho sobre o nosso "caminho de Santiago de Compostela".

Digo "o nosso caminho" porque esta é uma viagem de milhões de pessoas e a internet propiciou uma infinidade de relatos ao alcance de cada um. Não vou falar da logística necessária, pois isto tomaria um tempo enorme. E, aqui, não é este o propósito. Mas, apenas para situar o leitor, digo que fizemos parte do Caminho Francês, em que foi estabelecido percorrermos 190 km, saindo de Leon e chegando a Santiago. Foi em setembro de 2012, na primavera espanhola.

E quais as razões que nos levaram a "fazer o Caminho"? Todas e, ao mesmo tempo, nenhuma em especial. Curiosidade, desafio, pequenas cidades, teste de limites, convivência. Claro que não paramos em albergues, que já não queremos tantas emoções deste tipo – em cada etapa, um bom, pequeno e pitoresco hotel nos aguardava. E as jantas com muito pulpo e bom vinho nos davam um grande prazer, antes do sono reparador de cada noite

de descanso.

Um dos meus momentos preferidos e aguardados naqueles dias era o da saída para a caminhada do dia, ao amanhecer. Em média, caminhávamos cerca de 30km/dia, saindo por volta de 7 horas, com o dia nascendo. O ar era fresco, o cheiro era de orvalho. E, no silêncio do novo dia, os cajados batiam no chão, na sinfonia dos caminhantes calados, cada um no seu ritmo e com seus pensamentos e suas buscas. "Buon Camiño", se ouvia de quem cruzava por nós, sob a luz amarelada do sol, chegando no horizonte. E seguíamos todos naquele momento mágico, ainda sem o cansaço do dia e com a linda Catedral cada vez mais perto.

Em alguns trajetos, ou tramos, na língua do Caminho, como por exemplo na subida para El Cebrero, parecia que todo o esforço não seria suficiente. Mas, em ocasiões como estas, passava por nós um casal de alemães com visivelmente bem mais idade do que nós, ou um francês obeso. Nestas horas, nós nos olhávamos e seguíamos, desafiando as pedras do caminho, a dor nos pés e a falta de fôlego, para estar em um dos lugares mais bonitos que, por certo, vamos poder lembrar de todas as nossas viagens e aventuras.

Enfim, quando alcançamos o nosso destino, chegamos perto, e abraçamos a figura de San Tiago, naquela Casa linda que acolhe os peregrinos, construída entre 1075 e 1128, estávamos mais próximos do que nunca: de nós mesmos; de nossos afetos; de nossos companheiros peregrinos; tanto quanto deveriam estar os homens de todos os cantos.

Melhoramos nossas vidas depois desta empreitada? Sim, assim como voltamos mais enriquecidos depois de cada passeio que temos feito. O.K., deste talvez um pouco mais, já que nosso corpo e nossa mente foram mais exigidos. Tivemos mesmo que nos superar em alguns momentos. Ficou ainda mais claro para mim que somos fortes, mas que temos limites que precisam ser respeitados; que tolerância e paciência têm que ser cultivados; e que há muita beleza nas coisas simples.

Eu recomendo...



Viagem a Los Roques

Ilse Maria Beuren

Nas minhas últimas férias de verão, procurei um destino para viajar. As minhas opções para a pesquisa, em websites, era sobre destinos que não tivessem um roteiro de compromissos de visitas e de horários programados. O alvo era algum lugar nas Américas, já que recentemente retornei de uma viagem à Europa, que combinou interesses acadêmicos e turísticos.

Encontrei Los Roques, que era um local com este perfil, e que era bastante comentado em páginas sociais. Trata-se de um arquipélago com cerca de 50 ilhas, no Mar do Caribe, a aproximadamente 170 quilômetros da costa norte da Venezuela, e que, em 1972, foi declarado como um Parque Nacional deste país. A sua ilha maior, denominada Gran Roque, abriga o aeroporto de acesso, e comporta somente voos com aeronaves pequenas.

É um local ideal para pessoas que gostam de fazer mergulhos ou simplesmente apreciar as praias calmas, tomar banho de mar e aproveitar o sol. A beleza do local é indescritível, com areias brancas, um mar com águas cristalinas e fauna marinha em abundância. A natureza conservada, a beleza natural do arquipélago e a mansidão do entorno tornam o local um paraíso.

As ilhas mais visitadas são Francisquí, Madrisquí e Crasquí. Diariamente, pequenos barcos, de propriedade das pousadas ou de barqueiros autônomos, levam os turistas de Gran Roque para as outras ilhas do arquipélago. A distância varia de 10 minutos a uma hora. Nenhuma delas é muito distante. O horário de retorno é informal, conforme combinado com o condutor do barco. Algumas ilhas têm ancoragem para grandes barcos particulares, com pessoas que vêm praticar esportes dependentes de ventos e de águas rasas e límpidas como as do mar caribenho.

A diversidade de turistas do mundo todo que visitam Los Roques torna a ilha de Gran Roque poliglota e única. Suas ruas são todas de areia, e o único veículo que nelas circula é o caminhão que recolhe o lixo. O transporte de mantimentos, materiais de mergulho e pesca, malas de turistas, entre outros objetos de uso dos moradores, é realizado com carregadores manuais de duas rodas.

A ilha é habitada por um pequeno povoado, com um número de pessoas e características das habitações definidos em lei. A igreja, a escola e o hospital foram dimensionados para o atendimento dessa população. Não há muitas opções alternativas para algum programa diferente, seja durante o dia ou

para diversão à noite, como um restaurante ou uma balada.

Não existem hotéis na ilha, apenas pousadas. Como a estrutura da ilha é simples e sem muitas alternativas, os visitantes contratam "pensão completa" nas pousadas, que inclui café da manhã e um lanche-almoço com bebidas, que se leva acondicionado em proteção térmica para a praia. E há também a principal refeição da pensão completa, que é servida à noite, entre 19 e 20 horas, para que os turistas possam se recolher aos seus aposentos cedo e recuperar as energias para os passeios do dia seguinte.

As opções de pousadas são variadas, desde aquelas mais simples, com diárias que custam (fora da alta temporada), algo em torno de 100 dólares, até as melhores, as com água quente para banho, com taxas que oscilam de 300 a 500 dólares ao dia. Eu e meu marido ficamos hospedados na pousada La Cigala, onde tudo é muito simples, mas limpo, há água quente para o banho e as pessoas foram muito atenciosas conosco. Pagamos 300 dólares por dia, com pensão completa e estavam incluídos os passeios diários de barco para as outras ilhas.

As pousadas, em geral, oferecem o café da manhã entre 8 e 9 horas. Em seguida, levam para o barco o lanche-almoço, acondicionado em vasilhame térmico, conforme a programação comunicada pelo hóspede. Ao chegar à ilha de destino, o barqueiro deixa instalado na areia o guarda-sol e as cadeiras, e também deixa o vasilhame térmico ao seu lado. No final do dia, ele mesmo recolhe tudo e leva o material para o barco. Portanto, a sua responsabilidade é a de não fazer coisa alguma, apenas curtir a sua folga.

A chegada ao aeroporto de Gran Roque já lhe diz tudo sobre a tranquilidade da ilha. Se desembarca em uma pista de pouso para pequenas aeronaves, do tipo "teco-teco". Mas não há aeroporto, apenas um local que cobra uma taxa de 214 Bolívares Fuertes (Bs) por pessoa para o ingresso no Parque Nacional. O check-in é feito em uma casa situada no meio do povoado, que fica relativamente próxima da pista de (des)embarque, a uma distância que pode ser vencida em cerca de 5 a 10 minutos de caminhada. Só se vai ao "aeroporto" quando se vê passarem o comandante e a comissária de bordo, bem como o carrinho que leva as malas.

Do Brasil ao aeroporto da Venezuela, a viagem foi com a Gol, levando cerca de cinco horas desde o aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, até o aeroporto de Maiquetia, na Venezuela. A logística necessária, devido às distâncias entre ambos os aeroportos (Guarulhos e Maiquetia) e as respectivas capitais (São Paulo e Caracas) é a mesma. Em virtude do horário de chegada em Maiquetia, às 15 horas no horário local (o que corresponde às 17 horas no horário de verão do Brasil), não se consegue viajar para Los Roques no mesmo dia.

As informações sobre os riscos no aeroporto internacional de Maiquetia, seja ao fazer o câmbio ou ao tomar um táxi, levam as pessoas a contratar o transporte do hotel, disponível em alguns deles, como é o caso do Eurobuilding Express. Este hotel está estabelecido em Maiquetia, não muito distante do aeroporto. É um hotel bom, mas não é barato, especialmente ao se considerar que será usado apenas para dormir uma noite. No entanto, esta é uma opção a ser considerada, frente ao medo de ter as malas roubadas no transporte para os hotéis do entorno.

O embarque, no dia seguinte, para Los Roques, é feito bem cedo, no ae-

roporto nacional, que fica ao lado do internacional. Mesmo o hotel ficando próximo, é preciso chegar no aeroporto pelo menos duas horas antes do voo. A instrução que nos passaram é a de que os voos tendem a sair no horário agendado, mas que também podem ser facilmente cancelados. Assim, precisam ser encontradas novas alternativas para viajar. Entre as companhias aéreas pelas quais se pode optar, existem as ChapiAir, Aerotuy e a LTA, pagando cerca de 70 dólares.

No Brasil, não consegui comprar passagens para os "voos domésticos" da Venezuela. A alternativa que encontrei foi a de solicitar para que a pousada comprasse as passagens em nossos nomes. Fiz uma transferência, no valor de 300 dólares, para a conta da proprietária da pousada, pelo sistema paypal, para as passagens de Maiquetia/Los Roques/Maiquetia, para mim e para meu marido. Um alerta foi passado no sentido de não sair do aeroporto nacional para se deslocar ao internacional. Há a opção de utilizar um corredor de acesso interno.

Além dos riscos inerentes a uma cidade do porte de Caracas, a situação instável da Venezuela tem contribuído para os diversos tipos de alerta que sejam evitados alguns eventuais problemas na viagem. Algo que chama atenção é a disparidade entre o câmbio oficial e o paralelo. No câmbio oficial, 1 dólar pode ser convertido em 6,80 Bs. Já no paralelo, 1 dólar pode chegar a 70 Bs. No entanto, não há outro meio de viajar do Brasil para Los Roques, sem passar pela Venezuela, isto é, sem se hospedar uma noite em Maiquetia ou Caracas.

Apesar das preocupações com a inevitável passagem por Caracas para chegar ao arquipélago de Los Roques, esta é uma viagem que recomendo a todos os que apreciam as maravilhas que natureza nos oferece. É um arquipélago muito diferente de outros do Mar do Caribe, por exemplo, como o de Aruba. Este ainda guarda muito das suas origens, parece que parou no tempo. Embora lembre um pouco de Fernando de Noronha, no Brasil, possui particularidades distintas, que valem a pena se conhecer.

Boa Leitura.



Viajar é mudar

Lily - Liege Cardoso de Freitas

Viajar é mudar a roupa da alma – o poeta Mário Quintana não poderia descrever com maior sensibilidade e sabedoria a sensação de viajar.

Uma das coisas mais bonitas de viajar é perceber que a roupa da alma nunca mais é a mesma, ela se complementa com diferentes estilos, fica mais colorida, se enche de acessórios, novas texturas, tecidos e detalhes que passam a fazer parte de nós. Também se completa com as amizades, as risadas, as alegrias e as experiências colhidas na viagem e que não ocupam espaço na bagagem, mas nos fazem mais ricos.

Viajar nos torna livres das nossas rotinas, nos afasta do porto seguro, nos transforma, nos desafia, nos faz apreciar novas experiências, nos faz encontrar a nós mesmos, aprender novas línguas e culturas, ver coisas novas, comer comidas diferentes e dar muitas risadas, porque as coisas mais divertidas acontecem quando se está viajando!

Cada vez que viajamos, somos outras pessoas, despedidas de nossos medos, vergonhas, inseguranças. Muda nossa localização, muda a nossa cara, muda a nossa cor, mudam nossos horizontes, mudam nossos limites. Nós mudamos... Nos permitimos ser pessoas diferentes.

A aventura de viajar nos permite explorar o desconhecido, o diferente, o novo, simplesmente "viver o momento". Sendo impulsivos, pelo puro divertimento.

Quando viajamos, poucas coisas nos pertencem. Tudo o que possuímos cabe em uma mala. E escolher a roupa pra vestir todo o dia é uma tarefa muito fácil. Quanto mais coisas vamos adquirindo mais peso vamos ter que carregar. A vida não é tão complicada assim!



A “viagem” que é viajar!!

Lucila Maria de Souza Campos

Sempre gostei de viajar. Desde muito pequena, me lembro de viagens com a minha família. Viagens mais longas, viagens de férias, viagens para a casa dos avós e primos... E me lembro sempre com boas, ótimas recordações.

Quando fiquei um pouco mais velha, mas ainda bem jovem, resolvi fazer uma viagem mais longa, de 60 dias pela Europa, de mochila nas costas. E aí veio um dos maiores ensinamentos que tive na vida. Minha querida avó me disse: Viajar é bom antes, quando planejamos a viagem; durante, quando aproveitamos os momentos da viagem; e depois, quando recordamos, seja vendo fotos, anotações ou contando os “causos”.

Realmente podemos perceber, numa rápida olhada na internet, a quantidade de blogs existentes de pessoas que espontaneamente colocam suas experiências sobre viagens realizadas. Alguns desses são muito úteis, apresentam dicas de locais para visitar, restaurantes para conhecer, hotéis para se hospedar, entre outras coisas mais.

Também, com o advento da internet, planejar uma viagem deixou de ser apenas “olhar um guia ou uma revista”. Com os aplicativos de que dispomos hoje, podemos olhar, inclusive em tempo real, o local desejado, a porta do hotel em que pretendemos nos hospedar, o caminho a ser feito, etc.

Ou seja, se quisermos, podemos gastar inclusive mais tempo planejando a viagem do que propriamente viajando! Mas para quem gosta mesmo de viajar, esse não é um problema.

Com relação ao viajar, ao “durante”, ao estar lá, conhecendo lugares novos, vivendo experiências diferentes, essa sensação, para mim, é indescritível! É “um barato”, uma “viagem”, mesmo! Seja porque estamos indo pela primeira vez, seja porque estamos retornando a um lugar de que gostamos. Seja para um lugar distante, ou mesmo uma viagem para perto. Seja uma viagem longa, ou de apenas 1 ou 2 dias. Tudo é muito gostoso. Conhecemos lugares diferentes, pessoas diferentes, culturas estranhas à nossa.

Tudo isso nos traz algum tipo de crescimento emocional, nos faz refletir, repensar. Uma viagem sempre nos traz algo novo. Mesmo que seja uma história ruim ou desagradável para contar. Porque, é claro, que como tudo na vida, nem sempre todas as viagens e experiências são perfeitas. Algumas são inesquecíveis por terem sido ruins, pelo fato de alguma coisa ter dado

errado. Mas, como se diz, "faz parte do pacote". De qualquer forma, a experiência é sempre válida, nem que seja para não ser repetida. Ou para alertar aos amigos.

Mas viagem também cansa! E como cansa! Física e emocionalmente! Em algumas, a gente tem tanta vontade de conhecer lugares novos, distantes, que acabamos fazendo aquelas loucuras de andar quilômetros e quilômetros em um só dia. Em outras nos metemos em tamanhas enrascadas, que nos perguntamos: "Mas, afinal, por que eu estou fazendo isso?"

Por outro lado, com o passar dos anos, estou começando a achar que a gente amadurece também a forma de curtir as viagens e os lugares. Para quê tanta pressa, não é mesmo? Quando somos mais jovens, acabamos pensando que precisamos aproveitar muito todos os minutos, pois talvez a gente nunca mais volte naquele lugar. Mas o tempo passa, e a gente percebe que, em alguns lugares, a gente volta, sim. E, de acordo com a forma de experimentar o lugar, a viagem também muda.

Bom, e o pós-viagem? Esse também é legal, apesar de a memória, às vezes, e com o tempo, nos trair e apagar um nome de restaurante ou de rua. Mas que delícia que é assistir a um filme e reconhecer aquele lugar que já se visitou... Ou contar aos amigos as suas experiências pessoais sobre determinado lugar... Tudo isso também é muito legal. E as fotos? Essas, então, a gente tem mesmo que tirar e, sempre que possível, tornar a olhar. É através delas que vemos o passar dos anos, e que também relembramos as experiências sentidas naquele momento, naquela viagem.

Sem falar na postagem num certo aplicativo, aguardando as curtidas dos amigos...

Bom, para quem realmente gosta, esse é um ciclo PDCA [sigla do Inglês Plan-Do-Check-Action: Planejar; Executar (o que foi planejado); Verificar (esta execução); Atuar (em função dos resultados)], que nunca acaba. Assim que terminamos uma viagem, começamos, de alguma forma, a planejar a próxima. E assim vão os amantes de viagens, que não se incomodam em dormir fora de casa, de ir para lá e para cá. Enquanto houver força, disposição e coragem, continuaremos viajando!

Boa viagem a todos!!



Ticket a la India

Miguel Angel Gardetti

¿Cómo se puede resumir, en pocas palabras, la experiencia de un viaje maravilloso y transformador? Imposible... Esto será sólo un breve y rápido intento de hacerlo: Poco más de dos años atrás, tuve la oportunidad de hacer un viaje largamente anhelado por mí: conocer la India y la inmensidad de su cultura. Mi viaje transcurrió por la zona norte del país y por supuesto, quedó mucho por conocer... Sin embargo, más allá de las visitas turísticas habituales, pude acceder a la hermosa India rural, esa que no está incluida y es desconocida por muchos, pero que permanecerá en mí para siempre...

Recorrí en auto y en tren algunos de los lugares más recónditos – algunos de esos con nombres irreproducibles para mi educación latina. Y todo me fue más que asombroso, fue enriquecedor: viajar en tren con los lugareños, compartir e interactuar con familias pertenecientes a una cultura tan distinta a la mía, en la que todo simboliza un vínculo con la religión, con sus dioses, eso fue único. También lo fue internarme en rutas que aunque de doble sentido, eran tan angostas que sólo cabía un vehículo y habitualmente son recorridas por carros que desbordan de productos para vender en los mercados de las poblaciones más cercanas, algunos camiones y otros tantos animales. Inolvidable. Todo este tráfico peculiar, el estado de las rutas y los curiosos ingresos a cada población que atraviesa el camino hace que las distancias se recorran a bajas velocidades y el tiempo de cada viaje se extienda más de lo que habitualmente haríamos en el mundo occidental...

De esos trayectos, recuerdo un momento particular que tuvo lugar durante mi espera en una ruta frente a un paso a nivel. Las barreras suelen descender para impedir el acceso de vehículos 20 minutos antes del paso del convoy; esos instantes previos –que siempre consideré aburridos y tediosos – se convirtieron súbitamente en un evento social. A ambos lados de las vías del tren, se habían agolpado muchísimos vehículos de distintas características; de cada uno de ellos descendieron conductores y acompañantes; todos se acercaron, se miraron, conversaron, confraternizaron, interactuaron entre ellos y hasta me destinaron alguna curiosa mirada... Luego de una espera considerable y ante el silbido de la locomotora aproximándose, todos retornaron – silenciosa y cansinamente – a sus vehículos y al autorizar el paso, la rutina se inició nuevamente, bajo la atenta mirada de los habitantes locales... Aún no puedo explicarme cómo se desarmó esa maraña de gente y vehículos

que tras enfrentarse a ambos lados de la ruta, fueron poco a poco, recuperando su espacio para continuar con su viaje de rutina.

Durante mi travesía, necesité tomar antibióticos para lo cual busqué una farmacia. Mi sorpresa fue mayúscula: el pequeño lugar al que accedí parecía una tienda de venta ambulante y ante mi pedido, el farmacéutico abrió varias latas de las que sacaba blisters con remedios, buscó cuidadosamente, la medicación que le solicité y luego de sacó varias tiras, me preguntó cuántas quería. Las vendía por cantidad... No había cajas, no había envases de ningún tipo como las conocidas y que tienen en general, la cantidad justa para superar la dolencia...

De Calcuta... ¿Qué decir? Mi objetivo era conocer el lugar en el que vivió la Madre Teresa, entender qué la motivó a elegir la ciudad, qué la había atraído... Pisar suelo bengalí alcanza para comprender lo que la había subyugado. Visitar su lugar de trabajo – en el que también está su lugar de descanso – me enseñó cuán profundo puede ser el amor humano. La pobreza es extrema, la pobreza duele pero los ojos de cada individuo decían otra cosa: hablaban desde el corazón... Pensé que encontraría un lugar en el que había mucho para dar y hacer pero, por el contrario, fui llenando mi espíritu de una profunda gratitud y partí de Calcuta sintiendo cuánto me había dado y había hecho por mí...

Al igual que con la visita a la de la Madre Teresa, la tumba de Mahatma Gandhi (Raj Ghat, Nueva Delhi) inspira un profundo respeto por quien expuso, de modo pacífico, el deseo social de emancipación del país. Su mensaje se escucha en el aire. Conmueve.

Dentro de las expectativas de mi viaje, estaba la posibilidad de tomar contacto con el mundo textil que siempre caracterizó a la región. Como ingeniero textil, esperaba poder acceder a espacios históricos y conocer la variedad de sedas y tejidos bordados llenos de colores que vistieron los palacios y las magníficas viviendas en las que transcurrió y se construyó la historia del país... Había imaginado cómo lucirían las imponentes cortinas, los majestuosos trajes y los atractivos saris... Sin embargo, el esplendor de las construcciones, las pinturas en las paredes y las hermosas imágenes están desnudas. Nada hay que las complemente y permita revivir toda esa época tal cual fue... Las sucesivas invasiones y los períodos de dominio de otros imperios fueron vaciando tan preciados tesoros. Sólo se observan algunos recuerdos de esas épocas en museos privados pertenecientes a los maharajas, responsables de algunos estados indios y habitualmente, muy cercanos a los invasores de turno.

El rompecabezas social y religioso fue un enigma. Los sistemas de castas y subcastas – en particular, en las zonas rurales – fue un complejo desafío para mi intelecto. Brahmanes, chatrias, vaisías y shudrás son los nombres de las cuatro castas más relevantes; la clasificación refleja cada parte del cuerpo de Brahma del que fueron creados y determinan la profesión que predominará en cada una. A su vez, cada una presenta, a su vez, subdivisiones. Ese es – en esencia – la clave del sistema.

Pero no se acaba allí: fuera de esta enumeración, resta una sufrida categoría: los parias (los impuros o "intocables") se ven relegados a realizar las tareas marginales. Son los que no pertenecen, los que en otra vida, hicieron algo que los excluyó de su casta de origen y heredan esa condición. Han sido

objeto de violencia y sufrido por tal condición aunque algunos de ellos han sabido superarse y lograr un lugar en la sociedad aunque nunca dejaron de pertenecer a su espacio social de origen.

Pese a que sobre el final de mi viaje, intenté adquirir algún libro que me explique acabadamente cómo funciona cada una de ellas aunque al parecer, la tradición oral es el modo más simple y completo de entenderlas.

En la mayoría de las regiones rurales, la pertenencia a cierta casta, la posibilidad de brindar cierto bienestar económico, el horóscopo y la belleza de los jóvenes son los determinantes para convenir un casamiento entre los miembros de dos familias y curiosamente, el éxito de este sistema se ve reflejado en la tasa de divorcios ya que es sólo del 2%. Grande fue mi sorpresa cuando en el periódico dominical pude leer avisos en los que las familias daban a conocer las cualidades de sus hijos (varón o mujer) para convenir un matrimonio. Aún conservo uno de ellos.

Y cada celebración se convierte en una gran fiesta, llena de simbología, luces, música, baile y mucho color...El respeto por las ceremonias tradicionales, las "holis", los distintos modos de venerar a sus dioses, me emocionó y sedujo... Fue inevitable... Me introduje en algunos festejos como uno más y en pocos instantes, cumplí con rituales que sólo son comprendidos estando allí y viendo la alegría de la gente.

Pese a haber viajado y conocido hermosísimos lugares, nunca una cultura impregnó mi ser tan profundamente. Sus miradas intensas, cálidas y profundas; sonrisas suaves y misteriosas hicieron que mi retorno a mi vida habitual fuese distinto. En mi corazón, había una sola palabra para reflejar mis sensaciones "Dhan'yabada " y "Vapasi taka



Aventuras nos Andes

Mônica Cavalcanti Sá de Abreu

Esta história começa em 1993, quando eu fazia Mestrado na UFRJ e um colega me relatou sua viagem a Machu Pichu. A cada descrição da cultura pré-colombiana, da arquitetura da cidade, da comida e do poder do chá de coca, eu ia imaginando a minha aventura nos Andes. Os anos passaram, vieram o casamento, os filhos, o trabalho no SENAI, o Doutorado na UFSC, o concurso na UFC e nunca sobrava tempo para viajar para o Peru.

De repente, estamos nos preparando para passar um ano na University of Cambridge, e meu marido encontrou uma excelente oportunidade de irmos ao Peru por milhas! Mas, como "por milhas"? Iríamos de milhas da TAM até a Cochabamba, Bolívia. E, de lá, para La Paz. E, em Cuzco, pegaríamos voos da LAB – Lloyd Aéreo Boliviano. Com as passagens compradas, escolhemos um hotel de 5 estrelas em Cuzco, para aproveitarmos ao máximo nossa visita a Machu Pichu. E o melhor de tudo era o câmbio... Em 2007, com o Real forte frente ao Peso Boliviano e ao Peso Peruano, nossa viagem sairia "quase de graça".

Contamos na família os nossos planos de viajar a Machu Pichu e sem planejarmos, montamos uma "pequena excursão", com o meu pai, minha mãe, minha irmã caçula, minha cunhada e meu cunhado. Todos excitados com a viagem para a fantástica "cidade escondida nos Andes".

Nossa viagem começou bem e chegamos a La Paz. Ao descer do avião e seguir para o saguão do aeroporto, eu comecei a ficar "roxa" e simplesmente só consegui avisar: "Estou sem ar..." E pronto! Caí ao lado da esteira das malas e toda minha família entrou em pânico!! Havia experimentado os efeitos da altitude. Afinal, o aeroporto de La Paz fica a 4.100 m. Afinal, conseguira entender como os jogadores brasileiros sofrem....

Me acalmei e comecei a respirar... Ainda passando mal, chegamos no hotel e conheci os efeitos do chá de coca. É algo impressionante... Simplesmente abre os pulmões e você não sente mais os efeitos da altitude. Fiquei totalmente "viciada" no chá de coca e em mascar as suas folhas.

Estávamos morrendo de fome, e descobrimos que precisávamos correr, porque os restaurantes fecham às 22 horas. Achamos um restaurante típico, e minha irmã não gostou do cardápio... Começou a inventar... Também havia o "detalhe" de que o nosso espanhol era mínimo. Apenas conseguimos (com muitas limitações) nos comunicar em "portunhol". E ela pediu um

frango "sem estes temperos". Os nossos pratos chegaram, e nada do prato da minha irmã... De repente, chega um frango tão branco que parecia que havia sido jogado na água. Começamos a rir, e minha irmã acabou indo para o hotel com fome...

Estava começando a aventura gastronômica de minha irmã. A cada prato que comia, ela vomitava ou passava mal... Acho que, ao final da viagem, ela deve ter perdido uns três quilos, além do trabalho que nos dava escolher um restaurante que ela achasse que dava para tentar. Meu cunhado também teve sua parcela gastronômica, procurando por saltenha o tempo todo. É um tipo de pastel, não muito fácil de encontrar... E nos atrasou para os passeios.

Na Bolívia, correu tudo bem... Visitamos o Mercado das Bruxas, e eu comprei um monte de artesanato, tudo lindo e extremamente barato. Fizemos um city tour e fomos a um show folclórico. Havíamos aprendido a tomar chá de coca ou mastigar as folhas, e já estávamos bem ambientados aos efeitos da altitude.

Contudo, o grande momento da viagem ainda nem havia começado... Passamos três dias em La Paz, e seguiríamos de avião para Cuzco. O trânsito de La Paz é simplesmente uma loucura. Não existem regras, e cada viagem é uma aventura. Tudo depende de quão louco é o motorista...

Bem, pegamos um motorista muito "louco", que nos deixou no aeroporto. Quando eu desci, minhas pernas tremiam e meu coração palpitava. Desejava nunca mais ter outra aventura no trânsito da Bolívia. Entramos no aeroporto, e já observamos uma confusão no check-in. Fomos para a fila, e recebemos a notícia que não tinha querosene de aviação (QAV), e que, portanto, estavam cancelados todos os voos.

Como assim? Não tem voo? E quando haverá? A resposta veio de forma bem simples: "Talvez na próxima semana..." Ficamos atônitos!!! Na próxima semana, estaríamos voltando... E como fazer a travessia dos Andes para chegar em Cuzco? Neste momento, surgiu um monte de gente dando as opções e os preços. Meu marido e o meu cunhado ficaram tentando negociar em portunhol, e, do nada, meu pai veio com a solução.

"Sabe aquele motorista que nos trouxe para o aeroporto? Ele tem um irmão, e os dois podem nos levar para Copacabana e, de lá, pegariamos um ônibus até Puño. E, de Puño, trocaríamos de ônibus na rodoviária e seguiríamos para Cuzco". Parecia simples e viável... Mas estávamos falando de aproximadamente 644km, em uma rodovia cheia de buracos, e ainda teríamos que cruzar o lago Titicaca em um ferryboat.

Fomos para o estacionamento do aeroporto pegar os carros que nos levariam para Copacabana e, de repente, surgiu o motorista que havia nos levado... Quase tive um infarto, não quis acreditar... Aquele louco, de novo, e por quase 150 km!!!

Viajamos em um carro Toyota da década de 70, com os pneus carecas e sem cinto de segurança... E o "cenário de desgraça" era completado por uma estrada cheia de curvas e com buracos de dar inveja aos do Brasil. É claro, o motorista saiu como um louco e nos distanciamos. No meio do caminho, o pneu furou... Veio aquela dúvida: "Será que tem estepe?" Por sorte (ou por azar), o motorista colocou um estepe (também careca) e seguimos viagem até o lago Titicaca. Os motoristas avisaram que deveríamos cruzar o lago em um barco e eles seguiriam com os carros no ferryboat em Desaguadero. E

as minhas malas? Será que poderíamos confiar? Não tínhamos opção, fomos para o píer.

Chegamos no barco, entramos e pagamos. Estávamos esperando completar a lotação, até que meu pai teve a ideia de comprar todos os tickets... Era tão barato, mas o que não esperávamos era a reação do capitão do barco. Ele começou a reclamar que estávamos abusando do poder econômico, que não aceitava este tipo de atitude, e que não iria nos levar mais! Ficamos em desespero, precisamos seguir a viagem. Depois de um monte de pedido de desculpas, ficamos bem quietinhos esperando o barco encher.

Atravessamos o lago Titicaca, lindo e enorme, sem colete salva vidas, e morrendo de medo... Minha mãe não sabia nadar, e rezava o tempo todo. E reclamava: "Só poderia ser uma viagem planejada por genro para sogra!" Chegamos do outro lado, com a dúvida de se os nossos carros estavam nos esperando. Ufa! Tudo em ordem... E seguimos viagem. Chegamos em Copacabana e novamente tivemos que passar por aquela negociação em português, em que a gente não sabe o preço de coisa alguma.

Pegamos o ônibus. A viagem era curta e logo chegamos à rodoviária de Puño. Na rodoviária, tentamos pegar um ônibus-leito que nos levasse direto para Cuzco. Não tinha! O ônibus parava o tempo todo, e as pessoas entravam trazendo de tudo e iam deixando no corredor. Além do pessoal que ia sentado, o ônibus ia enchendo e as pessoas deitavam nos corredores. A gente se perguntava: "Meu Deus... Não chega nunca?" Bem, afinal, depois de 12 h de viagem, chegamos a Cuzco!

Estávamos mortos de cansados. Era de madrugada, e fomos assediados por guias de turismo nos oferecendo hotel. Em português, tentamos explicar que já tínhamos hotel. Não adiantou, quando a gente se deu conta, entrou uma mulher no porta-malas, no meio de nossas malas, negociando um hotel para meus cunhados, que não haviam feito reserva.

Chegamos ao hotel, e sentimos o prazer do conforto. Em Cuzco, seríamos abençoados pela beleza da cidade, da força da cultura, da arquitetura e engenharia Incas. Ficávamos imaginando: e se os espanhóis não tivessem destruído esta cultura? Será que teríamos uma civilização mais sustentável, que tinha como os Deuses, o sol e a lua, e um respeito à Pacha Mama (a "Mãe Natureza")?

Depois de cinco dias em Cuzco e da visita maravilhosa a Machu Pichu, totalmente ambientados à altitude com as folhas de coca... Enchendo as malas do lindos artesanatos Inca, estávamos prontos para pegar o voo de volta. Fomos à agência da LAB para remarcar a passagem. E qual a nossa surpresa?! Não tinha avião! Teríamos que voltar novamente de ônibus. Como assim?! Não, pelo amor de Deus!! Deve existir uma outra opção. A recepcionista nos acalmou e disse que iríamos em um ônibus leito.

Cada um tentou desenvolver uma estratégia para enfrentar a viagem. Minha mãe fez uma massagem com pedras quentes, minha irmã comprou duas passagens, e meu marido decidiu que tomaria umas cervejas e iria dormir a viagem toda. Na rodoviária, minha irmã comentava a brilhante ideia que ela teve de comprar duas passagens, porque poderia ficar livre desses "macconheiros" e apontou para um grupo de rapazes. Eu pedi para ela falar mais baixo, mas ela dizia: "De que importa? Eles não entendem nada..."

Entramos no ônibus e começou a confusão. O motorista não admitia que

um passageiro tivesse comprado duas passagens e não queria permitir o embarque da minha irmã. Chamou a recepcionista, e novamente, tentando explicar em portunhol, conseguimos convencer o motorista. Neste meio tempo, meu marido já havia tomado mais umas três cervejas e estava pronto para dormir a viagem toda. Antes de sair, o motorista percorreu todo o ônibus filmando os passageiros. Perguntei o motivo, e ele na maior calma respondeu... Para facilitar o reconhecimento em caso de acidentes.

Acidentes?! Meu Deus, se algo acontecer neste ônibus, quem vai criar meus filhos?! Quase entrei em uma crise de choro. E começamos a viagem de volta, naquela estrada nos Andes que a gente vê na internet... E, em cada curva, meu marido ia ficando cada vez mais enjoado. Ele me avisou: vou vomitar! Como vomitar? Não conseguiria chegar no banheiro do ônibus, porque o tal "ônibus-leito" era, na verdade, um monobloco da década de 1980. E, como na viagem de ida, as pessoas deitavam no corredor.

Não restava outra opção. Meu marido abriu a janela e vomitou. E pior, o vento no rosto trouxe parte do vômito de volta... Ai, que nojo!! O cheiro estava terrível, e não podíamos abrir a janela, porque o frio era intenso e os outros passageiros reclamavam. Teríamos que esperar a próxima parada para que ele pudesse se limpar. A parada só aconteceu de manhã, na fronteira do Peru com a Bolívia. Mostramos os passaportes e depois corremos para o banheiro. Não tinha água encanada! Precisávamos pagar a tira de papel higiênico "rosa" e um balde para tirar a água.

Não nos restava outra opção... Usamos o banheiro e tentamos tomar um café da manhã, mas só tinha uma sopa carregada de gordura. Seguimos com fome... Pelo menos, já estávamos quase chegando!! Engano nosso... O ônibus "quebrou", e estávamos ainda "no meio do nada"... E fomos orientados a descer do ônibus, pegar nossa bagagem e esperar no meio da estrada. Sozinhos, porque o ônibus quebrado, e seguiu viagem para o concerto... Lembra daqueles "maconheiros" da rodoviária? Eram brasileiros, alunos da USP, e vieram falar conosco, perguntando se precisávamos de ajuda... Quase morri de vergonha.

Esperamos no meio da estrada, naquele sentimento de desespero e solidão. Finalmente, o ônibus chegou e, para piorar ainda mais o nosso desespero, nos demos conta de que perderíamos o avião. Meu marido conversou com o motorista e descobriu que poderíamos parar no meio da avenida, antes de chegar a rodoviária, e pegar um táxi para o aeroporto.

Entramos no aeroporto, e fomos correndo em direção ao check-in. Não havíamos perdido o voo. Era pior: para o nosso desespero, o voo havia sido cancelado. E agora?? Só nos restava esperar do meio dia até às 19 h por outro voo. Almoçamos e ficamos esperando. Eu estava lendo os "Caçadores de Pipa" e não parava de chorar... Não sei se pelo livro ou por nossa história. Finalmente, o avião chegou!!! Havia QAV e chegaríamos em Cochabamba!! Estava terminada nossa aventura nos Andes!! Apesar do esforço, tudo valeu a pena!



Porto Alegre bizarra

Javiera Rojas

Na minha última viagem para Chile, trouxe um presente da minha cunhada para o meu namorado Tomás, um livro que se chama: "Santiago Bizarro". O livro é um guia, que imita outros feitos em várias cidades do mundo, descrevendo lugares "pouco comuns", mas que chamam a atenção, tanto dos habitantes locais como dos turistas na cidade. Pode ser entendido como um passeio alternativo, esquisito, ou mesmo surpreendente de uma cidade e seus locais públicos.

Não me sinto ainda uma conhecedora da verdadeira cara "bizarra" de Porto Alegre, porque neste quase ano e meio que estou vivendo aqui, só consegui conhecer os locais mais acessíveis e recomendados, mas a minha curiosidade é grande. Sei que uma das maneiras para se encontrar estes lugares diferentes é caminhando e conhecendo os bairros periféricos, ou mesmo bem próximo da casa da gente. Mas fazer isto com a disposição de conhecer esta parte da riqueza de uma cidade e de seus matizes.

Na cidade de Valparaíso, no Chile, identifiquei espaços que ficaram na minha memória olfativa ou auditiva... Mas, sobretudo, lugares históricos, que recebem pessoas, tribos, seitas, grupos que adoram ir nesse espaço, pois se identificam com ele e se sentem "em casa".

O ponto de partida deste cadastro é o convite que faço aqui, para que os portoalegrenses possam me ajudar a encontrar as peculiaridades e curiosidades da sua cidade.

Bar Balsa Gasômetro.

Na beira do Guaíba, bem perto do Gasômetro, aparece no verão um bar flutuante, sem nome, mas com o pessoal muito querido que recebe a todos os fãs da hora da "caída do sol". A graça do bar é que ele fica num lugar privilegiado, tem uma vista panorâmica do rio (ou melhor, do lago), além da vista do que se desenvolve nesse horário, no espaço aberto, ante a calma da água.

É, sem dúvida, um espaço único, seja pela sua simplicidade, seja pela sua atitude "tropical", mesmo estando a poucos metros de uma avenida barulhenta. Já fui neste bar, ao meio-dia e à tardinha, e lá não tem como fazer reservas, pois não tem horários fixos e nem cardápio.

Consultório Culinário

Excelente restaurante. Comida feita para os olhos e para a boca. Consi-

dero-o um ponto estratégico para quem precisa “aliviar a cabeça” na hora de almoço, ou então, precisa apenas de um café. Até no banheiro me considere rodeada de criatividade. Há detalhes, recolhidos em várias partes do mundo, que fazem sentir (embora apenas por poucos minutos) fora do Brasil. E a relação preço-qualidade é muito boa.

Iniciei este cadastro com lugares que não são propriamente bizarros, mas antes, são diferentes, especiais, originais. Pode ser interessante também visitar o Tutti Giorni, pela sua espontaneidade e pelo valor tradicional para os desenhistas da cidade.

Nas minhas conversas com os estagiários do trabalho, consegui uma lista de bares e outros, que, sem dúvida, visitarei nos próximos dias, e aqui já compartilho esta lista com vocês. Se tiverem mais ideias, por favor me escrevam: javierarojasdelrio@gmail.com.

- Taberna - R. Lima e Silva, 1332. Cidade Baixa
- A Virgem - R. Olavo Bilac, 251 - Cidade Baixa
- The Complex - Av. Protásio Alves, 3839

Tenho ainda uma lista de lugares que me conquistaram pela sua música, estética e por ser um ambiente indicado para ir com um livro, ou com um caderno de desenhos, com ou sem companhia:

- Café da República
- Livraria Cultura
- O café na parte de cima da Casa de Cultura Mario Quintana. Até o jardim da Casa da Cultura é um lugar agradável para ir numa tarde, acompanhada de um bom livro.

Esta lista está incompleta. Espero que, daqui a alguns anos, possa apresentar para vocês um livro sobre a “Porto Alegre Bizarra”, cheio de sugestões, ideias e anedotas.

Abraços.

Datas importantes



Ano Novo – lentilha e roupa branca?

Luis Felipe Nascimento

Feliz Ano Novo!

Mas por que fazemos isto no dia primeiro de janeiro?

Ora, porque o ano começa no primeiro dia de janeiro!

Parece óbvio! Mas não é....

Vocês já se perguntaram por que o ano não começa em 26 de dezembro?

Acompanhem o raciocínio: Nós consideramos o nascimento de Jesus Cristo como marco zero da era cristã. Assim, como nós contamos os nossos anos de vida a partir do dia do nosso nascimento, deveríamos contar os anos da era cristã a partir do nascimento de Cristo (DC), concordam?

Então, por que iniciar a contagem uma semana depois da data do nascimento de Cristo?

Bem, este é só mais uma dos fatos históricos que não fazem muito sentido. Vejam por exemplo o calendário Gregoriano, que nós utilizamos hoje. Este calendário foi instituído pelo Papa Gregório XIII em 1582, em substituição ao calendário instituído por Júlio César, 46 anos antes de Cristo.

No calendário Gregoriano o ano é composto por sete meses com 31 dias, 5 meses com 30 dias, e mais um, chamado de "fevereiro", com 28 dias e, quando bissexto, com 29 dias.

A "segunda"-feira é o "primeiro" dia útil da semana. Vejam só que confusão!

O calendário Gregoriano foi sendo implantado nos diferentes países ao longo dos séculos, mas ainda hoje existem povos que se orientam por outros calendários, como o calendário Budista, que está no ano 2557, o hebreu, entre 5773-5774, o Islâmico, entre 1434-1435, entre outros.

Tudo seria mais simples se utilizássemos o calendário lunar dos Maias e dos Egípcios. Durante uma volta da Terra ao Sol, se passam 13 luas. Logo, basta dividir o ano em 13 meses iguais, todos de 28 dias, totalizando 364 dias. Sobra um dia. No calendário Maia, o ano inicia em 26 de julho e termina em 24 de julho do ano seguinte, sobrando o dia 25 de julho, como o "dia fora do tempo", um dia para libertar-se da prisão do tempo.

Os egípcios celebravam na data de 26 de julho o início do ano novo e o princípio das cheias do rio Nilo, que traria abundância. Em 1849 o filósofo positivista Auguste Comte propôs um calendário que também dividia o ano em 13 meses de 28 dias.

Recentemente, o arqueólogo americano José Arguelles conseguiu o apoio do Secretário Geral da ONU e está liderando um movimento pela reforma do nosso calendário, passando a utilizar um calendário de 13 meses. Arguelles diz que a nossa civilização esqueceu que o tempo está relacionado com os ciclos naturais e que monetizou o tempo: "tempo é dinheiro".

Se o movimento pela reforma do calendário ganhar força, é possível que os nossos netos comemorem a entrada do ano no dia 26 de julho. Na nossa cultura, a virada de ano também é um momento de renovar esperanças. Nós incorporamos alguns rituais que visam dar sorte no ano que se inicia.

Algumas pessoas utilizam roupas novas no Réveillon, especialmente peças de roupas com cores relacionadas a determinados significados: branco (paz e harmonia), vermelho (força e paixão), amarelo (dinheiro e prosperidade), laranja (sucesso), azul (harmonia e paz) e verde (saúde, esperança e equilíbrio).

Existe também a crença de que comer determinados alimentos trará alguns benefícios, como por exemplo: lentilha (sorte financeira); romã (fertilidade e prosperidade); uvas (prosperidade); carnes de boi, porco e cordeiro (o porco fuça para a frente, o que simboliza prosperidade. Mas cuidado, dizem que as aves são contraindicados, pois elas ciscam para trás); frutas cristalizadas e secas (pêssego, figo, amêndoas, nozes, avelãs e tâmaras significam sorte e fartura).

Obviamente não pode faltar a Champanhe, símbolo da comemoração, da alegria e da abundância. Para conseguir seus desejos, há quem acredite e pratique coisas estranhas como: a meia noite do dia 31 de dezembro, colocar uma folha de louro na carteira; dar três pulos com o pé direito e beber três goles de champanhe; comer sementes de uva e romã; e, para quem quer viajar, arrastar uma mala até a porta da casa.

A virada do ano faz muitas pessoas refletirem sobre a vida. Alguns são otimistas e dizem que será "mais um ano de vida". Já os pessimistas dizem que será "menos um ano de vida", como se tivessem uma data já estabelecida para morrer.

Poucas são as pessoas que consideram que o "Ano Novo" será a colheita do que foi plantado no "Ano Velho". Assim como o Natal, o Ano Novo tem um significado especial, é o início de um novo ciclo. A vida funciona em ciclos. Depois do dia vem a noite; depois do inverno vem o verão; depois da juventude vem a velhice... E o tempo não para, mas a nossa relação com ele pode ser diferente no próximo ano. A cada ciclo que se completa, podemos aprimorar as nossas vidas, podemos passar a ser pessoas melhores e mais felizes.

Que as crenças populares da folha de loro na carteira, de usar roupa branca e comer lentilha não sejam mais do que brincadeiras. Que as nossas verdadeiras crenças e nossas energias sejam para encher de sentido as palavras que mencionaremos na virada: "paz", "harmonia", "saúde", "felicidade"! Um feliz Ano Novo para TODOS nós.



O que você faria se pudesse dar um tempo no tempo?

Sandra Regina Cela

Ao ler o texto da coluna dominical de 29 de dez de 2013, fiquei curiosa, e comecei a imaginar como seria se o nosso calendário fosse trocado pelo calendário lunar Maia, que possui um dia de folga para o tempo? O que as pessoas fariam se tivessem um dia no ano para dar um tempo no tempo (DTT)?

Os "sonecas" – não perderiam, de jeito nenhum, mais uma oportunidade de aproveitar este "dia dos deuses" para DORMIR. Poderíamos pensar: mas que coisa mais inútil ficar o dia todo dormindo! Pode parecer loucura, mas para o marketing e o comércio, esta seria mais uma oportunidade de crescimento nas vendas, nos negócios. Antes do "DTT" os veículos de comunicação já estariam anunciando ofertas, promoções, descontos de produtos como: relógio que para de funcionar antes do DTT, retornando o seu funcionamento mediante um alarme programado em fábrica (isto para o soneca dormir à vontade); máscaras personalizadas com os dizeres: "Eu me amo e faço o que mais gosto: dormir"; roupas íntimas e de cama cheirosas, aconchegantes e macias. Os fabricantes e seus marqueteiros poderiam esbanjar em criatividade. Os sonecas seriam convidados a participar de programas e pesquisas sobre dieta alimentar, pois seriam o exemplo de quem perde peso fazendo o que gosta.

Os "sensíveis" – se isolariam. Eles entrariam em pânico, porque não suportariam o caos social pela falta de organização que o tempo sempre nos deu. Em seu dia a dia, já estaria profundamente gravada a marca da escravidão ao tempo. Na vida deles, tudo sempre foi cronometrado, organizado pelo tempo. Não entenderiam o fato de as pessoas não usarem relógio e agenda. Na vida deles, sempre houve horário específico para tudo: dormir, acordar, comer, trabalhar, estudar, tomar banho, fazer sexo, beijar, amar. Este dia sem cronômetro levaria o sensível a perder o seu referencial. O que seria deles sem o seu alimento, o seu porto seguro? Neste dia, os psicólogos e psiquiatras teriam que se esconder para evitar a perseguição dos sensíveis. Somente assim poderiam, eles próprios, aproveitar o DTT. Os profissionais que resolvessem atender neste dia certamente cobrariam o dobro do valor de uma consulta normal, pois seria quase impossível ter paciência para ouvir as lamúrias "sensibilitistas".

Os "sociais" – não suportariam a solidão e, com certeza, procurariam um grupo para se divertir e curtir o dia, procurando se desvincular de tudo o que fosse relacionado ao tempo ou que lembrasse dele. Não se preocupariam com mais coisa alguma. Eles nunca suportaram o tempo controlando as suas vidas. Para eles, este seria o dia da glória, o dia em que aproveitariam o máximo para ficar com os amigos, amar, sorrir, brincar, cantar, dançar. Nada de compromissos, responsabilidades ou trabalho. Este grupo também despertaria o interesse do comércio, pois ele movimentaria praias, parques e locais de diversão.

A "turma do Bem" – organizariam momentos de reflexão, oração, jejum, penitência e solidariedade. O dia seria para agradecer por tudo de bom que temos. Nos encontros desta turma, não haveria horários e nem coordenação. Em meio a um silêncio contemplativo, alguém poderia iniciar um canto ou uma reza, e seria acompanhado pelos demais. Seria o interior falando ao exterior. O início e o fim deste santo dia teriam o badalar dos sinos em todas as igrejas, anunciando que a tarefa foi cumprida.

Nesta história, não poderiam faltar "os infratores". Para toda lei, sempre existe, ao menos, um infrator para infringi-la. Eles seriam aqueles que não conseguiriam viver sem o tempo. Mas, diferentemente dos sensíveis, os infratores não são escravos do tempo e não entrariam em pânico por falta do tempo. Os infratores são viciados no tempo. Em nome do tempo, eles cometem crimes. E preferem ser multados, e até mesmo perder a liberdade do que abandonar o vício. Em relação às atividades deste grupo, os governos já estariam se articulando e, antes do DTT, realizariam campanhas de sensibilização e conscientização da sociedade para impedir a ação daquele grupo durante o DTT.

Por fim, teríamos o grupo dos "Prós e Contras"; estes não poderiam faltar. Eles não conseguiriam ter uma identidade própria, uma vez que nunca tiveram. A cada ano, penderiam para um grupo ou para outro, dependendo da situação. Para eles, o social continuaria a não fazer diferença, pois o que sempre admiraram foi o próprio umbigo. Eles sempre tiveram uma capacidade incrível de adaptação, capaz de causar inveja a qualquer outro grupo. Ninguém jamais soube quem eles são e nem o que fazem. Nunca constaram nas estatísticas e pesquisas devido à sua invisibilidade.

Mas, sabemos que o ser humano é "supercriativo", e que encontraria as mais variadas formas de viver este dia de folga temporal no calendário. E, com certeza, isto seria feito com muita imaginação. Ele criaria novos grupos, novas situações e, de uma forma ou de outra, viveria intensamente este dia, como já tem vivido. E você já se sente capaz de imaginar o que faria? Tudo o que podemos dizer é: então, que venha o dia (D) de dar tempo (T) ao Tempo (T)!!



Carnaval - adeus à carne

Luis Felipe Nascimento

Eu adoro o Carnaval em Porto Alegre, pois a cidade fica vazia, tranquila e silenciosa. Tenho a sensação de que o Prefeito se enganou. E, em vez de entregar a chave da cidade para o Rei Momo, entregou para mim. Quando chego no supermercado, tem uma vaga reservada para mim. Retiraram todas as pessoas da fila para que a caixa possa me atender rapidamente. No cinema, posso escolher o lugar onde desejo sentar, parece que a sessão é especial para mim. Me sinto "o rei da cidade".

Mas também tenho muitas boas lembranças das festas de Carnaval. Quando criança, na minha cidade natal, existia a tradição do "Carnaval d'água". No dia e horário determinado, as pessoas saíam para a rua em caminhões com tonéis jogando água umas nas outras. E também "voavam" baldes de água pelas janelas das casas. Quem estava na rua era para se molhar. Obviamente que sempre tinha uma velhinha desavisada que saía na rua. E, claro, jogaram um balde d'água nela. Uma pessoa que chegou do interior, e que não sabia do tal "Carnaval d'água" e levou um banho. E assim por diante. Algum tempo depois, proibiram este "Carnaval d'água".

Quando adolescente, tive a oportunidade de, juntamente com meus primos, participar de blocos de Carnaval nas cidades de Tupanciretã, Santiago e também do bloco do Clube do Comércio em Porto Alegre. Os blocos percorriam os clubes da cidade. Alguns destes blocos tinham vida o ano todo. Ou seja, os seus integrantes se reuniam, faziam promoções ao longo do ano para juntar dinheiro para o Carnaval, era tudo muito organizado. Eles reuniam mais de uma centena de pessoas. Estas e outras cidades do interior tinham carnavais famosos, que atraíam o pessoal da capital e de cidades maiores.

Na época da Universidade, veio a fase de "viajar de mochila" pegando carona nas estradas, o que viabilizou que eu conhecesse os carnavais de Laguna, de Florianópolis, de Salvador e de Recife/Olinda. Tudo com pouca grana e muito apoio dos amigos, que abriam suas casas e nos recebiam. Não se sabia bem ao certo quem estava naquela casa, mas todo mundo achava um canto para dormir durante o dia. E uma aventura pela América do Sul me permitiu conhecer um pouco da história e as máscaras demoníacas do Carnaval de Oruro, na Bolívia.

O doutorado na Alemanha me levou para carnavais mais distantes. Tive

a oportunidade de conhecer os carnavais mais famosos da Alemanha, que são o de Colônia e de Mainz. Em outras oportunidades, conheci o estranho Carnaval da cidade suíça da Basiléia e o de Veneza. Na Europa, o Carnaval ocorre no final do inverno, mas ainda no frio. Na Alemanha, o Carnaval lembra o nosso desfile de 7 de setembro. As pessoas ficam ao longo das calçadas para ver o desfile dos foliões fantasiados, raramente se ouve o som de alguma bandinha. Lá também tem carros alegóricos, mas, em vez de gente sambando, em cima do carro tem alguém atirando balas e bombons para o público. Neste dia, tem garrafas e bêbados por todo canto, e é um dos poucos dias do ano em que se vê lixo pelas ruas.

O Carnaval, na Basiléia, começa às quatro horas da madrugada da terça-feira, quando se apagam as luzes do centro da cidade, tocam os sinos da catedral e surgem blocos de umas 20 a 30 pessoas, que mais parecem um pelotão de soldados, todas as pessoas estão maquiadas ou com máscaras, tocando tambores, flautas e pífaros, com lanternas coloridas na cabeça, iluminando o caminho por onde passam. O público caminha pelas ruas enquanto assiste aquele desfile desordenado de blocos que vêm de diferentes direções, surgindo de cada ruela estreita e escura.

Já o Carnaval de Veneza praticamente não tem música, com exceção de algum pequeno grupo tocando sax, flauta e bumbo. O forte do Carnaval de Veneza são as luxuosas fantasias e as lindas máscaras. As pessoas simplesmente se fantasiam e saem pelas ruas para ser admiradas e fotografadas. É o paraíso dos fotógrafos, pois não é necessário nem pedir licença, os "modelos" posam e ficam à sua disposição.

Eu imaginava que o Carnaval era uma festa brasileira, pois toda vez que alguém descobria que eu era brasileiro, logo dizia: "Brazil, Carnaval, football...". Fiquei frustrado, no dia em que descobri que a nossa maior festa popular já existia, no Egito, 4000 anos antes de Cristo. Há quem diga que o Carnaval teve origem em festas pagãs na antiga Roma. Antes do nascimento de Cristo se comemorava em Roma as "Saturnálias", festas em homenagem aos deus Saturno, que eram protegidas por Baco, deus do vinho.

Existem muitos aspectos do Carnaval que são pouco conhecidos. Por exemplo, a subversão social. Nas saturnálias e em outras comemorações que deram origem ao Carnaval, tudo se invertia, um prisioneiro era transformado em rei e o rei era humilhado frente a deus. Os homens se vestiam como mulheres, e as mulheres, como homens. Os escravos se colocavam nos lugares dos senhores, que assumiam o papel de escravos. A Igreja Católica não gostava desta subversão, e agiu para reenquadrar estas comemorações. A partir do século VIII, criou a Semana Santa e a Quaresma. Em outras palavras, o domingo de Páscoa ocorre após a primeira lua cheia do equinócio do outono (no hemisfério sul) e a terça-feira de Carnaval ocorre 47 dias antes da Páscoa. A terça-feira de Carnaval é conhecida como "terça-feira gorda" ("Mardi Gras" em francês, sinônimo de Carnaval).

O termo "Carnaval" teve origem no latim (carnis valles, ou "os prazeres da carne"). Portanto, se pode fazer muita festa até a "terça-feira gorda". Depois, vem a "quarta-feira de cinzas" – o primeiro dia da quaresma – que segundo a tradição, é um adeus à carne, pois se inicia o período de 40 dias, durante os quais se deveria ficar sem sexo e sem os demais prazeres da carne.

Quando os portugueses vieram para o Brasil, trouxeram a tradição do "Entrudo" (entrada da Quaresma), período em que as pessoas jogavam, umas nas outras, água, farinha, lama e até mesmo lixo. Depois vieram os carnavais dos salões, que reuniam, em salões, a elite e a classe emergente, deixando o povo fazendo as suas festas, nas ruas.

O Carnaval brasileiro não tinha um ritmo próprio. As brincadeiras eram acompanhadas de ritmos como a polca, as valsas, as quadrilhas, etc. Em 1899, Chiquinha Gonzaga compôs seu clássico "Ó abre alas", que é considerada a primeira marchinha para o Carnaval brasileiro. As marchinhas fizeram muito sucesso até serem sucedidas pelo samba, na década de 60. Os sambistas eram muito prestigiados e eram chamados de "professores". Os blocos de Carnaval que tinham "professores" passaram a se chamar de "escolas de samba".

O Carnaval se desenvolveu também em outras regiões do Brasil. No final do século XIX, surgiu, na Bahia, o Afoxé, um grupo de negros que saía cantando e dançando pelas ruas. O trio elétrico surgiu em 1950, com Dodô, Osmar e Temístocles, consagrando o Carnaval de rua. Na década de 1970, fizeram sucesso grupos como os Novos Baianos, o bloco "Ilê Aiyê" e os "Filhos de Gandhy". E a década de 1980 foi a vez dos grupos Camaleão, Eva e Olodum.

O Carnaval de rua é famoso também em cidades como Natal, Maceió, Olinda e Recife. Em Recife e Olinda existe a tradição dos desfiles de "bonecos gigantes". Ao som do ritmo chamado "Maracatu", com a percussão baseada em tambores, as pessoas representam reis, rainhas, cavaleiros, índios, etc. Já o Frevo, que predomina em Recife e Olinda, é um ritmo rápido, dançado com uma sombrinha colorida e que exige muita força nas pernas. É quase uma acrobacia. No Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, continua forte a tradição do desfile das escolas de samba, mas me parece que o Carnaval, no interior, enfraqueceu significativamente. É como apenas mais um "feriadão" (um feriado prolongado): os gaúchos viajam para a praia, para a serra, para visitar amigos e familiares, mas não vejo animação com as festas de Carnaval do interior.

O Carnaval se tornou a festa mais popular do Brasil e entrou no Guinness Book, sendo que o Carnaval do Rio é o maior do mundo, e que o Galo da Madrugada, de Recife, é o maior bloco de Carnaval do mundo.

Também é Interessante observar que, durante os dias de carnaval, algumas pessoas fazem retiros espirituais, enquanto outras "caem na folia". Neste aspecto, o Carnaval continua reunindo o sagrado e o profano, de modo comparável ao de suas origens.

Depois de toda esta revisão dos meus velhos carnavais, me dei conta de que preciso incluir, no meu currículo, o Carnaval no Rio de Janeiro. Sou professor, e nunca saí numa escola de samba! Alguém aí é parceiro?



Os acadêmicos de São Paulo no Sambódromo

Milton de Abreu Campanario

Nos idos de 2000, após eu passar o estresse de trabalhar no Bug do Milênio, minha então companheira Cristina Limongi, acadêmica notável e animada carnavalesca, resolveu, com um grupo de amigos, passar o Carnaval na Avenida, mais propriamente, no Sambódromo carioca. Para mim, seria uma experiência única, embora nunca tenha tido o dom de sambar, tendo até um certo pânico do alto volume das baterias e da multidão enfileirada ou dispersa. Por vezes, me encanta ver as escolas na televisão, ou ir à arquibancada para torcer pela Gaviões, ou mesmo ter tido, por duas vezes, a oportunidade de ir nas arquibancadas da Sapucaí, levado por outro acadêmico economista amigo, o Flávio Castelo Branco. Ele entende de Carnaval, da história e de detalhes da escola a cada ano. É bom ter amigos que, ao mesmo tempo, são guias. Mas, entrar na pista, vestido de pássaro, com plumas e paetês, aí já é outra coisa. E foi este o meu destino.

A Cris tomou a dianteira, juntamente com os colegas da USP, e encomendou as fantasias, que são feitas por membros da escola, terceirizados. Nem tudo o que vemos na avenida é feito no Barracão, mas sim por famílias, que têm, neste momento, uma atividade artesanal e uma pequena fonte de renda extra. E assim foi. Escolhe ou negocia o Bloco em que irá participar e a fantasia é fornecida em um endereço qualquer da família de carnavalescos. E assim foi. Fomos para o Rio, eu sempre com um certo temor do que teria que enfrentar, mas preparado e protegido pelo animado grupo de amigos. Cris e eu nos instalamos no apartamento de um primo meu. Este, durante o Carnaval, foge do Rio. Ficamos à vontade, em compasso de espera pelo grande dia, um sábado de carnaval.

No fatídico dia, experimentamos as fantasias, sob a pressão de um enorme calor. Uma enorme diversão, um ajudando o outro e encaixar cada detalhe nos lugares devidos. Ficamos absolutamente escondidos no enorme volume de ornamentos, cobrindo desde os pés até a cabeça. A Cris ficou ainda com seu lindo rosto à mostra, e eu, com uma cara de nerd, vestido de penas e paetês. Tratava-se de pássaros que vêm da imaginação, um surrealismo puro, no melhor estilo de Joãozinho Trinta. Aliás, em outra oportunidade, tive o grande prazer de conhecê-lo pessoalmente. Parcialmente vestidos e

com sacos contendo os elementos maiores da fantasia, nos dirigimos ao Sambódromo. Lá, na "concentração", havia uma "dispersão" e uma aparente falta de organização. Os outros colegas se dirigiram ao espaço de espera, umas duas horas antes da entrada da escola. Tudo parecia feito na base do improvisado. Ficamos perdidos por um tempo, Cris e eu. Buscando uma direção, acabamos por ficar junto aos Acadêmicos da Salgueiro, composto por compositores da escola, todos elegantemente vestidos de branco sobre suas peles morenas. Conversamos com uns e outros, mas nitidamente estávamos fora de lugar, vestidos como o tal pássaro surreal. Aprendemos um pouco com estes compositores, todos de raízes culturais populares, o que nos encantou muito.

Após um certo momento de descanso, sentados junto àqueles carnavalescos, aproximou-se um repórter do Jornal O Globo e nos entrevistou com questões genéricas como profissão, origem, curiosidades pessoais e motivações para estar no Carnaval mais famoso do mundo. Tiramos fotos e respondemos como paulistas, com um certo descaso, sabendo que estávamos cobrindo um tempo de espera à entrada do desfile. Mas jornalistas são "uma espécie à parte". Trata-se de uma profissão muito estressante, pois há que se transformar um evento idiota (entrevista com dois professores vestidos à fantasia) em notícia de repercussão. E pior, isto deve ser feito num curto espaço de tempo.

Entramos na pista, mas não sem antes presenciar cenas hilárias de fantasias caíndo, esfregações de corpos na grande diversidade de figuras, e mesmo uma fantástica mulata, destaque de carro alegórico, que caiu de uma altura de cinco metros, o que demandou a presença de bombeiros e paramédicos. Ela foi direto ao hospital. Uma pena!!! – (ou várias) a menos no carnaval... Mas, seguimos em frente, tentando entrar no ritmo, eu sempre atrás da Cris que, feliz da vida, seguia a escrita do Bloco e o ritmo da fantástica bateria. Foi uma experiência extraordinária, vendo a multidão acima, onde normalmente estamos. Esta "visão ao contrário" explica, em parte, a felicidade daqueles carnavalescos que, por um curto momento, vivenciei. Estar naquele ambiente é incorporar as emoções do ritmo do samba-enredo, tendo ao lado os carros alegóricos, a diversidade de fantasias, as mulheres exuberantes, as senhoras baianas com seus longos vestidos, os artistas da dança e muitas outras sensações. À nossa frente, os Acadêmicos compositores vestidos de branco, glorificando sua função primordial. Eu, infelizmente, fazia somente acompanhar. Naquele curto intervalo da vida, literalmente jogamos fora nosso intelecto e vivemos a pura harmonia dos sentidos primitivos.

Exaustos, fomos para o final do desfile, de onde partimos para uma comemoração regada a cerveja. A volta à casa também foi um ensinamento, com a devolução da fantasia, as despedidas infundáveis e a alegria de ter presenciado esta noite fantástica na Salgueiro. Mas, o gran finale aconteceria na manhã de domingo. Acordamos assustados com um telefonema de um outro primo fluminense perguntando o que eu e a Cris estávamos fazendo na capa do Globo, com nossa foto estampada sob o título "Os Acadêmicos de São Paulo no Sambódromo". Ainda meio tonto, não acreditei. Acordei a Cris e passei o recado. Parecia piada. Saímos para comprar o jornal e era realidade. O nosso amigo jornalista fez este milagre de tornar dois foliões acadêmicos

de São Paulo em celebridades do Globo. Por um único dia.
Abraços.



O lusco-fusco do Carnaval, ou o ocaso do acaso

Pedro Costa

Sempre gostei muito de um horário especial do dia, em que ele vai dando lugar à noite, bem aos poucos. Nós, gaúchos, chamamos essa hora de “lusco-fusco” – que não sei o que significa nem de onde saiu o nome... – e Mia Couto refere-se a ela, num conto, como o momento em que “os farrapos de poeira demoravam o último sol”. Escrevo essas linhas nessa hora.

Talvez o rescaldo do Carnaval seja um momento desse lusco-fusco. Meio folia, meio razão. Costurado pela melancolia e pela madorra da volta para um tempo de ordem. Mais do que uma crônica das possíveis concessões que podem sustentar esta ordem, esse momento transitório, difuso e impreciso, que me lembra exatamente os movimentos de vida que estão nessa faixa do incompreensível, e que o nosso pensamento ocidental típico, maniqueísta e dicotômico, tem tanta dificuldade para entender.

Sim, gosto das zonas sombrias em que a nossa total humanidade se manifesta. Ou, poderíamos até ousar dizer, só somos verdadeiramente humanos nessa meia-luz (ou meia noite?) em que se costura o diálogo entre o nosso modo de viver lógico e a nossa sensibilidade. Lembro – e evoco aqui – as reflexões entre experiência e vivência. A primeira, mediada pela razão. E a segunda, como forma sensível de apreender a realidade. Há duas realidades? Uma captada pela razão, e outra pela sensibilidade? E quando essas “realidades” se manifestam em nós? O que está certo? A tese ou a poesia? O discurso ou o corpo que dança? O retrato ou a pintura surreal?

Eu fico com o lusco-fusco da vida, com o ir e vir entre as duas coisas que sou e as diferentes realidades que me assaltam. Não quero ser capturado por qualquer delas, quero chorar ouvindo música, e também quero fazer revolução. Adoro ler, estudar e lecionar, estou a todo tempo pensando e descobrindo minha eterna e infinita ignorância, que, obviamente, me dá mais sede de ler, de estudar e de pensar. Depois paro no batuque do tambor, no olhar enamorado, no desejo incontido de rir ou de amar, embora eu não saiba a diferença entre os dois.

Não quero ser uma crônica de autoajuda: quero convidar o leitor à confusão e ao desafio do desassossego que nos impulsiona. Acho que o fim do Carnaval – como ocaso do acaso, quando finda a concessão aos sonhos e o

planejamento vira a pauta da vida – reforça minha convicção irrefletida de que é na força desse espaço impreciso que está a potência de viver. Ao menos o viver que eu quero ter.

Deixo vocês então com um poema, o “poema do desenredo”, produzido nesse clima de (fim de?) Carnaval:

*Cantei um Carnaval de desenredo que me enreda em ti
Preso pela língua-serpentina que me serpenteia o corpo e me joga
pro chão
onde bate o pé e arrasta o cordão do bloco incabido e disforme da
paixão
Sonhei com beijos que caíam como confetes em uma chuva pipo-
cante e desarmônica de si*

*Meu sorriso invisível se regozija calado, e se faz estandarte do que
vivo*

*O passo evoluído pelas pedras da rua samba na direção do abraço
saudoso*

*Abraço que puxa teu corpo, suado de sonho
como se meu sentimento corporificado quisesse bumar a batida
do teu coração
amor sem ritmo, desarmonizado de tudo que escurece a vida
construído na respiração do tambor
e na cadência do desejo*

*Amor sem quarta feira
Sem cinzas
Só fogo*



Repaginando a Páscoa

Luis Felipe Nascimento

O Papa Francisco está empenhado em modernizar e tornar a Igreja Católica mais popular. Para que a mensagem cristã faça sentido para a juventude e que seja melhor compreendida pelos seus milhões e milhões de seguidores, é necessário repaginar a linguagem e os símbolos da Páscoa.

Páscoa significa "passagem". E, na Europa, a Páscoa significava a celebração da passagem do inverno para a primavera. Para os Judeus, a Páscoa está relacionada com a passagem pelo Mar Vermelho, fugindo do Egito. Para os cristãos, a Páscoa é a passagem da morte para a vida, a ressurreição de Cristo.

Atualmente, mesmo quando se fala em Páscoa, a passagem que lembramos é a "passagem aérea", ou a "passagem pelo pedágio", pois a Páscoa está associado com feriadão, com viagens. Os símbolos mais lembrados são o "Coelho" e o "Ovo de Chocolate". Se perguntarmos para um adolescente o que aconteceu de importante na Páscoa, talvez ele fique na dúvida se quem morreu foi Jesus Cristo ou Tiradentes. Portanto, hoje seria muito difícil recuperar o significado dos símbolos da Páscoa Cristã que são a "Cruz" (vitória sobre a morte), "Pão e Vinho" (vida eterna) e o "Cordeiro" (sacrificado para salvar a humanidade).

Mas afinal, o que coelho e os ovos de chocolate têm a ver com a Páscoa? Historicamente, o coelho foi usado como símbolo da fertilidade, pois ele se reproduz muito rapidamente. Na Antiguidade, a mortalidade era altíssima e a fertilidade era sinal de preservação da espécie, de uma vida melhor. E o ovo? Algumas interpretações dizem que o "ovo" contém algo oculto, é uma capsula que tem, dentro dele, uma vida que, em algum momento, irá surgir. Por isto, ele está relacionado com a ressurreição de Cristo, que estava dentro de uma cápsula (o túmulo) e que ressurgiu para a vida. Outra versão diz que a relação do ovo de chocolate com a Páscoa foi apenas uma invenção dos confeitores franceses no século XVIII.

Como primeiro Papa Sul-Americano, Francisco sabe que aqui a Páscoa é a passagem para o inverno, e que, no nosso povo, não falta fertilidade. Cordeiros são muito apreciados, principalmente a paleta. Ciente disto tudo, o Papa encomendou aos seus assessores uma nova versão para a Páscoa, tendo Jesus como um super-herói com uma linguagem popular. Leia a seguir alguns trechos de uma versão draft (rascunho) das sugestões propostas:

1) Quinta-feira Santa: Santa Ceia – Ao dizer: “Um de vós será o traidor”, Jesus sinaliza que tinha informações da conspiração para a sua morte. Sugere-se o seguinte trecho de diálogo para a Santa Ceia: [Jesus] – “Aí, moçada, tô sabendo que um de vocês tá aprontando pra cima de mim”; [Judas] – “Quié isto, meu brother, tu sabe que a gente somos uma comunidade, nós tamo fechado contigo, parceiro!”

2) Sexta-Feira Santa: Jesus ou Barrabás? Na nova versão, Pilatos perguntará ao povo: “Querem que eu solte, Jesus ou o Deputado Barrabás, que está no presídio da Papuda?” O povo responde: “Barrabás! Barrabás! Solta o Barrabás!”

3) Sexta-Feira Santa: Morte de Jesus – Atualmente, ninguém consegue imaginar uma pessoa passagem pregada numa cruz. Sugere-se que a morte de Jesus ocorra na viatura que o levava para a prisão. Os guardas romanos dirão que a morte foi causada por uma bala perdida.

4) Sábado de Aleluia: Flagrante de Barrabás – ele é flagrado, por uma câmera oculta, recebendo propina e colocando o dinheiro na cueca;

5) Domingo de Páscoa: Ressureição de Jesus – com uma capa vermelha, Jesus sobrevoa Jerusalém causando medo e espanto aos poderosos. O mesmo povo, arrependido de ter pedido para que Barrabás fosse solto, grita: “Jesus, Jesus, Jesus! Ele veio para nos salvar!”

6) Símbolos – em vez de coelhos para representar a fertilidade e a preservação da espécie, sugere-se falar em “sustentabilidade”. A Páscoa será o período em que os cristãos irão comprar produtos ecológicos e refletir sobre a preservação do meio ambiente, lembrando que a natureza foi criada por Deus. Será mantida a tradição de dar presentes. Mas, em vez de ovos de chocolate (que de “surpresa” mesmo têm apenas o preço), sugere-se que as pessoas presenteiem “horas de convivência”. Por exemplo, os pais poderão entregar para os filhos um pacote embalado para presente, com um bilhete escrito: “Papai e Mamãe vão brincar toda a tarde com você”, ou, “Hoje vamos te levar na pracinha”, algo que realmente surpreenda a criança! Um verdadeiro presente!

As mudanças na versão oficial da Páscoa prometem muita adrenalina e poucas calorias (o que também contribuirá para reduzir a obesidade da população). Se depender do “Papa Chico”, os coelhos e ovos de chocolate estão com os dias contados. Portanto, se você gosta de pagar 6, 7 ou 10 vezes o preço da mesma quantidade de chocolate, só que no formato de um ovo ou de um coelho, ao invés do formato de uma barra, aproveite esta Páscoa.



Três coisas que não podem faltar no Natal!

Luis Felipe Nascimento

O que não pode faltar num Natal?

Para as crianças, certamente são os presentes e o Papai Noel.

E para os adultos, quais seriam os itens fundamentais para fazer um bom Natal?

Vocês já se perguntaram: por que o Natal é diferente de qualquer outro feriado?

Na noite de Natal quase não tem assaltos, reduz o número de acidentes e das brigas. E desconfio que até o número de mortes naturais diminuam (morrem mais os bêbados e os deprimidos, os que estavam sozinhos, sem amigos e família).

O Natal é um momento mágico, algo de diferente acontece nos nossos corações! Neste dia nos tornamos pessoas diferentes. Justamente nós, que somos tão críticos com as evidências científicas – questionamos se o homem foi ou não a Lua; se o cigarro causa câncer ou não; se o Planeta está aquecendo ou não; etc., etc. Somos críticos com tantas coisas, mas aceitamos a história oficial do Natal, que diz que José e Maria estavam fugindo do recenseamento que estava sendo feito por Herodes na Galiléia e, que na noite de 24 de dezembro, pernoveram nas imediações de Belém, num presépio [local onde se recolhe o gado], quando nasceu Jesus, filho da virgem Maria e do Espírito Santo.

Este dia marcou o início da nossa era, o Ano Zero da era cristã. Quando nos referimos a um determinado ano, estamos fazendo uma referência a "x" anos após o nascimento de Jesus. Praticamente todos os dias reconhecemos e validamos a história oficial do nascimento de Jesus.

Analisando o que dizem os evangelistas, historiadores e o próprio Papa, percebe-se que nada disto é verdade. Segundo Lucas e Mateus, Jesus teria nascido durante o reinado de Herodes, portanto ele teria nascido entre os anos 6 e 4 d.C., ou seja, antes dele mesmo.

Os historiadores dizem que Jesus nasceu na Galiléia, mas que os evangelistas afirmam que foi em Belém, para relacionar o nascimento de Jesus com a profecia de Miqueias, que dizia que o Messias esperado pelos judeus nasceria em Belém.

O equívoco não foi só do lugar e do ano. Segundo os historiadores, a noite

de 24 de dezembro foi escolhida para se contrapor à principal festa pagã dos romanos (o dia do Sol Invencível), data em que celebravam o solstício de inverno (a noite mais longa do ano).

Como a história do nascimento de Jesus em 24 de dezembro "emplacou", no ano 354, os romanos resolveram pegar uma carona, e cristianizaram a sua festa chamando-a de Natalis Solis Invicti (ou "o nascimento do sol invencível").

O Papa Bento XVI, em seu livro "Jesus de Nazaré", afirma que, no local onde Jesus nasceu, não haviam animais, e que esta ideia teria sido criada pelos hebreus no século VII. Portanto, o burro e a vaca foram retirados do presépio, vão ter que sair da foto.

Se os historiadores e o Papa estiverem certos, a história oficial do Natal é uma "construção" feita pelo homem, muitos anos depois do nascimento de Jesus. Quanto à existência de Jesus, mesmo os mais críticos historiadores concordam, de fato, que ele existiu. E dizem que negar a sua existência seria como negar a existência dos reis e imperadores da época. Quanto aos poderes a ele atribuídos, bem..., isto fica por conta da religião e da fé de cada um.

Não contentes com estas construções históricas do Natal, criamos a figura do Papai Noel, que mora no Polo Norte (na versão norteamericana) ou na Lapônia - Finlândia (na versão europeia). Originalmente, o São Nicolau (o Papai Noel europeu) vestia os trajes de bispo, na cor castanha e, no dia 6 de dezembro (dia de São Nicolau) distribuía presentes para as crianças. Mais tarde, o comércio criou a tradição de, no dia 24 de dezembro, imitar os três Reis Magos (que Bento XVI disse não serem "reis" e sim "sábios"), e dar presentes para as pessoas que amamos.

Se as datas fossem levadas a sério, a entrega dos presentes deveria ser no dia 6 de janeiro (Dia de Reis), dia em que os tais "Magos do Oriente" entregaram os presentes ao "menino Jesus". Ora, dar presentes no dia 6 e 24 de dezembro e novamente no dia 6 de janeiro levaria as famílias a falência. Então, estes dias foram unificados, no dia convencionado para ser a data em que se comemora o dia em que Jesus nasceu.

Agora imagine chegar alguém na sua casa, vestido de bispo, com um saco de presentes nas costas! Não teria graça nenhuma. As crianças ficariam com medo. Precisava de mais charme, mais cores, mais fantasia. Em 1931, a Coca-Cola Company, numa ação de responsabilidade social, vestiu o Papai Noel de vermelho (por "coincidência", a sua cor). Se a Pepsi-Cola tivesse tido esta ideia antes, o Papai Noel de hoje vestiria uma túnica vermelha, uma calça azul e um cinturão branco.

Há quem diga que, no início do século passado, existiam diferentes formas de Papai Noel, vestindo diversas cores, entre elas o vermelho. Portanto a Coca-Cola teria apenas padronizado e difundida esta imagem que temos hoje. Dizem também que a lenda do trenó puxado pelas renas voadoras vem dos povos xamânicos da Sibéria.

O termo "Papai Noel" não é uma tradução de outras línguas. Em diferentes países, ele possui nomes distintos: Santa Claus (EUA e Canadá), Nikolaus ou Weihnachtsmann (Alemanha), Viejito Pascuero (Chile), etc. Independente do nome, das roupas e das lendas, nas últimas décadas passamos a nos emocionar com este dia tão especial, que faz parar o mundo. O Mundo? Digo, o mundo ocidental.

Em 1993, eu e minha esposa passamos o Natal em Istambul/Turquia. No dia 24 de dezembro não havia em Istambul nenhum sinal de Natal nas lojas, nas ruas e ninguém sabia o que era Natal. No hostel em que estávamos hospedados foi feita uma festa para os ocidentais, que parecia mais uma comemoração de final de copa do mundo do que uma festa de Natal. Bebemos, comemos, cantamos, mas ninguém deu presente para ninguém e não estávamos com os nossos amigos e familiares, Então, para mim, aquilo não era Natal.

Por isto, não importa se a história oficial é ou não uma construção histórica, se foi ou não a Coca-Cola que vestiu o Papai Noel de vermelho, se você acredita ou não em Deus, celebre, na noite de 24 de dezembro, o "seu" Natal. Para ter um Feliz Natal, você precisa de apenas três coisas: "presente" (qualquer coisa num pacotinho enfeitado), "comida" (não precisa ser aquela ceia maravilhosa) e "amigos/familiares" (seja uma pessoa ou toda a família).

Em nenhum outro dia do ano, as pessoas comem juntas, se abraçam e dão presentes umas para as outras. Só na noite de Natal. Este sentimento pode ser sintetizado numa única palavra: "fraternidade". Neste dia, nos sentimos irmãos, somos capazes de acolher um mendigo, de cumprimentar um adversário e de ser fraternos.

Um Feliz Natal e um abraço fraterno para todos vocês.

Ficção ou profecia?



Bailar ao luar

Anna Tarcila Amantino

Suave música ouvia-se...
Vinha de longe.
Dois dançando, dançando, dançando...
Um lindo sorriso nos olhos,
Ele a enlaçava junto ao corpo,
Esquecidos do mundo, rodando, rodando...
Dois passarinhos revoando, revoando.
A vida passava e eles não viam,
Bailavam juntinhos, os corações pulsando,
Num ritmo só,
O perfume dos corpos se espalhando no ar,
O murmúrio do mar enlevava os dois.
A brisa sacudia seus cabelos,
O vestido leve se transformava em nuvem,
As ondas batendo em seus pés,
E eles, dançando e dançando.
São duas garças voando
O luar prateando as ondas
E prateando os bailarinos.
A música das ondas levando os dois,
Parecendo voar...
Ao longe, o céu ficando colorido,
A lua indo embora,
Os bailarinos seguindo para o mar,
Só ficando na areia as pegadas
E os namorados, sumindo nas ondas.
Acordei: era um sonho.



The Best One!

Luis Felipe Nascimento

Vem aí uma supercompetição internacional: "The Best One". Uma competição que reunirá os melhores atletas de oito modalidades de esporte individual. Qual será o atleta que conseguirá o melhor desempenho em sete modalidades, excluindo a sua? Serão convidados Novak Djokovic (tênis), Tiger Woods (golfe), Usain Bolt (100 metros rasos), Sebastian Vettel (Fórmula 1), Michael Phelps (natação), Anderson Silva (lutas MMA), Kelly Slater (surfe) e Bob Burnquist (skate).

Será que Usain Bolt será tão bom num autódromo de Fórmula 1 como é numa pista de atletismo? E como será o desempenho do Sebastian Vettel no octógono, lutando contra Tiger Woods? Será que o Michael Phelps se dará bem nas águas salgadas? Bob Burnquist vai conseguir fazer as manobras do skate numa prancha de surf? As braçadas de Kelly Slater para pegar uma onda farão ele atravessar rapidamente uma piscina? E o Djokovic, terá com um taco de golfe a familiaridade que tem com a raquete de tênis? Será que o Anderson Silva acerta a bolinha do tênis como acerta o queixo dos adversários?

Os oito atletas disputarão sete provas em modalidades diferentes da sua. Será adrenalina pura! A expectativa é de que a audiência na TV seja superior à final da Copa do Mundo, da Champions League e do Super Bowl juntas. As novidades não ficarão apenas no ineditismo desta competição, mas também nos seus patrocinadores. Ao contrário do que se possa imaginar, "The Best One" não será uma competição patrocinada pelas empresas de material esportivo como Nike, Reebok ou Adidas, mas sim pelas maiores empresas farmacêuticas do mundo: Pfizer (EUA), Novartis (Suíça), Sanofi-Aventis (França), Roche (Suíça), Medley (Índia), AstraZeneca (Grã-Bretanha), EMS e Eurofarma (Brasil). Cada laboratório patrocinará um atleta.

Será também a competição mais tecnológica de todos os tempos. Uma mistura de Olimpíada, Fórmula 1 e Big Brother. Se parece com uma Olimpíada, porque reúne diversas categorias e as provas ocorrem numa semana, numa única cidade. Será semelhante a uma corrida de Fórmula 1, porque os patrocinadores dos atletas terão laboratórios montados em caminhões, estacionados junto aos locais das provas. Nos boxes, em vez de engenheiros e mecânicos de macacões e capacetes, serão médicos e experts de diversas especialidades vestidos com um avental branco, num ambiente esteriliza-

do, analisando o desempenho do organismo do seu atleta e falando por um ponto eletrônico instalado no ouvido destes. As equipes vão definir as estratégias e os remédios mais adequados para recuperar o desgaste provocado pelas provas nos seus atletas. Também se assemelha a um Big Brother, porque os telespectadores poderão acompanhar online, durante 24 h por dia, o que os atletas estão fazendo. Além disto, poderão fazer suas apostas: será que o medicamento "X-míssil biossintético Power Plus" vai conseguir vencer a superbactéria "KGB"? Além disto, nos locais de prova haverá torcedores com camisetas e bandeiras dos laboratórios. A polícia estará no local para evitar eventuais brigas entre os torcedores da Pfizer (EUA) e da Novartis (Suíça). Os hooligans, torcedores da GlaxoSmithKline (Grã-Bretanha), serão proibidos de comparecer aos locais das provas.

Mas, diferentemente do Big Brother, onde os participantes ficam de sacanagem na madrugada, no "The Best One" você poderá acompanhar a recuperação do organismo dos atletas enquanto eles dormem. Após cada prova será informado o CK (creatina quinase) de cada atleta, que permite identificar o esforço realizado pelo atleta e o risco de lesão. A CK é uma enzima marcadora de dano muscular, mas será também um indicador importante na bolsa de apostas de Londres. Tudo monitorado e analisado por comentaristas especializados. Em vez do Galvão Bueno, a narração será feita pelo Dr. Drauzio Varella.

As expectativas dos laboratórios patrocinadores é de aumentar a sua fatia no mercado e conquistar a simpatia dos telespectadores. Os laboratórios vão preparar campanhas publicitárias onde serão mostradas as novas coleções de medicamentos, muito mais potentes, de rápida absorção e sem efeitos colaterais. E o melhor, os novos medicamentos utilizam 0,01% de insumos naturais, extraídos, de forma sustentável, na Amazônia.

Os laboratórios estão fazendo investimentos bilionários. Os atletas que vão participar do "The Best One" receberão fortunas de dar inveja em Bill Gates e Carlos Slim. Obviamente os contratos incluirão o direito dos laboratórios em explorar a imagem dos seus atletas. Eles farão comerciais mostrando as vantagens de cada medicamento, comprovadas pelos exames divulgados online. Não serão aqueles comerciais à moda antiga, em que o atleta irá aparecer ingerindo e dizer: "Tomei Health-forever e me tornei um campeão. Faça como eu. Tome Health-forever e seja também um campeão!" Logo em seguida, na voz de Cid Moreira: "Um produto do laboratório que conquistou a sua confiança". Nada disto, você nem vai perceber que são comerciais de medicamentos. Eles vão falar da vida, da natureza, de questões éticas e, sem perceber, você vai comprar o produto deles.

Os canais de TV vão vender pacotes para quem desejar ter acesso 24 horas por dia. A qualquer hora, você poderá acompanhar os comentários dos maiores experts do mundo (tudo traduzido e comentado por Rubens Oswald Filho, claro!).

Analistas financeiros estimam que os investimentos dos laboratórios serão compensados com a redução das despesas com lobistas e dos "presentes" que, atualmente, são dados aos médicos e políticos.

Londres, Chicago e Rio de Janeiro já se candidataram para sediar o primeiro "The Best One". As autoridades do Rio de Janeiro estimam que será necessário demolir a infraestrutura da Copa e das Olimpíadas, pois a piscina

precisa ter mais segurança. E o autódromo de Jacarepaguá será reformulado, para receber corredores sem experiência, blá-blá-blá. Os organizadores do evento temem que, se o Rio de Janeiro for a sede escolhida, as obras "eventualmente" possam ser superfaturadas e possam ocorrer protestos nas ruas.

Vem aí muita emoção. Prepare-se, em breve você vai pegar a bandeira do laboratório do seu coração e vibrar com esta emocionante competição. Faça suas apostas e participe desta grande festa que unirá todos os povos, todas as religiões e todos os mercados.



A mais recente descoberta da medicina: nossos órgãos conversam entre si

Luis Felipe Nascimento

Descobriu-se que nossos órgãos conversam entre si. Para entender como funcionam estas conversas, cientistas traduziram o debate da assembleia do Sindicato dos Órgãos do Corpo e Afins (SindOCA), coordenada pelo Cérebro. O tema foi o impacto da alimentação sobre a saúde do Corpo.

A Coluna começou: "Companheiros e Companheiras, nunca antes, na história deste Corpo, se viu um aumento tão grande no peso e no sedentarismo como na atual gestão, o que fez alterar a minha postura. Sofro com duas hérnias de disco, e fica cada vez mais difícil segurar o Barrigão!" O estômago complementa: "A piora na qualidade dos alimentos que recebo é perceptível. Não sei porque o corpo come tanta porcária, um monte de açúcares e gorduras – chega a me dar enjoo!"

— Nós vemos isto como uma consequência da vida moderna. Hoje, o Corpo só quer comer fast food – ponderam os Olhos. Os ouvidos também opinam: "Ouvimos dizer que melhorou a renda e que agora o corpo quer todas as porcarias que antes não podia comprar". Os Rins, calados até então, complementam: "Só se fala em comida. E a bebida? Ou acham que a cerveja não contribui para o Barrigão?"

O sangue não deixa por menos: "Está cada vez mais difícil trabalhar! Com o engarrafamento das artérias, agora levo o dobro do tempo para fazer o mesmo percurso. Prometeram um tal de cateterismo para desobstruir as vias e uma ponte de safena, mas até agora nada...".

As Glândulas Salivares dizem que o Cérebro poderia controlar a gula e cortar o consumo de produtos nocivos à saúde.

A resposta do Cérebro é rápida: – A área do prazer e satisfação dos desejos é complicada. Há vezes em que o Corpo come coisas que sabe serem nocivas, mas faz isto para combater a ansiedade.

— O problema é que esta ansiedade pesa sobre nós! O Corpo tá a cada ano mais pesado, ingerindo mais sal e fazendo menos exercícios – respondem as Pernas.

As cordas vocais bradam em alto e bom som: "Propomos uma operação

padrão! Assim que receber algo nocivo, o Estômago nos avisa e todos começaremos a trabalhar em ritmo mais lento”.

— Posso trancar tudo, mas aí o Corpo toma laxantes que detonam a minha flora. Parece até queimada na Amazônia! – pondera o Intestino.

— Acionarei a função “slow motion” e deixarei o corpo lentinho, lentinho – diz o Cérebro, ao que o Fígado responde: “Acho bom mesmo você fazer alguma coisa, pois tudo isto é um problema de falta de consciência”.

— Sobrou pra mim novamente – reclama o Cérebro. Votaremos às propostas na próxima assembleia. Dado o adiantado da hora, declaro encerrados os trabalhos.

Os órgãos da oposição permanecem no local e, em voz baixa, continuam a conversa:

— Como sempre, levantam muitas emoções, tudo é discutido mas nada é resolvido – diz o Coração.

— Não pode ser só a gula e ansiedade. Algum órgão deve estar sendo subornado para deixar entrar tanta porcaria – pondera o Estômago.

O Fígado propõe: “Por que não instalamos uma CCI (Comissão Corporal de Inquérito) para apurar as irregularidades?”

Rins: — “Acho que primeiro temos que trocar a direção do SindOCA, o Cérebro só pensa em si mesmo! Blá-blá-blá...”.

Os cientistas concluíram que os “órgãos no corpo” se comportam como os “corpos nos órgãos” da sociedade.



Uma barata no divã

Luis Felipe Nascimento

— Doutor, eu sou um inseto como outro qualquer. Por que as pessoas não gostam de mim? Não mordo ninguém como as cobras, não mato as pessoas como o mosquito da dengue, não causo danos materiais como os cupins, não estrago as roupas como as traças, não ...

— Sim, sim, já entendi — diz o Psicólogo. Você não faz nada de mal para os humanos e eles não gostam de você. De onde, então, vem esta rejeição?

— Não sei! O que eu sei é que eles não respeitam a nossa cultura e os nossos hábitos alimentares. Mesmo que eu não tenha feito nada, que esteja quieta num cantinho, eles olham para mim e sentem nojo. Puro preconceito! Há pessoas quem me veem e saem correndo, gritando: “uma barata, uma barata!” Como se eu estivesse correndo atrás delas para lhe fazer algo terrível!

— Este conflito com os humanos é recente?

— Sim, bem recente. Desde que eles se assumiram como homo sapiens. Eu acho que os novos vizinhos deveriam respeitar os antigos moradores, não é mesmo? Os humanos chegaram há uns cerca de 200 MIL anos. Nós estamos aqui há 320 MILHÕES de anos, e eles já chegam aqui querendo exterminar a nossa espécie!!

— Dizem que sua espécie é um vetor mecânico, que transmite diversas doenças por meio das suas patas e fezes. Não seria esta a razão?

— Me diga Doutor, dentre os 7 bilhões de humanos, quantos morreram por doenças transmitidas pelas patas das baratas? Compare os danos causados pela nossa espécie com os danos causados pelos mosquitos ou pelas bactérias. Nós somos praticamente inofensivas!

— Hummm, entendo, esta rejeição lhe causa alguma perturbação ou algum distúrbio emocional?

— Não! Acho até que sou um inseto bem centrado. Mesmo quando perco a cabeça, consigo me recuperar e tocar a vida em frente! Já os humanos, quando perdem a cabeça, se descontrolam, xingam a mãe dos outros e partem logo para a agressão!

— Temes pelo seu futuro?

— Não! Nossa população vem aumentando nos lugares onde habitamos. Adoro clima tropical, onde tem povo alegre e relaxado. Gosto de gente que não se liga muito em limpeza e costuma deixar restos de comida na pia da

cozinha, ao lado do computador e do sofá da sala. Em casa que tem adolescente, então, é uma festa!

— Algum trauma em especial?

— Sim! O do medo de pisarem em cima de mim! Para me proteger disto, desenvolvi uma técnica que tem funcionado muito bem.

— Uma autodefesa, como fazem os gambás?

— Nããão, nem nestas situações eu não agrido as pessoas! Quando elas pisam em cima de mim eu estouro uma bolsa de marshmallow que carrego na barriga. Descobri que eles detestam ver aquela massa branca, e mesmo sabendo que ela não é tóxica, não solta cheiro e que não causa nenhum dano, eles preferem deixar que eu fuja a pisar em cima de mim.

— Teria algo que os humanos admiram em você?

— Dizem que somos um dos poucos seres vivos que resistem à explosão de uma bomba atômica. Isto deve ser uma qualidade, imagino eu.

— Olha! Eu não devia dar conselhos, mas vou dar... Eu acho que você precisa é de um consultor de imagem, fazer um relooking. Alguém que ajude a melhorar a sua imagem. Não sou especialista nesta área, mas me parece que você tem muitos pontos positivos para explorar.

— É mesmo, Doutor! Quando alguém diz que uma "roupa é barata", tá chamando a atenção para algo positivo, quase que indicando a sua compra. Além de mim, tem muitos humanos que "curtem o barato". Eles também estão sempre dizendo: "Pô, isto é o maior barato". Quando as lojas querem atrair clientes, se auto proclamam de lojas "barateiras".

— Veja quantas oportunidades para associar o seu nome a boas coisas, para melhorar a sua imagem. Agora livre-se das más companhias.

— Como assim Doutor?

— Lembro de produtos tóxicos que se associaram ao seu nome. Tinha uma propaganda que dizia "a baratinha iá iá, a baratinha iô iô, ela bateu asas e não voou". Você precisa se associar com produtos naturais, entre nesta onda de Sustentabilidade.

— Boa ideia, Doutor, fico até imaginando uma foto minha em um anúncio dizendo: "produto durável e resistente como as baratas", ou, "natural e inofensivo como as baratas!" Que tal uma propaganda do Banco do Brasil dizendo assim: "Igual ao marido da barata, só os juro do BB". Te cuida, Gianecchini!

— Nosso tempo acabou, sugiro você evitar contato com os humanos, eles causam uma alteração no seu humor, o que não é recomendável para sua saúde! ¹

[1] Psicólogo (em silêncio anota no seu caderninho: "Paciente com sintomas de transtorno bipolar")

Obs: Este texto está disponível em áudio texto e ilustrado em <https://www.facebook.com/photo.php?v=221937534651912&set=vb.217483688430630&type=2&theater>



Um futuro sem conflitos familiares

Luis Felipe Nascimento
Marcio Jappe

Pesquisas mostram que a maioria dos casais brigam por problemas do cotidiano. Estas aparentes incompatibilidades entre homens e mulheres são, na verdade, distúrbios que, nos próximos anos, já poderão ser tratados com medicamentos anticonflitos e com novas tecnologias. Vários conflitos serão solucionados:

- A luz da geladeira cega os homens, o que explica porque eles não encontram o que procuram. Troca-se a lâmpada por um pôster de uma mulher nua no fundo da geladeira e... Voilá!, os homens passam a enxergar perfeitamente, desde os glúteos da modelo até a margarina desaparecida.

- A impossibilidade de entender as instruções da sua esposa – a imprecisão das explicações será solucionada com a implantação de um microchip de GPS na cabeça das mulheres. No futuro, elas darão instruções da seguinte forma: “Meu bem, por favor, caminhe 5 passos em frente, dobre à esquerda e avance dois passos. Dobre à direita e siga mais 4 passos. À sua frente, há um armário de cor branca com puxadores em aço escovado. Abra a porta da esquerda. Na prateleira localizada a 1,7 metros do piso, está pendurada uma bolsa de couro marrom, com fivelas douradas. Abra o fecho do bolso mais externo, que possui cerca de 15 cm. Retire o meu celular deste bolso. Feche e recoloque a bolsa no lugar onde estava. Faça o caminho inverso e entregue o celular na minha mão”.

- A surpresa depois do futebol de sábado: “Querida, trouxe uns amigos para jantar...” – o comprimido “Paciencial Plus” bloqueará reações adversas e fará a esposa sorrir e até achar graça das conversas e piadas dos amigos. E melhor, no dia seguinte, não se lembrará de coisa alguma!

- Homens que deixam coisas fora dos lugares – dez gotas de “TOC Compensador” corrigirão a falta de preocupação masculina com a limpeza e organização da casa. Casos mais graves exigirão doses maiores, mas especialistas advertem que uma overdose pode ser fatal.

- Discussão da relação (a famosa "D.R.") na hora do jogo de futebol – a "Keep Calm Gum", associada ao adesivo "Simultaneous Attention", permitirá que o marido mantenha a calma e ainda seja capaz de ver o jogo na TV, ao mesmo tempo em que dá atenção à companheira e responde, com sinceridade: "Concordo, querida".

- Pingos de xixi no assento do vaso sanitário ou no chão, em frente a ele – Os vasos sanitários do futuro terão uma mãozinha acoplada, que cuidará de tudo, desde abrir o fecho da calça do homem, pôr "o órgão" pra fora, direcionar o fluxo e até dar as famosas "três sacudidinhas". Simplesmente sensacional! Estima-se que, com estes medicamentos e tecnologias, haverá uma redução drástica nos conflitos e nas separações dos casais. Os pesquisadores já falam na segunda geração de medicamentos anticonflitos, que será capaz de criar a ilusão desejada. Estes medicamentos permitirão que homens e mulheres tenham as sensações que desejarem, seja na cama, mesa ou no banho!

ACABARAM OS CONFLITOS FAMILIARES





Só Jesus salva!

Luis Felipe Nascimento

Preocupado com as relações descartáveis e com o aumento do número de traições nas relações entre homens e mulheres no Brasil, Deus resolveu formar uma comissão para analisar estas questões e para emitir um parecer. Entre outros, convocou a Simone de Beauvoir, Freud e Alfred Kinsey. Concluído o estudo, a síntese do parecer foi a seguinte: Cerca de 60% dos casais com relações de longo tempo passam por crises conjugais que resultam em traição. Ou seja, o desgaste da relação favorece a traição. As principais razões identificadas para “pular a cerca” foram: carências, para “dar o troco”, por causa da monotonia, pela falta de erotismo na relação, por aventura, por curiosidade, pela oportunidade. Mas existem diferenças no comportamento dos homens e das mulheres em relação à traição.

- Homens tendem a trair ao longo da vida e são mais preocupados com o sigilo;
- Mulheres tendem a trair depois dos 40 anos, quando os filhos já estão crescidos, e são menos preocupadas em serem descobertas;
- Homens traem buscando um “complemento da relação”, uma “válvula de escape”, mas desejam continuar com a atual relação;
- Mulheres traem por insatisfação na relação e fazem isto já pensando em “escapar da relação”, em encerrar a atual relação;
- Homens e mulheres que traem não admitem que sejam traídos. As relações são distintas. Os homens reagem de forma mais violenta do que as mulheres. As mulheres reagem “querendo as cuecas do ex-companheiro” (e não como souvenirs), mas no sentido de arrancar tudo o que for possível deles;
- A traição tende a ser menor nas relações de curto prazo. Foram citados exemplos como os de Vinícius de Moraes e de George Clooney que, apesar de muitos casamentos e relacionamentos de curto prazo, se dizem contrários à traição;

- Verificou-se que, quanto mais secreta e mais perigosa for a traição, maior será o prazer. O prazer da traição assemelha-se ao efeito das drogas pesadas. No primeiro momento, um imenso prazer, seguido de consequências desastrosas. Identificou-se o sentimento de culpa como um efeito colateral da traição;

- Constatou-se que não existe confiança entre traidores. Quem participou de uma traição desconfia que poderá ser a próxima vítima. Diante disto, a comissão recomendou a adoção das seguintes medidas:

- Desenvolver políticas públicas preventivas, evitando que este aumento de casos de traição se transforme numa epidemia;

- Estimular a mídia a desenvolver campanhas antitraição. Este tema deve ser abordado nas novelas e nos documentários;

- Tornar obrigatória a divulgação de cartazes em bares, casas de festas e motéis com as seguintes frases: "Tens certeza?", "Estás disposto(a) a perder dois terços dos seus bens (um terço para o advogado e outro terço para seu/ sua companheiro(a))?"

- Subsidiar o uso de novas tecnologias que identifiquem a localização das pessoas, com quem eles estão e o seu "índice tesométrico" (com escala de 0-10, sendo zero igual a "Não estou a fim", cinco igual a "Hummm... se eu estivesse solteiro(a)" e dez igual a "Vamos nessa e dane-se o mundo");

- Formar grupos de "ATA" (Associação dos Traidores Anônimos), com o objetivo de ajudar os propensos a traição a livrar-se deste desejo/vício;

- Criar o IRTA – "Instituto de Recuperação do Traidor Arrependido", com programas de reinserção dos mesmos na sociedade;

- Enviar Jesus novamente à Terra – caso as campanhas sugeridas não resolvam o problema, usar o último recurso: Jesus pregar diretamente para os pecadores.

Ao ler o relatório Deus balançou a cabeça e disse: "Vocês estão de sacanagem comigo!" A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) está sempre reclamando de mim e agora vocês querem que eu tire o principal ganha pão dos advogados? Estas medidas não vão resolver, acho que só Jesus salva. Mas, brigar com os advogados e mandar Jesus à Terra?... Quem vai defendê-lo de um novo processo de crucificação? Preciso fazer uma consulta, me passem o telefone do advogado(*) do Maluf!"

(*) Maluf: quatro processos no STF; seis processos no Tribunal de Justiça de São Paulo; réu no Tribunal Regional Federal do Rio de Janeiro; procurado pela Interpol e um dos quatro brasileiros incluídos pelo Banco Mundial na lista de 150 casos

internacionais de corrupção. Enquanto isto... os seus crimes estão prescrevendo e ele continua livre e solto. Este sim tem bons advogados!

Causos do interior
do RS

O DEFUNTO FUGIU!





Histórias da vó Gelcy

Gelcy Machado e Silva

— Conte como foi a sua infância...

— Na minha infância, não existia TV. E pouco se ouvia rádio. Nós morávamos num “fundo de campo”, quase não se via ninguém. Perdi uma irmã e um irmão. E, com 7 anos de idade, perdi o meu pai. Eu dormia com a minha mãe, e via ela chorar todas as noites. Desta época, só tenho lembranças tristes...

— Tá, mas conte alguma coisa desta época...

— Quando morreu a minha irmã Odete (que era mais velha que eu), a minha mãe colocou todas as roupas e brinquedos dela num baú. E ninguém podia abrir. Mas eu ia lá no quarto, escondida, abria a tampa do baú, enfiava a cabeça para dentro e brincava com uma boneca de louça que ela tinha, pois eu não tinha nenhuma boneca. Até que um dia, a Nina, que trabalhava lá em casa, contou para a mãe que eu estava mexendo no baú. A mãe ficou furiosa e me xingou tanto, e me proibiu de chegar perto do tal baú. Até hoje, não sei o que foi feito deste baú.

— Agora conte alguns “causos” engraçados...

— Eu não tenho “causos engraçados”. ... [Pensou um pouco...}. Serve aquele do primo Afra (Afrânio) e da Tia Neca?

— Serve, conte este!

— O primo Afra estava lá na casa da tia Neca. Enquanto ela cozinhava, ele tomava um mate, encostado na mesa. Dali a pouco, ele coçou a cabeça. E tirou um bichinho. E o colocou em cima da mesa. Ele falava bem devagarinho, de um jeito meio esquisito. Ele perguntou para a tia Neca, que era madrinha dele: “Madrinha, o que é um béchinho más pequenininho que uma purga e malhorzinho do que um micuim?” A tia Teca, que falava bem alto, disse: “Só se vendo...” E foi até a mesa. Olhou e falou: “É o famoso piolho!” O primo Afra, com a unha do dedão, esmagou o piolho e disse: “Tá morto o bécho!” A tia Neca ficou furiosa. Chamou ele de “relaxado”. E pegou uma chaleira de água quente e escaldou a mesa. “Onde já se viu? Matar um piolho na mesa onde se faz as refeições!”

— Conte algum “causo” da Vó Dalila...

— Tudo o que a Vó Dalila (a irmã mais velha, que era como uma mãe para a entrevistada) contava ficava engraçado. Uma vez, ela e o Vô Sadi (marido da Dalila) foram visitar uma comadre que estava muito doente. A visita ficou

meio sem assunto, o compadre pouco falava. A Vó Dalila, então, resolveu comentar a morte de um conhecido. E disse: "Pois é, e o coitado do seu fulano... Morreu..." E sem saber que o tal fulano era muito amigo do compadre. O compadre ficou chocado, e disse: "Mas como é que ninguém me contou, eu queria muito bem o seu fulano..." Foi dando uma tristeza no compadre e a vó Dalila não sabia o que fazer. Tentou "remendar" e disse: "Mas quem sabe não morreu?" A comadre e o Vô Sadi, que estavam junto, entraram na conversa, tentando convencer o compadre que poderia ter sido um engano. Falaram de outro caso, em que foi comentada a morte, e a pessoa estava viva, etc... Com isto, o compadre se acalmou. Já estava quase convencido de que o seu fulano não tinha morrido, e disse: "Pois é, não pode ter morrido e eu não ter ficado sabendo". Foi então que a vó Dalila complementou: "Mas o compadre João Paulo ouviu (no rádio) o convite para o enterro!" O compadre respondeu: "Mas se ele ouviu o convite para o enterro..., então o seu fulano morreu mesmo!" E voltou toda a tristeza. Quando viu o que tinha feito, a Vó Dalila teve vontade de bater na sua própria boca e, como ela costumava, dizer: "Maldito taio..." [talho/boca]. Quando saíram da tal visita, o Vô Sadi disse para a Vó Dalila: "Mas, minha velha, o quê que foi aquilo?" E a Vó Dalila respondeu: "Já sei, se eu falava pouco, agora falo menos!"

— Conte outros causos engraçados...

— Não sei se é verdade, mas contavam como se fosse! Tem uns causos meio feios, "proibido para menores"!

— Isto... Conte estes.

— Antigamente, a separação das fazendas [propriedades rurais] era feita por uma cerca de pedras. Mas, muitas vezes nem isto tinha. A divisa era feita com marcos cravados no chão, um longe do outro. Quando morreu um fazendeiro, os herdeiros começaram a brigar pela herança. E não sabiam bem certo os limites da propriedade. Então, foram falar com o juiz da cidade. Depois de muita conversa, a viúva tentou explicar onde estava um dos marcos, que marcava o limite da propriedade. Ela se sentou na frente do juiz e, com as pernas abertas "desenhou" o mapa, levando as mãos dos joelhos em direção a barriga. Explicou para o juiz assim: "Quando chegar lá, o senhor vai ver dois coxilhões [colinas]. E, lá no fundo, tem um capão [mato]. Abaixo do capão, tem um olho d`água [fonte de água], e bem pertinho tá o marco que o finado fincou!"

— Conte mais um causo destes...

— Lá no Espinilho Grande saíam as "carreiras" [corridas de cavalo], que reuniam muita gente, e quase sempre tinha alguma briga. Numa destas carreiras, estourou uma briga e foi aquela correria. Na confusão, uma moça, grande e pesada, desmaiou e caiu, prendendo o vestido para cima da cintura. Naquela época, era comum as moças não usarem calcinha. Pois a coitada da moça estava sem a calcinha e ficou com tudo à mostra. A amiga que estava com ela ficou apavorada e tentou puxar o vestido, mas não conseguiu. Sem saber o que fazer, tirou o chinelo e com o chinelo tapou a perereca da amiga.

— E aquela história de que perderam o morto?

— Naquela época, tinha umas pessoas que viviam pelas fazendas. Trabalhavam um tempo numa, depois iam para outra e, assim, viviam. Não tinham ninguém (família). Um dia morreu uma destas criaturas, numa fazenda que

ficava "lá nos cafundós". Foi num inverno muito frio. O fazendeiro e os outros peões passaram a noite velando o morto no galpão, e tomando cachaça para se esquentar. Quando clareou o dia, já estavam todos bêbados. Resolveram enterrar logo o defunto. Colocaram o morto numa carrocinha puxada a cavalo e saíram a galope [cavalo correndo] em direção ao cemitério mais próximo, que ficava no meio do campo. Imagina aquela carroça, andando rápido pelo meio do campo. E nem estrada tinha... Quando chegaram no tal cemitério viram que tinham perdido o morto. Sabe como é "conversa de bêbado..." Cada um tinha um palpite sobre o que tinha acontecido. Falavam como se o morto tivesse fugido da carroça. Um deles disse assim: "Mas ele era crioulo daqui mesmo [nascido naquela região]... Pra onde pode ter ido?" E outro sugeriu: "Olha, a pé e sem dinheiro, ele não vai longe, vamos voltar que a gente alcança ele!" Foi então que voltaram. E acharam o defunto no meio de umas macegas.

— E do Vô João Paulo, não tem nenhuma história?

— O João Paulo [marido da Vó Gelcy, já falecido] era muito comilão. Mas, quando fazia as refeições nas casas dos outros, era muito cerimonioso ["fazia cerimônia" é o mesmo que "comia pouco"]. Uma vez, ele foi a Santiago, e o João (da Lígia) convidou o João Paulo para almoçar na casa dele. O João Paulo disse que tinha que ir ao banco, dar umas voltas e que, ao meio-dia, chegava para almoçar. Lá pelas onze e meia, o João estava voltando para casa, e viu o João Paulo numa churrascaria, almoçando. Achou estranho e pensou que o João Paulo tinha esquecido do convite, mas não quis entrar na churrascaria para não lhe constranger. Quando chegou o meio-dia, o João Paulo bateu lá e almoçou como se ainda não tivesse almoçado. Esta história ficou famosa na família. E, depois disto, sempre que alguém ia fazer uma refeição em outra casa, perguntavam: "Não quer fazer que nem o tio João Paulo? Come alguma coisa antes de sair, para garantir!"

— Tá, agora chega!

E, unilateralmente, a entrevistada decide encerrar a entrevista.

Obs.: Histórias transcritas de uma conversa com a Vó Gelcy (Conceição Gelcy Machado e Silva), mãe do Felipe, em 3 de março de 2014.



De São Pedro a Santa Maria

Luiz Antonio Slongo

Certamente a grande maioria dos atuais habitantes da pequena cidade de São Pedro do Sul, localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul, vizinha a Santa Maria, nunca percorreu o trajeto entre as duas cidades pela "estrada velha", de chão batido. E ainda bem. O traçado da antiga estrada tornava a distância até Santa Maria maior do que os 37 km de hoje, percorridos pelo asfalto. A distância, pela estrada velha, era de mais ou menos 45 km, mas, para percorrê-los de ônibus, gastava-se um tempo até três vezes maior do que se gasta, hoje, pela estrada nova.

Os ônibus da época, se não estivesse chovendo, gastavam entre uma hora e meia e uma hora e quarenta e cinco minutos para fazer o percurso. Era preciso desviar muitos buracos e pedras, tomar muito cuidado com os animais, principalmente cavalos, bois e vacas, que nem sempre respeitavam o cercado das propriedades, e acabavam invadindo a estrada. Havia também o problema do pó que subia da estrada quando o chão estava muito seco. Bastava cruzar com um carro, ou então permanecer alguns segundos atrás de outro, e pronto! A visibilidade reduzia-se bastante, e a velocidade do ônibus também. Lembro-me que o pó da estrada, em alguns trechos, era de tom acinzentado, e, em outros, era avermelhado. As inúmeras paradas para embarque e desembarque de passageiros era outro fator que retardava a viagem. Certa vez, para quebrar a monotonia, contei 25 paradas do ônibus, entre Santa Maria e São Pedro.

Esses eram só alguns dos problemas enfrentados naquelas viagens. É bom nem relembrar os para-brisas quebrados e os pneus furados, ou cortados por pedras (e como furavam e se cortavam pneus naquela estrada!). Quando ocorria um desses eventos, certamente haveria um atraso de, no mínimo, 30 ou 40 minutos na viagem.

Foi por esta estrada velha, enfrentando essas condições, que viajei diariamente durante os primeiros dois anos da faculdade de Administração, que cursei na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Entre ida e volta por este trajeto, eu gastava, portanto, cerca de três horas por dia. A lentidão e incertezas da viagem provocavam verdadeira tortura nas pessoas que precisam cumprir horário. Era o meu caso. Eu tomava o ônibus às 6:30 da manhã e precisava estar às 8:00 horas no centro de Santa Maria, onde funcionavam, na época, as Faculdades de Administração, Direito, Economia e

Contabilidade. Da parada do ônibus, na Av. Presidente Vargas, até o prédio da UFSM na Rua Marechal Floriano, onde eu estudava, gastava-se mais uns 10 minutos, e isto andando-se muito rápido. A viagem de volta não era diferente. Eu tomava o ônibus às 17 h 45 min, na mesma Av. Presidente Vargas, e precisava estar na escola onde eu lecionava, em São Pedro do Sul, às 19 h 30 min. Às vezes, sobrava tempo para tomar um lanche, antes da aula, às vezes, não. O certo é que eu andava sempre atrapalhado com os horários e chegando atrasado aos compromissos.

Quando comecei a fazer o percurso diário São Pedro – Santa Maria – São Pedro, pensava em aproveitar o tempo da viagem para estudar, revisando a matéria que recebia em aula, ou então preparando-me para as provas. Afinal, eram três preciosas horas por dia. Logo percebi que, para mim, era impossível concentrar a atenção em qualquer tipo de leitura em tais condições de viagem. Passei, então, a conversar mais com as pessoas e a prestar mais atenção no seu comportamento, como forma de ocupar o tempo. Assim, ouvi e presenciei, durante esses dois anos, muitas histórias. Algumas tristes, outras engraçadas, algumas outras que me deixaram preocupado, às vezes fazendo-me perder o sono. Seleccionei três dessas para relatar aqui, deixando a critério do leitor a decisão de enquadrá-las nas categorias mencionadas.

Lembro-me de que, certa manhã, na localidade de Catanduva, a uns 15 km de São Pedro e a 30 de Santa Maria, logo depois de passar a ponte do riacho do mesmo nome, embarcou uma senhora com vários filhos, talvez fossem uns seis ou sete. As crianças tinham várias idades, imagino que oscilando entre 10 anos e até menos de um ano, pois uma delas ainda estava no colo da mãe e aparentava ainda não ter condições de andar. O ônibus estava lotado, com muitos passageiros viajando em pé, como era comum acontecer naquelas viagens. A senhora precisou do auxílio de alguns passageiros que já estavam no ônibus para embarcar as crianças e depois para acomodá-las, em pé ou no colo de duas ou três “almas de boa-vontade” que se dispuseram a ajudar. Dá para imaginar que o tempo necessário para o embarque do grupo foi maior do que o normal, a contragosto do motorista e de muitos passageiros, preocupados com o tempo da viagem.

A maioria das crianças chorava. As menores, que foram para o colo de estranhos, demandavam a presença da mãe, causando tumulto, desacomodando alguns passageiros que precisaram trocar de lugar para deixar as crianças viajarem mais próximas e irritando outros menos compreensivos, ou mais impertinentes. O fato é que, se a viagem já era difícil, neste dia ficou ainda pior.

Para alívio dos passageiros incomodados com a algazarra das crianças, a mãe puxou o cordão da campainha na primeira parada, logo ao entrar na cidade de Santa Maria, em frente à antiga Escola Técnica do Patronato, anunciando que queria descer. Com uma das crianças no colo e mais uma pela mão, a mãe iniciou a caminhada pelo corredor congestionado do ônibus, deixando para trás os demais, que não conseguiam movimentar-se entre a massa de passageiros de pé. Os gritos e choro das crianças intensificaram-se, aguçando ainda mais a impertinência de passageiros e do motorista. A mãe tentou voltar várias vezes, mas só conseguiu resgatar mais uma ou duas das crianças deixadas pelo caminho, ficando as demais espalhadas pelo corredor do ônibus. Já fora do ônibus, na calçada da rua, a mãe precisou

contar com a ajuda do motorista, o qual, abandonando seu posto, lançou-se entre os passageiros na busca das crianças retardatárias. O resgate da primeira até se deu com certo bom humor do motorista, procurando acalmá-la enquanto a levava no colo para fora do ônibus. Mas ao chegar lá pela terceira ou quarta criança, pressionado pelos passageiros que, ao mesmo tempo em que tentavam ajudá-lo, cobravam dele mais agilidade na operação, o motorista já não conseguia mais esconder sua profunda irritação. Ao entregar a última criança à mãe, ele esbravejou: "Por quê a senhora não deixa metade dos filhos em casa quando precisa pegar um ônibus?" A mulher, agora já mais calma com a presença de todos os filhos ao seu redor, entre um misto de indignação e constrangimento, respondeu ao motorista: "Mas e o que você acha que estou fazendo, moço?"

Outra vez, embarcou, ainda em São Pedro, um gaúcho muito bem pilchado. Isso também era muito comum naquelas viagens, o que não causava, portanto, nenhuma estranheza aos demais passageiros. Mas o colorido das roupas deste, em particular, intrigou um grupo de adolescentes que também se deslocava diariamente a Santa Maria, onde frequentava um cursinho pré-vestibular. O comportamento irreverente dos jovens não agradou ao elegante gaúcho, iniciando-se uma breve discussão entre ele e o grupo. Percebendo que a discussão tornava-se mais séria, e temendo a reação do gaúcho, os estudantes mudaram-se para o fundo do ônibus, mantendo, assim, uma certa distância. Mas, dentre os rapazes, havia um que não estava conformado em ter que recuar frente à cara feia do rapaz das pilchas. Levantou-se e, sorratamente, sentou-se, por um instante, na poltrona imediatamente atrás da dele, gastando tempo suficiente para "discretamente" amarrar as franjas do pala do incauto aos pés do banco, onde este estava sentado.

Acabada a travessura, o valentão voltou para o fundo do ônibus, onde foi recebido pelos demais com apupos de "nosso herói". O riso alto do grupo chamou a atenção dos demais passageiros e, obviamente, da própria vítima, que chegou a voltar-se para trás, mas acabou não desconfiando de nada, provavelmente até imaginando que o grupo agora havia escolhido outro alvo para suas brincadeiras.

Refeitos da euforia inicial, provocada pela bravata do companheiro, os rapazes do cursinho entraram primeiro em estado de preocupação e, logo a seguir, em estado de pânico, imaginando do que seria o gaúcho capaz, ao constatar a humilhação à qual fora submetido. Era óbvio que ele atribuiria a autoria da brincadeira de mau-gosto ao grupo e que, dada a intensidade da própria reação que, por muito menos, demonstrara minutos antes, não levaria tamanho desaforo para casa. Para evitar o pior, era preciso, portanto, descer do ônibus antes que o gaúcho o fizesse. Para não correrem nenhum risco, desceram bem antes que o ônibus entrasse na cidade. Ao saltar do ônibus, agora mais seguros por sentirem-se fora do alcance do achacado, ainda tiveram tempo de acenar para ele, com gestos que, por questões de censura, não podem ser aqui descritos. Provavelmente, neste dia, o grupo chegou atrasado às aulas do cursinho, se é que algum deles conseguiu chegar até lá.

Confesso que, naquele dia, me pareceu que o grupo de rapazes tivesse ido longe demais com a brincadeira. Não me sentia com o espírito preparado para presenciar a cena que estava prestes a acontecer. Estava pensando em

que também conviesse eu descer uma parada antes, mas não tive tempo de fazê-lo; o gaúcho puxou antes a campainha. Pensei comigo: "Agora seja lá o que Deus quiser.."

O ônibus ainda não tinha parado completamente quando o rapaz fez a primeira tentativa para se levantar, sendo violentamente puxado de volta para a poltrona. Fez mais uma ou duas tentativas, recebendo como resposta o mesmo golpe contrário que o jogava de volta à posição de origem. Tentou então puxar o pala com uma das mãos, depois com as duas mãos, mas não teve jeito. Precisou sair por baixo do pala, expondo-se a uma posição ridícula diante dos demais passageiros. Só então, fora da poltrona e livre do pala, foi que percebeu a peça que lhe haviam pregado. Procurou com os olhos por algum dos alçozes, mas não encontrou mais nenhum no interior do ônibus. Num primeiro instante, seu rosto tornou-se amarelo e gradativamente foi mudando para um tom rosado, até atingir um roxo avermelhado.

Enquanto esbravejava, escorria-lhe pelos dois cantos da boca uma espuma esbranquiçada. De pé, puxava o pala com as duas mãos e cada vez com mais força, até que o tecido rompeu-se de uma só vez, fazendo-o cair sentado no colo de uma senhora que ocupava a poltrona do lado oposto do corredor. Com o pala dilacerado nas mãos, dentes cerrados e voz embargada, o gaúcho xingava a mãe, as irmãs e até a avó dos rapazes. Percebendo que suas palavras eram em vão, pois eles já não estavam mais presentes, começou a ofender os passageiros que, por ventura, fossem parentes, amigos, ou que apenas apoiassem aquela malcriação dos rapazes, pedindo por favor que se apresentassem para apanhar em lugar dos mal criados. Como não se apresentasse ninguém e percebendo que alguns, mesmo disfarçadamente riam da sua desgraça, desafiou qualquer homem que ali estivesse para brigar. O gaúcho estava realmente decidido a buscar vingança, fosse lá de que forma fosse. Nessas alturas o ônibus já estava parado há uns 10 minutos, com o motorista e mais dois ou três voluntários mais corajosos tentando negociar a retirada do gaúcho. Mas ele estava irredutível. Não deixaria o ônibus sem uma saída honrosa para o seu caso. Alguns passageiros desembarcaram ali mesmo para não perder mais tempo, outros pediam ao motorista que os levasse até o final da viagem e lá resolvesse o problema, chamando a polícia, ou tentando localizar os pais dos garotos em São Pedro. Mas isso não interessava à vítima. Ela queria o problema resolvido, ali e naquela hora mesmo.

Cerca de vinte minutos depois do início da discussão, levantou-se um senhor, que era proprietário de uma loja de roupas em São Pedro, e entregou ao rapaz o seu cartão, pedindo que ele lhe procurasse na loja, no dia seguinte, que lá ele lhe daria um pala novo, igualzinho o que fora danificado, sob a condição de que ele deixasse o ônibus seguir viagem. Um pouco mais calmo e também ele próprio já cansado daquela situação, o gaúcho aceitou a proposta, mas impôs algumas condições: o pala danificado deveria ficar com o dono da loja, pois ele não gostaria de ser depois acusado de tentar levar vantagem da situação, ficando com os dois palas. A outra condição foi de que o custo do pala novo fosse cobrado dos pais dos garotos, pois ele não achava justo que o lojista levasse o prejuízo. Aceitas as condições, o rapaz desceu do ônibus e ia já se afastando, quando voltou correndo, agarrando-se à porta do ônibus, fazendo-o parar novamente. Com meio corpo fora do

ônibus e meio corpo dentro, queria agora saber a razão pela qual o senhor da loja havia feito aquilo, afinal ninguém que não fosse parente, ou conhecido muito próximo dos garotos teria se prontificado a comprar tal briga. Alegava também que, se o dono da loja concordara em cobrar dos pais dos garotos o pala novo, era porque os conhecia e, portanto, era de certa forma cúmplice daquela patifaria. A esta nova investida, os demais passageiros reagiram e, em massa, exigiram que o motorista fechasse a porta do ônibus a desse a partida, deixando o gaúcho esbravejando sozinho no meio da rua.

A última história que selecionei para contar aqui foi, certamente, a mais constrangedora que presenciei durante aquelas viagens, não tendo eu, à época, achado graça alguma. Mas ela certamente tem também lá a sua verve, e acho que é digna de ser relatada.

Não sei se era em função do curto trajeto da viagem, ou porque, na época, fosse considerado um luxo desnecessário, mas os ônibus não tinham toalete a bordo. Quando alguém enfrentasse alguma situação de necessidade extrema, era preciso parar o ônibus e procurar abrigo debaixo de uma ponte, ou no mato à beira da estrada. Foi o que aconteceu certa vez com um senhor, que aparentava mais ou menos 60 anos e deveria ser um pequeno agricultor da região. No meio da viagem, levantou-se, segurando a barriga com as duas mãos e levemente inclinado para a frente. Dirigiu-se até o motorista e falou-lhe baixinho ao ouvido, certamente relatando sua situação e pedindo que parasse o ônibus imediatamente, ao que foi prontamente atendido. Quase correndo o homem saiu do ônibus, procurando com os olhos algum abrigo, ponte ou mato próximo, só encontrando alguns arbustos. Escolheu então um que lhe pareceu o mais denso e agachou-se, escondendo o corpo só pela metade.

Percebendo a situação vexatória em que se encontrava o passageiro detrás daquela moita e para respeitar o senso de pudor de alguns dos que estavam no ônibus e evitar que o espírito gozador de outros se pronunciasse, o motorista resolveu avançar um pouco o ônibus, com a intenção de, pelo menos, atrapalhar um pouco a exposição do grupo de expectadores àquela cena dantesca. Ao perceber que o ônibus se movimentava, o homem imaginou que iriam deixa-lo, levantando-se bruscamente, sem finalizar o que havia começado. Com uma das mãos segurava a calça, que estava na altura dos joelhos e com a outra acenava desesperado, gritando para o motorista que o esperasse.

Sem alternativa, o motorista achou melhor parar, esperando que, assim, ele retornasse para detrás da moita e se recompusesse antes de voltar a bordo. Mas o homem não entendeu assim. Subiu os degraus do ônibus ainda fechando o cinto. Antes que tivesse tempo de sentar-se, houve uma correria dos passageiros que estavam mais próximos à sua poltrona, a procura dos lugares vagos mais distantes. Ao redor dele abriu-se um clarão, tendo ele viajado até Santa Maria num verdadeiro isolamento.



O canto da boca

Alfredo Laureano de Brum

Meus pais Sady e Dalila nunca bateram em seus filhos. Nós conhecíamos quando eles queriam passar alguma “mensagem” (ou reprimenda) pela maneira como falavam, por sinais ou pelo caminhar, nunca sendo preciso gritos, castigos ou surras.

Eu tive a felicidade de estar junto deles durante vinte e quatro horas por dia até os meus dezesseis anos. Nosso dia começava com o trabalho de tirar o leite das vacas na mangueira. Depois, devia ir à escola, que ficava a três km. No restante o dia, trabalhávamos no tratamento dos animais e na lavoura até o pôr do sol. À noite, o jantar era sob a luz do candeeiro ou do lampião, pois luz elétrica só existia nas cidades. Na hora de descansar, aquele que se retirava beijava os pais e as pessoas da família, desejando a todos uma boa noite. Para mim, eles, foram os melhores pais do mundo.

Quando minha mãe queria nos alertar sobre algo que fazíamos de errado, ela apertava o canto da boca, isso era o sinal vermelho.

Certa vez, fomos no aniversário de dois anos do filho mais moço dos donos do único armazém da pequena Vila Branca. Meus pais, além de amigos da família, eram também padrinhos do garoto. Era um domingo e a festinha seria à tarde. Eu tinha, na época, seis anos. Meu pai, como era o costume da época, ficou junto com os homens, e eu, como sempre, nunca largava minha mãe. Na sala, as mulheres conversavam. Eram, no máximo umas oito, e eu estava sentado perto da mamãe.

Quando me ofereciam algum petisco para comer, se eu gostava, pegava. E sempre que minha mãe falava, eu prestava atenção. De repente, passei somente a agradecer o que me ofereciam, e passei toda a festa sem comer mais nada, até a hora em que meu pai nos convidou para irmos embora.

Quando chegamos em casa minha mãe perguntou-me:

— Nêni! Por que meu filhinho comeu tão pouquinho, e nem tomou o guaraná que gosta tanto? Não estava gostando da festinha?

— A senhora apertou o canto da boca e eu achei que estava me repreendendo por estar comendo muito.

— Que pena, filho. Eu não apertei nenhuma vez o canto da boca, por isso que a mãe sempre pede para esperar que eu aperte mais de uma vez.

Na manhã seguinte, logo que acordei, contei para minha mãe que havia sonhado que tinha tomado um montão de guaraná.

Moral da história: por um sinal mal entendido, fiquei sem comer e beber.



Caciiilldo

Odalci José Pustai

Outro dia, meu filho reclamou que qualquer ventinho estraga o guarda-chuva. De bate-pronto, respondi que isto era muito bom. Após um pequeno espanto, emendei dizendo que ele esquecia os mesmos no ônibus, na casa dos amigos, etc. Na verdade, não gosto de guarda-chuvas muito resistentes, principalmente se o cano é muito forte. No fim da história, vão entender as razões.

Miro, Cacildo e eu éramos típicos “guris da colônia”. Gostávamos de pescar, caçar com bodoque e jogar bola. Como, muitas vezes, é a oportunidade que desperta o ladrão que existe nas pessoas, nós também aproveitamos uma chance ímpar de dar um salto tecnológico nas nossas caçadas, pois achamos uma coronha velha e decidimos que seria possível enjambrar uma espingarda. A coronha estava presa à caixa de culatra, que mantinha intactos o cão, o gatilho e o guarda-mato. Verificamos que o encaixe das peças deixava o conjunto perfeito, faltando somente o cano. O restante dos acessórios, como cartuchos e munição, certamente conseguiríamos nas caixas de caça dos respectivos pais. Conjecturamos sobre as possibilidades de arrumar um cano, quando o Cacildo disse que a avó tinha herdado um velho guarda-chuva e que o cano era bem grosso e forte. Fomos até a casa do Cacildo e achamos o tal guarda-chuva todo destruído, mas com o cano em ótimas condições. Cortamos o cano com uma serrinha de cortar ferro e constatamos que ele tinha paredes bem grossas.

O cano não era tão comprido como eram os canos das espingardas dos nossos pais, mas achamos que serviria para o nosso propósito. Depois, fomos verificar se o cano se ajustava à caixa de culatra; e parecia até que tinha sido fabricado para isto. Restava saber se tinha algum cartucho que serviria no cano. O Cacildo foi buscar um cartucho calibre 36, que se mostrou muito grosso. Sobrava testar um cartucho de calibre 40, o que conseguimos na casa do Miro. Encaixe perfeito. Como a tarde de domingo estava terminando, fizemos algumas combinações e distribuições de tarefas para o domingo seguinte.

A expectativa era grande para ver se nosso “trabuco” iria funcionar. No domingo, depois da missa, revisamos as combinações: estava tudo certo. Logo no início da tarde, nos encontramos no mato, onde estava escondido todo o material. Conseguimos fixar a coronha na caixa de culatra, com ara-

mes fortemente torcidos com alicate. O arremate foi feito com borracha cansada de trator. Estava muito firme. Pensamos em usar o mesmo arame para fixar o cano, mas desistimos, pois era necessário um movimento de báscula do cano para poder colocar o cartucho. Resolvemos testar a borracha. Passamos várias voltas de tira de borracha no ponto da pegada de mão e atamos bem firme. Para aumentar a segurança, passamos uma tira, não tão apertada, mais próxima ao gatilho. Assim, era possível levantar um pouco o cano para introduzir o cartucho.

Com um pouco dos materiais que cada um "pegou emprestado" dos pais, carregamos o primeiro cartucho somente com espoleta e um pouco de pólvora. O Miro se posicionou atrás de uma árvore e passou um braço de cada lado, segurando a espingarda do outro lado do tronco. Fez "pu" e nada mais. A espingarda e as mãos do Miro estavam intactas. O primeiro teste foi um sucesso. Carregamos outro cartucho, agora com chumbo. Foi repetida a manobra e tudo correu nos conformes. Carregamos todos os cartuchos e saímos como "gente grande" a caçar. Como não encontramos nada de caça no caminho, decidimos que cada um daria um tiro num mandacaru. Foi uma beleza. Dava para contar os furos do chumbo nas folhas do cactus.

Já meio desacoroados com nossa (falta de) caça, vimos uma pomba carij voar sobre nossas cabeças e ir sentar numa árvore de galhos secos. Nos entreolhamos e fomos  caa. No sorteio, o Cacildo saiu vitorioso para atirar primeiro. Chegamos na beira do matinho, protegidos pela copa de um açoita-cavalo. O matinho era basicamente de unha-de-gato, o que dificultou a chegada do Cacildo até embaixo da rvore. A pomba carij continuava sentada, impassível. Eu e o Miro já estávamos ficando inquietos com a demora quando: "pu" - e a pomba carij saiu voando. Olhamos um para o outro e concluímos em conjunto: "O Cacildo não sabe atirar..." Conversa vai, conversa vem, ficamos prometendo um ao outro que, da próxima vez, seria diferente. O tempo ia passando e nada do Cacildo sair do mato. Mas como tinha muita unha de gato, ficamos justificando a demora. Para piorar a situação, comentei que a árvore não era tão alta e que o Cacildo não poderia ter errado o tiro. Percebi uma certa intranquilidade no Miro. Ele olhou para mim e disse:

— Será...

— Que explodiu a espingarda?! — emendei.

Resolvemos chamar por ele. Uma, duas vezes. Gritamos em conjunto, a plenos pulmões: CACIIILLDO!!! E nada. A esta altura, o pânico já tinha tomado conta de nós. Olhamos um para o outro e investimos mato adentro na direção do Cacildo. Em questão de segundos, rasgamos todo o corpo com as unhas de gato e alguns ps de ananás, para depois chegar sob a árvore onde o Cacildo estava deitado de bruços.

— Meu Deus, ele está morto! — gritou o Miro.

Eu me atirei em cima dele para tentar uma salvação milagrosa. Nós estávamos tão apavorados e quase em choque, que demoramos para perceber que o Cacildo não se aguentava de tanto rir. Num primeiro momento ficamos meio patetas, e não dava para entender direito se a gente ria ou chorava. Mas o segundo momento foi de fúria. Empurramos o Cacildo para o meio das unhas de gato e enchemos ele de tapas. Depois que nos acalmamos, o Cacildo pediu desculpas. E eu e o Miro tmbm pedimos, para ele esquecer

algumas das bofetadas, dadas em exagero.

O domingo já estava terminado e era chegada a hora de cada um ir para sua casa. Ao contrário do interesse do início da tarde, agora nenhum dos três queria ser o responsável para esconder a espingarda durante a semana. Decidimos no sorteio, e a tarefa de levar a espingarda caiu para mim. Pela alegria dos outros dois, percebi que aquela espingarda tinha se tornado um fardo. Ninguém dizia nada, mas o entusiasmo pela arma tinha sumido. Meu desconforto era tão grande que, enquanto caminhávamos em direção à casa, resolvi bolar um plano para me livrar da espingarda. Quando estávamos relativamente perto, pedi que eles segurassem a arma, alegando que precisava ir cagar no mato. Eles concordaram e eu me embrenhei numa trilha em direção à casa. Quando já estava bem longe, gritei para eles que não levaria a espingarda. Quando saí do mato, já no potreiro, percebi que os dois estavam vindo no meu encalço. Era tarde, pois eles não tiveram coragem de me seguir no potreiro aberto, uma vez que alguém poderia vê-los com uma espingarda na mão, e eles não queriam correr este risco.

No domingo seguinte, o Miro e o Cacildo me contaram que desmontaram a espingarda e que quebraram com o martelo todas as peças, para que fosse impossível qualquer tentativa de remontagem.

Esta é a história de uma tragédia que não aconteceu. E, voltando ao início, acho que realmente não se fabricam mais guarda-chuvas – nem anjos da guarda – como antigamente!



Toda família tem um tio doido

Ricardo Dunker Haubert

Não adianta dizer que não ou esconder, toda família que se preze tem um tio doido. Aquele tio que gosta de beber, o que exagera no alho em tudo o que cozinha, o que vai dormir na sala da tua casa quando a esposa o manda caminhar, o que pede grana emprestada e não devolve nunca, o que vive de bicos e não para em emprego algum. Aquele tio que fala mal do presidente e diz que o único político decente era o Brizola. A família Dunker tem o seu tio "maluco beleza", o grande tio Ari. Assim como muitas famílias que colonizaram o sul do Brasil, a família Dunker atravessou o Atlântico em um navio vindo da Alemanha, fugindo de guerra, e blá-blá-blá... Nos dias de hoje, essa figura rara anda lá pelas bandas do Mato Grosso. Após o convite/recusa da família em ir junto, largou a esposa, amigos e filhos crescidos por aqui, comprou uma Belina 75, caindo aos pedaços, naquele feirão do Big, e se mandou. Rodou com a coitada da Belina a 60km/h (e sem rádio!) pra economizar gasolina até Cuiabá, onde o motor "só estourou lá", como ele mesmo disse. Depois, pegou uma carona com um trator [Pasmem!] até a fazenda de um tal João. E não era o tal João de Santo Cristo, da música "Faroeste Caboclo". Espero... Sempre, nos churrascos na casa do velho Ari, o caudilho assava a carne com várias cabeças de alho enfiadas nela. Conforme os convidados mastigavam, sentiam aquele gosto característico e inigualável do pequeno e malvado legume. Era praticamente uma loteria. Na volta pra casa, o assunto não poderia ser outro: "Bah, comi 4 cabeças de alho naquele pedaço de vazio que o tio me serviu!"; e: "Putz, e eu que peguei 6 naquela lasca de maminha..." Ou "Ééécaaaa, como é que vou namorar hoje à tarde!?", dizia a sobrinha toda emperiquitada. Mas também tinha o "Arrrrr, e na meu costela non tinha nata!", dizia a vovó deutsch que tentava, desesperadamente, defender o filho cultivador de alhos. Tinha alho até na salada de catofle! Na caipirinha, adivinhem quem estava lá dentro do copo? O maldito alho! Ao invés de limão, o sábio homo sapiens erectus colocava alho. Ao final, como se fosse remédio que tivesse de ser tomado até a última gota, ele comia o alho amassado, não sem antes oferecer a todos, que por algum motivo, recusavam com cara de nojo. Talvez comesse para se certificar que todos os nutrientes dessa iguaria iriam para dentro do seu corpo, que não se perderia nada no ralo. De quebra, tinha o café preto depois do assado. Ah, esse café não tinha igual. Que "quente", o quê!? O negócio era colocar pedras de gelo

e tomar bem gelado mesmo. Essa nunca deu pra entender.. Mas a maneira pela qual ele cuidava dos seus já parcos cabelos é que era genial. Após toda essa inigualável sequência de bizarrices, a chave de ouro estava guardada num garrafão de 5 litros de vinho branco. Daqueles bem vagabundos. O seu tratamento capilar (que nenhuma estética da Auxiliadora, Bela Vista ou Mont Serrat usa) consistia em enxaguar os cabelos no tanque de lavar roupas com essa milenar bebida. O motivo, lógico, foge à compreensão dos seres mortais, grupo do qual faço parte. Segundo esse ser evoluído, o vinho hidratava o couro cabeludo... "Simples assim, seu pocó!" E não adiantava discutir sobre qualquer coisa com que ele não concordasse. Mais cabeça dura do que um alemão é quem discute com ele. A fato é que o maluco realizou o seu sonho (via crucius) e foi morar no Mato Grosso. Até agora não encontrou ouro em fundo de rio algum como queria e planejava, mas trocou uma vaca que ganhou do prefeito por um terreno na cidade, onde construiu uma casa com os próprios braços. Segue com uma saúde de touro (por causa do alho, óbvio!). E, ainda por cima, diz ele que tem um "baita" cabelo.



O dente perdido

Ricardo Dunker Haubert

Lembram da história do tio Ari, o tio doido? Aquele que usava alho como remédio para todos os males e que lavava o cabelo com vinho? Pois o tio Ari é casado com a tia Ane (**). E, para dar certo com ele, ela também não poderia ser muito diferente... A tia Ane é uma mulher que adora ser bem tratada e sente-se uma rainha quando o marido lhe prepara uma suculenta cabeça de porco no forno à lenha, acompanhado de um copo de vinho tinto suave (do tipo colonial).

Como qualquer casal que está junto por muito tempo, o tio Ari e a tia Ane eventualmente trocam farpas, brigam um pouco e, às vezes, lançam “aquela indireta”, um para o outro, na frente dos convidados, mas tudo muito civilizado. Afinal, ela é uma pessoa muito religiosa e teme que Deus pode estar vendo o que ela fizer.

Certa vez, a tia Ane adotou um (nem um pouco discreto) hábito de mastigar a comida com os dentes da frente. Não que lhe faltassem os “lá do final do corredor”, é que ela também tinha as suas teorias. E uma delas era a de que os dentes da frente eram mais fortes dos que os dentes de trás. Almoçar sentado na frente dela, não era a coisa mais recomendada.

Uns dois meses antes da partida do tio Ari para o Mato Grosso, num fim de tarde qualquer, estavam o tio Ari com a tia Ane na varanda de casa, comendo pipoca e tomando chimarrão. Enquanto um comia pipoca, o outro tomava chimarrão e depois trocavam.

Sentada numa cadeira, a tia comia a pipoca e cuspiu (sim, cuspiu) a parte do milho que não estourava para as galinhas que ficavam na volta. Era quase uma dúzia delas. De todas as cores, tamanhos e temperamentos. Tinha desde a mais calminha até a mais gritona e espalhafatosa.

Num desses arremessos à distância de grãos de pipoca não estourados, a tia Ane viu que cuspiu algo brilhoso, que não era grão de pipoca. Só que não teve tempo de conferir, pois o tal “objeto brilhoso” foi imediatamente engolido por uma galinha. Ela logo se deu conta da falta de um dos dentes da frente. Apavorada, pulou da cadeira e jogou o pote cheio de pipoca para o alto e gritou para o tio Ari:

— “Naaarrrr, Ari, meu tente! A calinha cumeu!”

— “!?!?!?!?”. Pensou o tio.

— “Foi aquela ali!” Apontou, sem dúvida alguma, para a mais calma das

galinhas.

A galinha, por sua vez, pensou:

— “Có, có. Me fú! Có, có.”

Numa tentativa inútil, a galinha foi saindo de mansinho, disfarçando e ciscando atrás de uma minhoca qualquer para que figurasse a sua inocência. Mas não foi convincente, pois em poucos segundos foi pega pelo tio Ari, que num golpe seco destroncou o pescoço e findou-se ali mesmo a breve vida daquela trombadinha.

Com a chaleira do mate numa mão e a galinha desfalecida na outra, o tio Ari foi em direção do tanque de lavar roupas com o intuito de depenar a trombadinha e recuperar o dente roubado. Em meio às penas e à água quente, uma nuvem negra pousou sobre a cabeça do tio:

“Qué sabe? Daqui dois meses vô tá lá no Mato Grosso. Aquela lá passou anos enchendo meu saco... É hoje que deixo essa velha banguela!”

Mas de novo apareceu Deus. Bateu o medo de um castigo e ele achou melhor não fazer isto. O cultivador de alhos voltou atrás e abriu a galinha até recuperar o dente da dedicada esposa. De volta à varanda e com o dente em mãos, ele lhe entrega o dente limpinho e escovado e recebeu um obrigado.

Não satisfeita, a tia Ane pediu mais um favorzinho:

— “Me pega lá na xeladera o Bonder”.

— “O Bonder!?!?”

— “Ahãm, o Bonder. Vô tê que repetir? O Bonder!”, disse a esposa, que, a essa altura, já tapava a boca com a palma da mão para que o marido não a enxergasse sem um dos dentes.

O tio Ari foi e voltou da cozinha sem entender muito bem o que a tia poderia querer com uma cola Super Bonder numa situação como aquela, mas sem deixar de pensar:

— “Ahhh, porque não deixei o dente cair no ralo do tanque?”

— “Segura esse espelho!”, ordenou a esposa.

Com dois pingos de Super Bonder ela resolveu ali mesmo toda a história. Colou o dente de volta e pressionou por um meio minuto contra a gengiva. Depois bateu as mãos e disse: “Feito, qué mais pipoca?”

Sem acreditar naquela cena, que era forte até mesmo para o próprio tio Ari, só lhe restou sentar no banquinho e tomar o resto do chimarrão com a água havia sobrado do depenamento da galinha. E enquanto esperava uma nova bacia de pipoca, pensava: “Ma que muié...”

Reza a lenda que, hoje em dia, quando a tia Ane sai de casa, leva consigo, em sua bolsa, muitas coisas que todas as mulheres levam: carteira, batom, lenço, escova, espelhinho e ... por prevenção, um tubo de Super Bonder!

** o nome original da Tia em questão foi trocado para evitar possíveis retaliações ao sobrinho dedo duro.



Adalberto Tostes Neto, www.ventonegro.com.br

- Ushuaia - província da Terra do Fogo, Argentina, 513
Médico, já falecido.

Adelaide Kreutz Pustai (Ade), apustai@yahoo.com.br

- Alquimia da cozinha, 63
Enfermeira, reside em Porto Alegre.

Escrever, apesar de difícil, gera prazer, porque é uma forma de expressamos e de dividirmos sentimentos da vida e da alma.

Adriana Lia Duarte dos Santos (Adri), liasantosd@gmail.com

- Como me tornei uma "gateira", 95
Professora de música, reside em Porto Alegre.

"Se um gato de rua pudesse falar, provavelmente diria: 'Dê-me abrigo, comida, companheirismo e amor, e eu serei seu para a vida!" Susan Easterly

Adriane de Assis Lawisch Rodriguez, adriane@unisc.br

- Uma noite de terapia com a ACV, 193
Professora na Universidade de Santa Cruz do Sul- UNISC,
reside em Santa Cruz do Sul, RS.

Todos os "domingos" eu lia a Coluna Dominical! Eu realmente lia, mas não escrevia. Mas, este grande cara, Felipe, conseguiu me convencer a escrever. E até que gostei!

Adriano Santos, adrianosantosmg@gmail.com

- Reflexão literária, 268
Professor de língua inglesa, reside em Porto Alegre, RS.

No fundo somos todos escritores e sonhadores. O grande incentivo de escrever esse texto veio justamente do prazer em ler, duas habilidades que não devem ser separadas, por isso "Lia, mas não Escrevia. Acho que essa realidade.

Aida Maria Lovison, a.lovison@terra.com.br

- Abraço é amor!, 35
 - Voltar para casa é renascer!, 195
- Reside em Porto Alegre, RS

Está escrito que, quem encontrou um amigo, encontrou um tesouro. Este convite é uma prova de que a amizade, verdadeira, retempera a vida. Escrever se tornou uma forma de cultivar amigos.

Alfredo Santiago Culleton (Alfie), alfredoculleton@hotmail.com

- Você era feliz e não sabia, agora é tarde!, 140
- As Fases e as Dimensões da Vida, 158

Nascido em Buenos Aires, Filósofo e Professor na UNISINOS em São Leopoldo. Reside em Porto Alegre, RS. A escrita é uma cicatriz, eterna marca de uma ferida, por isso o pudor.

Alfredo Laureano de Brum, alfredobrum@hotmail.com

- A briososa, 196
- O canto da boca, 575

Aposentado, reside em Caçapava do Sul, RS.

A saudade do passado, das pessoas que amamos ou ainda daquelas que nos marcaram são lembradas com carinho, são doces, fazem a gente sonhar, lembrar realidades e, reviver momentos inesquecíveis.

Alice de Moraes Falleiro, alice.falleiro@gmail.com

- Status: Eu comigo mesma. Uau!, 179
- Sobre nadar contra a corrente e caminhar contra o vento, 289

Mestranda em Administração na UFSM, reside em Santa Maria e Porto Alegre, RS.

Escrever esse texto foi mais que um desafio, foi um exercício de autoconhecimento e eu adorei! Enfrente os desafios e abrace as oportunidades que a vida te dá. Vai lá, se joga!

Alisson Eduardo Maehler, Alisson.maehler@gmail.com

- Doutorado sanduíche – experiência acadêmica e de vida, 237

Professor na UFPel. Reside em Pelotas, RS.

Ana Cristina Müller Klein, anacrismuller.igr@gmail.com

- Ser, sustentável, direito?, 403

Assessora Jurídica de uma grande empresa do segmento calçadista. Reside em Igrejinha, RS.

Nós somos capazes de fazer coisas melhores do que guerras, ignorar seres doentes e famintos. Permita que seu potencial humano transcenda e seja o agente da mudança.

Ana Ikeda, anaikeda@usp.br

- Minha Vida de Mergulhos, 77
Professora na USP, reside em São Paulo.
Debaixo d'água a vida é muito boa!
Ana Isabel Jaramillo López, anisajalo@hotmail.com
- Sonhos, 199
Mestranda em Administração na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.
Vive os teus sonhos!!!

Andréa de Lima, alimab@uol.com.br

- O quanto você vai crescer para se tornar um ser, ou o que você não vai ser quando crescer?, 379
Profissional de comunicação, reside em Porto Alegre, RS.
A possibilidade de sermos o que realmente somos exige coragem, criatividade, espontaneidade. a educação deve nos permitir tal realização.

Andrea Brasco Pampanelli, andreapampanelli@terra.com.br

- Jornada para a fronteira, 203
Gerente Corporativa de Meio Ambiente e Segurança – GKN Driveline Américas, reside em Porto Alegre, RS.
Minha alma de criança fica repleta quando escrevo livremente ! Ao meus queridos professores de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFRGS, muito obrigada.

Andréa Cardoso Ventura, andreaventurassa@gmail.com

- Parceria de Além Mar, 230
Professora Universitária e Consultora Socioambiental, reside em Salvador, BA.
Descobri muito jovem o gosto pela escrita. Por algum tempo, ela ficou restrita a textos acadêmicos. Bom estar de volta à escrita pelo simples prazer!

Ane Brum, ane.brum@hotmail.com

- Palavras ao vento, 198
Atua na área de Gestão Financeira, reside em Novo Hamburgo, RS.
A vida tem mais sabor quando nos permitimos sair da zona de conforto!

Ângela Denise da Cunha Lemos Belbute, adc.lemos@hotmail.com

- Encerrando ciclos, 164
Servidora Pública Federal, reside em Horizontina, RS.
Fiz um retiro no Mosteiro da Transfiguração, em Santa Rosa/RS. Leituras e meditações me levaram a perceber a questão dos ciclos em nossas vidas... e, viva as mudanças!

Anna Land, anna.land@uni-kassel.de

- Recycling: Through the eyes of an American living in Germany, Recycle? Why?, 420
- Nascida nos EUA, doutoranda na Kassel University. Reside em Hannover, na Alemanha.

Anna Tarcila Amantino, anna.tarcila@hotmail.com

- Bailar ao Luar, 553
- Aposentada, reside em Passo Fundo, RS.
- Eu brinco de poetar, porque poetar é sonhar. A vida é um sonho e para viver precisamos sonhar e brincar.*

Antonio Domingos Padula, antonio.padula@ufrgs.br

- Urbanização e Êxodo Rural na China, 465
- Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.
- A urbanização é um dos maiores desafios do processo civilizatório.*

Antônio João Valandro (Tony), ajvalandro@yahoo.com.br

- Indústria Farmacêutica: saúde versus capital, 130
- Atua na área de Marketing, reside em São Paulo, SP.
- Acredito que os princípios de coletividade poderão transformar o mundo.*

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio (Teo), armindo.teodosio@gmail.com

- O moralismo da rapaziada, 341
 - Desgoverno nos trópicos?, 342
 - Morte e vida severina nas ruas, 343
 - Saberes sustentáveis em um mundo insustentável, 398
 - Invisível sustentabilidade das cidades visíveis, 399
 - Dai-me o lixo nosso de cada dia!, 419
- Professor na PUC-Minas, reside em Belo Horizonte.
- Escrever é bom, escrever coletivamente, melhor ainda.
Empreender novos projetos é bom, empreendê-los coletivamente e de forma compartilhada, melhor ainda.*

Asher Kiperstok, asherkiperstok@gmail.com

- Surpresa, 231
- Professor na UFSB e UFBA, reside em Porto Seguro e Salvador, BA.
- Não dizem que "soltar a voz " faz bem? pois soltar o verbo, escrito, também.*

Bárbara Basso, barbarabasso@gmail.com

- Fevereiro e a Curva do Choque Cultural , 479
 - Bratislava e Praga, 488
- Mestranda em Administração na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Quando comecei a viajar, comecei a escrever em um blog para compartilhar minhas experiências... E agora quem acaba viajando com os textos sou eu!

Bárbara Kreutz Pustai, barbara@omundonacozinha.com.br

- Desafinado, 322

Blogueira, jornalista e aprendiz de cozinheira, reside em Porto Alegre, RS.

A escrita, além de ferramenta essencial da minha profissão, é, também, um hobby. É através dela – e, claro, das panelas – que eu me expresso.

Bernardo Dias Machado, berdias@hotmail.com

- Talentos, 143

Mestrando em Administração na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Essa meditação propõe um estímulo à reflexão sobre valores um pouco esquecidos, mostrando que, ao dinamizarmos nossos dons, contribuimos para um mundo mais humano.

Bruno Anicet Bittencourt, bruno@escolaconvexo.com.br

- Por favor, mais casquinha de siri!, 377

Mestrando em Administração na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Queria tirar o leitor da zona de conforto, mostrar que todos nós podemos fazer microrrevoluções e mudar o mundo em que vivemos. E trazer o meu exemplo: a Escola Convexo.

Camile Pasqualotto Lewczynski (Cacá), cacalegria@terra.com.br

- Minha Vivência no Jardim Waldorf, 373

Sócia da Improvida - Improvisação Aplicada, reside em Porto Alegre, RS.

Cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si carrega o dom de ser capaz e ser feliz! (Almir Sater)

Cecilia Pires, eciliapires.pires@yahoo.com.br

- Outro Alvorecer, 344

Professora e filósofa, reside em Porto Alegre, RS.

Instigante a ideia do Projeto Lia, mas não escrevia. Como sempre li e escrevi, curti ainda mais participar com meu olhar sobre o mundo, na perspectiva da "minha" terceira idade. Gosto de escrever em versos, em prosa sob a forma de crônica ou conto. Tenho publicado no meu blog e também em coletâneas diversas. Dediquei-me, profissionalmente, mais à Filosofia do que a Poesia. Hoje, minha dedicação é para ambas com entusiasmo. Penso que nisso produzi minha síntese.

Celso Funcia Lemme, celso@coppead.ufrj.br

- Doutor, tem cura?, 138

Professor na UFRJ, reside no Rio de Janeiro, RJ

As palavras podem unir ou afastar as pessoas, dependendo da forma como são usadas. Merecem, portanto, tratamento cuidadoso, que tentamos dar nesse livro.

César Augusto Tejera De Ré (De Ré), catdere@ea.ufrgs.br

- O Exercício da Solidariedade, 253

Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre.

Christine da Silva Schröder, christine1004sch@gmail.com

- Infinita highway, 181

Professora na PUCRS, reside em Porto Alegre, RS.

Uma escritora de textos não publicados, que sempre preferiu a poesia, e que, de vez em quando, arrisca na prosa...ou, simplesmente, mais uma amiga das palavras...

Clandia Maffini Gomes, clandiamg@gmail.com

- Tudo é possível e vai dar certo, 290

Professora na UFSM, reside em Santa Maria, RS.

Tudo vale a pena quando a alma não é pequena...

Clandio Favarini Ruviano, clandioruviano@hotmail.com

- A Estrada para o Conhecimento: Uma Percepção, 270

Professor na UFGD, reside em Dourados, MS.

Habituar-se a escrever demanda certo tempo porém é recompensador.

Clarindo Redin (Claro), clarindoredin@hotmail.com

- O Passado e o Presente, 119

Páraço e formador popular, reside em Campo Grande, MS.

Tenho sonhos! Acredito em Utopias! Admiro as pessoas que ainda acreditam que um "outro mundo é possível" e por ele lutam!

Cláudio Senna Venzke (Senna), senna@portoweb.com.br

- O impermanente indo e vindo infinito, 142

Professor na UNISINOS, reside em Porto Alegre, RS.

Fazer conexões, produzir sentido e buscar soluções para o nosso meio, penso que são os nossos principais papéis com professores, para crescermos espiritualmente.

Cleber Dutra, cleber_dutra@yahoo.com.br

- Necessidades & Mudanças, 345

Professor visitante na Technische Universität Berlin, reside

em Berlin, Alemanha.

Todos temos meios de agir para que um mundo melhor comece já. Escrever pode ser uma ótima opção. Agradeço a chance que este livro me traz de propor uma reflexão benéfica.

Clezio Saldanha Dos Santos, cssantos@ea.ufrgs.br

- O primeiro espetáculo flamenco, 65
- Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Um dia uma formiga percorreu um caminho em cima de uma mesa, Mário Quintana escreveu que ela já tinha uma história. Temos muito para contar!!!

Cristiane Pizzutti (Cris), crispizzutti@gmail.com

- Reflexões sobre o autorretrato , 70
- Quantos babacas fazem um cara legal?, 105
- Quem ela pensa que é?, 108
- O poder do hábito, 281

Professora na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Minha mãe sempre dizia que quem canta seus males espanta. Pois eu descobri que quem escreve também. E se escrever cantando? Aí sim que só se vê o bem!

Cristina Valdez Borgmann (Cris), cris@cvpilates.com.br

- Felicidade, 45

Empresária, reside em Porto Alegre, RS

Escrever , de fato nao é nada facil! É permitir-se expressar o nosso eu mais intenso, e ter coragem de mostrar a forma como pensamos! Adorei a experiência!!

Daniel Conrado, dconrado13@gmail.com

- Porque viajar, 506

Consultor, reside em Porto Alegre, RS.

Minha atividade profissional e cursos realizados me proporcionam o prazer de viajar. Nada melhor do que falar sobre isso num livro entre amigos!

Daniela Callegaro de Menezes (Dani), daniela.callegaro@ufrgs.br

- Achados e perdidos: um GPS na Augusta, 260
- Professora na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Nunca pensei em escrever textos literários, o meu amigo Luis Felipe que disse que consigo fazer isso, eu acreditei!

Débora Cristine Lóf Figueiredo, deboralf23@gmail.com

- A Utilidade do Amor,36

Funcionária pública, reside em Porto Alegre, RS

Adorei fazer parte deste projeto, e destaco aqui uma

*frase: 'Em si, a vida é neutra. Nós a fazemos bela, nós a fazemos feia; a vida é a energia que trazemos a ela'.
Osho*

Deisi V. Becker, deisibecker@bol.com.br

- Achados e perdidos: um GPS na Augusta, 260
Doutoranda em Administração na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Denise Barros de Azevedo, deniseazevedo1972@gmail.com

- De Porter a Stakeholder, uma viagem encantadora, 233
Professora na UFMS, reside em Campo Grande, MS.

Adorei escrever e recordar passagens do meu passado. Olhar o futuro, e buscar a felicidade do presente, porque a vida é agora, e esta trajetória deve ser apaixonante.

Denise Del Pra Neto Machado, profadenisedelpra@gmail.com

- "Recomeçar" e "prazo de validade"...., 225
Professora na FURB, reside em Blumenau, SC.

A vida nos reserva surpresas e decisões que envolvem ciclos. Cada um destes ciclos, levam tempo, nos fazem pensar e sonhar. O momento que me espera irá iniciar sob uma perspectiva muito mais difícil: começar, mas com data para parar!

Diego Cristóvão Alves de Souza Paes, diegopaes@gmail.com

- Medidas, 422
Doutorando em Administração na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

"Ever tried. Ever failed. No matter. Try again. Fail again. Fail better." Samuel Beckett

Diogo Joel Demarco, djdemarco@ig.com.br

- Quando as estatísticas batem a porta da nossa casa...., 27
Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Muito bom escrever sobre o cotidiano fora do espaço de trabalho, em particular por ser sobre um momento especial, o de brincar com o filhote.

Duarte de Souza Rosa Filho, duartesrf@gmail.com

- Os serviços de transportes coletivos de passageiros, 445
Professor na UFES, reside em Vila Velha, ES.

Reflitam e ajam para melhorar a cidade em que vivem.

Edgard Charles Stuber, stuber@ecsinova.com

- A inovação em diferentes fases da minha carreira, 205
Consultor empresarial, reside em Porto Alegre, RS.

É muito bom fazer parte do projeto de um livro escrito

de forma colaborativa.

Edimara Mezzomo Luciano, Edimara.luciano00@gmail.com

- Você não é o commander-in-chief da sua vida!, 84
Professora na PUCRS, reside em Porto Alegre, RS.
Em meio a tantos textos acadêmicos no dia-a-dia profissional, escrever um texto menos formal e mais autoral foi único (mas vale repetir!)

Eduardo Arthur Comerlato, ecomerlato@terra.com.br

- Há preconceito contra mulheres no mercado de trabalho?, 113
Graduando em Administração na UFRGS.
Instigado a escrever para o blog do professor, opinei sobre tema abordado em aula e muito comentado naquela semana. Que o texto contribua para o debate inteligente.

Elaine Melo de Oliveira, elaineme5@yahoo.com.br

- Planeta das Formigas, 348
Bolsista IC na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.
Precisava "destravar" a escrita para me preparar para concursos. Com esse texto surgiu o estímulo que resultou no quarto lugar na redação.

Eliane Marfiza Braga Machado Trevisan, eliane.trevisan@ufsc.br

- Política Cognitiva, 361
Professora na UFSC, reside em Florianópolis, SC.

Eluza Kiyama, eluzakiyama@hotmail.com

- Desde que sai do Espinilho Grande, nunca parei de viajar, 215
Bancária, reside em Candelária e Santa Maria, RS.
Encontrei grande dificuldade em escrever meu texto, procrastinando o quanto pude. Relutando, iniciei algumas linhas e notei que nada é impossível quando queremos.

Eugenio Avila Pedrozo, eugenio.pedrozo@ufrgs.br

- Funcionário público, professor, trabalhador, feliz, equilibrado, tranquilo... e produtivo, 227
- Pesquisa na Transamazônica: Google, Atoleiros, Lontra (Lu-tra longicaudis) e Borboletovia, 248
Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Fernanda Maciel Reichert, fernandareichert.e-mail@gmail.com

- Vida de doutoranda sofrenilda, 235
Doutoranda em Administração na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Os altos e baixos da vida não são páreo para pessoas determinadas. Experiências não tão positivas nos fortalecem, pois da próxima vez, já sabemos como lidar com elas.

Fernanda Pasqualini, fernanda.pasqualini@unijui.edu.br

- Uma viagem louca (de boa!), 510

Professora na UNIJUI, reside em Ijuí, RS.

Recebi o convite para escrever do Luis Felipe e adorei a ideia... escolhi falar sobre viagens por que é uma das coisas que mais gosto de fazer!!!

Flavia Luciane Scherer, profe.flavia.ufsm@gmail.com

- Crônica de uma saudade, 255

Professora na UFSM, reside em Santa Maria, RS.

Escrever foi uma aventura incrível, que me colocou em contato com a emoção de perder um amigo genial. Recordar é (re)viver a intensidade das amizades e do doutorado.

Flávia Pereira da Silva, flaviaps.poa@gmail.com

- Honey, e a minha paixão por gatos, 97

Funcionária Pública, reside em Porto Alegre, RS.

Sempre tive uma paixão especial pelos textos literários, mas na correria do dia-a-dia, acabava postergando-a. Este livro foi a oportunidade para retomá-la.

Gabriela Cardozo Ferreira, gabi.cardozoferreira@gmail.com

- Exílio de verão, 323
- O dia do grande futuro, 325
- Quando acaba a primavera?, 395

Professora na PUCRS, reside em Porto Alegre, RS.

Escrever é uma forma de expressar o que pensamos, o que sentimos e, também, aquilo que nem imaginamos que somos.

Gabriele Volkmer (Gabi), gabrielevolkmer@gmail.com

- Infelizmente, vida corrida e não pedalada, 447

Bióloga, reside em Porto Alegre, RS.

"Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim".

Chico Xavier.

Gelcy Machado e Silva, <https://www.facebook.com/gelcy.machado?fref=ts>

- Histórias da Vó Gelcy, 567

Bisavó, avó e mãe do Felipe, reside em Porto Alegre, RS.

Geni de Sales Dornelles, gdvalent@terra.com.br

- Economia Verde: Uma decisão histórica, 424
- Administradora de projetos e textos, reside em Porto Alegre, RS.

Esta decisão em responsabilidade social, com alto nível de exigência, mostra que é possível mudar. Tese: mudança integrada exige revisão de valores morais e éticos!

Gilberto Tavares dos Santos, gilberto.tavares@ufrgs.br

- O Mesmo, 327
- Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Duvidava do indissociável "ler-escrever". Leio muito, mas escrevo em pensamento. A verdadeira escrita fez-me espectador de mim mesmo. Uma experiência saborosa!

Graziana Fraga dos Santos (Grazi), grazianafs@gmail.com

- No tempo da delicadeza, 287
- Pausa, 329
- Sobre a impermanência das coisas, 331
- Tarde de solidão... , 330
- Olhos nos olhos, 332

Relações Públicas, reside em Porto Alegre, RS.

Nunca pensei que pudesse escrever, até que criei um blog (<http://graziana.blogspot.com.br/>)e, então, escrever passou a ser um prazer!

Guilherme Ribeiro de Macêdo, ribeiroguilherme@gmail.com

- Fonte de inspiração e viagens, 309
- Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Falo pouco, sempre sintetizo ideias e gosto da objetividade.

Gustavo Borba, gborba@unisinós.br

- Qual a importância de um professor?, 371
- Professor na UNISINOS, reside em Porto Alegre, RS.

A valorização dos professores é um dos principais caminhos para o desenvolvimento do país.

Helena Ruppenthal Cunha, helenarcunha@gmail.com

- Nosso Caminho de Santiago de Compostela, 515
- Desembargadora aposentada, avó e viajante, reside em Porto Alegre, RS.

A aposentadoria, depois de uma vida profissional intensa, possibilitou viajar mais e melhor, com calma e entrega, pesquisando e estudando mais sobre os destinos.

Henrique M. R. de Freitas, freitas138@gmail.com

- Meus 55 anos, 40 de trabalho, 25 de viagens e missões!, 217

Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

O destino é apresentado como algo que vai ocorrer para cada de nós... ora, já é mais que tempo de cada qual entender que tem sim energia para definir boa parte dele...

Hugo F. Müller Neto, hmullerneto@gmail.com

- O inferno das boas intenções, 319

Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

E eu que nunca pensei que alguém pudesse se interessar pelas coisas estranhas que passam na minha cabeça! Foi uma rica experiência compartilhar algumas delas.

Ilse Maria Beuren, ilse.beuren@gmail.com

- Viagem a Los Roques, 517

Professora na UFPR, reside em Florianópolis, SC.

Viajar é interessante sob todos os aspectos, seja para conhecer novos ambientes ou visitar os já conhecidos. Descobrir coisas novas nos faz viajar no tempo. Cada lugar que conhecemos nos encanta dentro de um determinado contexto e/ou de uma experiência de vida. Viajar sempre é bom!

Ines Isaia Splettstosser, inesis@cpovo.net

- Avó Náutica, 30

Enfermeira aposentada e avó do Thiago Ribas, reside em Porto Alegre, RS.

Descrever sentimentos é compartilhar emoções.

Isabel Cristina de Moura Carvalho (Bel), isacrismoura@gmail.com

- Hanoi e Halong: a turbulência das ruas e as águas calmas da baía, 457

- Laos: arroz, monges e elefantes, 459

Professora na PUCRS, reside em Porto Alegre, RS.

Escrever é um prazer. Gosto da sensibilidade específica que a escrita oferece. É Janela pra escapar, caminho para vadiar. Melhor ainda quando dá pra partilhar.

Iuri Gavronski, iuri@proxima.adm.br

- Sanduíche no Canadá, 240

Professor na UNISINOS, reside em São Leopoldo, RS.

Consequências desconhecidas não devem ser igualadas a consequências indesejáveis (Merton, RK. Am Soc Review, 1(6)894-204, 1936)

Ivan Antonio Pinheiro, ivan.pinheiro@ufrgs.br

- Compartilhando Prazeres, 273

Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Tão bom quanto ler é escrever - compartilhar pensamentos e sonhos; participar da engrenagem que leva ao aperfeiçoamento das ideias e dos homens.

Janaína Kern da Rosa (Jana), janainak.rosa@gmail.com

- Brasiliense? Por que não?, 477

Funcionária Pública, reside em Brasília, DF.

Aprendendo a escrever e descobrindo o quanto é bom!

Javiera Rojas, javierarojasdelrio@gmail.com

- Porto Alegre Bizarra, 530

Arquiteta, reside em Porto Alegre, RS.

Li que para escrever e preciso ler muito. Já dois de meus 3 irmãos usa óculos por ter sido fiel a aquela ideia, o que me lembra que meu caminho de leitora seguirá seus passos. No caso, esta e a minha primeira publicação, sem óculos ainda e de olhos bem abertos.

Jefferson Marçal da Rocha, jeffersonmrocha@gmail.com

- Entender Poesia é ser poeta, 223

Professor na UNIPAMPA, reside em São Gabriel, RS.

Sempre aconselho ler, pois "viciar-se" em livros e como sair da Caverna (Platão) e iluminar-se em cada página. Depois, não se vive mais "sem luz".

Jeová Torres Silva Júnior, jeovatorres@cariri.ufc.br

- Lições de uma ida ao Stade de France: Não é um texto (só) sobre futebol, 190

Professor na UFCA, reside em Nogent-sur-Marne (França) e Juazeiro do Norte, CE.

Neste texto tive a oportunidade de discorrer sobre minha experiência na França e sobre uma de minhas paixões: o futebol.

João S. Furtado, jsf154@gmail.com

- Negócios usuais ou Não usuais: está feliz em seu trabalho?, 440

Educador em sustentabilidade organizacional, independente, reside em São Paulo, SP.

Escrever é comunicar-se por inteiro e ficar na memória futura. Mesmo que a "núvem", de hoje, seja substituída por outro arquivo, ou que ... puff!

Johan Konings, konings@faculdadejesuita.edu.br

- 'Pedis mal', 121

Professor na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, reside

em Belo Horizonte, MG.

Agradeço a oportunidade de participar desta iniciativa nascida na cidade onde comecei minha atividade acadêmica no Brasil. Com saudades.

José Antonio Gomes de Pinho (Pinho), jagp@ufba.br

• Os estádios de futebol no Brasil estão morrendo, 90
Professor na UFBA, reside em Salvador, BA.

Para quem acompanha futebol há mais de 50 anos, é duro ver essa elitização toda. A metáfora urinária foi apenas para realçar como o espaço sagrado do futebol, os estádios, estão virando elitistas. Nada contra as melhorias feitas.

Jose Carlos Batista de Deus (Zé), marcatouro@hotmail.com

• Indecisão musical, 297
Médico Veterinário, reside em Piratini, RS.

O RS é um estado com uma identidade cultural muito forte, porém não tem um tipo de música que o caracterize.

José Carlos Lázaro da Silva Filho (Zé), lazaro@ufc.br

• Loosing my Religion: Um cético saindo do armário, 123
Professor na UFC, reside em Fortaleza, CE.

Este texto é uma entre várias áreas que gosto de gastar tempo pensando... Além de cultura pop, rock pesado, lego, desenhos animados, futebol... a vida é maior que nossa escolha profissional, por mais que esta seja uma escolha apaixonada...

José Célio Silveira Andrade (Célio), jcelio.andrade@gmail.com

• O Papel dos Atores Não-Estatais na Governança Ambiental Global, 405
Professor na UFBA, reside em Salvador, BA.

Espero que no próximo E-book possa escrever um texto literário sem pretensões acadêmicas.

José Mauro C. Hernandez, jmhernandez@fei.edu.br

• Querido Papai Noel, 262
Professor na FEI e EACH, reside em São Paulo, SP.

O Natal tem significados especiais para mim. Neste último, decidi escrever o que pensava. Espero que você também goste.

José Pacheco, zedaponte1951@hotmail.com

• Sete pilares, 369
Educador, reside em Vargem Grande Paulista, SP.

Joseane Machado de Oliveira (Jô), joseane.oliveira@senairs.org.br

- A engenheira domesticada e a psicologia da hora do intervalo, 389

Engenheira Química, reside em Porto Alegre, RS.

Adorei escrever sobre a minha feliz experiência como docente, e devo isto ao período que passei cursando o mestrado com essa turma maravilhosa! Bjs. Jô.

Julia Froeder, julia.caon@gmail.com

- Inspiração, 333

Relações Públicas na PUCRS e na Net Impact, reside em Porto Alegre, RS.

Se ler é viajar sem sair do lugar, escrever é escolher o roteiro em um universo infinito. Boa viagem pela minha primeira viagem que acabou no papel.

Juliana Durayski (Ju), durayskiju@hotmail.com

- Solta o som, DJ: em roda, 291

Pesquisadora na UNISINOS, reside em Porto Alegre, RS.

Insista nos sonhos "Quem resiste e insiste no front/ Quer ver novo horizonte se levantar!"

Juliana Subtil Lacerda (Ju), subtiljuliana@gmail.com

- Energia e mudança climática, 427

Economista, reside em Barcelona, Espanha.

Que bom escrever e pensar em como proteger a vida!

Kathiane Benedetti Corso (Kathi), kathi.corso@gmail.com

- A "Rica" Vida na Fronteira da Paz, 183

Professora na UNIPAMPA, reside em Santana do Livramento, RS.

Aceitei o convite, e resolvi soltar as palavras. Afinal, "falar" sobre nossas experiências, sobre coisas que gostamos e admiramos, faz bem pra alma!

Lafayette Dantas da Luz (Lafa), lafayette.luz123@gmail.com

- Entre tempestades, refregas e calmarias..., 87

Professor na UFBA, reside em Salvador, BA.

Navegar um barco é como navegar a vida... e vice-versa. No textinho disse menos do que gostaria... Logo, torço por um segundo volume deste e-book. Obrigado, Felipe!

Layon Heck

- Inclusão Social pela Música Clássica focada na prática orquestral: Onde se inserem os Administradores?, 435

Graduando em Administração na UFSM, reside em Santa Maria, RS.

Me sinto maravilhosamente bem e realizado me envolvendo com um projeto que busca a transformação

social através de atividades lúdicas, psicopedagógicas e culturais.

Leonardo Querido Cardenas, leonardoquerido@yahoo.com.br

- Brasil: um país conservador, 298
Professor na UFERSA – Mossoró, RN, reside em Porto Alegre, RS.

O homem consegue, ao escrever, negar um princípio básico da existência: a finitude. Escrever se tora, assim, uma forma de perpetuar seu pensamento ao longo do tempo.

Letiane Streck (Leti), leti.streck@gmail.com

- O que faço com isso? Um alerta sobre as lâmpadas fluorescentes pós-consumo, 429
Administradora, reside em Restinga Seca, RS.

"Pensar em sustentabilidade é pensar na coletividade: na família, no próximo e em você mesmo."

Liege Cardoso de Freitas (Lily), liegefretas@ig.com.br

- Viajar é mudar, 520
Graduanda em Administração na UFRGS, reside em Porto Alegre,

Escrever foi quase como fazer uma viagem!

Lija Neiva Fávaro de Brum (Lijinha),

lijinha1933@hotmail.com

- E assim aconteceu..., 39
Aposentada, reside em Novo Hamburgo, RS

A oportunidade de participar me deixou feliz, recordar é viver!

Lilian Caporlingua Giesta, ligiesta@gmail.com

- Uma gaúcha nordestina, 475
Professora na UFERSA – Mossoró, reside em Mossoró, RN.

Este é meu primeiro texto do gênero.

Lilian Regina Sartor, liliansartor@gmail.com

- Olhares que dizem mais que mil palavras, 100
Cirurgiã-Dentista, reside em Curitiba, PR.

Sabe aquele lance de plantar uma árvore (ok), escrever um livro (nunca me senti capaz), será que um texto vale? Rsrs (se valer, ok)... só falta a parte do ter um filho...

Lisiane Celia Palma (Lisi), lisicp@hotmail.com

- A Verdadeira Riqueza, 210
Professora no IFRS – Canoas/RS, reside em Porto Alegre, RS.

Ler e escrever nos faz refletir e aprender. Por isso, pre-

tendo ler e escrever cada vez mais e espero que este livro também incentive outras pessoas a fazerem isso.

Lourdes Odete Dos Santos (Lourdinha), lourdes.odete@ufrgs.br

- Cuidado, Você está no Comando!, 38
Socióloga, reside em Porto Alegre, RS.

Trabalho com discentes no momento decisivo de seu trabalho final, quando o "você vai conseguir" é fundamental. Transformar o discurso em texto foi bem interessante.

Lucas Knorst Nascimento, lucasknorst94@hotmail.com

- Protestos de um Adolescente, 22
Graduando em Engenharia na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Lucas Veiga Ávila, admlucasveiga@gmail.com

- As Dimensões da Sustentabilidade Explicitadas no Plano Estratégico de Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras: Uma Análise por Região do País, 432
Professor no Colégio Politécnico da UFSM, reside em Santa Maria, RS.

Escrever virou rotina. É uma das atividades que mais dedico tempo. Escrevo para descobrir ou para criar alternativas.

Lúcia Rejane da Rosa Gama Madruga, luciagm@ufsm.br

- As Dimensões da Sustentabilidade Explicitadas no Plano Estratégico de Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras: Uma Análise por Região do País, 432
- Inclusão Social pela Música Clássica focada na prática orquestral: Onde se inserem os Administradores?, 435
Professora na UFSM, reside em Santa Maria, RS.

Este livro conecta corações e existências, muito mais do que pensamentos e conhecimentos. Obrigada Felipe pela liderança que nos faz realizar ações como esta.

Luciano Barin-Cruz, luciano.barin-cruz@hec.ca

- Ensinar na área de gestão e sustentabilidade, 390
Professor na HEC Montréal, reside em Montreal, Canadá.

Ensinar é uma forma constante de aprender.

Lucila Maria de Souza Campos, lucila.scampos@gmail.com

- A "viagem" que é viajar!!, 521
Mãe, Professora na UFSC, reside em Florianópolis, SC.

Achei essa uma experiência ótima, super prazerosa. Costumo escrever com frequência, mas muito mais trabalhos acadêmicos. Esse foi diferente e muito me agradou!

Luis Binotto, lfbinotto@andritz

- Pássaro Quixotesco, 135
Senior Vice-President - Andritz Maintenance Solutions Division, reside em Porto Alegre, RS.
Acredito que a vida é uma grande escola, na qual não raro passamos desatentos por suas lições diárias. Compartilhar uma dessas lições foi muito gostoso!

Luis Carlos Zucatto, luiszucatto@gmail.com

- Nós, Humanos, e o Paradoxo da Sustentabilidade, 396
Professor na UFSM, reside em Palmeiras da Missões, RS.
Não havia pensado em ser escritor, mas um grande mestre, Prof. Luis Felipe, nos desafiou, motivou, e comecei a gostar.

Luis Felipe Nascimento, nascimentolf@gmail.com

- Amiga Chupeta!, 17
- Protestos de um Adolescente, 22
- O pai deve participar, 29
- Somos mais ou menos apaixonados pela fotografia?, 72
- O Maior Prazer do Mundo, 111
- Eu sei que você me quer!, 116
- Epitáfio no Presente?, 136
- Que ingrato sou eu!, 157
- As Fases e as Dimensões da Vida, 158
- Eles são muito estranhos!, 175
- Faz de conta que eu não sei!, 279
- O Futuro dos chatos, 283
- O prazer é gordo, a beleza é magra, 306
- Cuidamos mais de nossos carros do que de nós mesmos - exagero ou realidade?, 307
- Para entender os conflitos da Rio+20, 410
- Diferenças culturais, 453
- Stop! Com Rolling Stones. Stop! Com Beatles songs!, 455
- Camboja – uma historia rica e pouco conhecida!, 461
- Tailândia – sem polícia e sem assaltos!, 463
- Alemanha ou EUA, onde é melhor viver?, 485
- “Estar em férias” é... 495
- Você já foi ao Grand Canyon? Não? Então vá!, 508
- Ano Novo – lentilha e roupa branca?, 535
- Carnaval – adeus à carne, 539
- Repaginando a Páscoa, 546
- Três coisas que não podem faltar no Natal !, 548
- The Best One!, 554
- A mais recente descoberta da Medicina: nossos órgãos conversam entre si , 557
- Uma Barata no Divã, 559

- Um futuro sem conflitos familiares, 561
- Só Jesus Salva !, 563

Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Eu pensava que escrever textos literários era coisa para escritores, que eu nunca conseguiria. Comecei em 2013 e estou adorando, é uma ótima terapia.

Luis Roque Klering, Irklering@via-rs.net

- IDH e Qualidade de Vida de Países, 411

Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

É um prazer participar desse projeto de composição de um e-book, em que muitas belas histórias, conhecimentos e experiências de vida são compartilhados. Parabéns.

Luisa Dutra, luisadutra13@hotmail.com

- O que as mulheres querem?, 106

Assistente Administrativa, reside em Porto Alegre, RS.

Eu sempre gostei de escrever, desde pequena. Era a forma que eu tinha de me expressar pois sempre fui muito tímida, mas ao mesmo tempo tinha uma personalidade forte e tudo que não me agradava ou me agradava demais, eu precisava "pôr pra fora" e escrevendo era a maneira que encontrei de aliviar minhas angustias, expor minhas alegrias e desejos. Quando eu queria dizer alguma coisa pra alguém, inclusive pra minha mãe, mas me faltava coragem pela timidez, eu escrevia e continuo escrevendo até hoje. E como diz Chicó, personagem do filme Auto da Compadecida: "Só sei que foi assim".

Luiz Antonio Slongo, laslongo@ea.ufrgs.br

- De São Pedro a Santa Maria, 570

Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Ao escrever o texto revivi uma fase já quase esquecida de minha juventude. Embora difícil, ela foi muito feliz. Seria uma pena se ela não fosse registrada.

Luiz Fernando Andres, luizfernando.andres@gmail.com

- Aniversário de casamento, 42

Professor na UNIVATES, reside em Estrela, RS.

Magda Brancher Gravina, magda@gravina.com.br

- Máscaras, 146

Advogada, reside em Lajeado, RS.

A melhor maneira de ser feliz é ser autêntico e, com serenidade, amor e respeito, permitir que os outros também o sejam.

Maira Comerlato, maira1711@hotmail.com

- A Massa, 353
 - Roteiro para conhecer um pouco de Porto Alegre, 505
- Editor-Gerente da REAd, reside em Porto Alegre, RS.
Faz tempo que não escrevo, mas guardo todos os meus escritos no blog. Toda minha vida escrevi, era algo que vinha quase pronto, tinha que fazer! Mas parei há alguns anos atrás, talvez volte a escrever qualquer dia desses...

Mara Regina Knorst (Maninha), mknorst@pucrs.br

- Como envelhecer?, 132
- Professora na PUCRS, reside em Porto Alegre, RS.
Não tenho o hábito de escrever textos que não sejam técnicos, este foi um pequeno ensaio, gostei, talvez surjam outros.

Marcelo Trevisan, marcelotrevisan@smail.ufsm.br

- Seria o doutorado uma segunda adolescência?, 244
- Professor na UFSM, reside em Santa Maria, RS.
Escrever é passear, andar, correr, voar, viajar, refletir, amadurecer, crescer,... É renovar-se! É sentir-se livre e sem limites!

Marcia Dutra de Barcellos, mdutrab@gmail.com

- A chegada da Carolina, 21
- Professora na UFRGS, esposa do Bernardo e mãe da Carolina :-), reside em Porto Alegre, RS.
Escrever dá asas à sua imaginação! Pratique!

Márcio Jappe, marcio.jappe@gmail.com

- Cuidamos mais de nossos carros do que de nós mesmos - exagero ou realidade?, 307
 - Um futuro sem conflitos familiares, 561
- Empreendedor, reside em Florianópolis, SC.
Co-autoria é gentileza do Felipe! Adoro revisar textos sem que percam a cara do autor. Continuo sendo requisitado, acho que estou no caminho certo =).

Marco Antonio de Almeida Penna, pennamarcoantonio@gmail.com

- Inclusão Social pela Música Clássica focada na prática orquestral: Onde se inserem os Administradores?, 435
- Professor na UFSM, reside em Santa Maria, RS.
"As certezas, em geral, são soluções falsas e muito caras" Cotardo Calligaris.

Maria Celina Abreu de Mello (Celina), celina.mello@exitoeletrostatica.com.br

- A "sutil" diferença entre a teoria e a prática: 20 anos de

consultoria e 2 anos de empresa, 207
Empresária, reside em Porto Alegre, RS.

Feliz em expressar as diferenças entre a prática e a realidade. É a glória de viver e poder se experimentar!

Maria de Lourdes Albornoz (Côca), maloual@gmail.com

- Brasileira/uruguaya, 481

Engenheira, reside em Montevideo, Uruguay.

Desafio, prazer e o gostinho de estar uma vez mais

"fazendo alguma coisa junto ao Felipe, que me permite sentir que a gente continua sendo uma "turma"!!

Maria do Socorro Silva Mesquita (Socorro), socorromesquita@yahoo.com.br

- Sustentabilidade xingui lingui?, 408

Professora na Faculdade Luciano Feijão, em FLFSobral - CE

A experiência de discutir com os alunos formas de aproximar as práticas sustentáveis do nosso cotidiano tem sido enriquecedora. Retratar a sustentabilidade de modo criativo, num texto literário despertou em mim o prazer em compartilhar alguns trechos das reflexões dos vários encontros.

Maria Eunice de Andrade Araújo (Nice), deandradearaujo@gmail.com

- O valor intangível do CDES, 363

Funcionária Pública, reside em Porto Alegre, RS.

Num contexto de descrédito da política é importante socializar as boas práticas democráticas.

Maria Scarlet do Carmo, scarletcarmo@gmail.com

- Os relacionamentos e suas leis, 383

Técnica de Projetos em Consultoria, reside no Rio de Janeiro, RJ.

Para mim, escrever é mais confortável que falar.

Maria Tereza Saraiva de Souza,

- Vida Instantânea, Parte 1: Celulite e Aplicativos, 53

- Vida Instantânea, Parte 2: Não estou na vibe, 55

- Vida Instantânea, Parte 3: Celular emagrece, 57

Professora na FEI/SP, reside em São Paulo, SP.

Escrever crônicas começou como uma brincadeira, mas também como um presente para a família. Os aniversários de casamento e das filhas sempre me inspiraram para fazer uma brincadeira ou declaração de amor.

O projeto Lia mas não escrevia incentivou a publicação de alguns desses textos e descobri um público de leitores, meninas adolescentes, que gostaram das crônicas e que vem me estimulando a publicar mais.

Mariângela Conte Cornetet (Mari), mariangela@contecornetet.com.br

- O Rio de Janeiro continua lindo, mas Porto Alegre é tri legal, tchê!, 473
Arquiteta, reside em Porto Alegre, RS.

Estou compartilhando uma nova experiência de vida. Espero que seja útil para quem estiver em situação semelhante!

Mariluce Paes de Souza, mariluce@unir.br

- Pesquisa na Transamazônica: Google, Atoleiros, Lontra (Lutra longicaudis) e Borboletovia, 248
Professora na UNIR, reside em Porto Velho, RO

Foi gratificante compartilhar histórias de pesquisa na Amazônia. Agradeço a oportunidade, parabênzo o organizador, conte conosco para os próximos.

Marisa Ignez dos Santos Rhoden, marisa.rhoden@ufrgs.br

- O meu tempo é agora!, 170
Professora na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Acostumada a escrever textos acadêmicos e profissionais, foi um desafio escrever sobre sentimentos e torna-los públicos. Somente o amigo Felipe para me convencer!

Marli Knorst (Neca), mknorst@gmail.com

- Protestos de um Adolescente, 22
- Pereba!, 127
- A Caneta, 267
- Homem Fome, 305

Professora na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Era uma vez uma menina que sonhava ser escritora e virou médica. Das letras ficaram apenas as lembranças do Projeto Rondon em Roraima.

Marta Tocchetto, marta@tocchetto.com

- Tempo, tempo, tempo..., 177
 - Gentileza gera gentileza e um mundo melhor, 285
- Professora na UFSM, reside em Santa Maria, RS.

Escrever representa o desejo de não passar em branco, de deixar marcas a partir de ideias pessoais.

Martiele Cortes Borges, martieleborges@gmail.com

- Carta de agradecimento aos amigos, 258
- Bolsista no NAGI/UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Escrever foi muito importante para mim, agradecer aos amigos pela ajuda e pela força em momentos de dificuldade foi essencial para iniciar uma nova fase na minha

vida.

Matias Poli Sperb, mapolis@gmail.com

- Um paralelo entre Brasil e Espanha, 483
Professor Universitário, reside em Florianópolis, SC.
A imaginação não tem limites e nem a nossa capacidade de compreender o mundo.

Melissa Irala, buhpoa@hotmail.com

- Entre carreira e lazer, fiquei com os dois!, 201
Fotógrafa, reside em Montreal, Canadá.

Miguel Angel Gardetti, mag@sustentabilidad.org.ar

- Ticket a la India, 523
Director del Instituto de Estudios para la Sustentabilidad Corporativa, reside em Buenos Aires, Argentina.
Es la primera vez que me encuentro con una oportunidad de esta naturaleza. Es fantástico! y me dio la oportunidad de escribir sobre mi experiencia en la India.

Milena Cavalli, mi_cavalli@yahoo.com.br

- Preservação histórica sustentável, 438
Arquiteta e Urbanista, reside em Porto Alegre, RS.
Escrever é uma ótima forma de expressarmos nossos pensamentos, esta foi uma oportunidade valiosa e gratificante, fiquei muito feliz em participar.

Milton de Abreu Campanario, milton.campanario@gmail.com

- Os Acadêmicos de São Paulo no Sambódromo, 542
Professor na USP, reside em São Paulo, SP.
Ler é uma coisa, escrever é outra! Contos e poesias demandam mais sensibilidade e amor do que a nossa racionalidade.

Mônica Cavalcanti Sá de Abreu, mabreu@ufc.br

- Aventuras nos Andes, 526
Professora na UFC, reside em Fortaleza, CE.
Adoro viajar e conhecer novos lugares e culturas.

Nara Maria Müller, naram.muller@gmail.com

- Sanduíche no Canadá, 240
Coordenadora Acadêmica na Faculdade Luterana São Marcos, de Alvorada, reside em São Leopoldo, RS.
Adorei participar do projeto: "Lia, mas não escrevia", relatando, de forma bem humorada, fatos marcantes de nossa experiência no Canadá.

Neusa Rolita Cavedon, cavedon.neusa@gmail.com

- Poesias do cotidiano, 317

Professora na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.
Olhar o cotidiano a partir de uma perspectiva poética torna a vida mais leve.

Niege Dias, niegedias@terra.com.br

• Japão – Curiosidades e a Honestidade do Povo, 189
Head Pro BNGC, reside em Porto Alegre, RS.
Num bate papo bem descontraído na saída da aula de Pilates, comentei com o Luis Felipe sobre os acontecimentos e experiências em viagens que vivenciei nos anos que fui atleta profissional. Fiquei surpresa mas muito feliz com o convite para tentar expressar escrevendo o que tão facilmente conseguia falando. Foi um desafio muito divertido. Obrigado pela oportunidade, pois acredito que a vida é feita de "trocas".

Nilo Barcelos Alves, nilobarcelos@gmail.com

• Alma lavada se lava em casa, Um apanhado de ditados e frases populares pra fazer pensar, 335
Professor no IFRS/Osório, reside em Porto Alegre, RS.
Esse texto parte da ideia de que a construção vida começa no interior de cada um. Arrumar a casa, amar a si mesmo para poder amar o próximo. Um incentivo à prática.

Odalci José Pustai, opustai@gmail.com

• Caciilllido, 576
Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.
Para mim escrever é traduzir as diferenças da natureza humana em sua multiplicidade.

Odete Maria Viero (Déti), odeteviero@hotmail.com

• Where is the toilet?, 24
Engenheira no DMAE, reside em Porto Alegre, RS.
Escrever é um desafio que alguém te coloca ou você se coloca a si mesmo. Enfrentar esse desafio não é muito fácil, mas vencê-lo dá um certo prazer.

Paola Peixoto de Oliveira, alfredoculleton@hotmail.com

• A Beira de Entrar na Escola, 367
Aluna do primeiro ano do ensino fundamental, reside em Porto Alegre.

Patricia Borba Martiny, pbmartiny@hotmail.com

• Por favor, mais casquinha de siri!, 377
Doutoranda em Fisiologia na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.
A vida acadêmica me trouxe o entusiasmo para entender e me aprimorar em uma educação alternativa.

Quero fazer parte de uma revolução educacional!

Patrícia Tometich, ptometich@gmail.com

- Humano. Humano? Humano!, 293
- Doutoranda em Administração na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Escrever sempre foi, para mim, um prazer. Um texto escrito pode ser um ótimo amigo, uma forma de desafo, ou de compartilhar as nossas inquietações com o mundo.

Paula Albrecht Corrêa (Paula Izumi), correapaula@gmail.com

- Charges
- Escrever e Coçar é só começar, 7
- Amiga Chupeta, 16
- Não coloque na conversa quem não está aqui, 20
- Garantias bancárias, 47
- Transformando tédio em melodia, 69
- Vício bom, 81
- Amor pelos gatos, 96
- Tá falando fraternidade no mercado, 120
- Como nossos mestres, 222
- Check up antes de dormir, 282
- Porto Alegre é demais, 474
- Conheces o mundo?, 504
- Acabaram os conflitos familiares, 562
- O defunto fugiu, 566

Designer e Ilustradora, reside em São Leopoldo, RS.

Não participei como escritora, mas como ilustradora. Espero que meus desenhos possam ajudar a transmitir a essência e as ideias dos textos do livro!

Paula Licodiedoff, paulalicodiedoff@yahoo.com.br

- Vício bom... Será Possível?, 79
- Benefícios do exercício físico para saúde mental, 128
- Parâmetros, 295
- Olhando para todos os lados, 296

Médica Psiquiatra, reside em Porto Alegre, RS.

Paulo Nascimento, pauloaccorde@terra.com.br

- Essa mania de contar histórias, 187
- Cineasta, reside em Porto Alegre, RS.

Paulo Roberto Gomes Garcia, paulorgarcia@hotmail.com

- Ushuaia, Província da Terra do Fogo, Argentina, 513
- Técnico Administrativo na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Pedro Costa, pedrodealmeidacosta@gmail.com

- O lusco-fusco do carnaval, ou o ocaso do acaso, 544
- Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.
Lia leve e escrevia pesado até me dar conta que a poesia e a prosa também descrevem a vida e a reescrevem sem peso no papel.

Rafael Zortea, rzortea@yahoo.com.br

- Cicloturismo: uma forma ecológica, barata e diferente de se viajar, 82
- Professor no IFSUL, reside em Porto Alegre, RS.
Com a opção pela bicicleta como meio de transporte, verifiquei uma liberdade maior, além de ter se tornado uma opção para as minhas férias ao praticar o cicloturismo.

Renata Guzzo, renataguzzo@yahoo.com.br

- Saudades..., 490
- Ex-Professora, reside em Houston, EUA.
Mudar de país é realmente desafiador... escrever um texto não acadêmico e poder compartilhar esse momento da vida foi uma experiência fantástica!

Renato Santos de Souza, renatosdesouza@gmail.com

- A normose acadêmica, 245
- Professor na UFSM, reside em Santa Maria, RS.
"A racionalização da moderna sociedade se faz acompanhar da perda da razão, se transforma em violência que exclui a razão. Desta progressiva racionalização se origina o irracionalismo" (Karel Kosik)

Ricardo Dunker Haubert, ricardodunker@yahoo.com.br

- Toda Família tem um Tio Doido, 579
 - O Dente Perdido, 581
- Educador Físico, reside em Porto Alegre, RS.
Sempre acreditei que escrevendo eternizamos pessoas e momentos. Foi com esse espírito, que resgatei essas passagens que o tempo apagaria.

Roberto Guedes de Nonohay, nonohay@hotmail.com

- Escrever é um ótimo exercício, 381
- Professor Universitário, reside em Porto Alegre, RS.
"Quando os fatos mudam, eu mudo de ideia. E você, meu senhor, o que faz?" - John Maynard Keynes

Roberto Patrus, robertopatrus@pucminas.br

- Triangulação, 18
- Amor de Avó, 31
- "Alô, quem está falando?", 51
- Sustentabilidade e o Curioso Caso de Nosso Envelhecimen-

to, 162

- Homenagem à rotatória: uma mandala urbana, 449
- Professor na PUCMinas, reside em Belo Horizonte, MG.

Escrever é comunicar. Quando o texto alcança a sensibilidade e o entendimento do leitor, o autor realiza a sua missão!

Roberto Villar Belmonte, villar21.wordpress.com

- Cambas e collas, É possível um viver bem sem o outro?, 468

Jornalista e Professor, reside em Porto Alegre, RS.

O ponto de vista cria o objeto

Rodrigo Malonow, marlonowrdg@gmail.com

- Conversa Livre, 358

Sociólogo, reside em Porto Alegre, RS.

Roger Vinicius Rosa Esteves, roger-esteves@hotmail.com

- Escolhas, 149

Professor na FACENSA, reside em Porto Alegre, RS.

Escrever, ideia oferecida por um professor da EA da UFRGS (Luis Felipe), propondo que cada um conheça o seu verdadeiro lado de escritor.

Ronise Ferreira dos Santos (Rô), ronises@hotmail.com

- Férias: de portas abertas, 499

Designer, reside em Novo Hamburgo, RS.

Escrever um texto é realmente uma deliciosa forma de entrega ao outro, que vai além do compartilhar. Escrevam-se!

Rosane Augustin Mendes, augustin.rosane@gmail.com.br

- A fila anda, 168

Designer de Interiores, reside em Porto Alegre, RS.

Aposentadoria sem resignação, um novo começo.

Roselie Torelly Bastos (Rose), lclund@gmail.com

- Busca frustrada ao tesouro, 211

Businesswoman, reside em Porto Alegre, RS.

Rosimeri Carvalho da Silva, rosimeri.carvalho@ufrgs.br

- Mundo-empresa, 311

Professora na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Meu texto tenta discutir algumas ideias naturalizadas que assombram a administração e o mundo centrado na empresa.

Sandra Dorvelí Andres, prof.sdandres@gmail.com

- Aniversário de casamento, 42

Professora na UNIVATES, reside em Estrela, RS.

Sandra Regina Cela, sandra.cela@ufrgs.br

- Achados e perdidos: um GPS na Augusta, 260
- O que você faria se pudesse dar um tempo no tempo?,
- 537

Servidora Pública na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

*Simples assim: quando o importante se faz necessário;
quando o necessário se faz importante. ESCREVO!*

Sebastião Leão Filho Guedes (Sebastian), taniraberquo@hotmail.com

- Transformando o tédio em melodia, 68
- Fisioterapeuta, reside em Alegrete, RS.

A literatura não é a minha melhor forma de expressão. Como Cazuza, cantando transformo tédio em melodia.

Sergio Bulgacov, s.bulgacov@gmail.com

- Por que quero ser Administrador?, 385
- Professor na EASP/FGV, reside em Curitiba, PR.

Shana Sabbado Flores, shanasabbado@yahoo.com.br

- Mapas e GPSs: como encontrar os acasos?, 59
- Professora no IFRS/Restinga, reside em Porto Alegre, RS.

Provavelmente, a parte mais difícil de escrever seja começar! Depois, como numa viagem, acabamos trilhando caminhos inesperados e surpreendentes.

Silvia Generali da Costa, sgeneralicosta@gmail.com

- Cusco em dia de mudança, 166
- Professora na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Quando as palavras começam a pipocar no cérebro, é preciso lançar as peraltas ao papel, para que sosseguem. Obrigada Felipe, por acolhê-las!

Silvia Marcuzzo, silvimarcuzzo@hotmail.com

- Para não perder a natureza de vista, 300
- Jornalista, reside em Porto Alegre, RS.

Silvia Novaes Zilber, silviazilber@gmail.com

- Velhinhos sapecas, 40
- Professora na UNINOVE, reside em São Paulo, SP.

Envelhecer de forma divertida: sejamos todos velhos sapecas!

Sonia Porto Machado (Soninha), sporto@sinos.net

- Onde você estava na longa noite de 64?, 355
- Professora, reside em Novo Hamburgo, RS.

O que fazer com o baú das histórias que vivemos? Conta-las. Uma a uma. E a cada a palavra escrita vamos nos despedindo dos fantasmas do passado. Esvaziando o baú lentamente.

Soraia Schutel, soraiaschutel@gmail.com

- A pedagogia da morte, 151

Professora, reside em Porto Alegre, RS.

Uma oportunidade para expor experiências de vida – que não encontrava a oportunidade ou a coragem, com o intuito de proporcionar uma nova ótica sobre o tema.

Taila Messias Vanzellotti, tailavanzellotti@gmail.com

- Sustentabilidade: Um Tema Interdisciplinar, 401

Graduanda em Administração na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

Escrevi este texto durante meu intercâmbio na Itália, um momento muito importante na vida de qualquer jovem universitário. Poder vivenciar a realidade de um outro país é uma experiência única.

Tania Nunes da Silva, tania.silva@ufrgs.br

- Pesquisa na Transamazônica: Google, Atoleiros, Lontra (Lutra longicaudis) e Borboletovia, 248

Professora na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

"Todo jardim começa com uma história de amor, antes que qualquer árvore seja plantada ou um lago construído é preciso que eles tenham nascido dentro da alma. Quem não planta jardim por dentro, não planta jardins por fora e nem passeia por eles". Rubem Alves

Tatiane Lopes Duarte (Tati), tatiduarte.80@gmail.com

- Inclusão social pela música clássica focada na prática orquestral: onde se inserem os administradores?, 435

Mestranda em Administração na UFSM, reside em Santa Maria, RS.

A integração social por meio da música.

Teniza da Silveira, teniza@terra.com.br

- Reflexões de férias, 497

Professora na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

A arte, em suas mais diversas manifestações, sempre foi vital em minha vida. Descobri, somente agora, que também posso estar envolvida com ela de outra forma, que é escrevendo. Este é o primeiro de texto de vários que virão a seguir.

Theophilo Alves de Souza Filho, theophilo@unir.br

- Pesquisa na Transamazônica: Google, Atoleiros, Lontra (Lu-

tra longicaudis) e Borboletovia, 248
Professor na UNIR, reside em Porto Velho, RO.

Ser pesquisador no Brasil é difícil, muito mais na Amazônia.

Valmiria Carolina Piccinini (Val), piccininpt@yahoo.com.br

• Fazer uma pequena reforma que deveria durar duas semanas, 337

Professora na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

O que escrevi para meus amigos, colegas, o mundo todo é que estava (e estou sofrendo ainda) com a falta de pontualidade de fornecedores, de trabalho mal feito enfim, o que me incomodava na hora. Na próxima espero ser mais positiva e otimista em relação aos problemas que não precisariam existir se todo mundo levasse as coisas a sério. É claro que temos muita coisa mais interessante para escrever e que pode deixar as pessoas mais felizes. Tenho dito!

Veronice Lovato Rossato (Verô), veronicerossato@yahoo.com.br

• Tradição e Identidade entre os escolarizados Kaiowá e Guaraní de Mato Grosso do Sul, 375

Professora-formadora de professores indígenas, reside em Dourados, MS.

Escrever sobre os Guarani é uma pretensão, pois sua cultura imemorial não caberia nem nas páginas de uma bíblia.

Volnei Alves Corrêa, volneic@terra.com.br

• Um Administrador pode ser um Ambientalista?, 387

Conselheiro do CRA, reside em Porto Alegre, RS.

Na oportunidade em que fui convidado apenas pensei em escrever e partilhar idéias, não estava pensando na oportunidade de publicação.

Walter Nique, walter.nique@ufrgs.br

• Jesus Seca!, 213

Professor na UFRGS, reside em Porto Alegre, RS.

O plantar é optativo, o colher é obrigatório!!!

Washington Souza, wsouza@ufrnet.br

• Paradoxos do desenvolvimento: riqueza, trabalho e desigualdades na sociedade contemporânea, 414

Professor na UFRN, reside em Natal, RN.

Desenvolvi essas idéias a partir de experiências e leituras que possuo no tema da reforma agrária. Boa leitura!

Apoiadores



Adelaide Pustai
Ademir José Ventura
Adriana Lia Duarte dos Santos
Adriane Lawisch Rodriguez
Agnès Françoise Straggiotti Silva
Aida Maria Lovison
Alan Ambrosi
Alfredo Culleton
Alfredo Laureano De Brum Sobrinho
Alice Falleiro
Aline Nadalin Velter
Alisson Eduardo Maehler
Alvaro Gehlen de Leão
Ana Ikeda
Ana Lucia Cardoso Kirchhof
Andréa de Lima
Andrea Moura Bernardes
Andréia Cristina Dullius
Ane Lise Dalcul
Anelise Bittencourt
Ângela Denise da Cunha Lemos Belbute
Anna Tarcila Nascimento e Silva Amantino
Antônio Carlos Nascimento e Silva
Antônio João Valandro
Ariane Mello Silva Avila
Bárbara Basso
Bárbara Kreutz Pustai
Bernardo Dias Machado
Bruno Anicet Bittencourt
Camila Alves
Camile Pasqualotto Lewczynski
Carlos Alberto Frantz Dos Santos
Carmen Inez Pasqualini
Caroline Duschitz
Cecilia Maria Pinto Pires
Celina Abreu de Mello

Célio Andrade
Celso Funcia Lemme
César Augustus Techemayer
César Augusto Tejera De Ré
Christine S. Schröder
Cid Alledi Filho
Cíntia de David
Clandio Ruviaro
Cláudia Lanfredi
Claudia Magnus Chaves
Claudia Viviane Viegas
Cláudio Sampaio
Claudio Senna Venzke
Cleber José Cunha Dutra
Clezio Saldanha dos Santos
Cristiane Moreira
Cristiane Pizzutti dos Santos
Cristiano Porto Klanovicz
Cristina Valdez Borgmann
Daniel Conrado
Daniel Mattos
Daniel Simões
Débora Cristine Löf Figueiredo
Deisi Viviani Becker
Denise Barros de Azevedo
Denise Del Prá Netto Machado
Diego A. Vasconcelos
Diego Cristovão Alves de Souza Paes
Diego Marconatto
Diogo Joel Demarco
Douglas H. Martins
Duarte de Souza Rosa Filho
Edgard Charles Stuber
Edi Madalena Fracasso
Edimara Mezzomo Luciano
Edson da Luz
Elena dos Santos
Eliane Braga Machado Trevisan
Elton Mello
Eluza Kiyama
Emerson Ferreira de Almeida
Erina Rauber Knorst
Eugenio Avila Pedroso
Evânia Schneider
Fernanda Kurebayashi
Fernanda Maciel Reichert
Fernanda Moro Santos
Fernanda Pasqualini
Fernando Ferro

Flávia Luciane Scherer
Flávia Tunes Guarani Taiowá
Flávio Ventura
Francisco Savio Farias Souza
Gabriela Ferreira
Gabriele Volkmer
Gelcy Machado e Silva
Geni de Sales Dornelles
Giana Mores
Gilberto Tavares dos Santos
Graziana Fraga Dos Santos
Guilherme Macedo
Gustavo Severo de Borba
Helena Ruppenthal Cunha
Henrique M R de Freitas
Hugo Müller
Ilse Maria Beuren
Ines Isaia Splettstosser
Isabel Carvalho
Ismael Eggers
Iuri Gavronski
Ivan Antônio Pinheiro
Jaime E. Fensterseifer
Janaina Kern Da Rosa
Jane Borondi de Brum
Jane Greiber
Janine Trevisan
Jaqueline Silinske
Jefferson Marçal da Rocha
Jeová Torres Silva Júnior
João Luis Figueiras
Joao Oravio de Freitas Jr
João Salvador Furtado
Joelson Luthier
Jordana Marques Kneipp
José Antônio Gomez de Pinho
José Carlos Batista de Deus
José Carlos Lázaro Silva Filho
José Mauro Hernandez
Julia Froeder
Juliano Nunes Alves
Karla Oliveira Esquerre
Kathiane Benedetti Corso
Kátia Cilene Rodrigues Madruga
Keitiline Viacava
Lafayette Dantas da Luz
Leander Klein
Leonardo Querido Cárdenas
Letiane Streck

Liege Cardoso de Freitas
Lija Neiva Fávaro de Brum
Lilian Bohrer
Lilian Caporlingua Giesta
Lilian Regina Sartor
Lisiane Celia Palma
Lourdes Odete dos Santos
Luana das Graças Queiroz de Faria
Lucas Burigo Bilessimo
Lucas Veiga Ávila
Lúcia Martini
Lúcia Rejane da Rosa Gama Madruga
Luciano Barin-Cruz
Luciano Messina P Silva
Lucila M. de Souza Campos
Luis Felipe Nascimento
Luis Fernando da Cunha Binotto
Luis Roque Klering
Luis Ludmer
Luiz Antônio Slongo
Luiza Christina Schafer
Magda Brancher Gravina
Maira Comerlato
Malu Braghirolli
Mara Regina Knorst
Marcelo Carratu
Marcelo Perlin
Marcelo Sampaio
Marcelo Trevisan
Marcia Barcellos
Marcia Frezza
Marco Antônio de Almeida Penna
Maria de Lourdes Albornoz
Maria do Socorro Silva Mesquita
Maria Eunice de Andrade Araújo
Maria Lurdes Hans Löf
Maria Salete dos Santos
Maria Scarlet do Carmo
Maria Tereza Saraiva de Souza
Mariângela Conte Cornetet
Marie Anne Macadar
Mariluce Paes de Souza
Marisa Ignez dos Santos Rhoden
Marli Maria Knorst
Mateus Barata de Moraes
Matheus Macedo
Matias Poli Sperb
Miguel Angel Gardetti
Milena Cavalli

Milton Araújo
Milton de Abreu Campanario
Mônica Cavalcanti Sá de Abreu
Nara Maria Muller
Natália Rohenkohl do Canto
Natália Winckler
Neusa Rolita Cavedon
Niege Dias Enck
Nilo Barcelos
Odalci Pustai
Odete Viero
Olyr Kreutz
Oscar Claudino Galli
Patricia Martiny
Paula Maines
Paulo Nascimento
Paulo Roberto Gomes Garcia
Pedro Bueno
Priscila Steinert
Raul Fernandes
Renan Gomes Lobo
Renata Guzzo
Renata Ventura
Ricardo Dunker Haubert
Ricardo Simm Costa
Ricardo Stürmer
Roberto Lima Ruas
Roberto Patrus
Roberto Rodrigues Ramos
Roberto Villar Belmonte
Rodrigo Lawisch Alves
Rodrigo Santolin
Rosane Augustin Mendes
Rose Floriano
Rosimeri Carvalho da Silva
Sandra Cela
Sandra Dorvelí Andres
Sergio Bulgacov
Shana Sabbado Flores
Silvia Franz Marcuzzo
Silvia Generali da Costa
Silvia Zilber
Simone Gabrieli
Simone Leticia Raimundini Sanches
Simone Rieth
Sonia Porto Machado
Soraia Schutel
Suélen Zanotelli
Suellen Capurisse

Suzete Menezes Pessoa
Tania Forti
Tânia Nunes da Silva
Tanira Berquó Farias
Tatiane Lopes Duarte
Teniza da Silveira
Téo Armindo Teodósio
Theophilo Alves de Souza Filho
Tiago Sommacal
Uiara Menezes
Vanessa Vasconcelos
Vera Maria de Souza Mazza
Veronice Lovato Rossato
VestiLuz FG
Vinicius Brei
Viviane Beatriz Costa
Volnei Alves Corrêa

* Onze pessoas apoiaram e solicitaram para permanecer anônimos.

O financiamento colaborativo de 260 pessoas tornou possível a produção e impressão deste livro.